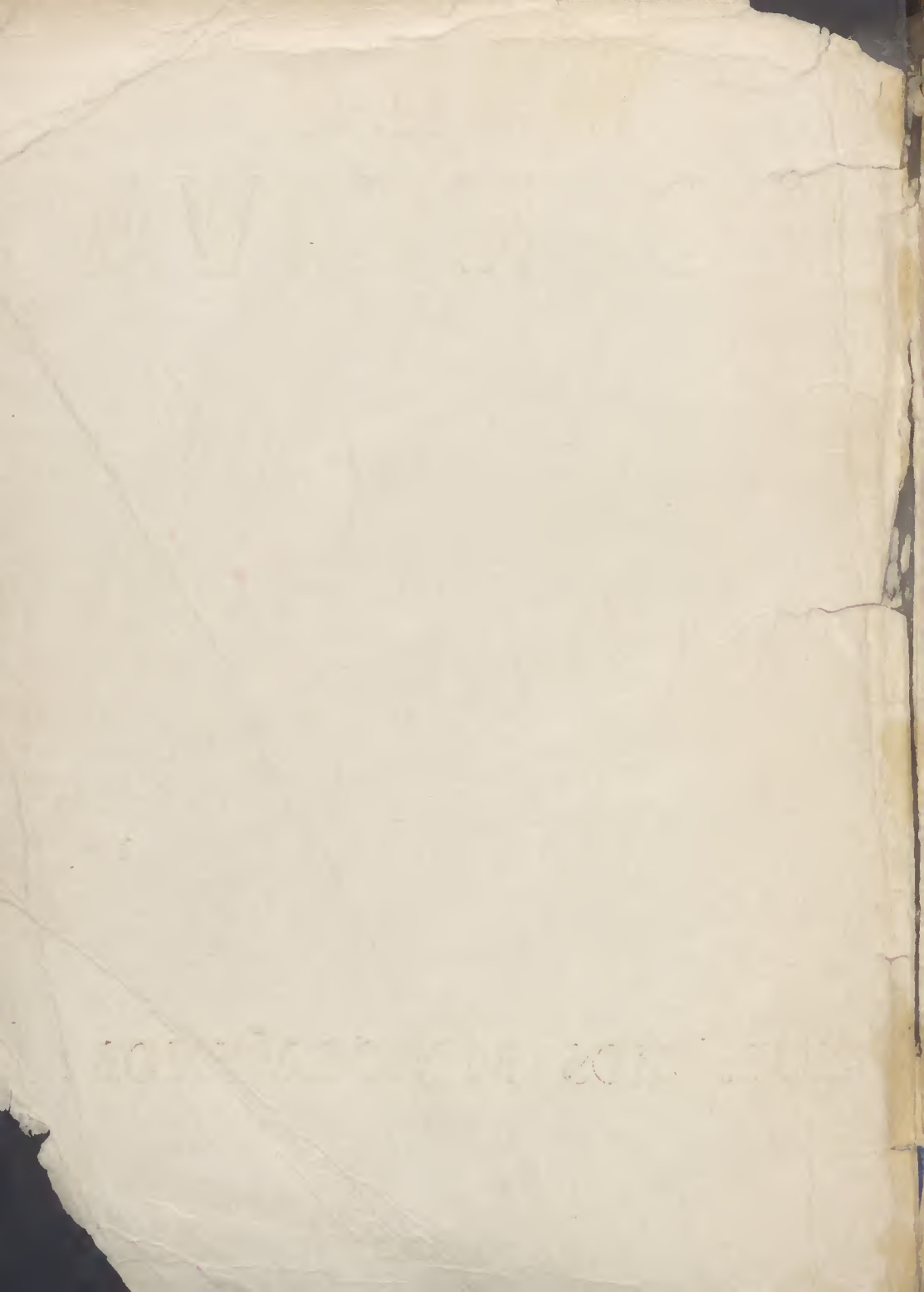


# VALE DO NEIVA



SUBSÍDIOS MONOGRÁFICOS

1982



F. I.

908.46° 112 V.M.



# VALE DO NEIVA

— Subsídios Monográficos —

12105



---

A capa e frontispício deste livro apresentam, entre denso arvoredado, um vetusto monumento do nosso Vale: o Cruzeiro do Senhor do Lírio, no Alto do mesmo nome, em Durrães, ali erigido nos princípios do séc. XVII.

Desconhecido de muita gente, abandonado por alguns, teimando em continuar de pé apesar das intempéries e da incúria dos homens, ele é herança dos nossos antepassados, que ali, vindos de várias partes do Vale do Neiva, se dirigiam em romagem, mantendo acesas lâmpadas de azeite, símbolo da sua Fé.

Os autores deste livro formulam aqui o voto de que brevemente este local seja restituído à veneração do Povo, a fim de que esta nossa Terra continue a abrir-se a todos os valores que dignificam e libertam o Homem.

# VALE DO NEIVA

—Subsídios Monográficos—



DURRÃES — BARCELOS

1982



## **VALE DO NEIVA**

**Verdes campinas, pinhelrais gementes,  
Águas cantando desde a serra ao Mar  
Na melodia agreste das vertentes  
Por onde passam loucas a cantar.**

**Eiras ao sol, cantigas ao luar,  
Murmúrios insondáveis e frementes  
Do Rio que desliza devagar  
Na dádiva bendita das nascentes!**

**Escorre a água fria numa fonte,  
É verde e azul a linha do horizonte  
Num tom alucinante de quimera,**

**E as aves cantam meigas nos valados  
Alegremente em místicos trinados  
A canção magistral da Primavera!**

**Agosto — 1982**

**HORÁCIO PINHEIRO**



# Prefácio

---

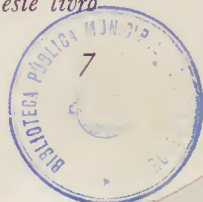
*O Vale do Neiva, com a presente obra, mostra a sua exacta essência: não apenas um espaço geográfico estático, unificado pela correnteza das águas, mas a articulação desse espaço diacrónica e sincronicamente, ou seja, a vivência desse espaço nos tempos passados e, fundamentalmente, nos tempos presentes.*

*Quem vive esse espaço? O Homem do Vale do Neiva. Esse Homem somos todos nós, os habitantes destas terras, delas naturais ou nela vivendo como filhos adoptivos.*

*Quem são os autores deste livro? Homens que labutam pelo pão de cada dia, construindo o presente e o futuro sem perder de vista as raízes do passado. E construindo no trabalho dos campos, das fábricas, dos escritórios, do comércio, da administração pública, das profissões liberais. Ou seja, Homens reais, que vivem o concreto, mas, ao mesmo tempo, não se esquecem do amor à Terra-Mãe, da dignidade humana, da beleza dos montes, da verdura dos prados, das cidades em ruínas alcançadas nas montanhas, da frescura das fontes, do cantar das aves nas coresvas, do riso das flores na Primavera, do crescer dos milheirais no Verão, da cor saudosa do Outono e da fogueira acolhedora no Inverno.*

*Nós, autores deste livro, não pretendemos ser o escol ou a fina flor daqueles que amam o nosso Vale. Somos todos aqueles que soubemos da iniciativa de Cândido Maciel e quisemos dar o nosso concurso, manifestando assim os nossos sentimentos em relação à Terra que nos viu nascer. Estamos aqui com os nossos defeitos, a nossa simplicidade e a nossa humildade, dizendo: nós estamos vivos, sentimos a alegria de viver na nossa Terra e não queremos passar por ela inutilmente, em vão, sem auscultarmos os passos da História nos seus caminhos e pontes, sem contemplarmos as belezas esverdeadas dos seus montes e vales, sem nos debruçarmos com amor sobre todas as formas de vida que a povoam e sem deixarmos uma pequena marca do nosso tempo: este livro.*

*Como o leitor poderá constatar, a colaboração é a mais heterogénea. Temos a certeza de que não se deixará levar por uma crítica irreflectida. Porque a Cultura é, acima de tudo, aquilo que se vive e não aquilo que se impõe. A verdadeira cultura está no Povo. Os eruditos nada fazem desligados dele. Cultura tem a mesma raiz semântica de cultivar e de agricultura. Para nós, escrever este livro*



*é como lavrar um campo e semeá-lo; assim, tentamos desvendar os seus segredos para conseguirmos dele aquilo que pretendemos: o pão de cada dia. Também aqui, neste livro, cada um revela a sua «lavra», o seu amor à Terra que herdou dos seus antepassados.*

*O que o leitor lê neste livro é o testemunho de alguns, mas temos a certeza de que o subscreveria também. Perdoe, pois, aos autores, a simplicidade das palavras e a exiguidade dos temas. Não se esqueça que a nossa Terra é um manancial inesgotável de segredos que é possível desvendar. Contamos consigo, leitor do Vale do Neiva, para continuar o nosso trabalho no presente e no futuro. E não se esqueça de ler a parte final deste livro. Comece por olhar para as límpidas águas do Neiva e logo compreenderá que vale a pena mostrar com palavras e com actos o Amor pela nossa Terra. O Neiva e as suas águas simbolizam a vida física na nossa Terra. Protejamos e defendamos o Rio, a fim de que possamos usufruir dele com liberdade, alegria e esperança no futuro.*

*Não quisemos fazer uma obra propriamente erudita. Quisemos imitar o próprio Vale: se aqui todos cabemos e vivemos, se a Natureza a todos acolhe sob o mesmo céu azul, também aqui nos propusemos aceitarmo-nos todos, na certeza de que a cultura é isto mesmo. Todos aqui coubemos, cada um segundo o seu conhecimento e interesse. Cremos que o leitor nos ajudará a todos a crescer neste entendimento das coisas da nossa Terra.*

*De todos os autores é de inteira justiça referir aqui o editor deste livro. Cândido Maciel foi o criador desta iniciativa e o incansável coordenador dos trabalhos. Já o livro O Rio Neiva — Monografia, editado em 1978, teve nele o seu primeiro mentor. O presente livro é, pois, fruto das suas canseiras e trabalhos. Cândido Maciel não se poupou a esforços para que esta obra se tornasse uma realidade. É ele, pois, o seu verdadeiro autor. Que o seu exemplo frutifique e dê origem a iniciativas semelhantes. Assim como o Rio Neiva nunca se esgota e não pára de correr, também desejamos que as gerações vindouras continuem o nosso trabalho, desvendando os segredos deste maravilhoso recanto da Natureza que Deus nos ofereceu.*

OS AUTORES

**«Para se realizar totalmente  
um homem tem de plantar uma  
árvore, fazer um filho e escrever  
um livro.»**

Da tradição popular

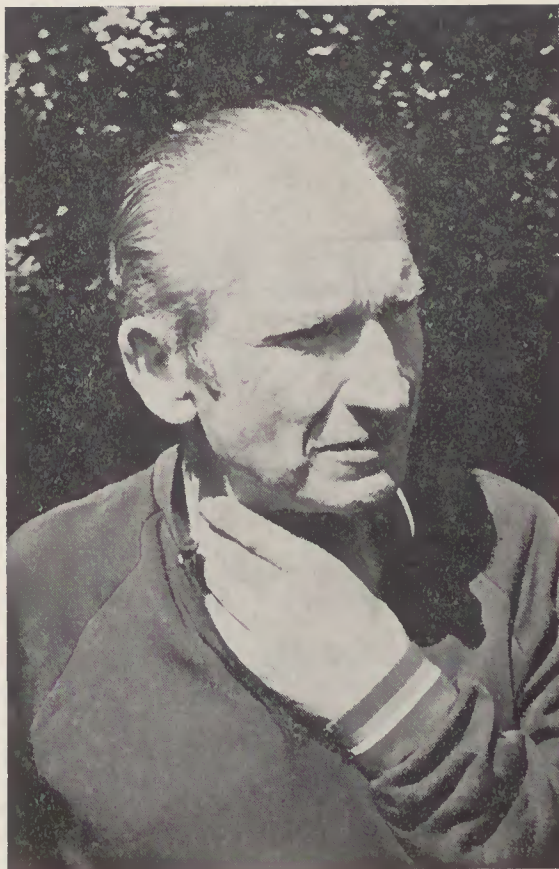
A apresentação dos trabalhos é feita pela ordem alfabética dos respectivos autores. Toma a dianteira o Editor deste livro, Neiva Maciel, por expresso desejo de todos os seus colaboradores. A ordem dos autores será, pois, a seguinte:

- *Cândido Neiva de Oliveira Maciel (Neiva Maciel)*
- *P.<sup>e</sup> António Francisco Ribeiro*
- *António da Silva Cunha Mesquita*
- *Armindo de Faria*
- *Prof. Custódio Baptista Bandeira*
- *Prof. Daniel Neiva de Oliveira Maciel (Álcio de Ribadal)*
- *Dídimo Victor Hugo da Cunha Vilas Boas Mesquita*
- *Domingos de Castro Barbosa Maciel (Domingos da Calçada)*
- *Dr. Domingos Maria da Silva*
- *Ilídio Eurico Gomes Ramos*
- *P.<sup>e</sup> Dr. João Alírio Xavier Bezerra*
- *Dr. João Gonçalves Gomes Beirão*
- *P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves Gomes Beirão*
- *Justino Oliveira da Costa Maciel*
- *Dr. Manuel Justino Pinheiro Maciel*

*Cândido Neiva de Oliveira Maciel*  
(NEIVA MACIEL)

- *Uma história de amor*
- *Apontamentos sobre o lendário no Vale do Neiva*
- *Lenda do Rio Neiva*
- *Histórias do Vale do Neiva*
- *O brinquinho do Céu*
- *Apontamentos*
- *Uma evocação do escritor Manuel de Boaventura*
- *Recolha de Memórias Paroquiais de freguesias do Vale*





**CÂNDIDO NEIVA DE OLIVEIRA MACIEL**

Nasceu em 14 de Julho de 1913

Lugar do Campo do Forno — Durrães-Barcelos





# Uma história de amor

---

Retida na levada, a corrente branda do rio abre caminho pelo buraco da «pejadoira» e bate de encontro nas travessas da roda, que faz girar, depois de deslizar impetuosa pela rampa lajeada e musgosa.

Três badaladas fortes soaram, entretanto, no campanário do mosteiro e logo foram repetidas em falsete pela sineta da capela de Sant'Ana.

A Linda do Abade, atenta à voz dos sinos, alisou o cabelo e compôs o avental, saindo apressada em direcção da azenha, não fosse a mó romper-se por falta de carga.

Ao sair da quelha deparou com o Míngos do Lagar, que a saudou timidamente:

— Boa tarde, Linda, deixas-me ir contigo?

— Om'essa!... Os caminhos não têm cancelas, respondeu ela aparentando indiferença.

— Há muito que te queria encontrar a sós e hoje tive sorte. Pois quero dizer-te uma coisa que não sei bem explicar. Percebes?...

— Lá perceber, percebo. Mas não me posso demorar nem um migalho porque a fornada já deve estar moída.

— Se o mal é esse não há mal; espero-te nas pedras da levada.

E ambos desceram afogueados pelo caminho do rio.

Já dentro da azenha, Linda mediu a maquia, ensacou a fornada, carregou de novo a moega, baixou o chamadouro e logo que os grãos começaram a deslizar pelo quelho, saiu pressurosa ao encontro do Míngos que logo retomou o fio da conversa.

— Se te disser que gosto de ti e só de ti, acreditas?

— Sei lá... Há tanta gente que mente e tem os dentes todos!...

— Mas eu não sou dessa laia. Já me conheces há muito a seguir-te com os olhos. E se te não disse isto mais cedo foi por causa do génio da tua mãe.

— Sim, Mingos. Mais vale pôr o baralho de cartas na mesa. Tive ocasião de espiar-te e reparei que não és buliçoso como os outros rapazes. Por isso gosto de ti desde que sou mulher...

Miraram-se e remiraram-se, enlevados, num misto de nervosismo e placidez e os seus corpos roçaram-se, involuntariamente, tão perto se chegaram.

— Sabes porque não sou buliçoso! Um ano, na encuba do vinho, o tempo estava quente e a puxar à pinga. Entornei uns copos a mais e, já pelo escuro, de regresso a casa, passei pela Mila do Outeiro a quem dei um beijo, à socapa. Ela correu para mim aos palavrões e por um triz me não dava uma grande bofetada. Chegou a altura do confesso e fui aos frades. O padre mandou-me embora, dizendo: não lhe dou a absolvição enquanto não casar com a rapariga. Fiquei muito triste e fui de novo confessar-me ao senhor Abade. Disse-me este não ser o pecado grave por ter sido cometido num momento em que, taldado pelo vinho, eu não soube bem o que fazia. E deu-me a absolvição. Não calculas como fiquei aliviado!... Jurei naquela altura cumprir o propósito de emendar-me. E nunca mais fui buliçoso.

De estatura um pouco acima de média, perna bem torneada rematada em pé curto, um pouco achatado, braços roliços e pomas salientes e pouco volumosas, a Linda do Abade era o mais belo palminho de cara que havia na freguesia. Testa ampla coroada de bastos caracóis loiros, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto, mais avivado por olhos grandes e azuis, ela dava facilmente nas vistas sempre que aparecia nas feiras e romarias das redondezas.

A todos estes predicados físicos juntava boas qualidades morais, um considerável dote herdado do pai, com quem muito se parecia, e a terça de alma posta em testamento pelo tio padre, velho cura da freguesia, com os pés para a cova, mais dia menos dia.

Sua mãe, a tia Ana do Moinho, mulher picada do génio e da língua, vivia do amanho das terras e dos ganhos da moenda, desde que deixou o passal para casar com o José Pedrulha, boa figura de rapaz, muito alegre e folgazão, que conhecera na festa de S. Bartolomeu, lá para as bandas do mar. Sentira-se desejada nos curtos momentos em que mergulhava nas ondas parte de seu corpo. Por muito tempo resistiu aos ditos e investidas do pretendente que, à semelhança dos antigos romeiros, não cessava de calcorrear os caminhos do interior, vindo da zona ribeirinha. Mas acabou por entregar-se-lhe, rendida pelo seu espírito jovial, tão alma gêmea da sua. Poucos anos durou o noivado infeliz. Numa noite invernosa, com o vento a sibilar tristemente pelas franças das árvores, teve a infeliz

ideia de encurtar o caminho de casa metendo pela ponte das passadeiras. O ímpeto das águas arrastara para a morte o bom José Pedrulho.

Nova e fresca, mas calejada da vida e da enxada, dava por paus e por pedras sempre que encontrava a filha em conversa prolongada com pelintras. E irrompia em improperios:

— Estes ranhosos a «desincoucarem» a moça sem terem onde cair mortos... Foi por me fiar em lérias que fiquei bem «quilhada». Ala que se faz tarde—. E simulando brandir o marmeleiro, lá ia afastando a caça.

Com o Mingos do lagar, o caso era, porém, diferente.

De estatura um pouco inferior à média, membros fortes e musculosos do trabalho, carão moreno rasgado de olhos castanhos, cabeça grande povoada de bastos cabelos cor de azeviche, ele não parecia forma para o delicado pé da Linda. Mas tinha a seu favor um argumento de peso: era já senhor dum dote considerável herdado da mãe, que incluía várias leiras pegadas às da Linda, um engenho de linho e outro de serração.

Não tinham, ambos, irmãos, coisa rara e pouco desejada na terra em que manda o ditado serem os filhos a riqueza dos pais.

Juntá-los era a solução mais lógica e condizente com outro ditado do povo: a beleza não se põe na mesa. E mortinhos estavam os pais por isso.

Mesmo assim, a tia Ana rezingou e voltou a rezingar quando encontrou o par conversando animadamente junto do moinho.

Mas como não exigiu a dispersão, foi este pormenor interpretado como aceitação tácita pelos dois.

Desde então, foram-se estreitando os laços amorosos entre os dois pombinhos, à medida que se encontravam nos trabalhos dos campos e repetiam os passeios pelas margens do rio, aos Domingos, tão propícios a sonhos cor-de-rosa tendo por fundo o verde alegre da folhagem.

E o tempo foi correndo neste «engano de alma ledo e cego» por que passam todos os namorados.

Entretanto, ia crescendo o enxoval aos impulsos das fadadas mãos da Linda.

Ora aconteceu que o Manicha, o Zé da Fraga, o Zé da Bica, o Tone da tia Olinda, o Manel Repolho, o Quim do Casal e o Mingos do Lagar combinaram ir ver, às escondidas, as raparigas apanharem as orvalhadas na noite de S. João, com o imprescindível banho anual.

Compareceram todos à beira rio e subiram para uma carvalheira, a mais alta e frondosa, cujos braços avançavam até mais de meio do rio. Dali viam perfeitamente um campo do tio Manel do Rio, em que crescia linho e a azenha da tia Ana, onde se escondiam as moças.

Pouco antes da meia noite rugeu a pesada porta e saiu um grupo de raparigas, vestidas de túnica branca, lenço atado sob os queixos.

Em louca correria, soltando gritinhos de vez em quando, acercaram-se duma fonte, cuja água bebiam por um caneco.

À porta da azenha, empunhando um marmeleiro, ficou a tia Ana.

Ao soar a meia-noite, o luar iluminava como sol de meio dia. Foi então possível ao grupo contar as 12 raparigas. Uma delas chamava palermas às outras e dizia: eu é que não bebo... não preciso de virtude...

Depois de saciadas, todas correram para o campo do linho galego do tio Manel do Rio, colocaram-se em fila na cabeceira e, pouco depois, estendiam-se ao comprido de modo a formarem um rolo, que, dentro em breve, começou a mover-se, como que impellido por força mágica.

Todo o linho ficou tombado pelo belo e desconcertante cilindro humano.

Ao atingirem a extrema do campo, as raparigas levantaram-se, prazenteiras, e entraram de mãos dadas, na água, pelo areal.

Pareciam uma cadeia de feiticeiras ensaiando práticas rituais, baixando ou elevando, cadenciadamente, os seus belos corpos, por entre gargalhadas sonoras.

Todos os rapazes afastaram a ramagem para verem melhor o espectáculo. Mas como a copa era densa foram progredindo insensivelmente para a ponta do ramo em que se apoiavam. Este, porém, partiu-se com grande estrondo.

Enquanto os sete moços espias esbracejavam no meio do rio, as raparigas fugiam espavoridas, entrando de repelão pela porta da azenha.

A tia Ana do Moinho é que não gostou nada da brincadeira. Empunhando o marmeleiro, correu, furiosa, atrás dos moços, vociferando: Ah! seus cães danados!... seus cães vadios!... cheira-vos à febra? Daqui não levais nada, excomungados... Que eu não fico bem sem vos partir o focinho esta noite...

Com a roupa molhada pegada ao corpo e os calcanhares a baterem no rabo com quanta força tinham, já os espias iam longe, correndo em direcção ao Outeiro, onde chegaram com a língua de fora.

Na verdade, pareciam cães danados.

Libertados dos perigos duma sova e de serem reconhecidos e acusados ao Abade, vergonha que com desagrado anteviam, decidiram os sete moços, por decisão do Manicha, acabar a noite em beleza.

Tomado um pouco de folgo, encaminharam seus passos para Milheirós, a fim de fazerem uma serenata à Mila Mano, guapa e rica rapariga orfã de pais, criada por uma tia bem dotada de teres e haveres.

Seriam duas horas da madrugada quando chegaram à casa da Milinha, pegada ao moinho. A janela do seu quarto ficava mesmo por cima da roda copeira. Ao lado havia uma fresta.

Manicha e Zé da Fraga à guitarra com o Quim do Casal à viola, com o Zé da Bica, cantor exímio, apesar de coxo duma perna, iniciaram a tocata com o último a cantarolar:

— Ó Mila! Ó minha Milinha...  
*Vem ouvir a serenata.*

Mas logo as guitarras e viola deixaram de trinar e todos se calaram... Pela fresta da arrecadação saía uma voz estranha. E todos desataram a fugir pelo meio do milho tomados de susto. Apesar de coxo, era o Zé da Bica que ia na dianteira. Atrás vinham os guitarristas e o da viola. O milho alto, batendo nas cordas dos instrumentos, produzia sons de arrepiar os mais valentes.

Só pararam ao alcançar a estrada, tremendo como varas verdes.

De madrugada a Mila deparou com o grupo que falava em voz alta das almas do outro mundo que, horas antes, gemiam à beira do moinho. E disparou:

— Ó medricas! Vós não prestais para nada... Seus grandes palermas a quem tudo mete medo... A voz do outro mundo era o jerico que começou a zurrar logo que ouviu a serenata...

Todos desataram a rir, aliviados do susto.

E todos seguiram para casa a fim de mudarem a roupa ainda molhada e colada ao corpo antes de seguirem para a missa da madrugada, com o Manicha a repetir o «slogan» do costume:

*Eu nunca tive sorte... eu nunca tive sorte...*

A Linda ria a bom rir à medida que o Mingos ia contando as cenas das serenatas e das orvalhadas, pois pertencia ao grupo, e explicou: — é tradição entre nós que a água bebida duma fonte ao soar a meia-noite de S. João dá a virtude do casamento; rolar o corpo sobre o linho verde dos campos torna-o elegante, dá-lhe boas formas.

— Depois de minha mãe ter regressado, ainda resmungando e prometendo mais cautela com os cães vadios no próximo ano, já estávamos vestidas. Depois, perfumámos o cabelo com um cozido de ervas do monte chamadas tormentelo e metemos folhas de alecrim, de mentraste, manjerico, alfadega ou de cravos debaixo dos braços e no meio das campainhas da glória. Assim, os rapazes ficavam babadinhos com tantos cheirinhos...

Para dar frescura às faces, lavámo-las com água de cozer arroz. E para que as nossas campainhas da glória ficassem grandes, brancas

e macias, comemos maçãs assadas na lareira e peles de bacalhau cru, tudo isto regado de bom vinho tinto, que dá cor ao rosto.

Passámos o resto da noite a dançar.

Pela madrugada, foram servidas rabanadas com vinho tinto, açúcar e mel, seguidas de nozes com trigo.

Foi nesta altura que a Lena do tio Zique disse, com muita graça: — já reparastes que as nozes comidas com trigo sabem ao casar?...

Todas soltamos uma gargalhada. Só minha mãe continuava a resmungar contra os atrevidos, lamentando-se de não ter partido o focinho a um deles, pelo menos.

Mas o caso não fica por aqui, rematou; vou saber quem eles são e, depois, ajusto contas.

Já amanhecia e, em todas as torres do vale soava o toque das Ave-marias, por entre o chilrear dos passarinhos. Para ficarmos livres mais cedo decidimos ir directamente para a igreja, assistir à primeira missa.

Sentámo-nos no chão porque não havia bancos, ao redor de minha mãe. Brevemente a dominou a doença das pestanas e começou a sonhar; «ah! seus cães danados!... seus cães vadios... excomulgados...», etc.

Muito povo olhava para nós, perdidas de riso, e as mulheres mais próximas comentaram: a tia Ana perdeu o juízo... deve estar muito mal!...

Com muito custo conseguimos acordá-la, ficando depois embaraçada.

Para evitar perguntas do povo, saímos pela porta lateral antes das últimas orações.

No dia seguinte, o tio Manel do Rio encontrou minha mãe, a quem contou, admirado:

— Já viu o que as feiticiras fizeram esta noite ao meu rico linho?

— Vi, tio Manel, vi com estes olhos que a terra há-de comer!... Eram só doze!... O tio Manel salvou-se de boa... se o encontravam no campo, comiam-no vivo, pois tinham todas sangue na guelra.

Mas ainda não viu tudo... Veja este ramo partido!... Demónios novos, cheios de viço, saltaram dali abaixo. Se não fosse o meu marmeleiro que já deu marmelos, não sei o que seria... Corri atrás deles, que fugiram à minha frente, com quanta força tinham, acabando por desaparecer pelos pinhais!...

Nesta altura, o tio Manel, a tremer como varas verdes, tirou o chapéu, benzeu-se e exclamou: Abrenúncio! Abrenúncio! T'arrenego, Satanás, lá para as profundas do inferno.

— Sossegue, tio Manel, que eu sou mulher para ele; se for preciso, até vou «suscá-lo» ao inferno, disse a tia Ana, tentando tranquilizá-lo.

Entretanto, o Míngos e a Linda continuavam a conversa:

— Sabes, Mingos, nós as raparigas temos muito medo dos sardões!... Era um mês de muito calor, na altura dos sachos. Andávamos em grupo a fazer bordos no campo do rio.

Após o almoço deitámo-nos na relva a dormir a sesta, pois há uma hora para descanso.

Não tínhamos pegado pelo sono há muito — um quarto de hora se tanto — a Quinhas do Outeiro deu tamanho grito que nos acordou a todas. Levantada, dizia que lhe tinha subido pelas pernas um bicho grande.

Levantámo-lhe a saia e demos com um grande sardão na cinta.

Quando a Quinhas soube que era um sardão, começou a gritar com toda a força: — «Acudorei», «acudorei»... E ninguém me acode... Olha que o excomungado já está à beira das «campainhas da glória»...

Todas estávamos assustadas, pois o sardão é o bicho mais temido porque só procura as raparigas para lhe fazer mal... Se entra nas entranhas, é a nossa perdição... Resolvemos, porém, livrar a Quinhas daquela aflição. Foi a Rosa Meireles que se agarrou às coxas para o intruso não poder descer.

E enquanto as outras desapertavam os botões, eu ia puxando pela blusa, do pescoço para os pés.

Vendo-se apertado, o sardão deu um salto para o nosso meio e tentava subir novamente. Gritamos todas ao mesmo tempo: «Acudorei!»... «Acudorei!»... Ah! estiquento... bicho mau, o diabo te leve para as profundas do inferno!... Vai para as areias gordas, onde não há vinho, nem pão, nem alma de cristão!...

Quanto mais pontapés lhe dávamos, mais o excomungado nos perseguia. Foi o Zé da Fraga, que acorreu em nosso auxílio, pois andava a sulfatar a vinha e apercebeu-se de que gritávamos a valer.

Com uma sachola na mão, perguntou:

— Que é?

— Um grande sardão, um grande sardão, repetimos todas ao mesmo tempo.

Ao ouvir a voz do homem, o bicho procurou fugir. Mas logo foi cortado ao meio por uma sacholada certa.

O grande susto deu em paródia geral. Mas o Zé da Fraga, que não podia perder tempo, retirou-se comentando entre gargalhadas: — Quando vós, raparigas, tendes medo dum bicho tão pequeno, que faria se vos atacasse um gato bravo?!...

Chegou, enfim, o tão desejado dia do casamento. A família do Noivo ia à frente; a seguir, o Noivo com a madrinha; a família da Noiva; a Noiva e a tia Ana do Moinho, em virtude do padrinho ser o tio Abade.

Assim, nesta ordem, as duas famílias reunidas, se dirigiram à modesta Igreja Paroquial, e em frente do altar cheio de cravos brancos, que exalavam suaves perfumes, na presença do bom Abade, o Mingos disse à Linda:

— É da tua própria vontade, que pretendes contrair matrimónio comigo?

— É sim.

— Estás deveras decidida a amar-me, respeitar-me e a guardar-me inviolável fidelidade até à morte?

— Estou sim.

— Estás disposta a receber amorosamente da mão de Deus os filhos e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

— Estou sim.

— Eu, Mingos, recebo-te para minha esposa, Linda, e prometo ser-te fiel, amar-te e honrar-te, tanto na prosperidade como na provação, por toda a nossa vida. Assim quero e assim prometo.

O Senhor Abade continuou:

— Sejamos unidos em um só coração e uma só carne, toda a nossa vida, e seremos os dois uma só carne.

Feliz o marido que tem uma esposa virtuosa, o número dos seus dias será dobrado.

A mulher virtuosa é a alegria do marido; ele passará em paz os anos da sua vida.

A mulher perfeita é uma herança preciosa, daquele que teme o Senhor.

Rico ou pobre, ele é feliz em seu coração, mostrando sempre um rosto alegre.

O encanto da esposa alegre o marido; o seu saber dá-lhe saúde e vigor profundo.

A mulher silenciosa é um dom do Senhor; nada se pode comparar à Alma bem educada.

Graça sobre graça, eis a mulher modesta; nenhum tesouro vale uma alma casta.

Como o sol levanta nas alturas do Senhor; assim é a beleza da mulher, em casa, bem ordenada.

Depois dum almoço opáparo em que as mandíbulas não pararam de mastigar bons petiscos até ao cair da tarde, com o vinho genuíno do Vale do Neiva, escorregando abundante pelas gargantas ressequidas do calor e das discussões, depois da graça subtil das sobremesas,



a tia Ana do Moinho não se cansava de dar conselhos aos nubentes, acabando por dizer ao Noivo:

— Ouve lá, meu cão... Entrego-te a minha filha que põe o ramo entre as raparigas das redondezas. Tenho muita vaidade nisso...

— Mas toma cautela... Se chego a saber que a tratas mal, eu me encarregarei de te partir esse focinho...

Amuados, com o remate da festa, lá foram ambos para a sua casinha restaurada com muitos sacrifícios, junto às margens do Rio Neiva, onde têm passado grandes alegrias numa vida longa, inteiramente dedicada à criação da prole numerosa que geraram.

E quando os encontro pelos caminhos, indo ou regressando do moinho ou dos campos já alquebrados das canseiras da vida, vejo estampada ainda nos seus rostos a paz de Deus e a alegria que nunca os abandonou. O mesmo verifico com todas as moças que beberam da água da virtude.

Apenas a Lena do tio Zique é infeliz. Descrente de tudo e de todos, depois de se ter deixado fiar na serpente, não deu à vida o rumo definido que sempre sonhou.

Por isso continua entregue aos devaneios, próprios de todos aqueles que nunca se encontraram a si próprios.



O centro geográfico da Província do Minho é no concelho de Ponte de Lima, motivo porque o culto de Nossa Senhora em Balugães, deveria ser sob a nova designação

## NOSSA SENHORA DO MINHO



É uma autêntica aparição pessoal de Nossa Senhora, e não o encontro duma imagem de Nossa Senhora.

Dizia o Padre Bartolomeu Ribeiro:  
Melhor se exprimiria pelo nome de Senhora de Balugães.  
Sem dúvida: O Vale do Neiva é Terra de Santa Maria.



## Apontamento sobre o lendário no Vale do Neiva

---

Não vamos nestas poucas linhas aqui publicadas discutir se há ou não lendas no Vale do Neiva.

Efectivamente, o termo «lenda» é pouco preciso, sendo aplicado muitas vezes em vários sentidos, desde o maravilhoso simples às mais complicadas superstições.

Abstraindo da precisão de conceitos no referente ao termo, há ao longo das freguesias do Vale um conjunto de tradições que constituiriam material suficiente para um bom compêndio de narrações de grande riqueza cultural.

Encontram-se várias tradições centradas em ruínas do passado, situadas no alto dos montes e, nomeadamente, à volta dos antigos conventos de Beneditinos e pequenas abadias. A autoridade destas instituições eclesiásticas na Idade Média, aliada ao respeito mágico pelo sagrado, que então predominava, fez com que a imaginação popular desenvolvesse acontecimentos que adquiriram foros de lenda. Em muitas destas narrações, que se podem ouvir a certas pessoas mais antigas, pode-se verificar a influência do liberalismo do século passado na crítica ao feudalismo monacal.

Constatamos ainda histórias ligadas à antiga estrada que percorria o Vale, em direcção a Viana do Castelo, mais conhecida por «estrada velha». Histórias de reis e princesas, de bispos e de monges, de romeiros, de salteadores.

Há lendas radicadas no maravilhoso celta, na vivência mística do povo e na deformação das crenças religiosas. Isto sem falar já de ritos mágicos e de superstições. Magia e mito, como acções instituintes do passado, mantêm-se actuais pela sua característica interna comum: a repetição.

O rio Neiva é também fonte e motivo de lenda para o povo que, no decorrer dos séculos, vive nas suas margens. Este «fabrico» de len-

das, esta função mítico-lendária do nosso povo constata-se no «contar», criando e transmitindo factos, tradições, histórias e crenças através dos tempos.

São os lugares mais absconditos dos pinhais, onde aparecem «coisas más». São as azenhas abandonadas ou o fragor das águas nos açudes em pleno inverno que levaram as pessoas a desenvolver mitos.

O rio Neiva mereceu, nos alvares da Idade Média, o epíteto de «rivulo malo», a tal ponto que deu origem, na primeira parte do seu percurso, ao nome de uma freguesia denominada Rio Mau, designação esta que existe em outras zonas, com base em motivos idênticos: o fragor das águas no inverno.

São as pontes, escuras pelo tempo, cobertas de hera e de lageados gastos pelo rodar dos séculos, que são referenciais de acontecimentos perdidos na memória das gentes.

Estes referenciais dão por vezes origem a canções ou adaptações musicais. «Debaixo da ponte nova, anda coisa má» — ouvia-se há anos numa freguesia do Vale.

São pessoas arrastadas pela correnteza, cuja aflicção é imaginada pelo povo em lamentações que supostamente vêm dos lados do rio, em noites tristes, durante meses, depois do infortúnio dos afogados.

São as almas do outro mundo, as «almas penadas», que vaguciam junto às águas, como as suas congéneres gregas, rejeitadas por Caronte.

São as lendas de mouros ou mouras, que em noites luarentas surgem nos areais, de portas escondidas na penedia, depois de terem descido das antigas citânias, alcandoradas e destruídas nos montes. Estamos-nos a lembrar de uma lenda existente em Durrães e Carvoeiro, segundo a qual os moiros descem de noite do monte «Caramona», até à Ponte de Real, a fim de darem de beber aos seus cavalos...

E outros motivos se poderiam enumerar, porque eles existem e se reflectem no lendário nebianos. Mas fiquemo-nos com este simples apontamento, que mais tarde poderá transformar-se em obra válida e aliciente, quando talvez estejam esquecidos muitos valores das nossas terras. Não esqueçamos, porém, que em tudo isto está o povo do Vale do Neiva. Está parte da sua cultura.

Há nisto muito de negativo, mas também muito de positivo. Saibamos aproveitar e apreciar o bom, para podermos superar e transformar o mau.

E, finalmente, convençamo-nos que as nossas terras, neste vale ameno, fresco e verdejante, têm ainda muitos segredos para nos revelar. E apenas ficarão da posse deles os que verdadeira e desinteressadamente os souberem auscultar.

# Lenda do Rio Neiva

---

Neiva era o único Rio nascido do seio do poderoso Rei Oural (Rei Oural é o sentido figurativo da mais alta serra do Vale do Neiva).

Era um príncipe cristalino que brincava, constantemente, com as pedras preciosas do palácio de seu pai, ora abraçando-as, ora beijando-as.

O Rei orgulhava-se em vê-lo, tão vivo e tão brilhante, a crescer dia a dia, no interior de seu seio. Mas a missão do grande Rei Oural, ordenada pelo seu Criador, era ajudar a criação de todas as gerações, dando por todos os séculos o seu sangue.

— Neiva — disse um dia o Rei — sobe ao solo e desliza pelo vale que mais te interessar, até ligares o teu esbelto corpo ao nosso Mar.

Ordenarei, pelas veias dos montes meus súbditos, que todas as fontes se liguem ao teu corpo para assim as tuas forças serem multiplicadas, pois encontrarás no percurso muitas dificuldades a vencer. Ficarás sempre ligado ao meu corpo até à consumação dos séculos, pois és o sangue das minhas veias, as quais te darão sempre vida, e serás o instrumento de ligação ao Mar. Darás, generosamente, o teu sangue a todos os seres vivos. Nunca recuses, seja a quem for, bom ou mau, o teu melhor auxílio, pois o nosso Criador ordena: Fazer bem, sem olhar a quem.

Banha toda a terra do vale que se chamará, de hoje para o futuro, Vale do Neiva.

Ele adoçará o teu amargor e te fará bom para beber; far-te-á sair dos rochedos do meu corpo para matar a sede do seu povo sequioso.

Corre, meu filho, e cumpre o tua missão.

Neiva obedeceu e começou a subir, por entre os rochedos, e apareceu, à luz do dia, como espelho de cristal a cintilar aos raios do sol.

Inclinou-se para os quatro pontos do mundo, mas deslizou pela vertente, em direcção à freguesia que se chama, presentemente, Godinhaços.

Com o seu correr, a terra começou a deslocar-se para dar passagem ao jovem Príncipe.

Chegou ao sopé do monte e logo, das vertentes dos lados direito e esquerdo, se uniram as primeiras fontes que o animaram no caminho a percorrer.

Seguiram o seu destino, ora por cima de rochedos, ora movendo grande massa de terra a qual à sua frente ia desaparecendo. Ervas e raízes de árvores afastavam-se ao abrir o sulco. Não demorou muito tempo e o seu corpo já era uma força, pois as fontes das vertentes se uniam, constantemente. Assim, a tarefa era menos penosa, pois o caudal tudo desbaratava à sua frente: pedras, areias, árvores e terras.

O leito cada vez era mais largo e Neiva, serpenteando agora pelos pontos mais fundos do vale, cada vez era mais potente.

Os montes de Fojo Lobal, pelas suas encostas, enviaram várias fontes, as quais formaram o afluente Nevoinho. Este, encontrando-se com o Neiva em Cossourado, foi o seu braço direito. Arêfe, Carvoeiro, Fragoso, enviaram também suas fontes representantes. Depois de tanta luta travada, durante muitos dias e noites a demarcar seu leito, Neiva chegou, finalmente, vitorioso, ao Mar. Este o abraçou e beijou, carinhosamente, e se alegrou por ter, eternamente no seu seio, o único Príncipe do Rei Oural.

O caminho estava aberto; faltava agora começar a sua missão.

Imediatamente, peixes de várias espécies deixaram o mar, seguindo o curso do Neiva até às nascentes. Muito concorreram para a alimentação dos povos.

Crescei e multiplicai-vos! — disse o Criador.

Passaram, pelo Vale do Neiva, várias gerações de todas as raças. Uns, mais fortes, tomavam violentamente os haveres dos fracos que assim eram despidos de tudo e obrigados a deslocarem-se para outros vales. Começaram a ser cultivadas as terras, nas margens do Rio Neiva, o qual as fecundava com sua água.

Nas suas margens, cresceram salgueirais, amiais, carvalheiras. Depois de vários anos, os seus ramos atravessavam o rio, apresentando uma beleza extraordinária.

As suas madeiras muito concorreram para servirem os habitantes.



Outras gerações mais evoluídas invadiram o Vale do Neiva e, então, começou uma vida mais activa. O Rio Neiva foi atravessado, desde o início até à foz, com dezenas de açudes, nos quais se levantaram indústrias de moagem de cereais, lagares de azeite, engenhos de serração e fábricas de linhos, que muito contribuíram para a vida dos povos do Vale do Neiva.

Neiva, generosamente, forneceu água, para matar a sede a todos os seres vivos, ora para irrigação dos terrenos, ora para movimentar azenhas, moinhos, engenhos e lagares, a todas as gerações, mas, com grande mágoa sua, nenhuma delas lhe agradeceu o grande bem concedido. Apenas as ninfas, os melros, os rouxinóis e outras aves, ocultas nas frondosas árvores, lhe fazem companhia de dia e de noite, cantando em cada manhã que nasce, nas altas copas das árvores; as rosas aromáticas, ervas, violetas, cravos, também estão com ele. São eternos companheiros do Sol, que começa a estender seus raios todas as manhãs e a lua que nas suas noites brilha na superfície das suas águas, como espelho de cristal.

Os homens mais ativos, por altas horas da noite, também lhe fazem companhia; não se envergonham de chorar, na sua presença, desafogando as dores do coração, as penas da vida...

Os namorados davam preferência à passagem da maior parte do tempo disponível nas margens do Rio Neiva. Por este motivo, o Rio Neiva é depositário de tantas promessas de amor, de tantas dores, de tantos segredos, de esperanças e desejos de uma vida cheia de felicidades! Mas, mesmo com todas estas belezas, Neiva não é acarinhado como merece. Apenas meia dúzia de amigos o cantaram, o estimam e o compreendem. Muitas famílias orgulham-se de usar o seu nome, pois Neiva é modelo de bondade.

Povos mal agradecidos! Neiva, com a sua eterna bondade, continua de braços abertos à espera de mais necessitados, para lhe matar a sede.

Com as suas veneráveis barbas, contempla, tristemente, o tempo presente, pois a infeliz mocidade, cheia de loucura, o olha com desdém, passando por cima de todos como o cilindro sobre a relva. Ninguém respeita ninguém; uns sacodem-se aos outros! Sobretudo, não há amor... Caluniam-se os outros, põem-se de parte os outros, numa evidente falta de dedicação pela sociedade, pela família, pelos próprios indivíduos...

Tem imensas saudades daqueles tempos em que os homens eram bons!...

Mas a sua missão continua... Tem a sua consciência tranquila. Tem ajudado muita gente que à sua custa enriqueceu e esses são os que o têm prejudicado, com maus tratos, negando constantemente os favores recebidos.

Ingratidão! — suspira Neiva, tristemente, nas noites de luar, quando se encontra só. Pensa recolher-se ao seio do seu querido Pai, abandonando para sempre o ingrato povo, mas o seu pensamento volta ao Criador que ordena:

— Fazer bem, sem olhar a quem, até à consumação dos séculos.



Tão rico e tão pobrezinho, Neiva vive na esperança de, um dia, ver nascer uma nova geração, sã e modesta, que comece a viver nas suas margens em paz e amor, para assim não se arrepender do bem que sempre fez.

Assim, com a missão cumprida, espera serenamente o seu fim, na consumação dos séculos.

# Histórias do Vale do Neiva

---

## I

Rosalina confiou demasiadamente no seu namorado, cujas promessas eram tentadoras, mil promessas de um casamento cheio de felicidade. Manuel conseguiu que ela se entregasse, sem reservas.

Chegou, enfim, o dia em que Rosalina ia ser mãe e Manuel, em lugar de se apressar a casar, cada vez se afastava mais daquela que o amava, loucamente, acabando mesmo por abandonar mãe e filha.

Rosalina, envergonhada, resolveu desaparecer da sua aldeia. Havia uma padeira que distribuía o pão na cidade. Foi ter com ela e contou a sua miséria.

A padeira, compadecida, porque também era mãe, prometeu que faria todo o possível de lhe arranjar colocação. Na cidade, contou a vida da infeliz rapariga à esposa do Juiz. Esta, compadecida, imediatamente mandou vir mãe e filha para seu serviço.

Rosalina tanto se dedicou àquela família que, no fim de um ano, era nomeada governanta e sua filha era considerada como família. Como a padeira ia todos os dias à sua aldeia, ela estava ao corrente de tudo o que lá se passava.

Certo dia, a padeira contou-lhe uma grande novidade. — Sabes, Rosalina, que o Manuel anda também atrás da tua irmã Lina? Eu já os vi muito unidos, junto ao vosso coberto, quase todos os dias pela tarde fora.

Rosalina estremeceu e agradeceu à padeira as notícias que trazia.

Dias depois, os patrões ausentaram-se levando a miúda. Rosalina sorriu-se e preparou-se para sair também.

Foi ao escritório do Juiz e tirou a pistola de uma gaveta, metendo-a com cuidado na malinha de mão. Fechou a casa e dirigiu-se para a aldeia. Procurou aproximar-se da casa de seus pais, por caminhos menos usados. Assim, conseguiu lá chegar sem ser vista e colocou-se escondida no lugar onde Manuel procurava a irmã. Não tardou muito que eles aparecessem e com seus próprios olhos verificou que a irmã

teria a mesma sorte que ela teve. Apareceu de repente. A irmã fugiu e Manuel estacou ao vê-la.

Rosalina, cheia de rancor e ódio, abriu a malinha, pegou, rapidamente, na pistola e descarregou, sobre o desgraçado, todas as balas que ela continha.

Manuel caiu para sempre cravejado de balas, fruto que ele mesmo preparou.

Rosalina regressou serenamente pelo mesmo caminho, para a cidade, por se ter vingado e salvar, ao mesmo tempo, a irmã, das garras do animal.

Contou tudo o que se tinha passado ao Juiz e ele próprio a livrou de ser condenada, pois Rosalina foi uma heroína em castigar aquele homem sem coração.

## II

Carlos era um rapaz ambicioso. Namorava Lena, não para companheira de sua vida, pois Lena era pobre e ele aspirava casar com uma rapariga rica. Procurava Lena, apenas para ver se conseguia seus desejos. Lena, depressa o compreendeu e se afastou, completamente. Mais tarde, casou com um pedreiro, chamado Zé da Bica. Foram muito felizes e viviam na maior paz, trabalhando dia a dia, para ganharem o pão nosso. Carlos, embora não quisesse Lena para casamento, perseguia-a a todo o momento, tanto nos seus pensamentos, como nos seus passos, pois Lena era uma moça esbelta, bonita e de boa figura. Zé da Bica trabalhava numa pedreira que existia num monte, na mesma aldeia, durante o dia, onde Lena levava o almoço num cestinho coberto com uma toalha, muito alva. À noite, jantava em casa e no fim tinha por costume passar umas horas, numa taberna da aldeia, a cavaquear com os companheiros de trabalho.

Lena, assim, estava habituada a essa ausência e deixava a porta da sua casinha aberta. Carlos depressa descobriu essa ausência. Certa noite, depois do Zé da Bica ter saído, esperou que Lena se deitasse e, sorrateiramente, entrou em casa. Como era de costume Zé da Bica não acender a luz de petróleo para se deitar, Carlos usou da mesma forma e meteu-se na cama onde Lena já se encontrava. Lena admirou-se pelo Zé aparecer tão cedo e perguntou:

— Ó Zé, tu já vens? — Mas não recebeu resposta; apenas sentiu o homem abraçá-la e utilizar seus desejos. Nesta altura, reparou que os costumes foram diferentes. Carlos levantou-se novamente e voltou a sair de casa. Lena ficou muito pensativa e julgou que estava a sonhar e nada contou ao marido, no dia seguinte. Dias depois, quando subia o monte para levar o almoço ao Zé da Bica, numa bouça, andava o

Carlos a roçar mato. Quando Lena passou por perto, Carlos, julgando que Lena gostaria de continuar com a mesma proeza, disse-lhe a rir:

— Ó Zé, tu já vens?

Lena tremeu toda, ficando a saber quem foi o homem que abusou da sua dignidade. Mas não se desconcertou e respondeu:

— Ó Carlos, eu vou à pedreira e volto já...

Apressou o passo e logo que o marido almoçou regressou pelo mesmo caminho, e ao aproximar-se do Carlos, deixou o caminho e foi em sua direcção, pousando ali à beira o seu cestinho. Carlos estava em pulgas, pensando que continuaria os seus desejos.

Lena esforçava-se por sorrir e, lentamente, pegou na enxada para se apoiar. Era no Verão. Fazia muito calor. As cigarras cantavam ao desafio. As pinhas estalavam nos pinheiros. As sementes dos matos caíam, fazendo companhia.

Apenas se encontravam os dois naquele lugar. Carlos estava louco e não imaginava o que lhe estava preparado. Lena disse a Carlos:

— Apanha feto seco e faz uma cama, no meio daquelas austrálias.

Ali, gozarás mais.

Logo que o encontrou a jeito, debruçado a apanhar o feto, amarrou rapidamente a enxada e, levantando-a ao ar, descarregou-a com toda a força, na cabeça do Carlos, o qual tombou, completamente morto. Em seguida, pegou novamente no cestinho e, satisfeita da vingança, dirigiu-se para casa, como se nada tivesse acontecido. No mesmo dia, a notícia corria, de lés a lés, na freguesia, bem como nas vizinhanças. Carlos foi encontrado morto, com a cabeça aberta, banhado em sangue.

As autoridades tomaram conta do caso e as culpas caíram sobre o Tone do Lameiro, pois era inimigo figadal de Carlos. Tone do Lameiro foi preso, pois appareceram testemunhas que assim o atestaram. Foi marcado o dia do julgamento. Lena, no entanto, ia acompanhando os acontecimentos, pois estava certa que o Tone do Lameiro estava inocente. O julgamento já estava marcado. Quando chegou o dia, Lena pediu ao Zé da Bica que muito precisava de chegar à cidade, para fazer umas compras de grande necessidade. O marido consentiu, pois nada negava à sua querida esposa. Logo que chegou à cidade, dirigiu-se rapidamente ao Tribunal, precisamente na altura em que o Tone do Lameiro estava para ser condenado. Pediu audiência ao Juiz e, cheia de lágrimas, disse prontamente:

— Senhor Juiz, saiba V. Ex.<sup>a</sup> que o Tone do Lameiro está inocente... Quem matou o Carlos fui eu...

E contou com pormenor tudo o que se tinha passado.

— Agora meu marido vai-me matar... estou resignada... o que eu queria era salvar o inocente... Depois desta confissão, tão sincera, o Juiz absolveu o réu e mandou prender todas as falsas testemunhas com a pena máxima. Mandou a autoridade acompanhar a Heroína

à sua casa para ser entregue ao marido, com a condição de ele a receber dignamente, pois ele foi o único culpado de a deixar sempre sozinha, em casa, e para defender a sua honra não se importou de perder a sua vida. Toda a freguesia a louvava de tão alto carácter. O facto se estendeu a todas as freguesias vizinhas, pois, quando se efectuou a sentença, o Tribunal estava cheio de todos os moradores das redondezas.

### III

Olga e Pedro trabalhavam numa grande fábrica. Nos tempos livres, passaram a amar-se, esperando um lar futuro. Os seus amores já tinham dado fruto.

Uma linda menina lhes sorria, constantemente. Depois desta, outras mais infelizes foram geradas, mas não tinham o prazer de ver a luz do dia. Eram mortas, por imposição de Pedro. Assim decorreram os tempos.

Pedro começou a olhar para Amélia, outra moça que trabalhava na mesma fábrica e não aparecia a Olga. E assim apareceu a tragédia. Olga ficou convencida de veras que Pedro já não a amava. E assim aconteceu. Vivia apenas com a filhinha, numa vida modesta, trabalhando para ganhar o pão nosso, para as duas.

Passados tempos, Mário abeirou-se dela e disse-lhe:

— Olga, sei que vives só. Queres casar comigo?

Olga respondeu:

— Quero, mas primeiro quero-te pôr ao facto das coisas.

E contou-lhe toda a sua triste vida. Mário respondeu:

— Não faz mal, eu quero casar contigo.

Olga, era uma linda moça, e logo se constou na fábrica o casamento de Olga e Mário.

Dias depois, Pedro procurava-a e disse-lhe:

— Olga, eu queria muito falar contigo a sós, mas tem que ser lá em cima, no monte. Olga tremeu, mas, sem dar mostras de medo, respondeu: — Eu lá apareço à hora marcada.

Chegou o momento e Olga afiou o melhor possível a lâmina de uma navalha dum tamanho muito regular, e escondeu-a na cintura.

Claro, Pedro o que pretendia era mais uma vez manter o seu gozo, e agora mais que nunca, pois via desaparecer para sempre aquela que o consolou por muitos anos.

Já estava preparada para a acção. Ela, ao levantar a saia, automaticamente, empunhou a navalha e, quando ele se aproximava, ela descarregou tal golpe no órgão genital de Pedro que ficou quase desligado.

— Era só para isto que me querias, bandido?... Aí tens a paga do amor que me tinhas... miserável!...

Com rancor o deixou naquele lugar a esvaziar-se de sangue, voltando para casa.

Pedro foi encontrado quase morto por uns trabalhadores que regressavam do trabalho. Ouviram gemidos e ficaram abismados do que viam. Pegaram nele às costas e levaram-no, rapidamente, ao Hospital. Pedro salvou-se da morte, mas ficou defeituoso.

Quando melhorou foi para Tribunal, mas nada lhe adiantou, porque depois de Olga explicar toda a sua vida ao Juiz, foi absolvida, e Pedro condenado a pagar tudo, e suportar toda a vergonha que ocasionou à linda Olga, que tanto o amava, sendo ele uma fera sem coração.







Azenhas do Padre Luís



## O brinquinho do Céu

---

No ano do Senhor de 1882, a 3 de Novembro, nasceu no lugar de Gandarinhos, freguesia de Santa Maria de Carvoeiro, uma menina, que foi baptizada no Mosteiro de Carvoeiro, na parte da tarde, a 5 de Novembro de 1882, à qual foi dado o nome de Maria. Há cem anos!

Na sua infância, cedo se descobriu a sua inclinação para Deus, pois, ao atingir a puberdade, a sua fé manteve-se fiel apesar do clima e perseguição de rapazes. Muitas vezes desabafava:

— Estou a ser perseguida pelo demónio.

Imitou São Francisco de Assis, pois tudo abandonou, para pensar somente em Deus.

Quando recebeu a herança de seus pais, metade de um campo e uma bouça na Paradela, depressa se desfez dela, livrando-se de um pesadelo que a consumia.

Depois de libertada, dedicava-se a fazer vassouras de giesta e vendia-as aos lavradores para as suas eiras, em troca de alguns tostões, ou uma tijela de caldo ou um pedaço de pão. Quando não tinha mercadoria, pedia esmolos. Num pote, fazia sopa, para 3 dias, sem adubo, com batata ou couve.

Tinha muita arte para esculpir, em pedra ou madeira.

Todos conhecem, no monte, um penedo desbastado por ela com um pico rombo. Além do penedo, fez vários trabalhos de estátuas, em pedra e madeira. Um dia, apareceu na casa dos meus pais, na freguesia de Durrães. Pedi-lhe então:

— Ó senhora Maria, é capaz de me fazer um Santo António, em pedra?

Respondeu-me, prontamente:

— Faça, sim.

Arranjei uma pedra e emprestei-lhe um pico. Com o maior desembaraço, numa tarde concluiu a estátua do santo, sem ter modelo à sua frente.

Estão espalhadas, por particulares, várias estátuas, em pedra e madeira, que não podem negar a arte que possufá Maria Pomba.

Era, por todo o Vale do Neiva, conhecida pela Maria Pomba, pois trazia sempre consigo uma pomba branca, que ela alegava ser a imagem do Divino Espírito Santo.

Com esta pomba deram-se várias passagens, na vida desta santa mulher.

O Sr. Prior Fontelo conhecia bem Maria Pomba, mas tinha certa dúvida sobre as suas virtudes. Ela passava horas a examinar as imagens do convento para depois traçar as suas estátuas. Segundo me informaram, certo dia, o Sr. Prior negou a comunhão a Maria Pomba e ela, aflita, deixou fugir a pomba que voou e foi pousar-se, no altar, ao pé do sacrário. Desde esse dia, o Sr. Prior não lhe tornou a negar a comunhão.

Noutra ocasião, na missa da tarde, na capela de Santa Ana, quando Maria Pomba se aproximou da comunhão, os rapazes tentaram tirá-la a pomba, a qual deu um voo e saiu pela porta do lado. Maria Pomba começou a chorar. Entretanto, a pomba tornou a entrar pela mesma porta e foi pousar no altar de Nossa Senhora da Soledade onde Maria Pomba ficava sempre ajoelhada. No fim da missa, o Sr. Prior chamou os rapazes à ordem, para que respeitassem Maria Pomba e se não repetissem casos como este.

As suas conversas eram só em Deus. Quando não podia ir ao Mosteiro e os sinos tocavam para a bênção do Santíssimo, Maria Pomba saía da cabana, ajoelhava no chão e batia no peito como se estivesse na presença.

O seu único vestuário era composto por saia e blusa azul, avental da mesma cor e lenço branco.

A sua vida inteira foi de penitência contínua. Dormia dentro de uma caixa velha coberta com uns farrapos. O travesseiro era composto de pedras cobertas com folhas secas de árvores.

Os rapazes organizaram várias procissões ao penedo. Uma delas foi organizada pela Senhora Ana Rodrigues Teixeira, em virtude de Maria Pomba alegar que, no penedo, aparecia o Brinquinho do Céu, ou seja, Nossa Senhora.

A procissão partiu do lugar dos Carvalhos, com muita assistência. Um andor, ornamentado com flores, foi levado aos ombros dos rapazes. O terço foi rezado no percurso e cantado nos mistérios. Maria Pomba acompanhou essa procissão. A cada passo olhava para o céu e ria-se, dizendo:

— Vi Nossa Senhora.

Outra procissão se organizou, noutro dia. Maria Pomba, para que os rapazes não se enganassem nos atalhos, foi à frente, fazendo cruzinhas nas pedras. Nesta Procissão, o jovem Domingos Maciel de Araújo fazia o lugar de padre e, quando a procissão chegou ao penedo, fez o sermão da festa. Rezaram e cantaram orações da Igreja.

Maria Pomba, nos dias de semana, convidava os rapazes que acompanhavam os gados a pastar, para em frente do penedo rezarem o terço.

Muitas vezes durante o terço, olhando para o céu, exclamava:  
— Vem aí o Brinquinho do Céu...



Uma família de Lisboa que visitou, nos anos 30, o penedo da Maria Pomba (1)

Mas se havia rapazes com fé, havia outros que levavam as rezas para a brincadeira. Estava o terço para terminar e um deles apanhou um gafanhoto, atirou-o ao ar, e em alta voz exclamou:

— Vem aí o Brinquinho do Céu.

Maria Pomba era louca por amor de Deus. Razão porque sofreu muito durante a vida pelos ditos dos adultos e tolices dos rapazes. Uma santa é, por vezes, no pensamento humano, uma pessoa sem juízo.

A senhora Joaquina Teixeira foi um dia procurar Maria Pomba à sua cabana. Chamou e uma voz sumida respondia. Entrou e deparou

---

(1) Este penedo é no alto da Calçada Nova, ainda hoje conhecido por penedo da Maria da Pomba.

com Maria Pomba deitada na caixa velha, com os braços cruzados e duas velas acesas de cada lado. Estava pronta para receber a morte. A senhora Joaquina começou a gritar e todos os vizinhos compareceram no local e insultaram a pobre santa.

Depois de tanto sofrer, a conferência de S. Vicente de Paulo arranhou uma enxerga de palha sobre quatro bancos onde Maria Pomba se



Ruínas da cabana onde viveu e morreu Maria Pomba

deitou nos últimos dias de sua vida. O Sr. José Baptista assistiu aos últimos momentos e à sua morte. Maria Pomba caiu para sempre e ao cair exclamou:

— Ai meu corpinho!... — E, depois de alguns momentos, entregava a sua alma a Deus, no dia 22 de Junho de 1950 e foi sepultada catolicamente no dia 23 de Junho de 1950, com 68 anos de idade. Conforme seu desejo foi vestida de branco para a sua última morada.

Ao longe, cortando o espaço, todas as pombas do vale do Neiva seguiam uma claridade, que era a alma de Maria Pomba, elevada ao Céu no meio de uma multidão de anjos.

Que a vida desta mulher faça reflectir as actuais e futuras gerações.

# Apontamentos

---

## NEIVA

É apelido nobre em Portugal.

Tem por armas: Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartel, de púrpura, cinco chaves azuis, perfiladas de ouro, em aspa; no segundo, esquartelado, tendo no primeiro e quarto quartel as armas do antigo reino de Navarra.

No terceiro quartel, as armas modernas dos Farias, que são: em campo de púrpura um castelo de prata, com portas e frestas de negro, entre cinco flores de lis, de prata, três em chefe e um de cada lado.

Elmo de prata, aberto, e por timbre, duas das chaves azuis do escudo, em aspa, atadas com uma fita de púrpura.

## O QUEIJO

É costume, no Vale do Neiva, os rendeiros levarem, pelo tempo das colheitas, as pensões aos donos das terras que trazem arrendadas, dando-lhes o senhorio uma merenda quando os rendeiros são de longe.

Certo patrão costumava apresentar um grande queijo aos seus rendeiros, mas como não o partisse, os rendeiros comiam o pão, bebiam o vinho e iam-se embora sem provar o queijo.

Certo ano, um dos rendeiros disse para o filho: — rapaz, há uns poucos de anos que imos levar a pensão e nunca temos provado o queijo. Amanhã será o dia que não há-de ficar na mesa.

No dia seguinte, logo que apareceu a merenda, pegou na faca e partiu dois grandes pedaços de queijo.

Diz o patrão:

— Olhe que isso é queijo!!!

— E eu que bem o vejo!!!

— Olhe que o queijo é caro!!!

— É caro, mas é bô!!!!

Como o senhorio visse que o queijo desaparecia todo, mandou um criado espantar, pelo portal fora, o gado do rendeiro que tinha trazido a pensão.

Diz o senhorio para o rendeiro:

— O gado espantou-se pelo portal fora!!!

Diz o rendeiro:

— Ó rapaz! Pega este pedaço que eu levo o resto.

Despedindo-se à pressa correram atrás do gado com a barriga cheia da boa merenda.



Toda a rapaziada do Vale do Neiva aprende a nadar, desde os 10 anos.

No fim de nadarem e mergulharem, vestem-se sem enxugarem o corpo. Depois de vestidos, para se livrarem das maleitas, pegam em duas pedrinhas, uma em cada mão, virando as costas para a água, atiram-nas para trás, e tapam imediatamente os ouvidos com as duas mãos, pois não podem ouvir a queda das pedras na água, nem ver a ondulação que as mesmas provocam na água, murmurando:

— Maleitas, vai a Braga, maleitas, vai ao Porto, saiam todas do meu corpo.

Depois de um momento, tudo desaparece, e já se podem virar, porque estão livres das maleitas.



O Rio Neiva tem, da nascente até à foz, 95 levadas, sustentadas por açudes, e 38 pontes. Talvez no país seja o único que tem a maior quantidades de açudes e pontes.

Goães — Uma ponte de origem romana com 3 arcos. Era a ponte que ligava a estrada romana de Braga a Astorga. Encontra-se completamente em boa conservação.

Cossourado — Uma ponte medieval sobre o afluente Nevoinho. Dista 200 metros do Rio Neiva. Ainda se encontra em bom estado.

Carvoeiro — Uma ponte medieval sobre o ribeiro da Fraga. Dista do Rio Neiva 20 metros. Encontra-se em franca ruína.

Durrães — Ponte de Real — Foi feita em 1630. Esta data está repetida duas ou três vezes num penedo da margem esquerda.



Fragoso — Ponte de 2 arcos. Existiu, nesta freguesia, um homem conhecido pelo «Gaivoto». No Inverno, quando o Rio Neiva saía do seu leito, as águas inundavam a ponte dos dois lados, ficando apenas sem água o meio, pois formava uma lomba. «Gaivoto» comparecia imediatamente, no local, para transportar, às cavalitas, as pessoas dum lado para o outro. Não entanto, «Gaivoto», para não ser levado, quando chegava ao meio da ponte, pousava a carga e cobrava a respectiva passagem. Só depois é que as transportava ao seu destino.

Era previdente este «Gaivoto».

Lugar da Balsa — Existe uma ponte com 60 metros de comprimento.

Castelo de Neiva — Uma ponte de um só arco, nunca chegaram acima as enchentes.

Guilheta — Uma ponte com 50 metros de comprimento.

Azenha de Castro Portela — Guilheta. É o último açude do Rio Neiva. Neste local existe uma elevatória de água que vai irrigar os campos de Belinho. Por influência do escritor Manuel de Boaventura.

## O PADRE CESTEIRO

Havia um padre que era cesteiro. Em cada dia da semana fazia um cesto. Quando tivesse seis cestos, não se esquecia que no dia seguinte era Domingo. Em certo Domingo, o padre não apareceu para celebrar a missa. Foram procurá-lo a casa e encontraram-no a fazer um cesto. Teima que não é Domingo porque ainda só tem feito cinco cestos.

Em face de se ter enganado e o povo afirmar que é Domingo, disse: — como já comi, não posso dizer missa, mas vou à igreja, prego-vos um sermão que vale por mais de vinte missas, mas só ouvirá o sermão aquele que estiver na graça de Deus.

Foi para o púlpito e gesticulava como se pregasse, mas não se ouvia nenhuma palavra.

Uma velha, que estava a dormir debaixo do púlpito, acordou quando o padre tinha acabado de gesticular, e para que não dissessem que tinha estado a dormir, começou por dizer que nunca tinha ouvido sermão tão bonito. Foi o bastante para o povo pegar em tesouras, navalhas e facas, e cada pessoa cortava um pedaço de roupa à velha, porque a julgavam na graça de Deus, e por pouco ia nua para casa.

*(Contado por José Monteiro da Costa — Durrães — Barcelos)*

## O TESTAMENTO DA VELHA

Sentindo-se em avançada idade, resolveu uma velha fazer seu testamento.

À silveira, que servia de cume de sua casa, deixou-lhe uma manta.

Ao gato deixou um vintém.

Ao cão outro vintém.

Após o falecimento da velha, a silveira cobriu-se com a manta, mas passou por lá uma mulher e roubou-lha.

O gato escondeu o vintém, mas os ratos encontraram-no e levaram-no.

O cão, com receio que lhe roubassem o vintém, comeu-o. Desde esse momento, a silveira agarra-se às saias das mulheres, vingando-se do roubo da manta. O gato mata os ratos. O cão ainda espera a safda do vintém, dormindo com o focinho debaixo do rabo.

Durrães — 1945

*(Contado por José Monteiro da Costa e este ouviu contar a António Luís de Castro, nascido em 1846).*

## CAMPO DO FORNO

Antes de ser construída a via-férrea e o apeadeiro de Durrães, era o Campo do Forno o centro da reunião de muitas pessoas, principalmente aos Domingos.

O Sr. Vigário da freguesia de Durrães dizia na homilia da missa várias vezes:

— Campo do Forno? Campo do Inferno!

Havia também quem dissesse — Campo do Forno? — Campo de murmurações, onde se fazem escrituras, sem letrados, nem escrivães.

## O QUE DISSE O SOL, O VENTO E A VERGONHA:

O SOL — Quem me perder procure-me numa baixa.

O VENTO — Quem me perder procure-me no alto dos montes.

A VERGONHA — A mim, quem me perder, nunca mais me encontra.

*(Contado por Domingos Vicente Fernandes — Aguiar — Barcelos)*

## DIZERES DO POVO:

Nesta cama me deitei,  
Sete anjinhos nela achei,  
Três aos pés, quatro à cabeceira,  
Jesus Cristo na dianteira,  
Deitei os olhos ao céu,  
Pensamentos à glória.  
Agora que eu adoro,  
Não confessei os pecados todos  
Ao confessor que escolhi.  
Confesso-os a Nossa Senhora  
Que sabeis quantos eles são.  
Pelas vossas Santíssimas chagas  
Dai-nos neste mundo a paz  
E no outro a Salvação.

## UMA HISTÓRIA DE HÁ CEM ANOS

Naquele tempo era costume os moços e moçoilas frequentarem todas as romarias do Minho.

Percorriam quilómetros e quilómetros a caminho dessas romarias a pé descalço.

Certo ano, na romaria de S. Torcato, em Guimarães, apareceram muitos grupos de quase todas as freguesias do Minho.

A certa altura, os estudantes de Coimbra, que nesse ano também tinham comparecido na romaria, de mãos dadas fizeram um cordão que seguia em espiral e assim serpenteando cercavam as moçarelhas mais bonitas.

Aconteceu cair nas malhas uma moçarelha do grupo da freguesia de Fragoso. Manuel da Costa Maciel, então solteiro, que fazia parte do grupo de Durrães, ao ver que os estudantes tinham caçado a moçarelha, gritou desesperadamente: «Ó gente de Fragoso... deixais levar a moça?» Eles responderam: «Os estudantes são muitos...» Manuel da Costa Maciel, ao ouvir isto, avançou rapidamente e amarrou pelo colarinho o estudante que prendia a moça. Os estudantes, vendo o espectáculo, fugiram, deixando a moçarelha libertada. Por este acontecimento essa moça ficou por toda a sua vida com o apelido de Coimbra.

O seu nome era Josefa Morgado, moradora no lugar da Goiva, freguesia de Fragoso.

## BOAVENTURA MACIEL ARANHA

Ali no Campo da Vinha, nome que está a pedir explicação, que um dia será dada, à direita quem olha para o Quartel de Infantaria 8, está uma casa nobre de pórtico brasonado com os emblemas heráldicos das Famílias Maciel e Aranha. De secção partida, encimado por uma coroa de Marquês em guisa de Coronel de Nobreza e além disso decorado com festões e palmas dispostas à maneira de troféus, o elegante brasão deve ter dado nas vistas até das pessoas que ali em frente vendem e compram, sem cerimónia nenhuma, púcaras e panelas de barro vermelho de Prado e Santa Marinha. O que esses negociantes de louça não sabem, nem isso lhes interessa, é quem viveu ali naquela casa nos velhos tempos do findar do Século XVIII. Pessoas ilustres de quem fala a História.

Eram os Macieis, uma Família antiga e Nobre que tinham valor em Darque, junto ao Cais Velho e defronte da Princesa do Lima. Ao findar o Século XVII, vivia nessa mesma terra, mas talvez já fora do arruinado valor, Lourenço Maciel Aranha, que em 6 de Julho de 1698 se uniu em casamento à prima Isabel Rodrigues Maciel, filha de Marcos Rodrigues e de Maria Maciel. Tiveram muitos filhos, o mais velho dos quais se chamou Boaventura Maciel Aranha, que veio muito cedo para Braga e foi criado na Casa Prelatícia do grande Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Nascido em 30 de Outubro de 1702, morreu em idade avançada, pois somente em 20 de Julho de 1778 deu a alma a quem lhe concedera a vida. Embora não militasse nas fileiras sacerdotais desempenhou cargos que é de uso pertencerem a membros da cleresia. D. Rodrigo de Moura Teles, seu desvelado e generoso protector, nomeou-o Secretário da Casa do Despacho e Superintendente Geral das Visitações de toda a Arquidiocese; e o Sumo Pontífice Bento XIV concedeu-lhe a graça de Cavaleiro do Sacro Palácio. Era o encarregado da correspondência com Roma, e em Braga foi durante muito tempo o agente do Clero nos negócios eclesiásticos perante a Cúria Arcebispal. Parece-me que é neste sentido que se deve interpretar a palavra «banqueiro», significado ainda agora em uso, empregada por Felgueiras Gaio.

São frequentes, sobretudo na fidalguia, os matrimónios entre consanguíneos. Nesta família, foram-no mais do que em qualquer outra, como se pode ver do confronto dos diferentes parágrafos dos genealógicos nos títulos dos Aranhas e dos Macieis. Boaventura Maciel Aranha, já filho de dois parentes, casou com uma senhora de quem era primo por mais de um ramo. Escolheu para mulher a D. Francisca Teresa Maciel, filha de Teresa Maciel e de Matias Maciel, e além disso neta materna de Domingos Maciel Aranha, nada menos que avô paterno daquele com quem se matrimoniou.

*In memoriam*



Os progenitores da família NEIVA MACIEL  
acompanhados de suas filhas Maria Neiva de  
Oliveira Maciel, Cândida Neiva de Oliveira  
Vieira e Manuel da Costa Maciel

Tiveram muitos filhos os dois cônjuges e primos, mas nem todos atingiram a maioridade. O segundo na idade chamou-se Francisco Ventura Maciel Aranha e herdou a casa do Pai. Foi cavaleiro na Ordem de Cristo e recebeu em 8 de Março de 1781, da Rainha D. Maria I, alvará de Cavaleiro Fidalgo. Continuou não obstante com a «banca-jem no q. tem ganho mto.», diz ele. Foi formado em Leis e viveu em Braga nas casas que comprou no Campo da Vinha segundo informa o referido Felgueiras Gaio.

Foi por conseguinte Francisco Ventura quem pelo menos remodelou aquele valor com a forma que hoje tem, e lhe mandou gravar a pedra de armas, que ainda lá se conserva. Como já era Cavaleiro Fidalgo há bastantes anos e o brasão não é de aliança, deve a pedra ter sido lavrada antes do casamento de Francisco Ventura Maciel Aranha, casamento realizado em 28 de Maio de 1794 com D. Maria Rosa de Azevedo Barreto de Araújo e Gama, da Casa da Passagem. E, ia-me esquecendo do nosso Boaventura Maciel Aranha, pai do noivo de D. Maria Rosa.

Os cargos que desempenhou e a administração da avaliada fortuna que possuía não o impediram de escrever obras de tomo, todas de carácter religioso. Deixou: *Cuidados da Vida e descuidos da Morte, representados em várias cartas... acrescentados com um epitome da vida e morte do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> D. Rodrigo de Moura Teles. Lisboa, 1743.*

*Da afeição e amor que se devem ter a Maria Virgem Santissima. Coimbra 1759. Cuidados da morte e descuidos da vida, representados nas vidas dos santos e santas. Lisboa 1761.*

Todos estes livros são raros, e consta-me que o último, o único que possuo, falta até nas bibliotecas de Coimbra, tanto na Universidade como na Municipal.

Destinava-se a compreender quatro volumes, mas só o primeiro, de XXIV mais 900 páginas, viu a luz da publicidade. Por uma nota manuscrita lançada no rosto, sei que pertenceu o meu exemplar a José Amaral de Azevedo Duarte, de Nogueiró, que em 1885 o comprou por 1200 reis, quantia elevada para aquele tempo. A mim não me ficou caro, tanto que não o dava agora pelo custo multiplicado por dez. Fala de muitos Santos e Santas, e é por isso muito útil aos pre-gadores.

Bem fez Boaventura Maciel Aranha em o escrever.

Braga, 23 de Abril de 1964.

*Cónego Arlindo R. da Cunha*

## DURRÃES

(*Concelho de Barcelos*)

### REGULAMENTO DAS CONDIÇÕES PARA A OBRA DA TORRE FEITA NO SÍTIO DA IGREJA, FREGUESIA DE DURRÃES

#### A SABER:

- 1 — Que a torre será feita no sítio que a Junta deliberar, tendo de levar os alicerces a profundidade bem considerada a fim de ter princípio a boa solidez da dita obra.
- 2 — Que os alicerces serão feitos de pedra graúda para o bom princípio e segurança da dita obra, sendo o assento feito e argamassado em cal traçada a seis por um.
- 3 — Que a esquadria da Torre será toda do monte de Roque e que os cunhais não serão admitidos sem que tenham seis palmos de comprimento e tendo dois de alto, até dois e um quarto. — Os cunhais dois corpos são admitidos com forras e no terceiro corpo de sineiras serão inteiros sem forras.
- 4 — Que o arrematante terá de fazer todo o assento da obra em cal traçada a seis e um para as paredes e para o assento da esquadria cal fina de banho não sendo admitido assentar-se pedra de esquadria alguma sem que leve banho de cal.
- 5 — Que a Junta de paróquia poderá fazer qualquer alteração ou modificação que queira ou resolva no curso da dita obra não servindo de prejuízo o arrematante.
- 6 — Que a Junta de paróquia poderá fazer revista ou revisão fiscalização no trabalho semanalmente ou quinzenalmente ou mensalmente ou quando eles queiram, por eles ou por pessoa mandada por eles da sua confiança.
- 7 — Que a Junta fica a seu cargo dar madeiras para a obra e barro posto na obra — casa para arrecadação de ferramentas e mais utensílios da obra.
- 8 — Que a Junta fará o pagamento da obra em 4 prestações — o 1.º estando o primeiro corpo completo — o 2.º estando o segundo corpo completo — o 3.º estando a obra a receber o zimbório e o 4.º estando a obra completa.
- 9 — Que a Junta depois do arrematante ter a obra completa poderá mandar proceder a um exame e conferência à obra com a planta e encontrando-se alguma diferença ou defeito de qualquer forma, poderá fazer o desconto de 3 até 5 por cento sobre o capital da obra.

- 10 — Que na ocasião da arrematação a Junta ficará a seu alvitre exigir ao arrematante fiador ou garantia de qualquer forma que melhor lhe convenha.
- 11 — Que a obra terá dez meses de prazo a contar do dia que for entregue ao arrematante.
- 12 — Que o arrematante fica ciente que a obra é toda lavrada a escoda ou escopo e bem aquinada de cinzel por fora e pelo interior de pico miúdo.
- 13 — Que o arrematante fica obrigado a executar a rigor a planta que lhe for apresentada vista na ocasião da arrematação assim como o regulamento das condições.

Durrães, 27 de Agosto de 1894

## AUTO DE ARREMATAÇÃO

(TORRE DA IGREJA DE DURRÃES)

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1894, mil e oitocento e noventa e quatro, aos nove dias do mês de Setembro, neste concelho de Barcelos, freguesia de Durrães, e sala das Sessões da respectiva Junta de Paróquia reuniram-se o presidente e vogais da mesma Junta, para o fim de se proceder à arrematação da obra da reconstrução da torre da Igreja paroquial desta freguesia, conforme o projecto superiormente aprovado e em harmonia com os respectivos anúncios, sob as condições seguintes:

- 1 — Esta obra será construída com toda a segurança e solidez, segundo o projecto que tem estado patente a todos os concorrentes e que se acha devidamente aprovado.
- 2 — Todos os materiais serão conduzidos para a obra por conta do arrematante.
- 3 — O material a empregar na obra será de boa qualidade e a pedra limpa e sem manchas, bem escudada e todas as quinas tiradas a cinzel.
- 4 — No caso de ser necessário fazer-se qualquer alteração, não poderá ela realizar-se sem autorização por escrito, desta Junta de Paróquia.
- 5 — Quando esta Junta entenda que o material empregado não satisfaz às condições aqui exaradas poderá suspender o emprego desse material e fazê-lo substituir por conta do arrematante.



- 6 — No caso de haver qualquer alteração a mais ou a menos será esta paga ou abatida segundo o preço do orçamento.
- 7 — Toda a obra será concluída no prazo de três meses a contar da data em que o arrematante foi avisado para lhe dar princípio; e no caso contrário o mesmo arrematante pagará à Junta quinhentos reis por cada dia a mais.
- 8 — O pagamento será feito logo que concluída a obra e examinada pela Junta ou peritos por ela nomeados para verificarem se sim ou não foram cumpridas todas as cláusulas aqui estabelecidas.
- 9 — A base da licitação é de quarenta mil reis.

Sendo dez horas da manhã foi declarada aberta a praça, perante os indivíduos que a ela concorreram e sendo por várias e repetidas vezes anunciada foi o lance mais baixo oferecido por Manuel Gonçalves Novo, casado, mestre pedreiro, da freguesia da Meadela, comarca de Viana do Castelo, que se prontificou a executar a obra de que se trata com todas as cláusulas estipuladas, pela quantia de trezentos e vinte e nove mil reis e a isso se obrigou e obriga por sua pessoa e bens apresentando por fiadores: Manuel da Costa Maciel e João da Costa Pinheiro, proprietários desta freguesia, os quais estando presentes declararam que, para garantia deste contrato, se sujeitavam por suas pessoas e bens a cumprir na falta do referido arrematante, todas as condições impostas a este. Em virtude do que resolveu, a Junta entregou o lance àquele arrematante Manuel Gonçalves Novo, com que vai assinar este auto e com os fiadores, fazendo aquele o seu sinal de cruz, por não saber ler nem escrever, depois deste auto lhe ser lido perante todos, por mim António José dos Santos, secretário da Junta, que o subscrevi e também assino.

Presidente: Manuel Alves de Miranda.

Vogais: Joaquim José de Faria, Joaquim José de Castro, António José dos Santos e Padre Silvério José da Costa.

Arrematante: Manuel Gonçalves Novo.

Fiadores: Manuel da Costa Maciel e João da Costa Pinheiro.

Durrães, Dezembro de 1894.

## SANTA MARIA DO Ó — eu Te saúdo

Na «Benedictina Lusitana» por Padre Mestre Frei Leão de S. Tomaz, diz-se no Livro II — Capítulo XI: «A 5 léguas da cidade de Braga junto à estrada Real, que vai para a Vila de Viana, e 2 léguas

pouco mais ou menos antes dela, ao pé de um monte, em cujo cume esteve em tempos passados uma povoação grande chamada Carmona, cujas ruínas e vestígios ainda hoje aparecem, foi edificado o mosteiro de Carvoeiro em terra fértil, abundante e frutífera, ares saudáveis e benévolos para a vida e saúde humana.

Sua antiguidade é grande, porque ainda que dela não sabemos por escrituras que haja, a tradição comum é pública. Porquanto é constante que os moradores daquela terra, por ficarem mais livres dos assaltos dos mouros, a desampararam e se foram para uma terra, que chamam Padela. E que quando depois os mouros se foram lançando daquelas partes, El-Rei (que devia ser D. Afonso o Magno) as deu a um fidalgo ilustre daqueles tempos, para que as povoasse e mandasse cultivar. E para este efeito trouxe da terra da Padela quatro irmãos, que chamavam Gandarinhos. A estes repartiu e deu a dita terra como a simples colonos, donde nasceu a simples colónia dela que ainda hoje persevera, como logo diremos.

Este fidalgo foi o primeiro que edificou o dito mosteiro, ainda que como alguns dizem D. Paio Guterres foi o que o fundou. Mas devia ser reedificação dele como sucedeu a outros muitos de que temos feito menção no primeiro Tomo.

Algum modo de prova de antiguidade deste mosteiro se pode colher de um Zimbom, que tinha na Claustra (a que os antigos chamavam Desforço) com que se fazia sinal para os Monges acudirem a Capítulo, e refeitório, porque tinha à roda impressa a era de 923 que era ano de Cristo 805.»

## VOZ DO POVO

É tradição que os frades de Carvoeiro iam pedir todos os anos, e assentavam as ofertas. De ano para ano estendiam-se mais com o seu peditório, mas certo dia chegaram a casa de um lavrador que os levou à loja do vinho e munindo-se de um martelão, partindo os tampos à vasilha, exclamou: «Mais vale perda de repente, do que foro para sempre.»

Havia a raza abacial e a conventual.

Conta-se que Frei Trémulo e Frei Pedro travaram a seguinte conversa. «Vou acabar os meus dias ao Convento de S. Romão do Neiva. — Vai, mas olha que o inferno é tão longe do Convento de Santa Maria de Carvoeiro como de S. Romão do Neiva.»

Esta conversa referia-se a uma argola de ferro que o frade que foi para S. Romão do Neiva mandou fazer, para abraçar as copas de palha de milho que os foreiros eram obrigados a entregar. Todas as copas de palha de milho tinham de encher a argola.

Dizem que os frades queriam obrigar o povo a pagar um frango ou galinha, quando falecia alguma pessoa, para tocar o sino maior, a defuntos. O povo, arreliado, conseguiu adquirir dinheiro, contribuindo o povo de Durrães para tal fim, e compraram os sinos para a capela de Santa Ana.

Entraram os sinos na freguesia pelo monte da Padela, conduzidos em carros de bois, porque os frades tinham espiões em todos os caminhos que davam entrada para Carvoeiro, excepto pelo monte.

De noite fizeram um estrado de madeira e colocaram-nos na carvalheira que havia no adro de Santa Ana. De manhã, ao tocar às Ave-marias no mosteiro, os novos sinos corresponderam, ficando os frades admirados.

Depois, quando falecia alguma pessoa, tocavam a defuntos os sinos de Santa Ana, até que os frades cortassem o novo tributo.

Desde essa ocasião, pode o povo de Durrães mandar tocar a finados os sinos de Santa Ana. Este direito tem vigorado até à data em que estamos, mas também dois mordomos têm vindo à freguesia de Durrães pedir para a festa de Santa Ana.

As freguesias de Durrães e Carvoeiro estão frente a frente, distanciadas dois quilómetros apenas. Ao fundo passa serenamente o Neiva que serve de limite. A freguesia de Carvoeiro fica na margem direita e Durrães na margem esquerda.

Os seus habitantes foram sempre solidários. Quando saía de noite o Senhor aos enfermos, todas as janelas das duas freguesias estavam iluminadas a saudar o Santíssimo que de um lado ou do outro percorria os centenários caminhos.

A freguesia de Carvoeiro fica na encosta do monte da Padela. Esta encosta é abrigada do Norte, motivo porque o clima é muito elevado em relação a Durrães cuja freguesia fica frente ao Norte.

No rio Neiva o arvoredado esconde ruínas de moinhos e azenhas, que outrora foram castelos de molciros e moleiras. É nestes locais aprazíveis que todos se sentem bem, dando largas à sua vida.



# Uma evocação do escritor Manuel de Boaventura

---

Em Fevereiro de 1981, a Câmara Municipal de Esposende levou a efeito uma justa homenagem ao escritor Manuel de Boaventura, com certeza um dos flagrantemente válidos monumentos literários da região minhota. Na ficção, na recolha de literatura popular, na dicionarização de vocábulos minhotos, na etnografia e nas actividades folclóricas podemos dizer que Manuel de Boaventura gastou anos e anos da sua vida, sem atender a vãs glórias ou a penduricalhos que premiassem o seu esforço. E se a sua obra arredia, algumas vezes, dos centros de interesse que se processam nos meios urbanos, nem por isso vale menos ou nos deve merecer menor consideração.

Conheci bem — e pode dizer-se que durante anos convivi com o autor de *Contos do Minho*. Travamos relações no meio da sua longa vida, porque foi bem longa a sua presença na terra e maior seria se um inesperado desastre de automóvel não cortasse o fio invisível da sua existência que marchava galhardamente a caminho dos noventa anos. Morreu Manuel de Boaventura e seu filho Anselmo no embate de um automóvel com o carro em que seguiam os dois. Fiquei chocado e, com isso, ficaram chocados também alguns amigos que nos mais próximos anos do fim tinham contactado com a sua obra e com a sua personalidade, nas repentinas viagens que fazia a Lisboa.

Era a época em que Manuel de Boaventura publicava, na «Colecção Mosaico» que Manuel do Nascimento dirigia, o seu *Marrucho, o Mentideiro*. Lembro-me de, nessa altura, ter visto, num café de Lisboa, a escritora Maria Teresa Horta, de cujo rosto fez um desenho muito verdadeiro e repleto de anotações psicológicas. Manuel de Boaventura também desenhava e foi bem profunda a sua influência na personalidade de seu primo Octávio Sérgio — nesse plano — como seria no plano literário no seu primo Armando de Boaventura. As suas vindas à capital tiveram razoáveis resultantes na publicação de seu espólio

literário. E não tardaria muito que visse impressos os *Contos Que o Povo Conta*, volume originalíssimo que breve se encontrava esgotado. Esse incentivo que resultou dos contactos com escritores da então nova geração (recordo a amizade estabelecida até à morte com José de Melo) levá-lo-ia a publicar a sua recolha, muito bela e muito original, de «estórias» natalícias que levaria na portada o título *Lapinhas do Natal*, primeiro com o desenho que não revelava o seu conteúdo real e, posteriormente, com a capa do pintor Israel Macedo (de Braga) que o conhecia e deu o verdadeiro encanto àquele conjunto de narrativas.

Foi uma das épocas em que Manuel de Boaventura mais publicou — ele era um escritor que tinha realmente um caudal de originais na gaveta — e mais contactou com o público, com colegas de ofício e com críticos. Lembro-me das longas conversas com o Tomaz de Figueiredo, minhoto como ele, mais novo, em anos, mas ambos iguais no amor das belas letras, no amor do povo e no amor à tradição que se ia perdendo. O conteúdo das obras dos dois era reaccionário no que tocava à arte de mal escrever, de impingir gato por lebre, de vender latão por ouro de lei... E daí a comunhão de pontos de vista. E ao passo que Tomaz de Figueiredo prosseguia na publicação da sua obra completa — uma obra que a sua morte e o desinteresse dos filhos deixou como estava, quando tanto havia ainda a publicar! — Manuel de Boaventura publicava *Histórias Contadas à Lareira*, *Quatro Contarelos*, *Primeira Consoada*, *Deus Lhe Pague...* e outros volumes que não recordo de momento.

Tudo isto que recordo aqui, foi-me sugerido pela leitura que fiz da evocação do escritor feita por Bernardino Amândio, um amigo do autor do romance «*O Solar dos Vermelhos*». E as páginas a que me refiro foram lidas na sessão de encerramento da homenagem que o Município de Esposende prestou à memória do grande escritor que ressurgiu, por esse motivo, do esquecimento para ser desvendado aos mais novos, como exemplo e como padrão cultural e literário.

São justas e oportunas as considerações de Bernardino Amândio no estudo evocativo que chamou *Manuel de Boaventura*. Pois nas palavras proferidas a quando da exposição biobibliográfica, ele foi o amigo que conhecia o amigo que se estava a homenagear, louvando a sua actividade e recordando-a para aqueles que pela idade não tinham podido contactar com tão grande escritor e com tão grande alma. E nesse plano — como em outros que o texto lembra — a figura do escritor de *Crimes dum Usurário*, do memorialista de *No Presídio*, do dicionarizador histórico de *O Senhor Rei e a Velha*, do *Zé do Telhado no Minho* e do grangeador de coisas etnográficas e folclóricas, surge-nos na sua real grandeza e como polarizador de interesses que levarão os locais ou outros a retomar a figura e a obra para uma análise mais

profunda, aquela que ambos estão a pedir que se faça e se faça com todo o rigor que um espólio tão vasto nos deixa para estudo, para reflexão e para crítica.

Justo em tudo o que anotou e disse, Bernardino Amândio abriu caminho para a análise de que a obra de Manuel de Boaventura está carente. Dir-se-á que foi apenas um incício. Por certo que assim é. Mas necessário era que assim fosse para que outros que vierem depois façam mais e mais aprofundadamente. A Câmara de Esposende e o autor da palestra cumpriram os seus, respectivos, deveres. Venham agora os mais novos e cumpram o seu. Que só terá a lucrar o escritor aqui evocado — o grande escritor minhoto, que sem favor algum, foi Manuel de Boaventura.

(De *O País*, n.º 295 de 28-8-981)

*Amândio César*

---

---

## Correspondência de Manuel de Boaventura com o Editor deste livro:

Resposta do Sr. Manuel de Boaventura, ao convite para ser o fundador do Museu Etnográfico do Vale do Neiva.

*A Cândido Neiva Maciel, amigo.*

*Não pesco patavina de museologia, para tomar o compromisso de delinear ou organizar um museu potamográfico do nosso virgiliano e adorável Neiva, que nos é tão querido. Mas poderei colaborar nos trabalhos da instalação, pois também sou proprietário duma azenha, o que equivale a dizer que sou moleiro! Amador, sou infantil e desabilidoso que nem a maquia da boca do foleiro...*

*Onde se há-de situar o projectado museu? Gostaria de conhecer o imóvel e a panorâmica adjunta. Teremos de lá ir num dos seus dias vagos. Marque dia e hora.*

Última dedicatória do Sr. Manuel de Boaventura.

*Para o meu Cândido Maciel que se encoraja a dar existência a uma bela antologia seleccionada entre os Amigos do Rio Neiva — Livro que virá a ter características de Arte. Avante! Amigo!*

*Abrço cordial do*

*Manuel Boaventura*





# Recolha de memórias paroquiais de freguesias do Vale

---

## Decreto de D. João V

DECRETO,  
QUE  
S. MAGESTADE,  
QUE DEUS GARDE,  
Foy servido mandar à Academia em 13  
de Agosto de 1721.

Da copia inclusa do Decreto, que baixou à Mesa do Desembargo do Paço, terá entendido a Academia Real da História Portugueza Ecclesiastica e Secular a providencia, que mando dar para se conservarem os monumentos antigos, que podem servir para ilustrar e testificar a verdade da mesma História.

Lisboa Occidental a 13 de Agosto de 1721. *Com a Rubrica de S. Magestade.*

Copia do Decreto, que baixou à Mesa  
do Desembargo do Paço em 14  
de Agosto de 1721.

Por me representarem o Director, e Censores da Academia Real da História Portugueza Ecclesiastica, e Secular, que procurando examinar por si, e pelos Academicos, os monumentos antigos, que havia, e se podião descobrir no Reyno, dos Romanos, Godos, e Arabios, se achava que muitos, que puderão existir nos Edifícios, Estatuas, Marmores, Cippos, Laminas, Chapas, Medalhas, Moedas, e outro artefactos, por incuria, e ignorancia do vulgo se tinham consumido, perdendo-se por este modo hum meyo muy proprio, e adequado, para verificar muitas noticias da venerável antiguidade, assim sagrada, como polí-

tica, e que seria muy conveniente à luz da verdade, e conhecimento de seculos passados, que no que restava de semelhantes memorias, e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno, em que póde ser muito interessada a gloria da Nação Portugueza, não só nas materias concernantes à História Secular, mas ainda à Sagrada, q̄ são o instituto, a que se dirige a dita Academia, e desejando eu contribuir com o meu Real poder para impedir hum prejuizo tão sensível, e tão damnoso à reputação, e gloria da antiga Lusitania, cujo dominio, e soberania foy Deus servido dar-me. Hey por bem que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade, e condição que seja, desfaça, ou destrua em todo, nem em parte qualquer edificio, que mostre ser daquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma sorte as Estatuas, Marmores, e Cippos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Fenices, Gregos, Romanos, Goticos, Arabicos, ou Laminas, ou Chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros, ou caracteres, como outro sim Medalhas, ou Moedas, que mostrarem ser daquelles tempos, nem dos inferiores até ao reinado do Senhor Rey D. Sebastião, nem encubrão, ou ocultem alguma das sobreditas; e encarrego às Cameras das Cidades e Villas deste Reyno, tenham muito particular cuidado em conservar, e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade, que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem no limite do seu districto, e logo que se achar, ou descobrir alguma de novo, darão conta ao Secretario da dita Academia Real, para elle a comunicar ao Director, e Censores e mais Academicos; e o dito Director, e Censores com a noticia, que se lhe participar, poderão dar a providencia, que lhe parecer necessária, para que melhor se conserve o dito monumento assim descoberto; e se o que assim se achar, e descobrir novamente, forem Laminas de metal, Chapas, ou Medalhas, que tiverem figuras, ou caracteres, ou outro sim Moedas de ouro, prata, cobre, ou de qualquer outro metal, as poderão mandar comprar o Director, e Censores do procedido da consignação, que fuy servido dar para as despesas da dita Academia. E as pessoas de qualidade, que contravierem a esta minha disposição, desfazendo os Edifícios daquelles Seculos, Estatuas, Marmores, Cippos, ou fundindo as Laminas, Chapas, Medalhas, e Moedas sobreditas ou também deteriorando-as em forma, que se não possam conhecer as figuras, e caracteres, ou finalmente encobrando-as e occultando-as, alem de incorrerem no meu desagrado, experimentarão também a demonstração, que o caso pedir e merecer a sua desatencção, negligencia, ou malicia; e as pessoas de inferior condição incorrerem nas penas impostas pela Ord. do liv. 5. tit. 12. § 5. aos que fundem moeda. E porque os que acharem Laminas, Chapas, Medalhas e Moedas antigas, as quererão vender, e reduzir a moeda corrente, as Cameras serem obrigadas a comprallas, e pagallas promptamente pelo seu

justo valor, e as remetterão logo ao Secretario da Academia, que fazendo-as presentes ao Director e Censores, se mandará satisfazer às Caméras o seu custo. A mesa do Desembargo do Paço nesta conformidade mandará passar Alvará em forma de Ley, que se publicará na Chancelaria, se remetterá às Caméras das Cidades e Villas do Reyno. Lisboa Occidental a 14 de Agosto de 1721. *Com a Rubrica de Sua Magestade.*

Diogo de Mendonça Corte Real

in «Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, que neste anno de 1721 se compuzerão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores, dedicada a El Rey Nosso Senhor seu augustíssimo Protector e ordenada pelo Conde de Villamayor, Secretario da mesma Academia. Tomo I, pg. 367 e ss.

Lisboa Occidental, 1721



# Inquérito de D. José I

## TORRE DO TOMBO — MEMÓRIAS PAROQUIAIS DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758

PRÓLOGO — 1 — O Dicionário Geográfico do Reino de Portugal, que o erudito e infatigável P.<sup>e</sup> Luís Cardoso, da Congregação do Oratório de Lisboa, tinha composto sobre as memórias que os Parochos do Reino enviarão, por ordem superior, à Secretaria de Estado, perdeu-se miseravelmente nas ruínas do terremoto de 1755, escapando apenas as letras A B C do primeiro e segundo volumes, por estarem já impressas e distribuídas por partes aonde não chegou o estrago.

2 — A simples leitura destes volumes que restam, basta para convencer os verdadeiros Portuguezes, quero dizer, os amantes da glória e da Pátria de que a perda dos que faltam foi grande e irreparável, e o será muito mais, se o Autor, apesar de ser já avançado em anos, não conceber o projecto de refundir a sua obra, adicionando-se com a relação dos estragos e catástrofes que acaba de mudar a face de todo o Reino.

3 — Com este fim pediu novamente, instou e conseguiu da Secretaria do grande e respeitável Sebastião José de Carvalho ordem para que todos os Parochos do Reino enviassem novas Descrições das suas freguesias com aquelas escrupulosas e circunstanciadas miudezas, que mais abaixo constarão da cópia dos Interrogatórios que impressos lhes foram enviados, com o Preceito que a maior parte dos Parochos cumpriram no mesmo ano de 1758, em que lhes foi intimado; não quis porém o P.<sup>e</sup> Cardoso aproveitar-se destas Participações (\*).

4 — Não quis, ou não pôde, porque as enfermidades ou a velhice, ou o pressentimento da morte, ou tudo junto fez que o P.<sup>e</sup> Cardoso olhasse como impossível a execução do seu Projecto; e assim, por sua morte, em 1769, ficaram em montão confuso, mas bem guardadas até agora, em que um P.<sup>e</sup> da mesma Congregação do Oratório e Casa das Necessidades, zeloso da utilidade e instrução pública, as fez arranjar em forma de Dicionário e mandou encadernar em 44 volumes de Fólio, incluso este Índice para na Biblioteca da mesma Casa estarem patentes à instrução, utilidade e curiosidade Portuguezas.

---

(\*) Era através de ordens ambulatórias, emitidas pelos Reverendos Provisores, que se recolhiam elementos.

5 — De todos os 43 volumes, todos com o título — *Dicionário Geográfico de Portugal*, se extraiu o presente Índice geográfico para facilitar a invenção de qualquer cidade, vila, concelho, ou aldeia paroquial, devendo advertir-se que, havendo sido, apesar de bem guardadas, havendo sido desvairadas mais de 500 descrições, foi necessário, para completar a obra suprir com a leitura estas folhas: suplemento que certamente não há-de satisfazer a muitos leitores, mas na sua mão está emendarem e corrigirem, escrevendo quantas faltas em excesso se acham, maxime nos suplementos, ou volumes 42 e 43.

6 — De resto, damos a copia dos Interrogatorios conforme aos que se acham feitas as respostas e são do teor seguinte:

§ 1.º — O que se procura saber dessa terra é o seguinte: Venha tudo escrito em letra legível, e sem breves.

1 — Em que provincia fica, a que Bispado, comarca, termo e Freguesia pertence?

2 — Se é de el-rei, ou de Donatario, e quem o é ao presente?

3 — Quantos vizinhos tem, e o número das pessoas?

4 — Se está situada em Campina, vale, ou monte, e que povoações se descobrem dela, e quanto dista?

5 — Se tem termo seu; que lugares ou aldeias comprehende, como se chamam?; e quantos vizinhos tem?

6 — Se a Paroquia está fora do lugar, ou dentro dele?, e quantos lugares ou aldeias tem a Freguesia, e todos pelos seus nomes?

7 — Qual é o seu orago; quantos altares tem, e de que Santos? quantas naveas tem; se tem irmandades, quantas e de que Santos?

8 — Se o paroco é cura, vigario, ou Reitor, ou Prior, ou Abade, e de que apresentação é, e que renda tem?

9 — Se tem beneficiados; que renda tem, e quem os apresenta?

10 — Se tem conventos, e de que os Religiosos, ou Religiosas, e quem são os seus Padroeiros?

11 — Se tem hospital; quem o administra, e que renda tem?

12 — Se tem casa de Misericordia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e o que houver de notável em qualquer destas cousas?

13 — Se tem algumas ermidas, e de que Santos; e se estão dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem?

14 — Se acodem a elas romagens sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estas?

15 — Quais são os frutos da terra, que os moradores recolhem em maior abundancia?

16 — Se tem Juiz ordinário e Camara; ou é esta sujeita ao governo das justiças de outra terra, e qual é esta?

17 — Se é couto, cabeça de concelho, Honra ou Behetria?

18 — Se há memoria de que florescessem, ou dela saíssem alguns homens insignes na virtude, letras ou armas?

19 — Se tem Feira, e em que dias, e quantos dura, e se é franca ou captiva?

20 — Se tem correio? e em que dias da semana chega, e parte?, e se o não tem de que correio se serve, e quanto dista da terra aonde ele chega?

21 — Quanto dista da cidade capital do Bispado, e quanto de Lisboa, capital do Reino?

22 — Se tem alguns privilégios, antiguidades, ou outras causas dignas de memoria?

23 — Se há na terra, ou perto dela, alguma fonte ou lagoa celebre, e se as suas águas tem alguma especial virtude?

24 — Se for do Mar, descreva-se o sítio; que tem por arte ou por natureza; as embarcações que a frequentam e que pode admitir?

25 — Se a terra for murada, diga a qualidade de seus muros; se for Praça de armas descreva se a fortificação; se há nela ou no seu distrito algum Castelo, ou torre antiga, e em que estado se encontra ao presente?

26 — Se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755 e em quê; e se está já reparada?

27 — E tudo mais que houver digno de memoria de que não faça menção o presente interrogatório?

§ 2.º — O que se procura saber dessa Serra é o seguinte:

1 — Como se chama?

2 — Quantas légoas tem de comprimento, e quantas de largura, e onde principia e acaba?

3 — Os nomes dos principais braços dela?

4 — Que rios nascem dentro do seu sítio e algumas propriedades mais notaveis deles; as partes para onde correm, e onde fenecem?

5 — Que vilas e lugares estão assim na Serra, como ao longo dela?

6 — Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras?

7 — Se há na terra minas de metais, ou canteiras de pedras ou de materiais de estimação?

8 — De que plantas ou ervas medicinais é a Serra povoada e se se cultivam em algumas partes; e de que género de frutos é mais abundante?

9 — Se há na Serra alguns mosteiros, Igrejas de romagem, ou imagens milagrosas?

- 10 — A qualidade do seu temperamento?
- 11 — Se há nela criações de gados, ou de outros animais, ou caça?
- 12 — Se tem alguma lagoa, ou fojos notáveis?
- 13 — E tudo o mais, que houver digno de memória?
- § 3.º — O que se procura saber do Rio dessa terra é o seguinte:
- 1 — Como se chama, assim o rio, como o sítio onde nasce?
- 2 — Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o ano?
- 3 — Que outros rios entram nele, e em que sítio?
- 4 — Se é navegável, e de que embarcação é capaz?
- 5 — Se é de curso arrebatado, ou quieto com toda a sua distancia, ou em alguma parte dela?
- 6 — Se corre de Norte a Sul; se de Poente a Nascente; se de Sul ao Norte, ou de Nascente a Poente?
- 7 — Se cria peixes, e de que especie são os que traz em maior abundância?
- 8 — Se há nele pescarias, e em que tempo do ano?
- 9 — Se as pescarias são livres, ou de algum senhor particular em todo o rio, ou em alguma parte dele?
- 10 — Se se cultivam as suas margens; e se tem muito arvoredo de fruto ou silvestre?
- 11 — Se tem alguma virtude particular as suas aguas?
- 12 — Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes; e como se chamam estas; ou se há memoria de que em outro tempo tivesse outro nome?
- 13 — Se morre no mar, ou em outro rio; e como se chama este e o sítio em que entra nele?
- 14 — Se tem alguma cachoeira, represa, levada, ou açudes que lhe embarquem o ser navegavel?
- 15 — Se tem pontes de cantaria, ou de pau; quantas e em que sítio?
- 16 — Se tem moinhos, lagares de azeite, pizões, noras, ou outro algum engenho?
- 17 — Se em algum tempo, ou no presente, se tirou ou tira ouro de suas arcias?
- 18 — Se os povos usam livremente de suas aguas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?
- 19 — Quantas legoas tem o rio; e as povoações por onde passa do sítio do nascimento até onde acaba?
- 20 — E qualquer cousa notável, que não vá neste interrogório.



## *Santa Lucrécia de Aguiar*

*(Concelho de Barcelos)*

Esta freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar é da província do Minho Comarca e termo de Barcelos. A distância da Vila são duas léguas, e do corrcio dela se serve. É abadia apresentação do Morgado de Aborim o qual Padroeiro é hoje Álvaro de Barbosa. O Abade actual é o P.<sup>e</sup> Domingos Vaz. Foi apresentado por Francisco P. Brandão. Tem vizinhos o reverendo Reitor de S. Tiago de Cossourado da parte do nascente, do sul o reverendo pároco de S. Maria de Quintiães, do poente o reverendo pároco de S. Pedro de Fragoso e o reverendo vigário de S. Lourenço de Durrães, e da parte do norte, S. Maria de Carvoeiro e S. Martinho de Balugães. Está situada em vale, a maior parte em aldeias, campinas e a menor em monte. Compreende quasi todo o lugar de Pouzada, todo o lugar da Ponte das Tábuas, os lugares de Vila Nova, da Louza, Castelhão, Papus, Pomaraço e parte da Agrela. Está esta Igreja pegada no monte e da parte do sul estão as casas da residência e pegadas a estas terras frutificativas de vinho, milho grosso, centeio, painço, milho branco, feijões e linho mourisco e galego, frutifica a freguesia algumas castanhas e quasi toda a casta de frutas e azeite. É do Arcebispado de Braga e dista da sua cabeça quatro léguas, e de Lisboa, Cabeça do Reino, sessenta. No monte chamado da Larga, pouco abaixo do cume, entre muitos penedos, está um que tem um buraco redondo. Tem este água todo o ano. A Igreja tem quatro altares. No maior está o Santíssimo Sacramento, Santa Lucrécia e Santo Cristo Crucificado. No da Senhora estão o Menino Deus, S. José e duas imagens de Nossa Senhora. No de S. Brás está o mesmo e S. Sebastião e S. António. No das Almas está Santa Quitéria e duas imagens de Cristo. Não tem naves. Tem confraria de Cristo Crucificado vulgo de S. José. A do Menino Deus, a do Senhor, estas não tem estatuto, e tem a da Senhora com estatuto. Todas são pobres. Tem a capela de S. Sebastião no lugar de Pouzada. Seu fabriqueiro é Caetano Rodrigues da mesma freguesia. Tem a capela de S. António situada no monte perto da Igreja Matriz. Tem limitada fábrica. Em dia de S. Braz, a três de Fevereiro vem a êste Santo de romaria, as freguesias de Santa Maria de Quintiães e a de Santiago de Cossourado com suas luzes e guiões, e com três voltas de redor da Igreja se recolhe dentro cantando a ladainha dos Santos e não aqui mais ocorrência de romarias. Descobre-se para entre o Norte e Nascente quasi uma légua. Para o Nascente meia légua, para o Sul um quarto, para o Poente não passa a vista os limites da freguesia.

Pessoas de Sacramento tem 227. Casados 48. Fogos 63. O correio da Vila de Barcelos chega ao Domingo e parte á Sexta feira. Rende de certos e incertos trezentos mil reis pouco mais ou menos esta Igreja.

Passa por esta freguesia o Rio Neiva. Tem de comprido cinco léguas, porque nasce pequeno entre as freguesias de Godinhaços e Pedregais e acaba no mar entre a freguesia de Santiago do Castelo do Neiva e a de S. Paio Dantas. Tem a ponte do Castelo, de padieiras. Em Santa Marinha de Fragães um pontilhão de pau. Tem a ponte de Fragoso de esquadria. A de Fragoso de padieiras. A de Rial em Durrais de padieiras. Tem a ponte chamada das Tábuas de pedra e esquadria sita no extremo das freguesias de S. Martinho de Balugães, de Santiago de Cossourado e da de S. Lourenço de Aguiar. Tem um pontelhão de esquadria na freguesia de Cossourado chamado da Cadavosa. Entre Mondim e Panque tem um pontelhão de traves. Tem a ponte Anhel de esquadria, e na freguesia do Vilar tem uma ponte de padieiras. Em Arcuzelo tem ponte de padieiras. Em Guais ponte de esquadria. No dito rio acaba o de S. Vicente de Fragoso. O ribeiro de Mujães acaba no mesmo rio e de Santa Maria de Carvoeiro acaba no mesmo. O rio da Pica acaba no mesmo. O rio de Navió acaba no mesmo. É o Rio Neiva pequeno; mas quando pelo despinhado com velocidade, nas planícies corre seu passo lento. Tem muitos moinhos, algumas azenhas, lagares de azeite e pisões em toda a parte. Conserva o nome Neiva. Cria muitas trutas, alguns escalos, enguias e no fim se pescam tainhas e lampreias. É livre para quem quiser pescar e usar de suas águas. Tem açudes, não é navegavel nem admite senhor particular, suas visinhanças, são frutificativas como os campos do mesmo paiz. Corre do nascente a poente, é o que achei por ciencia propria e particular. Nos mais interrogatorios não tenho que dizer.

E por tudo ser verdade me assino com os dois Reverendos Párocos vizinhos

Santa Lucrécia de Aguiar 1758  
Oito de Abril de mil setecentos e cincoenta e oito

O Abade D.<sup>os</sup> Vaz  
O Rev. Luis Costa Teixeira  
Reitor Miguel da Silva Coutinho

*Transcrição feita por Joaquim N. O. Maciel*

## Alheira

(*Freguesia de Santa Marinha de Alheira—Barcelos*)

É esta freguesia na Província do Minho e Arcebispado de Braga, comarca do termo de Barcelos. É da Sereníssima Casa, tem esta freguesia fogos 160. Casados 90. Viúvos, 26. Solteiros, 30. Menores 34. É orago desta Igreja S. Marinha Martir. É apresentação dela os Sereníssimos Duques de Bragança. Foram antigamente quatro freguesias hoje unidas todas a esta. Conserva a saber a de S. Pedro Fins situada nas faldas do monte Louzado onde se vêem ainda hoje os vestígios da mesma Igreja. Outra de S. Tiago de Regoufe onde inda exista uma Capela, mas já profanada sem telhado nem portas metida entre uns campos no mesmo sítio de Regoufe. Outra a capela de S. Lourenço situada no mesmo monte chamado S. Lourenço ainda se diz missa nela e no dia do mesmo Santo se faz Festa com missa cantada e sermão. A Igreja Paroquial está situada quasi no meio da freguesia. Tem 5 altares a saber o Altar Mor onde está colocado o Santíssimo Sacramento. O altar de Nossa Senhora do Amparo. Outro Altar de S. Sebastião. Outro o do Senhor da Cruz às Costas. Outro da Confraria das Almas e não tem mais Altares.

Lugares do Pinheiro onde está uma Capela de Nossa Senhora do Rosário. O Lugar do Casal do Monte. O de Real de Corvos. O de Regoufe. O da Estrada. O da Alheira. O da Fonte. O da Igreja. O da Ponte de Anhel. O de Fregilde. O de Bustelo, que por todos são onze lugares. Está esta freguesia cercada de Montes da parte do Norte com o monte chamado dos Picotos e da parte do poente com Monte chamado Louzado. Do Nascente com o monte chamado Aspenices e S. Lourenço da parte do sul não tem montes. Está situada esta freguesia em planície. No princípio do vale chamado de Tamel entrou nesta mesma freguesia o termo de Prado no lugar de Sugilde e o mais é do termo de Barcelos e comarca como acima se disse. São todos os moradores dela lavradores. Os frutos que nela se colhem é milho e centeio e vinhos. Há abundância. Se conhece pela renda dos dízimos que se pagam: De pam pouco mais ou menos 1.500 ou 1600 medidas de todo o pam. Vinho entre premícias e dízimos pelos anos ordinários 30 pipas, nos anos mais abundantes corenta.

É anexa a esta Paroquial Igreja a do Couto de S. Tiago de Nuqueira nove leguas distante desta na Comarca de Balença e Couto, da Sereníssima Casa. O Pároco desta Igreja tem o titulo de Abade. É apresentado pelos Sereníssimos Duques de Bragança. Não há na freguesia collegios nem conventos nem hospital. Tem suficientes águas de rega de alguns ribeiros que nascem na mesma freguesia e fontes.

O monte Louzado dito acima, antigamente foi chamado o monte Louvado. No alto dele é planície. Se vêem ainda vestígios de uma cidade chamada Civitas Magna e se vêem ainda os vestígios das muralhas e Costaduras, de cujas ruínas se aproveitaram os moradores circunvizinhos da pedra para fazerem casas e taparem campos; de todas as partes é bastantemente alto e custoso de subir para cima. Só da parte do sul não tem subida custosa e por isso desta parte, em distância de tiro de peça, se vêem vestígios de cinco atalaias, na mesma distância umas às outras do tiro acima. No mesmo Monte da parte do Nascente está uma fonte chamada do Sol na mesma altura do monte, esta a têm os vizinhos por água milagrosa que a toda a mulher ou animal que no tempo de criarem seus filhos se lhe seca o leite bebendo dela se lhe restitue outra vez o leite, mas a vão buscar como coisas superticiosas indo de noite ou a tempo que não sejam vistas. Levando lhe algumas ofertas de milho ou moedas de cobre que em todo o tempo na mesma fonte se acham estas ofertas: o que não faiz é engano, que em certa ocasião fazendo-me queixa uma freguesa que lhe faltava o leite com que criava uma criança lhe disse mandasse buscar daquela água, mas que não levasse a oferta que os mais costumavam levar. Com efeito a bebeu e se lhe restituiu o leite outra vez como dantes, depois de ter feito varios remédios. Não há mais nesta freguesia de que se conta.

Alheira hoje de Abril 20 de 1768 annos  
Abade Ant.<sup>o</sup> de Sobral Marques B

Fica esta freguesia distante de Braga duas léguas e da de Lisboa sessenta não padeceu ruina nenhuma do Terramoto de 1755

Vigario Melchior Machado do Amaral  
O Vig.<sup>o</sup> de São J.<sup>o</sup> de Alvito  
João Franc. Garcia

## Fragoso

*(Freguesia de S. Pedro de Fragozo — Barcelos)*

Em cumprim.<sup>o</sup> e satisfação de hua ordem do Muito Rd. Sr. Doutor Provisor da Corte e cidade de Braga Primaz que manda escrever os fogos e cousas notáveis desta freguezia os quais examinando pelos interrogatórios do Edital, respondo na seguinte forma e certifico que: **PRI-MEIRO INTERROGATÓRIO**

- 1 — Esta Igreja de São Pedro de Fragozo, esta freguezia está na Província de entre Douro e Minho, e no Arcebispado e Comarca de Braga Primaz, he termo da villa de Barcellos.

- 2 — ..... da sereníssima Caza de Bragança in solidum de donatario da Collegiada da villa de Barcellos que ao prezente he Diogo Mendonça Corte Real da cidade de Lisboa.
- 3 — Tem 226 fogos 120 pessoas de sacramento contando tambem os absentes, e menores naturaes della.
- 4 — Está a freguezia situada entre montes pelo nascente ao modo de fraga, e pelo poente, e Norte mais plana, e terá de comprimento hua legoa, e onde he plano se descobrem as freguezias seguintes: Couto de Capareiros, Mujaens, Alvaraens, Sam Romam de Neyva, Santa Marinha de Forjaens, Sam Thiago de Aldreu e outras mais, que se nam devizam bem, ao quinto nam tenho que dizer.
- 6 — Esta Paroquia está junta ao lugar de Ruam e tem a freguezia os lugares seguintes: Ruam, Guilhufe, Senra, Vinhal, Cazinhas, Sam Vicente, Redondinho, Goyva, Sáa, Mourinha, Roxio, Cobelo, Mamoá, Bouça, Quinta, Fejacos, Outeiro, Carvalhas, Penedo, Brea, Ponte, Gandra, Outeiro de Neyva, Barroza, Pennas, Cortinhas, Reyro e Costa.
- 7 — O Orago he Sam Pedro, tem cinco altares, a saber, o altar-mor onde está Sam Pedro, o da Senhora do Rosario, o da Senhora do Livramento, o de Santo Antonio, o das Almas; tem duas naves a Igreja, e somente tem duas irmandades, a saber a das Almas, e do Senhor.
- 8 — O Pároco he collado e a apresentaçam he in solidum da Serenis-sima Caza de Bragança.  
Aos 9, 10, 11 e 12 interrogatórios nada tenho que responder.
- 13 — Tem hua Ermida chamada de Sam Vicente e Sam Joam, que está contígua com o lugar de Sam Vicente e pertence a sua administração e frutos do mesmo lugar ao Abbade de Santa Maria de Abbade dizem que por doaçam dos Sereníssimos Senhores Reis deste Reyno, e por sua tençam se dizem na mesma algumas missas.
- 14 — Acode esta ermida gente em romaria em dia de Sam Joam, mas pouca.
- 15 — Os frutos desta terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia sam milho may, centeyo, feyjoens, milho alvo, painço e vinho verde que nam he mao.
- 16 — Tem Juiz que somente faz vezes de camera com seus elleitos e tambem.....  
Está sogeita a justiça da villa de Barcellos.
- 20 — Nam tem correyo, e se serve do da villa de Barcellos, que fica distante duas légoas, e chega em Domingo, e parte na sexta feira; e tambem se pode servir do da villa de Vianna, que fica na mesma distância, e chega e parte em os mesmos dias.

21 — Fica distante esta freguezia de Braga quatro legoas e meia, e da de Lisboa sessenta e três.

26 — Não houve ruina em o terramoto do anno de 1755.

E no que toca a respeito da serra, digo o seguinte:

- 1 — Ha hum monte pella parte do Nascente que se chama o monte de Sam Gonçalo em hua parte e dahi perde o nome e toma ordinariamente o nome das freguezias onde chega e que sam as seguintes: Tregoza, Dorraens, Quintiaens, Santa Lucrecia de Aguiar, Santa Maria de Abbade, e outras.
- 2 — Terá de comprido desde esta freguezia até Santa Maria de Abbade pouco mais de hua légoa.
- 4 — Nasce na mesma serra que cahe para esta freguezia hum rio que he pequeno e somente tem capacidade para moinhos e razões, o qual corre pela freguezia regando, e limando os campos dos moradores, e os faz amenos, e no fim da mesma freguezia se mete em o rio Neyva.
- 9 — Nesta serra nam ham mosteyros, nem igreja e somente houve uma capella de Sam Gonçalo em o alto della, que por isso lhe dá o nome, mas está hoje deserta, mayormente por estar sem a Imagem do Santo e arruinada sem telhado, as paredes caídas até o meyo.

Fragozo 17 de Abril de 1758

Ant.º João Rib.º

## Cossourado

(*Freguesia de S. Tiago do Cossourado — Barcelos*)

«Esta freguesia se chama no tempo presente Cossourado e antigamente se apelidava Courado, e fica quasi no meio da Província Dentre-douro e Minho; no Arcebisgado de Braga Primaz; Comarca, e termo da vila de Barcelos.

É terra do Dominio da Serenissima Casa de Bragança.

Terá cento e oitenta vizinhos ou fogos; seiscentas e cincoenta pessoas entre maiores e menores pouco mais ou menos.

Está situada em um vale começando nas faldas de um monte que a cobre da parte do nascente, e continuando o vale para o poente, norte e sul, lhe ficam confrontando e partindo as freguezias seguintes: da parte do sul a freguesia de S. Martinho de Aborim e a de S. Maria de Quintiães; do poente S. Lucrécia de Aguiar, e do norte a de S. Martinho de Balugães e a de S. Tiago de Poiares, que todas se avistam, e ficam immediatas; e entre norte e nascente, partem com esta de Cossourado as freguezias de S. Maria de Ardegão e de S. Martinho de Mondim

de Panque, e esta mais ao nascente; e se avistam e mais entre nascente e sul fica partindo a freguesia de S. Tiago do Couto, mas não se avista por impedimento dos montes que entremedeiam. Aquelas freguesias de Aborim, de Quintiães e de S. Lucrécia de Aguiar cercam outras montes que correm do sul para o poente e aqui deixam uma entreaberta por modo que para esta parte do poente desta freguesia se descobre distância de mais de duas léguas: a saber a freguesia de S. Lourenço de Dorrães e a de S. Maria de Carvoeiro, convento de frades Bentos, ambas em distância de meia légua; a freguesia de S. Pedro do Couto de Capareiros e de S. Maria de Fragoso, que distam uma légua; a freguesia de S. Miguel de Alvarães em distância de légua e meia; a freguesia de Vila de Punhe e de S. Romão de Neiva, convento dos frades Bentos em distância de duas léguas e alguns montes da freguesia de S. Tiago do Castelo de Neiva e alguma parte das areias do mar em distância de duas léguas e meia; e para norte se avistam mais a freguesia do Salvador de Navió em distância de meia légua, a de S. André de Vitorinho de Piães em distância de uma légua; e entre Norte e Nascente a freguesia de S. Julião de Freixo em distância de meia légua; e do mais alto dos montes desta freguesia se alcança com a vista muitas mais terras até ao Bom Jesus acima de Braga, a ribeira de Penela e outras até à distância de três ou quatro léguas.

Está esta freguesia, como disse, no termo de Barcelos, e pertence ao Julgado de Aguiar, que se rega pelas justiças de Barcelos onde há Juiz de Fora, ouvidor, e Juiz de Fora dos Órfãos, onde entra em sua jurisdição o Provedor da vila de Viana, e são aquelas justiças do domínio e provisão da Sereníssima Casa de Bragança, que hoje se acha unida à Casa Real; e julgam com alçada.

A Igreja Paroquial desta freguesia está situada dentro e bem no meio dela, que comprehende trinta e um lugares ou aldeias, a cujos moradores administra os sacramentos o Pároco, os quais lugares se chamam: Cadavosa com sete moradores, Navió com 15, Paço com 3, Bouças com 8, Forjão com 6, Grimancinhos com 16, Avelheira com 3, Quintela com 5, Barreiro com 4, Pedrosa com 3, Armel com 6, Folão com 3, Pouzada com 5, Pedreira com 5, Riade com 4, Poça com 2, Revorida com 3, Monte com 1, Souto, com 7, Portela com 3, Giestal com 14, Revolta com 4, Agrelo com 10, Gandra com 6, Levandeiras com 6, Carregal com 4, Eiró com 4, Macieira com 5, Corredoura com 3, Igreja com 6 moradores.

O Padroeiro e Orago dela é o Apóstolo S. Tiago Padroeiro das Espanhas; e é Igreja grande adornada com seis altares. No maior está colocado o Santíssimo Sacramento da Eucaristia com imagens ao lado; no do Evangelho estão duas imagens do Padroeiro S. Tiago Maior uma grande outra pequena, e no da Epístola a imagem de S. Bento e a de S. Francisco Xavier, e por cima no meio a imagem do Menino Jesus

muito linda; e tem sua tribuna, e retábulo dourado e estofado, e toda a Capela-Mor em este altar está pintada em quadros no tecto com as efiges dos Apóstolos e S. Luís Rei de França e no meio o quadro do Santíssimo Sacramento; tem dentro três lâmpadas, uma no meio de prata formosa e alumia continuamente diante do Sacrário que administra a confraria do Senhor; uma de S. Tiago e outra do subsino ou do Menino Jesus que ardem nas festas, e tem mais dois Anjos em vulto abaixo do altar dos lados com velas na mãos; e tem sua sacristia ao lado, e parte do Evangelho com um Santo Cristo no meio e vestuário dos ornatos dos Reitores com seu armário para os cálices, missais e livros, e seu lavatório. Esta Capela-Mor e sacristia administra o Comendador. Abaixo do Arco Cruzeiro a parte direita, e do Evangelho se segue o altar da Bela Cruz com a imagem do Senhor Crucificado grande, no meio, e aos lados as imagens de S. Luzia e de S. Quitéria. Da mesma parte se segue no princípio, e frente da nave o altar de Nossa Senhora do Rosário com uma imagem grande da mesma Senhora, e outra pequena, que chamam da Senhora dos Remédios; e logo em um arco da parede se segue o altar das Almas que tem no meio a imagem de S. Miguel Arcanjo em vulto, e aos lados as almas pintadas no Purgatório, em cujo altar está instituída uma antiga e grande Irmandade das Almas. Da parte da Epístola, immediato ao mesmo arco está o altar de S. Sebastião que tem no meio a imagem deste Glorioso Mártir, e ao lado direito S. Francisco de Assis e à esquerda S. António de Pádua. Logo se segue o altar do Senhor dos Passos metido em arco na parede com a imagem de Cristo com a Cruz às Costas muito perfeita; e todos estes seis altares estão dentro na Igreja.

Tem uma só nave da parte do Evangelho e da parte da Epístola está uma sacristia para a Fábrica das Irmandades com porta para dentro da Igreja; tem Coro, e torre de sinos em estas, e tocam três sinos, um grande da Irmandade das Almas, e dois pequenos da freguesia. Tem pia Baptismal e três de água benta de pedra, duas portas colaterais e a principal virada para o poente, e é feita toda a Igreja de cantaria ao antigo, e bem segura. Há nela quatro Irmandades ou Confrarias a saber: do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Subsino chamada vulgo, do Saco, e a das Almas; e somente esta é da jurisdição ordinária confirmada e autorizada pelos S.<sup>ores</sup> Prelados e as outras três são leigas. É visitada esta Igreja pelo Sr. Ordinário, ou por seus visitantes, à custa da Comenda.

O Pároco desta Igreja ao presente se chama Reitor e antigamente Abade, e é da Apresentação, e Colação Ordinária dos Senhores Arcebispos de Braga com alternativa com a Sé Apostólica. O Pároco presente é Luís da Costa Teixeira provido por Concurso Sinodal pelo dito S.<sup>or</sup> Ordinário. Tem de renda certa quarenta mil reis que se lhe pagam dos frutos da renda, e o pé de altar que renderá um ano por



outro sessenta mil reis, ao tudo cem mil reis pouco mais ou menos. A renda dos frutos se costuma arrendar livre para o Comendador por quatrocentos e tantos até quinhentos mil reis e o presente rendeiro a colhe por quinhentos mil reis além dos encargos que importarão em cem mil reis. Toda esta renda e frutos pertenciam aos Abades desta Igreja; e por tradição se diz, que vindo o primeiro Comendador a tomar posse, e introduzir-se nesta Comenda tiveram pendencia, e matara o Abade o dito Comendador em defeza do seu direito, e depois disto, para o tal Abade ceder a favor de outro, parente dos Viscondes de Ponte de Lima deu o mesmo Visconde outra freguesia do seu Padroado de maior renda ao mesmo Abade, e ficou esta em Comenda, cuja está de presente em o Conde de Vila Flor por mercê de El-Rei nosso Senhor, e havendo bula Apostólica para isso, será por motivo de militar nas conquistas de África contra os inimigos da Fé Católica, ou por outro fim espiritual, que contara a mesma bula, que me dizem honra condicional e temporal.

Não há beneficiados somente apresenta o Reitor um Cura, ou Coadjutor com a cõgrua de catorze mil reis pagos da Comenda.

Não há Conventos, Hospital nem Casa de Misericórdia.

Há no destrito desta freguesia cinco Capelas a saber: a de Nossa Senhora da Cadavosa, que foi antigamente Paroquial, Abadia com o título de Santa Maria da Cadavosa, e por tradição se conta que um Abade dela e outros dizem que um Ermitão no tempo da invasão dos Mouros fugira levando a imagem da Virgem Santíssima e que se ocultara nos montes de Bouro para as partes do Gerês onde falecera fazendo vida eremita, ficando a devotíssima Imagem naquelas bre-nhas, onde depois fora descoberta por disposição do Céu, e fazendo muitos milagres se lhe edificou um sumptuoso templo onde se venera com o título de Nossa Senhora da Abadia, e é uma das mais célebres romarias deste Reino, e são seus administradores os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro os quais são direitos Senhores de um prazo junto à mesma Capela, cuja terras eram passal dos Abades daquela Igreja de Santa Maria de Cadavosa, e dentro de uma tapada do tal prazo junto à capela estão os vestígios das casas da residência do dito Abade e os pessueiros do dito prazo são administradores da capela. Há mais a capela de Santa Ana junto ao lugar de Grimancinhos. A capela de S. Simão junto ao cruzeiro desta Igreja, a qual dizem se transferira para ali do alto do monte de S. Simão, onde antigamente estivera, e neste monte ficou uma cruz de pedra que o tempo destruiu ficando a aste e pedrestal sobre uns penedos, e há poucos anos se reformou outra cruz sobre outro penedo por trás daquela, o qual penedo dizem servia de firmar o altar do Santo e ali tem devoção os moradores desta freguesia com clamores pedir ao Santo o tempo de que necessitam, de chuva ou sol, e conseguem maravilhosos efeitos. Há mais

a capela de Nossa Senhora do Crasto sita em a Gandra do Crasto com a imagem da Senhora da Conceição. A Capela de Santa Marta no lugar do Giestal junto à quinta deste nome, e os possuidores da quinta se apropriaram desta capela; e todas estas capelas, ou ermidas tem imagens de vulto de suas invocações, e somente a de Santa Maria da Cadavosa a tem pintada em um quadro, e não lembra ao presente ouvesse outra de vulto, o que ajuda a confirmar e o afirma, refiro de levarem a imagem, por não ser ultrajada dos Mouros.

Em nenhuma delas há romaria de concurso grande.

Os frutos que nesta terra se recolhem em mais abundância, são milho, milho alvo, centeio e painço, vinho verde, feijão, e frutas suficientes.

É sujeita no temporal às justiças de Barcelos onde há Juiz de Fora, Ouvidor, e Juiz de Fora dos Órfãos e Camera, postos pela Casa de Bragança, e entra por Correição o Provedor de Viana; e no espi-ritual é sujeita às justiças Eclesiásticas de Braga.

Não tem couto, nem é cabeça de concelho.

Nesta freguesia foi nascido um João Barbosa Pereira filho de outro do mesmo nome, que chegando a ser alferes nas guerras passadas em uma batalha com os castelhanos defendeu a bandeira Real até lhe cortarem as mãos, e os braços, e não tendo já mãos pegou com os dentes para eterna memória da fidelidade Portuguesa, e neste tempo chegou um de cavalo dos nossos e lhe arrancou a Bandeira, e vendo ele que ficava nos nossos mostrou contentamento e lhe tiraram a vida. De presente serve a El-Rei o capitão de Inf.<sup>a</sup> Francisco de Sousa Caldas natural desta freguesia, que tendo andado no serviço Real mais de cincoenta anos bem mostrou o gosto com que deseja servir tão grande Monarca, fazendo que cinco filhos seus apresentassem praça voluntariamente no Serviço Real, que actualmente estão servindo.

Não há aqui feira alguma.

O correio de que se serve esta freguesia é o da vila de Barcelos que dista daqui duas léguas o qual sai na sexta feira para o Porto e se recolhe no Domingo de cada semana, para a dita vila.

Esta freguesia fica em distância de três para quatro léguas da cidade de Braga Capital do Arcebispado; e da de Lisboa Capital do Reino sessenta léguas; e fica entre quatro povoados a saber: Braga ao nascente, Viana ao poente, Ponte de Lima ao norte, todos em distância de três léguas pouco mais ou menos, e Barcelos ao sul em distância de duas léguas.

Não tem privilégios.

Tem muitas fontes de boa e fresca água, e não sei que em alguma haja virtude particular, nem haja outra coisa digna de memória. Nem padeceu ruina em o terremoto passado do ano de 1755 em o dia primeiro de Novembro, somente o terremoto que assombrou os corações humanos.

*Montes*— Da parte do nascente para o sul corre um monte que encobre a maior parte desta freguesia e em cada outeiro tem seu apelido. O primeiro se chama Monte de S. Simão e por traz dele Togado. O segundo Penas Juntas. O terceiro Monte Pedroso. O quarto Salgueiros; e do sul vai continuando para poente cercado quatro freguesias que ficam nos baixos que são S. Martinho de Aborim, Santa Maria de Quintiães, Santa Lucrecia de Aguiar e S. Lourenço de Dorraris, além desta de S. Tiago de Cossourado e de Dorraris desce em direitura para a parte do mar todo em comprimento de mais de duas léguas, e no destrito desta freguesia não chega a meia légua de comprido, e um quarto de largo. Não tem coisa memorável somente que em alguns sítios deste monte apareceram uns minerais de que se tirou alguma prata em tempos antigos, e sendo provado o seu descobrimento por algumas vezes se achou dar pouco lucro por sair em pedreiras muito duras unida com as mesmas pedras; e nessas mesmas minas se descobria outro material que parecia antimónio. São os montes de temperamento frio, e seco, mas não tão frio que pouse neles neve, que permaneça tempo; e por isso são pouco abundantes de pastos para criações de gados: o mais que produzem são urgueiras, carrascas e alguns estromos; e em partes mais baixas estão povoados de carvalhos plantados. Dá caça de perdizes e coelhos e no inverno andam neles uns pássaros grandes a que comunmente chamam Águia, e me parece são espécie de gaviões grandes, de que se acham penas muito compridas e grossas, e são dificultosas de matar e o seu corpo é como de pirús. Na volta do Outeiro de S. Simão de divisam a modo de valeões, e pedras bolidas e demolidas o que alguns atribuem a fortificação dos Mouros, e por uma parte tem o vestígio de brecha, que chamam a Cova da Serpe.

*Rio* — Corre por dentro desta freguesia ao lado do norte um rio de mediana grandeza chamado Neiva, o qual tem a sua origem e nascimento em umas fontelas dos montes e limites da freguesia de Godinhaços, donde nasce e desce para os limites da freguesia das Duas Igrejas onde se lhe junta outro braço que nasce em um lugar desta freguesia; e mais abaixo na freguesia de Santa Marinha de Anais se lhe mete outro regato que vem da freguesia de Rio Mau, e correndo em espaço de duas léguas entra nesta e na parte que o mesmo rio aparte os limites com a de São Martinho de Balugães, entra nele um bom regato que se chama Navoinho que se compõe de dois braços: Um que tem nascimento nos montes da freguesia de Fojo Loyal, e outro na freguesia de Friastelas daqui distante uma légua e se juntam onde chamam Linhares sttio desta freguesia por traz do lugar de Navió donde me parece ele vem a êste no lugar do nome Navoinho, ou de outra freguesia acima meia légua por onde passa um destes braços que também se chama Navió, ou como dizem outros Naviozinho. Mais abaixo nos limites

desta freguesia de Cossourado da parte do sul entra nele outro regato pequeno chamado Piém que desce e tem princípio nos montes daqui e em alguns arroyos das terras e passado o limite desta freguesia vai correndo por entre freguesias entrando por entre a de Santa Lucrécia de Aguiar e a de Carvoeiro e as mais que se segue e sem pagar vassalagem, mas recebendo-a de vários regatos entra no mar em distância daqui de três léguas entre a freguesia do Castelo do Neiva e a de S. Paio Dantas.

Este rio Neiva não é navegável por ser pequeno e ter muitos açudes.

É de curso quieto.

Corre de nascente a poente.

Cria bastantes peixes que são trutas, vogas, escalos, enguias, e sucedem anos, em que se pescam nele lampreias, e tem pescarias dela lá perto do mar onde também se pescam algumas tainhas as quais pescarias são, me dizem, da Casa dos Cunhas de Belinho e do abade do Castelo do Neiva e em todo o mais destrito é público para pescar.

Quasi todas as suas margens são terras de cultura de pão e vinho e ao longo e bordos deste rio há muitos amieiros, salgueiros e arvoredos silvestres.

Não me consta que suas águas tenham virtude especial; somente me informam que nele entre suas areias apareceram alguns grãos de prata.

Sempre teve e conserva o nome de Neiva em todo ele, somente em alguma parte o apelidam com o nome da terra, ou freguesia por onde passa, principalmente mais perto do seu nascimento.

Já disse que este rio morre no mar, e entra nele por entre a freguesia de S. Tiago do Castelo do Neiva e a de S. Paio Dantas e é de advertir que esta freguesia de S. Paio nos primeiros tempos tinha orago Santa Maria, cuja matriz era em uma capela que existe junto ao Neiva partindo com o Castelo de Neiva, onde é venerada a Virgem Santíssima em dois de Fevereiro; e com isto talvez se satisfará a dúvida que alguns põem: Se o antigo Castelo de Neiva esteve situado na freguesia de Santa Maria de Neiva, ou na de S. Tiago do Castelo de Neiva. O certo é que o monte, que se chama do Castelo de Neiva existe nos limites da freguesia de S. Tiago do Castelo.

Tem este rio muitas represas e açudes para levantar as águas, para quasi inumeráveis moinhos, lagares de azeite, azenhas e pizões que em si tem; porém são poucas as levadas livres, que dele saem para a cultura e rega dos campos. Nesta freguesia no lugar da Cadavosa saiem duas levadas para regar os campos que os lavradores alugam aos moleiros dali cada uma por meio alqueire de milho por dia, e somente no tempo de inverno se limam algumas terras mais próximas por estas levadas, por serem muitas as águas que abundam, para os moinhos, e lameiros das terras.

Há neste rio pontes de cantaria, como são a ponte de Goães, a ponte de Anhel, a primeira na freguesia de S. Pedro de Goães e esta na freguesia de S. Mamede de Sandiães no sítio que parte com a de Alheira em estradas públicas que vão para Braga; a ponte das Tábuas, que é de pedra, no sítio onde esta freguesia de Cossourado limita com a de Santa Lucrécia de Aguiar, em estrada que vem de Ponte de Lima para Barcelos; a ponte de Fragoso. A ponte do Castelo em estrada pública de Viana para Barcelos e para o Porto no sítio que a freguesia do Castelo de Neiva limita com a de S. Paio de Antas. Tem mais outras pontes pequenas e toscas, umas de padieira de pedra, e outras de pau; como são, uma na freguesia de Arcozelo, outra em Vilar das Almas todas de padieiras. Uma de pau, passagem de pé para moinhos Lousado freguesia de Panque, outra mais abaixo de padieiras, outra mais abaixo com traves de pau, passagem dos fregueses de Mondim para a sua Igreja de Panque, e mais abaixo na mesma freguesia de Mondim outra de padieiras, que é particular para passar carros para uns campos. Abaixo já nesta minha freguesia tem a ponte da Aveleira de pedra, a ponte de Bouças de trave de pau, a ponte da Cadavosa de pedra; e para baixo desta freguesia tem de Carvoeiro para Durrães duas pontes de pedra, e do Couto de Capareiros, para Fragoso outra de padieiras de pedra.

No regato Navoinho antes de entrar no Neiva, no lugar de Navió desta freguesia onde o atravessa a estrada que vem de Viana para Braga está uma ponte de cantaria chamada a ponte da Caridade de um só arco (1).

Este rio Neiva é público.

E desde o seu nascimento até morrer no mar vai distância de cinco léguas. Corre de Godinhaços para as Duas Igrejas, dali para Goães, daí para Rio Mau, daí para Santa Marinha, daí para Vilar das Almas, daí para Sandiães, daí para Mondim de Panque, daí para Ardegão, daí a esta de Cossourado, daí a S. Lucrécia de Aguiar, daí a Carvoeiro dividindo a de Durrães, daí ao Couto de Capareiros dividindo a de Tregosa e Fragoso, como dirão os Párocos mais próximos. É o que me consta, e não sei mais particulares que possa informar.

Cossourado, 25 de Maio de 1758.

Reitor: Luís da Costa Teixeira  
Abade: Domingos Vaz  
Vigário: João Barbosa Machado

*(Transcrição feita pelo Snr. Joaquim Neiva de Oliveira Maciel)*

---

(1) Esta ponte da Caridade tem efectivamente 2 arcos e não um só.

## Quintiães

(Freguesia do Concelho de Barcelos)

### RELLAÇAM DAS NOTICIAS DESTA FREGUEZIA DE QUINTIANS

Satizfazendo aos interrogatórios do munto Reverendo Senhor Doutor Provisor do Arcebispado Primaz sobre as noticias que desta Freguezia poso rellatar são as seguintes:

Esta Freguezia de Santa Maria de Quintians he da província do minho e he da comarca e Arcebispado da Cidade de Braga e do termo da villa de Barcellos. Tem cento e quatro vezinhos pesoas maiores e menores trezentas e vinte. A igreja matris desta freguezia está situada dentro dos lemites desta freguezia em hum valle proxeme ao monte que fica da parte do poente e a igreja fica no lugar chamado do assento da parte do nascente. Tem mais esta Freguezia dezoito lugares a saber o lugar de Pouzada, e o lugar da Gandra, o de moinho Vedro, o da Cachada de Sovem a Maral, Rodo, Codesoza, Silveiros, Fate, Outeiro, Reborido, Monte, Cabana, Souto, Collaço, Carreira Cova, Meiravedra, Name, Maceiro, Agrella digo que são por todos vinte e dois lugares. A padroeira desta Igreja he nosa Senhora do Ó, tem esta igreja seis Altares a saber o altar mor em que esta o Santíssimo Sacramento e a padroeira nossa Senhora do Ó, tem mais outros altares colatrais hum que he do Santo Cristo, outro de nossa Senhora do Resario, outro do Santo nome e Sam Francisco, outro do Salvador, outro das almas. Tem esta igreja duas naves; e tres hirmandades huma das almas, outra de nosa Senhora do Rezario, outra da Ordem Terceira de Sam Francisco. Esta Igreja antigamente foi Reitoria hoje he Vigairaria adnutum apresentacam de Dom Abbade do convento de Carvoeiro da ordem de Sam Bento.

Rendera esta igreja hum anno por outro de frutos certos e incertos cem mil reis. Tem esta Freguezia cinco capellas a saber huma de Sam Sebastiam situa em huma agra desta Freguezia, outra de nosa Senhora dajuda citua na quinta da Cavana que he ademenistrador della Joam Felix Machado, outra de Sam Frutoozo citua no lugar de Fate, outra de Santa Marinha situa no monte, outra de Santo Tomaz situa na Quinta de Faria que he ademenistrador della Francisco Pereira de Abreu a capela de Sam Frituoso pertence a fabrica della aos moradores desta Freguezia por dovocam, a de Sam Sebastiam e de Santa Marinha tem sua Fabrica, vem de Romage com clamor dia de Saom Sebastiam amesma capella a Freguezia de Santa Lucrecia de Aguiar e também esta Freguezia tem a mesma obrigaçam em dezaseis de Abril dia de Sam Frituoso vem com procicam a mesma capella a Freguesia

de Santa Lucrecia de Aguiar e Sam Martinho de Aborim e esta Freguesia em dezoito de Julho dia de Santa Marinha vem a esta capela com prociçaen a Freguezia de Santa Lucrecia de Aguiar e Freguezia de Santiago de Cosourado e de Sam Martinho de Aborim, e a de Sam Pedro Fins de Tamel, e Sam Thiago de Carapeços. Confina esta Freguesia pella parte do norte com Santa Lucrecia de Aguiar, e do sul com Sam Martinho de Aborim, e do nascente com Santhiago de Cosourado, e do poente com Sam Pedro de Fragoso, os frutos que ha nesta freguezia com mais abundancia he milham e algum centeio e pouco milho alvo e painço e algun esta Freguezia he sogeita ao governo da villa de Barcellos e serve-se do correio da mesma villa que chega a ella em todos os Domingos de tarde e parte em todas as Sestas Feiras de manham, dista desta Freguesia a duas legoas, dista esta Freguezia da Cidade Capital do Arcebisnado de Braga coatro legoas e da cidade de Lisboa capital do Reino sesenta legoas. Confina esta Freguezia pella parte do poente com hum monte que este toma o nome das Freguesias com quem confina pello nam ser proprio este tem o seu prencipio na freguesia de Tregosa vezinha do Rio neiva e corre do norte a sul com duas legoas de comprido e finda na Freguezia de Vilar do Monte e Villa Cova e tem de largo meia legoa deste monte nace hum braço que vai findar ao Prado junto a ponte danhel do Rio neiva que tem de comprido huma legoa, este corre para a parte donascente. No monte desta Freguesia chamado Friofo nase hum Ribeiro com bastante agoa com a coal moi alguns moinhos de cubo todo ano elima crega a maior parte das propriedades desta Freguezia e este ribeiro ajuntase com outro ribeiro na Freguezia de Santa Lucrecia de Aguiar o coal vem da Freguezia deaborim e pasa por esta Freguezia e acaba no Rio neiva na Freguezia de Santa Lucrecia de Aguiar coal quer destes Ribeiros tem meia legoa de comprido, este monte he abundante de agoas como tambem toda a Freguezia e tem varias fontes e tambem tem bastante caça de coelhos e lebres e perdizes he o que poso rellatar do que ha nesta Freguezia digno de memoria que comprehendido sejamos interrogatórios e por verdade mandei fazer ésta rellaçam que abaixo assigno com o Reverendo Domingos Vaz abbade de Santa Lucrecia de Aguiar e Reverendo Joam Barvoza Vigário de Sam Martinho de Aborim aqui assinaram commigo hoje ... de Abril de 1758.

Miguel da Silva Coutinho  
Domingos Vaz, Abb. de S. Lucrecia de Aguiar  
O Vigario, João Barbosa Machado

*(Transcrição feita pelo Snr. Joaquim Neiva de Oliveira Maciel)*

## Carvoeiro

(Viana do Castelo)

Esta freguesia de Santa Maria de Carvoeiro, está situada no termo da vila de Barcelos, Arcebispado de Braga; duas léguas distante da dita vila para a parte do Norte, nas raízes de um monte chamado Caramona, o qual fica ao nascente, e dela pega outra terra chamada Padela que vai correndo pela parte do norte, e descendo de alguma sorte para o poente. No alto do dito monte Caramona, houve algum dia uma cidade chamada do mesmo nome Caramona. Destas duas terras se descobre o mar de Viana até perto da vila de Esposende. No alto da serra da Padela, descendo para a parte do norte, está um lugar de quinze moradores chamado a Vacaria o qual pertence a esta freguesia, que fica distante da Matriz meia légua. Nesta serra acodem muitas águias Reais. Nela nascem algumas águas em diversas partes sem especialidade alguma, de que se forma um pequeno ribeiro chamado da Fraga com cuja água se rega a maior parte desta freguesia, e se vai meter no Rio Neiva, o qual Rio divide esta freguesia pela parte do sul da freguesia de S. Lourenço de Dorraens e da de S. Lucrécia de Aguiar. Este Rio é pequeno, tem algumas Azenhas e na confrontação desta freguesia não tem ponte de passagem Romana, mais do que duas de que se servem os moradores da terra. Parte esta freguesia da parte do Nascente com a freguesia de Balugães e com a de Poiares; e da parte do Norte com a de S. Leocádia de Geraz do Lima; e da parte do poente com a de Portela Susã e com a do Couto de Capareiros. É freguesia pobre. Consta de 150 fogos e de 434 pessoas de Sacramento. De Norte ao Sul tem perto de uma légua e de nascente a poente perto de meia légua. A matriz desta freguesia é o Mosteiro dos Monges de S. Bento. É vigairia trienal e é pároco dela o prior do mesmo Mosteiro, que apresenta o p. Dom Abade do mesmo Mosteiro. Cuja Igreja tem cinco altares: e não há nesta freguesia fonte alguma de especialidade em virtude, nem cousa memoravel. Tem três capelas: uma de S. Amaro junto ao Mosteiro nas raízes do monte Caramona, outra no alto da serra da Padela com invocação de S. Justa, outra de S. Ana no meio da freguesia, a qual de presente se acha arruinada. A freguesia é Couto do mesmo Mosteiro, de que é Senhor Donatário o D. Abade do mesmo Mosteiro, em que conhece do Cível fazendo audiências a que vem assistir um Escrivão da Vila de Barcelos por distribuição; e não há cousa alguma mais de especialidade de que se faça menção. Carvoeiro, 25 de Maio de 1758.

Fr. Fran.<sup>co</sup> Xavier de S. B.<sup>to</sup> prior e vigario desta freguesia  
Custódio Gomes Frr.<sup>a</sup>  
Gaspar de Sousa de Menezes





Azenhas de Real, Carvoeiro



## Couto de Capareiros

(Viana do Castelo)

Em cumprimento de uma ordem do Il.<sup>mo</sup> D.<sup>or</sup> Provisor deste Arcebispado Primaz de Braga a qual me foi entregue hoje 2 de Maio deste presente ano de 1758 sobre vários interrogatórios impreços para responder a estes sobre as cousas que nesta freguesia de S. Pedro do Couto de Capareiros se pretendem saber e principiando pelo 1.<sup>o</sup> interrogatório:

- 1 — Digo: Que esta freguesia de S. Pedro do Couto de Capareiros está na Província de Entre Douro e Minho. É do Arcebispado de Braga Primaz das Espanhas. É comarca de Braga. É termo de si mesma, por ser Couto e concelho com justiça, como em seu lugar se dirá mais largamente.
- 2 — Está esta freguesia e couto sugeito a Mitra de Braga assim no espirital, como no temporal, por ser um dos Coutos da mesma Mitra.
- 3 — Tem esta freguesia ao presente vizinhos ou fogos 208: As pessoas que os occupam são 811; porém deste número andavão ausentes por varias partes do reino, e suas conquistas cem pessoas.
- 4 — Está esta freguesia situada em uma espaçosa distância que consta de Agras lavradias e de Gandras montias e vasdias; e tambem alguns lugares ficam mais levantados em a falda de um monte que lhe fica para a parte do Norte cujo nome do monte se dirá em seu lugar. Não se descobre desta freguesia povoações algumas.
- 5 — É termo seu, como fica dito no n.<sup>o</sup> 1. Compreende a jurisdição espirital desta freguesia e Igreja 28 lugares, ou aldeias, cujos nomes são os seguintes: Pedreira — Vargia — Souto — Bravio — Feymento — Pedra do Curro — Macinos — Fonte — Paço — Castelo do Neiva — Entrevinhas — Boticas — Lombo — Barrozelas — Feira — Forno — Ladeiro — Sião — Reis Magos — Largateira — Vila Nova — Outeiro — Fiopes — Neves — Alvas — Igreja — Furoca.  
Os vizinhos que tem vão no n.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup>.
- 6 — A Igreja Paroquial está no meio dos sobreditos lugares.
- 7 — O seu orago é S. Pedro Apóstolo: tem quatro altares o 1.<sup>o</sup> da capela Maior está nele colocado o Tabernáculo do Santíssimo Sacramento. O 2.<sup>o</sup> é de S. André Apostolo e S. Rita. O 3.<sup>o</sup> é de S. Antonio e S. Quitéria. O 4.<sup>o</sup> de Nossa Senhora do Rosário. Tem esta Igreja duas naves. Tem três Irmandades. A 1.<sup>a</sup> do

- Sant.<sup>mo</sup> Sacramento. A 2.<sup>a</sup> de Nossa Senhora do Rosário e a 3.<sup>a</sup> das Almas, cujo Protector é S. André Apóstolo.
- 8 — O Pároco deste Igreja é Abade. É apresentação *in solidum* da mesa e Câmara Arcebispal da Mitra de Braga. Terá de renda, um ano por outro em frutos, certos e incertos 400 mil reis, o Abade.
- 9 a 12 — Nada.
- 13 — No limite desta freguesia há 8 ermidas ou capelas. A de Nossa Senhora da Guia. A de S. Sebastião. A de Nossa Senhora da Luz. A de S. Miguel Arcanjo. A do Senhor da Agonia. A da Senhora da Conceição. A do Espírito Santo e a de S. Caetano e só a de S. Sebastião e a do Espírito Santo são do povo desta freguesia — as mais tem padroeiros particulares a quem pertencem e tem obrig.<sup>am</sup> de as fabricar.
- 14 — A capela de N. Snr.<sup>a</sup> da Guia vem romagem em dia de Reis a 6 de Janeiro — e também a de S. Sebastião no seu dia — e tambem a do Espírito Santo no seu dia.
- 15 — Os frutos da terra em maior abundância são pam, vinho e senteo, trigo pouco, bastante azeyte e feyjam e fruta de toda a casta, que produz a província.
- 17 — É couto e concelho esta freguesia como fica dito, e na jurisdição temporal dele comprehende dois lugares, um na freguesia de S. Maria de Mujaens a que chamam Mamoa e o outro na freguesia de Tragoza a que chamam o lugar da Ponte.
- 18 — Não consta de couza notavel.
- 19 — Tem todas as quartas feiras do ano no Campo e Lugar de Barrozelas feira de gados grossos e de varios comestiveis, e mercadorias, e é Franca.
- 20 — Correio de Braga.
- 21 — A cidade de Braga aonde esta freguesia é sujeita dista em quatro léguas e meia e a de Lisboa sessenta e duas.
- 22 — Gosa este Couto dos privilégios eclesiásticos por razão deles sujeito à Mitra de Braga, por cujos Meirinhos são julgados as suas causas, e os presos e delinquentes que vão deste Couto para Braga, vão para o Aljube dos eclesiásticos, e não para o cárcere dos seculares da jurisdição do Ouvidor, ou Juiz de Fora da mesma cidade e não pode neste Couto justiça de outro Snr. fazer operações sem consentimento dos Ex.<sup>mos</sup> Snr.<sup>s</sup> Arcebispos de Braga dando primeiro vista ao seu Proc.<sup>or</sup> Geral, para saber se ofende ou não a jurisdição do mesmo Couto e Mitra.

- 23 — Há no coração e meio deste Couto uma lagoa chamada de Medros, que cria sanguessugas que de muitas partes se vem procurar para os doentes que delas necessitam.
- 24 e 25 — Nada.
- 26 — Não padeceu ruina esta freguesia no terramoto de 1755.

#### AO 2.º INTERROGATÓRIO SE RESPONDE:

- 1 — Fica esta freguesia ao pé de uma serra e monte chamado da Padela, bem nomeado dos caçadores pela abundância de perdizes e coelhos que nele há; cujo monte não é muito extenso e terá de comprido meia légua e outro tanto de largo; e fica para a parte do Norte sobre esta freguesia e a de Carvoeiro que está para a parte do Nascente.
- 2 — Está respondido n.º 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 nada.
- 9 — Tem o dito monte no distrito da freguesia de Carvoeiro uma Ermida e com a invocação de S. Justa.
- 10 — O seu temperamento é saudável e tem bastante água.
- 11, 12 e 13 — Nada.

#### AO 3.º INTERROGATÓRIO SE RESPONDE:

- 1 — Passa por esta freguesia o Rio Neiva, o qual nasce e principia na freguesia de Godinhaços do termo de Barcelos e no destrito desta freguesia e nas circunvizinhas não tem nada de caudaloso, mas sim corre sereno e manso.
- 2 — E todo o ano corre.
- 3 — No sítio desta freguesia e circunvizinhas não entra nele outro rio.
- 4 — Daqui até ao mar não é navegavel, nem capaz de embarcações, por ser limitado nas suas águas.
- 5 — No processo da sua corrente é em outras partes fora deste distrito bastantemente arrebatado por correr por despenhadeiros fragosos.
- 6 — Corre o dito Rio Neiva de nascente a poente.
- 7 — Cria peixes em abundância que são truytas, escalos, bogas, pan-chocas, e lampreas no seu tempo.
- 10 — As suas margens se cultivam e são bastantemente fertéis.
- 11 — Em alguns sitios deste Rio se tomam banhos no tempo do verão.

- 12 — Não me consta que tenha ou tivesse em outro tempo diverso nome do de Neyva.
- 13 — Vai fenecer ao Mar e nele entra na freguesia do Castelo do Neyva.
- 20 — Não me consta de mais cousa alguma notável a. q. não tenha respondido pela ordem dos interrogatórios.

Gaspar de Sousa de Menezes Ab.<sup>e</sup> de Sam Pedro do Couto de  
Capareiros aos 24 dias do mês de Mayo de 1758  
Abbade João Alvares  
Vigário Manoel Roiz Frz

*Padre António Francisco Ribeiro*

- *Godinhaços, berço do Neiva*







**P.e ANTÓNIO FRANCISCO RIBEIRO**

Nasceu em 14 de Abril de 1941

Lugar de Silvares — Guimarães



## Godinhaços berço do Neiva

---

Ninguém dirá. Só vendo. Antes de ver é altura da fantasia, criada pela imaginação, que qualquer um é capaz de fazer para iludir a ânsia do conhecimento e atraí-lo a grandeza da realidade. Depois de ver, acabam-se as imaginações criadoras, para descobrir a maneira de apresentar a verdade que os encantos da natureza nos oferece.

Doutro modo, tudo passaria indiferente a um indivíduo, como eu, desinteressado de tudo que seja poético, sem qualquer paixão pelas musas e com desprezo até pela curiosidade dos pormenores que a natureza tem.

Não tenho culpa de me rir dos poetas que dizem descobrir maravilhas que eu não sou capaz de ver, ou dos amantes e apaixonados pelo que é belo e pitoresco. Não me interessa o contraste dos altos montes florestados ou escarpados com as planícies dos vales; o serpentejar dum ribeirito com um caudal de um rio ou a imensidade de um oceano. Nada me interessa senão o ar puro e os horizontes das montanhas e a frescura das águas no ressequido do Verão.

Quando, pela primeira vez, subi o monte do Oural, levava uma ânsia curiosa de ver onde nasce o rio Neiva. Não foi difícil.

Depois de atravessar muitos regos de água, que cobrem todo o monte, sem me despertar qualquer atenção, e, já no planalto, após noventa minutos de escalada, muito pertinho do peão do Talefo, depáramos com um terreno pantanoso que vertia água.

O meu companheiro de viagem, que conhecia muito bem a serra, olha para mim e diz:

— Este é o primeiro olheiro do rio.

Simplemente gostei de ver, porque tudo foi absorvido pela beleza paisagística que o local oferece.

Com o tempo e as circunstâncias, tudo mudou um pouco.

Já a viver, em cumprimento da minha missão, na freguesia de Godinhaços, concelho de Vila Verde, distante desta dez quilómetros, mesmo encostadinha ao Oural, um amigo meu, com cinismo, ia-me dizendo:

— Godinhaços não está no mapa...

Procurei de repente uma resposta, e, recordando-me dos bancos da escola, veio-me à mente o rio Neiva e lembrei-me que era um rio adulto, de juízo e até de muito respeito para entrar directamente no mar como o Tejo ou o Amazonas. Lançando mão a uma agenda com o mapa de Portugal, pude dizer a esse meu amigo onde nasce o rio Neiva e, por conseguinte, onde se situa, exactamente, no mapa a aldeia de Godinhaços com o seu folclore e tudo, no orgulhoso sopé do Oural.

Com certeza, depois que o rio Neiva me salvou de uma humilhação, deste modo bem merecia que o olhasse com mais simpatia, curiosidade e interesse, pois que motivos de beleza e pormenores não lhe faltam.

Muitas vezes, voltei a subir o monte, atravessando o rio nas suas nascentes e sempre deparava com coisas novas que a Natureza ia dando, pouco a pouco, até ser obrigado a render-me e exclamar:

— Quem me dera ser poeta e apaixonado para contar e cantar como isto é lindo e encantador!...

## O RIO NEIVA NASCE NO OURAL

Das entranhas do monte Oural sai um dos mais poéticos e pitorescos rios do nosso Continente.

Uma área demarcada, a começar no alto da serra e a ramificar-se por uma extensão imensurável, apresenta terrenos pantanosos, verdadeiros prados frescos e limados, frequentes lameiros até com juncos, jardins bem regados e mais lindos que os mais cuidados da cidade. Tudo isto é sintomático da presença de um lençol de água que emprenha todo o monte que dá origem ao rio Neiva.

Desde a primeira nascente, o rio delinca o seu curso e marca bem a sua passagem.

Por isso mesmo, não é difícil encontrar a sua primeira e principal nascente.

Basta seguir o rio. É o que se faz, normalmente, para encontrar, sem que haja necessidade de alguém que nos guie (senão o rio). Foi assim que fizemos em verdadeiro «cross» aventureiro em plena Primavera.

Já no meio do monte, encontrámo-lo no seu curso bem definido. Subimos pelas suas margens, saltando muros, calcando, continuamente, vertentes do rio que a terra espremia generosamente, atravessando frequentemente regos que ora levavam ao rio, ora, como levadas do rio, mimoseavam a terra. Por entre flores, se vai subindo contra a corrente da água, crescendo cada vez mais a ânsia de encontrar o local onde nasce e começa a ter vida o rio Neiva.

É uma rocha vertical, rodeada de flores liláceas donde brotam, muito mansinho, duas fontes.

É ali, talvez a cem metros do marco Geodésico, colocado no ponto mais alto da montanha, mais precisamente no sítio chamado *Domeno*, que a água cai levemente, muito pertinho do chão, sem presas nenhuma, encharcando até um pouco, como quem, pela primeira vez, vê o sol e pára para saber onde está e para onde quer ir, preparando assim a sua longa caminhada até ao mar.

Pode não valer muito este local ou até passar despercebido a qualquer um que desinteressado passa por ali; mas quem o procura não o desilude, mas satisfaz a expectativa em pleno.

Chegados lá, há vontade de beijar essa água. Foi o que fiz. Levei umas gotas aos lábios; bebi até um pouquinho — era simplesmente boa e agradável, leve, não muito fria e pura. Por mais paradoxal que pareça, quando senti essa água nos lábios pareceu-me beijar toda a água benfazeja do Neiva, ora fazendo andar moinhos ou girando azenhas, ora regando e fertilizando as terras até entrar alegre, mas cansado no seio do oceano.

Dali para baixo, onde quer se encontra um olheiro, como diz o povo, a verter água. Nas codeceiras, a trezentos metros da nascente, já custa atravessar para a outra margem, sobretudo em certas épocas do ano, sendo ainda de pouca correria a sua descida pelo monte, parecendo mesmo admirar a paisagem ou a saudar e cumprimentar as vertentes que de ambas as margens se vêm juntar ao caudal.

Quatrocentos metros mais abaixo no Amedo o rio já sabe o que quer e desce galhardo e destemido, por vezes batendo com fúria nas pedras do seu caminho e corre, velozmente, para uns duzentos metros mais abaixo a acalmar e sossegar para, um pouco antes do Poço das Dornas, dar um abraço a um afluente rendoso que desce dos lados do monte se S. Miguel-o-Anjo. Ainda por ali, onde já há trutas e enguias, se vêm juntar outras vertentes mais ou menos caudalosas que descem doutros lados do Oural.

Quando chega à ponte de Real, ainda em Godinhaços, a primeira bem architectada e solidamente bem construída, já o rio é bem caracterizado e adulto que caminha destemido para a foz.

## UTILIZAÇÃO NAS NASCENTES

Só por falta de mão-de-obra, que também aqui se nota muito, é que se entende que muitos terrenos das margens do Neiva, mesmo em pleno monte, se não trabalhem, pois que, outrora, foram cultivados com grande lucro, como testemunham muitas pessoas hoje, mercê da acessibilidade do rio às terras. Mesmo assim, ainda se cultivam muitas

com interesse das populações, mesmo distantes, que encontram naqueles terrenos, mimoseados pelo rio, um fulcro de produção cerealífera e de bons pastos para o gado.

Nas Salgueiras aparece a primeira grande levada do rio com um desvio bastante acentuado de água que vai regar a grande distância muitas dezenas de hectares de terra. No percurso desta levada, vários moinhos em ruína se encontram e um ainda em bom funcionamento.

Até à ponte de Real outras levadas de grande percurso e de muita utilidade se encontram e mais três moinhos que abastecem de farinha toda a freguesia de Godinhaços. Interessante será ainda salientar a existência e utilização de uma serra de madeira movimentada pela água do rio. Todas as terras desta aldeia, bem grande na sua extensão, são regadas pelas águas, que do Oural descem bonançosas e, sem qualquer exigência, procuram o rio, fertilizando as terras que os lavradores labutam à procura de pão.

## BELEZA E PAISAGEM

Os encantos apresentados pelo monte nas nascentes do rio são, simplesmente, um sonho.

Senão, tenhamos a coragem de, em dia de sol, subir até ao peão do Talefo, como lhe chamam, ou marco Geodésico, e veremos perder-se as vistas, estendidas em todas as coordenadas sobre os longos horizontes que apetece ajoelhar perante tamanha grandeza na simplicidade da criação.

Tudo se esquece por mais agudos que sejam os problemas pois que a beleza paisagística encarrega-se de absorver tudo na sua atenção.

Subir as ladeiras da serra das quais brota generosamente o rio Neiva é esquecer tudo para ser absorvido totalmente pelo empório magnífico que a paisagem variada, ampla e florida, nos dá.

Que contraste enorme para quem vem habituado ao barulho estúpido provocado por mil coisas diversas da cidade e o sossego e calma do alto daquele monte que não tem senão o chilrear dos passarinhos que saltitam, de giesta em giesta, ou a voz despreocupada e melodiosa de algum pastor que por ali guarda os seus rebanhos; entre os arranha-céus erguidos nas cidades e a simplicidade das flores das urzes que cobrem com fidalguia o monte; o ar corrompido dos aglomerados e ar fresco e puro que, ali pertinho das nascentes do Neiva, se respira; a atenção continuada que se tem de ter na cidade e a despreocupação agradável que se sente naquelas paragens; o orgulho pretensioso dos homens de negócios ou dos técnicos que se cruzam em massas nos grandes centros populacionais e a pequenez daquele que lá em cima na serra contempla o que não é capaz de fazer nem imaginar, mas se deixa sim-

plesmente atrair; a atracção das montras interesseiras reduzidas a meia dúzia de mostruários que depressa cansam quem os olha ou ar vicioso das salas cinematográficas e o espectáculo gratuito, puro, convincente, grandioso e simples, belo e variado, agradável à vista, ao gosto e à sensibilidade que o monte que espreme o Neiva oferece a quem passa por ali.

Caminhar pelas vertentes do Neiva na época da propaganda turística do Abril em Portugal é tentar a razão dos que afirmam que Portugal é o país das flores.

É verdade que serra do Oural e rio Neiva há só um e como tal é ímpar também a festa que a Natureza lhes faz.

Se fosse dado a alguém conhecer somente este pedaço de terra desconhecida, diria toda a vida que Portugal é o país das flores, dos encantos, dos jardins coloridos mas desconhecidos, desprezados e abandonados para sempre nas duas ladeiras maternas do rio Neiva.

É, creio, uma parcela bem viva desse apregoado Portugal desconhecido estagnada, eternamente, numa peremptória negação ao homem, ficando assim o que há de mais belo e encantador na natureza para uso e encanto de si mesma.

A uns passos da nascente do rio, no peão do Talefo, deparamos com um miradouro em todas as directrizes que somente acaba nos espaços indefinidos do horizonte.

Todo o monte é um descampado, mas nem por isso deixa de ter os seus encantos.

Nas rampas do rio, na parte de baixo da serra, imponentes carvalhais se erguem com uma viçosidade deslumbrante que parecem vestidos de gala para prestar honra à passagem do Neiva ainda tão novo e temeroso. Na encosta da montanha uma toalha bem branca, tecida pelos imensos giesteirais que rodeiam e cobrem carinhosamente o recém-nascido rio Neiva numa comovida e cândida alegria que faz ciúmes a tantas pessoas. Mas as nascentes do Neiva dão-nos muito mais: largos jardins de uma e outra margem, bem estruturados, requintadamente delineados com um gosto e arte que só a natureza tem. Não são plantados nem sachados mas são regados, acarinhados e amimados pelo Neiva e isso basta para que aquelas flores liláceas se desenvolvam e façam o cenário mais belo que se possa imaginar. O rio Neiva até é artista e bom jardineiro.

Até se torna difícil a um repórter fotográfico apaixonado pelo que for mais belo, porque não sabe que fotografar senão optar por filmar tudo.

O Neiva é assim generoso e de bom gosto, enchendo de flores todos os que por ali passam.

Não se perde nesse monte rico, na vegetação, nas flores, na caça que atrai muitos caçadores, na devida altura, no nome que tem, pois

o Neiva não se deixa cativar por nada senão um pouco pelos jardins por ele cuidados, para partir na ânsia de quem é verdadeiro jovem que quer pôr à prova toda a sua generosidade.

É pena que tão poucos se possam extasiar com tamanha beleza perdida na ignorância ou esquecimento. Alimenta-se uma esperança bem fundada de que num período mais ou menos breve se torne mais acessível.

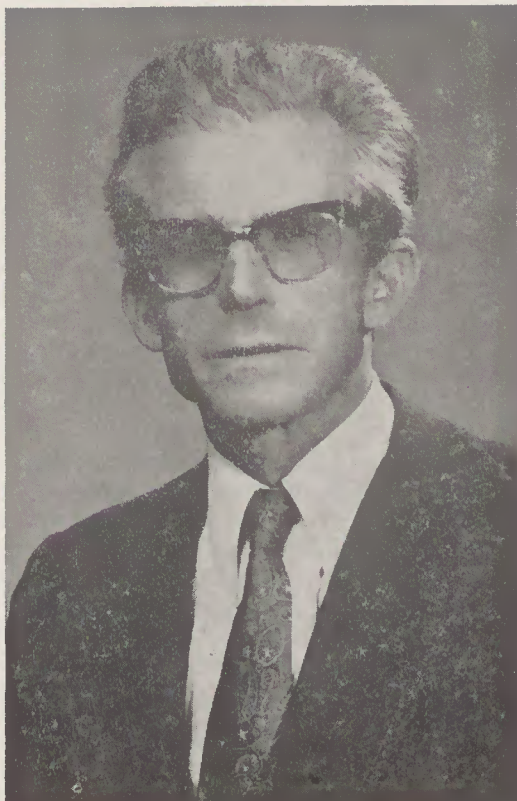
Que venha depressa essa possibilidade para que não se perca eternamente uma natureza tão rica.



## *António da Silva Cunha Mesquita*

- *Mistérios do Neiva (Conto)*
- *O Castelo de Curutelo*
- *Apontamentos*
- *A Mãe de Deus desceu ao Vale do Neiva (Conto)*
- *Balugães Terra do Neiva. Suas tradições e costumes há meio século*





**ANTÓNIO DA SILVA CUNHA MESQUITA**

Nasceu em 8 de Agosto de 1920

Lugar de São Bento — Balugães-Barcelos



# Mistérios do Neiva

## (Conto)

---

Dos seis filhos do Chico Pecado, homem magro e tez queimada pelo sol, o Bufo era o mais alentado. Nas sortes, ficou apurado para a armada. Por lá andou muitos anos e com seus colegas de farda percorreu todos os caminhos do vício, da violência, metido em brigas por causa de prostitutas, mulheres de má sina e do jogo. Por menos de um ai rapava a navalha do bolso e rasgava a pele ao mais pintado.

Sofreu duros revezes e não raro recolhia às prisões, por indisciplina.

Tinha na cara cicatrizes de facadas que lhe tinham rasgado a carne. Aquele rosto trigueiro com vestígios de bexigas, raras vezes deixava transparecer um sorriso.

Os olhos esverdeados tinham, nos assomos de fúria, o seu quê de sinistro, por isso era temido.

Foi condecorado por actos de bravura nas campanhas de África e na vigilância dos mares, durante a guerra de 1914.

Aposentaram-no, deram-lhe uma pensão e ele regressou à terra. Desposara a Brígida, que fora sua namorada. Esta moça, débil e melancólica, ainda estava apaixonada pelo homem forte e brusco que a seduzira. Segredos e desvarios do coração das mulheres. Viviam numa casinha quase no cocuruto do monte, já perto da citânia da Carbona, cercados por denso pinheiral, onde havia coelhos e raposas. Nas ramagens do arvoredado as pegas e os corvos grasnavam espreitando algum pintainho desgarrado, ora rato descuidado.

O Bento tinha sempre carregada a espingarda, para apontar a um coelho que pudesse servir de refeição; mas, a sua grande vocação era o rio. Vinha à tardinha monte abaixo, pelas veredas mais escondidas para não ser visto. Deixava que a lua alumiasse as margens frondosas do Neiva, tirava do gancho, preso ao grosso cinturão, a foice cortava dos salgueiros alguns ramos mais fortes, fazia estacas que espetava no rio, tecendo depois uma espécie de caniço que atravessa-



sava o rio, deixando só um espaço com a largura da sua «nassa». Não tendo outra saída, os peixes entravam na rede. A isto chamava ele a sua «camboa».

Fazia assim boas pescarias que saboreava com sua esposa.

Numa noite silenciosa e morna de verão, estava entre a ramagem dos amieiros a ver se os peixes entravam na rede, a ouvir o rugido das águas nas levadas do rio e a admirar a beleza da luz da lua reflectida nas mansas e cristalinas águas do rio, quando um bando de patos sobe em cortejo nupcial sobre as águas quase até ao seu esconderijo e voltou a afastar-se rio abaixo, trocando doces carficias entre os pares; e desapareceram.

Nos pinhais de Cossourado e Aguiar ouviam-se piar, lugubrememente, mochos e corujas. Sentia uns arrepios na espinha, a que não estava habituado, e pensou: isto aqui há coisa. Escutou atentamente e ouviu rocegar as folhas da ramagem mais em baixo, e viu um vulto que descia para a água por entre os lírios de verde-amarelado, singelas flores que adornavam as margens deste feiticeiro rio. Ergueram-se-lhe os cabelos e uns convulsivos arrepios fizeram-no soltar uns sons rouquejantes e trémulos.

O Rito, que ia lançar-se à água para apanhar debaixo das terrouceiras umas corpulentas trutas, que vira ali de dia, e que apanhava à mão depois de um mergulho, como fazia tantas vezes, ao ouvir aqueles grunhidos, dá meia-volta disparado numa correria doida, por entre os milheirais da margem. Sume-se nos caminhos que davam para casa, salto o muro de um pulo, desanca a porta de um empurrão e mete-se na cama, a gemer como um cachorrinho; e pensava: Que alma danada seria aquela?... que gemidos arrepiantes!... Não, de noite, ao rio, nunca mais. São os espíritos, que do inferno se vêm banhar ao rio. Bem dizia o Beita, o melhor pescador do Neiva: rapaz, de noite, deixa em paz os peixes.

O Bufô arrefeceu com aquela visão maldita. À cautela, olhou em volta e lesto meteu-se pelo caminho da Criva, subiu pelos atalhos de Algares, meteu pela cangosta da mata e bateu com punhos com toda a força na porta. Veio a mulher abrir e viu-o tão perturbado, que lhe perguntou: — Que tens homem, que estás tão perturbado? — Que susto, mulher, vi um fantasma a subir o rio. — Não pode ser, estás a delirar. — Não estou mulher, vi muito bem, era a Felícia, que se deitou a afogar acima da ponte de Sabariz, vi bem. Depois, vi o seu enterro vir atrás de mim e entrou no cemitério e lá ficaram as

luzes a arder. — Cruzes, mafarrico, mas isso é verdade? — Antes fosse mentira, tu sabes que não sou medricas.

— De noite, não vou mais ao rio, mulher — disse, ao outro dia, o Bufo. — Que visões horríveis tive durante a noite —. Sabes, homem, os espíritos que habitam nos poços escuros do rio protegem de noite os seres que habitam no seio das suas águas. Não os irrites com a tua presença.

— Assim farei, como tu dizes. De hoje em diante, só pescarei à cana, gozando as belezas deste rio mimoso e fascinante.





# O Castelo de Curutelo

---

Já quase no fim da encosta do monte de S. Cristóvão, encontra-se o Castelo de Curutelo. Casa senhorial, com torre rectangular ao centro, de estilo medieval, cercada por um muro que defende o acesso ao terreiro onde duas escadarias laterais terminam num pátio de grandes lajes para onde dão duas portas, de entrada para o interior da mansão, de divisões com tectos abobadados.

Dão-lhe um aspecto de grande austeridade as ameias e merlões, que encimam as suas paredes grossas e tismadas pelo perpassar dos séculos. Encostada ao muro envolvente encontra-se a capelinha de S. Jorge, coberta de heras. Uma alameda de freixos, tílias e austrálias, vai da estrada que de Balugães sobe para Freixo, até ao terreno onde assenta o castelo, a casa tipicamente portuguesa, onde habitam os feitores da quinta e da extensa mata e uma arrecadação de estilo século XVI, que devia ter servido, em recuadas épocas, para recolha dos trens e cavalos dos senhores do castelo.

Lendas e mistério pairam sobre esta pequena fortaleza, que seria uma espécie de vigia na defesa destas terras onde floresce o Vale do Neiva. Quase aos pés do castelo e regando as suas terras passa o irrequieto regato «Pombarinhos» que desce a vertente do monte S. Veríssimo, onde nasce, atravessa Friastelas e o planalto Freixoense e desagua no Nevoinho, no limite de Balugães.

O Nevoinho, que desce das faldas do monte da Nó em Cabaços, corre pelo braço mais dilatado do Vale dentre o monte da Padela e o Outeiro da Peneda e desagua num claro estuário no rio Neiva. Por isso diremos que o castelo de Curutelo é uma sentinela vigilante desde distantes tempos da bacia hidrográfica do Neiva.

## CRONOLOGIA

Na porta de entrada da torre de menagem, que dá para norte, na pedra transversal, está gravado o número 1000. Sobre ele uma cruz com peanha e a legenda IHS. Difícil será atribuir-lhe qualquer rela-

ção com a época da sua construção. Diz-se que foi D. Alarico, opulento senhor descendente dos Godos, o seu fundador, por volta dos anos oitocentos a novecentos e conservando-se em poder dos seus descendentes até D. Urraca Laudufes, casada com Nuno Nudiz.

O Marquês de Montebelo, nas suas considerações ao nobiliário de D. Pedro, recua-o ao tempo de Fernando Magno, que conquistou Coimbra aos Mouros, e refere como seu possuidor o citado Nuno Nudiz.

Para Figueiredo Guerra, foi edificado por volta de 1532, por João Rodrigues Lago, por não haver referência a qualquer castelo ao ser instituído, por Nuno Viegas e sua esposa Inês Dias, um morgadio, lavrado no julgado de Roças, e que D. João I confirmaria, por carta escrita de Moncorvo a 13 de Dezembro de 1395. Isto não é prova suficiente para a não aceitação da existência do Castelo antes desta data. Do casamento de Nuno Nudiz com D. Urraca Laudufes, em riba de Neiva, houve um filho, Vicente Curutelo, que casou em primeiras núpcias com D. Maria Viegas, filha de Egas Fafez, Bispo de Coimbra. Houve de uma outra mulher Egas Martins Curutelo, que desposou D. Inês Pires. Seu filho Martim Viegas Curutelo, senhor da quinta e castelo de Curutelo, teve uma filha herdeira, D. Leonor, que foi mãe de Inês Aires Curutelo, a quem coube a quinta e o castelo. Casou duas vezes, primeiramente com Nuno Viegas, o velho, a quem o rei D. Fernando deu as terras de Aguiar do Neiva, em 1367, que era filho de Egas Pais Torroselos, e D. Urraca Ramires, capitão na armada do Mestre de Aviz, que saiu do Porto para libertar Lisboa. Desta união nasceu Nuno Viegas, «o moço».

Inês Aires casou em segundas núpcias com Rui Dias do Rego, também viúvo, senhor da Quinta de Santa Maria de Roças. Do primeiro casamento deste senhor houve uma filha, Inês Dias do Rego.

Inês Aires de Curutelo teve do segundo matrimónio Branca Rodrigues de Curutelo, que se matrimoniou com Lançarote Rodrigues do Lago, alcaide-mor do castelo de Aguiar e escudeiro de D. João I.

Nuno Viegas, «o moço», filho de Inês Aires de Curutelo e de Nuno Viegas, foi meirinho-mor do castelo de Curutelo, de Aguiar do Neiva. Casou com a enteada de sua mãe, Inês Dias do Rego, que enviudara e desposando, depois, João Rodrigues do Lago, filho natural de Pedro Gomes do Lago, e de Elvira Martins, legitimado pelo rei D. Dinis. Deste segundo casamento, houve uma filha, Senhorinha Anes do Lago, que sucedeu na casa de seu pai.

Nuno Viegas esteve em Aljubarrota e nas guerras de Portugal e Espanha. Pelos seus feitos heróicos, agraciou-o o futuro D. João I, com herdade e juro das terras de Baúlhe e Cabeceiras, por alvará de 21 de Setembro de 1384.

Nuno Viegas constituiu com sua esposa um morgadio, com suas quintas de Curutelo e Couceiro, sendo seu administrador o filho

Álvaro Viegas, que sucedeu a seus pais. Casou com D. Branca Rodrigues Castelo Branco, filha de Rui Vasques de Castelo Branco. Não houve filhos desta união, pouco tempo sobrevivendo a seu pai, succedendo na posse da herança sua irmã Leonor Viegas, senhora de Curutelo, e padroado de Roças; casou-se com Diogo Gomes de Abreu Teles Meneses, viúvo de D. Violante Afonso Teles, filho primogénito de Vasco Gomes de Abreu, senhor da casa Couto de Abreu, em Monte e Valadares, alcaide de Lapela e Melgaço, e sua mulher D. Maria Porto Carreiro, filha de Fernando Magalhães, o velho senhor da quinta de Briteiros, que tinha comprado à condessa de Faro. Era sua esposa D. Brites M. Pimentel. Deste matrimónio houve quatro filhos, sendo primogénito Leonel de Abreu, tronco dos fidalgos de Regalados.

Pedro Gomes de Abreu fez enlouquecer o coração de muitas damas, das quais houve filhos naturais.

Destes amores ilegais surgiram vários desaguisados e contendas judiciais e por isso teve que vender o castelo de Curutelo. Dos sete filhos de Pedro Gomes de Abreu, o quarto foi Rui Gomes de Abreu, que casou em Viana, com a abastada Catarina Fagundes, irmã de Rui Fagundes, arcepreste da colegiada, senhor de avultados haveres, e deram princípio ao palácio da Carreira, onde actualmente funcionam os serviços da Câmara Municipal.

Duarte de Abreu, filho de Rui de Abreu, bateu-se valorosamente na Índia, e de regresso à Pátria, na nau do vice-rei D. António de Noronha, ao aportarem a Sofala, encontraram ali o imortal Luís de Camões, na quase indigência, e trouxeram-no para Lisboa no ano de 1568.

Em 1532, a casa de Bragança comprou o castelo de Curutelo. D. Jaime, 4.<sup>o</sup> duque de Bragança, aforou o castelo a João Rodrigues do Lago, o Velho, filho de Rui Gomes do Lago e Violante de Araújo Pereira, bisneto paterno de Branca Rodrigues Curutelo e seu marido Lançarote do Lago, a que já aludimos. Serviu o exército, às ordens de D. Jaime, duque de Bragança, distinguindo-se na tomada de Arzila, e pelos seus actos lhe aforou D. Jaime o castelo de Curutelo. Admitte-se que foi este senhor quem transformou o castelo em casa senhorial, com as características que actualmente tem. Desposou Guiomar Lopes Coutinho, filha de Álvaro Lopes, senhor da Quinta de Barrazes, Beiral, Ponte do Lima. Instituíram, em 1546, o morgadio de Barrazes.

Seu filho, João Rodrigues do Lago, «o moço», foi senhor do castelo de Curutelo e morgado de Barrazes. Casou em Viana com D. Isabel Jácome, filha de Martim Pires de Seixas, primeiro provedor da Misericórdia de Viana, e de sua esposa, D. Catarina Dias Jácome. Foi seu filho Gaspar Rodrigues do Lago, senhor do castelo de Curutelo, casou com D. Antónia Felgueiras Gaio, filha de António Martins Gaio, em 1576.

Martins Gaio, senhor da casa da Fervença, da honra de Palmeira, foi capitão-mor de Vila do Conde, fundou, com sua mulher e sogro, o morgadio dos Gaios Felgueiras, da casa da Fervença, com capela de S. Miguel-o-Anjo, onde foi sepultado. Com frota de galeões, que custeou, serviu o rei D. Sebastião.

João Manuel Jácome do Lago, nascido em 21 de Dezembro de 1788, foi comendador da ordem da Conceição e cavaleiro da ordem de Cristo. Faleceu solteiro, tendo duas filhas, havidas em Maria de Magalhães, mulher solteira. Legitimou as duas filhas, que herdaram o castelo de Curutelo.

D. Maria do Lago Felgueiras Gaio, última descendente dos seus primeiros possuidores, casou com o Dr. Rodrigo Cerqueira Veloso, de Ponte da Barca e advogado em Barcelos. Deste matrimónio não nasceram filhos, e por morte de D. Maria o castelo de Curutelo foi herdado, depois de grande pleito judicial, pelo Dr. Cerqueira Veloso, que o vendeu em 1903, a Valentim Ribeiro da Fonseca, do Rio de Janeiro, Brasil, casado com D. Fernanda Maria de Almeida Vaz Casquinho. Por sua morte, em fins de Janeiro de 1957, foi o castelo herança de sua viúva e dos dois filhos: Manuel Cerquinho Ribeiro da Fonseca, casado com D. Maria Lúcia Sequeira Braga, e António Valentim Cerquinho Ribeiro da Fonseca, casado com D. Maria Manuela Flores da Costa Reis, cujos filhos serão os futuros moradores do lendário castelo de Curutelo, sentinela quase milenária das terras de riba Neiva. Das lendas que chegaram até cerca de meio século, era a alcunha com que crismavam os moços que desflorassem alguma donzela — chamavam-lhe o D. Sapo, em alusão a D. Gonçalo Pais Lobo, senhor que habitou o castelo de Curutelo, há longos tempos, e que ficou tristemente célebre pelo seu temperamento libidinoso e erótico, sedutor das donzelas casadoiras, nobres ou plebeias, desta encantadora região.

# Apontamentos

---

## O MOINHO DA PONTE DAS TÁBUAS

Entre o açude e a ponte medieval, o rio forma uma tranquila bacia de águas claras e irisadas, de uma beleza encantadora.

Na margem esquerda, os amieiros roçam as suas folhas na água, e as suas sombras são de uma retemperadora frescura, nos dias de calma. Na margem direita, o areal, que se estende até ao caminho que serve o moinho abandonado, forma uma pequenina praia fluvial, onde a juventude vai tomar banho e bronzear a pele.

Neste lugar encantador, que os olhos contemp<sup>l</sup>am maravilhados, só o murmúrio das águas quebra o profundo silêncio desta paisagem de sonho, que é dos mais bucólicos recantos que as margens do Neiva oferecem aos olhos extasiados de quem as contempla.

## S. CRISTÓVÃO DOS MILAGRES

O monte de S. Cristóvão faz parte da cadeia montanhosa que circunda o Vale do Neiva do lado Nascente. No cume, existe uma capela, cuja construção alguns historiadores situam anteriormente ao século X.

É difícil a confirmação de uma data exacta. Não é propósito destes apontamentos desvendar a sua origem. É tradição, aqui no Vale do Neiva, subir no dia 25 de Agosto ao monte de S. Cristóvão, onde se realiza uma grande romaria. Há poucos anos ainda, os devotos de S. Cristóvão levavam as suas ofertas, porque o santo lhes curara o fastio. Eram quase sempre os petiscos que lhes abriam o apetite, o pão de milho com trigo, o arroz doce, a orelheira, o chouriço, a aletria. Depunham aos pés do santo estas oferendas, faziam a romaria e deixavam no prato a sua esmola. Na mesma capela se venera S. Silvestre e a Senhora da Cabeça.

A fama dos milagres de S. Cristóvão chegou muito longe e alguns historiadores dizem que no século XVII vinham muitos romeiros da

Galiza, que enchem os caminhos, agradecer ao S. Cristóvão os muitos milagres que ele fazia. Ao longo dos séculos, os fortes ventos que sopram do sul em dias de tempestade provocaram o desgaste das pedras da capela, pelo que ergueram à volta da capela um alto muro.

A Junta de S. Julião de Freixo, de colaboração com a Confraria de S. Cristóvão, tem feito vários melhoramentos, na estrada de acesso, no terreiro da capela, e restauro dos altares dos santos aí venerados.

Subir ao monte de S. Cristóvão num dia de horizonte límpido e sol claro é gozar a deliciosa visão dum panorama arrebatador.

# A Mãe de Deus Desceu ao Vale do Neiva

(Conto)

---

## **A primeira aparição de Nossa Senhora oficializada pela Santa Igreja foi a do Vale do Neiva**

Andava João a pastorear o seu rebanho no Vale do Neiva, no ano de 1702, quando uma enorme trovoada se desencadeia e Nossa Senhora aparece, resplandecente, e pede docemente ao pastorinho que lhe construam no Vale uma capelinha. Pedia Amor.

Em Lurdes, Bernardette viu a Virgem Senhora a 11 de Fevereiro de 1858. Disse:

«Em Sou a Imaculada Conceição».

Em Fátima, apareceu a 13 de Maio de 1917, a três pastorinhos. Pediu Penitência e Oração.



Em Balugães, no lugar da Lage, viviam numa pobre casinha, entre floresta de carvalhos, o pedreiro João Alves e sua mulher. Eram almas simples e crentes, que viviam do seu trabalho, ela cuidava o seu rebanho; ele trabalhava a dura pedra. Havia pão no forno e a horta dava os legumes para as refeições de cada dia. Os dias passavam, sem mudança daquele viver sem ambições e na lei de Deus.

Esperavam um filho. Numa madrugada, a mulher disse: — José, vou ser mãe. Já sinto as dores de parto.

Ficou o homem confuso, mas a mulher, alma confiante, tinha tudo o que era necessário em ordem. Indicou ao marido o que devia fazer e esperou a sua boa hora.

Pouco depois, ouviram-se os vagidos de uma criança. Tinham passado as aflições do casal. Criou a mãe aquele filho com todo o desvelo, e ele foi crescendo, acarinhado pelos pais.

Um dia, quando voltou do trabalho, a mulher voltou-se muito triste para o marido, e disse: — José, o nosso filho é surdo e mudo. — Como sabes, mulher? — Já vi.

— Olha, chama-o a ver se ouve. O filho que estava de costas, não se voltou. — Tem presa a língua, ora vê. — O pai encolheu os ombros e accitou a vontade de Deus.

Começou a mãe a levá-lo com ela a apascentar o rebanho e, ao fim dum ano, o João já conhecia toda a encosta do Monte Crasto, desde a Lage Negra ao Pocinho, a Fonte Lainha, penedo da Peneirada, Gurita, Citânia, colina dos Mouros, onde o monte faz uma saliência que desce para o Vale do Neiva e vê-se o rio descer vagaroso, desde a Cadabosa, por entre campos férteis, passando por Aguiar, Durrães, Carvoeiro e Barroselas, e sumir-se pelas terras de Alvarães até à sua foz no Castelo do Neiva.

O pastor mudo gostava deste sítio, que olhava esquecidamente. Veio o ano de 1702, uma Primavera e Verão muito quentes e sem chuva. Secam as sementeiras e hortas, foi uma calamidade. Faltava o pão e não havia hortaliças para fazer o caldo.

O pai não tinha onde trabalhar e a vida desta família começou a ser afectada. A fome entrara já em casa.

Só a sua resignação evitara que estendessem a mão à caridade.

O dia 15 de um Agosto escaldante surgiu ameaçador. Nuvens negras cobriam o céu, e um vento do sul trazia presságios de borrasca.

Como de costume, a mãe pôs no bernal umas côdeas de pão, deu a malga de leite de cabra ao filho, que ele bebeu, depressa, e foi abrir a porta do curral. Saíram as ovelhas mais a cabra e o miudinho seguia-as lentamente, enquanto elas retouçavam pelo caminho pontas de giesta ou de silvas e ele comia amoras de que os silvedos estavam cheios.

Dirigiu as ovelhas para lugar donde via o Vale e havia um grande penedo com uma grande cova, onde às vezes se abrigava da chuva e dos ventos frios do Inverno.

De súbito, estalou uma fragorosa trovoadá. As faíscas cruzavam o céu, rasgando os nuvens com clarões medonhos e depois desciam pelas árvores, derrubando-as. Uma forte ventania partia os ramos dos pinheiros e sobreiros. O eco dos trovões repercutia-se pelas quebradas do monte, e os animais, assustados, foram meter-se na cova do penedo. O pastor João encostou-se a elas pedindo a protecção da Virgem, chorava e orava, olhando o céu enfurecido.

Transido de medo, supplicava à protectora dos infelizes a sua misericórdia e que, pela sua bondade, se apiedasse dele.





Santuário de Nossa Senhora Aparecida — Balugães

Majestoso templo a atestar a Fé e o Marianismo dos povos  
do Vale do Neiva

## A PRIMEIRA APARIÇÃO MARIANA FOI NO VALE DO NEIVA

### Santuário de Nossa Senhora Aparecida

Numa pequena chã, na encosta do monte Castro, voltada para o Vale do Neiva, a Virgem desceu à terra pela primeira vez no ano de 1702, aparecendo ao pastorinho João Mudo, que lhe pedia pão para matar a fome. A Virgem deu-lhe a fala e recomendou-lhe que sobre o penedo onde ela pousara seus níveos pés seu pai construísse uma ermídicinha. Que levasse o rebanho para casa que já tinha o forno cheio de pão. Assim aconteceu.

A Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, ao tomar conhecimento deste acontecimento sobrenatural, mandou erguer o grandioso templo que perpetua a devoção à Mãe de Deus. Todos os anos, no dia 15 de Agosto, uma grandiosa peregrinação sobe o monte sagrado, pedindo a Maria as bênçãos para o Vale do Neiva e suas gentes.

Amainou a tempestade, calaram-se os trovões e apagaram-se as faíscas e, por uma clareira de nuvens, viu o pastor descer envolta num esplendor indizível a figura terna da Mãe de Deus. Ao poisar sobre o penedo, sentiu a fragância de um celeste perfume. Caiu de joelhos por terra o moço pastor em adoração, e a Mãe de Jesus perguntou-lhe:

— Porque choras, menino?

— Tenho medo e fome — respondeu-lhe.

— Não chores, já passou a tormenta. Vai a casa, porque o vosso forno está cheio de saboroso pão. Diz ao teu pai que erga aqui uma capela à Senhora Aparecida, eu velarei por ti e por ele.

Foi o pastor a correr a casa e contou à mãe que vira a Senhora a descer dos céus, que lhe disse que no forno havia muito pão. A mãe não queria mas, ao ouvir o filho falar, acreditou. Foi ao forno e uma alegria infável entrou nela. Chamou o marido e contou-lhe a mirrífica aparição.

Foi o pastor ao monte recolher o rebanho e, desde então, aquela família humilde teve a protecção da Virgem e vivia feliz. O pai ergueu a ermida que a Virgem pediu. Cresceu a devoção de Maria nas gentes do Vale do Neiva e levantaram o santuário, na vertente do Castro, com a invocação de Nossa Senhora Aparecida.



# Balugães terra do Neiva

## Suas tradições e costumes há meio século

---

Esta aldeia típica estende-se a partir da meia vertente do Monte Castro em requebros suaves até a planície do Vale do Neiva.

É habitada por um povo laborioso e crente que respeita os costumes dos seus antepassados e as tradições da família.

O pai é o chefe incontestado do seu lar; cuida do amanhã das terras, ensina os filhos a trabalhar, com eles poda a vinha, trata-a contra os males que a atacam, sulfatando e enxertando as videiras, colhe o milho e as batatas, vindima e faz o vinho. Vende o vinho, compra e vende o gado nas feiras.

A mãe cuida da casa, faz o serviço da cozinha, lava a roupa, ensina as filhas a cuidarem do lar, ordenha as vacas e cuida de segar a erva para sua alimentação, cuida a capoeira de galinhas e coelhos, colhe os ovos que vende com os coelhos na feira e com o dinheiro que recebe compra as sardinhas, boroa e alguma prenda nova para as filhas.

Os rapazes e as raparigas casam-se em geral, na sua terra; poucos escolhem seus noivos fora.

Os pais dotam as filhas com um cordão de ouro e preparam-lhes o enxoval; os rapazes levam o seu fato e calçado e uma quantia em dinheiro para começo da vida. Enquanto não orientam o seu futuro, vêm a casa dos pais ajudá-los nas tarefas mais urgentes.

Este povo simples cumpre o calendário festivo dos seus santos, aproveitando para se divertir e mostrar os seus fatos de ver a Deus. Vai ao S. Brás a Carvoeiro, que é a primeira do ciclo de festas no Vale do Neiva. Cumpre a promessa feita ao Santo para que os livre dos males da garganta, e depois vão saborear os figos e vinho branco, regressando contentes às suas casas.

Vem a quarta-feira de Cinzas, a Feira Grande de Barroselas. Vão os moços e as moças trocar os seus namorados. Os mais velhos vão apreciar o arroz doce. Vê-se o preço do gado porque é época de

comprar gado de trabalho, para lavrar, gradar, levar estrumes para os campos.

Entrou a Quaresma, é tempo de penitência, usa-se o lenço preto, há mais silêncio nas almas. Não se ouvem as cantigas profanas. Cantam-se versos que encarnam a tristeza da Mãe de Jesus e o martírio do Seu Filho, com música melancólica e saudosa.

Para que o preceito pascal seja cumprido, vai-se à desarrisca, depois de se ter comungado com essa intenção, o que o padre comprova assinalando nos seus livros.

Sábado de Aleluia é um dia de intensa alegria. Pelas nove horas, os repiques no sino e o estourar dos foguetes anunciam a ressurreição do Crucificado. Há um verdadeiro despique entre as freguesias do Vale do Neiva, a ver quem lança para o ar mais foguetes.

No Domingo de Páscoa, a missa matutina começa pelas 6 horas. Aí pelas oito horas sai o compasso, que se compõe do pároco, juiz da cruz, mordomo da caldeira, rapaz da campainha e um seminarista que pede para os lugares santos.

Segue também um acompanhamento que carrega com os folares oferecidos ao padre. Pelos caminhos, à entrada dos portais, deitam-se ervas rescendentes, alecrim, malvas, o mentrasto e abrótiós. A cruz é recebida na melhor sala da casa. À entrada, está o chefe da casa, depois a esposa, os filhos e os convidados. O mordomo dá a cruz a beijar, seguido do padre, que asperge com água-benta, e cumprimenta as pessoas presentes. Em seguida sentam-se à mesa, provando doces ou bebendo vinho ou licores, numa cerimónia breve, porque o tempo urge.

O compasso segue o itinerário do costume, segundo a tradição. Ficam para segunda-feira de Páscoa os lugares que não seja possível visitar no domingo.

À noite, a cruz recolhe à Igreja, processionalmente. Alguns acompanhantes cambaleiam já um pouco, porque visitaram os amigos e em todas as casas se oferecem doces e vinho.

No mês de Maio, celebra-se o mês de Maria. A esta devoção assiste muita gente. Os trabalhos no campo eram interrompidos para isso.

Pelo S. João, fazem-se as fogueiras, saltando rapazes e raparigas à volta delas alegremente. Pela meia-noite as moças recolhem a casa e eles vão pelos caminhos à procura de tudo o que possam conduzir para o adro da igreja ou lugares mais vistosos e ali expõem o que puderam surripiar: carros de bois, arados, grades, bancos, etc. Os objectos mais procurados eram os vasos de cravos e manjericos que as namoradas tinham para levar no Domingo à reza da parte de tarde. Por isso, elas os punham, antes da noite, em lugar seguro. No fim da missa de S. João, o povo comenta com graça toda aquela brincadeira.

Apareciam os pasquins em que eram alvo de crítica rapazes, raparigas, homens, mulheres, cujos maus actos chegavam ao conhecimento público.

Realizava-se em S. Julião a festa de S. Cristóvão e S. Silvestre. A gente do Vale do Neiva levava o gado à feira de S. Silvestre para vender ou trocar e saber o seu valor. No fim, havia a bênção do gado e invocava-se a protecção do Santo, contra as moléstias dos animais. A S. Cristóvão ofereciam bolos de farinha, milho e arroz doce, para que os livrasse do fastio.

Durrães é terra de mil encantos. Alcandorada na vertente do monte em jeito de uma graciosa cascata, a descer até à margem esquerda do Neiva, cantada pelos seus poetas, inspirados nas margens frondosas do rio, celebra em meados de Agosto a festa ao seu orago S. Lourenço.

A gente das redondezas era recebida ali com fidalguia e nos sorrisos daquela boa gente recebia as boas vindas.

Balugães tinha a sua festa grande no dia 15 de Agosto. Havia novenas em honra da Virgem aíf Aparecida, depois era a festa. À noite, iluminava-se o adro e o escadório com copos de muitas cores, à moda do Minho. Havia concerto por duas bandas de música, danças e descantes populares. Muitas rixas entre os homens ou rapazes das redondezas eram resolvidas, nesta noitada, à cacetada. E assim se limpava a honra dos homens ou namorados das freguesias ao redor. Acirradas pelos seus admiradores, as bandas tocavam, às vezes, até de manhã.

Às onze horas, havia missa solene. À tarde, havia sempre uma luzida procissão.

A gente das cercanias oferecia os seus meninos vestidos com figurados, dos santos da sua devoção, em recompensa de promessas feitas quando as doenças ameaçavam a vida dos meninos. Dois gigantes andores desfilavam ao ombro dos mordomos da Senhora Aparecida e Santo António. As mordomas, com os seus fatos novos, lenços em seda branca e velas lindamente enfeitadas, eram quase sempre o motivo de admiração. As figuras gradas das freguesias próximas seguiam neste lento desfile, com suas opas de seda e vara de prata. Ao pálio, de pano de damasco, com ornamentos dourados e suspenso por grossas varas de prata, pegavam os devotos e benfeitores de Nossa Senhora Aparecida. A seguir ao pálio, as bandas de música executavam marchas majestosas e solenes; depois, o povo devoto, rezando suas preces à Senhora que do alto olha compadecida todos os crentes que habitam o Vale do Neiva.

Pelo S. Miguel, saem os peditórios em favor dos Santos mais distinguidos pela fé do povo e que vão ser festejados. Os mordomos e mordomas percorrem a freguesia pedindo, para o Santo, linho, que eles põem nas canas bem estendido e transportam ao ombro.

Elas pedem o milho com que procuram encher as sacas.

A juíza pede feijões e ovos, para pagar 'o sermão do Santo, que a ela pertence pagar. Estes géneros são vendidos no Domingo imediato em leilão.

A festividade de Todos-os-Santos era aqui celebrada no primeiro de Novembro e dedicada à lembrança dos mortos.

No dia dois, pela madrugada, havia cerimónias fúnebres sufragando todos os que já passaram desta vida e procissões ao cemitério, as campas eram cobertas de flores lembrando que os mortos não foram esquecidos. O padre rezava os responsos e cada um dos presentes revia numa recordação saudosa, os seus entes queridos.

A senhora da Conceição, como o povo a invocava, tinha o seu dia festivo a oito de Dezembro, com missa cantada e procissão à tarde.

O Natal era a festa mais desejada. Juntava-se toda a família, durante o dia chegavam os ausentes, traziam presentes para oferecer. Os criados traziam a consoada, o bacalhau, as batatas, quase tudo o que ia servir para a Ceia de Natal, chegavam mais cedo por isso.

Na mesa punha-se uma toalha de linho muito branca. Vinha uma travessa de batatas fumegantes, outra ao lado com as postas de bacalhau bem demolido, uma tijela com o molho de azeite com vinagre e cebola. Fazia-se as boroas de pão de milho e trigo, tostados e fofas deliciosas.

As rabanadas eram feitas com vinho muito açúcarado, ou com gemas de ovos e mel. Eram a guloscima da noite. Bebia-se vinho quente, com açúcar, enquanto se jogavam os pinhões, que iam arrancando às pinhas que se punham na fogueira, para abrirem, e que espalhavam pela casa o cheiro acre da resina, tão apetecido na Noite de Natal. Esperava-se a meia-noite, para cantar canções ao Nascimento do Messias e ouvir o estrondo dos foguetes, ver qual era a freguesia do Vale que mais queimava. O dia do Nascimento tinha um significado enternecedor.

Na missa da manhã cantavam-se lindas canções de Natal, beijava-se o Infante Suavíssimo e punham-se no prato as ofertas para o Menino, depois os que chegavam para a consoada iam neste dia visitar parentes e amigos.



## *Armindo de Faria*

- *Resumo histórico das Capelas da parte alta do Vale do Neiva*





**ARMINDO DE FARIA**

**Nasceu a 8 de Junho de 1925**

**Lugar de Paredes — Pedregais-Vila Verde**

**Actualmente reside na casa que mandou construir  
em 1980, no lugar de Pedredo, freguesia de Duas  
Igrejas, do mesmo Concelho**



# *Resumo histórico das Capelas da parte alta do Vale do Neiva*

---

## INTRODUÇÃO

Quem conhece as margens do rio Neiva e a bacia hidrográfica que ele e seus afluentes drenam e fecundam, observa que o vale do Neiva é dividido em duas partes, uma alta, a montante do monte Lou-sado, outra baixa, a jusante de Cossourado e Panque, no concelho de Barcelos. De Godinhaços a Sandiães, o curso do Neiva é de pouco declive, tanto que pelas freguesias de Arcozelo e Vilar das Almas, o rio percorre lentamente demorados meandros e continua a depositar no seu leito os aluviões trazidos das proximidades das suas nascentes em Godinhaços e as areias arrastadas das encostas dos montes pelos seus inúmeros afluentes.

Desta parte alta do Vale do Neiva e espalhadas pelas vinte freguesias a que pertencem, são as capelas que constam do trabalho descritivo que o escritor Cândido Neiva de Oliveira Maciel me encarregou de fazer.

Ninguém melhor do que ele conhece e admira as margens deste poético rio. Deve ter sido o único escritor que o conhece desde a sua nascente, na serra do Oural, em Godinhaços, concelho de Vila Verde, até à sua foz, em Castelo do Neiva, concelho de Viana do Castelo.

Não soube escolher, quando me pediu para historiar o grande número das capelas existentes e desaparecidas, públicas e particulares da parte alta da bacia hidrográfica do Vale do Neiva, porque existe na sua própria família quem muito melhor o fizesse.

Mas como a respeito de simpatia não se discute, a única observação que tenho a fazer e registar, no presente livro, é que desde as visitas a capelas que realizámos em Setembro de 1980, muito tempo decorreu sem que ninguém me voltasse a falar das capelas nem me procurasse para visitar as restantes e só, em Setembro deste ano, ao se completar um ano, é que foram realizadas as restantes visitas às

capelas e me foi marcado um curto espaço de tempo — até princípios de Outubro em curso, para apresentação dos meus originais, já não mencionando outras visitas que sozinho me vi obrigado a fazer.

Serviço que deveria levar meses a quem infelizmente não vive disto, é apresentado em menos de um mês, com dias inteiros de trabalho intelectual de responsabilidade, para que os leitores possam ter uma ideia do número de casas solarengas dispersas por todo o Vale, com as suas capelas privativas, cheias de arte e beleza, e também o número de capelas erguidas no alto dos montes ou agasalhadas nos povoados, espólio monumental de inestimável valor que os nossos antepassados nos legaram e que nos compete transmitir às novas gerações.

Por muito pouco valor que possa ter o presente trabalho, pois foi escrito à pressa e com os dias contados, outros o poderão fazer muito melhor no futuro. E se não consegui atinar com a verdadeira expressão ao descrever a história das capelas da parte alta do Vale do Neiva, deixei aos mais competentes o caminho aberto para novas pesquisas e o endereço exacto das capelas a que me refiro.

Duma coisa estou certo: foi o espírito de solidariedade e cumprimento da palavra dada aos meus amigos Cândido Neiva de Oliveira Maciel e Domingos de Castro Maciel, homens ilustres que muito estimo e admiro, que me encorajou a meter ombros à obra e só o receio de ficar por mentiroso e a fraqueza de não cumprir o que tinha prometido, me afastaram de fugir à estafa de redigir estas linhas, em tão curto espaço de tempo.

O meu trabalho aqui fica no presente livro, não como deveria ser feito, mas como foi possível apresentá-lo. O leitor compreensivo saberá perdoar as imperfeições, lembrando-se sempre de que é humano errar.

Duas Igrejas, 13 de Outubro de 1981.

## PRADO S. MIGUEL

### S. MIGUEL-O-ANJO

A alvinitente capelinha de S. Miguel-o-Anjo, que se vê num monte, acima de Godinhaços, que é a primeira freguesia da parte alta do Vale do Neiva, pertence à freguesia de Prado S. Miguel, do concelho de Vila Verde. Ao norte desta capelinha, fica a serra do Oural, com o seu antigo marco geodésico, onde nasce o rio Neiva, e ao sul e sudoeste fica a freguesia a que pertence e a serra do Borrelho se prolonga, com vertentes para o rio Neiva, do lado norte, e do lado nascente e sul para o rio Sabariz e outros.

Entre o monte de S. Miguel-o-Anjo e a serra do Oural, onde apenas existia um mau caminho de carro, mandou a Câmara Municipal de Vila Verde construir uma espaçosa estrada em 1979, que faz a ligação da estrada desta Ribeira com a Portela do Vade, por Codesseda, e com outra que passa em Valões e Grovelas e faz ligação com outras do concelho de Ponte da Barca. Agora já é possível viajar de automóvel de Barcelos para os Arcos de Valdevez e Monção, pelo centro do Vale do Neiva, S. Miguel-o-Anjo e Portela do Vade ou Grovelas, sem ser por Vila Verde ou por Ponte de Lima.

S. Miguel-o-Anjo tem festa no primeiro domingo de Agosto. A sua capela é muito antiga e espaçoso o seu terreiro, onde existem vestígios de antigamente ser vedado por um muro.

Ao contrário do que aconteceu a muitas outras capelas, há indícios de que a primitiva deveria ser maior, tinha o seu alpendre e talvez não estivesse, como a actual, com a sua frente virada para Prado S. Miguel. Os restauros por que passou através dos tempos, desfizeram-lhe a sua vetustez, mas esta está impressa em algumas das suas pedras. Um dos restauros de mau gosto foi o que sofreu em 1955, quando o seu telhado foi substituído por uma placa de cimento. É toda muito

simples, está muito bem caiada e o seu interior é muito asseado e no seu altar, como chefe da milícia celeste, lá está S. Miguel Arcanjo a calcar o príncipe da mentira e a ameaçá-lo de morte.

Em tempos antigos, vinham aqui muitas procissões de penitência, por causa das secas do Verão ou das invernias que nunca mais passavam. Partiam da igreja paroquial, pelo lugar de Vilela, como a procissão que se realiza na parte da manhã da festa de S. Miguel-o-Anjo e que na véspera da festa desce da capela para a igreja. Mais do que uma festa, havia antigamente nesta capela uma grande romaria, com romeiros e devotos vindos de muito longe.

Quer seja por um certo arrefecimento da fé em relação ao culto dos santos ou por falta de entusiasmo dos festeiros, há muitos anos que esta romaria não tem bandas de música, tudo se remedeia com umas instalações sonoras, uns zés-perceiras e ninguém estranhe se faltarem lá os pipos de vinho instalados em carros de bois, as postas de bacalhau frito em travessas para petiscos ou até as doceiras a venderem regueifas e doces, o homem com o cortiço às costas a vender limonada ou a mulher com o alguidar a vender copos de tremoços.

Ali as zaragatas eram tão costumeiras como a tendeira que vendia bonecos de barro e assobios, galos de Barcelos e brinquedos de crianças.

Não tão amplo como do cimo da serra do Oural, porque é bastante mais alta (723 m de altitude), mas muito vistoso é o monte de S. Miguel-o-Anjo, donde se descobrem soberbos panoramas: o Vale do Neiva até ao mar, a poente; a nascente e sul, a serra do Gerês, as depressões montanhosas entre os vales do Homem e do Cávado, as cidades de Braga e Barcelos e muito mais além; ao norte e nordeste, Aboim da Nóbrega, o vale do rio Vade até Arcos de Valdevez e a serra Amarela e ali pertinho a serra do Oural, com o seu marco geodésico. Quem visitar este local não tem vontade de se ir embora depressa! Que paisagens, que cores, as manchas brancas das estradas, as modernas construções residenciais de estilo urbano a encherem de colorido o ambiente rústico das antigas casas caiadas ou com os seus telhados vermelhos, entre a vegetação exuberante das encostas a descerem graciosamente para os vales, o colorido amarelo e branco das giestas em flor dos montes e das serras e o verde-escuro dos pinheirais aqui e além desenhados na paisagem. É aqui um miradouro de fascinante beleza, que só um grande pintor seria capaz de desenhar e de dar todos os traços necessários à sua representação. Não há palavras para descrever as paisagens de mil contrastes que daqui se descobrem para todos os horizontes.



## GODINHAÇOS

### NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Na freguesia de Godinhaços, lugar do Outeiro, concelho de Vila Verde, a poucos metros da nova estrada municipal que liga a Ribeira de Penela a Codessedra e à Ribeira do Vade, construída pela Câmara Municipal de Vila Verde, em 1979, está situada a pequenina capela de Nossa Senhora da Conceição, que pertenceu à casa dos Nogueiras desta freguesia. Tinha festa antigamente no dia 15 de Agosto, com banda de música, missa solene e procissão. Os herdeiros de João Nogueira deram esta capela à freguesia de Godinhaços e fizeram nela alguns concertos no ano de 1950.

Encontra-se muito bem conservada e pintada, a sua imagem foi cuidadosamente restaurada e o povo de Godinhaços tem uma veneração toda especial por esta capela.

Perto da capela de Nossa Senhora da Conceição encontra-se um antigo oratório dedicado às Almas, do qual só restam as pedras, construído em 1873. Como a antiga capela de Santo António, da qual só restam as paredes, também estas antigas Alminhas se encontram abandonadas. Conservar o que os nossos antepassados nos legaram é um dever sagrado. Por isso aqui fica o lembrete, para que a Junta da Freguesia de Godinhaços tome a seu cuidado a restauração das Alminhas do Outeiro.

### SANTO ANTÓNIO

Na freguesia de Godinhaços, lugar de Três Horas, concelho de Vila Verde, num espaçoso terreiro cheio de mato, giesta, carrasca e outros arbustos, encontram-se as paredes e duas colunas do alpendre da capela de Santo António, que outrora pertenceu ao morgado de Três Horas, segundo informações colhidas nesta freguesia. O terreiro desta capela há séculos que não foi cultivado, é mais alto do que os terrenos que o rodeiam e mostra que ela deve ter sido pública antigamente, pois tinha festa no dia 13 de Junho e ainda vivem pessoas que se lembram dela. Do lado nascente, fica-lhe o caminho público que segue para o extremo da freguesia e desce para o lugar.

Os terrenos que rodeiam o terreiro da capela de Santo António pertencem a um dos herdeiros dos Lopes de Godinhaços, que reside em Codessedra e até se diz que estaria na disposição de entregar à freguesia o terreiro e a capela de Santo António, que o povo de Godinhaços tanto deseja ver restaurada como era antigamente.

Pondo de parte a utilidade ou não, sob o ponto de vista religioso, de reconstituir esta capela e reintegrá-la no culto público, acho que é dever de nós todos conservar o que os nossos antepassados nos legaram, principalmente tudo quanto represente a sua crença e a sua devoção àqueles cuja vida ainda hoje nós serve de modelo a imitar durante os poucos dias que vivemos neste mundo.

Que as autoridades de Godinhaços trabalhem no sentido de não deixarem desaparecer a capela de Santo António e consigam que o proprietário do terreno entregue à freguesia tanto o terreiro como a sua capela.

### S. MAMEDE

Pertence à freguesia de Godinhaços, concelho de Vila Verde, a antiquíssima capelinha dedicada a S. Mamede, que já existia no lugar do seu nome, em 1548, ano em que foi feito o Tombo da igreja do Salvador de Pedregais.

Nesse tempo, uma parte deste lugar era conhecida pela denominação de Pedregais, onde ficava a capela, e o Tombo refere que um palheiro e uma corte ficavam juntos à ermida de S. Mamede, que já devia ser muito antiga naquele local. Na base da cruz que se vê no cimo da fachada desta capelinha, está gravado o ano de 1875, que deve ser o da sua reconstrução. E a poucos metros da porta, encontra-se uma pedra quadrada em cima dumas pedras toscas, onde os pregadores faziam o sermão da festa de S. Mamede. No altar da capela, em um nicho, encontram-se as imagens do Padre Eterno e de S. Mamede, dum lado e doutro dum antigo crucifixo. A do Padre Eterno pertenceu à família de João António Cerqueira, que a ofereceu a esta capelinha. Falta-lhe a mão esquerda, desde o tempo em que caiu do altar ao chão, e nunca mais foi consertada<sup>(1)</sup>.

S. Mamede é advogado do leite, razão pela qual é representado pelos santeiros com uma cabacinha na mão esquerda.

Tinha festa a 17 de Agosto.

Agora, como a sua festa deixou de se realizar, também a sua devoção foi esquecida, mas, antigamente, demandavam esta capela muitos devotos de S. Mamede, para o cumprimento das suas promessas. Traziam garrafas de leite de várias medidas, que eram vendidas num bazar que ali se fazia e se ninguém quisesse comprar o leite das promessas, os devotos depositavam o seu valor em dinheiro na caixa ou no prato

---

(1) Na frente da porta desta capelinha encontram-se umas pedras como que a denunciar a existência duma sepultura, formando um rectângulo no chão, alinhadas mas sem qualquer trabalho de arte, apenas colocadas formando o desenho tosco de uma campa.

das esmolas, e voltavam com o leite para casa, que era consumido pela família ou servido aos animais. Se as mulheres davam à luz e não tinham leite para amamentarem seus filhos, pediam-no a S. Mamede e faziam-lhe uma promessa de certa medida de leite de vaca ou de cabra, e no dia da sua festa lá iam satisfazer os seus votos. Quando os seus animais pariam e não tinham leite, recorriam a S. Mamede e o leite aparecia, as crias medravam e cresciam e o S. Mamede via cumpridas as promessas feitas, sempre no dia da sua festa, que era muito concorrida.

Parte do lugar de S. Mamede pertence à freguesia de Godinhaços e a outra é de Duas Igrejas. É um povoado antiquíssimo, com muitas casas de pedra em ruínas, antigas cabanas de colmo que servem para cortes de cabras e ovelhas, algumas casas feitas de boa pedra e aqui e acolá montes de pedras de vários tamanhos, que podem ter pertencido à lendária Torre de S. Mamede, onde um rei mouro se refugiara com a sua formosa amante — diz uma das lendas ainda contadas em Godinhaços. Depois da morte do seu amigo e protector, a bela moura andou errante por aqueles montes e está encantada na Fonte do Penedo do Mouro, nascente do rio Neiva, onde os antigos a viram a beber em noites de lua-cheia. E diz outra lenda que muitas mouras encantadas existem neste local, por ser ali que os Mouros peneiravam o ouro que exploravam na serra do Oural. E por falar do Penedo da Fonte do Mouro, já ouvi dizer que alguém o partiu a fogo e desviou aquela água para uma propriedade sua, desviando-a para muito longe dali e causando muitos prejuízos aos consortes que logo abaixo a aproveitavam e tinham repartido para a rega das suas terras, o que não deixou de ser um roubo. Eis um caso para ser verificado pelos Serviços Hidráulicos, a quem compete resolver este sério problema.

S. Mamede é um lugar onde há abundância de água, razão por que são muito férteis as suas terras na produção de cereais, cria muito gado caprino, ovino e cavalariço, porcos e aves domésticas, e cada lavrador tem sempre a sua junta de bois. É servido por uma estrada, construída em 1980, que comunica com Pedregais e vai ser construída outra que dará para a igreja paroquial da freguesia. Tem lindas vistas para os Vales do Neiva, do Homem e do Cávado, para Braga, Sameiro e Falperra e para os lados de Barcelos.

## **PEDREGAIS**

### **S. BENTO**

Na freguesia de Pedregais, concelho de Vila Verde, no lugar do seu nome, fica situada a capela de S. Bento, construída no local em que existia outra antiga, no ano de 1958.

A capela primitiva era muito simples: tinha um alpendre sustentado por duas colunas de pedra, um púlpito, também de pedra, coberto, em dias de romaria, por um rico frontal, onde o pregador fazia o sermão, e duas gateiras, uma dentro do púlpito e outra a pouca altura do chão, por onde os devotos deitavam dinheiro na caixa das esmolas. Tinha uma sacristia nos fundos, por detrás do altar, e uma porta que dava para o exterior. Tinha uma antiga sineira sem sineta, que foi colocada num pequeno terraço da capela nova, feito ao nível da porta do coro, donde são lançados os fogos de promessa.

Esta capela tem um lindo retábulo, altar com talha dourada e um púlpito bem idealizado. Tem duas portas laterais, uma que dá para o terreiro e outra para a sacristia, onde existe um pátio de madeira que dá para o púlpito e para o coro. A sua fachada, muito simples, tem uma janela para entrada de luz, uma cruz e duas pirâmides e o seu telhado é do tipo francês.

A capela primitiva não era tão antiga como parecia, pois ainda não existia em 1548, quando foi feito o Tombo da igreja do Salvador de Pedregais e diz que não existia nenhuma capela que pertencesse à igreja.

A romaria de S. Bento de Pedregais foi sempre muito concorrida por devotos eromeiros vindos de muito longe. Sempre foram muito admirados os seus andores e as suas procissões, por causa dos muitos anjinhos que nelas costumam participar.

A bandeira (um pinheiro novo muito alto, com travessas pregadas em forma de cruzes, cheias de figuras de madeira com várias representações alegóricas devidamente trabalhadas e pintadas, tendo no vértice um avião), também conhecida como bandeira de romaria, erguida trinta dias antes da festa, é um trabalho de artista único no género em todo o concelho. E o arco? Pela riqueza e variedade das suas cores e dos seus motivos alegóricos, que só um Zeca Feio sabe desenhar, talvez não se encontre igual em toda a província do Minho.

A romaria de S. Bento de Pedregais é no dia 11 de Julho.

Ainda me lembro do velho caixão que se guardava na sacristia da capela antiga, destinado a ser alugado para cumprimento de promessas. É ainda viva uma senhora que cumpriu a sua promessa deitada dentro dele, com quatro homens a pegarem em seus varais, dos limites da freguesia de Pedregais com a de Duas Igrejas até à capela, deu três voltas em redor da mesma e, posto o caixão no chão e aberta a sua cobertura, se levantou, dando graças a S. Bento que milagrosamente a curara dum mal que a ciência médica tinha considerado sem cura.

A S. Bento os devotos oferecem: ovos, cravos, cera e dinheiro <sup>(1)</sup>.

---

(1) As promessas feitas dentro do caixão pelos devotos há muitos anos que se deixaram de fazer, por serem demasiado chocantes para quem as cumpre e às vezes

No dia da sua romaria, não faltam ali romeiros vindos de terras distantes, trazidos por devotos de S. Bento em cumprimento de seus votos. Mas não é só no dia da sua festa, porque durante o ano também se vêem ir para lá grupos de nove meninas já crescidas, parando aqui e além, para cantarem nove vezes os belos cânticos tradicionais que antigamente muitos outros romeiros cantavam pelos caminhos que levam à capela e, como agora, também cantavam, parados, outras nove vezes, nas três voltas que davam à capela, para fazerem a sua romaria ao santinho. A letra dos cânticos era e é assim:

*Senhor S. Bentinho,  
Aqui vos trazemos  
Estes romeirinhos  
Que vos prometemos.*

*Senhor S. Bentinho,  
Aqui vimos nós:  
Com estes raminhos (de cravos)  
Que são para vós.*

*Senhor S. Bentinho,  
Velinhas a arder,  
Umas apagadas,  
Outras a acender.*

*Senhor S. Bentinho,  
Nós vamos embora.  
Deitai-nos a bênção  
Pela porta fora.*

Este último verso é o da despedida, em frente da capela. Cada uma das meninas pode divertir-se na romaria, a pessoa que cumpriu a sua promessa pode fazer o mesmo. Uns romeiros chegam e outros se despedem de S. Bento e os turistas não se cansam de admirar estas devoções e a fé que a nossa gente ainda tem nos santos a quem pede saúde e agradece os milagres recebidos.

---

os devotos desmaiavam ao tentarem cumpri-las. O actual pároco esclareceu os devotos que se não devem fazer promessas difíceis de cumprir. Mas a S. Bento os devotos oferecem fogos, andores e anjinhos.

## SANTO ANTÓNIO

No espaçoso terreiro desta capela, encontra-se um alpendre sustentado por duas colunas de pedra e uma parede, onde se encontra um nicho com a imagem de Santo António fechado por um caixilho de ferro forjado e por uma vidraça, altar de pedra e, logo abaixo dele, metido na parede, um mealheiro de ferro onde os devotos de Santo António, quando passam no caminho público que fica ao lado daquele alpendre, colocam as suas esmolas em dinheiro e acendem velas.

Este alpendre é cercado por um muro de pouca altura e tem uma porta com gradil de ferro forjado. À entrada deste alpendre, do lado de fora, encontra-se um fojo-de-pedra, que servia para dificultar a entrada de animais vadios naquele recinto.

Antigamente, Pedregais fazia uma festa a Santo António, no dia 13 de Junho e depois incorporou-a na romaria de S. Bento, para a qual são nomeados quatro mordomos e duas mordomas. Tem um sermão e um andor.

## SANTA MARIA MADALENA

Na casa da Madalena, antigo solar dos Feios, encontra-se uma linda capela dedicada a Santa Maria Madalena, onde todos os anos, na véspera da romaria de S. Bento, é ornamentado um andor, quase sempre o de Santo António, mas já foi o de S. Bento, que costumava ser sempre o melhor. Este andor vai em procissão para junto da capela de S. Bento, antes da procissão da romaria, para se incorporar na mesma. Antigamente seguia para a igreja paroquial, donde saíam as procissões, dada a exiguidade da capela antiga e no púlpito que estava na sua fachada, por baixo do alpendre, é que era feito o sermão-campal.

O Tombo da igreja do Salvador de Pedregais, feito em 1548, fala da ermida da Madalena, que estava situada num lugar ermo, o que prova que já no tempo do Prazo da Madanella (Madalena), foreiro à igreja de Pedregais, já lá existia uma capelinha dedicada a esta santa, aliás a única da freguesia na primeira metade do século XVI.

## DUAS IGREJAS

### SANTA MARIA MADALENA

Em Duas Igrejas, concelho de Vila Verde, fica situada, no lugar do seu nome, a antiga casa solarenga da quinta do Coto, que pertenceu a Manuel de Sousa Pereira Lobato de Amorim, foi propriedade de

António Mimoso, da freguesia de Sá, concelho de Ponte de Lima, e agora é de vários proprietários, alguns dos quais filhos de antigos caseiros da família Mimoso.

Tanto a casa do Coto como a sua antiga capela encontram-se muito arruinadas e à capela só lhe restam as paredes. A sua fachada é uma cópia autêntica da fachada da igreja paroquial desta freguesia.

As cruzes que ainda se encontram sobre a cornija do seu portal antigo revelam respeitável antiguidade, como também a sineira da capela que se encontra sobre o referido muro, ao lado da mesma, que era dedicada a Santa Maria Madalena e cuja imagem foi levada pela família Mimoso para a capela dos Pereiras, de sua propriedade, na vila de Ponte de Lima.

Falei em portal antigo, porque na padieira do portal duma casa que fica ao lado desta, está gravada a era de 1862, ano em que foi construído o lagar do vinho que lá se encontra e feita a casa em ruínas cujo telhado o cobria.

Nesta capela, encontram-se duas sepulturas com inscrições e lavores muito antigos. Numa está gravado o seguinte: A SEPULTURA DE MANUEL DE SOUSA PEREIRA LOBATO DE AMORIM E SUA MULHER E na outra: IOANNA LVIZA DE SOUSA PRA. CALDAS E SEV SERDR — ANNO DE 1736.

Pela segunda inscrição, com a era de 1736, dizendo que ali foram sepultados Joana Luisa Pereira Caldas e seu servidor — seu criado —, vê-se que a capela é anterior ao século XVIII, pois já existia no século anterior e deve ter sido construída na mesma época em que foi a casa do Coto.

O forro duma sala desta casa, onde existiam pinturas e quadros de inestimável valor foi, há muitos anos, vendido para um museu e ainda vivem pessoas que assistiram ao trabalho de desprezar as suas tábuas e ao seu transporte para uma camioneta que as veio buscar.

Esta casa do século XVI, por falta de proprietários que zelem pela sua conservação, caminha para a sua ruína total, desaparecendo com ela o esplendor que tivera no passado, destino de tantas residências apalaçadas dispersas por todo o Norte do País, que desaparecem pela falta de um organismo oficial que velasse por estas obras de arte que jamais se voltarão a construir no futuro e que representam o gosto artístico e o espírito de grandeza e religiosidade dos nossos antepassados.

De tão antiga que é e da grandeza de que foi testemunha no passado, a casa do Coto deixou também as suas lendas na memória dos vivos e o povo ainda fala e acredita na veracidade de duas pelo menos. Uma delas é a seguinte:

A casa do Coto pertenceu a um valoroso general que, em tempos antigos, pôs em debandada um exército castelhano que marchava por terras dos Arcos de Valdevez em direcção a Braga, quando os seus

espias descobriram no alto do monte Borrelho, na estrada romana ainda hoje conhecida como estrada dos Arcos, que comunicava entre a Portela das Cabras e o vale do rio Vade, um grande aglomerado de luzes, que se deslocava para aqueles lados, e que não era senão um rebanho de cabras com tochas atadas aos chifres que aquele general levava na sua frente. Esta lenda refere-se à batalha da Veiga da Matança ou às guerras da Restauração da nossa Independência. O povo conta esta lenda, porque já a ouviu contar aos antigos.

Outra lenda revela certa autenticidade e parece ter-se mesmo verificado na realidade. O seu fundo moral não é de desprezar, pois a nossa gente, na sua simplicidade, gosta de apreciar o aspecto moral dos seus contos, o que revela uma forte cultura anímica que se tem comunicado de geração em geração e que tem sido a base da razão de ser do patriotismo e do amor à sua terra.

Um fidalgo da casa do Coto mantinha um romance amoroso com uma bonita e pobre mulher que morava ali perto numa casa do lugar do Ribeiro e vinha, quando podia, dormir com ela numa cama muito pobrezinha, onde os dois amantes passavam muito frio.

Quando a esposa do fidalgo soube dessa união proibida, não disse nada ao marido. Um dia, como quem não sabia de nada, entrou na casa daquela mulher, viu a cama onde existiam uns velhos farrapos, e perguntou-lhe:

— É nesta cama que se deita o meu marido?

A mulherzinha, sufocada e cheia de medo, porque o sentimento de culpa lhe pesava na consciência, não esboçou uma única palavra.

Trago-lhe aqui — disse a esposa do fidalgo — estas travesseiras, estes lençóis e estes cobertores, para que o meu esposo não passe frio durante a noite e durma numa cama tão limpa, confortável e asseada como aquela em que descansa na sua casa.

O fundo moral desta lenda é muito importante, porque deixa subentender a divina prudência da esposa daquele fidalgo desencaminhado e iludido e mostra que o silêncio e a calma de quem ama sinceramente é mais poderoso do que as palavras ásperas e as discussões estéreis, que mergulham no ódio pessoas cujo dever é perdoar e que ninguém gosta de ser acusado dos seus defeitos.

O resultado do trabalho daquela esposa traída não se fez esperar, porque o seu esposo, quando entrou na casa daquela pobre mulher, ao ver aquela modesta cama, no dia anterior coberta de trapos e naquele momento bem composta e asseada, deve ter conhecido aquelas peças de roupa que a cobriam, aquelas fronhas, aquelas lençóis ricamente bordados e aqueles cobertores que tinham sido trazidos da casa do Coto... Meditou no seu escandaloso comportamento e, sem esboçar uma simples palavra, reconhecendo o seu mau procedimento e o caminho errado em que tinha andado, deixou aquele compartimento da



sua ilusão, regressou ao arrimo do seu lar e nunca mais quis saber de procurar aquela pobre mulher por quem se deixara apaixonar.

Mas voltando a falar da capela da casa do Coto, volto a afirmar que ela, na sua fachada, é uma cópia autêntica da que se pode ver na igreja paroquial de Duas Igrejas. Sobre o portal da casa do Coto, pousadas sobre a cornija, encontram-se umas cruces de pedra muito antigas e a sineira da capela. Os braços dessas cruces são boleados, talvez em estilo barroco e a casa, feita em boa pedra, é um rico exemplar do seu tempo e merece ser visitada pelos estudiosos.

### SANTA MARTA

No lugar das Bragadas, num terreno ainda hoje chamado terra do Adro, existiu uma capela dedicada a Santa Marta, cuja imagem, obra de arte dos séculos XIV ou XV, se encontra numa sacristia da igreja paroquial. Permaneceu durante muitos anos em ruínas e a sua pedra foi vendida em 1950 ao Dr. Espregueira Mendes, para a capela que nesse ano mandou construir na quinta do Montinho em Goães, dedicada a S. João de Brito.

O terreno onde estava a capela está arrendado e o seu caseiro paga de pensão ao tesoureiro da Confraria do Senhor duas rasas de milho.

### SANTO ANTÓNIO

Na freguesia de Duas Igrejas, lugar de Cháscoa, concelho de Vila Verde, está situada a capela de Santo António, onde se realiza uma concorrida festa no mês de Agosto, pela conveniência de estarem cá de férias os conterrâneos emigrados em países europeus. Já se realizou no dia 8 de Setembro e, em tempos antigos, no dia 13 de Junho.

No seu terreiro, encontra-se um cruzeiro, que denota muita antiguidade. As procissões das suas festas, há uns anos para cá, vão às Alminhas do Fulão, onde são os limites de Duas Igrejas e da freguesia da Boalhosa, concelho de Ponte de Lima. O seu antigo alpendre com telhado sustentado por colunas de pedra, já não existe, porque foi substituído por uma placa de cimento, há poucos anos, que tirou à capela o seu aspecto antigo e até se diz que a mesma se encontra contra uma pedra onde estava gravada uma inscrição, o que aumenta a falta de gosto de quem mandou fazer esta obra e cair a capela. Do lado norte, esta capela tem uma porta que dá para a sua capelinha-mor e o seu arco-cruzeiro é muito interessante. No altar principal está a ima-

gem de Santo António e, além desta, existe outra menor do mesmo taumaturgo. Nos dois altares laterais, ornamentados com colunas, parras e cachos de uvas, estão as imagens de S. João e da Senhora da Graça. Todos os altares foram pintados, mas outrora a sua talha deve ter sido dourada. E também tem o seu púlpito.

O recinto do alpendre é cercado por grandes pedras de esquadria e, na parte interior, tem bancos de pedra em forma de coreto, onde tocam as bandas de música e as pessoas se abrigam da chuva e do sol do Verão. A porta deste recinto, de duas peças, é um gradeado de ferro forjado, que impede que os animais vadios entrem ali e sujem a porta da capela.

Denota muita antiguidade a sineira, que deve ter pertencido à capela primitiva, que deveria ser muito mais pequena.

Ao lado dela, ao sul, está sepultado um pobre indigente que morava no lugar de Porrinhoso, não tinha parentes que lhe custeassem o funeral e o então pároco de Duas Igrejas ordenara que o enterrassem junto da capela de Santo António de Cháscoa.

No chamado Domingo Gordo, há aqui uma missa cantada e um bazar famoso, onde se arrematam queixadas de porco e grandes talhadas de presunto, que os devotos de Santo António oferecem para ajuda das despesas da sua festa.

Do lado sul desta capela, descobre-se a maior parte do distrito de Braga, para os lados de Esposende, Barcelos, Braga, Sameiro, Amares, Pico de Regalados, Terras de Bouro, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, e ali mais perto a Ribeira de Penela ou do Neiva, com os seus campos verdejantes, as suas estradas, os seus lugares com as suas casas residenciais em estilo urbano, com os seus telhados vermelhos e as várias cores das suas tintas, as igrejas no vale e as capelinhas no alto dos montes. E porque não falar de Vila Verde, em amplo progresso, com os edifícios novos que se vêem ao longe e com a torre da sua igreja matriz apontando para o Céu.

Santo António de Cháscoa tem agora uma estrada nova, que comunica com a E. N. 308, em Rio Mau, no lugar do Ângulo Quaranta, e com a E. N. 307 — Viana-Gerês, que já se encontra aberta até à freguesia da Boalhosa, e já existe outra que vem pelos lugares de Porrinhoso e S. Mamede, pela encosta do lado nascente do monte Sabroso e comunica com a estrada municipal em Pedregais que desce pelo centro da Ribeira do Neiva para Braga e Vila Verde, e por Godinhaços para Vila Verde, para Codesseda, Ponte da Barca e muitos outros lugares.

## SANTA LUZIA

Na freguesia de Azões, concelho de Vila Verde, no lugar a que deu o nome, fica situada a capela de Santa Luzia, onde antigamente se fazia uma grandiosa festividade e uma feira de gado que durava uma semana. Esta feira ocupava os campos do actual lugar das Cabanas, onde os feirantes armavam as suas tendas e os ourives as suas cabanas ou barracas, sem precisarem de pedir autorização aos seus proprietários, pois aquelas terras até às Corredoiras eram consideradas, de ano para ano, os locais tradicionais da Feira de Santa Luzia, a mais importante de toda a Ribeira de Penela<sup>(1)</sup>.

Vinham a esta feira contratadores de gado bovino e cavalariagem dos vários quadrantes do País, havia corridas de cavalos, e ali permaneciam as barracas dos feirantes até o fim do mês de Dezembro, onde o povo da Ribeira e arredores vendia e comprava o que necessitava: roupa, louça, ouro, calçado, enfim, era uma das festas e das feiras mais famosas daqueles tempos.

A estrada pública que vinha de Goães para Duas Igrejas e Godinhaços, era muito movimentada: mulheres com balaços à cabeça, lavradores tangendo os seus bois, cavaleiros montados em cavalos e éguas, burriqueiros com os seus muares, grandes e pequenos, devotos eromeiros, uns a caminho da festa e da feira e outros regressando às suas terras, uns para os lados de Godinhaços e outros com destino a Vila Chã, uns para Ponte de Lima, outros para Prado e Barcelos, quem viajasse pela via romana que ia de Braga a Astorga não deixaria de estranhar aquele formigueiro de gente...

Coisas do passado, que vale a pena recordar, quando não havia carros de passageiros nem automóveis e, a não serem os proprietários de boas éguas, cavalos-de-raça ou até um simples burro, que era meio de transporte de homens pobres e moleiros, se bem que em Israel era considerado rico quem possuísse um desses jumentos que os moleiros utilizam no transporte de sacos de milho e farinha, poucas pessoas dispunham de recursos para viajar numa carroça e quase toda a gente viajava a pé. A carroça era o meio de transporte dos nobres e dos ricos senhores.

---

(1) Foram as cabanas dos feirantes que vinham instalar as suas tendas nos terrenos onde se realizava a Feira de Santa Luzia que deram o nome a este lugar, ficando esquecido o que tinha em eras remotas. Ainda hoje se diz que muitos barraqueiros ficavam ali tanto tempo que era preciso corrê-los à pedra para desocuparem as terras.

Como as coisas mudaram, neste tempo em que até os animais, para não perderem o peso, viajam de carro e até parece que não gostam de andar a pé.

Deixemos o passado, que não volta atrás, e falemos do presente. Realiza-se nesta capela uma festa muito concorrida por devotos e romeiros, no domingo a seguir ao dia 8 de Dezembro. Era no dia 8 deste mesmo mês e, antigamente, era no dia 13 e se prolongava até ao fim de Dezembro.

É uma capela muito antiga e provavelmente não é a primitiva. O seu altar apresenta bela talha dourada, tem duas imagens de Santa Luzia, uma da Senhora do Sameiro e outra de Santa Apolónia.

Foi toda restaurada, no douramento da sua talha, na pintura do seu interior e na sua parte externa, ficando-se a dever o lambril de belos azulejos, restauração das imagens e outros melhoramentos feitos no seu interior, ao construtor civil Joaquim Peixoto de Azevedo, natural de Duas Igrejas, em cumprimento de uma promessa, obras que mandou executar no ano de 1979.

Tendo ficado praticamente cego de uma vista — o olho esquerdo, depois de ser tratado pelos melhores especialistas do País e de se ter internado, por várias vezes, na Clínica Barraguer de Barcelona, Espanha, sem esperanças de recobrar a vista, recorreu à protecção da milagrosa Santa Luzia, prometeu-lhe fazer à sua custa os melhoramentos que estivessem ao alcance dos seus recursos, e inesperadamente recuperou a vista, retomou a direcção da sua empresa, passou a superintender as suas construções e a dirigir automóvel como dirigia antes de ficar cego.

Apesar de ser uma festa de Inverno e quase sempre chover, é ainda hoje uma festividade muito concorrida por grande número de devotos e romeiros, que ali vão cumprir as suas promessas e não deixam de comer figos e beber vinho branco, nos estabelecimentos comerciais das Cabanas, onde as tendeiiras vendem doces, figos, tremoços e reguicifas, e o povo se junta a passear na estrada municipal, ou perto da capela onde se encontra um tascó improvisado, com tenda ao ar livre ou no alpendre da casa do Lamosa, a vender vinho branco e postas de bacalhau.

## S. MIGUEL-O-ANJO

Na freguesia de Azões, concelho de Vila Verde, fica situada, no lugar a que deu o nome, na encosta do monte Aventosa, a grande capela de S. Miguel Arcanjo, mais conhecida pela denominação de S. Miguel-o-Anjo, mandada construir, em 1730, pelo Padre Matias Pinto de Abreu, natural de Rio Mau. Este padre era muito rico. E por testamento de 11 de Novembro de 1765, declarou seu herdeiro universal o primo Adriano Alves, designando «para sua sepultura a que está

ao pé do altar da Senhora do Bom Sucesso da capela de S. Miguel de Azões».

O que mais contribuiu para a construção desta capela foram as relações pouco amistosas do Padre Matias com o abade da igreja paroquial de Rio Mau, que chegou a não lhe franquear os paramentos e as partículas para ele celebrar missa na sua igreja. Não foram outras as razões que o levaram a queixar-se do abade ao arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, em 1720.

Desconhecendo-se a data do seu falecimento, mas reparando-se na data do seu testamento, pelo qual deixou todos os seus bens ao primo Adriano Alves, que vivia com ele, vê-se que o Padre Matias Pinto de Abreu satisfez plenamente os seus gostos, celebrando missa, durante muitos anos, na sua capela de S. Miguel Arcanjo, mostrando ao abade de Rio Mau que já não precisava dos seus favores.

Não admira que o Padre Matias Pinto de Abreu fosse muito rico, porque herdou uma grande fortuna que seu irmão ganhara no Brasil e morreu solteiro.

Não conhecemos os motivos que levaram o abade de Rio Mau a negar-lhe os paramentos e as partículas, mas é de supor que o Padre Matias, embora muito rico em propriedades, não dispusesse de dinheiro feito para as franquezas ou obras de caridade que no entender do abade ele teria obrigação de fazer e talvez o tivesse rotulado de avarento...

A capela de S. Miguel Arcanjo, em Azões, é um dos raros templos existentes nas aldeias, onde se podem apreciar as concepções architectónicas mais arrojadas, principalmente na sua fachada, que empolga pela majestade dos seus ornamentos artísticos esculpidos em pedra e pela beleza e harmonia do seu conjunto.

É pena que esteja fechada e com muitas brechas em suas belas cornijas, abandonada e reduzida a capela funerária, e que, mais cedo ou mais tarde, quer pelo seu valor architectónico, quer pela sua privilegiada situação em local muito vistoso e muito saudável, vai ser a futura igreja paroquial de S. Paio de Azões, que em 1220 se chamava S. Paio de Vila Nova, quando a actual igreja matriz está situada num sítio muito baixo e difficilmente se descobre da estrada municipal que passa pelo centro da Ribeira.

Falta-lhe a torre para os sinos e uma residência paroquial — porque estrada já tem até lá —, mas isso não constitui grande problema, porque esta freguesia é, e sempre foi, berço natal dos melhores artistas-pedreiros, canteiros, estucadores e pintores, destacando-se a família dos Rochas, aos quais se devem as obras cheias de arte e beleza, como capelas, igrejas, jazigos, cruzeiros, torres de igrejas, pontes e casas de moradia em pedra lavrada existentes nesta Ribeira e mais longe ainda.

A capela de S. Miguel Arcanjo tem dois púlpitos, muitos janelões e gateiras e várias portas. Não incluindo a porta principal, o número

de portas, janelas e gateiras, ascende a vinte e uma. Tem duas sacristias e sobre uma delas um espaçoso salão. Tem três altares: altar-mor e dois laterais, todos despidos e desprezados: sem toalhas, sem castiçais, sem flores e sem velas... até parece mentira!!

Encontram-se nesta capela muitas imagens: a de S. Miguel Arcanjo, no altar-mor, com as de S. Sisto, S. Domingos, e três imagens de Nossa Senhora, todas muito velhinhas e desprezadas.

O altar-mor é muito simples, de madeira, e o seu douramento está muito desgasto pelo tempo.

Nas padieiras das portas interiores e numa de uma porta exterior, encontra-se gravada a Cruz de Cristo.

Tem no arco-cruzeiro dois nichos com as imagens de Nossa Senhora da Lapa e Santa Rita de Cássia.

Três pias da água-benta, abertas na parede, estão encimadas pela Cruz de Cristo.

Lá estão ainda as divisões das sepulturas, do tempo em que os enterros se faziam nas igrejas. Grandioso templo, que o Padre Matias Pinto de Abreu, homem de gosto e de Fé, mandou construir, para celebrar missa, e nele descansar depois da sua morte.

Na frente desta capela, ficava antigamente um torreão feito com duas pranchas de madeira, onde existia um sino denominado sino de S. Miguel-o-Anjo, que foi depois levado para a torre da igreja paroquial. Mais tarde, partiu, foi levado para uma fundição e trocado por outro novo, que tinha gravada a effigie de S. Miguel-o-Anjo e parece que também este já não existe.

Na mesma ocasião em que foi construída esta capela, foi também erigida a casa da Cerca, onde não reside ninguém, mas poderia servir de residência paroquial, mediante uma restauração geral e talvez alguns acréscimos. Pertenceu à capela, mas actualmente pertence a uma família de Duas Igrejas.

Diz-se por aqui que o P.<sup>e</sup> Matias Pinto de Abreu residiu na casa da Cerca, ali junto da sua capela de S. Miguel, mas o que se sabe documentalmente é que ele morou, com seu primo Adriano Alves, em Rio Mau, na casa do Sobrado, no lugar do Borral.

Onde outrora ficava o torreão com o sino de S. Miguel, encontra-se agora o cemitério de Azões, mandado construir em 1929, por José da Cunha, também conhecido como José Ventosa, que faleceu sem ver concluída a obra, mas, antes de morrer, manifestou o desejo de pagar todas as despesas e designou a pessoa que se encarregou de acompanhar os trabalhos até ao fim, deixando dinheiro que chegasse para isso.

Na capela de S. Miguel Arcanjo são iguais as cruzes e as pirâmides da fachada e do arco-cruzeiro. Em três destas artísticas pirâmides já não se encontram os seus remates, que são miniaturas das mesmas.

Caíram ao solo, perderam-se e ninguém se encarregou de as guardar, para serem depois recolocadas nos seus respectivos lugares.

Erguem-se nesta capela três cruzeiras lindíssimas e nada menos do que onze pirâmides, que lhe dão muita imponência e se vêem de toda a Ribeira do Neiva.

Esta grandiosa capela é como que uma cópia da igreja paroquial de Rio Mau, donde o seu fundador era natural, mas não há dúvida que é muito mais rica em arte.

## S. SEBASTIÃO DE SOBRADELO

No lugar de Sobradelo, da freguesia de Azões, concelho de Vila Verde, fica situada a capela de S. Sebastião, advogado junto de Deus contra os três piores flagelos que mais afligem a Humanidade: a fome, a peste e a guerra. O povo crente mantém por este mártir uma simpatia muito especial e uma devoção que se tem transmitido de geração em geração e ainda hoje é muito forte entre o povo das nossas aldeias.

Festejado, actualmente, num domingo dos meses de Agosto ou Setembro, em tempos antigos a sua festa era no dia 20 de Janeiro, quando não existia, como agora, a conveniência de se escolher a época em que os nossos emigrantes vêm aqui gozar um mês de férias e, como ganham mais dinheiro e se deslocam à terra natal para matar saudades, até gostam de colaborar nas despesas de qualquer obra que os festeiros realizem de interesse público e torna-se conveniente fazer esta e outras festas depois da sua chegada e antes da sua partida...

Na padieira da porta da capela de S. Sebastião de Sobradelo, encontra-se gravada a era de 1852, que deve ser a da sua reconstrução, no mesmo local da antiga, que a tornou mais espaçosa, mas a primitiva, se não era mais antiga, devia remontar à segunda metade do século XVI ou era mais antiga ainda, o que se depreende pelo desgaste dumás pedras que lá se encontram.

Com as suas pedras lavadas, a alvenaria tramada com argamassa de cimento, o seu interior muito asseado, o muro do adro bem caiado, esta capela está um mimo.

O lugar de Sobradelo é agora beneficiado por boas estradas recentemente construídas, e os seus moradores já podem ir à Ribeira e voltar de automóvel. No lugar da Ermida, pouco distante daqui, já existe um telefone há vários anos e recentemente foi criada uma estação de táxi.

Situada em lugar alto, do adro desta capela desfrutam-se belos panoramas.

## GOÃES

### SENHOR DO BONFIM

Na freguesia de Goães, concelho de Vila Verde, no lugar do mesmo nome, fica situada a capela do Senhor do Bonfim, onde antigamente existia uma ermida com a sua porta virada para o nascente e onde se fazia uma festa muito concorrida.

A capela primitiva foi demolida em 1894 e, no mesmo local, com a porta virada ao poente, foi construída a actual e bem assim a sua sacristia.

Naquele tempo, o seu terreno, que era mais espaçoso do que actualmente, constituía um frondoso souto de carvalheiras seculares de que não resta uma só árvore, pois foram todas destruídas e as suas próprias cepas transformadas em carvão.

Era à sombra hospitaleira daquelas velhas carvalheiras que se faziam os seus arraiais, as bandas de música executavam alegres rapsódias e a mocidade dava largas à sua alegria.

Desde tempos antigos que se realiza aqui uma grandiosa festividade no primeiro domingo de Setembro, ainda hoje muito concorrida pelos devotos do Senhor do Bonfim, que lhe oferecem azeite, cereais, linho e esmolas em dinheiro, para ajuda das despesas da Sua festa e em cumprimento dos seus votos.

Todas as despesas com os pedreiros que ergueram as paredes desta importante capela foram pagas por D. Leopoldina Miranda Portela Lopes, como consta duma inscrição existente numa lápide de mármore que está cravada na parede da sua sacristia e que é a seguinte:

A MÃO D'OBRA DE PEDREIRO  
FOI PAGA PELA BENFEITORA  
D. LEOPOLDINA MIRANDA PORTELA LOPES  
NATURAL E RESIDENTE NO RIO DE JANEIRO  
ESPOSA DE JOSÉ MANUEL LOPES  
DESTA FREGUESIA  
— 1894 —

Os andores da festa do Senhor do Bonfim costumam ser aparelhados na capela de Nossa Senhora da Conceição, do lugar de Santo Tirso, donde vêm em procissão, antes dos actos religiosos da parte da tarde do dia da festa e ficam do lado de fora da capela do Senhor do Bonfim, para a procissão de encerramento, que vai desta capela ao cruzeiro da mesma, situado num pinheiral que fica a poucos passos dos limites de Goães com Duas Igrejas. O recinto da capela fica apinhado de gente e na encosta do monte grupos de familiares saboreiam deliciosos doces



com regueifas e vinho, adquiridos ali no terreiro, onde não faltam docesiras vendendo apetitosos doces e roscas de trigo e tascos improvisados ao ar livre, à sombra de ramos de loureiro, ou de toldos, com os pipos de vinho verde sobre carros de bois ou debaixo da varanda dum vizinho do Senhor do Bonfim. A banda executa o seu repertório no coreto ali existente e aquela gente toda, dispersa em grupinhos à sombra de frondosos pinheiros, aprecia os toques da filarmónica, descansa à vontade e regala-se de admirar a fascinante paisagem do centro do Vale do Neiva.

Na frente desta capela, passa agora uma estrada municipal construída em 1979, que vai ligar a freguesia da Portela de Penela a Duas Igrejas e fazer ligação com várias outras, uma que desce do lugar do Fojo para o Outeiro e segue para o lugar do Ronco, outra que passa no lugar da Silva, em Duas Igrejas, outra que comunica com a E. N. 308 e dá para a igreja paroquial de Goães e ainda outra que passa nos lugares de Borrainho e Calçaperra e segue para o lugar da Devesa, quase todas construídas em 1980 e cuja pavimentação ainda está por fazer.

Agora servida por muitas estradas municipais, a capela do Senhor do Bonfim pode ser visitada de carro com a maior facilidade.

É muito elegante a fachada da capela do Senhor do Bonfim e da sua sacristia, sobre a qual se encontra uma sineira que é a da capela primitiva. Uma lâmpada de azeite está continuamente acesa nesta capela. Quem passa por ali não deixa de contemplar a piedosa imagem do Senhor do Bonfim, implorar de Jesus Cristo a graça de uma vida feliz e dum último suspiro que seja o encontro amoroso de uma alma fiel com o Senhor da Vida e da Morte.

## NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Na freguesia de Goães, lugar de Santo Tirso, concelho de Vila Verde, fica situada a capela de Nossa Senhora da Conceição, no local onde existiu antigamente outra capela ou a igreja paroquial da extinta freguesia de Santo Tirso de Penela, que foi incorporada na de Goães e que, em 1220, fazia parte do extenso Julgado de Penela (uma espécie de comarca dos nossos dias), que abrangia 34 freguesias e foi seu primeiro donatário D. Frei Álvaro Gonçalves Camelo, terceiro grão-prior do Crato.

Esta capela foi construída em 1751 e sempre foi capela pública. Tem festa no dia 8 de Dezembro. No dia da festa do Senhor do Bonfim, que se realiza no 1.º Domingo de Setembro, sai daqui uma procissão.

Grandes melhoramentos foram levados a efeito há dois anos, tanto no interior como na parte externa desta capela e até no seu recinto

e no pátio que dá acesso ao mesmo, mandados fazer por Manuel da Costa, natural de Goães e ausente no Brasil.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição foi devidamente restaurada, o seu nicho ricamente dourado, a capela foi ornamentada com um lambril de belos azulejos, o pavimento revestido com mosaicos, instalado um altar moderno, onde o sacerdote celebra missa de frente para a assembleia, enfim, nada escapou, nem o telhado, nem as pedras lavradas, quer a uma pintura cuidada como a uma limpeza briosa e ali tudo ficou com um aspecto de uma obra feita de novo. Parabéns.

A poucos metros da capela, ao sul, encontra-se no portal da antiga casa de Santo Tirso uma moldura de madeira em forma de cruz, ostentando um crucifixo de metal e tendo ao fundo uma caixa das esmolas. Encontra-se nessa moldura uma inscrição que diz o seguinte: LEMBRAI-VOS DO SENHOR DOS AFLITOS — RECORDAÇÃO DA CASA DE SANTO TIRSO DE GOÃES — 1949. Era aqui a residência paroquial da extinta freguesia de Santo Tirso de Penela, que pertenceu à família Rocha, foi propriedade de António de Amorim, que nela fez obras há cerca de 45 anos e actualmente pertence a seu filho José da Rocha Amorim, primo do autor destas linhas.

## S. JOÃO DE BRITO

Na freguesia de Goães, concelho de Vila Verde, a pouca distância da capela de Nossa Senhora da Conceição, fica situada a moderna capela de S. João de Brito, mandada construir em 1950 pelo Dr. João Espregueira Mendes, no recinto da sua casa solarenga da quinta do Montinho, com a pedra da capela de S. Sebastião da casa de Mereces, em Calvelo, concelho de Ponte de Lima, que os Teixeiras possuíam no lugar de Vilela, da mesma freguesia de Calvelo, e com a da capela de Santa Marta, que existiu antigamente no lugar das Bragadas, freguesia de Duas Igrejas, concelho de Vila Verde, e que há muitos anos se encontrava em ruínas.

A casa apalaçada da quinta do Montinho foi fundada, em 1898, por Domingos Joaquim de Oliveira, que mandou gravar na padieira da porta da fachada do lado norte as letras iniciais do seu nome completo: D. J. O.

A entrada principal deste solar é virada para o sul, com rico pátio com resguardos e uma rica varanda em boa pedra, sustentada por colunas. É um rico edifício.

Está neste recinto a capela de S. João de Brito, com rosácea, pirâmides e cruces muito bonitas, mas tanto no seu interior como na parte externa está a exigir reparos e pinturas.

A encimar o rico portal, numa frontaria que é mais antiga do que a casa do Montinho, encontra-se um brasão que pertencia ao nobre solar do Arejal da freguesia de Fojo Lobal, concelho de Ponte de Lima, tendo sobre a cornija do longo muro que cerca o recinto desta casa belas pirâmides e ameias.

Esta rica propriedade pertence em comum aos filhos do Dr. Espregueira Mendes, falecido na cidade do Porto em 24 de Maio de 1960, informação que obtive de Domingos Martins, que é caseiro desta quinta há 43 anos.

### **NOSSA SENHORA DA NAZARÉ**

Na casa da quinta de Coura, nesta freguesia, existiu uma capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, cuja pedra foi levada pelo seu proprietário, Adelino Correia, já falecido, para a sua quinta em Palmeira, concelho de Braga, há cerca de 30 anos. As propriedades desta quinta foram todas vendidas e a capela foi reconstruída em Palmeira.

## **RIO MAU**

### **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ**

No lugar da Feira Nova, freguesia de Rio Mau, concelho de Vila Verde, está situada a capela de Nossa Senhora de Nazaré, onde se realiza uma festa a Santo Amaro, no dia 15 de Janeiro.

No altar desta capela, que é de madeira e apresenta belos desenhos de talha que já foi dourada, mas se encontra pintada de branco, encontram-se as imagens de Santo Amaro e de Nossa Senhora de Nazaré, esta do lado do Evangelho, e aquela em um nicho no centro do retábulo. No retábulo destacam-se os raios solares e o monograma da Ave Maria, muito bem talhados numa só peça.

Em duas pedras dos cunhais da fachada desta capela e à altura da padieira da sua porta, encontram-se duas inscrições. A do lado esquerdo diz CAPELA DA S. DE NAZARÉ e a do lado direito: FEITA À CUSTA DO P. LUIZ DE SÁ, tendo por baixo o ano de 1844.

Parte dos alicerces desta capela está assente num rochedo. E vê-se pelas duas inscrições que esta capela foi dedicada à Senhora de Nazaré e não a Santo Amaro, dedicação que foi feita mais tarde.

No monte da Feira, que está situado a noroeste da igreja paroquial, é que em tempos antigos se realizava a Feira de Rio Mau. Depois, transferiram-na para o lugar do Coto, onde, muitos anos mais tarde,

foi construída a capela da Senhora de Nazaré, em 1844, e o Padre Luís de Sá, natural desta freguesia, a mandou erigir na intenção de haver nela missa aos domingos, dia em que se realizava a feira de Rio Mau. O lugar do Coto passou a denominar-se da Feira Nova, por causa da feira que se continuou a fazer em volta da capela e no rossio das casas muito antigas que ainda lá se encontram, e só há cerca de 40 anos é que a feira foi mudada para o sítio actual, onde permanecerá para o futuro, pois o seu terreiro vai ser aumentado com o do antigo cemitério da freguesia, cujo muro, dentro de alguns anos, vai ser demolido e os jazigos mudados para o cemitério novo, situado num terreno abaixo dos fundos da igreja paroquial, onde já estão duas pessoas enterradas<sup>(1)</sup>. Um aviso importante aos paroquianos de Rio Mau: — Deixem no local do cemitério velho um lajeado e uma lápide que diga o ano da inauguração e da extinção daquele Campo Santo, a fim de que no futuro se saiba que ali existiu um cemitério. Um lajeado, uma lápide e um marco com uma cruz, dirão aos vindouros que muitos dos seus antepassados foram ali sepultados.

## S. JOÃO BAPTISTA

Na freguesia de Rio Mau, lugar da Veiga do Paço, concelho de Vila Verde, existiu antigamente a capela particular da casa do morgado do Paço, que foi demolida em 1940. E na casa da Pena, que foi dos Freires de Andrade e actualmente pertence aos Coutos, existiu um oratório e um altar, mas a casa antiga onde se encontravam o altar e o oratório já foi vendida.

A casa e quinta da Veiga do Paço era do morgado António de Salazar e Abreu que, com os seus familiares, se encontra sepultado na capela de S. João Baptista, que já não existe.

## S. BENTO

No lugar da Ermida, freguesia de Rio Mau, concelho de Vila Verde, fica situada, em local muito vistoso, a linda capela de S. Bento, onde todos os anos há uma grande romaria que, há poucos anos, se passou a realizar no domingo a seguir ao dia 11 de Julho, por causa doutra famosa romaria que se faz ao mesmo santo, no dia 11 do mesmo mês, na freguesia de Pedregais, deste mesmo concelho.

---

(1) As pedras lavradas do portal deste cemitério, as suas pirâmides e o portão de ferro forjado encontram-se na fachada do cemitério novo. O resto do muro do cemitério do lugar da Feira Nova é que será demolido daqui a alguns anos.

Nesse tempo, quem fosse à festa de S. Bento da Ermida não podia ir à do S. Bento de Pedregais, porque eram feitas no mesmo dia. Desde tempos antigos que os festeiros destas romarias se despicavam em tudo: nos fogos de artifício e nas girândolas que queimavam na noite anterior ao dia da festa, no tamanho dos andores, na bandeira alegórica que erguiam um mês antes das festas, nas cores do papel cortado e nos motivos alegóricos do arco-de-romaria que ainda hoje se ergue no dia anterior e até nas decorações festivas dos recintos das duas capelas.

A partir do ano em que foi construída a estrada que vai da igreja paroquial de Rio Mau ao lugar da Ermida, as coisas modificaram-se: quem tinha automóvel podia estar na Ermida e em Pedregais, mas na realidade não estava o dia inteiro ou pelo menos a tarde toda em nenhuma delas. Por causa disso, os festeiros de Rio Mau passaram a fazer a sua festa no domingo a seguir ao dia 11 de Julho e, nesta data, continua a fazer-se a romaria do S. Bento em Pedregais.

Em tempos antigos, muito antes do século XIV, já existia neste lugar a ermida de S. Bento, que em 1547, como nos diz o Tombo da igreja de Rio Mau, feito nesse ano, se encontrava já sem o telhado e com as paredes muito arruinadas. Se ficou assim até 1618, pois em 1547 «só tinha as paredes e o altar», não se sabe. Em 1618, portanto dali a 71 anos, a capela foi restaurada. E no ano de 1651, como se lê na padieira da porta lateral, foi então reconstruída e aumentada, pois a primitiva deveria ser muito pequena.

Em 1979, foi novamente restaurada, com a colocação de uma placa de cimento, revestida com belos azulejos na sua fachada, no lambril interior e nos dois lados da parede até à altura do altar, o antigo púlpito foi substituído por uma escada de cimento que dá para o coro e as paredes internas e externas foram reforçadas com argamassa de cimento.

É engraçada nesta capela a sineira antiga com uma sineta e as obras que lá foram realizadas em 1979 deixam-na segura para longos anos.

O lugar da Ermida, durante muitos séculos isolado do povo da Ribeira, tem agora telefone público e táxi. Bonitas casas residenciais de estilo urbano-moderno construídas pelos emigrantes dão-lhe aspecto de terra de gente endinheirada. As suas terras são muito férteis em todas as produções desta região. Nasce abaixo deste lugar o ribeiro da Moega, afluente do rio Neiva, também conhecido pela denominação de rio Mau, de cujo nome deriva o da própria freguesia que drena e fertiliza. Tem vistas admiráveis para o sul do Minho e a Ribeira do Neiva ajoelha-se a seus pés. Este lugar é digno de uma visita, pela pureza dos seus ares e pelo soberbo panorama que de lá se descobre.

Agradeço ao ilustre pároco desta freguesia e meu velho amigo, Padre Manuel Agostinho da Silva, natural de S. Martinho de Sande,

concelho de Guimarães, as informações que me concedeu a respeito desta capela e doutras curiosidades muito úteis para o conhecimento da história da Ribeira de Penela ou do Neiva.

## ANAIS

### O BOM JESUS

No monte de Francos, da freguesia de Anais, concelho de Ponte de Lima, a meio caminho do alto do monte Castelo, onde em eras remotas existiu um castro, ergue-se a alvinitente capela do Bom Jesus, onde, no primeiro domingo de Maio, se realiza uma grandiosa festividade, a primeira que abre o ciclo festivo de Verão em todo o Vale do Neiva.

O monte de Francos é a continuação da encosta vistosa e muito pitoresca do monte Castelo, que se vê da E. N. 201 — Braga-Ponte de Lima e é o prolongamento montanhoso da serra do Oural, cujas vertentes, em parte de monte, mas em grande áreas cultivadas, formam pequenos mas irrequietos ribeiros subsidiários dos rios Trelva, do concelho de Ponte de Lima, e Neiva, no concelho de Vila Verde.

Ambiente de puros ares e soberbas vistas, de penedos perdidos na encosta, denegridos pelo tempo, errantes como gigantes mortos à mercê das ventanias e dos coriscos meteorólitos, um aqui e outro além, ou formando pilhas de enormes blocos, à semelhança daquele em que está implantado um cruzeiro todo vestido de branco, onde vão as procissões do Bom Jesus de Anais, quem admira estas coisas não deve deixar de visitar este atraente cenário.

Fora do adro da capela, mas no terreiro que lhe pertence, ergue-se um belo Cruzeiro, que tem gravada nos quatro lados da sua peanha a seguinte inscrição: LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, e eu digo: ASSIM SEJA, para todo o sempre.

O altar do Bom Jesus é muito rico em talha dourada e a sua capela tem mais dois altares laterais, púlpito e coro. A imagem do Bom Jesus Crucificado é uma das maiores e mais belas de toda a região.

A fachada desta capela é toda revestida com lindos azulejos e da mesma cor e gosto são os do lambril do seu interior. Tem um campanário, onde se nota a falta de um pequeno sino; tem uma bela cornija, artística rosácea, uma cruz e duas pirâmides muito bonitas.

No seu terreiro foram construídas modestas casas para arrumos e para serem alugadas em dias de festa a negociantes de vinhos ou vendedores de artigos religiosos e lá se encontra um coreto mandado construir pelos juizes da festa de 1956.

É tradição muito viva entre as pessoas mais idosas da freguesia de Anais, que o grandioso mosteiro do Bom Jesus, que existe nos subúrbios de Braga, estava destinado a ser construído no local em que se encontra a actual capela do Bom Jesus do Monte de Francos e que a obra não terá ido avante, em face dos maus tratos que uns frades sofreram quando aqui vieram com a intenção de examinarem a conveniência ou não do mesmo ser erigido neste monte.

Uma senhora que reside no lugar dos Corvos disse ao autor destas linhas que um pregador, durante os sermões que se realizaram antigamente nesta capela, repetira, por diversas vezes, que esta capela foi construída oito anos antes de ser fundado o mosteiro do Bom Jesus em Braga, ou seja no ano de 1776.

O monte de Francos, encosta do monte Castelo, é digno de ser visitado pelos turistas e pelos estudiosos. É um dos miradouros mais belos que conheço, e de cima daquele penedo do alto do monte Castelo, onde existem vestígios de um castro e tégula de eras remotas, então é que se descobrem panoramas deslumbrantes (1).

## NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Nesta freguesia de Anais, existe a capela particular da casa da família Ferraz Machado, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, situada no lugar das Casas Novas.

No dia 13 de Maio, costuma sair desta capela uma procissão para a igreja paroquial. Encontra-se quase abandonada, a precisar de pintura e de alguns reparos.

## SANTO ANTÓNIO

Também nesta mesma freguesia, pertencente à casa de Barreiros, propriedade dos herdeiros de João Gonçalves Vieira da Cruz, existiu uma capela dedicada a Santo António, que não é vingativo e, se o fosse, não poderia ser santo, donde foi retirada a imagem do seu patrono e há vários anos que se vê transformada em adega da casa, o que é um pouco mais decente de que servir de corte de animais.

Para transformar uma linda capela numa adega não foi muito difícil; difícil seria converter uma caneca em garrafa ou um arado num automóvel.

---

(1) O monte Castelo de Anais é o local indicado para a construção duma pousada de turismo, que muito viria a contribuir para o desenvolvimento turístico desta região sempre esquecida dos poderes públicos.

Os herdeiros de João Gonçalves Vieira da Cruz mostram maior devoção por uns pipos cheios de vinho, do que por uma capela e um altar, onde também são necessárias umas gotas de vinho para a celebração da santa missa. Esta é a maneira mais esquisita e destituída do menor ideal, para quem não tem escrúpulos de reduzir um templo a uma simples adega, para a qual toda e qualquer dependência serve, mesmo não sendo uma capela de culto cristão.

## NOSSA SENHORA DOS EMIGRANTES

No lugar dos Corvos, a pouca distância do cruzamento das E. N. 201 e 308, numa bouça de pinheiros da margem direita do rio Neiva, fica situada a capela de Nossa Senhora dos Emigrantes, invocação que deve ser única em todo o Vale do Neiva. Pertence à freguesia de Anais, concelho de Ponte de Lima. Já tem altar, as imagens de Jesus Crucificado e da Senhora dos Emigrantes, esta oferecida por um devoto.

A sua construção foi iniciada em 1979. A sua estrutura não é de grande duração, porque os blocos de cimento não se comparam à resistência da pedra. É muito espaçosa e até se chama capela-salão ou salão-capela, muito útil para reuniões, sessões de cinema, ensaios de peças de teatro de carácter religioso e conferências.

As obras ainda não estão acabadas, mas o entusiasmo do pároco desta freguesia e da comissão encarregada de as levar a termo não permite que elas fiquem paradas.

O terreno para a construção deste salão-capela foi oferecido à freguesia pelo Sr. António dos Poços.

## MARRANCOS

### S. BRÁS

Na igreja paroquial de Marrancos, concelho de Vila Verde, além do orago que é S. Mamede, venera-se também S. Brás, advogado das doenças da garganta, por esta igreja ter sido construída em 1925, no sítio onde existia uma antiga capela dedicada a este santo.

S. Brás de Marrancos tem festa no dia 3 de Fevereiro.

No alto do monte dos Enxurros, perto da Cova dos Mouros, onde os Romanos e, mais tarde, os Árabes exploraram ouro, desejam os moradores de Marrancos construir uma capela a S. Brás, mas até hoje, não puderam transformar este sonho em realidade...



Junto da igreja de Marrancos está o cemitério da freguesia, construído em 1923, ano em que os enterros se deixaram de fazer no adro e quando ainda existia a capela de S. Brás.

A sua torre foi construída em 1947, à custa de Joaquim Ferreira de Araújo.

Logo após a construção da igreja de Marrancos, a freguesia adquiriu dois sinos e colocou-os num torreão, mas enquanto os não tinha adquirido, estava nesse torreão um sino que tinha sido da sineira da antiga capela de S. Brás, que desde a criação da freguesia já tinha servido de igreja paroquial, quando constituía um curato da apresentação do abade de Arcozelo, cuja igreja foi demolida em 1961 e com a sua pedra se adiantaram as obras da nova igreja paroquial daquela freguesia, inaugurada em 1962. No local da igreja de Arcozelo, demolida em 1961, que já existia em 1220, encontram-se uma horta, medas de palha e árvores de fruto, sem o menor respeito por aquele chão sagrado, onde muitas gerações foram baptizadas, contraíram o seu casamento e foram sepultadas, e agora nem um simples cruzeiro com uma inscrição lá existe para celebrar a sua memória. Ficava junto de um campo, a pouca distância da margem esquerda do rio Neiva e da ponte de pedra que serve o caminho que vai para a quinta da Inveja e para a E. N. 308.

Marrancos é uma freguesia muito bem situada. Tem boas quintas, produz muito vinho e azeite, possui bons pomares e têm-se por aqui construído verdadeiros bairros de novas casas residenciais e é atravessada pela E. N. 201 que liga Braga a Ponte de Lima.

## NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Na freguesia de Marrancos, concelho de Vila Verde, fica situada, no lugar do seu nome, a célebre casa do Paço, que pertenceu aos Alpoins e é actualmente propriedade de Gil Nuno Macedo Rodrigues, natural da freguesia de Carreiras S. Miguel.

Encontra-se nesta casa solarenga uma linda capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção, cujo retábulo os seus antigos proprietários venderam aos Teixeira de Calvelo e se encontra na sua capela de Nossa Senhora da Graça, na casa de Mereces.

É imponente a frontaria da casa do Paço em Marrancos, que, tanto no andar térreo como no sobrado, apresenta portas e não se vêem janelas. Tem um pátio de entrada para o sobrado, com resguardos laterais com muita arte, e de cada lado da primeira caleira, erguem-se dois lindos ciprestes ou chorões.

Ao lado deste pátio, à direita, está a fachada da capela, a facear com um muro que vem até ao portal e encostada à parede deste solar,

apresentando dois frontões triangulares, com belos frisos e outros ornamentos, um sobre a porta e outro sobre uma janela, ao lado da qual, instalada numa armação de ferro forjado, se encontra a sineta da capela e um pedaço do arco da sua antiga sincira encontra-se no chão. No interior encontram-se duas sepulturas sem inscrições.

O retábulo actual é o primitivo e apresenta ornamentos e belas pinturas. É encimado por uma águia, símbolo dos brasões dos seus fundadores.

É encantadora a imagem de Nossa Senhora da Assunção e tanto esta como as outras duas imagens que se encontram dum lado e doutro do retábulo estão muito bem conservadas. Aos lados do altar, que tem do lado direito uma espécie de cómoda que chega até à parede, encontram-se outras duas lindas imagens e no altar está uma rica toalha. O seu coro tem uma porta para uma sala da casa e era dele que os fidalgos antigos assistiam à missa. Esta capela tem paramentos, cálice, patena, sobrepeliz e um belo crucifixo de metal, guardados numa cómoda ao fundo da capela, onde o sacerdote se reveste para os actos religiosos. Nas paredes, encontram-se as cruzes da Via-Sacra.

A quinta do Paço tem um caseiro e é cercada por um muro, tem extensas ramadas de vidonho, uma boa fonte com carranca, uma torre toda caiada (o que é pena) e é encimada por quatro pirâmides e uma águia. É uma rica propriedade, com espaçosas salas, cozinha, adega, varanda de pedra e outras dependências e ainda uma casa para o caseiro, no outro extremo da quinta.

## SANTA BÁRBARA

Na mesma freguesia, na casa do Jardim, existiu a capela de Santa Bárbara, demolida há muitos anos e da qual só se conservam as ruínas dos seus alicerces. A sua imagem ou está na igreja paroquial ou na capela da quinta do Grilo, também conhecida por quinta de S. José, segundo me informou uma senhora natural e residente nesta freguesia.

## S. JOSÉ

Na freguesia de Marrancos, concelho de Vila Verde, está situada a capela de S. José, pertencente à casa e quinta de S. José, também chamada do Grilo, semi-pública, uma das raras capelas em toda a Península que ostenta no cimo do seu retábulo as três Pessoas da Santíssima Trindade.

A quinta de S. José pertenceu aos fidalgos da Codessosa, foi propriedade do Dr. José Faria de Figueiredo e Matos, falecido em 1 de

Janeiro de 1978, médico muito conceituado pela dedicação que tinha pelos mais pobres, pois a estes não cobrava consultas nem visitas e até lhes fornecia medicamentos e auxílios em dinheiro — e actualmente pertence a sua filha, D. Ana Maria de Oliveira Faria Peixoto Duarte, casada com José Peixoto Duarte, natural da Portela de Penela.

A casa de S. José, no dizer da sua proprietária, é um solar modesto, o que não se pode dizer da sua capela.

A sua quinta é toda cercada por um muro e produz muito vinho. A capela, que tem paramentos sacerdotais, cálice e patena, é uma obra de arte de tendência barroca dos princípios do século XVII, de cujo estilo existem pelo menos duas no Vale do Neiva. A sua sineira está colocada sobre o muro do jardim deste solar. Na sacristia tem um óculo e um pingante do lavabo que escorre para o exterior. No seu retábulo, numa fileira de baixo, encontram-se as imagens de Santa Ana e S. Joaquim, uma à direita e outra à esquerda e, no nicho central, a do patriarca, S. José. Noutra fileira, mais acima, estão as de Santa Doroteia, S. Francisco, Nossa Senhora da Conceição (ao centro), Santo António e S. Domingos; e coroando este belo cenário está a maravilhosa representação da Santíssima Trindade: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo, representado por uma pomba.

Tem um armário feito na parede, encimado por uma moldura dourada e uma porta-confessionário, que dá para a sacristia. Uma janela, ao nível do sobrado da sacristia, recorda o local donde os criados dos fidalgos desta casa assistiam à missa, pois os seus senhores assistiam no coro.

Já têm sido feitas procissões de velas desta capela para a igreja paroquial e está sempre ao dispor do pároco para todas as vezes que precisar dela, para o ensino da catequese, organização de procissões e outros actos religiosos.

## ARCOZELO

### SENHOR DOS PASSOS

Na freguesia de Arcozele, concelho de Vila Verde, nas proximidades da sua igreja paroquial construída em 1962, ao lado do caminho antigo que dá para a ponte de pedra sobre o rio Neiva, passa junto à quinta da Inveja e segue para a E. N. 308, em Calvelo, Ponte de Lima, fica situada a antiga capela do Senhor dos Passos, onde, no mês de Agosto, aproveitando a colaboração dos emigrantes que vêm à terra natal gozar um mês de férias, uma briosa comissão realiza aqui uma concorrida festa, com os melhores fogos de artifício, zés-pereiras, banda de música e afamados conjuntos e ranchos folclóricos. Também

costumam contratar umas amplificações sonoras, que tocam bons discos profanos e religiosos, aliás uma prática que actualmente se usa em qualquer festa da Ribeira do Neiva.

Os moradores de Arcozelo têm por esta capela uma estima toda especial, por ser a única capela pública que possuem.

Ainda este ano foi construída uma nova estrada municipal, que vai do terreiro desta capela para a quinta da Inveja, atravessa o rio Neiva e vai fazer ligação com o caminho público acima referido que, alargado até à E. N. 308, vai facilitar a passagem de veículos motorizados da E. N. 201, em Marrancos, para Calvelo, sem precisarem de ir ao cruzamento do lugar dos Corvos.

Os moradores de Arcozelo sempre desejaram que a festa do Senhor dos Passos fosse igual ou melhor do que a do Senhor do Calvário em Calvelo, mas ainda não viram satisfeitos os seus desejos, por ter faltado aos emigrantes de Arcozelo o sentimento de união e bairrismo que os de Calvelo têm demonstrado por ocasião da festa do Senhor do Calvário.

## SANTA RITA

No antigo solar da Codessosa, freguesia de Arcozelo, concelho de Vila Verde, encontra-se a capela de Santa Rita, fundada em 1758. Tem uma fachada com muita arte. Acima da cornija que se vê sobre a porta, tem um frontão entrecortado e encimado por uma concha, uma bela rosácea e cornijas muito bonitas na parte superior. No alto desta capela de estilo barroco, existem 8 pirâmides e duas cruzes muito altas.

Do mesmo ano é a casa que está ligada à parede desta capela, solar modesto da segunda metade do século XVIII.

Outra casa que está a poente da capela, foi construída em 1871 e nada apresenta de especial, a não ser uma sacada e várias portas e janelas. É em frente da casa da capela, para o norte, está outra casa, onde moram os caseiros. Nada se pode observar no solar da Codessosa que se compare à nomeada dos fidalgos que ali viveram outrora, tinham o seu capelão assistente que, aos domingos, celebrava missa na capela do Senhor da Cruzinha, situada no lugar de Cadem, onde nem sequer existem vestígios da torre do morgado de Parto Suposto e onde chega o pinhal desta quinta.

Há na capela da Codessosa, cobertas por duas tampas de madeira, duas sepulturas que julgo vazias. Esta capela tem coro, duas gateiras a pouca altura do solo, e está despida do seu recheio interior. Lá está o altar da igreja velha de Arcozelo, que o Sr. António da Silva Rosas, actual proprietário da casa e quinta da Codessosa adquiriu, há cerca de 40 anos, à espera de ser instalado, pois o altar e o retábulo desta

capela já não existem ali e a imagem de Santa Rita está guardada na casa do Sr. Rosas em Cossourado, concelho de Barcelos.

As paredes desta capela estão ainda muito sólidas, mas ela está transformada numa dependência de arrumos, à espera duma inteligente e necessária restauração.

## CALVELO

### S. VERÍSSIMO

No alto do monte de S. Veríssimo, freguesia de Calvelo, concelho de Ponte de Lima, encontram-se as ruínas de uma das mais antigas capelas de todo o Norte do País. É tradição de que nesta célebre capela se encontram sepultados os corpos de S. VERÍSSIMO, SANTA MÁXIMA E SANTA JÚLIA que foram vítimas da perseguição contra os cristãos, na cidade de Lisboa, cerca do ano 260 da nossa era, no tempo do imperador Diocleciano e quando era «cônsul das Espanhas o sanguinário Daciano».

Já era muito antiga e muito visitada pelos devotos de S. Veríssimo, no tempo de D. Afonso Henriques. E sua esposa, a rainha D. Mafalda, quando passou por Calvelo, onde naquele tempo havia uma pousada, encontrou-se com um sacerdote e perguntou-lhe para onde ia. Ele respondeu a D. Mafalda que se dirigia para a Confraria de S. Veríssimo.

Aquele padre lembrou-se de convidar D. Mafalda a visitar esta capela, convite que ela aceitou, acompanhando, com a sua comitiva, aquele sacerdote e conversando a respeito da mesma. Chegados ao alto do monte, D. Mafalda entrou na capela, «admirou-a e deu-lhe um legado de dezoito tostões ou um carro de trigo». Esta narração estava escrita num livro muito velhinho que alguém, por descuido, mandou queimar juntamente com outros documentos antigos.

Constituíra este legado um foro anual que a viscondessa da Torre ainda pagava à capela de S. Veríssimo, antes de vender a sua quinta...

Na segunda-feira a seguir ao Domingo da Santíssima Trindade, é que se realizava a festa de S. Veríssimo, advogado da sarna. Os párocos das freguesias limítrofes com Calvelo eram todos irmãos da Confraria de S. Veríssimo e bem assim os senhores mais ricos de Calvelo e das freguesias que limitam com ela.

No dia da festa de S. Veríssimo, havia um officio fúnebre e todos os párocos da Confraria celebravam missa nesta capela, por alma dos irmãos falecidos. E no fim da última missa, dava-se uma esmola em dinheiro a todas as pessoas que assistissem à mesma.

Quando não existia a Confraria, uma comissão fazia aqui uma famosa romaria, com grandes arraiais, fogos de artifício e bandas de música, no tempo em que a coutada de S. Veríssimo não estava cheia de pinheiros como actualmente, mas no seu terreiro existia um frondoso sobreiral, com espécimes de muitos séculos de existência, dos quais foram cortados sete sobreiros há cerca de 16 anos, um medindo 1,20 m de diâmetro e outro 1,10 m, e ainda lá se encontram algumas árvores dessas. Até se diz em Calvelo que, se alguns paroquianos ainda não pagam os seus direitos à igreja nem colaboram, como deviam, para as obras da freguesia, é por causa da destruição daqueles velhos sobreiros e pela falta de apoio do pároco actual desta freguesia, mas um apoio decidido, para que seja, quanto antes, reconstruída a capela de S. Veríssimo pelos construtores da freguesia e com a ajuda voluntária de todos os seus moradores.

Quando o pároco anterior ao actual era já muito velhinho, quem recebia os foros era o pároco de Cabaços, que também era o arcipreste...

Calvelo inteira o que deseja é reconstruir a histórica capela de S. Veríssimo. No dizer de um paroquiano, deve ser colocada uma pedra nas brigas do passado e começar tudo de novo. Admiram e estimam o seu pároco, mas estão impacientes à espera do dia em que ele nomeie uma comissão de que faça parte, composta pela Junta da Freguesia e pelos homens que não desistem de verem reconstruída a capela de S. Veríssimo. E esta freguesia que, no dizer de alguns, era a mais unida de toda a Ribeira, mas que vive desunida por causa desta obra que tanto demora a concretizar-se, voltará a experimentar a união e o entusiasmo de outrora.

A capela de S. Veríssimo é ainda hoje muito rica, pois a sua coutada está cheia de pinheiros e ainda o ano passado foi vendida uma partida de pinheiros por cem contos.

Parte dos terrenos de S. Veríssimo já foi cultivada e na sua casa viveram umas velhinhas e moravam os seus caseiros. Esta cerca está demarcada por altos marcos e antigamente era vedada. A Confraria era muito rica, tinha muito dinheiro emprestado a juros e ainda há pessoas que guardam letras de dinheiro e juros pagos à mesma.

Pessoas influentes de Calvelo disseram ao autor destas linhas que desejam construir novamente a capela de S. Veríssimo e ligar a sua festa à do Senhor do Calvário; até admitem a hipótese de ser construído um escadório da capela do Calvário para a de S. Veríssimo, o que realmente constituiria uma atracção turística por excelência que muito beneficiaria esta freguesia.

Caso inédito é que nunca esta capela foi assaltada por ladrões. Na casa da confraria existia uma caixa grande, com cerca de três metros de comprimento e setenta centímetros de largura, onde era guardada a louça e os talheres usados no banquete anual da Confraria de S. Verís-

simo, e nunca de lá desapareceu nada. E as meninas dos romeiros que lá iam, no dia da sua festa e em outras épocas do ano, nem sequer embarravam nos sobreiros de S. Veríssimo, para não voltarem para casa com sarna, crendice infantil que se tinha espalhado e era rigorosamente observada.

Na semana que antecedia a festa de S. Veríssimo, as criadas do pároco de Calvelo iam cozer a broa no forno antiquíssimo que existia na casa da Confraria e, no dia da festa, assavam-se gordos carneiros e cabritos, para o grande banquete que ali se dava a todos os irmãos, no fim do qual eram dadas refeições às crianças que andavam a guardar as suas reses naquele monte e a todas as que estivessem na festa.

Se reconstruir a capela de S. Veríssimo é o desejo de todos os habitantes de Calvelo, a única solução é fazer-lhes a vontade, porque, no dizer de um paroquiano, «acabam os ódios». A alvinitente capela que outrora se descobria entre os velhos sobreiros e o povo do Vale do Neiva estava habituado a ver está morta. Não estão mortas, porém, as recordações do passado nem as energias muito fortes que a farão brevemente ressuscitar, através duma reconstrução que a devolverá à admiração dos devotos de S. Veríssimo e de todos quantos gostam de conservar as coisas do passado e mantêm um bairrismo digno da maior admiração.

Uma senhora desta freguesia, Amélia Fernandes Nogueira, fez parte duns romeiros que, há cerca de 45 anos, quando ela era menina, foram levados à festa de S. Veríssimo, em cumprimento de uma promessa e ainda se recorda dos cânticos:

*Senhor S. Veríssimo,  
Aqui vos trazemos  
Estes raminhos (de flores)  
Que vos prometemos.*

Uns romeiros compõem-se de nove meninas, que a caminho da romaria cantam, paradas, nove vezes, na presença da pessoa que está a cumprir a promessa. Chegados os romeiros à capela, à qual dão três voltas, cantam, também paradas, nove vezes. Feita a romaria, na frente da capela do santo, os romeiros cantam:

*Senhor S. Veríssimo,  
Nós vamos embora.  
Deitai-nos a bênção  
Pela porta fora.*

Aqui me referi a S. Veríssimo, cuja capela já não existe, mas os romeiros oferecem-se a vários santos, como Santa Justa, S. Mamede, S. Bento e muitos outros.

## SENHOR DOS PASSOS

Na freguesia de Calvelo, à beira da E. N. 308 — Viana do Castelo-Vila Verde, concelho de Ponte de Lima, está situada uma capelinha dedicada ao Senhor dos Passos, construída em 1958.

Numa placa de mármore existente por cima da porta circular desta capelinha, encontra-se a seguinte inscrição:

CONSTRUÍDA EM 1958 PELOS  
AUSENTES DE CALVELO NO BRASIL  
PASSOS DO SENHOR DO CALVÁRIO

A sua porta, em forma de arco na parte superior, tem uma porta de chapa de ferro, com uma grade e vidraça pela parte interior, que dá vista para o mesmo e para o altar, onde se vê a imagem do Senhor dos Passos. Ao canto da capela, encontra-se uma lâmpada de azeite, muito rica. Tem duas gateiras laterais, com vidros em caixilhos de ferro forjado e com basculantes para entrada de luz e ar. Esta capelinha é muito linda e está toda caiada e fica muito bem na beira da estrada, ali a dois passos da ponte da E. N. 308 sobre o ribeiros de Calvelo, no lugar de Carvalhal.

## SENHOR DO CALVÁRIO

No lugar do mesmo nome, freguesia de Calvelo, concelho de Ponte de Lima, fica situada a linda capela do Senhor do Calvário, mandada construir, no século XVII, por João de Barros. A capela primitiva era de forma circular e muito pequenina.

Foi mais tarde aumentada, ficando da primitiva quase toda a sua estrutura, que passou a ser a capela-mor. Está muito branquinha e muito bem conservada.

Tinha festa no Domingo da Santíssima Trindade.

De há poucos anos para cá, a sua festa realiza-se no segundo domingo de Agosto, pela conveniência de estarem de visita às suas famílias os emigrantes que vêm passar as suas férias em Portugal e gostam de colaborar nas despesas da sua realização.

A festa do Senhor do Calvário tornou-se, nestes últimos anos, uma das mais importantes do Vale do Neiva, porque para ela são contratadas as bandas de música mais afamadas do País e sem o concurso dos emigrantes não seria possível fazê-la com tanta pompa e solenidade.

Antigamente, na segunda-feira a seguir ao Domingo da Santíssima Trindade, era a romaria de S. Veríssimo, onde a sua capela anti-



quíssima se encontra em ruínas e era uma das mais ricas desta Ribeira. D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, deixou-lhe um valioso «legado de dezoito tostões ou um carro de trigo» (1).

## SENHOR DA CRUZINHA

Na freguesia de Calvelo, concelho de Ponte de Lima, encontra-se no lugar de Cadem a antiga capela do Senhor da Cruzinha, que antigamente pertenceu à casa da Codessosa, da freguesia de Arcozelo, concelho de Vila Verde, e onde o seu capelão assistente vinha celebrar a missa dominical. Pessoas do lugar dos Corvos, que antigamente se denominavam Córregos, da freguesia de Anais, ainda se lembram de vir à missa a esta capela. E o último apelão da casa da Codessosa foi o Padre Touceira.

Os fidalgos desta casa deram a capela do Senhor da Cruzinha à freguesia de Calvelo.

Neste lugar de Cadem, onde se encontra situada a capela, viveram os donatários de Penela, nome dum concelho extinto em 1855 e incorporado no de Ponte de Lima, excepto algumas freguesias que passaram para o de Vila Verde, e também existiu aqui a torre de Cadem, que pertenceu ao morgado de Parto Suposto, de cuja casa e torre não existem vestígios e só umas escavações poderiam confirmar o que muitos escritores têm dito a respeito.

Esta capela está muito bem conservada e asseia muito o célebre lugar de Cadem, desta rica freguesia de Calvelo, terra de João de Barros.

## S. SEBASTIÃO

Na freguesia de Calvelo, lugar de Vilela, concelho de Ponte de Lima, num terreno inculto pertencente aos Teixeiras, existiu a capela de S. Sebastião, que Manuel Teixeira vendeu ao Dr. Espregueira Mendes e cuja pedra foi transportada para Goães, para a construção

---

(1) Em meados do século passado, ainda no Vale do Neiva não se cultivava o milho actual, mas sim o milho alvo e o centeio. Antes do século XVI, cultivava-se o trigo em terrenos fundáveis deste vale. E no tempo de D. Afonso Henriques, século XII, devia-se cultivar o trigo em larga escala em toda a bacia hidrográfica do Neiva, porque D. Mafalda não deixaria à capela de S. Veríssimo o legado de um carro de trigo, se este cereal não se cultivasse nesta região. Porque não se cultiva ainda agora? Porque é que não se começa a semear trigo em algumas terras e centeio, principalmente naquelas onde a água é escassa ou não tem nenhuma? Talvez não importássemos tanto trigo do exterior.

da capela de S. João de Brito, inaugurada na quinta do Montinho em 1950, hoje propriedade dos seus herdeiros.

Os moradores de Calvelo esperavam que esta capela fosse entregue à freguesia, o que não se verificou, uma vez que antigamente se fazia lá uma festa a S. Sebastião.

## **NOSSA SENHORA DA GRAÇA**

Na casa de Mereces, em Calvelo, propriedade dos herdeiros de Manuel Teixeira, encontra-se a linda capela de Nossa Senhora da Graça, cujo retábulo pertenceu à capela dos Alpains da casa do Paço da freguesia de Marrancos, concelho de Vila Verde.

A família Teixeira possuía em Calvelo três capelas: a de S. Sebastião, no lugar de Vilela, vendida ao Dr. Espregueira Mendes; a de Nossa Senhora da Graça, da casa e quinta de Mereces; e a de S. João de Brito, da casa e quinta de Pousada, vendida em 1980 pela viúva de Tomás Teixeira a António da Silva Rosas, da freguesia de Cossourado, concelho de Barcelos, que há cerca de 40 anos adquiriu também a casa e quinta da Codessosa, em Arcozelo, concelho de Vila Verde, onde mandou plantar extensos pomares de macieiras e 5 hectares de ramadas de lúpulo, e de uma quinta abandonada colhe hoje mais de 80 toneladas de maçãs e mais de 200 pipas de vinho. Em 1980, transformou um terreno inculto numa grande vinha e está a preparar a quinta de Pousada para a plantação de pomares e vinhas.

## **S. JOÃO DE BRITO**

O antigo retábulo da capela de S. João de Brito da quinta de Pousada, encontra-se na capela do Senhor do Calvário desta mesma freguesia. Mas por detrás dele, como ainda se pode verificar, encontram-se pinturas muito antigas.

Esta casa de Pousada, propriedade de António da Silva Rosas, encontra-se no sítio de uma célebre pousada, que já existia no tempo de D. Afonso Henriques, e foi visitada por sua esposa D. Mafalda, ocasião em que esta rainha dotou a capela de S. Veríssimo com «um legado de 18 tostões (anuais) ou um carro de trigo».

## **GAIFAR**

### **SENHOR DOS PASSOS**

Na freguesia de Gaifar, lugar da Naia, concelho de Ponte de Lima, na beira da estrada municipal que vai de Freixo à freguesia do Vilar das Almas, deste mesmo concelho, fica situada a alvinitente capelinha do Senhor dos Passos, construída em 1921.

Junta-se neste lugar à estrada anterior outra estrada municipal, que passa na frente do majestoso portal da quinta de Santa Ovaia e do adro da igreja desta freguesia e faz ligação com a E. N. 308 — Viana do Castelo-Vila Verde, onde tem uma placa indicativa com o nome: GAIFAR.

Quem seguir pela estrada que vai para a freguesia do Vilar das Almas, vai passar sobre a ponte de Crasto, onde em eras remotas o rio Neiva era vadeado, estavam ali os guardas do vau e quem quisesse passar da margem esquerda para a direita tinha de pagar um gaifar.

A capelinha do Senhor dos Passos, embora muito pequenina, é mais branca do que uma pombinha e asseia muito o lugar da Naia da freguesia de Santa Eulália de Gaifar.

## **MATO**

### **SENHOR DA FORTUNA**

Junto da E. N. 308, na freguesia do Mato, concelho de Ponte de Lima, bispado de Viana do Castelo, fica situada a capela do Senhor da Fortuna, onde se venera também o Senhor da Saúde, que se festejam no último domingo de Agosto, com um solene jubileu que começa no dia 24 do mesmo mês de cada ano.

Antigamente, durante os dias da feira de S. Julião do Freixo, os juizes da festa desse ano expunham a imagem do Senhor da Fortuna à porta da capela, para que os seus devotos depositassem na caixa das esmolas algumas moedas para ajuda da festa.

No altar, encontram-se as imagens do Senhor da Saúde, a maior, e do Senhor da Fortuna, a menor e, ao lado da capela, encontra-se mais outra imagem do Senhor da Fortuna, aquela que os festeiros antigamente expunham à porta, nos dias da feira de S. Julião do Freixo.

A capela é muito simples, tanto no seu interior como no exterior. Tem na fachada um óculo, para entrada de luz, com um trevo esculpido, duas gateiras a pouca altura do solo, e é encimada por uma cruz e duas pirâmides. Não denota muita antiguidade.

Antigamente havia aqui grandes festas e estrondosos arraiais, onde boas bandas de música se despicavam na execução dos seus repertórios e a mocidade cantava as modinhas do nosso Folclore. As moças e os rapazes dançavam até altas horas da madrugada e até duas bandas de música foram interditas de tocar em festas religiosas, porque não deixaram os seus coretos dentro do horário permitido pelas autoridades eclesiásticas. Toda a Ribeira do Neiva, nesse tempo, ficava sem gente em casa, porque tinha ido às festas do Senhor da Fortuna.

## VILAR DAS ALMAS

### NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Na freguesia do Vilar das Almas, lugar da Rua, está situada a capela de Nossa Senhora da Conceição, que pertence à casa solarenga da quinta do Pereiro, de propriedade do engenheiro civil João Barata Gagliardini Graça, natural de Beduido, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro, filho de Luís Gagliardini Graça, de Vila Franca do Campo, lugar de Povoação, Ilha de S. Miguel, da Região Autónoma do Arquipélago dos Açores, e de Maria da Conceição Barata, natural de Alcains, distrito de Castelo Branco, casado com D. Maria José de Miranda da Silva Araújo Gagliardini Graça, filha de José Joaquim Marques da Silva Araújo, da casa de Hombra, da freguesia de S. Paio de Pousada, concelho de Braga, capitão-de-mar-e-guerra, que participou do 1910, e de D. Julieta de Miranda Cunha da Silva Araújo, natural da cidade de Lisboa.

Esta casa é conhecida pela denominação do solar do Pereiro, pertenceu aos Bezerras e parte da sua grande quinta está dentro dos limites de Arcozelo, concelho de Vila Verde, sendo que este solar e a sua linda capela estão na freguesia do Vilar das Almas, concelho de Ponte de Lima.

A sua capela está muito bem conservada. O engenheiro Barata, homem ilustre e de gosto, mandou limpar as suas pedras lavradas e a sua alvenaria, de maneira que esta capela e a sua sacristia, com as juntas reforçadas com cimento, restauração da belíssima imagem da Senhora da Conceição e pintura do restante recheio do seu interior, tudo se encontra de forma a não dar preocupações ao seu proprietário durante muitos anos.

Sobre o altar encontra-se uma estante antiga de colocar o Evangelho, o retábulo apresenta bela talha dourada, e a imagem de Nossa Senhora da Conceição, rica obra de arte de origem espanhola, é duma

beleza incomparável. Na subida para o altar, encontram-se dois castiçais com rica talha dourada, tendo cada uma dez velas.

Esta capela tem coro e púlpito, mas a este falta-lhe o resguardo de madeira. A sacristia é espaçosa e está muito limpa. Tem duas portas, uma que dá para a capela e outra para o exterior. De cada lado do altar está uma imagem, à esquerda a de S. José e à direita a de Santa Teresinha.

A fachada desta capela é muito rica em decorações artísticas, destacando-se o frontão e a rosácea. Tem uma bela cornija e sobre ela uma cruz e duas pirâmides, conjunto que se repete na fachada dos fundos.

Este solar não data da era da capela, pois nota-se que ela é muito mais antiga do que ele. Quem a mandou construir não pôde continuar a obra, por algo de muito grave que lhe aconteceu na sua situação financeira, pois lá está a parede, sobre a qual se encontra a sineira da capela, a dizer que a continuação da obra ficou mesmo por ali.

Que alguém projectara construir um solar no mesmo estilo da capela, não há a menor dúvida. Outros construíram a casa que nem sequer foi alinhada com a frente da capela, alinhando-a com outra, mais antiga, que fica na outra extremidade, onde existe um pátio com resguardos e alguma arte, que denota maior antiguidade. É um solar modesto, se o compararmos com muitos outros.

Na frente da capela (1), do outro lado do recinto de entrada, onde mora o caseiro, estão dois cunhais de boa pedra lavrada, que pertenceram a uma construção mais importante do que o resto da casa, onde antigamente ficavam também os currais, celeiros e palheiros, do tempo em que não se cultivava o milho, mas apenas trigo e centeio, como em toda a Ribeira do Vale do Neiva.

Esta capela deve ser do século XVIII.

No lugar da Rua, realizava-se, no Domingo de Páscoa, quando cada freguesia tinha o seu pároco, o encontro das Cruzes de Vilar, de Arcozelo, de Gaifar e de Calvelo, cujas freguesias têm todas casas neste lugar. O povo reunia-se no espaçoso largo do lugar da Rua, os foguetes estrelavam nos ares, as campainhas bimbalhavam fes-

---

(1) Antigamente realizavam-se clamores e procissões da igreja paroquial do Vilar de Almas a esta capela, quando a estiagem do Verão era muito prolongada. Conta-se que antigamente veio uma procissão de penitência da igreja paroquial, na qual o povo se incorporou e durante a caminhada implorou a Deus chuva e, quando chegou à capela da Senhora da Conceição da quinta do Pereireiro, começou misteriosamente a chover.

Existiu na frente desta capela uma antiquíssima carvalheira, de alguns metros de diâmetro na torada do pé, que foi destruída pelo grande número de gatos bravos que habitavam as corocas de seus galhos e grande número de ratos. Dizem que dos seus galhos saíram todas as traves e caibros da igreja de Calvelo.

tivamente, os párocos e os mordomos confraternizavam alegremente, todas as pessoas beijavam as Cruzes e toda gente, em unísono, cantava ao Senhor Ressuscitado:

*Por nós morreu,  
Ressuscitou!  
Alelúia! Alelúia!*

E no fim desta alegre cerimónia, as campainhas seguiam os itinerários dos Compassos Pascais das quatro freguesias, ouvindo-se, por entre aquele pinheiral, o seu bimbalar: tlim, tlim, tlim. O povo ficava satisfeito e feliz com a cerimónia do encontro das Cruzes do lugar da Rua, o que raramente se verifica no nosso tempo, pela falta de padres, que não permite que as visitas pascais se realizem todas ao domingo. Antigamente encontravam-se as Cruzes e também as bandas de música que acompanhavam o compasso pascal e se despicavam com as melhores marchas.

## S. JULIÃO DO FREIXO

### SENHOR DOS AFLITOS

Num largo bem arborizado e ajardinado, entre duas avenidas que sobem para o adro da igreja paroquial de S. Julião do Freixo, no aconchego das casas residenciais que se erguem dum lado e doutro, e na beira da E. N. 306 que liga o Campo da Feira à vila de Ponte de Lima, fica situada a alvinitente capela do Senhor dos Aflitos. Muito bem conservada e limpa, não denota grande antiguidade, mas fica muito bem naquele local, à sombra daquelas árvores frondosas, mesmo a convidar à meditação as pessoas que ali passam.

Ao norte desta capela, encontra-se o imponente Alpendre do Senhor dos Aflitos, sustentado por quatro belas colunas de pedra e cercado por grades de ferro forjado, abrigando um majestoso cruzeiro, muito alto, com a imagem do Senhor Crucificado, iluminado com luz eléctrica, tendo no tecto belas e ricas pinturas, onde se destacam os quadros com as effgies de Jesus Cristo, S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, e ainda outras pinturas com os instrumentos que os algozes do Calvário usaram na flagelação do Senhor.

Como sala de visitas da igreja paroquial de S. Julião do Freixo, este largo onde se encontram a capela e o alpendre do Senhor dos Aflitos erguidos na beira da estrada, no aconchego das fidalgas casas

residenciais que se alinham dum lado e doutro das duas avenidas que dão acesso ao adro, não deixa de chamar a atenção a quem passa, porque o ambiente é de recolhimento e piedosa meditação.

Os fundos da igreja paroquial ficam logo a seguir e a sua fachada está virada para o poente. É um templo muito rico em arte e digno de ser visitado.

## S. CRISTÓVÃO

Na freguesia de S. Julião do Freixo, concelho de Ponte de Lima, no alto de um monte pouco alto do lado nascente, mas com maior altitude em relação ao lado poente, em face da diferença de nível entre a parte alta do Vale do Neiva a montante da primeira queda das fragas do Lousado e a parte baixa, em cuja encosta se encontram as freguesias de Panque, concelho de Barcelos, e a de Ardegão, do concelho de Ponte de Lima, ficam situadas duas capelas: a de S. Cristóvão, cercada por alta muralha, mandada erigir por D. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga, para a defender dos tremendos vendavais que antigamente lhe arrancavam os telhados, e a de S. Silvestre, mais abaixo, fora daquela muralha, num largo espaçoso e bem arborizado, onde se realiza uma feira de gado no dia 24 de Julho, véspera da romaria de S. Cristóvão, que é no dia 25. Nesta última capela, venera-se também Nossa Senhora da Cabeça, de cuja invocação há várias imagens e os seus devotos fazem romaria em volta desta e da capela de S. Cristóvão, com ela ao colo.

Por ocasião da romaria de S. Cristóvão, os devotos oferecem-lhe bolos de farinha de milho, carne de porco, chouriços e frangos assados e garrações de vinho, ofertas que são vendidas num bazar e o produto reverte para ajuda das despesas da sua festa. Como S. Cristóvão é advogado do fastio, as pessoas que arrematam essas promessas gostam de as comer à sombra daquele arvoredor, pois acreditam que abrem o apetite, porque foram oferecidas a este santo.

São contratadas para o arraial e para a romaria de S. Cristóvão as bandas de música mais afamadas, os melhores conjuntos musicais e ranchos folclóricos, que o povo aprecia e os apaixonados pela Música não deixam de estar presentes.

No S. Cristóvão, como nas grandes romarias, encontram-se ainda em nossos dias mendigos profissionais estendendo a mão a quem passa, ciganas intrujonas que lêem a sina na palma da mão, vendedores de bonecos, pandeiros e assobios, toda essa gama de aproveitadores que se enchem de dinheiro à custa da ingenuidade alheia. É realmente uma das romarias mais concorridas de todo o Vale do Neiva.

Pelo S. Tiago — reza o ditado popular — pinta o bago, começam a amadurecer as uvas.

Quando, pelo S. Tiago, não há sinais de chuva, o povo diz que S. Cristóvão não despejou a sua cabacinha, não houve uma «temperança», palavra que a gente das aldeias emprega para significar alguma chuva, por esse tempo de calor.

S. Cristóvão foi martirizado na Sria, no ano 250. O seu nome significa portador de Cristo. Segundo a lenda, transportou ao ombro o Menino Jesus, na travessia de um rio, serviço que resolveu fazer de passar gente de uma para a outra margem dum curso de água, a título de penitência.

A capela de S. Cristóvão é antiquíssima e remonta à Baixa Idade Média.

Os restauros por que passou através dos séculos foram muitos e prejudicaram-na na sua feição primitiva.

As goteiras românicas que recebem as águas da calcira existente por detrás do parapeito que protege em toda a volta o seu telhado, e a pia da água-benta que se encontra na parte externa da sua fachada, bem como as gateiras laterais para entrada de luz, são testemunhas da sua construção em eras remotas.

Na parte externa da sua muralha, encontram-se vestígios de edificações castrejas da época romana ou ainda mais antigas, cuja pedra deve ter sido gasta naquela muralha e em outras obras rústicas da vizinhança.

O interior da capela de S. Cristóvão está muito bem conservado, o altar possui bela talha dourada, as paredes estão limpas e com as juntas reforçadas com cimento e o pavimento bem limpo e cuidado.

As paredes da parte externa estão agora a ser lavadas, reforçadas com argamassa de cimento, o que garantirá a sua solidez e asseio para muitos anos.

Fora da muralha, encontra-se a casa da Confraria, feita em cimento armado há poucos anos. Melhor seria que a tivessem feito de pedra, para condizer com aquela austera muralha de granito, que o arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro mandou construir e que lhe dá o aspecto duma fortaleza.

Se o prezado leitor nunca visitou a capela de S. Cristóvão, vá lá quanto antes, de automóvel ou a pé, porque vai admirar um dos mais belos panoramas de todo o Minho, desde a Portela de Santo Estêvão ao Tamel, Balugães e Carvoeiro, Cossourado, Quintiães e Aguiar, paisagens multicores de incedível beleza que não há palavras para descrever!



## S. SEBASTIÃO DE PAÇÔ

Na freguesia de S. Julião do Freixo, lugar de Paçô, concelho de Ponte de Lima, diocese de Viana do Castelo, a poucos metros da estrada que vai de Freixo para Navió e Vitorino de Piães, fica situada a antiga capela de S. Sebastião, onde todos os anos, no domingo seguinte ao dia 20 de Janeiro, se realiza uma grande festividade.

Na padieira da porta da sacristia desta capela, está gravada a era de 1859, que não é o ano da fundação da mesma capela, mas o da construção da própria sacristia.

A ermida primitiva, como tudo indica, era muito mais pequena do que a capela actual e tinha a encimar a sua fachada a sineira que se encontra sobre a parede da sacristia. Esta sineira denota muita antiguidade.

Em 1859, além da sacristia, outras obras foram realizadas para aumento da capela: acréscimo no comprimento das paredes laterais, demolição da antiga frente da ermida primitiva e construção da actual fachada e colocação de uma cruz e duas pirâmides sobre a mesma.

Não querendo colocar a sineira no seu devido lugar, arrumaram-na sobre a parede da nova sacristia que fizeram, porque a consideraram imprópria para ocupar o lugar de uma cruz, símbolo da nossa Redenção. Se a tivessem destruído, pouco se poderia deduzir quanto à antiguidade desta capela.

A cruz deve ter caído ao solo e partido em pedaços, por ocasião de alguma tempestade, porque se existisse quando em seu lugar foi feita a instalação própria para a cruz fluorescente que agora lá se encontra, ninguém a tiraria de lá.

A capela de S. Sebastião de Paçô tem uma linda vista para Freixo, para o monte de S. Cristóvão e para o pequeno mas fértil vale do ribeiro de Paçô, subsidiário do rio Nevoinho, afluente do rio Neiva.

É muito antigo o Cruzeiro onde vão as procissões da festa de S. Sebastião e denotam muita antiguidade três cruces da Via-Sacra que se encontram nas imediações da capela, porque as outras já não existem. O próprio nome deste lugar nos indica que em tempos antigos existiu por aqui um palácio pequeno ou paçô, que terá pertencido ao rico-homem desta localidade, pois raramente a toponímia se tem enganado neste aspecto.

## FRIASTELAS

### SENHOR DA SAÚDE

Na freguesia de Friastelas, lugar da Torre, concelho de Ponte de Lima, fica situada, num espaçoso terreiro e servida por uma estrada municipal, a alvinitente capela do Senhor da Saúde, onde se realiza uma grande festa no primeiro ou segundo domingo do mês de Setembro de cada ano.

A respeito da antiguidade desta capela, muito pouco se pode afirmar, quer pela falta duma inscrição, quer pelos sucessivos restauros por que passou através dos tempos.

Ligada a esta capela e aproveitando a sua parede do lado norte, foi construída, há pouco tempo, uma outra casa, do tamanho da mesma capela, destinada a arrumos, sacristia e reunião dos festeiros. É uma construção de mau gosto, porque roubou à capela todo o seu aspecto anterior, já que a sua antiguidade foi desaparecendo com os sucessivos aumentos que lhe fizeram noutros tempos. Tem sido esta a má sorte de muitas casas senhoriais, de muitas capelas e igrejas, servindo de exemplo a própria igreja paroquial desta freguesia, que sendo primitivamente um templo de estilo românico, remontando aos séculos XI ou XII, apenas guarda os vestígios do seu primitivo esplendor artístico: na sua porta principal em forma de arco, cujas pedras ainda se vêem; na porta do lado norte, de estilo ogival e os modilhões que, tendo sido colocados novamente depois das obras de um restauro, e ainda bem que não resolveram inutilizá-los, nos estão a dizer a que tipo de obra pertenceram. Esta igreja é ainda hoje muito visitada por arqueólogos e historiadores e muitos estudiosos aqui têm vindo... No adro, junto do muro, ao sul da igreja, encontram-se as pedras dum antigo lavabo; do lado norte, encostada à igreja, encontra-se a primitiva pia baptismal; no centro do adro, está uma pedra rectangular, que serviu de mesa do cemitério, mas bem pode ter sido a pedra de um altar; e tanto junto ao muro do lado norte como do lado sul, encontram-se pedras que deveriam estar num museu. Muitas pedras ainda lá estão, que pertenceram à Casa das Almas, demolida há perto de 100 anos.

Mas voltando a falar da capela do Senhor da Saúde, umas letras quase apagadas e uns números muito gastos pelo tempo, existentes na peanha duma imagem do Senhor da Saúde, que está em frente do arco-cruzeiro da capela, guardada por uma grade de ferro forjado, parecem dizer que ela foi fundada em 1551.

Servida por uma estrada municipal que agora está à ser asfaltada e que comunica com a E. N. 306, que passa pelo centro da freguesia de Friastelas, não há dúvida que as suas festas serão cada vez mais concorridas. No seu terreiro e junto da nova estrada que veio alargar

o caminho antigo, encontra-se uma mina, onde nasce uma água muito fresca. Esta capela é cercada de pinheirais por todos os lados, excepto do lado sul, onde existem boas terras de cultivo e ramadas, velhas oliveiras e outras árvores de fruto entre as casas do lugar da Torre, cujo nome indica a existência, em tempos antigos, de alguma construção de estilo castrejo, embora não existam vestígios e tanto poderia ser no alto do monte como no próprio lugar.

Na bifurcação da estrada municipal que dá para esta capela com a E. N. 306, encontra-se um belo cruzeiro de pedra, com a imagem de Jesus Crucificado, e ao fundo deste cruzeiro o oratório alvinitente da Senhora dos Caminhos, atraente conjunto artístico de rara beleza.

## CABAÇOS

### S. GERALDO

Na freguesia de Cabaços, lugar de Lamas, fica situada a capela de S. Geraldo, que foi arcebispo de Braga, no tempo do conde D. Henrique. Este santo era natural de Cahors, na Gália, ingressou muito novo no convento de Moissac (Moisés), esteve no convento dessa ordem em Tolosa e em Toledo, e faleceu, com fama de santidade, no ano de 1108. O povo de Braga e arredores foi sempre muito devoto de S. Geraldo, tal a fama dos seus milagres, que se espalhou por todo o Norte de Portugal.

Há quem diga que esta capela era particular e pertencia a três casas daquele lugar. Esta informação não deve corresponder à verdade. A capela não pertencia, julgo eu, a três casas do lugar; estas, pelo que parece, é que se encarregavam de varrê-la, colocar toalha no altar e substituir as flores murchas das jarras por outras novas e talvez os tocos das velas consumidas por outras. Certamente que as várias restaurações feitas na capela, ou as realizou a freguesia ou os habitantes do lugar de Lamas. Tem festa no dia 15 de Agosto.

Para ser uma capela particular, como se afirma no lugar, deveria ficar situada nos terrenos duma grande casa ou solar nobre, o que não parece ter existido neste lugar.

Tem uma fachada muito bonita, distinguindo-se a rosácea, a cornija, o relógio-de-sol, arcos botantes a ornamentar a cornija e duas gateiras a pouca altura do solo. Na sua fachada, onde está o relógio-de-sol, falta-lhe a cruz.

Dentre outras que sofreu noutras eras, foi restaurada em 1742, inscrição gravada na padieira da porta.

O seu altar, muito antigo e talvez o primitivo, é de pedra. Por trás dele, erguem-se duas colunas caneladas e ainda com vestígios da sua pintura, e uma grande pedra que servia de dossel, mas que os pedreiros não colocaram na parede, como estivera na capela primitiva.

Não admira que os moradores deste lugar tenham grande estima por esta capela e sejam muito devotos de S. Geraldo, porque os milagres operados por seu intermédio são tantos que seria preciso escrever um grande livro para os narrar todos.

## S. SEBASTIÃO E SANTA JUSTA

Na freguesia de Cabaços, lugar do Barreiro, concelho de Ponte de Lima, está situada a capela de S. Sebastião e Santa Justa, onde se realiza uma grande festa no último domingo de Julho de cada ano.

A gente do Minho é muito devota do mártir S. Sebastião e de Santa Justa, mas esta capela era antigamente dedicada somente a S. Sebastião. É muito linda e denota antiguidade. Quanto a Santa Justa, a sua dedicação teve a sua origem numas rivalidades em certa altura existentes entre os habitantes do Fojo Lobal e Cabaços, ocasião em que as pessoas mais influentes desta freguesia resolveram adquirir uma imagem desta milagrosa santa e colocaram-na, também, no altar de S. Sebastião, única maneira de fazerem as suas promessas e cumprirem os seus votos sem precisarem de se juntarem com a gente de Fojo Lobal, por altura da festa que eles fazem na sua capela da mesma dedicação, mandada construir em 1921 pelo morgado da Cerca.

Na beira da estrada nacional 306, ao km. 31, encontra-se a pequena capela de Nossa Senhora da Conceição, erigida em 1903, do lado esquerdo de quem vem de Fojo Lobal para Cabaços. Fechada por uma porta gradeada de ferro forjado devidamente pintada de branco, vê-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição numa redoma de vidro, na frente da qual as pessoas param uns instantes para rezar.

## SÃO CAETANO

Na freguesia de Cabaços, lugar de Estremonde, confrontando ao norte com o caminho público do lugar e com uma beirada de mimosas e altos pinheiros, fica situada a casa e quinta de Além, à qual pertence a capela de São Caetano. Encontra-se no meio do pomar.

Esta capela foi fundada em 1688. Esta propriedade é toda cercada por um muro e pertenceu a Manuel Baptista de Barros, que a mandou restaurar em 1899, tendo a data da sua fundação gravada

na padieira da porta principal e a da sua restauração na única porta lateral que possui.

É uma capela bonita, mas muito simples. Já não tem forro, vêem-se novos caibros instalados recentemente, a madeira do altar e do retábulo está a cair de podre e o que se encontra bem conservado são as paredes.

A casa de Além e a sua quinta foram adquiridas por António Martins e sua mulher, naturais de S. João do Campo, lugar de Vilarinho da Furna, donde foram desalojados a quando da construção da Barragem de Vilarinho, que foi inaugurada em 21 de Maio de 1972, no concelho de Terras de Bouro. A casa onde moravam e as suas terras de cultivo encontram-se submersas naquela barragem.

A casa de Além e a sua capela são obras de arte dos fins do século XVII. Tem boas vistas para o pequeno vale que se distende logo abaixo e para o monte de São Veríssimo.

## FOJO LOBAL

### SANTA JUSTA

Na freguesia de Fojo Lobal, concelho de Ponte de Lima, situada em lugar vistoso, junto à E. N. 306 que liga S. Julião do Freixo a Ponte de Lima, encontra-se a linda capela de Santa Justa, mandada construir, em 1921, pelo Morgado da Cerca, natural desta mesma freguesia.

Trabalharam nas obras de construção desta capela os pedreiros Joaquim Bedelho, António Bedelho, e José Pinheiro, naturais da freguesia de Rebordões Santa Maria, também conhecida pela denominação de Santa Maria do Souto de Rebordões, que antigamente, com a de Rebordões S. Salvador, formavam um concelho, que pertencia à Coroa no reinado de D. Dinis. Este monarca deu este concelho a seu filho (bastardo) D. Afonso Sanches, que o vendeu, depois, a Gil Afonso de Magalhães, senhor da Casa de Magalhães, em Ponte da Barca.

Na fachada da capela de Santa Justa, destacam-se uma cruz e duas pirâmides laterais sobre a cornija de pedra, uma bela rosácea e acima dela, ao centro, um rosto, muito bem esculpido na pedra, semblante tranquilo com os lábios e os olhos como que querendo dar a entender feliz tranquilidade da alma, trabalho de arte que o próprio fundador pacientemente executou ali junto da capela, enquanto os pedreiros iam erguendo as paredes ou lavrando as pedras da fachada, e até se diz que gravou na pedra a sua própria fisionomia.

Há nesta capela uma concorrida festa, no segundo domingo de Julho, onde acorrem os devotos de Santa Justa, para o cumprimento de suas promessas e a mocidade desta e das freguesias vizinhas se junta e dá expansão à sua alegria, com os seus trajes domingueiros, onde não faltam as canções folclóricas nem os cânticos compassados, mas repassados de piedade e devoção dos romeiros que demandam a linda capela de Santa Justa.

Em certa ocasião, devido a desentendimentos entre os habitantes de Cabaços e de Fojo Lobal, rivalidades muito comuns e que revelam certo bairrismo e amor à terra natal, os de Cabaços resolveram adquirir uma imagem de Santa Justa e colocaram-na na sua capela de S. Sebastião, para não precisarem de vir aqui e poderem também festejá-la na sua freguesia, o que revela a grande devoção que esta santa desperta entre os habitantes destas freguesias. As rivalidades acabaram, mas Cabaços também venera a sua Santa Justa.

### SANTO ANTÓNIO DA CASA DO AREJAL

A capela da casa do Arejal, na freguesia de Fojo Lobal, concelho de Ponte de Lima, do novo bispado de Viana do Castelo, é uma das raras peças de arte do século XVII. Cornijas sobrepostas, arcos botantes graciosos, concha, rosácea, cruzeiro, pirâmides, magnífico conjunto artístico que se repete no portal, mais a cornija que se prolonga a rematar o muro espaçoso que isola, com segurança, a entrada para o recinto do prédio, constitui um recheio de arte onde foram gastos rios de dinheiro.

Esta capela, à excepção da porta de madeira, já podre e a cair aos pedaços, encontra-se completamente desprovida do recheio do seu interior. Tudo desabou: o telhado, o coro, o retábulo do altar; só ali restam aquelas venerandas pedras.

Encostadas a esta capela, do lado de dentro do portal, estão duas ricas colunas de pedra, cheias de arte, que pertenceram à varanda solarenga da casa do Arejal, hoje transformada numa dependência fechada, coberta com uma placa de cimento, uma porta como outra qualquer, o que denota lamentável falta de gosto do seu proprietário.

Obra de arte dos começos do século XVII, pelo que parece, a casa do Arejal, pela imponência da sua capela, do seu pátio de entrada ricamente ornamentado com motivos artísticos nos amparos laterais, pela sua grandiosidade, é uma das mais importantes destas redondezas e é digna de ser vista. Era antigamente cercada por um alto muro, rematado por uma bela cornija. Do lado norte, uma linha de casas que serviam de cortes, celeiro e palheiros, atingindo a altura do muro, cercava o prédio deste lado. Hoje, destelhadas, sem portas e janelas, caminham para a sua ruína total.

Este grandioso edifício tem forma rectangular e, para o lado sul, por motivo de segurança, só tem portas-altas e janelas. Sobre a casa antiga do lado norte, fizeram-se acréscimos de traves para cima; esta denota ser anterior à nacionalidade. Tem um arco por baixo do pátio, um compartimento com tecto de pedra e até se diz que foi construída pelos Mouros.

A muralha do lado sul foi mandada demolir em 1670 e a sua pedra foi aplicada na construção da capela de Santo António, cuja imagem se encontra na casa do Arejal.

Pertenceu esta casa aos Pinto Magalhães. Foi adquirida pelo Padre Manuel Araújo Barbosa, da casa do Codessido, freguesia de Cabaços, em 1888, e foi herdada por Maria Isabel de Magalhães, prima em segundo grau daquele sacerdote. Por falecimento daquela senhora e do seu marido, herdou-a António Magalhães de Oliveira.

O brasão da casa do Arejal foi vendido e encontra-se a encimar o portal da casa do Montinho, propriedade dos herdeiros do Dr. Espregueira Mendes, em Goães, concelho de Vila Verde.

É triste e desolador o espectáculo que muitos dos nossos melhores edificios apalaçados dos séculos XVI e XVII nos apresentam, o que denota a falta de gosto pelas belezas artísticas que representam não somente a inspiração dos architectos daquelas épocas, mas também o amor e o aperfeiçoamento com que os escultores e os canteiros executavam os seus trabalhos em pedra.

Deixar desaparecer estas casas apalaçadas é como que desprezar o que os nossos antepassados fizeram com tanto desvelo e carinho.

## SENHORA DA CONCEIÇÃO

Na freguesia de Fojo Lobal, encosta do monte da Nó, fica situada a alvinitente capela de Nossa Senhora da Conceição, cercada quase por todos os lados pela zona de pinheirais da Admnistração Florestal de Ponte de Lima, excepto do lado do nascente, donde se descobre o pequeno vale do rio Nevoinho, afluente do rio Neiva, solo muito fértil de olivedos e soutos de carvalhos e castanheiros, ramadas de vido-nho, montados ricos em tojo de boa qualidade, onde se cria boa caça de coelhos e lebres e não faltam no pequeno rio Nevoinho, que ali nasce, algumas trutas.

No fundo da encosta, fica situada a igreja paroquial, junto do caminho que vai para a casa do Arejal, onde existe uma capela particular em completo abandono.

Na encosta do monte da Nó, entre a igreja paroquial e a capela de Nossa Senhora da Conceição, encontra-se um pequeno cruzeiro caiado e colocado em cima duma grande pedra também caiada, que

lhe serve de peanha, no mesmo sítio em que antigamente existiu um belo cruzeiro. Grande foi o pânico sofrido pelos habitantes do fundo da encosta, quando num dia de violenta tempestade uma fálscia rachou em vários pedaços o enorme penedo que ali existia, despedaçou o antigo cruzeiro, que já se chamava Cruzeiro do Calvário, e aqueles colossos de granito, rolando pela encosta, vieram parar, com grande estrondo, numas terras que ficam perto da igreja paroquial.

Junto da capela de Nossa Senhora da Conceição, encontra-se uma casa construída há poucos anos, que serve para reuniões dos festeiros, guarda de objectos pertencentes à capela e de muita utilidade em dias de festa.

Nossa Senhora da Conceição tem a sua festa no dia 8 de Dezembro de cada ano e é muito concorrida pelas pessoas da freguesia e doutras terras vizinhas. Um caminho bem alargado permite que esta capela seja visitada de automóvel e ainda não vai há muitos anos que vinha uma procissão de Cabaços, a título de penitência e apoteose àquela que foi concebida sem pecado original, por ter sido escolhida por Deus para Mãe do Redentor.

## S. JOÃO

Na freguesia de Fojo Lobal, concelho de Ponte de Lima, situada do lado de fora do portal da casa e quinta da Casalta, encontra-se uma capela, destelhada, onde as silvas e o tojo são o seu único recheio. O largo pátio que sobe para o recinto desta antiga capela, construído a toda a largura da fachada, dava-lhe outrora muita elegância, mas está coberto de silvas e tojo.

Esta capela não parece que tenha sido restaurada ou aumentada, pois que, apesar de se encontrar abandonada ao camartelo destruidor do tempo, conserva ainda os seus traços primitivos e bem merecia pertencer a um proprietário que lhe devolvesse o seu encanto original. Na fachada já lhe faltam a cruz e uma pirâmide. Tem duas gateiras, uma de cada lado da porta, a pouca altura do solo.

Está condenada à ruína, o mesmo acontecendo à casa da Casalta, cuja grandeza artística em nada se compara às casas fidalgas da sua época, mas não há dúvida que era de certa importância no passado, e se encontra a caminho da sua total ruína: telhados que desabam sobre o andar térreo, uma linda varanda sustentada por colunas de pedra, que já ruiu, enfim, um quase completo amontoado de ruínas. A entrada desta casa era antigamente cercada de muros e o seu portal, completamente escondido na parte superior, tendo a sua padieira coberta de heras, mais parece um buraco num silvado do que um portal de casa importante no passado.



Que S. João permita — quer seja o Baptista, quer seja o Evangelista — que, uma vez que os herdeiros desta propriedade não ligam a menor importância a esta capela e à casa a que ela pertence, pelo menos a vendam a quem tenha um pouco de gosto pelas coisas do passado e devolvam a esta linda capela o seu aspecto que tinha no tempo em que era estimada e zelada pelos seus proprietários.

## NAVIÓ

### SANTA MARINHA

Na freguesia de Navió, lugar da Devesa, concelho de Ponte de Lima, bispado de Viana do Castelo, fica situada a capela de Santa Marinha, ao lado direito da estrada que vai de S. Julião do Freixo para Paçô, esta freguesia e Vitorino de Piães.

É muito espaçoso o terreiro desta capela, junto da estrada atrás referida, onde se encontram algumas árvores que lhe dão a sombra das suas copas no tempo do Verão. Dum lado e doutro da entrada para o recinto, encontram-se dois pequenos oratórios pintados de branco, o da esquerda dedicado a Nossa Senhora dos Caminhos e o da direita a Nossa Senhora do Carmo, ambos de recente construção.

A capela é muito elegante e vistosa, graças ao local em que se encontra. A sua fachada tem um cruzeiro e duas pirâmides em cima duma bela cornija, tem uma janela ao centro e duas gateiras a pouca altura do chão. Do lado sul, a capela tem duas janelas, sendo uma na sacristia; na sacristia do lado nascente, existe outra janela; do lado norte, noutra sacristia, tem uma janela e uma porta, e mais outra janela e outra porta nesta. Quanto a entradas de luz natural, dentro desta capela vê-se como cá fora.

As suas paredes foram limpas recentemente e a alvenaria reforçada com argamassa de cimento, dando a entender que lhe tiraram o reboco, lavaram as pedras e tiraram o barro das frestas.

Está realmente muito bonita. Mas os acréscimos que lhe fizeram roubaram-lhe a sua feição original, por exemplo as três sacristias que a cercam ao sul, ao nascente e a norte, para a tornarem maior. Nas últimas obras, construíram sobre a parede uma cornija de cimento em toda a volta do corpo da capela e das sacristias, no mesmo nível da cornija de pedra da fachada. O altar é muito simples, mas está arranjado de novo.

Da porta da capela de Santa Marinha, descobre-se um soberbo panorama de surpreendente beleza, de sonho e de cor, pelo ridente

vale do Nevoinho, até às encostas do Tamel e Quintiães, às verdejantes campinas nas margens do Neiva em Cossourado e Balugães, do concelho de Barcelos, onde sobressaem as novas casas residenciais de estilo urbano, erguidas na ribeira e nas encostas dos montes.

## PANQUE

### SANTA ANA

Na freguesia de Panque, concelho de Barcelos e arcebispado de Braga, no lugar de Meciros, a pouca distância da ponte que uns dizem romana e outros medieval de Anhel sobre o rio Neiva, a pouca distância do monte Lousado, encontra-se a antiga capela de Santa Ana, pertencente à casa e quinta dos Meireles.

Está bem conservada e a sua fachada é muito bonita. Destacam-se nela a cruz e as duas pirâmides laterais, a rosácea, e a pouca altura do solo apresenta duas gateiras.

No seu interior, vêem-se de fora, pelas gateiras, duas sepulturas com inscrições; do lado esquerdo do altar, no chão e encostado à parede, está um caixão.

Esta capela pertenceu aos Meireles e é actualmente propriedade de Joaquim Gonçalves.

Encontra-se bem conservada, com toalha e flores no altar, uma lâmpada acesa do lado direito, e Santa Ana entronizada no seu altar.

Num ambiente acolhedor, entre as casas do lugar e mesmo à beira do caminho, esta capela-mausoléu imprime um certo respeito e recolhimento e veneração aos habitantes do lugar de Meciros e mesmo às pessoas que por ali passam. E a ramada de vidonho que ali existe sobre aquele espaçoso caminho, dando a sua sombra hospitaleira aos habitantes daquele local nas zinas do calor, à tardinha, quando o Sol se esconde para os lados do mar, imprime ao local um ambiente de mistério que convida as almas ao silêncio e à meditação.

Quem passar em frente desta capela e olhar para o seu interior não pode deixar de meditar no que, mais cedo ou mais tarde, não poderá deixar de acontecer a todos nós, independentemente do nosso bem-estar, da nossa condição social ou das nossas privações.

Tendo chegado ao fim da apresentação do resumo histórico das capelas públicas e particulares, existentes e desaparecidas da Parte Alta do Vale do Neiva, peço ao leitor as minhas desculpas pelas lacunas

verificadas, que se deveram à falta de documentos e à rapidez com que as descrições tiveram de ser feitas, em face do curto espaço de tempo que me foi marcado para apresentar os meus originais.

Duma coisa pode ficar certo o leitor: um alto espírito de boa vontade e desejo de servir estiveram sempre presentes em cada linha que foi escrita. É muito certo o ditado de que a pressa é sempre inimiga da perfeição. Se é minha a culpa de não apresentar um trabalho bem feito e melhor acabado, também é certo que o produzi a tempo de figurar no presente livro.

Assim como fez o Dr. Frei Bernardo de Brito na sua «MONARQUIA LUSITANA», dou por não dito tudo aquilo que contradiga a verdade.

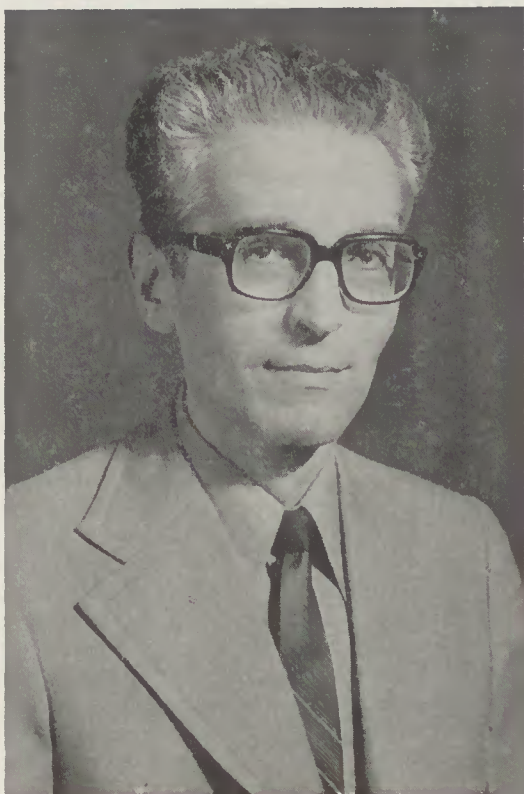
Duas Igrejas, 13 de Outubro de 1981.



*Prof. Custódio Baptista Bandeira*

- *Cancioneiro. O Rio Neiva e o poeta-povo*
- *Terra Mãe*
- *Nas margens do Rio Neiva*
- *Lavradeiras*
- *Vida simples*
- *Melancolia*
- *Sonho desfeito*





**PROF. CUSTÓDIO BAPTISTA BANDEIRA**

Nasceu no dia 3 de Outubro de 1919

Lugar da Cruz — Durrães-Barcelos

Faleceu no dia 2 de Maio de 1978





# Cancioneiro

## O Rio Neiva e o poeta-povo

---

Recolha de CUSTÓDIO BAPTISTA BANDEIRA

Quase todos os líricos consagrados cantaram algum rio ou encontraram nele algum motivo de poesia.

O povo, poeta anónimo de fina sensibilidade, também encontrou no «rio triste» motivo para expressar em singelas quadras os vários sentimentos do seu coração.

É isso que vamos provar em um ramalhete de cantigas recolhidas neste formoso Vale do Neiva.

Ao senso crítico do leitor deixamos a sua apreciação, bem como a influência que elas exercem na alma de quem as canta e também no coração de quem as ouve.

*Que passarinho é aquele?  
Passa no rio e não bebe.  
Leva o biquinho fechado  
por causa do ar da neve.*

*Rio que não levas água,  
Levas «sume» de limão.  
Quem não quer c'o mundo fale  
Não «le dei 'ocasião».*

*Da banda de lá do rio  
Tem meu pai um «castinheiro».  
Dá castanhas em Agosto,  
Uvas brancas em Janeiro.*

*É um regalo na vida  
Ao pé da água morar.  
Quem tem sede vai beber,  
Quem tem calma vai nadar.*

O meu amor e o teu  
Andam na fresca ribeira.  
O meu anda à erva doce,  
O teu à erva cidreira.

Tenho dentro do meu peito  
Dois moinhos a moer.  
Um anda e outro desanda,  
Assim é o bem querer.

Ó salsa da beira-rio,  
Ó da beira-rio salsa,  
Mais vale uma feia e firme  
De c'uma bonita e falsa.

O anel que tu me deste  
Nem o dei nem o vendi.  
Botei-o da ponte abaixo,  
O mesmo faria a ti.

O cravo roxo nasceu  
No valado duma poça.  
Não há moço que mereça  
O coração duma moça.

Botei água no jarro  
E do jarro me lavei.  
Tira de mim o sentido  
Que de ti já o tirei.

Ó meu amor não embarques,  
não te metas no navio...  
Olha que as ondas do mar  
não são as ondas do rio.

Debaixo da ponte nova  
Andam burros a nadar.  
Mas mais burro ficará  
Quem se rir do meu cantar.

E aqui desejo prestar homenagem à saudosa memória de meu Avô, que, sendo exposto, cantava muitas vezes, expressando a sua amargura de enjeitado:

*Eu não tenho pai nem mãe  
Nem neste mundo parentes.  
Sou filho das tristes ervas,  
Neto das águas correntes.*

Apesar de não ter conhecido os progenitores, meu Avô deixou aos descendentes um exemplo de honradez, de lealdade e de trabalho que legitimamente nos desvanece.

E assim termino, de olhos postos no rio sereno, sempre a correr para o mar como as almas de vontade férrea, que nunca desfalecem no caminho do Ideal.



# Custódio Bandeira

## TERRA MÃE

*Desde o cimo da montanha  
às profundezas do val'  
a nossa terra é a mais linda  
das terras de Portugal.*

*Logo ao romper da manhã  
tem o fumo dos casais.  
Quando o sol morre, à tardinha,  
as janelas são vitrais.*

*Tem a igreja, tem o sino,  
tem a escola que é um farol.  
Tem as fontes, tem o rio,  
que rebrilha à luz do sol.*

*Tem a música das aves,  
a graça dos arvoredos.  
Tem a água flores e pão,  
mistérios, lendas, segredos.*

*Tem «alminhas» e cruzeiros  
a incutir-nos esperança.  
Tem humilde campo santo  
onde minha Mãe descansa.*

*Tem heróis e missionários  
que por ela vão à guerra.  
Foi o berço onde nascemos,  
bendigamos nossa terra!*

## NAS MARGENS DO RIO NEIVA

### EVOCÇÃO

*Surgiste como doce aparição  
na minha vida feita só de abrolhos.  
Logo fiquei a amar-te de paixão  
e nasceu nova luz para os meus olhos.*

*Nunca mais esqueci essa emoção  
nem quis melhor arrimo nos escolhos.  
Eras um anjo lindo, uma visão,  
o vigor da minha alma e luz dos olhos.*

*Mas tinha de perder-te, finalmente,  
sem ter posto sequer um beijo ardente  
na tua boca cheia de recato.*

*Não maculei o virginal decoro...  
mas não pude suster o pranto e o choro  
e fui cobrir de beijos teu retrato!*

### LAVRADEIRAS

*Quero bem às lavradeiras  
deste doce paraíso,  
que deslumbram toda gente  
nos encantos dum sorriso.*

*Vede o seu trajo vistoso  
de blusa, saia, avental,  
a mostrar ao mundo inteiro  
Belezas de Portugal.*

*Não se encontram neste mundo  
mulheres com tanta graça,  
porque têm dentro do seio  
o vigor da nossa Raça.*

*A minha alma rejubila  
ao som das vossas cantigas.  
Sou menino de embalar,  
cantai, cantai raparigas!*

## VIDA SIMPLES

Ao Sr. Prof. Daniel Maciel

*Que lindas são as noites sossegadas,  
brilhantes de luar, da nossa aldeia,  
com as encantadoras desfolhadas  
que se fazem à luz da lua cheia!*

*Quem não gosta de ouvir contos de fadas,  
contados pela avó, depois da ceia,  
enquanto fia o linho das «rocadas»  
à luz pálida e frouxa da candeia!*

*Há flautas, cavaquinhos e violões,  
bailados e cantigas nos serões,  
contos e rezas junto da lareira!*

*Ó costumes cristãos, patriarcais!  
Vós tendes os fervores medievais,  
que enchem de paz a minha vida inteira!*

## MELANCOLIA

*Nas tardes outonais, ensanguentadas,  
caem folhas amarelas sobre o rio  
e seguem na torrente, abandonadas,  
boiando, a soluçar, num rodopio.*

*E vão em turbilhão as desgraçadas,  
como as almas em triste desvario,  
que na vida caminham desnorteadas  
sem a luz dum ideal, mortas de frio.*

*Semelhantes às folhas desprendidas  
que na torrente vemos ir perdidas,  
são os desventurados deste mundo*

*que não sentem carinhos de ninguém  
e, de abismo em abismo, num vaivém,  
desfalecem no pélago profundo.*

## SONHO DESFEITO

*Sonhei viver contigo num deserto  
onde ninguém nos fosse importunar  
e tudo fosse luz de céu aberto,  
amenidade e músicas sem par.*

*Podéria viver então liberto  
desta amargura que me faz chorar,  
se tivesse na vida o rumo certo  
que divisei no teu formoso olhar.*

*Mas tudo nesta vida se esfumou  
e apenas a saudade me ficou  
como rola que geme nos pinhais!*

*E só posso esquecer o desvario  
absorto no caudal do nosso rio,  
chorando o bem que não desfruto mais.*

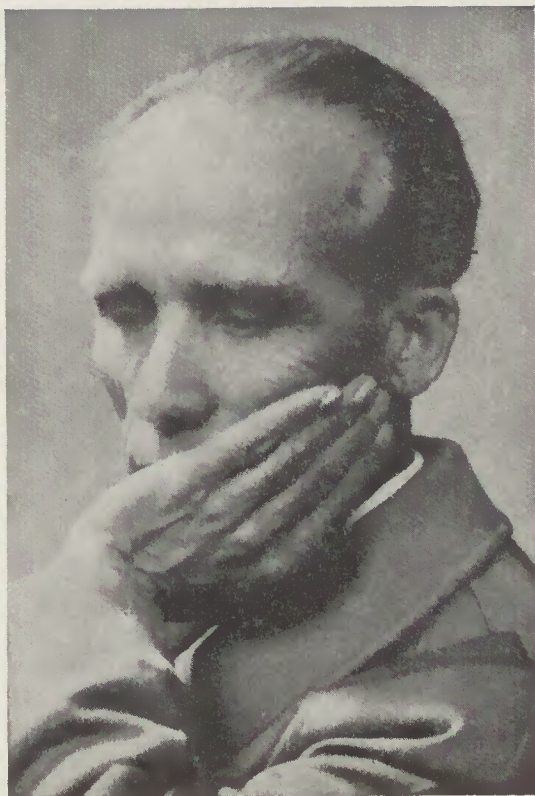
Custódio



*Prof. Daniel Neiva de Oliveira Maciel*  
(ÁLCIO DE RIBADAL)

- *Os vinte anos de Maria Filomena*
- *Inverno*
- *Roseira em flor*
- *Paraíso perdido*
- *Canção do emigrante*
- *Feliz aniversário*
- *O Sino destronado*
- *Imensidade*
- *Felicidades*
- *Amável convite*
- *Natal — Amor*





**PROF. DANIEL NEIVA DE OLIVEIRA MACIEL**

Nasceu no dia 10 de Março de 1903

Lugar do Campo do Forno — Durrães-Barcelos



## OS VINTE ANOS DE MARIA FILOMENA

### ACRÓSTICO

VINTE VOLTAS DESTE AO SOL,  
Infundas, na imensidade.  
Nossos votos que dê tantas,  
Tantas como um girassol,  
Em torno da felicidade.

Vês a graça deste dia,  
O céu lindo, a terra verde?  
Lembranças tuas — dizia.  
Tua infância, oh! que alegria!  
Até onde o olhar se perde,  
Sinto saudades, Maria!

Desses dias que passamos  
Em terras da beira-mar,  
Sem ter loucas ambições.  
Tu nasceste, encheste o lar,  
Encantaste os corações!

Acima, amiga da Luz,  
O encanto da natureza!

Sem luz, sem graça de Deus,  
Onde reside a Beleza?  
Lembranças, Maria, adeus!

## INVERNO

*Montes ao longe e um plano extenso ao perto...  
Um rio em fuga... uma sinuosa estrada...  
Nuvens escuras na amplidão cerrada,  
Coando a triste luz dum céu coberto.*

*O vento e o raio no pinhal deserto...  
A flora esguia, treme, desgrenhada,  
e implora o céu azul, a madrugada,  
o céu da Primavera, descoberto.*

*Um génio musculoso, esfarrapado,  
subia o monte abrupto, revoltado,  
ao clarão dos relâmpagos, na agrura...*

*E, mal contendo a irreprimível ânsia,  
perde-se, ao longe, em sombras, na distância,  
bramando contra a própria desventura!*

## ROSEIRA EM FLOR

*Sombrio monge, olhando o firmamento,  
Num castelo roqueiro, milenar,  
Queria viver só, todo o momento,  
Sentindo a imensidade... o céu... o mar...*

*Era assim o meu sonho, o meu tormento,  
Quando veio a alegria de criar...  
Meu coração, fantástico instrumento,  
Oh! que infinito amor o fez tocar!*

*Era assim minha vida aventureira,  
Seu cantar lastimoso, vagabundo,  
Quando encontrou a sua companheira*

*E ergueu, com ela, o seu amor fecundo...  
Já tenho rosas, filhas da roseira...  
Sempre valeu a pena vir ao mundo!*

## PARAÍSO PERDIDO

As aves e as flores! Eis o que nos  
ficou do Paraíso Perdido!

TEIXEIRA DE PASCOAIS

*Na infância da Humanidade,  
nu, ao sol da antiguidade,  
vinha o noivo a assobiar...  
O assobio foi o fio,  
mavioso, de encantar!*

*Erguia-se a noiva ainda,  
a sonhar, à luz tão linda  
do sol de Deus Criador!  
O assobio foi o fio  
da fonte do seu amor.*

*Canção das manhãs formosas,  
do éden cheio de rosas  
e trinos de rouxinol!  
O assobio foi o fio  
desse rosário de sol!*

*Que festa à beira do rio,  
dos melros ao desafio,  
nas balsas e nos pomares!  
O assobio foi o fio,  
que prendeu os seus olhares.*

*Olhares maravilhados,  
iludidos, encantados  
p'la serpente que os tentou...  
O assobio foi o fio,  
que o paraíso fechou.*

*Trazemos ainda nos ninhos  
as flores e os passarinhos.  
O assobio foi o fio  
das gerações, das idades...*

## CANÇÃO DO EMIGRANTE

*Sorriu-me a vida no campo,  
o trinar dos passarinhos,  
no tempo alegre dos ninhos,  
das flores, da mocidade.  
Sorriu-me nos meus folguedos  
a voz pura, encantadora,  
dos meus prados, a cantora  
de tanta felicidade.*

*Sorriu-me como essa aurora  
que sorri ao pensamento  
na imensidade da hora  
em que chora o sentimento.*

*Nunca vi amor tão forte,  
nem tão radiante o céu!  
Nunca mais pensei na morte  
enquanto esse amor viveu...*

*Senti em mim a ventura  
nessas agrinhas mimosas  
pelo refflorir das rosas,  
em manhãs de viração...  
Ao sentir ainda a saudade  
desse canto que extasia  
julgo a noite ser o dia  
da minha branda paixão...*

*Ao partir, tudo deixei  
à beira da nossa fonte;  
e estas saudades juntei  
num monte sobre outro monte.*

*Nem sei medir a distância...  
Oh! quão pesada esta vida  
sem a alegria da infância,  
sem a beleza perdida!*

*Na alegria ou na tristeza,  
ora ao sol ora ao luar,  
tenho sempre a luz acesa:  
— é a esperança de voltar!*



## FELIZ ANIVERSÁRIO

### I

*Sem foguetes, mas com música,  
há festa no Carvalhal!  
Vai a Nucha mais a Bela  
subir para o pedestal.*

### II

*Meninas, folgai, cantai!  
A lição já está sabida,  
Nascer, viver e morrer  
é a história da nossa vida.*

### III

*Tanta gente anda a chorar  
por causa da carestia,  
Vamos sorrir e cantar  
para espalhar a alegria.*

### IV

*Teu coração pulsa, pulsa,  
não o deixes apressar.  
Vais ter uma longa vida  
se o souberes controlar.*

### V

*Ao chegarmos aos 100 anos,  
sem riquezas, nem vaidades,  
não haverá desenganos,  
mas sim apenas saudades.*



## O SINO DESTRONADO

Ao salvador do Meão e defensor  
das relíquias do Passado.

*Enfim, não se perdeu o Meão dilecto,  
Do novo campanário, o vê saudosa  
A velha companheira harmoniosa,  
Que nos recorda o matinal terceto,*

*O trio alacre, a música radiosa,  
Atraindo, encantando o nosso afecto.  
Ó Belas-Artes, Aydn, ó Tintoreto,  
Eternizai essa canção formosa!*

*Se quiser reviver o seu passado,  
O grande amor, ó sino destronado,  
Quem vos livrou da fundição, do inferno,*

*Pode sentir, na sua infância ainda,  
O alegre repicar, a toada linda,  
Do vosso coração de bronze eterno!*

## IMENSIDADE

*Nesse tempo em que as rolas namoradas  
gemem o seu amor pelos pinhais,  
achei um desses ninhos ideais,  
à beira duma fonte...*

*Amei... quanto sonhei... quanto senti!  
Mas a minha paixão era ilusão!  
Desolado, parti... tudo esqueci...  
à beira duma fonte...*

*Em bruma, ao longe, nos pinhais sombrios,  
nas soledades florestais dos rios,  
ainda vejo o meu sonhar perdido,  
à beira duma fonte...*

*Nessa casita branca do nascente  
vive a doce ilusão do meu passado...  
E oh! quantas almas nela têm sonhado,  
à beira duma fonte...*

*No planalto onde agora construí,  
sobre a antiga a novíssima cidade,  
minh'alma canta o amor da imensidade,  
à beira duma fonte!*

## FELICIDADES

*Se fora, quem pudera!  
voltar a ser Primavera  
voltar a ser como a flor!*

*Mas o fim do Outono chegou...  
Seu manto de ramagens douradas  
e esta doçura do céu  
trazem minha alma encantada!*

*Não me digas que vem aí o frio  
com as primeiras neves  
e o vento ululante que nos fará tremer!*

*Não me digas que o esplendor  
e o fausto desta canção decadente  
hão-de cair por terra,  
como acontece às nossas ilusões!*

*São horas de acender a luz da Esperança!  
Em cada noite, sempre uma estrela,  
em cada Inverno  
sempre um Natal feliz  
cheio de recordações!*

## AMÁVEL CONVITE

Ao meu caro primo José António

*Sonhaste amor, José, naquela esp'rança  
dum prazer infinito de alegria,  
desse sorriso lindo que inebria  
e nos faz caminhar sempre em bonança.*

*Sonhaste! e de teus sonhos a lembrança  
gravou-se nas memórias desse dia,  
tão bela, tão suave, que excedia  
a pintura dos tempos de criança.*

*Por lá passei e vi os namorados...  
Eu julgava que fossem jardineiros,  
erguendo um ninho, ao sol, tão enlevados,*

*dispondo amor e rosas nos canteiros...  
— Vem, José, para o rancho dos casados!  
Deixa depressa o rancho dos solteiros!*

## NATAL — AMOR

*Meu coração é um presépio,  
S. José, seu protector.  
A Senhora é minha Mãe  
E o Menino, o meu Amor.*

*O que hei-de dar a um Menino  
tão rico, tão pobrezinho?  
Dou-lhe tudo quanto tenho,  
muito mais que um cordeirinho.*

*Boas-Festas, meus Amigos!  
Quando nos abraçaremos  
à volta deste presépio  
que no coração erguemos?*

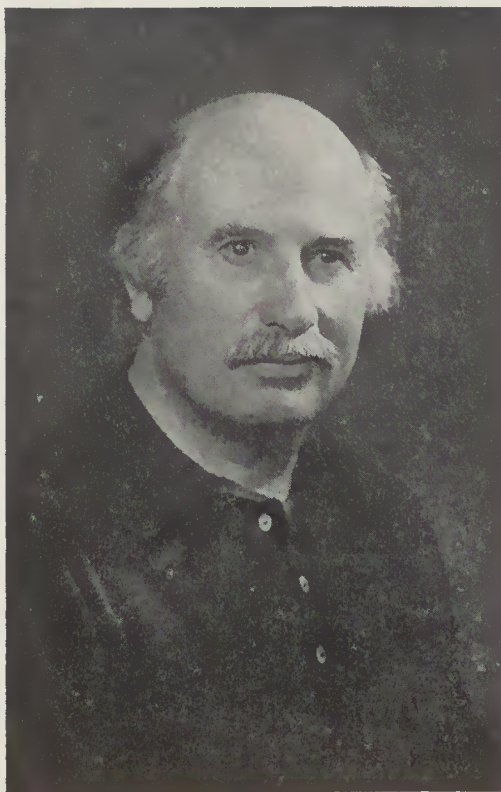
*Adoremos o Menino  
Mais lindo que o mundo tem!  
Ó meu Menino Jesus,  
Rei do Amor, do Eterno Bem!*

Álcio de Ribadal

*Dídimo Victor Hugo da Cunha Vilas Boas Mesquita*

- *A Morena (Lenda)*
- *Forjães*
- *Os Noivos de Balugães*
- *As bruxas do Vale do Neiva*
- *A fada do Nevoinho (Conto de sabor rural)*
- *O Zé do Telhado em Balugães*
- *Balugães e as invasões francesas*
- *A fé do Caçador de Esposende*
- *O valor do trabalho honrado*





DÍDIMO VICTOR HUGO DA CUNHA  
VILAS BOAS MESQUITA

Nasceu a 17 de Outubro de 1921

Lugar de São Bento — Balugães-Barcelos





# A Morena

## (Lenda)

---

Local dos mais pitorescos nas margens do rio Neiva em Forjães. Para se lá chegar, tem que se descer barrancos a festo, por carreiros de cabras e veredas escorregadias entre pinhais queimados nas carumas, e urze magra, rala, que vegeta ao deus-dará, nos socalcos e penedais que se avizinham numa solidão poética.

Mas vale a pena.

Lá no fundo, onde as águas claras do rio se recreiam brincando nos canais da azenha velhinha, já sem penas, e saltando em cantilena doce sobre o açude, a gente sente o bucolismo do todo, encadernado pela ramaria viçosa dos amieiros e salgueiros em redor.

É, sem dúvida, local aprazível e poético. Sossegado e inspirador.

Muito procurado por gente nova que ali vai recrear-se e adorar o deus Cupido, que ali vai inspirar-se e sonhar um mundo sem peias e sem preconceitos. Um mundo onde haja mais amor.

É ali que a mocidade se deleita nas quimeras do alvorecer da vida...

O Eden para eles, mocidade radiante, está ali em toda a sua plenitude! Sem fronteiras nem horizontes...

Se nos quedarmos contemplativos sobre os barrancos agrestes, sobranceiros ao rio, aquela panorâmica verdejante, serena, desperta-nos a sensibilidade criativa...

É que há algo de estranho que fascina e prende o observador mais atento.

Há ali um mistério que nos segreda coisas passadas e nos entretém embebidos em melodias suaves que nos encantam.

Uma saudade amorosa se sente ali a suavizar-nos o corpo e o espírito!

Há quem afirme que um dos tesouros que descreve o livro de S. Cipriano está ali escondido. A lenda di-lo...

Mas o mais importante, aquilo que nos levou lá e originou o que escrevemos, é a «Lenda da Morena».

Velhinha, tão velhinha que os nossos avoengos a deixaram perder no tempo! Cansaram de a contar... de a sentir...

No tempo dos afonsinhos vivia aí um jovem casal de moleiros. Só os dois! Ainda existe o moinho, tipicamente encostado às bordas do rio, alquebrado, esquelético, sem vida, mas a testemunhar bem alto um drama que andou de boca em boca. Um romance de enredo enigmá-



(Desenho de António Mendanha)

### «Azenha da Morena», Forjães

tico que apaixonou no tempo a sensibilidade das pessoas mais frias e indiferentes.

O casal de moleiros teve uma filha, e passados poucos anos a mãe morrerá. Ficou a menina entregue aos cuidados do pai.

Se até aí a vida era árdua, dura, mais pesada e intranquila ficou para aquele homem sem posses.

Dentro daquelas quatro paredes nuas e frias, não havia conforto nem fartura de nada. Havia só, continuamente, a saudade do Bem que partira. A tristeza naquelas duas vidas. Seres sem leira nem beira e

isolados do mundo. Solidão tristonha que nem o bucolismo do lugar fazia esquecer!...

É a signa madrasta que a natureza dá a certas criaturas, sem amor, sem piedade; impecilho de liberdade que castiga cruelmente quem veio ao mundo involuntariamente...

Helena, assim se chamava a menina, foi crescendo no meio da alva farinha, sempre empoalhada, sempre ali prisioneira, longe da convivência social e de tudo o mais que a adolescência sonha e aspira.

Há ali, bem aconchegadinha à margem esquerda do rio, uma fonte de água tão leve e tão pura, que há séculos goza a fama de mineral pelas virtudes curativas que tem em certos males.

Nascida nos socalcos pedernosos do sítio, nunca seca, é procurada continuamente pelas pessoas que a conhecem. Deliciam-se com ela, essa água «milagrosa»...

A fonte e o rio sereno e manso eram os seus brinquedos quotidianos! Os limites naturais da sua adolescência. O arvoredo acolhedor, cheio de encantos e viço, os adornos protectores daquela órfã tenrinha.

Não havia mais!

Era bem pequeno o seu mundo!

Da levada até ao vau e do vau até à levada, era o lago sussurrante dos seus prazeres de menina e moça. Desafiava as lontras em longos mergulhos e os rouxinóis nos seus trinados.

Eram os seus irmãos, como o dizia S. Francisco de Assis.

Aquele pai queria dar mais ao seu «tesouro», mas nada mais tinha além do amor, carinho e enlevo...

Um dia — todos temos um dia na nossa vida — cansado de ver a filha só, arranjou maneiras de lhe comprar um pequeno animal.

Foi a Barrocelas e trouxe de lá da feira um pequeno bezerrito.

Foi um delírio no moinho. Foi uma festa na família...

A mocinha afeiçoou-se tanto ao pequeno touro, que este a seguia por todo o lado.

E assim foram crescendo ambos entendendo-se mutuamente...

Todas as tardes, pelo pôr-do-sol, enquanto o pai se entretinha com os macairos no moinho, ela sentava-se junto à fonte a fiar ou a costurar, e cantava...

Cantava melodias tristes, sempre a tristeza ao lado dela...

A sua voz pura, cristalina como a água da fonte, ecoava nas quebradas até se perder no arvoredo longínquo.

*Anda a tristeza comigo!  
E canto p'ra não chorar.  
Mais que cante não consigo,  
Esta tristeza abafar!...*

*Sou filha da solidão,  
O meu destino é sofrer!  
Já cansou meu coração,  
Não me importo de morrer...*

*Oh fonte d'águas tão puras.  
De curas tão milagrosas,  
Perdoa as minhas ternuras,  
Faz as pessoas ditosas.*

*Já que um cruel destino,  
Assim me mortificou!  
Tem pena, oh fonte meu mimo,  
Da jovem que aqui chorou...*

A passarada rebelde saltitava de galho em galho até se aproximar do amieiro que cobria todo o cenário da fonte. Aquele cantar mavioso atrafa-os!...

Até o murmúrio das água sobre o açude calavam para a ouvir! Que mistério havia aí?!

A moça era dum moreno aveludado, atraente. Os olhos dum verde limão, rasgados, mas duma doçura melancólica, místicas mesmo. Toda ela era esbelta, fina, elegante. Duma pureza de alma que a tornava um anjo.

Os seus 18 anos não lhe incutiam a alegria própria da idade. Vivia num torpor constante!...

Era conhecida pela Morena do Moleiro... a Morena...

Todos os dias subia acima duns penedais frente ao moinho, que os barrancos sustinham acastelados, e daí contemplava o mar lá adiante! Ficava tempo sem fim, absorta num estado hipnótico!...

O pai, por isso, vivia preocupado e não sabia remediar aquele misterioso estar.

— Helena, anda daí! São horas de acender o lume! Que vês tu no mar que tanto te preocupa? Anda, minha filha!... Diz ao teu pai o que é que tanto te apoquenta? Diz! Filha da minha alma! Não me mortifiques mais, que me matas...

Ela, toda obediente e amiga, descia dos penhascos e sentava-se junto da fonte a cantar, sempre a cantar as mesmas melodias tristes.

O Sol ia descendo no Horizonte espelhando a sua brilhante luz nas águas do rio. Desde o vau até à levada do moinho...

Era a hora predilecta daquela ninfa misteriosa!

Um dia... a moça desapareceu!

Desapareceu sem deixar rastros de nada... de nada, sumiu como o fumo!

Com ela, foi o touro também, o seu amiguinho de sempre...

Por mais pesquisas e investigações que se fizeram, ninguém mais soube o rumo que levaram. Sumiram mesmo!...

O pai não suportou aqueles desgostos e morreu.

Mas, sempre à hora do pôr-do-sol, aquelas cantigas dolentes da moça ouviam-se bem timbradas junto da fonte a ecoarem nas quebradas do sítio e na ramaria frondosa do arvoredado.

Era um choramingar doce, terno, que compungia e aliciava a saudade nas pessoas.

Volvidos séculos, ainda há quem ouça e sinta este fenómeno no cair da água da fonte e se sinta inebriado!

O touro, mais tarde, apareceu figurado em pedra maciça sobre os penhascos acastelados na ladeira, que a Helena tanto adorava. E ainda lá está, musguento, manchado, a ruminar docemente, tranquilamente, como no princípio!

A erosão do tempo poucos estragos lhe fez.

Depois deste episódio singular, o local aonde tudo se passou ficou baptizado com o nome de — Morena.

E a mocidade forjanense procura esse sítio para louvar o deus Cupido e deleitar-se em quimeras de sonhos nesse lugar de poesia que Forjães se orgulha de possuir.

A Morena das águas cristalinas. A fonte da Morena das águas virtuosas... O moinho da saudade e o vau popular do rio Neiva.

Um oásis da gente que sente a natureza e a vive.



# Forjães

(Concelho de Esposende)

---

Forjães é uma das terras mais fidalgas e progressivas das margens do rio Neiva.

Mercê do bairrismo dos seus filhos, quase se basta a si própria no campo assistencial, cultural e comercial. E, em eras passadas, fez história.

Atestam-no ainda hoje as casas solarengas de Pregais, Curvos e Calça, entre outras.

No Solar de Pregais nasceu o grande navegador Gonçalo Velho e habitou temporariamente o condestável D. Nuno Alvares Pereira.



Na Quinta de Curvos viveram os Ponce de Leão, entre outros. A Calça, foi residência dos fidalgos Arriscados Mendanha, aparentados com as principais famílias fidalgas de Távora, e de Olhão, Condes de Alvor, Atouguia e Redondo.

O Solar de Pregais, Pedregais, Pedregão ou até Pedro Gaio, vem do ano de 1100, e foi fundado por D. Guterres.

Segundo Figueiredo Guerra, D. Guterres foi o suposto fundador do Mosteiro de Carvoeiro e veio para Portugal com o Conde D. Henrique, pai do nosso 1.º rei.

Gonçalo Velho, aqui nascido, era filho de Fernão Velho, Alcaide-Mor de Veleada, e de Maria Alvares Cabral. A avó materna era prima em 4.º grau do Infante D. Henrique e parente de Pedro Alvares Cabral.

Este Solar encontra-se em óptimo estado, mercê dum restauro feito há anos.

Sobre a Quinta de Curvos, famosa noutros tempos, pois o seu proprietário era um poeta da natureza e fez dela um encanto, o povo conta uma lenda que diz assim:

Certo dia, um jovem transpôs as muralhas de granito que circundavam a Quinta e, pela hora do meio-dia, violou o silêncio da monu-

mental gruta que numa majestade misteriosa se impõe como rainha, sobre as águas mansas do lago azul.

Tudo era silêncio.

Apenas se ouvia o bater lento das asas de dois cisnes brancos que deslizavam sobre as águas em direcção ao canal que cresce na ilhota dos amores, onde a passarada bravia e feliz ensaia a divina música da natureza sob a batuta duma brisa mansinha que vem do mar de Guilheta.

O mancebo solitário olhou abstracto aquela bocarra sombria da Gruta, escutando, escondidas na folhagem dos plátanos, as cigarras barulhentas e o cair monótono das pingas sobre a água parada, melancólico, como hipnotizado por um ambiente sinistro.

No vácuo da Gruta, algum morcego quebrava aquele silêncio sepulcral como a lembrar-lhe que ali havia vida de vez em quando.

O seu olhar de moço novo perdeu a vida!

Caiu numa languidez impressionante!

Todo o vigor daquele corpo jovem ficou prostrado num relaxe fatigante.

Sem forças, apoiou-se no corrimão de pedra e fixou os olhos num ponto obscuro da abóbada, tomado duma perplexidade mortal.

Assim esteve sem se aperceber do tempo que passava...

Depois, empertigou-se e soltou um grito de terror que ecoou estrondosamente como saído das entranhas da terra! O côncavo da Gruta produziu um som metálico, estridente, que se ouviu longe, estremecendo as vidraças das estufas de crisântemos ali ao pé, e apavorando a passarada rebelde que fugiu assustada e resmungona sobre o arvoredado exótico.

Quando aquele eco sinistro se extinguiu, ouviu-se o ranger roufeno duns gonzos que se arrastavam no interior das morenas paredes.

O rapaz, hirto e sem reflexos, fixou atónito o local.

O medo apoderou-se dele.

Iria surgir dali uma alma penada?

A alguns metros do solo, lentamente, abriu-se um portão camuflado de trepadeiras que rebentavam com fragor, para mostrar uma bocarra enorme!

Por essa goela aberta divisavam-se umas escadas estreitas que, em caracol, subiam misteriosamente através do escuro.

Os ouvidos do mancebo zumbiam...

Entretanto, ele enxerga uma jovem mulher a descer com donaire impressionante as escadas de acesso à Gruta.

Cobria-a um cendal branco que retirou ao enfrentá-lo.

O sangue do moço aqueceu ao contemplá-la!



Era alta, loura. O cabelo farto e de longas tranças caídas sobre os seios. O rosto fino, duma alvura mística, mostrava os olhos ternos e azuis que lhe adoçou a alma ao contemplá-los.

Os seios erectos adivinhavam a virgindade dum anjo.

As ancas harmoniosas completavam a imagem do sonho.

Vestia uma blusa branca com rendas aconchegadas ao queixo, e um avental cor de creme com presilhas pelos ombros...

Assomou em toda a plenitude àquela porta escancarada e fitou com leve sorriso o perplexo mancebo.

Numa voz doce, musicada de amor, murmurou:

— Anda! Sobe comigo!... anda ver o azul do Céu, e sentir a força do Criador na natureza que nos cerca!... — E estendeu-lhe as mãos. O jovem, até ali preso de movimentos, sentiu, no seu machismo, uma corrente de amor abalar-lhe as fibras mais insensíveis do coração.

Enlaçados os dois, subiram pelas estreitas escadas com os corações a tocarem-se...

Subiram. Subiram sempre até ao infinito...

Os degraus eram cada vez mais estreitos e mais escuros e parecia que rodavam sobre nuvens, tal era a macieza do percurso.

Ele sentia-se embriagado pela doçura daquele corpo feminino colado ao dele...

Suava...

Quando chegaram ao cimo do torreão, o Sol brilhava sobre um chorão de verdura, e uns bancos de cortiça os esperavam.

Um bando de andorinhas, lá nas alturas, esvoaçava sobre os dois, chilreando alegremente.

A ninfa beijou-o tão meigamente que o rapaz não teve coragem de retribuir.

Sentia-se no Paraíso e ela era um anjo.

Trazida pela brisa, ouvia-se uma música doce, divina, cujos sons os inebriava.

As pontas do arvoredado viçoso bailavam como associando-se àquela felicidade.

O Sol escondia-se por trás de Guilheta e na torre da igreja bateram horas. Repetiram compassadamente. A noite ia estendendo o seu manto escuro sobre a terra.

Quando de novo os sinos tocaram as Trindades, ela apertou-o contra si, ajoelhou-se, balbuciou palavras misteriosas e lançou-se no vácuo desaparecendo... tão misteriosamente como tinha aparecido.

Forjães — Setembro de 1979.



# Os noivos de Balugães

---

Quem há vinte e tal anos assistiu em Barcelos à passagem dum cortejo pelas Festas das Cruzes, ficou encantado com a etnografia castiça duma «Boda à século XVIII».

Eram «Os Noivos de Balugães».

Cartaz típico, genuíno, com toda a pureza real dos usos e costumes dum povo que vive quase isolado na bacia do Vale do Neiva. Aquela indumentária dum negro grave, chamava a atenção por contradizer as cores garridas dum todo que esse mesmo Cortejo mostrava. Foi sem dúvida uma espantosa surpresa, como disseram depois os jornais diários e semanários. As personagens que nesse tempo se apresentaram a representar o papel dos seus avós eram, na maior parte, estudantes que, pela educação, souberam interpretar, com dignidade e modéstia, uma boda aldeã de um século atrás.

Não havia rótulos indiscretos nas pessoas, nem adulterações dos costumes. Não havia as palhaçadas que muitas vezes se vêem, que só servem para desacreditar a riqueza da nossa etnografia. As roupas de todo o grupo, noivos e convidados, foi tirada das arcas velhinhas onde as nossas avós as guardam e veneram, como relíquias preciosas.

Por isso, ali, era o mais castiço dos trajes regionais, da Bacia do Vale do Neiva.

Era puro. Original.

Os mentores tiveram o cuidado e bom gosto de não adulterarem nada. Até o ouro apresentado era o da confecção velhinha, como aqueles cordões de argola e elos largos, os fios de conta, as custódias e até os célebres dobrões arqueados. Os brincos e as argolas de feitura larga também foram seleccionados. Foi tudo a capricho. Por trás desta iniciativa genuína, como noutras, estava a sensibilidade e o bairrismo do senhor Domingos da Cunha Vilas Boas. Bem sabemos que esta aparição em público foi o canto de cisne. Nunca mais se viu.

Damos nestas linhas e em pormenor o tipo de indumentária e sua confecção, usadas em Balugães pelos nossos avoengos.

A saia é de pano armur, comprida até aos tornozelos e com bastante roda solta, tendo ao fundo barra de veludo preto e, no fundo desta, folhos com vidrilhos.



Imagem dos «Noivos de Balugães»

Nesta feitura era costume gastarem-se 8 a 9 côvados de pano. A blusa, tipo casaco cintado, cor escura e sem decote. No peito, desenhos bordados de corações e âncoras que eram o símbolo do amor e segurança. As fraldas destas eram também de folhos do mesmo pano, com enfeites de vidrilhos que sobrepunham cobrindo o colarete da saia. Pudor acima de tudo...

Lenços de tafetá com mantilha de lã cor de creme.

A camisa era de linho puro bordado nas mangas.

O avental de veludo preto, largo e comprido com barra de seda preta e com rendas da mesma cor.

Chinelas de biqueira aguçada, cor preta e tacão médio.  
Meias pretas de algodão.

A noiva levava sempre um ramo de flores de laranjeira, símbolo da pureza.

O noivo vestia calça de fazenda casimira preta muito justa à perna, e bolso de alçapão, tendo atrás duas presilhas com fivelas.

O casaco de fazenda casimira ou montanhesca, mas curto aos quadris. Dois bolsos grandes e um mais pequeno para o lencinho de linho bordado à mão.

A lapela é estreita e de bico redondo.

Colete da mesma fazenda com lapela dobrada. Dois bolsos, para o relógio e corrente. Atrás, sob o pano de costas, duas presilhas com fivelas.

Camisa de linho fino com pequeno colarinho. Laço fino, preto. Chapéu preto de abas largas. Bota preta de clástico e cardada.

Era a segurança. O machão.



Acompanhava o grupo a castiça «ronda» de Balugães, composta unicamente por instrumentos de corda.

E cantavam:

*Nós somos de Balugães,  
Terra mais linda não há!  
Até a Mãe de Jesus,  
Veio do Céu até lá!*

*A riqueza destes trajos,  
Eram dos nossos avós,  
Que vestimos com carinho,  
P'ra mostrar a todos vós!...*

Festas das Cruzes de 1960



# As bruxas do Vale do Neiva

---

Tinham grande fama nestas terras de Deus!

Até ao ano de 1930, elas empestavam deveras os habitantes das duas margens do rio Neiva.

Havia nas pessoas um medo que mal sabiam disfarçar!...

É que as teias urdidadas por essas filhas de má-morte enredavam as criaturas de Deus, fazendo-as andar sempre com o credo na boca.

E, de pais para filhos, de geração a geração, eram transmitidos, à boca pequena, os sarilhos causados por elas!...

Havia famílias inteiras que viviam entorpecidas por redes demónicas e tenebrosas!

Viviam mesmo assombradas!...

Isto era exactamente assim há 50 anos.

Ouvi uma vez, na casa do meu avô paterno, uma história de bruxas contada pela típica figura desse tempo, Ti Severino Exposto.

Teria eu 10 anos.

Embora o ouvisse estarecido, tive a curiosidade, mais tarde, de entrevistar um homem apontado na ocasião, como um alvo das diabru-ras desse mulhredo misterioso!...

Era o Ti Zé da Giesta.

Bom homem. Cingeleiro de profissão.

Talvez por isso, por carrear fora de horas, por ter de passar às tantas pelas encruzilhadas onde Belzebu pontifica, via-se às aranhas com elas!

E tantas vezes isto aconteceu, que já as conhecia de gingeira.

Oh!... se conhecia!

Mas... guardava segredo. Ai não!...

Com semelhante corja nem de bem nem de mal, o calado é o melhor.

E o Ti Zé, também não era homem de bocas...

Ele era chefe de boa família e precisava de ganhar o pão, livre das vergonhas do mundo.

Aquele pão duro que o diabo sabe amassar e que Cristo prometeu como castigo.

— Ganharás o pão com o suor do teu rosto.

— Uma vez — disse-me o Ti Zé da Giesta — Vinha eu de fazer um carroto em Santo Estêvão da Facha. Era já noite cerrada. Na Portela, tive que mostrar o salvo-conduto ao famigerado Fanfarra, que, mesmo com esse «passaporte», me surripiou a saca da broa!

Bagatela...

O pior estava para acontecer...

Rais me parta.

Até me arrepio todo quando me lembro. Safadeza...

Ao chegar a Pombarinho, mesmo na cruz dos caminhos, eu senti que algo de estranho estava a acontecer!

O carro chiava!...

Os bois eram novos e possantes e o carro era seguro e bem ferrado.

Apesar disso, o chadeiro gemia e os bois fincavam as patas no chão para arrastarem os rodeiros!

Mau, mau...

Olhei o lastro, e nada vi!

Carro vazio!...

Eu bem sabia que o sítio gozava de má fama! Viam-se mesmo depois das Trindades, elas a rodopiarem em danças malignas...

E aquelas cruzes de pedra enfuadas nas paredes, eram testemunhas de acusação.

Mas eu, habituado já a todas essas morrinhices, não tive grande medo.

Sabes, um pobre não pode ter fedum.

Percebi logo de que quilate eram as anzoneiras que transportava, e tratei de me precaver contra tais boleias.

Homem prevenido vale por dois...

Como quem não quer a coisa, aproximei-me do jugo do gado e, no *sanselimão* que lá trazia desenhado com aço aquecido a pêlo de jumento, cravei com raiva a haste duma partizela, mesmo no centro das cinco pontas do desenho!

Raio, eu sabia que aquela «strubenga» era remédio santo...

Para grande diabo, diabo e meio.

E logo, sem perder atalho nem mencilho, peguei na vara de apor que era de oliveira velha e zás, mandei uma bordoadada com quanta força tinha.

— Jasuz Cristo! o cacete fez um estrondo nos malhais como um «charrisco» quando cai numa casa!

Até as cordas das mãos ficaram sem círias...

Com um homem perdido ninguém se meta...



Eu trazia fome e não trazia dinheiro; estava só e vinha moído do trabalho.

E quando temos razão, a força não tem medidas...

Sobre o rodeiro do carro tombou para a estrada um corpo de mulher!

Nem tugiou nem mugiu!

Estava morta e bem morta!...

Então, perante o meu pasmo, vi descer do carro uma «catroada» de mulhredo fedorento que se afastou aos guinchos demoníacos, ante a impossibilidade de reacção.

O meu *sanselimão* era arma poderosa contra esta escumalha que o inferno pariu!

Os meus bois sentiram alívio no peso do carro e quedaram.

Pareceu-me que se aperceberam dos passageiros que transportavam.

Tangi-os...

O carro começou de novo a deslizar, quebrando o gelo acumulado nas lacadas dessa estrada da Formigosa, enquanto eu, com um tolete, empurrava para a valeta aquele corpo da mulher defunta.

Com um fósforo «espera galego» aceso, eu baixei-me para alumiar aquelas ventas.

Eu queria conhecer a figurona, não queria jurar falso.

Ela pagou com a vida a intromissão na vida dos outros!...

É fam como te fam.

Um rosto denegrado, meio coberto por umas repas oleosas de cabelo curto e raro, mostrando uns dentes amarelados e arreganhados, fizeram-me tremer!

Os olhos abertos, tendo sobre as pupilas raios de sangue coalhado.

Era impressionante aquele aspecto! Aquele cadáver era mais um monstro do que uma criatura humana!

Maquinalmente recuei; eu estava estarecido, patético, abstracto, sem tema!...

A neve caía intensa, indiferente, cobrindo de brancura aquelas terras da periferia de S. Bento de Balugães.

Do Monte Crasto a S. Cristóvão, de S. Simão de Cossourado a Santa Marinha de Quintiães, não se via nem ouvia nada!

O mundo ali, àquela hora, estava dormindo... morto.

Só de espaço a espaço, se ouvia ao fundo do Sanguinhal a romântica Fada do Nevoinho cantar as suas dolentes poesias.

Nada mais.

O Ti Zé tirou os tamancos, e correu descalço atrás dos bois que já iam à Moliana. Eles conheciam o caminho e tinham pressa de chegar a casa.

O que se passara não era com eles...

Preparava-se o carreteiro para se deitar depois de comer a malga de migas, e ter amanhado o gado, quando pela sua frente surgiu um vulto descomunalmente disforme, de guedelhas soltas como cobras presas à cabeça, e de olhar sinistro, o qual lhe barrou abruptamente o caminho!

E numa voz cavernosa e arrogante o intimou:

— Assassino, tens uma hora para enterrares a Caipira... Só uma hora... Que nem rasto fresco fique de nada. De nada...

E desapareceu como um relâmpago numa nuvem de fogo!

O Ti Zé ficou estático, preso ao chão sem sequer poder raciocinar...

Aquela ordem sinistra vinha do Inferno, era uma maldição tenebrosa...

Sentença ditatorial que não tem revogação nem defesa...

Não admitia hesitações nem meios termos.

Leis das profundezas eternas, sem piedade nem apelos!

Malditas...

O velhote coçou a cabeça como quem se conforma, amarrou o pesado enchadão e partiu sem demoras a cumprir a infernal ordem sentenciosa.

Para encurtar caminho, desceu a festo pelas veredas manhosas da encosta.

As horas não se compadecem de ninguém, e o prazo ia-se limitando.

No local sobre a valeta, lá estava a figurona conforme a deixara.

Toda coberta de neve e tesa como um virote.

Ninguém lhe tocara, mas um cheiro a bedum infestava ali por perto, e mais ao largo, pelas Compassas, ouviam-se uns zunzuns misteriosos e vingativos...

O Ti Zé não era homem de grandes medos, mas ia-se precavendo...

Baixou-se, acendeu um lume para identificar melhor aquela melúria que ia ser enterrada sem as bênçãos de Deus. Sacrilegamente!

Estarrecido, reparou que ela tinha entre os seios e cravada na pele em marcas de fogo as seguintes letras: F. S. C. — BAYA.

Carimbo característico para identificar animais!

Pela identificação era brasileira; das tais que o diabo transporta nas suas asas de fogo, sobre os mares.

Carregou às costas esse corpo gelado e duro, e foi cumprir a infernal sentença.

— Só tens uma hora...

— Que nem rasto fique de nada...

No leito do regato que corre em Pombarinho nos meses de Inverno, abriu a cova e para o fundo a rebolou com desprezo.

Cobriu-a com terra e pedras, calçou bem com o enchadão e, depois da tarefa cumprida, ligou de novo a água que tinha desviado.

Só o luar, filtrado por entre o arvoredado do sítio, era testemunha ocular daquela sepultura.

Assim, não ficavam rastros de nada.

Preparava-se já para regressar a casa, quando viu uma mão da defunta sair debaixo da água, e acenar como quem chama alguém que ali estivesse oculto.

O improvisado coveiro tremeu de pasmo! Uma descarga eléctrica o abalou todo...

Ele que não era homem de sustos, sentiu ali a terra fugir-lhe debaixo dos pés!

Só por artes do demónio aquilo pode acontecer!

Maquinalmente, instintivamente, apalpou os bolsos à procura do *sanselímão*.

Mas que valia este pequeno objecto perante a força do diabo?

Sobre a água levantou-se uma enorme labareda da cor do enxofre, e uns lamentos choramingões se ouviam abafados...

Rápido, o Ti Zé da Giesta deu aos calcantes.

Estava moído, física e psiquicamente...

Quando passava frente à capelinha de S. Bento, cantavam os galos na fidalga «Casa das Senhoras», na Ti Felizarda e no Bicho, e um lampião bamboleava aceso no nicho de Nossa Senhora da Cabeça.

Ao nascente, sobre os penhascos de S. Simão, adregava-se já o romper da aurora, e alguns sinos dispersos pelo Vale convidavam os justos a rezarem as primeiras Ave-marias desse domingo.

Exausto, o pobre homem caminhava meditabundo...

— Da Baía... grande traste... Eu, um pobre de Cristo sem leira nem beira, que honradamente ganho o pão, tive que aguentar só — sozinho, meu Deus — a impiedade destas mulheres que o demo comanda... Pobre de quem é pobre... Nada tens nada vales... Cruel maldição...

Algumas semanas depois, o Ti Zé da Giesta tomou o compromisso de transportar do monte para a estrada, na freguesia de Calvelo, uma boa partida de madeira.

Trabalho duro e penoso.

Mas necessário ao seu sustento e dos seus.

Uma segunda-feira, muito cedo, para lá se dirigiu com o carro.

Eram 2 léguas e os bois caminham devagar.

Por lá andou toda a semana. Cumpriu a palavra de homem sério, e que os antigos veneravam a rigor. Palavra dada, bois vendidos.

Era assim a honradez antigamente dos homens de Bem.

No sábado seguinte, moídos, cansados, ele e os bois regressaram a casa com certa alegria e ansiedade.

Sentado no chadeiro com uma «purisca» a pingar-lhe dos lábios, o Ti Zé, meio acordado, meio a dormir, descia as tortuosas e feias curvas de Curutelo, onde ninguém nesse tempo ousava passar fora de horas.

Por ali, encobertos pela vegetação rampeira, escondiam-se os de «Trás-das-Bouças» e outros que tais.

Para ter caminho livre era preciso estar avençado com o «capitão» que dava o tal salvo-conduto. Senão...

O Ti Zé era pobre e não podia comprar esse privilégio da luz verde...

Por isso, àquela hora da noite, a estrada era perigosa.

Os assobios já se ouviam aqui e acolá a darem o lamiré uns aos outros, mas o Ti Zé não se incomodou muito porque não trazia dinheiro, e os ladrões desse tempo não matavam.

Eram ladrões sérios!...

Já mais ao fundo da ladeira, depois de ter passado a bucólica fontinha, o emaranhado do arvoredado — algum exótico — era denso e rampeiro, e foi daí que saíram umas risadas agudas, histéricas, provocadoras, que retesaram os nervos do pobre carreteiro.

Este cuspiu a «purisca» e amarrou a vara para o que desse e viesse...

Era escuro como breu e, sonolento como estava, monologou alguns dissílabos imprescindíveis na ocasião:

— Trastes... corja...

Desabafo de protesto dos oprimidos...

O frio era de rachar os ossos, ali, onde o sol no inverno se furta.

— Lá andam elas... p... que as pariu.

E, começou de novo a passar pelo sono... Os bois sabiam bem o caminho e tinham pressa para comerem a palhada.

Parecia que tudo serenou!

De repente, sem mais aquelas, o carro estacou!

Os bois, assarapantados, ergueram-se nas patas traseiras, arremesando o dono ao chão.

O Ti Zé, sem o chapéu e sem os tamancos, pôs-se de pé e viu que um enorme vulto branco saltava demoniacamente sobre os peões graníticos que ladeiam a estrada. Fazia-o tão rápido e descontraidamente, de lá para cá e de cá para lá, como se o fizesse em terreno chão!

Aqueles sinistros movimentos apavoraram-no!

Que coisa diabólica!...

À frente dos bois um enorme cão, cujo olhar de fogo queimava os sentidos às criaturas.

Os bois, apesar de mansos e cansados, bufavam assustados perante esse espectáculo arrepiante!

O pobre do homem, num estado sonambulesco, nem raciocinava... Estava patético, num abstraimento peado que lhe prendia os movimentos.

Aquela avantesma descomunal, ali ao pé delê, demoniacamente provocadora, electrizava-o...

Aquelas figuras irreais entonteceram-no. E então, de rompante, como saídas das entranhas da terra, levanta-se um vulcão de lume, e no meio deste, umas risadas sarcásticas, terríveis!

Os bois deram um salto e descamparam pela estrada abaixo arrastando o carro sem governo, deixando cair os fueiros, os malhais e depois os rodeiros, chaços e còcões...

Tudo ficou perdido no escuro, ante a impossibilidade do dono.

O Ti Zé, sozinho em tal sítio, e àquela hora, correu instintivamente pela estrada abaixo atrás dos animais.

— Ou aí; ou aí; ou...

Aquelas palavras saíam-lhe brandas pela comoção que sentia.

Lá ao fundo, junto ao portão de ferro que dá acesso à avenida do secular castelo, lá estavam os dois animais presos ao carro e este entalado nos tranqueiros.

Valeu-lhe a chavelha ser de ferro e os tamoeiros serem novos.

O Ti Zé chegou-se aos bichos e afagou-os com carinho e alegria. Eles eram os companheiros sempre prontos no ganha-pão diário. Estimava-os muito.

Santo António tinha-os defendido de algum aleijão.

Do outro lado da estrada, morava um companheiro e amigo nestas andanças, e que o Ti Zé chamou a pedir socorro.

Depressa este se levantou da cama, fazendo o mesmo a mulher e os filhos.

Eram todos náufragos da nau da vida... entendiam-se.

João das Mimosas — assim conhecido o dono da casa — ao ver o Ti Zé tão abatido e com os olhos cheios de água, consolou-o e incuti-lhe coragem.

— Tem paciência homem, isto sucede a todos. São ossos do officio e quando o mal é de muitos, alívio é!

— É. — Respondeu conformado o carreteiro de Balugães.

Os bois já estavam alojados numa corte tragando abundante ração de palha e o carro guardado no quinteiro.

Um filho trouxe o mata-bicho e broa ainda quentinha que os dois homens saborearam junto à lareira onde ardia grande fogueira para os aquecer.

Os dois filhos mais velhos, com um lampião, seguiram pela estrada acima à procura dos objectos perdidos.

Rapazes novos não têm medo de bruxas nem do diabo...

O carro ficaria ali até à segunda-feira, porque àquela hora já era domingo, e o lavrador respeita muito os dias de preceito.

Junto à lareira, aquecido e bem comido, o Ti Zé contou ao amigo, tim tim por tim tim, tudo que lhe acontecera naquela noite.

Ao ouvi-lo, notava-se no João das Mimosas uma reacção nervosa, aquela reacção própria dos homens resolutos!

— Meu amigo — disse ele ao Ti Zé. — Se és homem, prepara-te para, junto comigo, fazermos hoje justiça pelas nossas próprias mãos. Quem com ferro mata, com ferro morre. É a justiça implacável dos homens sem medo! Vamos Zé. Eu sei aonde é o ripanso dessa cambada...

E os dois, com a vingança a ferver-lhes no sangue, meteram-se no escuro dessa madrugada fria de Inverno, direitos a Nascente.

Caminhavam resolutos ao encontro da desforra.

Era para esse lado que elas se acoitavam à volta dum pocelho sombrio...

Com eles, ia um velho e afamado *sanselimão*, um estilete, uma lima e uma faca de ponta e mola.

Eram dois homens perdidos na noite à procura da vingança!

E a vingança é terrível quando a causa o merece...

— Elas devem estar lá. É fim de semana, e é lá que se lavam, penteiam e defumam, depois do bailarico com o cornudo. Só arredam dali depois do primeiro toque das Ave-Marias ouvidas no Vale! É esse som dos sinos que as acorda do estado hipnótico em que caem!... Sabes, Zé, eu tenho umas contas antigas a fazer com elas; e não me convinha ajustá-las diante dos meus filhos. Eu não quero que os meus rapazes se metam nestas encrencas... Quando as ouço nos seus risos diabólicos, por trás da minha casa, no meio do arvoredado, até o sangue me ferve de cólera. Raios as partam...

E aqueles dois homens sem medo palmilharam aquelas tortuosas veredas em emaranhados laços da vegetação quase virgem, como labirintos fechados que a natureza construiu em séculos. O arvoredado pendente sobre os caminhos agrestes arranhava-os e feria-os.

Mas nada os detinha.

Homem ofendido não recua.

A meta era a Beita, e era para lá que caminhavam...

Tudo à volta era mistério naquela escuridão que nem o chão se adregava!...

Caminhavam pelo uso, ao deus-dará.

De quando em vez os luzecus rasgavam o negrume, e algum cano de árvore seca caía fustigado pela aragem...

Eram os contrastes daquela solidão. Um grito estridente souu na mata, fazendo parar os dois homens.

— Vamos, Zé, não estaques. Se receias algo, amarra-te ao esquerdo que vais seguro.

— Hoje — que Deus me perdoe — é o dia da vingança. Aquele dia que sempre esperei que chegasse... Dos fracos não reza a história... Vamos, Zé...

Dispersos pelo arvoredor, os mochos piavam agoirentos, e lá por cima onde se erguem as muralhas do santo gigante ouve-se o bater compassado de algo estranho que os confunde, mas não evita que caminhem corajosamente.

Um atrás do outro parecem sentir um íman a puxá-los.

Por entre a vegetação cada vez mais densa, enxergam, como presa ao infinito, uma pálida luz bamboleando nas trevas. Foi esta a primeira referência que tiveram!

Embora essa luz enigmática e misteriosa os surpreendesse, para lá se dirigiram curiosos e cautelosos.

De repente, o João das Mimosas parou a fitar qualquer coisa.

— É ali meu amigo! É mesmo ali o terreiro delas! Caramba! — e esfregou as mãos de contente.

Pé ante pé, foram-se aproximando. — Se 'elas estiverem sós não nos presentem. São burras como portas.

Em volta daquela luz diabólica, alguns morcegos esvoaçavam em acrobacias e, trazido pela brisa, ouvia-se um bichanar surdo! O das Mimosas subiu cauteloso a um pequeno penedo, bojudo, que mais parecia uma grande batata ali perdida.

Com mil cuidados, investigou tudo que pôde...

— Estão sós! — murmurou ao ouvido do companheiro.

— Como o sabes?!

— Estão lavando a cabeça e o c..., sinal de que o cornudo não está. E os dois amigos rastejaram sobre a neve, encobertos pela vegetação agreste do local, até chegarem mesmo junto delas!

Apreciaram à vontade aquelas enigmáticas cerimónias de amantes do demo.

Eram sete.

De cocarinhas, rodeavam o pocelho.

Três delas eram ainda novas!...

Estas não se lavavam juntas.

De barriga sobre o chão, os dois homens observaram espantados aquele espectáculo!...

De mansinho, o João foi tirando do bolso o *sanselimão* e a lima.

Olhou os objectos ofegante e risonho, porque ele bem sabia que a hora da vingança tinha chegado...

— Quando estiveres saciado de veres essas porcas, diz, José, porque este é o momento mais feliz da minha vida. Raio, se é... Ninguém as



(Desenho de A. Mendanha)

As Bruxas do Vale do Neiva, à volta do pocelho da Beita



faça que as não pague. Se o crime não compensa, pelo menos a justiça feita pelas nossas próprias mãos dá-nos satisfação...

— Vais ouvir, meu amigo, o maior berro da tua vida!... Até tu vais arrepiar-te!...

O Ti Zé da Giesta deu aos ombros como quem já se conformou com tudo.

Então o João cravou com raiva e frenesim a ponta afiada da lima no centro hasteado daquele objecto tão precioso.

Um grito horrível ecoou com estrondo naquela mata, cujo eco se repercutiu nas muralhas brancas ali ao pé.

A passarada bravia que se escondia no arvoredor levantou-se espavorida, gritando também, assim como os animais ali acoutados.

Tudo junto causou tal pavor, como se o inferno emborcasse ali toda a alma penada!

Os dois homens, apesar de resolutos, tremeram...

Há coisas que, pelo seu mistério, a natureza humana não suporta! As bruxas nem se mexeram!

Perplexas, escancaradas, assim ficaram depois daquele grito horrível...

E nessa posição aguardaram o pior daqueles dois homens sem piedade nem compaixão.

Não há ninguém no mundo que não sinta medo perante certos factos.

Os dois destemidos carreteiros olharam-nas bem, uma a uma...

O mesmo faziam elas.

Aqueles mostrenhos tinham um olhar lânguido, mortiço, feroz. As bocas eram rasgadas e os lábios sem cor.

Os rostos deformados e o cabelo, sem viço, era arrebitado por trás da nuca. Nariz adunco, pernas magras e peludas e os seios muito pequenos. Fraca imagem de mulher...

Abominável...

O João, sempre resolutos, atrevido mesmo, dirigiu-se à mais velha e mais feia; em suma, a mais maldita do grupo, aquela que pela sua vileza os levou ali.

Com a biqueira da bota, deu-lhe forte pontapé e ordenou-lhe, colérico, que se erguesse.

— Hoje, aqui, sou eu que mando. — A velha encrespou-se como víbora assanhada.

— Temos velhas contas a fazer, grandecíssima filha da... mãe. Eu gosto muito de pagar as minhas dívidas com bons juros...

— Tu bem o sabes...

E virando-se para o companheiro:

— Foi esta, José?

E, perante a afirmativa, cravou sem dor o estilete numa nádega da velha.

Esta deu um berro tão doloroso que fez encolher as outras...

Indiferente, sádico mesmo, disse:

— Esta é a célebre Pandorca de Airão. A sogra do mafarrico... Tudo tem um fim... e o fim desta serpente é agora. Deus perdoa, mas eu não... Não podemos usar de misericórdia com estes estupores...

A velha lançou-lhe um olhar de fogo e murmurou uma sinistra lengalenga!

— Olha lá? — Perguntou-lhe o João. — Porque persegues tanto este pobre homem?

— Porque ele matou a Caipira em Pombarinho. Respondeu a velha. E ela era quem dançava comigo.

— E porque me persegues também a mim?

— Vós dois não tendes pêlo no peito, sois fracos...

Os dois homens desataram a rir às gargalhadas e o João deixou cair o objecto.

Apercebendo-se disso, aquelas mulheres tentaram escapulir-se...

Com um pé, o das Mimosas enterrou melhor a lima no *sanselímão*.

— Queríeis fugir, malditas... Desta vez não podeis — e, aproximando-se da velha, arrancou-lhe o estilete da nádega, cravando-o no peito até ao cabo. Isto, com uma frieza impressionante! Consumado o acto, arremessou-a ao pocelho. Viram, então, que o fundo não tinha fim. Era abismal!! Um urro tenebroso ouviu-se em mil ecos diferentes, vomitados das profundezas da terra, dando uma imagem patética dos assombros infernais!... Tudo ali era horrivelmente misterioso!

As outras mulheres encolheram-se assustadas e do meio do bando saía agora um abominável clarão da cor do enxofre queimado, e um rosnar asqueroso de pedras a baterem-se!

Petrificados, os dois homens perderam as forças e, atónitos, viram sair do pocelho um fumo espesso, contínuo, e depois um vulto desmedidamente enorme a vomitar lume que lambia todos os presentes!

Totalmente fora, deu um estouro tão grande, como se o mundo embatesse noutro planeta.

O impacto arremessou tudo e todos pelos ares, sobre aquela densa mata de arvoredos fechados.

Foi o fim.

# A fada do Nevoinho

(Conto de sabor rural)

---

Há um ror de anos que o Padroeiro não era festejado, na secular terra das balugas.

São Martinho estava esquecido e bolorento, num altar da românica igreja velha de Balugães, onde o culto se praticou assiduamente até princípios do século XX.

Podemos dizer, como o épico Luís de Camões, que tudo fenece quando «Outros valores mais altos se alevantam...»

Não entendeu assim um grupo de jovens baptizados ainda naquela vetusta igreja... Inconformismo próprio do sangue novo!

Eles eram dez.

Falaram com o abade e a festa fez-se.

Despontava a madrugada, quando uma salva de 21 tiros ecoou estrondosamente nos montados que cercam o Vale do Neiva. São Martinho estava em festa! Ressuscitava do esquecimento...

Uma Banda de Música prestou as suas homenagens em volta das quatro paredes que o tempo carcomiu. Os sinos, presos num torreão ao ar livre, não tinham descanso! Repicavam alegres, em badaladas frenéticas, tangidos pela rapaziada do sítio. Era dia de festa na aldeia.

Que o povo, na sua humildade, adora a folia e sente-a estalar no próprio sangue. Por isso, acolheu bem a iniciativa, quotizou-se e compareceu em multidão para venerar o santinho.

Um sapiente orador descreveu, perante os fiéis ali presentes, a biografia do santo e generoso Bispo de Tours, que ofertou metade da sua capa a um pobre de Cristo...

A procissão, comandada pela música brava «Pau Pele e Punho», era toda folclórica. Sobressafam ainda as vistosas e castiças velas das mordomas que eram um regalo de delicada arte, vestidas com indumentária própria, herança de mães e avós. Orgulho duma região...

O cruzeiro erguia-se junto ao moinho velho do Passal. Aí findava a avenida das oliveiras que servia de itinerário ao cortejo religioso.

Sobre a pedra do adro jaziam apetitosas travessas com cabrito assado no forno, tendo sobre a carne alourada uns raminhos de salsa e folhas de loureiro.

Presuntos, chouriços, febras de porco e o mais que o lavrador possui... É generosa a nossa gente nestas festas de carácter regionalista.

Vem o leilão.

O Manel da Bicha, tradicional pregoeiro. As travessas, recheadas de belos pitéus, os petins do Bicho e os cântaros de vinho tiveram rápida venda. Restava a parte mais fina: O remate do Vinho do Porto.

O ti Manel, segurando um cálix, clama: — Um cruzado e é pró sôr abade!...

— De lado — alguém retorquiui. E logo o ti Manel:

— Uma crôa e não é pró sôr abade!... Um quartinho e é!

— Três croas e num é!

— Meia libra e é...

O povo gargalhava perante aquela jocosa contradição, a que o leiloeiro sabia dar mais graça ainda...

A vozearia ecoa nas largas paredes da «Quinta da Carranca».

— Quem dá mais?... Uma. Quem dá mais?... Duas.

Já o sol se escondia por trás do «Penedo da Peneirada» quando o tradicional leilão se aproxima do fim.

No portão de acesso ao adro, as Zicas, a Pitadas e a Coentra regalaram-se de vender a afamada castanha «abafada no púcaro».

As padas centiciras de fabrico caseiro, os câesinhos e grades borri-fadas com açúcar em ponto não chegaram a meia-missa! O carrelo do Carvalhosa estava à cunha! Era lá que se vendia o afamado rascão de traz-a-porta, da quinta da Carranca.

E onde aparece este néctar — ó larilas! há festa concerteza ao Deus Baco.

O lavrador aprecia o bom vinho. E é com ele que afoga as penas...

E naquela tarde a tijela andava de mão em mão como círio em dia de «Obradas».

Dançava-se o vira na eira, num rodopiar acelerado que os vapores verdiais impeliam como força electrizante... Até os velhinhos quise-ram desenferrulhar os artelhos.

Não há nada melhor para o reumático do que o vira que vira, na roda dum vira à moda do nosso Minho.

A alegria era sã e contagiosa! Os espectáculos profanos não adul-teram os bons costumes das gentes do campo. Antes lhes conservam virtudes.

Os festeiros, depois de tudo acalmado e saldadas as contas, resol-veram, a seu modo, festejar também o Padroeiro. Uma rasa de casta-

nhas, um almude de vinho, chouriças, presunto do fumeiro e broa caseira. A festa já tinha acabado.

Apenas três vultos discutiam encostados à mó do moinho velho, em monossilabos quase indecifráveis, a capacidade do mar que se ouvia lá longe. — É pena aquela auga toda num ser «binho tinto»!... Era uma farturinha p'ra todos...

Os dez moços voltaram a reunir-se no largo de São Bento, já altas horas da noite. O luar era claro e iluminava o branco casario. Um silêncio profundo os rodeava. Silêncio característico das aldeias...

Ao fundo, correm o Neiva e o Nevoinho, como lágrimas rolantes da Virgem Mãe que os olha e abençoa, do Monte Crasto.

Ambos deram a Balugães o seu lado direito, facto singular nas terras do concelho de Barcelos. Parecem enamorados da beleza daquela aldeia Minhota.

— Ouvi em tempos a meu avô paterno contar uma lenda acerca destes dois cursos de água. Tentarei narrar o que ficou na minha memória, do que ouvi àquele venerável ancião.

— Uma fada apaixonou-se pelo gracioso Nevoinho. Lá reside, abraçada a ele há muitos séculos... É uma formosa princesa do Oriente, que nas noites de luar se senta no paul da margem direita e aí suspira inconsolada pelo seu bem amado se entregar totalmente ao Neiva, que o esconde, e com ele foge até ao «Mar de Guilheta», por aqueles caminhos bucólicos e solitários que o poeta Sá de Miranda apreciou e cantou!...

Aos dez moços pareceu ouvir, surpresos, um canto plangente vindo do lado do rio!

Um cantar doce, mavioso, como lamento de quem sofre!...

Entreolharam-se... Pelas cabeças passou a lembrança da «Fada do Nevoinho»... Será?... Apuraram os ouvidos. Era certo! A princesa encantada chamava-os!

— Vamos, rapazes! — ordena o mais afoito. Ninguém se negou.

A noite desse 11 de Novembro já ia entradona. O luar a pique emprestava ao arvoredo imagens de autêntica fantasmagoria que impressionava a sensibilidade dos menos ousados. Aquele cantar doce a todos inebriou, mas conforme caminhavam, assim ia morrendo... A ninfa sentia-lhes os passos e abrandava a voz...

Desceram cautelosos a rampa que dá para o largo dos paúis onde o Nevoinho se espraia. Aí chegados... apenas solidão! Apenas o lamuriar tristonho das águas contra a penedia solta no leito do ribeiro.

— Fugiu?!... A figurona sentiu-nos aproximar e escapuliu-se — disse o Mingos Morente.

— Vamos procurá-la, rapazes?

— Perdido por um, perdido por mil!...

Poisaram a carga e despiram-se. Estavam os dez perfilados em pelote, na parede junto à confluência dos dois rios, olhando a água que naquele mês, e àquela hora, não dá coragem nenhuma de banho, quando um do grupo gritou: Faça-se, tio!... e logo um corpanzil caiu com estrondo nas profundezas do sítio! Funda, gato! E os nove lançaram-se à água.

Dos lados de Navió, o aspecto que o rio Neiva oferecia àquela hora era impressionante! As suas águas pareciam dormir numa quietude que a luz coada da lua, por entre a vegetação magra e tristonha, própria da estação outonal, fazia lembrar o que há de mais belo e horrível...

Tomaram a vertente em braçadas largas, porque era daí que vinha um zum-zum misterioso! O raizame descarnado, ali ao pendurão, dava às margens um aspecto macabro, que a lua mais acentuava.

Ao contornarem a praiazinha dos líros brancos, onde o rio todos os anos rouba terra na margem esquerda, viram que daí saltou um vulto que logo se submergiu...

— Aí está ela, rapazes... E todos, com frenesim, deram mais força aos movimentos para a seguirem.

Já próximos da levada do moinho do Zé Marques, notaram que o vulto que perseguiam saiu da represa, para de novo se lançar do lado de lá. Era um animal de quatro patas e cor de tijolo. Sobre as pedras musguntas do açude ainda viram essa lontra desaparecer na cachoeira espumosa e barulhenta.

Desanimados, cabisbaixos, seguiram pela margem à procura das roupas, enquanto uma coruja escondida no pinhal de Sabariz dava as suas risadas agoirentas...

Como o seguro morreu de velho, ao amarrarem as camisas, foram declamando a velha lengalenga das maleitas:

*Enxuga enxuga  
Do rabo da pulga  
Maleitas ao rio  
Meu corpo enxuga.*

Isto, enquanto a fralda da camisa era arremessada do peito às costas e vice-versa.

Batiam horas na torre da igreja. Era meia-noite. Os sons plangentes das badaladas tinham um não sei quê de solenidade sinistra! Pegaram de novo nas trouxas e subiram a rampa para acamparem no cruzamento de Sermil, pegado à Lagoa da Melra.

Uma enorme fogueira rasgou a noite. Lançaram-lhe as castanhas. Enquanto estas assavam, foram devorando as carnes defumadas e esvaziando o «briol».

O banho enchera-os de fome. Comeram bem e beberam melhor. O mais divertido subiu a um penedo e improvisou quadras populares, na velha «moda» da moreninha...

*Nevoinho anda amigado!  
Ó ai Moreninha  
Ó ai meu amor  
Sem o pai Neiva saber.*

*Ó ai Moreninha  
Ó ai meu amor  
Tu hás-de ser minha  
Serás quando for.*

*Nem sabe que é pecado  
Ser solteiro e ter mulher...*

*Dizem que é boa e bonita!  
Não sei quem a pode ver...  
Por causa dessa maldita,  
Tenho o meu corpo a tremer.*

*Ó Fada do Nevoinho  
Mostra-me a tua beleza!  
Nem que seja um bocadinho  
Ele não vê concerteza.*

*Anda p'ra junto de nós  
P'ra boa castanha assada  
Pois agora, stamos sós,  
E não vamos dizer nada.*

*Anda ó minha querida  
Foge desse Nevoinho  
Dá mais vida à minha vida  
Que eu dou-te o meu carinho.*

Já a aurora iluminava São Simão de Cossourado, e uma brisa morrinhenta os encharcava, quando estes boémios foram embora...

*A festa acabou.  
E era dia de pica-o-boi.*





# O Zé do Telhado em Balugães

---

História muito velhinha que ouvi contar e não mais me saiu do subconsciente. Tanto me empolgou que a vou contar aqui.

Quando a célebre Quadrilha do Zé do Telhado andou pelo Minho a espalhar medos a toda a gente, com os assaltos e roubos que faziam pela calada da noite, também veio a Balugães.

Era uma Quadrilha de larápios bem organizada e capitaneada por um homem inteligente, conhecido por *O Capador de longe*, por ser esta a sua profissão.

Na malta havia homens terríveis e capazes de tudo, como era o caso particular do famigerado Zé Pequeno, que era dum sadismo atroz, vingativo e mau.

A Casa das Torrelhas tinha a fama espalhada por todo o Vale, que ali havia uma dorna cheia de libras!

Daquelas de cavalinho e tudo...

Da rainha Vitória solteira, casada e viúva, dos reis Eduardo VII e Jorge V.

Uma fortuna em ouro, cobertas na tampa com teias de aranha!!!

Assim se cochichava nos zuns-zuns da terra.

Os adutores da Quadrilha souberam e informaram o «patrão» Zé Grande. Este, tinha afillhados por todo o lado e compadres e comadres a dobrar. Ele era mesmo femeciro...

Satisfeito, reuniu a comandita, que democraticamente deliberou, nessa sessão de bagaçada forte e bailarico trauteado, fazer-se quanto antes o assalto à Casa das Torrelhas em Quingustos.

Aquilo seria uma pândega, favas contadas. O Zé do Telhado, mais sensato do que os outros, confiava as barbas em reflexão. Ele sabia que entrar em certas povoações era arriscado. E Balugães estava nessa conta. Quem é que não sabia?!...

— Oh compadre, aquilo é trigo limpo — resmungou o Zé Pequeno confiante.

— Safanão num, pontapé noutro e basta. Quem se atreve a resistir-nos?

Se essas libras ou lá o que é existem mesmo, virão todas muito juntinhas nos nossos alforges. Nem duvide, compadre. Aquilo vai ser canja, caramba...

Na noite combinada alancaram todos sobre as pilecas por caminhos sem fim e veredas tortuosas em direcção à Casa das Torrelhas.

Não havia luar nem vento, era mesmo o escuro de amarrar o diabo à unha.

Maré azada para os filhos da noite se alambazarem nos domínios alheios!

Nem viva alma a importuná-los. Luz verde naqueles destinos. A sorte favorece sempre os destemidos, os corajosos...

Os aldeões que comem o pão honradamente, com o suor do rosto como manda a Lei de Deus, estavam recolhidos a essa hora na Mansão dos Justos.

Só de longe a longe os cães rosnavam pressentindo a anormalidade daquela misteriosa caravana, daquele cheirete a bedum que a brisa tangia.

Sob as patas dos animais ataram zarapilheiras para não serem denunciados, evitando assim motins desnecessários e comprometedores. Tudo corria de feição com conta e medida. Os ladrões são espertos e prevêem tudo com minúcia e antecedência.

O abalanço desta ousadia era de monta e era necessário cogitar tudo com cuidado para não haver estardalhaço.

A Casa das Torrelhas ficava mesmo à borda dum caminho fundo, sombrio, revestido de loureiros velhos sobre os vales que fundiam, e tinha pelo Poente um largo logradouro todo aberto que dava entrada aos portais de servidão.

Dentro destes, um pequeno terreiro e a seguir umas escadas de pedra que davam ao 1.º andar.

O que aí havia, concretamente, era desconhecido, pois essa família não era muito sociável!

A Quadrilha, aí chegada, prendeu os animais a umas argolas chumbadas na casa, moitaram quase indiscretamente as dependências e todo o cerco. Sacaram as armas, cordas e alforges e prepararam-se silenciosos para o assalto.

Dentro, num salão do rés-do-chão, perto da adega, os criados tranquilamente jogavam a bisca lambida à luz duma candeia de azeite pendente do tecto. As noites eram grandes e era aí que dormiam embora sempre de atalaia.

Os cães ladravam muito sob os espigueiros, alertando os moços que pararam o jogo. Um cheiro de cavalos suados invadiu os aposentos.

Algo se passava estranho fora de portas, que era mister indagar...



*(Desenho de A. Mendanha)*

**Zé do Telhado em Balugães**

Por uma olheira de pedra bem camuflada na parede exterior da casa, eles viram aquela corja de malfeteiros a alambazar-se em preparos de violação. Estavam mesmo com a boca na botija.

Era uma boa récua deles...

Mal amanhados e pior apessoados.

Não havia tempo a perder. Fedum também não havia, embora os novos os fizessem tremer, comprometendo-os.

Enquanto uns pegaram nos bacamartes para defenderem as entradas da casa, o mais moço saiu por um postigo das trazeiras e rastejando contra as sebes de loureiros foi à Torre da Igreja e tocou o sino grande a rebate.

O som desesperado daquele toque raro, e àquela hora morta da noite, ecoou por todo o Vale aterrando tudo e todos!

Não há nada no mundo que mais impressione um aldeão do Norte do que este toque lancinante dos sinos! Santo Deus, que será?! Que coisa!...

O povo sente nas veias uma força estranha electrizante, que o arrebatava e impele a enfrentar seja o que for! O diabo, se calhar. Algo de contagiante os empolga e enlouquece nessas horas que os desnorteia e amarfanha. O instinto levou-os a pegarem nas armas, sempre à mão, ou qualquer objecto contundente que mate...

Bacamartes, carabinas e até punhais saíram pelas portas fora, bem seguros pelas manámulas daqueles machões desenfreados. Era uma guerra... coragem... Rastejando, colados por dentro das paredes ou sebes, aquela gente depressa se apercebeu que aquilo era na Casa das Torrelhas.

A fama é o diabo!...

Como fantasmas, surgiam de todos os lados encobertos pela vegetação maneira do lugar e depressa cercaram aquela escumalha de gatunos maltrapilhos.

Estes, ao verem-se descobertos, desprenderam as pilecas e tomaram o caminho por onde vieram.

Mas era tarde. Muito tarde mesmo...

O inimigo estava sobre eles de armas aperradas. Com metralha de vazarem um burro de lado a lado.

Em todos havia raiva, ódio, vingança. O espírito justiceiro daquela gente não é tolerante nem tem meios termos! É fum como te fum...

A ousadia de violar os seus domínios tem um preço caro.

À primeira descarga, começou um inferno de fogo. Dos vales da Giesta, das curvas de Quingustos e da agoirenta Moliana a metralha era vasta como pêlo de boi sobre o tropel da malta naquela noite de breu.

E não era só o fogo, eram também calhaus de arrasar um fortim!

Os cavalicoques rinchavam com os ferimentos no lombo que sangrava, e lá do alto do monte, da Laje e da Castanheira, as Zicas, a Pitadas, a Catota, a Cananas e outras mulheres, gritavam histericamente nervosas, num frenezim diabólico: — Mata... mata que é ladrão!... É gáu!... é gáu... arrancai-lhe os tindins, é gáu é gáu!...

Aquele banzé descomunal, de fogo e berros aliado aos tiros que ripostavam nas vertentes das outras freguesias ao redor, ecoava no monte de S. Simão, dando ao todo um som macabro, dantesco, que apavorou toda a bicheza bravia do Vale, que, sobressaltada, fugia dos tugúrios e ziguezagueava como raios sem destino. Santo Deus, parecia que o mundo se sumia. Um terrível anátema o absorvia!...

O Xico Burrico, numa correria desenfreada sem nexos, nem destino, esbarrou mesmo contra as albardas duma pileca dos ladrões, levando umas boas chibatadas no carrulo. O moço estava assarapantado de todo...

Todo o conjunto era uma imagem apocalíptica!

Ao outro dia, as pedras da Poça da Rigueira tinham sobre elas o testemunho de sangue ainda quente dos gatunos e burros. Aquela cambada malfeitosa do Zé do Telhado esteve ali a lavar as feridas, e o rasto continuava bem definido junto à pedra de armas da Quinta da Cancela e sobre o lagedo da calçada do Reguengo e Lagoa. Pelo caminho do Trigal e das Agradas, até à Ponte das Tábuas por onde passaram sobre o rio Neiva a caminho da fuga precipitada que a noite ajudou.

Quem tem cu tem medo...

É o Zé do Telhado, tão famoso e valente, nunca mais ousou com a sua tenebrosa Quadrilha invadir as terras do Vale do Neiva.

Ali mandam eles.



# Balugães e as invasões francesas

---

Balugães é freguesia aconchegadinha às águas do Neiva e Nevoinho. É a única das 89 freguesias do concelho de Barcelos que se situa totalmente nas margens direitas desses dois cursos de água. Fica fora de portas. Cercada de três pontos cardeais, por terras de Viana e Ponte do Lima. Exactamente, um enclave!

Aldeia de características próprias e velhinha como a nacionalidade. Toda ela virada ao Sol na vertente do Monte Crasto. Terra de bons vinhos e gente laboriosa de antes quebrar que torcer.

Era uma abadia da apresentação da Mitra de Braga por concurso sinodal.

O nome Balugães deriva de um genitivo gótico terminando em *ANIS* — Baluganis.

O historiador Pinho Leal no seu livro — «Portugal Antigo e Moderno» — ao referir-se a esta freguesia, diz:

«Balugães ou Balugões, é plural de baluga — espécie de burze-guins ou botas altas com atacadores».

Haveria há centenas de anos tantos artesões de sola, nesta localidade, para lhe darem o nome?!

Nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, se diz: *Sancto Martini de Barugaes — in Terra de Aguiar de Ripa Limia*.

Nelas se diz que o rei tem aqui um «casale heremum» e que o rei, aqui, não era padroeiro!

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258 — 1.<sup>a</sup> Alçada — se diz: — *In Judicato de Aguiar — in parrochia de Sancti Martini de Barugaes — El Rey non est padron*.

Há nesta freguesia várias Honras por amadigo que mencionam «*Et per estes devanditos amadigos non fazem foro al Rey*».

O povo desta freguesia é muito cioso dos seus pergaminhos, dos seus costumes, lendas e tradições e os defende por todo o preço.

A fama de caceteiros vem de longe e de léguas. Homens de barbas rijas.

Os patriarcas da terra, nos serões à volta da lareira, contavam histórias de arrepiar, passadas ali, vividas por eles!

E algumas definem bem o temperamento desse povo.

Quando das Invasões Francesas, um pelotão das tropas de Lorges, vindas de Ponte do Lima, entretinha-se na pilhagem de valores e não só, desde a Correlhã, Facha, Piães e Poiares. Eram mais ladrões que guerreiros!...

O terror grassava célere por estas terras minhotas e o povo ia escondendo as jóias e os objectos do culto, em minas, debaixo da terra e em lugares que a imaginação lhes oferecia. O medo a quanto obriga...

Nesse tempo, os de Balugães não eram muitos, mas eram destemidos, valentes e unidos e, por isso, resolveram fazer uma emboscada aos indisciplinados soldados franceses. Perdidos por um, perdidos por mil. Dos fracos não reza a história... Quanta arma por ali havia, bacarmates, carabinas, fuis e qualquer canhota contundente, foi limpa e posta à prova de fogo. Não havia tempo a perder, as mulheres novas tinham fugido para o monte e a honra tem muito peso nos homens de barba rija. Vamos a eles... aos franceses.

E foi tão bem organizada a espera que esse grupo de soldados napoleónicos nunca mais roubou nada a ninguém. Foram destroçados...

Ainda há bem pouco tempo apareciam ossadas humanas em terrenos dispersos da freguesia pela área de Quingustos e S. Bento.

Um occipital em ouro foi encontrado no quintal dos Correias e está exposto no Museu das Janelas Verdes em Lisboa. Dizia-se ser dum chefão. Este também comeu pela medida de Barcelos e deixou o madeiro debaixo duma figueira para sempre, sem ouvir os acordes da Marselhesa.

Quem com ferro mata, com ferro morre.

Era a justiça daqui.



# A fé do caçador de Esposende

---

O Ti João há muito sentia fugir-lhe a saúde. O seu arcaboijo forte e desempenado sucumbia a olhos vistos. E pouco a pouco se iam dissipando os vastos recursos de lavrador abastado, com consultas, remédios, viagens... Sentia-se só e aborrecia-se por tudo, tudo...

A caça, sua distracção predilecta — ele corria os montados do Côto do Sino e de Figueiró — aborrecia-o agora! Os galgos «raça pura», inveja de muitos caçadores, já os oferecera sem pena! Ninguém sabia, nem ele próprio, o mal que o definhava.

Dizia-se na aldeia que o Ti João tinha espírito mau, que uma alma ruim se metera nele. Lembavam-lhe a feiticeira dos Arcos, a da Azurara e o Xota de Quintiães...

Mas... nada disso!

O Ti João era católico convicto e não acreditava em bruxedos...

Um dia, já exausto de gastar dinheiro, resolveu pedir à Mãe de Deus a cura que os homens lhe não sabiam dar.

Ele ouviu cantar na igreja — «Tu podes, que És Mãe de Deus, e deves, que És Nossa Mãe!...»

Falava-se, com entusiasmo, na Milagrosa Senhora Aparecida; contava-se com emoção alguns milagres da Senhora que aparecera a um mudo no Monte Crasto de Balugães.

Uma esperança o alegrou e um sorriso leve lhe assomou aos lábios já sem cor.

Alquebrado como estava, esquelético até, o Ti João da Madorra já nem era pálida sombra daquele homem sadio e valente que o povo admirava, e que em tempos combatiera em terras africanas contra aquele rei que a História descreve, e ao lado de tantos que o anônimo esconde...

Mas que fé ardente no poder divino o invadiu agora!... Subiu a uma janela do velho sótão, e daí olhou ao nascente...

Parecia-lhe ver lá longe a cura que tanto ansiava! E mirava... o coração batia apressado... Como bate o coração quando sente as coisas de Deus...

... Ele via o pico mais alto da torre sineira, branquinha como a neve, a desafiar as alturas do Céu.

Uma aguadilha enevoou-lhe os olhos lânguidos como dois pântanos no seu rosto frio de homem de poucas falas...

Balbuciu umas palavras — palavras misteriosas — desceu as escadas do alçapão, pegou num chapéu largo, ajustou melhor a faixa à cintura, cobriu o capote já amarelado dos muitos anos, e saiu a murmurar, apertando o junco entre as mãos — «Estou curado, estou curado!» A fé é que nos salva.

A Tia Zefa do João — assim chamavam à sua companheira — ouviu-lhe o murmúrio, e em vez de se alegrar, pensou que o marido enlouquecera, e mandou-o seguir de perto pelo Xico Borrico, criado antigo da casa.

O Ti João, apesar de doente, andava... oh se andava!

Dirigiu-se a Balugães.

Subiu a encosta do Monte Crasto — onde existe escondida uma grande Citânia —, transpôs num ápice os compridos escadórios e ajoelhou sobre o lajedo tosco e frio que os séculos deixaram ficar, frente à Mãe de Deus.

Poisou no chão o junco e o chapéu, ergueu as mãos numa fervorosa prece, e fitou os olhos nessa imagem que parecia sorrir-lhe!...

Ali se conservou estático a balbuciar uma oração à Mãe do Céu, naquela humildade a que a ingratidão dos homens recorre, quando os recursos da Terra se negam.

Entre as mãos largas e calejadas, apertava um velho rosário...

Passaram-se alguns minutos... encostou junto ao peito a pequena imagem milagrosa...

Uns soluços ocos ecoavam no interior da capelinha!

Beijou de joelhos os pés do vidente João Mudo, deitou algumas moedas na caixa das esmolas e saiu apertando com frenesi o chapéu e o junco...

O Xico, de uma janela da retaguarda da capela, tudo observou espantado.

E ao ver o amo sair, escondeu-se para o seguir de novo.

O patrão seguiu lépido, e o Xico via-se e desejava-se para o não perder de vista.

Quanto mais se aproximava de sua casa, mais apressava o passo!...

Não era andar, não era correr, mas quase voar em passadas rapidíssimas parecendo movido por força estranha... electrizante...

Tocavam Trindades em Fragoso, e uns cães uivaram na Madorra de Aldreu, quando o velho Ti João entrou em casa!

Sentia-se renovado, um vigor desconhecido lhe retesava os nervos.

Deu um «boa noite» pleno de boa disposição e pediu a ceia.

Sim... voltava-lhe o apetite!

A Tia Zefa benzeu-se toda, ora se ria ora chorava e sentiu ganas de cantar, cantar a plenos pulmões! Se não fossem os vizinhos...

O Xico entrou ofegante e empiscou à Tia Zefa num sorriso que denunciava tudo, que o Ti João não viu... A alegria voltava àquela casa...

Rezaram o terço e deitaram-se na mais santa harmonia!

E Ti João sonhou...

A imagem que apertara contra si veio ter com ele e disse-lhe:

— «João, serás curado, mas segue-me» — e a Virgem levou-o pela mão através de regiões desconhecidas.

Atravessaram as terras de Samaria e da Judeia e foram pelo caminho de Jericó à cidade santa de Jerusalém. A Senhora cobria-se de um manto azul escuro e no Seu colo levava o Menino Jesus.

Seguiram a Betânia, subiram os Montes Olivete, Scopus e da Quarrentena.

Daí contemplaram ao largo o Templo da Velha Sião, estrela espiritual das gentes judaicas.

E mais além, a desaparecer num manto de azulado nevoeiro, a famosa Belém.

A Virgem apontou ao velhote o histórico presépio onde nasceu o Redentor e acariciou a face ao Menino que brincava com a orla do seu manto.

Perto, em caprichosos meandros, corria o velho Jordão até se afogar no Asfaltite.

O Ti João sentiu uma doçura divina que o embriagava.

Estava envergonhado e confundido de acompanhar a Virgem Santíssima.

E cismava...

Por ali andou Jesus Nazareno, por ali trabalhou, pregou, sofreu e veio a morrer... Sentiu o coração chorar...

É assim o coração dos crentes...

Então, uma mão leve como algodão o tocou e uma voz como ele nunca ouvira murmurou: — «Agora vai, meu filho! A saúde do corpo e da alma procura-se no Todo Poderoso. A tua fé te salvou!»

João caiu de joelhos e, chorando como uma criança, perguntou: — «Senhora, quem sois vós?» — A mesma voz repetiu: — «Eu sou Aquela que os homens veneram no Monte Crasto de Balugães». E desapareceu num manto das alvíssimas nuvens.

João acordou a soluçar... sentou-se na cama a pensar com saudades daquele 'sonho e no resto da noite rezou vários terços, frente ao velho oratório da casa.

Estava curado!

Ao outro dia, um domingo de Maio, com o Sol a espalhar perfume nas flores das margens do rio Neiva, romeiros de Palme, Forjães e Fragoso foram agradecer à Senhora Aparecida de Balugães o grande milagre do Ti João da Madorra.

Forjães, Natal de 1966.

# O valor do trabalho honrado

---

1.º PRÉMIO EM LISBOA NA JUNTA CENTRAL DAS CASAS  
DO POVO EM 1948

*Transmitido pela Emissora Nacional em 1951*

Bernardo, o filho da tia Antónia de Pedregais, — vizinhos da nascente do rio Neiva —, era muito esperto, rapaz ladino...

Muito novo ainda, quis aprender a arte de ferreiro, e sua mãe, fazendo-lhe a vontade, confiou-o a um mestre com oficina em S. Julião de Freixo.

Ali o Bernardo aperfeiçoou-se bem no trabalho e foi crescendo no corpo e jeito.

Dos magros vinténs que recebia, dava metade à mãe, amealhando o resto sem gastar um real mal gasto.

O seu fato domingueiro constava de umas calças de lã, camisa de estopa, socos nos pés e na cabeça uma carapuça.

Tudo de fabrico caseiro!

Mas, mesmo assim, pobremente vestido, era vê-lo, ao domingo, todo gaitero, de ramo de alfádega pendurado na orelha, sentado nos bancos do largo da feira, perna traçada, a tocar o seu inseparável cavaquinho, que gemia com o varejar dos dedos calejados do tocador sobre as cordas franzinas do instrumento!...

Um dia, o Manuel da Fonte, rapaz de haveres e orgulhoso da sua riqueza, veio ter com ele e disse-lhe:

— Ouve lá, ó rapazola! Ficas proibido, duma vez para sempre, de andar por aqui a assustar os pardais. Ou acabas com isso ou quebro-te essa estrobenga nas costas e com dois pontapés vais recambiado para a tua parvónia...

Era a Lei dos poderosos...

Bernardo, cabisbaixo e envergonhado, com os olhos marejados de lágrimas, levantou-se humildemente e com o cavaquinho sob o braço lá seguiu vagarosamente, humilhado, sob as frondosas tílias.

Passaram anos, Bernardo já moço escoceito e destemido encontrou o seu anel numa freguesia vizinha.

E todos os domingos, descia a mata de Curutelo para namoriscar a sua Júlia que vivia em Balugães com uns tios vindos de Santa Maria de Galegos.

E o tempo enraizava cada vez mais fundo o amor nos corações daqueles dois jovens.

Ele era agora um rapaz possante, vigoroso e ágil, e cheio de ambições no futuro, muito querido e respeitado pela sua honestidade e apego ao trabalho.

Ela, moça saudável, faces brancas e mimosas e um sorriso de bondade a assear-lhe o perfil, dando-lhe aquela simpatia tão natural das moças do campo no Vale do Neiva!

Que felicidade são a destes jovens...

E resolveram casar. Apesar de nada possuírem, além de boa saúde, de mãos calejadas para o trabalho e uma vontade decidida de lutar e vencer na vida.

Nada os atemorizava!

Arrendaram um coberto velho, montaram uma forja e... toca a começar vida nova.

Quem malhava no ferro era a Júlia, pois não havia dinheiro para ajudantes, e a própria forja servia de lareira para nela cozinhareem as magras refeições.

Ao fim dum ano veio o primeiro rebento e a primeira compra do casal:

O Bernardo e a Júlia compraram o coberto em que pobremente viviam e mandaram-no transformar numa cómoda e ampla oficina.

E não ficaram a dever nada a ninguém!

Deus ajudava-os.

Ambos se respeitavam e amavam. A prole foi crescendo e foi-se multiplicando, como foi crescendo a fama do artista e se foi multiplicando o número de operários que na sua oficina laboravam.

O Ti Bernardo ajuntava um bom pecúlio...

Quando aparecia um prédio à venda, lá estava o Ti Bernardo com o saquitel do dinheiro pendurado ao pescoço, a comprá-lo para aumentar os bens do casal.

Este homem, além de honesto nos negócios, era muito perspicaz. Inteligente.

Na guerra de 14-18 comprou no Porto dez vagões de barras de ferro de diferentes tipos, que vendeu depois aos mesmos fornecedores.

No amplo lar, a tia Júlia ia educando cristãmente a numerosa descendência e preparava-a para o trabalho honrado, seguindo o exemplo do pai.



*(Desenho de A. Mendanha)*

**O Tio Bernardo de Balugães na sua forja primitiva**

Vivia feliz esta família.

Na eira, pelo S. Miguel, havia sempre uma grande serra de espigas doiradas, e na adega tonéis atestados do verde rascante das terras do Vale do Neiva.

Nas desfolhadas cantava-se ao desafio ao som do velho cavaquinho, donde as mãos duras e calejadas do Ti Bernardo ainda tiravam leves e cantantes harmonias.

O nome do Ti Bernardo de Balugães era respeitado e conhecido desde Viana a Braga e de Ponte do Lima a Barcelos!

A fama do artista exímio no fabrico de arados corria a região. Estava rico.

Com tenacidade e honradez vencera na vida.

Um dia, entra-lhe pela porta dentro um homem mal trajado, compridas barbas em desalinho e apoiado a um tosco bordão.

Pedia esmola.

E já o Ti Bernardo procurava umas moedas para dar ao pobreziinho como sempre fazia, quando o velho, reparando nele, estremece e pergunta:

— Estou a falar com o Bernardo que eu conheci aprendiz de ferreiro e apaixonado tocador de cavaquinho?

— Sou eu próprio — responde sem arrogância o ferreiro.

— E não se lembra de mim? — inquire de novo o pobre.

E ante a resposta negativa do Ti Bernardo, apresenta-se, deixando que pela cara lhe deslizem duas lágrimas.

— Lembra-se daquele orgulhoso Manuel da Fonte que se julgava capaz de submeter todo o mundo com seu dinheiro, que lhe não custou a ganhar, porque o herdou? É esta ruína que aqui tem na sua frente, vencido pela vida que não soube viver.

O Ti Bernardo não cabia em si de espanto e nem coragem tinha para articular qualquer palavra!

Foi o outro que rompeu o silêncio: — E isto, Bernardo, esta grande oficina e esta casa, tudo isto é teu?

— É, senhor Manuel da Fonte, tudo isto representa o valor do trabalho honrado, que bonda para sustentar os meus e ainda chega para se partir pelos necessitados. O senhor Manuel da Fonte tem, de hoje em diante, se não se ofende com a oferta, um lugar à nossa mesa e um tecto que o abrigue.

E os dois homens abraçaram-se a chorar.



*Domingos de Castro Barbosa Maciel*  
(DOMINGOS DA CALÇADA)

- *O Senhor do Lírio*
- *O Neiva Piscícola*
- *Maria Pomba, uma artista*
- *Poetas do Vale do Neiva*
- *Minério*
- *Um episódio grotesco... Numa recolha do sábio José Leite de Vasconcelos*
- *Capelas do Vale do Neiva*





**Artístico cruzeiro do Senhor do Lírio, 14.ª estação  
do Calvário de Durrães, datado de 1611**



## O SENHOR DO LÍRIO

*Reparem: houve, em tempos que lá vão,  
na minha aldeia, em frente ao campanário,  
catorze cruzes postas de ascensão  
formando a Via-sacra, num calvário;*

*e à noite, o luar, em forma de sudário  
cobria, em gesto da mais pura unção,  
num véu de luz, envolto em protecção,  
esse tesouro — um doce relicário.*

*Agora, brilha ali bem mais escura  
a luz que se desprende lá da altura  
contra a muralha — ultraje do martírio*

*que dum recanto puro, abençoado,  
sujou da mancha odiosa dum pecado  
sem reparar, contra o Senhor do Lírio!*

Domingos da Calçada



## O Neiva piscícola

---

Se para os romanos mereceu ter a menção de Rio Nébis, por alguma razão lho chamaram: fosse o Neiva um charco imundo, despejo de fossas ou detritos como pretendeu a Câmara de Viana fazer com o colector da zona industrial de Anha ali junto da sua foz e os romanos lhe teriam chamado o Rio da Imundície. E se a poluição era quase desconhecida pela inexistência da mal ordenada industrialização com que se está a matar este desgraçado País, sobretudo nos vales e perto dos rios, o certo é que não deixaram de apreciar a qualidade da sua limpidez, transparência e claridade, que já nesse tempo distante tão ciosamente ostentava.

A industrialização dum país é sem sombra de dúvida o mais significativo e evidente sinal de progresso e a qualidade de vida económico-social dum povo jamais será possível sem o crescente aumento do seu parque industrial. Mas essa evolução terá de ser feita acompanhada de tecnologia apropriada e que tenha em vista a preservação do equilíbrio ecológico e sem o menor prejuizo do meio ambiente.

O que se tem processado ao longo dos nossos rios pode caracterizar-se por ausência de ordenamento, pela mira do lucro fácil, pela baixa cota de investimento, pelo baixo custo de manutenção funcional e laboral e pela fuga sistemática ao cumprimento de toda a legislação que vise a protecção da propriedade universal. E tudo isto tem sido escandalosamente facilitado pela inércia de quem devia ter a coragem de fazer cumprir as leis e se tem revelado incapaz de assumir-se perante situações concretas.

É que chega-se ao ponto de não saber quem manda neste País ou se alguém manda mesmo, neste País!

Na verdade, existem leis de protecção aos rios e estes estão estragados, sem vida; sabe-se donde dimanam as fontes que os matam e não se secam essas fontes; conhecem-se os remédios para obstar ao prosseguimento desta doença mortífera e não se aplicam; conhecem-se processos tecnológicos de revitalização e opta-se por um interminável descabro.

Note-se o caso concreto duma empresa de transformação de madeiras em papel que se instalou quase no vértice que separa as bacias hidrográficas do Lima e Neiva, e, por incúria dos responsáveis na manutenção da autoridade e cumprimento escrupuloso na aplicação da legislação vigente, transformou essa unidade fabril num cancro prejudicial aos vales do Lima e do Neiva e ainda a essa jóia sem preço que é Viana do Castelo.

Depois de se ter espalhado aos quatro ventos que essa celulósica traria a emancipação económica desta zona; depois de se ter assegurado que não aconteceria com esta unidade fabril o mesmo que aconteceu em Cacia com a congénere ali montada, temos isto que se vê — fedores pestilentos, insuportáveis, com uma poluição de consequências imprevisíveis.

Talvez por isso, os povos das freguesias ribeirinhas a partir de Anha não se fiaram em cantigas. Sabiam de antemão que não haveria o adequado tratamento nas águas a lançar à corrente e não estavam dispostos a sofrer as consequências do recebimento dos esgostos do Parque Industrial. E como não é com palavriado que as coisas se resolvem, mostraram a nova solução que todo o Vale tem que aplicar desde a nascente, para que o Neiva continue a ostentar a transparência das suas águas, em vez do triste espectáculo do Ave e até do Cávado: a força.

É foi à força que aquela gente heróica rebentou o colector, desintegrando todos os seus elementos, com o recado mandado à Câmara de Viana de que, se teimasse em o ligar ao Rio, na próxima vez seria simplesmente destruído a martelão, em vez de apenas levantado.

Honra e louvor a estes bravos!

Merecem, por direito, por mérito próprio, pela mais elementar justiça, que em todo o Vale e mesmo neste País, o seu acto seja realçado e apresentado como triunfo heróico e gravado a letras de ouro para que a posteridade saiba que, um dia, alguém, nesta nesga «sem rei nem roque» se levantou contra a irresponsabilidade dos responsáveis e lutou, de armas na mão, para que se não lançasse à corrente de um Rio que nasceu puro, a escória fecal que o iria amputar e emporcalhar num dos seus troços mais belos!

E convém aqui salientar que de forma alguma pretende o «Vale do Neiva» que esta bacia hidrográfica fique em eterna estagnação. Apenas se pretende que se preserve o Rio aplicando a cada unidade a instalar no Vale as medidas de saneamento necessárias de protecção. E que se leve sempre às últimas consequências a aplicação das leis que prevejam mesmo o encerramento das unidades que se convertam em fontes poluidoras.

Quando se diz que a indústria dinamiza a economia duma zona, fala-se verdade; mas quando se diz que a indústria mal conduzida, ao



sujar os rios, é meio eficaz de matar os vales, fala-se verdade também. E se se disser que há meios de instalar um parque industrial em cada vale sem prejudicar os rios, está a falar-se igualmente verdade. E tem de optar-se por esta última verdade. Das três, é a que nos convém, a nós e ao Rio.

Somos contra a instalação de indústrias nascidas da improvisação; somos contra aquelas que não saiam de projectos traçados por técnicos competentes e aprovadas por entidades responsáveis, tendo em atenção o tratamento dos esgotos; somos contra o licenciamento de laboração sem primeiro testar as câmaras de tratamento; somos contra a falta de fiscalização periódica a essas câmaras para verificarem da sua eficácia; somos contra as unidades em laboração, depois de transgredirem as regras desse mesmo tratamento por sistema, pois deveriam ser encerradas para exemplo das restantes; somos contra toda a complacência, contra todo o fechar de olhos, contra toda a falta de firmeza, contra a transigência, contra tudo aquilo que seja contra! Tudo que seja contra o Rio!

O rio nasceu puro. Puro na limpidez, puro na composição e nada de elementos mortíferos a entrar como adicional em suas águas!

E que bom seria se cada habitante do Vale, seguindo o exemplo dos habitantes de Antas e Castelo, se mentalizasse para o concurso de protecção que nunca deve negar, opondo, sempre, a força de quem aqui mora à inconsciência dos que mandam!



E se começasse a falar da fauna piscícola do Neiva?

Truteiro por excelência, é conhecido de cada pescador de salmónídeos cá do Norte. As suas condições de procriação e manutenção são excelentes, embora tenha declinado bastante nos últimos anos, mais por culpa dos homens do que do Rio.

Há condições imprescindíveis para a conservação e propagação desta espécie que exige pureza nas águas bem oxigenadas. Por isso se abeira sempre de zonas das mais batidas e foge das estagnadas ou mais ou menos paradas.

Acontece que as condições de vida dos peixes estão dependentes das dos povos que se vão fixando nos vales e nem conhecemos a evolução que sofreu o nosso Vale com a passagem e alternância dos seus moradores no passado. Só que não podemos pôr de parte a evolução havida e, nesta, devem ter-se passado épocas difíceis para os habitantes do Rio que nos são desconhecidas agora.

Podemos, no entanto socorrer-nos de causas mais ou menos próximas.

Flagelos dignos de nota, têm sido, as secas nas épocas estivais, a captação de peixes por processos ilegais, a deterioração das águas nos lavadouros com detergentes activos e lexívias e a construção de açudes, este último apenas para uma espécie já extinta no Neiva (ou duas) como adiante explanarei.

Há um factor de mortalidade dos peixes que subsiste por culpa dos agentes fiscalizadores, já que não fazem o serviço com eficiência: a aplicação das lexívias. É bem evidente que isso acabará no ano em que haja uma passagem de fiscais mais contínua, nas épocas em que a corrente de águas está quase anulada pelas captações para irrigação de terrenos e os detritos e lexívias se acumulam nos fundões aonde recolhem os peixes. Porque a teimosia das lavadeiras em usar esse líquido corrosivo e letal acabará com o levantamento de autos a quem tal aplicação fizer.

Sabem por experiência os que habitam perto dos rios que, nessas ocasiões, aparecem inúmeros peixes mortos e as trutas, à medida que não dispõem de águas com o necessário oxigénio, sobem à superfície como a querer respirar o do ar, com os olhos oxidados em branco e sem brilho, mesmo cegas, e, assim, são apanhadas à paulada por «caçadores» ocasionais que, como todas as pragas, sempre aparecem na ocasião da desgraça.

Outro tipo de «caçadores» exercem a habilidade junto das azenhas, com armadilhas de canastras aramadas em que o peixe entra e não sai. É um vício demasiado conhecido e os locais em que se exerce são denunciados pelas paredinhas de pedras improvisadas junto à saída, nos caboucos de azenhas ou outros engenhos e os fiscalizadores só não apanham os praticantes com a boca na botija porque... o trabalhar faz calos! Disponham-se eles a ver com os olhos abertos, a passear pelas margens e este vício centenário pode ter os dias contados. Veja-se só que há sebes de pedra bem conhecidas próprias para colocação de armadilhas, à vista de toda a gente, com mais de quatro dezenas de anos e lá continuam, na sua missão destruidora, sem que um fiscal resolvesse, até por uma questão de brio profissional, pôr-lhes fim!

Se, porém, a falta de operância é por inocência e não por negligência, no Editor deste livro podem prestar-se esclarecimentos que levem a um eficiente trabalho que extirpe tão malfadado nojo!

Felizmente, no Neiva deixou de bombardear-se para matar peixe; como desapareceu o uso de venenos que estonteavam e facilitavam a captação — caso da cicuta fermentada. Nos riachos afluentes, ainda rebentam bombas!

Machadada forte, porém, foi dada em tempos passados por um ricaço de Vitorino de Piães que, segundo nos informam os mais velhos, se deu ao luxo de despejar tdoos estes açudes, rio acima e rio abaixo, em pleno verão, para encher cestos e cestos dos mais belos exemplares que habitavam na água, com a complacência dos moleiros que recebem

pagamento pelo prejuízo da falta de água para a moagem e, dizem, pagando, como se nada fosse, as multas de transgressão pelo abuso dessas aberturas...

E houve aí uma grande quebra.

Quebra que se repetiu em 1944/1945, quando uma família de «pescadores» de Balugães bem conhecidos como lambareiros de caça e pesca vedou o Rio entre outros por baixo da Azenha do Souto para apanhar o peixe daquelas zonas. E a sebe lá esteve no Rio, à vista de quem queria, e não consta que quem quer que seja os desgostasse com autos ou apreensões. E houve sebe até que as cheias a desfizeram!

A tão conhecida «marjuada», que consiste na colocação de anzóis iscados de peixe durante a noite para levantar de manhã, é ainda flagelo destes dias.

Afinal, nunca vi fiscais no tempo de pesca. São anos e anos no Rio mas estas santas criaturas não gostam de fazer mal ao semelhante. Deixam viver quem vive.

Boa gente, afinal!

E à sombra da inoperância desta boa gente, há males para o Rio que vão subsistindo!

Gostaria de dizer que a construção de açudes a que atrás referi foi um mal necessário. Sem eles seria pouco possível utilizar a água para movimentação de azenhas e moinhos, engenhos de serração ou de molinagem de linho, vulgarmente chamada de maceração.

As espécies afectadas, foram os salmões e as lampreias. Em contrapartida — contrapartida muito positiva, afinal! — as levadas ou açudes aumentam a oxigenação da água, quer por elas, nas quedas, quer nas rodas e nas dornas das azenhas, moinhos ou engenhos. E daí, há benefício compensador para as trutas.



Um topónimo pouco vulgar e cada vez menos ouvido às cada vez menos pessoas idosas, indica-nos a existência de pesqueiras em tempos remotos no nosso Rio.

Ora a existência de pesqueiras relança-nos para épocas muito distantes em que fosse possível às lampreias subirem o Rio Neiva. Essa subida, certamente foi-se-lhes tornando penosa à medida que os açudes aumentaram de número e densidade até atingirem o actual de noventa e cinco desde a foz até à nascente (1).

---

(1) Já depois de escrito este trabalho, pude confirmar a existência de pesqueiras de lampreias no Neiva, que refere, em vários sítios do seu curso, o Rev.º Luís da Costa Teixeira — Memórias Paroquiais — Cossourado — 1758.

O lugar de Pesqueiras existe em Durrães. E existe precisamente no sítio em que os frades do Convento de Carvoeiro possuíam a sua azenha, ainda hoje chamada azenha dos Frades, a primeira que, a jusante, se encontra instalada dentro dos limites do antigo couto.

Convém reparar que os chamadoiros de lugares não nasciam ao acaso. E se existiu o lugar de Pesqueiras, como agora, teremos de inferir que ali existiram pesqueiras. E a existirem eram pertença do Convento, já que ficavam na zona da sua azenha e eles eram senhores do Couto que incluía os limites de Carvoeiro e Durrães.

Não faz falta muito esforço para se concluir que as pesqueiras eram abastecedoras daquela comunidade conventual dos saborosos ciclóstomos.

Pois agora... não há lampreias no Neiva! Foram delícias do passado.

Enguios, há-os demais.

Salmões, só se os apanharem ali bem perto da foz. De Fragoso para cima aparece, vez por outra, uma rara truta salmonídea, esguia e salpicada de tinto acastanhado e carne rósea, que faz a delícia e alegria de quem as descrava do anzol.

Tem o Neiva barbos de apreciável tamanho e boa quantidade, assim como bogas.

O tão encarecido escalo vai-se ressentindo do uso de lexívias já apontado e decresce em quantidade.

Interessante é que todos os cursos de água ou poças de regadio de qualquer modo ligados ao Rio ainda que temporariamente, guardam em si enguios por vezes de boa grossura e tamanho.

Os afluentes de regular caudal estão habitados de trutas, que vão ficando nos poços e certamente nos fios de água permanentes.

As que se deixam ficar nos poços são perseguidas no verão e vítimas dos bombardeios e do aquecimento da água.

Recordo aqui um homem simples que nunca pescou mas, um dia, ao passar junto ao regato de Carvoeiro deitou os olhos a um poço de água e viu algumas centenas de trutinhas que atonavam pelo aquecimento da água, e então, foi pedir um regador emprestado para onde as apanhou e ofereceu ao Neiva, em cujas águas depositou, para o que teve de fazer várias viagens. Este homem que Deus já lá tem chamou-se António Passos e era natural de Durrães.

Foram, ao longo dos tempos, vários os pescadores que deixaram nome como enganadores de trutas, respeitando os mais elementares princípios da ética e possuidores de rara habilidade e paixão.

Presentemente, ressalta um nome sonante desde a nascente até à Foz que é a do Mago, do Mestre, do Apaixonado, do homem que alia ao seu nome o topónimo da terra que o viu nascer: o Daniel de Alheira.

Homem simples e afável, sabedor da arte de pescar e conhecedor de truques malabaristas como ninguém para engodar as trutinhas e convencê-las a aceitar o isco sem que vejam o anzol, ele conhece os contornos do Rio e dos riachos, as correntes, os remansos e é um gosto vê-lo a lançar e recolher e a dizer a cada truta que descrava e mete no cacifo: eh, linda! Mas que ela não lhe pregue a partida de sacudir a cauda e fugir, que então, — pobre trutinha! — mais lhe valia não ter mordido sequer... Se descravou, saiba ao menos tapar os ouvidos e fugir para bem longe, onde não oiça a «ladainha' de todos os santos» proferida por Mestre Daniel!

Falam os velhos moleiros no Beita de Navió.

Era profissional. Profissional porque vendia o peixe que pescava, a quem lho encomendava para oferecer de presente. E quem precisasse de uma dúzia de trutas, era só dizer: — Beita, quero uma dúzia de trutas para amanhã, às tantas horas.

O Beita lá fá ao Neiva, empregava técnicas inacreditáveis que resultavam para ele e mais ninguém e em que só se acredita porque as narrações são feitas por testemunhas de quem se não pode duvidar e certamente foram com ele para a sepultura!

O Eugénio, ali das Boticas, era fascinador das belas habitantes do Rio e truta matreira de que lhe dissessem, caía-lhe no anzol, à vista de toda a gente!

Mas é impossível inumerar todos os apaixonados da pesca, nados aqui neste Vale.

Eles divertem-se pelas beiradas do Rio e pelos seus encantadores afluentes; mätam as horas desgastantes do dia a dia, na vivência da paz que se respira das suas margens, em horas incontáveis de prazer; contactam com a limpidez das suas águas, e a beleza da paisagem; ouvem nas levadas e nos redemoinhos canções que só entendem aqueles que sabem mesmo amar, melodias que só penetram nos meandros das almas que se deixam enlevar pelo belo, cativante, encantador Rio Neiva, amado e apreciado pelos povos que nem sabemos sequer pelo nome e durante milénios tais que os números e a nossa inteligência nem sequer sabem medir nem entender!

Outubro de 1981.





Durrães — Açude do Rio, a jusante da Ilha dos Amores





# Maria Pomba

— Uma artista —

---

No tempo em que viveu a Maria Coxa de Carvoeiro, pouco ou nada se ligava à arte popular e as pessoas do seu nível eram, geralmente, relegadas para lugar de segunda categoria. De segunda ou de terceira, ou, então, de primeira a contar de baixo para cima.

Teremos, certamente, de enquadrar esta Mendiga — Artista na época em que lhe coube viver e fazer uma rápida reflexão sobre o baixo nível económico desta zona do Vale, assim como da falta de alfabetização das pessoas, cuja maior tarefa consistia em assegurar o pão nosso de cada dia, para cada dia que passava. E as que liam e escreviam contentavam-se com rudimentos que as impediam de avançar um pouco mais com a inserção num mundo de conhecimentos a que apenas ascendia, num ou outro, em percentagens que se cifravam em escassas centésimas de unidade. E se atendermos à zona etária em que estava inserida, o mal piorava... para muito «pior» ainda!...

Eu conheci-a ainda e admirei algumas das estatuetas que ela esculpiu, com uma faca de cortar as couves, em madeira que eu suponho ser de oliveira, ou com um pico rombo em rebos de pedra, mas em que incutia aquele cunho de simplicidade e de minúcia onde deixava bem vincadas a sua arte e a sua fé, já que a temática religiosa inspirava todos os trabalhos que lhe saíram da mão.

Pobre de bens materiais e sem mais ambições para além da sua realização pessoal, num mundo em que por realização pessoal se entendia uma mania consequente do pouco abono de siso, soube, como o filósofo que partiu a escudela à beira da fonte, libertar-se voluntariamente do pouco que possuía e percorria os caminhos desta zona central do Vale do Neiva visitando pessoas que lhe não negavam o sustento para si e para a pombinha branca que sempre a acompanhava no eterno peregrinar nos nossos toscos caminhos.

Da sua companheira pomba lhe adveio o mais usual apelido com que foi rebaptizada: era a Maria da Pomba.

Para quase toda a gente, era uma atrasada mental. Para muitos, impostora que esculpia estatuetas de Nossa Senhora para explorar a religiosidade do povo e mais facilmente levar a vida. Só nunca ninguém a viu como Artista e por isso mesmo morreu sem ser reconhecida, e, só depois de transformada no pó do raso coval a que desceu, a sua mensagem artística começou a ser descoberta e a sua verdadeira dimensão humana a aparecer.

Enchi os meus olhos de criança a admirar estatuetas que saíram da sua imaginação e ela mesma me explicava o significado de cada arabesco ali gravado, pois nada ali estava que não tivesse uma mensagem que queria transmitir, mensagem dimanada do seu próprio eu.

Sei que muitas pessoas lhe faziam encomendas e bem gostaria pois de saber, para admirar de novo, onde param alguns dos seus trabalhos, se a toscos pedaços de madeira dava expressão e vida com uma faca anavilhada, também, na pedra e com um pico rombo, trabalhava com destreza que faria inveja a muitos seguidores de Fídias. Conheço uma estatueta de Santo António que ela preparou em cerca de meio-dia e está religiosamente guardada, como relíquia, para falar à posteridade da arte rude duma criatura rude chamada Maria da Pomba (1).

E oxalá sejam sempre respeitados os Penedos da Coxa no Monte de Carvoeiro, em que perdeu dias e dias a fio, a desbastar e gravar os seus sentimentos de cristã e de Artista, para serem um monumento que desafie os tempos e atestem, em perenidade, a sua própria existência, já que o esquecimento sobre os torrões da sua sepultura foram um facto, sem motivo para grande admiração, dada a condição social a que pertenceu.

Apenas eu não sei explicar como foi possível que várias pessoas cultas ali tivessem admirado a sua obra e não tivesse havido alguém com a força precisa de a relançar para que fosse conhecida neste país como, mais tarde, o foi a Artista do barro de Galegos, a grande Rosa Ramalho.

Mas talvez a Rosa Ramalho estivesse hoje esquecida e não chegasse a correr os quatro cantos do mundo se vivesse e morresse nos anos e no meio da pobre Maria da Pomba.

Há cerca de três decénios que a Maria da Pomba não pertence ao número dos vivos.

Ela era uma mendiga; era uma Artista; era uma analfabeta.

Nasceu pobre e, voluntariamente, mais pobre se fez ainda. No seu desprendimento há já uma riqueza de sentimento e um certo sentido filosófico que pertence a escolas famosas mas cujas teorias ninguém

---

(1) A aludida estatueta e outros trabalhos da autoria da Maria Pomba, assim como parte da ferramenta de trabalhar a pedra, encontram-se no Museu Etnográfico do Vale do Neiva, em preparação, propriedade do Editor desta obra.

lhe chegou a revelar. Todavia, nada impediu que o sentisse e alcançasse o tipo de vida que tais teorias defendem e sustentam para pôr em confronto com outras que lhes são antagônicas. E a Maria da Pomba escolheu para si aquela que carecia de mais coragem e estava mais fora do comum e seria aceite por limitadíssimo número de pessoas



**Maria Pomba**

em qualquer ponto do mundo como em qualquer época, mesmo. E aqui demonstrou uma superioridade de tal modo singular, que isto seria tema aliciante para um estudo profundo de alguém que tivesse a necessária bagagem analítica.

Analfabeta, tinha uma sensibilidade rara e uma sede de auto-realização e comunicação que estão patentes na expressão do seu trabalho e nas condições em que o tornou possível.

Não podendo comunicar doutro modo, esculpia, burilava a pedra e a madeira, imprimia nos relevos os sentimentos mais íntimos, nem sempre entendíveis, mas sabia explicá-los com a didáctica de mestre. É que, queiram ou não, ela estava acima da maioria das pessoas alfabetizadas do seu meio; ela, que era analfabeta!

No seu trabalho, no seu meio de comunicação, havia arte; era uma arte de pessoa rudimentar, inculta, carenciada da força que a fome lhe roubava e de físico fandoleiro, por esse mesmo motivo; mas arte que se expressava, sem artifícios convencionais, codificados, mas na simplicidade de quem é simples, a arte pura, espontânea, nascida como a flor da beira dos caminhos que desabrocha na hora em que o sol a desperta!

Recordo-a.

Mas recordo-a, porque a conheci.

Recordo-a, porque a estimei, admirei, talvez porque na minha criancice me senti tocado por uma mensagem que nem todos compreenderam, mas me sacudiu para a realidade nem sempre aceite de que era uma pessoa de sentimento apurado e sensibilidade superior à do comum das pessoas.

Recordo-a, porque me convenci que a maioria daqueles que com ela contactaram, sabendo ler e escrever, não decifraram essa mensagem que gravou com simplicidade.

Recordo-a, para acusar publicamente a gente da sua geração. Acusá-la de injustiça gritante, de orgulho balofo, de prosápia, de pretenciosismo.

Recordo-a porque recordá-la é justiça elementar.

E é justiça elementar porque a Maria Coxa, ou da Pomba, nem sempre teve o pão necessário que lhe mitigasse a fome. Vi-a comer uma malga de caldo meio arrefecido e um naco de boroa como quem devora, avidamente, o melhor manjar deste mundo!

A sociedade foi injusta para com ela.

E ela é o espelho de tantas Marias Coxas que vagueiam por este mundo, que nascem pobres, vivem pobremente, são desviados para a margem por outros que conseguem falar mais alto ou fazer-se ouvir mais longe, e vivem e morrem, sem acabarem de desvendar o segredo que trazem consigo, no seu eu, porque o dinheiro e os grandes meios continuam a ser, na forma e os sítios, da praça que avalia cada um de nós!

As Marias Coxas ao morrer levam para a cova em que as sepultam, além das cinzas de seus corpos, mensagens de Arte indecifradas e que ficam eternamente desconhecidas, como teria acontecido a Bach se Mendelssohn o não tivesse revelado ao mundo uma centena de anos mais tarde.

E eu queria que as Marias Coxas passassem a ter por direito aquilo que só parcialmente recebem por esmola.

Eu queria que as Marias Coxas não mais fossem marginalizadas só porque vivessem pobres.

Eu queria que os homens do Vale, no futuro, tomassem consciência de que Deus coloca a nosso lado criaturas simples que nos trazem mensagens de amor, de ideal, sob várias formas artísticas e é nosso dever procurar entendê-las, compreendê-las, descobrindo as belezas desse mesmo Deus, nos reflexos da luz que, com a maior simplicidade, por vezes manda até nós!

12/9/81



# Doetas do Vale do Neiva

---

## CUSTÓDIO BANDEIRA

Nos anos em que principiou a década de setenta, o Custódio foi abordado pelo Editor deste livro e condescendeu a deixar publicar algumas das suas poesias e ainda a entregar um pequeno trabalho de recolha de quadras populares alusivas ao Rio.

Quando eu digo que o Custódio condescendeu, sei porque o digo: melhor que qualquer outra pessoa senti-lhe desde sempre imensa relutância em trazer a público as poesias que escrevera para si e na maioria só para ele mesmo estava reservado entender.

A poesia era para o Custódio a gravação em verso de sentimentos que lhe iam na alma, gritos de angústia que não podia conter dentro de si, desabafos com que evitava que, fibra a fibra, os meandros do seu íntimo se desfizessem. Poesia sua ficara demasiado cara a si mesmo e ninguém mais saberia reconhecer-lhe o verdadeiro preço, esse preço que ele pagou e jamais alguém poderá vir a saber algum dia!

Aconteceu que o livro em projecto de Cândido Maciel foi ficando com a publicação protelada e mais tarde, quando o Dr. Paulo de Passos Figueiras meteu ombros à sua publicação, só uma poesia do Custódio fora escolhida: com efeito, dera-lhe feição monográfica de sentido restritamente ligado ao Rio e só o que estava dentro dos parâmetros dessa temática foi aproveitado. Mesmo assim, cabe-me referir a homenagem que ali lhe é prestada.

Todavia, os trabalhos entregues para publicação não foram refugados, pelo que o Dr. Paulo os voltou a entregar a Cândido Maciel, que, conjuntamente com outros, saem neste volume, pois aqui o tema monográfico tem coordenadas diferentes, por se tratar duma obra que abrange o Vale e não apenas propriamente o Rio.

Tendo nascido a ideia de publicar uma colecção de trabalhos de alguns poetas nados e criados neste Vale, é óbvio que o Custódio teria de entrar na colectânea, pois seria injustiça sem perdão que o seu nome e a sua obra aqui fossem ignorados, já que ele ocupa, por

direito próprio, um lugar cimeiro entre aqueles que cá nasceram e algum dia sentiram nas veias o letal veneno injectado pelas Musas.

As poesias que Lírio do Neiva publicou em alguns dos seus primeiros números e as que aqui ficam, conjuntamente com aquela publicada em Rio Neiva, ficarão a ser as únicas conhecidas do Custódio, pelo que a seguir explicarei.

A vida é para todos nós um composto de sofrimentos e alegrias, horas escuras e dias claros de sol, momentos de sofrimento que alternam com outros de felicidade. Mas para o Custódio foi diferente. Dele, pode-se dizer que sofreu. E a tal ponto, que escapou a quase todos quanto mal «à sua alma profunda fez a vida», como dizia Florbela.

Eu, que tive o raro privilégio de ler os seus versos sempre que lhe pedi e foram várias vezes, sei bem o que esse livro de meditação profunda encerrava do reflexo das mágoas que o torturaram. E não esqueci que, num soneto dedicado à Virgem como só um devoto Marianista saberia escrever, terminava com este verso:

*«Oh! livra-me da sina dos poetas».*

Sentira-se poeta e pressagiava a incompreensão dos homens e as torturas morais de quem tem de beber a taça do amargo fel para matar a sede de infinito.

Dizia que principiou a fazer versos quando era aluno do Professor Maciel, em quadras de sete sílabas, que um dia mostrou ao Mestre e com isso lhe provocara grande contentamento. Ao ser-lhe dito que tinha jeito, continuou. E o certo é que burilou quadras de fino recorte e magistras sentenças. Pena que delas me tenha esquecido, excepto das que a seguir vou recordar, por ainda reter de memória.

Vejam só:

*A moça namoradeira  
não entregue o coração  
que depressa murcha a rosa  
a correr de mão em mão!*

Reparem bem no sarcasmo duma verdade, daquelas que se dizem a rir:

*As moças da minha terra  
são todas muito instruídas:  
escrevem com a mão 'squerda  
... sabem de todas as vidas...*



Ou na observação magistral, que pode servir de aviso aos que se fiam em exteriorizações ou simbolismos:

*Colocaste o meu retrato  
na medalha do cordão,  
mas não sei quem é que trazes  
lá dentro do coração!*

Tinha interessantes redondilhas cheias de ritmo e musicalidade e que eram uma das suas mais perfeitas formas de escrever.

Dum conjunto dedicado à Musa predilecta, Musa que ele cantou e julgo jamais esqueceu, retenho esta somente:

*Meu coração, puro e froixo  
como triste lírio roxo  
de angústia geme e suspira,  
mas tu és a Musa linda  
que dá suavidade infinda  
ao vibrar da minha lira!*

Desde criança que sentia vocação pelo magistério e dizia que «por vocação seria professor e por necessidade teria qualquer outro ofício».

E essa vocação está bem expressa nesta quadra que ainda me não desapareceu do cérebro:

*Quem me dera ter a escola  
de floridos canteirinhos  
e meter pão na sacola  
dos alunos pobrezinhos.*

Por vezes parece que uns laivos de sol conseguiam penetrar na solidão em que vivia ensimesmado e então saíam notas de sonoridade e de luz:

*Primavera! Alegria! Mil canções  
à porfia! Andam ritmos no ar!  
Palpitam com mais força os corações!*

Diluíram-se-me do cérebro quase todas as suas poesias exceptuando o pouco que aqui deixo.

Mas havia nelas doutrina edificante, anseios místicos de sublimação espiritual, reflexos dum travor queimante em que se adivinhavam cinzas de muitas esperanças perdidas e, aqui e ali, um rescaldo a querer ressuscitar essas mesmas cinzas para continuar a manter acesa

a chama vivificadora capaz de reaquecer a frieza do abandono e do desânimo.

Foram passando os anos; o Custódio passou a sentir mais do que escrever.

Em forma de intróito, ele escrevera no seu livro que os versos ali contidos eram gritos de ânsias que não pudera conter, a descrição do seu idealismo e o reflexo das cicatrizes de feridas mal curadas que sangravam ainda na sua alma de sonhador e de inconformista; que esperava depô-las no regaço de alguém que viesse a cruzar-se com ele na vida para em comum viverem os anos que ainda lhe restassem, caso essa visão idealizada viesse a confirmar-se; ou, caso contrário, estava destinado à incineração, pois, esperava poder ficar a dever a um amigo a graça de o colocar nas chamas duma pira, à hora em que soasse a badalada anunciadora de que terminara, para ele, o doloroso trajeto por este vale de lágrimas e de dores.

Mas Custódio Bandeira teve o pressentimento de que o seu fim se aproximava a passos gigantescos e duvidou que o amigo escolhido não tivesse a coragem de reduzir a cinzas as páginas do seu livro. E então, calmamente, estoicamente, ateou ele mesmo o fogo ao que fora o seu grande tesouro, ao livro só entendível para ele e que com ele teria de acabar também. O livro não sobreviveria ao seu próprio fado!

A cinza a que viu reduzidos tantos projectos de ideal inatingível, juntou as do livro em que «verteu» lágrimas em forma de tinta, suspiros na forma de versos, sangue em estrofes de musicalidade e de ritmo.

Desfez o reflexo da sua própria imagem antes mesmo que a sua alma voasse a esse infinito em que piamente acreditava. Os dias que lhe restavam seriam para uma vivência de espiritualidade profunda, a preparação para a viagem rumo ao eterno, à verdadeira vida.

Custódio Bandeira morreu.

E não gostaria que eu escrevesse tudo isto acerca dele, que desta forma o relembresse e trouxesse ao de cima tudo aquilo que ele mesmo quisera silenciar. Mas neste mundo em que nos vemos sem prévia vontade nossa, muita coisa acontece enquanto aqui andamos e depois de termos partido, contra a nossa própria vontade. E entendo que, acima da nossa vontade, estão princípios de justiça e este é dos mais elementares.

Por isso, que do Além em que certamente se encontra, desse Além em que piedosamente sempre acreditou como certeza, me possa perdoar esta «rabujisse», ele que tantas me perdoou, enquanto por este mundo andou a cumprir o seu triste fado.

Durrães, Setembro de 1981.

# Minério

---

Era ainda o rigoroso Inverno de 1940 que decorria. Manhã cedo passavam em grupos os «exploradores» de Carvoeiro a caminho de Fragoso; eram os Meiras, os Vieiras, os Sousas e tantos outros, que com cânticos alusivos à sua rendosa tarefa iam acordando as pessoas ainda a dormir no saboroso sono matinal:

*O galo quando canta é hora!  
É hora, põe-te a pé, Maria,  
Deita o galo fora!  
É tarde e é tarde de mais!  
Não gosto de limpar 'zeitona  
Vamos p'ró minério  
Que nos rende mais!*

*Maria deixa a azeitona  
vai para o minério  
que te rende mais!  
Os ricos numa sanfona  
E os pobres nos minerais! (1)*

E não faltava o costumeiro estribilho:

*Volfrâmio é pedra escura  
que toda a gente procura  
dentro do nosso país.  
É uma pedra reluzente  
que tem posto igualmente  
muita gentinha feliz!*

---

(1) Os versos são textuais tal como os entoavam as pessoas a caminho de Fragoso.

E lá iam. O grupo compunha-se de famílias de Trás do Mosteiro que relegavam a pastorícia a segundo plano, entregue aos incapazes de competir na procura e recolha dos duros detritos e na não menos dura escalada do Monte de Durrães até além da Cancela Vermelha onde se situava o Eldorado do nosso Vale.

Volfrâmio era ouro! Chegou, nesse mesmo ano, a pagar-se a conto de réis o quilo! Por isso, quando seguiam em grupo, cantavam fortemente, entoando o que para eles era o canto da esperança!

E à tarde lá regressavam. A venda do Corrilhão, ali junto ao Apeadeiro, era paragem obrigatória e pontual. Depois da subida em Fragoso pela pequena ravina que os levava pela Cancela Vermelha à Chão de Arefe, a descida era feita através de Santo António e Fontainha em direcção dessa venda que foi ponto de reunião durante mais de uma dezena de anos e cena de episódios inesquecíveis!

Ali, uma tijela de meia canada de carrascudo verdasco assentava naqueles estômagos sequiosos e cheios de apetite como juntoiros em silhares bem nivelados. E nos dias em que a vida tinha corrido à feição, o vendeiro tinha sorte: esgotavam-se as iscas de bacalhau, as sardinhas, e até se fritavam ovos, à pressa, que devoravam em apetite inconsciente a amparar mais uma canadita para festejar o acontecimento!

E a cena repetia-se dia a dia. Chovesse ou estivesse bom tempo.

No largo, em frente da tasca, aparecia muita gente. Procurava saber como corra o dia, qual a cotação, se valeria a pena tentar uma fugida até lá.

E muitos tentavam. Lá iam. Por vezes tinham a sorte de ganhar o dia em poucos minutos; na maior parte dos dias era uma desilusão que reacendia em esperança da felicidade sempre possível em dias que se não sabe. E voltavam, uma vez, mais outra, muitas... muitas vezes — tantas quantas as desilusões!

Volfrâmio é pedra escura. E sua cor norteou a «felicidade» da maioria daqueles que o procuraram!



Um dia, foram até Fragoso, num grupo, quatro «manatas» de Durrães, dispostos a lavar uns sacos de terra na mira de encontrarem umas pedritas do precioso metal em bruto.

Entre eles estavam o Ti Zé Beato, o Armindo Faria (estes de Durrães) e o Eugénio Sapateiro, ali das Boticas, do Couto de Capareiros, paredes meias com Durrães.

Sabiam que era difícil penetrar no local da recolha em exploração, porque os fragosenses tinham tudo ordenado para que os «estran-

que dá a impressão de data de 1515, data que se torna duvidosa, por não parecer muito original, embora se veja que a Imagem é de certa idade.

Costumam ali realizar-se festas anuais no 1.º ou 2.º domingo de Setembro ao longo de uma semana.

## CABAÇOS

### *ORAGO: S. MIGUEL*

Por cima da Levada de Pevidal, sita no Ribeiro da Presa, e com vista sobre aquele pequeno rincão, está a capela de S. Sebastião, a que há poucos anos agregaram também em co-patronato o nome de Santa Justa.

Dizem pessoas do local que, depois de 1921 em que foi erigida em Fojo Lobal uma Capela em honra desta Santa e por motivos de rivalidade, resolveram os de Cabaços honrá-la também no local da de S. Sebastião.

A festa tem lugar no último domingo de Julho.



No lugar de Lamas e no meio do aglomerado do casario vetusto com cariz de certa rudeza, em que habitam pessoas daquelas que não estão ainda corrompidas por acentuado contacto com a chamada civilização degradante, a visita à Capelinha de S. Geraldo constitui motivo de satisfação bem difícil de esquecer!

É o contacto, a vivência, a familiaridade daquela gente simples e sem preconceitos que cativa o visitante, logo inserido naquele meio como pessoa dali, como elemento daquela sub-comunidade.

E a Capelinha é engraçada, foi reconstruída, como quase todas, pois as pessoas, mal orientadas como foram no decorrer dos séculos e sem alguém capaz de as mentalizar, apenas pensam em fazer maiores os templos que nasceram pequenos, como se, com o novo tamanho, estivessem a prestar um serviço digno de recompensa! E digno de recompensa eterna será ele! Só que vão estragando o primitivismo destas antigas Ermidas que nós gostaríamos de encontrar tão puras como nasceram.

Esta, ainda tem colunas de pedra grotescas no altar, mal acilindradas, que ali figuram como principal ornamento e se nota serem

do primitivo templo, que deve ser antigo, a adivinhar pela invocação, graças a Deus, conservado com a decorrer dos anos.

Na verdade, por impossível que pareça, a moda também entra nas invocações e, por esta Ribeira abaixo, algumas mudaram com a mesma facilidade com que se muda de camisa...



Dedicada à Imaculada Conceição de Nossa Senhora, existe uma pequena capela à margem da estrada nacional 306, ao quilómetro 31-7 datada de 1903.

## PARTICULAR

Dedicada a S. Caetano e na Quinta d'Além ou do Senhor d'Além, no lugar de Tremonde, existe esta Capela particular, abandonada, com a inscrição «Reformada por Manuel Baptista de Barros — 1899».

Chove dentro, a imagem está carcomida e com a face totalmente desfeita.

A quinta foi adquirida por uma família desalojada com a construção da Barragem que submergiu Vilarinho das Furnas.

## FOJO LOBAL

### *ORAGO: S. SALVADOR*

Aqui está uma terra em que a construção de capelas está ligada à antiga grandeza das casas que na terra ocuparam lugar cimeiro.



Há uma com o frontal em cantaria e a data de 1921; foi mandada construir, segundo informam, pelo Morgado da Cerca, dali natural, para cuja homenagem colocaram, na frontaria, uma carranca de pedra, que pretenderam ser o busto do financiador das obras da sua fábrica.

Dá a impressão de que algumas das pedras mais trabalhadas para ali teriam vindo doutro lado, mas dizem-nos terem sido ali talhadas.

É pública e em honra de Santa Justa.

A festa é no 2.º domingo de Julho.

De culto público e com festa no último domingo de Agosto, existe uma Capelinha com seu adro no local do Monte da Nô, muito vistoso e sobranceiro ao Vale transversal a partir de Freixo e dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

## PARTICULARES

As Capelas particulares desta aldeia, nasceram sob a sina de mau cariz...

Na Quinta do Arejal, fazendo parte de um conjunto de construção que é do mais belo desta parte alta da Ribeira-Neiva, a dar sinal evidente duma decadência confrangedora e dum total desfasamento, lá está, abandonada, sem telhado, esta jóia que é uma das muitas jóias abandonadas por todo este Vale!

Dá pena!

Trata-se de uma bela construção do Séc. XVIII cuja conservação não está dentro das possibilidades nem do gosto do actual dono, a adivinhar o tipo de restauro que empreendeu na solarenga residência, em que se emprega o cimento e se arrumam colunas de pedras ricamente trabalhadas, algumas das quais escoram os caibros das ramadas!!

Pessoa de insensibilidade arrepiante diante de tudo que seja arte, por manifesta incultura, apesar de afável na sua tentativa de explicar o que o seu primarismo lhe não permite, o conjunto desta grande quinta foi infeliz, como muitas outras que temos visitado, porque não há entre nós leis de protecção aos tesouros que se estragam que obriquem proprietários como este a vender as propriedades a quem tenha capacidade financeira de as manter no seu estado primitivo, ou ao Estado, que disso deveria encarregar-se, preservando o muito que se estraga do bem pouco que nos resta!

A Capela, belíssima, teve a invocação de Santo António e a Imagem está guardada pelo proprietário que, segundo diz, pensa ainda restaurar a Capela. E se isso acontecer, oxalá o não faça nos moldes do «restauro» já empreendido na casa apalaçada.

Na Casalta ou Quinta do Nogueira, abandonada e com as paredes a desfazerem-se, lá está o que outrora foi a Capela em honra de S. João, com acesso directo do caminho público através de frontal escadaria. Tem bela frontaria.

Faz parte dum conjunto de casa e quinta daquelas que a sorte desprotegeu, com os donos que tem, para cujos braços foi atirada, pelos salamaleques do destino!

## CALVELO

### ORAGO: S. PEDRO

Calvelo é terra cheia de história.

Aqui existiu um Convento da extinta Ordem dos Templários, implantado no que hoje é o Cemitério e Igreja com o seu adro (1).

E tem dois belos solares, um dos quais se divisa da Estrada Nacional, recentemente adquirido por compra pelo industrial António da Silva Rosa, de Balugães, denominado Quinta da Pousada, ou do Paço, em que, em tempos idos, repousaram nobres ligados intimamente à Realza do princípio da Monarquia.

Dum outro, que é o de Mereces ou Mareces, dizem haver provas documentais da sua existência no Século IX, portanto mais velho três séculos do que a fundação da nacionalidade.

Mas a passagem da alta nobreza do Reino por estas bandas ficou bem assinalada, como adiante veremos.

## CAPELAS DE CULTO PÚBLICO

### Senhor do Calvário

É de culto público e reconstruída por João de Barros no Século XVII; foi a Imagem ali entronizada de Cristo crucificado e lá se venera, também, a Senhora das Angústias, sendo o tradicional festejo no domingo da Trindade, e, presentemente, para aproveitar a estadia em férias dos emigrantes, costuma fazer-se, no segundo domingo de Agosto, um festejo nessas invocações e como acto de agradecimento pelas benesses recebidas ao longo do ano de trabalho, nas terras distantes onde labutam.

### Capela do Senhor da Cruzinha

Esta Capela fica no lugar de Cadém.

---

(1) *Nota histórica* — É notório em Calvelo que, a quando da extinção da Ordem dos Templários e criação da de Cristo, alguns religiosos não acataram a nova regra e resistiram, pelo que pagaram com a vida o seu acto insensato e temerário.



## Senhor dos Passos

Trata-se de uma pequena Capela ali à margem da estrada nacional 308 ao quilómetro 20-6 construída em 1958 a expensas dos ausentes desta freguesia no Brasil, segundo placa que ostenta na sua frontaria.

### PARTICULARES

#### S. João de Brito

Na Quinta de Pousada há uma Capela com esta invocação, pelo que se depreende de reedificação recente, apesar de o edifício da Quinta, segundo nos dizem, existir no Século XII.

#### S. Sebastião

Pertence à Quinta de Mereces.

Houve ali outra, que foi transferida para a Quinta do Montinho, pertença do Eng.<sup>o</sup> Espregueira Mendes, em Goães.

### DESAPARECIDA (ou em decomposição)

Desapareceu em condições ou por razão que a razão não pode mesmo entender, a antiga Capela de S. Veríssimo, de Calvelo, que teve Irmandade e o Clero local desfez para depois poder levar à ruína o edifício da Capela!

Esta é das tais que custa mesmo a entender e em que só se acredita porque se não pode pôr em causa a revolta das pessoas que contactámos.

Enfim, todos nós sabemos que não é à custa do Clero (salvo o devido respeito e prestada a mais comovida homenagem às muito honrosas excepções) que as capelas subsistem de pé, mas à dos devotos para quem a fé não está em encher o bolso com os óbolos, mas em despejá-los em oferenda ao Senhor, por cuja honra e glória custeiam a erecção dos templos e sua manutenção! <sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Várias pessoas dessa localidade afirmaram que a população deseja a reconstrução da Capela. Mas a população, note-se!

Seria de perguntar: por que se espera?

Não será tempo de reparar um mal que se cometeu, de respeitar os votos e a crença de quem levantou as paredes e tentou eternizar num templo, a devoção que o desleixo aposta em apagar?

Aqui, andam a crença e a história de mãos dadas, e a profanação de uma não se faz sem a renegação da outra!

Por que se espera?

E perdoe-se-me o desassombro com que escrevo, mas nunca pedi licença a ninguém para dizer aquilo que sinto. E sempre gostei mais do Clero que se preocupa em amar a Deus através do amor ao próximo do que daquele que foi fadado para causticar o próximo em nome de Deus.

E aqui, parece ter acontecido que o clero tomou conta das rédeas com o afastamento dos confrades e, em pouco tempo, estava a Capela



Calvelo — Ruínas da Capela de S. Veríssimo, que são um grito de protesto pela incúria na conservação e pelo desprezo da devoção dos crentes!

em ruína! Capela que substituiu outra de igual intenção já existente de tal era que assistiu ao nascimento da Nacionalidade Portuguesa!

Na segunda-feira da Trindade eram ali sufragadas as almas dos Irmãos falecidos e um dos confrades vivos dava o almoço aos restantes.

Não sei, porque mo não disseram, se quem procurou tomar as rédeas da confraria e deixar ruir a Capela teve igual empenhamento na continuação dos sufrágios das almas daqueles que já partiram.

Diz-se que D. Mafalda, neta de D. Afonso Henriques (há quem fale na consorte desse Rei Fundador) esteve em Calvelo a repousar,

na sua passagem para Compostela, hospedada na Quinta da Pousada. Um Padre que encontrara no caminho convidou-a a visitar a Capela de S. Veríssimo. Ela acedeu e, ao ser-lhe dito que ali eram sufragadas as almas, deixou-lhe um legado de dezoito tostões ou um carro (quarenta alqueires) de trigo anual, legado que, ainda há poucos anos, era pago pelo Visconde da Torre.

## **GAIFAR**

### *ORAGO: SANTA EULÁLIA*

A Igreja paroquial é pequena e mais se assemelha a algumas das nossas capelas, com torre sineira de duas frentes apenas, o que, afinal, encontramos em várias outras e duas sineiras também.

Obras de melhoramento do adro estão nesta altura em curso, com a cimentação, que lhe dará certa beleza.

Apenas há nesta freguesia uma pequena Capela, dedicada ao Senhor dos Passos, no lugar da Naia e datada de 1921.

É simples de traça e sita mesmo à margem da estrada.

## **VILAR DAS ALMAS**

### *ORAGO: SANTO ESTÊVÃO*

#### **PARTICULAR**

A Quinta do Pereiro pertence à freguesia de Arcozelo mas uma parte está dentro dos limites de Vilar das Almas.

E de Vilar das Almas é aquela em que se encontra a Capela votiva de Nossa Senhora da Conceição.

É o local onde, pela Páscoa, se juntam as Cruzes do Compasso de duas freguesias: Vilar das Almas e Arcozelo.

## **SANDIÃES**

### *ORAGO: S. MAMEDE*

Foi recentemente inaugurada uma moderna Igreja paroquial, em terreno junto à Estrada Nacional.

A antiga Igreja da paróquia, que fica em lugar escondido e logo abaixo, passará, certamente, de futuro, a funcionar como Capela de

culto público, mas não é possível saber-se, neste momento, qual a sua invocação ou o destino que lhe vai ser dado.



Na quinta de Proença há também uma capela particular dedicada à Senhora de Lurdes, que não visitamos e afirmam ser em tipo de gruta.

## NAVIÓ

*ORAGO: S. SALVADOR*

No lugar da Deveza e sobranceira à Estrada Nacional 306, está a Capela em honra de Santa Marinha, uma das devoções bastante arreigadas no Vale. Como a maioria das que tenho visitado, foi modificada e aumentada, no decorrer dos anos. É que, na verdade, quase se não torna possível encontrar um destes templos miniaturais nas linhas e proporções do seu nascimento. Na sua vontade de reconhecimento e engrandecimento de tudo quanto representa o que supõem ser o património material dos templos, aumentam-nos, modernizam-nos, roubam-lhes o cunho original.

Todavia, esta Capela foi restaurada há pouco tempo, sendo de realçar um certo gosto no aproveitamento da pedra exterior, bem rusticada, embora o cimento ali apresente regular função nas cornijas laterais do exterior e no interior, desde o arco do cruzeiro ao coro e acessos.

Está forrada a madeira e em bom estado.

Tem bom adro.

Torna-se, no seu conjunto, muito interessante.

## FREIXO

*ORAGO: S. JULIÃO*

A Capela erigida em tempos remotos em honra de S. Cristóvão é dos exemplares mais raros que se encontram e único em todo o Vale.

O seu estilo é singular, de configuração totalmente fora do comum e vários séculos passaram pelas pedras que a compõem.

De salientar que as goteiras e cornijas são bem anteriores à parte que lhe foi aumentada, mais tarde, com uma altura de cerca de setenta



Capela de S. Cristóvão

Jóia de construção medieval de traça já parcialmente alterada,  
incrustada no alto da elevação do seu nome a dominar  
a extensão do Vale

centímetros, em estilo manuelino, pelo que a parte de baixo existia e requeria esse aumento (1).

Há, na sua fábrica, várias épocas e estilos.

Está circundada por alto muro de protecção a toda a volta que impede esta jóia de ser vista de longe e de fora, apesar de as paredes, caiadas, se avistarem, alvacentas, a dezenas de quilómetros de distância, sobretudo dos altos dos montes que se estendem pela profundidade sem fim.

Diz-se que este muro foi mandado fazer para protecção dos ventos, mas não é difícil acreditar que, este ou outros muros ali tenham existido como protecção militar e que o templo tenha desempenhado uma dupla função em épocas remotas, dado o sítio estratégico em que está inserida. O Monte de S. Cristóvão é um alcantilado penhasco sobranceiro à Ribeira-Neiva e dali se avista o seu curso a jusante, até à foz, pelo que poderia ter funcionado no passado — e funcionou mesmo, certamente — como posto de vigilante sentinela às incursões através do Rio.

Toda a zona adjacente à Capela, que ocupa vários hectares de terreno, está belamente arborizada e constitui um antigo castro, romanizado, embora se não saiba, presentemente, se foi habitado em épocas anteriores.

É certamente das zonas mais ricas em espólio arqueológico ao longo de todo o curso do Neiva.

Avista-se larga zona até ao mar dado o desimpedimento a Ponte, com dezenas de quilómetros de extensão, sem obstáculos naturais e até o arvoredado, em virtude de o terreno ser muito escarpado, não consegue crescer a ponto de roubar a vista sobre a mais bela panorâmica que se pode desfrutar.

E assistir a um pôr-de-sol, à tardinha, daquele recinto, é espectáculo que não deslumbra criatura alguma em muitos sítios, como ali, quando a bola de fogo vermelho-alaranjado pousa na imensidão das águas e lança reflexos a ensanguentar as copas do arvoredado e as paredes caiadas em volta da Capelinha!

Abaixo desta, há ainda outra Capela dedicada a S. Silvestre e Nossa Senhora da Cabeça, sendo esta mais simples.

O recinto é comum às duas.

Ali se realizam anuais festejos, muito concorridos e durante três dias, com feira de gado anual, torneios de tiro aos pratos e outros números, sendo de salientar que este lugar tem sido escolhido para muitos outros festejos e juntamentos, dada a sua singularidade, pois não são muitos os sítios que se lhe possam comparar.

---

(1) O manuelino do aumento em altura evidencia-se, sobretudo, pelo ornato em corda a toda a volta circundante que esconde o telhado da Capela, ou parte dele.

O ponto alto das festas a S. Cristóvão é em 25 de Julho e a concorrência popular é tal que a torna das maiores romarias de todo o Vale do Neiva.

Como nota final, gostaria de dizer que a Capela de S. Cristóvão tem condições e razões muito válidas para ser considerada Monumento Nacional e obras de protecção deverão ser encetadas antes que comece a desmoronar, em vários sítios.

Apesar de lhe tirar a vista, o muro que a envolve deve ali continuar, pois, se no passado foi impedimento dificilmente expugnável a defender o templo, ficará como testemunho sempre vivo às muitas gerações que haverão de nascer.

Um reparo: que tristeza penetra no íntimo do forasteiro que ali chega e depara com o mamarracho de cimento armado construído perto da monumental Capela! Que pena não haver um pouco de sensibilidade em quem autorizou que fosse possível tão nojento mostrengo! E logo ali, naquele sítio!

Que grosseria de gosto e ausência de sentimento e de respeito por este vasto conjunto!



Junto ao Castelo de Curutelo tem uma Capela construída em pedra datada de 1668, com sineira na frente e ao centro, de construção simples e nada tem a ver com o acastelado palácio por não fazer parte dessa construção; é em honra de S. Sebastião.



Mesmo junto à estrada que segue para Ponte do Lima há outra Capela dedicada a S. Sebastião. Foi restaurada em 1969 e tem na porta da sacristia a data de 1859.

Encimando a mesma sacristia, uma sineira sem campana desmente as datas gravadas, pois é muito mais antiga, mesmo sem a data inscrita em algarismos, mas com as marcas do tempo.

O interior foi alterado, como se nota.

Tem altar simples e três mósulas.

Foi rebocada em mata-juntas recortadas e pedra à vista.



No adro espaçoso anexo à Igreja paroquial tem a sua Capelinha o Senhor dos Aflitos. No altar, uma Imagem de Cristo Crucificado.

É de fábrica simples e sem data.

No mesmo largo existe um alpendre com cruceiro.

Ao cimo de uma coluna, um crucifixo e, no tecto, vários motivos pictóricos assinalam motivos da flagelação e as efígies dos quatro Evangelistas. O alpendre é assente sobre quatro colunas em pedra.

Interessante conjunto.

## ARDEGÃO

### *ORAGO: NOSSA SENHORA DO Ó*

Ardegão é freguesia que se estende aos contrafortes da elevação do Monte de S. Cristóvão.

Não tem Capelas de culto público.

Há, no entanto, duas e muito interessantes, de propriedade particular.

Uma, mesmo junto à estrada que de S. Cristovinho segue para Tamel, por Cossourado, desperta pela singeleza e beleza de estilo.

Sem data, com cruz e peanha frontais e sincera encimada também de pequena cruz, as paredes são rusticadas e, no alpendre, tem uma jeitosa banquetta granítica já coçada pelo correr dos anos, para descanso do viandante que passa. Dentro, do mesmo lado direito, há um gavetão lacrado com legenda a dizer que já serviu de mausoléu e ainda guarda despojos mortais.

É dedicada a S. Gonçalo.

No lugar de Estreije, mesmo junto a casa senhorial ornada com pedra de armas, existe a Capela dedicada a Santo António, com sepultura lajeada ao centro e legenda que não pôde ser lida por estar tapada.

Esta Capela, belíssima, pertença da Casa de Valinhas, de Piães, espera apenas por um merecido arranjo, que bem merece, e, certamente, terá, pois os seus donos não a consentirão por muito tempo no actual estado, em que o culto se não torna mesmo possível, tratando-se de uma Casa e duma Família de arreigados princípios cristãos.

A Igreja paroquial, pequenina mas de linhas belíssimas, é no estilo usual, aqui na zona do Neiva.



## POIARES

### ORAGO: S. TIAGO

Poiares é freguesia atravessada por um pequeno Vale, integrado na bacia hidrográfica do Neiva, dividida em duas zonas pelo regato Nevoíno: o lugar do Rio e o de Rosende, o primeiro a Nascente e o segundo a Poente.

Esta parte oriental, embora com uma facha plana entre a margem ribeirinha e as fraldas dos montes que partem para a Carmona e a Padela, torna-se depois mais agreste, à medida que se alcandora pelos caminhos escarpados em direcção ao Monte, em contraste com a larga nesga do Levante.

Tem interessantes Capelas.

A de S. Roque fica mesmo à margem da Estrada que nasce junto ao pontão do Regato e termina na que segue de Balugães para Ponte de Lima, junto à Capela que teve a invocação de S. Sebastião. Atravessa toda a freguesia, descontando a parte entre esta via de acesso às terras limianas e a que se estende em direcção ao monte.

Foi restaurada em 1972, segundo placa de inscrição no frontal exterior, por José Miranda e Maria Peixoto.

Também uma inscrição adverte para o facto de ser dotada de «indulgência perpétua todos os dias para as pessoas que entrem nela e rezem qualquer devoção, com alcance de duzentos dias de indulgências de cada vez que entrar e rezar, aplicando por modo de sufrágio pelas almas do Purgatório».

O trabalho de restauro é de louvar pelo gosto e cuidado com que foi conduzido. Tem alpendre com púlpito rectangular em pedra.

A festa, muito concorrida, realiza-se no segundo ou terceiro domingo de Agosto.



A de S. Sebastião é, como apontamos, junto à Estrada Nacional que segue para Ponte do Lima; teve obras ainda recentemente, com aumento de sacristia do lado esquerdo e cornija em cimento.

A original invocação de S. Sebastião foi mudada, há poucos anos, para Nossa Senhora de Fátima e a festa realiza-se normalmente no segundo domingo de Junho.



No alto do Monte, em Airão, existe uma pequenina Capela dedicada a S. Miguel.

Embora de reduzido tamanho, tem todavia «beneficiado» de obras que, infelizmente, a não beneficiam muito... por lhe retirarem o aspecto rústico anterior. Mas valha-nos ao menos a intenção.

A festa é no domingo mais próximo do dia das colheitas.  
Há várias capelas particulares, em Poiares.



Na Quinta da Torre, pertença de Silvério Baptista de Abreu, tem a que foi dedicada à invocação da Imaculada Conceição com legado instituído pela antiga proprietária D. Ana Simões Duarte Lira que impõe obrigação de celebração de uma Missa mensal. É de construção belíssima.



Na zona de Rosende, lugar de Santa Ana, há ainda uma dedicada à Mãe de Nossa Senhora, que dizem as pessoas ter legado de obrigações, também.



Em Airão e mandada construir por Elísio Amaral, foi este ano benzida uma dedicada a Nossa Senhora de Fátima.

A bênção teve lugar em 28-8-81 e a inauguração festiva em 6 de Setembro do mesmo ano.

## VITORINO DE PIÃES

### *ORAGO: SANTO ANDRÉ*

O grande rasgo de travesso que se abre de Balugães e Cossourado em direcção a Ponte do Lima a formar o Vale do Piães ou Nevoíno tem o seu epílogo em Vitorino de Piães, que fica nos cumes do Monte da Nó, como marco divisório dos Vales de Lima e Neiva, ou das suas bacias hidrográficas..

É uma aldeia dispersa em aglomerados habitacionais e grande também é a sua extensão em território.

Tem várias Capelas em diferentes sítios, ou em alguns deles, umas de primoroso acabamento, outras a figurar como relíquias heróicas que escaparam aos vendavais, entre os quais o mais terrível é o da moda ou dos desordenados arranjos.

Devem ter desaparecido desta paróquia uma ou outra Capela, pois custa a crer que, desde a Nó ao Monte do Castelo não se encontrem

sequer ruínas. Não aconteceu o mesmo, afinal, em Carvoeiro, com duas do princípio da Nacionalidade, de que não restam os mínimos vestígios?

E aqui, em toda a zona castreja, não teria mesmo sido edificada alguma, engolida pela voragem dos tempos?

Custa a crer que, na Reconquista, todo este montado tivesse ficado assim despido de Ermidas votivas. Mas nada resta, afinal.

A mais próxima das faldas do Monte da Nó é a dedicada ao Príncipe dos Apóstolos.

Lá está, simples, com o seu corpo e pequeno alpendre seguro por duas colunas quadrangulares. O local chama-se de S. Pedro, também.

Mas embora ali impere a simplicidade e pequenez, que só a valorizam por mais pura se ter mantido, conta com o zelo e o carinho dos seus devotos vizinhos que chegam a tomar como acréscimo aos apelidos o de S. Pedro, por àquele lugar pertencerem.



Junto à Estrada Nacional está uma Capela dedicada a S. Sebastião, em que se costuma festejar o Patrono no mês de Agosto de cada ano.

Também muito simples e dá a impressão de ter sido aumentada no tamanho.



A Capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes está implantada a meia encosta do Monte de S. Simão. É pertença da Casa de Valinhas.

Trata-se de um templo bem construído, com bem trabalhada frontaria de cornija e cunhais em cantaria saliente e interior cuidadosamente tratado. Tem também festa anual em Agosto de cujo programa fazem parte concorrida Procissão de velas e feira de gado, muito apreciada pela população.



Mais acima, mesmo no píncaro desta pedregosa elevação, lá está uma Capelinha a luzir de branco, que se avista de longe, como pirlampo na escuridão da noite!

Colada ao rochoso solo, esta Capelinha prima pela rusticidade e primitivismo, sem quaisquer atavios que não seja a cal branquinha a vestir-lhe aquela túnica de alvura como merece, pela preservação da sua virgínea candura.

É seu Patrono S. Simão, que os devotos invocam como advogado-protector dos temporais e tremores de terra.

Nota-se que teve um aumento para o Poente, mas com o mesmo tipo de conservação do tosco de nascença.

Da sua antiguidade falam a cruz da parte traseira e o tipo de construção.

O adro tem ainda reminiscências dos alicerces da parede que a delimitou do restante montado, antigo castro ainda sem explorar.



Chamam Capela a uma dependência da Quinta do Vinhal, voltada ao largo fronteiro à Igreja e presentemente transformada em moagem. Trata-se, no entanto, de um anexo que, muito embora em tempos idos desempenhasse tal função, mais não tinha do que um oratório de pedra lavrada inserida na parede, para a celebração, como em várias casas, sobretudo aquelas que foram habitadas por sacerdotes, de que se encontram vários espécimes por este Vale.

## **Concelho de Barcelos**

### FREGUESIAS:

IGREJA NOVA  
ALHEIRA  
PANQUE  
COSSOURADO  
BALUGÃES  
ABORIM  
QUINTIÃES  
AGUIAR  
DURRÃES  
TREGOSA  
FRAGOSO  
ALDREU  
PALME



## IGREJA NOVA

### ORAGO: SANTA MARIA

Nesta freguesia há apenas uma Capela: é dedicada a Santa Justa, no lugar de Paredes e a sua festa anual tem lugar no primeiro ou segundo domingo de Agosto, com muita concorrência sobretudo de emigrantes.

## ALHEIRA

### ORAGO: SANTA MARINHA

Encravada entre as de Panque e Igreja Nova, Alheira vem espalhar-se ao Neiva mas tem a maior parte do solo na vertente do Tamel e pertence à bacia hidrográfica do Cávado.

O facto de se estender até à Ponte de Anhel fá-la também do nosso Vale sem favor, e, assim, pertence-lhe por direito figurar entre as nossas terras ribeirinhas. Mas não tem capelas no Vale.

O solo é de topografia pouco uniforme, o que faz com que, entre a margem e a divisória das vertentes medeiem apenas escassas centenas de metros. Diferente, ia a dizer, entre as restantes freguesias que marginam com o Rio.

As Capelas desta freguesia foram mencionadas nas Memórias Paroquiais desta forma: «foram antigamente quatro freguesias, hoje unidas todas a esta, convém a saber: a de S. Pedro Fins, situada nas faldas do Monte Lousado, onde se vêem ainda hoje vestígios da mesma Igreja; outra, a de Santiago de Regoufe, onde ainda existe uma Capela, mas já profanada sem telhado nem portas, metida entre uns campos, no mesmo sítio de Regoufe; outra a Capela de S. Lourenço, situada no mesmo Monte chamado S. Lourenço, ainda se diz Missa nela e no dia do mesmo Santo se faz festa com Missa cantada e sermão.»

Na relação dos lugares da paróquia, dizia o mesmo Abade autor das linhas transcritas: «o do Pinheiro, onde está a Capela de Nossa Senhora do Rosário».

O monte de S. Lourenço continua com uma Capela que lhe é dedicada, sendo local de grande festejo anual à volta do 10 de Agosto e de vários ajuntamentos de pessoas, por ser local convidativo a passar umas horas em excelente convívio. Ali se costumam juntar anualmente os caçadores de Barcelos.

Embora, como acima digo, Alheira tenha as suas Capelas fora da zona do Neiva, aqui deixo este pequeno apontamento, sobretudo para que se não possa dizer que uma só freguesia do nosso Vale foi esquecida.

## PANQUE

### ORAGO: SANTA EULÁLIA

Panque e Mondim são povoações que se podiam dizer distintas, congregadas numa só paróquia: aqui, a Igreja procura unir aquilo que o Rio separou...

A actual Igreja-mãe é de arranjo recente. Uma antiga caiu, apenas se conservando algumas ruínas, entre as quais um arco em pedra que ainda não perdeu o equilíbrio.

A actual Igreja é das poucas com a torre construída atrás da Capela-mor.

Existe uma Capela que tem a função de jazigo e está implantada no adro da Igreja paroquial. É em cimento e está bem conservada.

Dentro, um caixão com tampa de vidro a guardar os despojos mortais do Santo Cego de Panque.

Vê-se perfeitamente um cadáver que não entrou em decomposição aparente. E o povo, este Povo ribeirinho para quem a crença representa um baluarte defensivo e inexpugnável, encarregou-se de aureolar com odor de santidade um invisual de que se falou há muito e a quem atribuiu o cadáver colocado na Capela para tal fim construída.

É um de vários casos conhecidos sempre que um corpo incorrupto aparece, quer em antigo cemitério à volta das igrejas, quer dentro delas ou nos que foram construídos mais tarde, e as pessoas atribuem o estado de conservação do cadáver a virtudes que foram premiadas depois da vida.

Diz-nos o Pároco que não há identificação completa ou definitiva deste cadáver. Mas os crentes pedem a sua intercessão e as benesses que recebem estão bem patentes nas ofertas em cera moldada apenas à parede e, para as pessoas em redor e até de bem longe, o caixão ali «entronizado» contém as cinzas do «Santo Ceguinho» que opera milagres por intercessão do Altíssimo àqueles que merecem ser atendidos e Panque orgulha-se de ser a terra em que viveu e morreu este eleito do Senhor.

Dizem-nos existirem ruínas de uma antiga Capela de que se desconhece o Patrono.

Nota curiosa: contaram-me que em Mondim existiu Igreja paroquial própria. Mas caiu e as imagens dos Santos foram entronizadas na de Panque, mas na parte da Igreja que fica do lado de Mondim. E ainda hoje, na assistência à Missa e outros actos do culto, os habitantes de Panque ocupam metade da Igreja e os de Mondim a meia do seu lado, em que têm os seus Santos.

Amigos, amigos... mas lugares à parte.



No lugar de Meeiros, mesmo junto à Estrada Nacional e Ponte de Anhel, descendo-se por um caminho à direita, antes de entrar na dita ponte e do lado jusante do Rio, encontra-se logo uma Capela com a frente voltada ao caminho que serve de mausoléu aos seus proprietários, dedicada a Santa Ana, muito bem tratada e de certa beleza, apesar de simples. Segundo informação local, pertence actualmente a uma sobrinha de D. Sofia Torres de Albuquerque Miranda.

## COSSOURADO

### ORAGO: S. TIAGO

Em 25 de Maio de 1758 dizia o Reitor desta freguesia em resposta ao inquérito feito às paróquias: «Há no distrito desta freguesia cinco Capelas». E continuava:

«A de Nossa Senhora da Cadavosa que foi antigamente Paroquial Abadia com título de Santa Maria da Cadavosa: e por tradição se conta que um Abade dela outros dizem que um ermitão no tempo da invasão dos Mouros fugiu levando a imagem da Virgem Santíssima e se ocultara nos montes de Bouro para as partes do Gerez onde falecera fazendo vida eremítica ficando a devotíssima Imagem naquelas brenhas, onde depois fora descoberta por disposição do Céu e fazendo muitos milagres se lhe edificou um sumptuoso templo onde se venera com o título de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Abadia e é uma das mais célebres romarias deste Reino, e são seus administradores os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro os quais são direitos Senhores de um prazo junto a mesma Capela cujas terras eram passal dos Abades daquela Igreja de Santa Maria da Cadavosa e dentro duma tapada do tal prazo junto à Capela estão os vestígios das casas da Residência do dito Abbe. e os pessueiros do dito prazo são administradores da capela.»

Mencionava, depois, a de Santa Ana no lugar de Grimancinhos, a de S. Simão junto ao Cruzeiro Paroquial, transferida do Monte de S. Simão «onde antigamente estivera e nesse monte ficou uma cruz de pedra que o tempo destruiu ficando a haste e pedestal sobre uns penedos e há poucos anos se reformou outra cruz sobre outro penedo por traz daquela, o qual penedo dizem servia de firmar o altar do Sto. e ali tem devoção os moradores desta freguesia ir com clamores pedir ao Santo o tempo de que necessitam de chuva ou sol, e conseguem maravilhosos feitos.»

A de Santa Ana junto ao Lugar de Grimancinhos, tem de ficar anotada com aquelas que a voragem do tempo levou: já não existe (1).

Venera-se, porém, a Imagem da Mãe de Nossa Senhora na de S. Simão, que deve ter vindo transferida na data do abandono da sua antiga Ermidinha.

A de Nossa Senhora da Cadavosa lá continua, talvez sem nada daquilo que foi o antigo templo, mas renovado, reconstruído, aumentado. De antanho, desses tempos longínquos de que fala o Padre Luís da Costa Teixeira, apenas resta o sítio, a invocação, o canto doce das águas do Neiva a cair da levada que ali tem ao pé, num dos seus sítios mais belos, poéticos, contemplativos!

Mas vamos andar mais um pouco em Cossourado, levados pela mão deste seu antigo Reitor:

«Há mais a capela de Nossa Senhora do Crasto sita em Gandra do Crasto com a imagem da Senhora da Conceição.»

Pois esta, mudou de poiso.

Existe, todavia, só que mais aconchegada do que antigamente.

Era esta Capelinha pertença de João Luís e sua mulher Maria Luiza, moradores na freguesia de Balugães e de Manuel António Pereira casado com Maria José de Castro, do lugar de Levandeiras da freguesia de Cossourado.

E estes jem 1 de Março de 1837 e aqueles em 22 do mesmo mês venderam, ao Padre Bernardo António da Rosa, natural de Quintiães, o direito que à mesma tinham. Direito e «domínio».

E é interessante que estes últimos diziam, no acto da venda, qual era o fim da transacção: «para que ele possa reedificar e compor como sua».

Ao declararem o fim da reedificação ou de a compor, acrescentavam os primeiros ainda «para ele a compor e conservar visto a ter dotado por escritura e estar edificada em terreno seu».

Pois em 1850 o mesmo Pe. Bernardo reedificou-a, mas na sua Quinta da Gândara. Recentemente, o Padre António da Costa Rosa empreendeu ali obras de restauro, o que a impôs modelarmente a todas as existentes no Vale do Neiva, pela forma como orientou os trabalhos, sobretudo no interior.

Pena que tão poucos anos ali celebrasse e não tivesse levado ao fim o que ainda tinha projectado, pois um brutal desastre de viação roubou-lhe a vida em 9 de Outubro de 1980.

Mas Cossourado tem ainda a Capela de Santa Marta, junto à Quinta do mesmo nome.

---

(1) Ainda presentemente se chama Casa de Santa Ana à que está implantada nas imediações do local onde existiu a Capela.

Oiçamos o Padre Luís da Costa Teixeira: «Os possuidores da Quinta se apossaram desta Capela».

Quer isto dizer, que algum dia terá sido pública e não particular. Termina o antigo Reitor assim:

«E todas estas Capelas ou Ermidas têm imagens de vulto de suas invocações somente a de S.ta Maria da Cadavosa a tem pintada em um quadro e não lembra aos presentes houvesse outra de vulto, o que ajuda a confirmar o que acima refiro de levarem a imagem por não ser ultrajada dos Mouros.»

Há, ainda, na Quinta do Souto, a Capela do Bom Jesus da Harmonia, que não foi relacionada no documento consultado e de que se fizeram várias alusões, pois verifica-se que foi construída depois daquela data — 1758.

Encontra-se presentemente em obras de restauro.

Talvez tivesse abusado nas transcrições feitas, por ser maior o texto copiado do que o de minha lavra.

Há uma grande razão: ao consultar o Dicionário Geográfico em relação a muitas freguesias das Terras de Neiva, nenhum pároco em 1758 respondeu aos quesitos com a desenvoltura do de Cossourado. São quinze páginas de texto. E, muito embora se não possa tomar à letra muito daquilo que ali está exarado, o certo é que prestou um contributo inestimável para a história deste Vale e, sobretudo, um fiel retrato histórico da época em que foi escrito.

Uma referência especial à Igreja de Cossourado, de riquíssima arcaria na nave e talha de apreciável beleza. E não falarei desta Igreja pela pena do seu antigo Reitor de 1758 porque, noutro local deste livro, será esse transcrito na totalidade, como bem merece.

## BALUGÃES

### ORAGO: S. MARTINHO

São várias as Capelas de Balugães. Não muitas, mas belíssimas.

Logo no cruzamento de estradas que fica no coração da freguesia e faz com que o seu nome seja conhecido de quanto condutor ali passa, existe uma dedicada a S. Bento, anualmente festejado ali e de que infelizmente pouco terreno deixaram em adro, após zeloso aproveitamento para jardim de sumptuoso palácio implantado ali junto.

Pois a tão simples e modesta Capelinha de S. Bento, depois de ter passado sabe-se lá por quantos acréscimos, continua a ser uma jóia a alindar este local de cruzamento de estradas. No contraste entre o grande e o pequeno, entre a majestade e a simplicidade, ela triunfa, tal como a violeta rasteira nascida na beira do caminho ao pé de árvore gigantesca!

Tem várias datas inscritas. Mas nenhuma nos contenta.

A sua idade não está ali registada.

No interior tem um bem trabalhado arco que ali deve ter sido colocado em alguma das alterações que sofreu e de certo não foi trabalhado para ali, mas é de impressionante beleza e único em toda a Ribeira-Neiva no estilo e primor de feitura em que se congregam a arte e o gosto.

Bom aspecto exterior.

Tem esta freguesia um belo templo românico que é a antiga Igreja paroquial e desde há anos ali se não exerce o culto, por em centro de paróquia e Igreja - mãe se ter transformado o Templo de Nossa Senhora Aparecida.

Apesar das alterações sofridas, o que ainda lhe resta de original é suficiente para que uma melhor medida de conservação possa ser devotada no futuro, pois, pobres como somos em remanescentes deste tipo, pecado sem perdão seria desprezar aquilo que ainda nos resta.

Junto ao Templo de Nossa Senhora Aparecida e no largo ou terreiro, lá está a Capelinha do João Mudo, em duas secções, uma das quais é a primitivamente construída por seu pai, após a aparição de Nossa Senhora.

A parte mais pequena está sobre um penedo e tem uma apertada passagem transversal onde, segundo a lenda, só podem passar pessoas que não estejam em pecado, pois de contrário podem morrer...

Este penedo é o da aparição ou o local exacto da primeira aparição mariana em Portugal.

Ali está sepultado o vidente João Mudo.

No limite com Carvoeiro, existiu a Ermida de S. Mamede, referida na Carta de Couto de Carvoeiro outorgada pelo Príncipe Afonso Henriques em 1129, de que resta somente prova documental.

E como a de S. Mamede, quantas ermidinhas se foram, levadas pelo vento do desleixo e complacência de quem ao longo dos anos não soube preservá-las nem respeitar os votos com que, certamente, foram levantadas para honra e glória da Igreja, através da devoção aos Santos que invocavam como mediadores junto do Altíssimo!

## ABORIM

### ORAGO: S. MARTINHO

A Igreja paroquial desta freguesia será em breve substituída como centro de celebrações no âmbito paroquial por novo e moderníssimo templo que está a ser construído junto à estação do caminho de ferro de Tamel.

Passará, assim, num futuro muito próximo, a constituir uma Capela da paróquia.

É de pequeno tamanho, para a actual função, de contrário não se justificaria a nova. Mas será valiosa peça de estima no futuro, tem mesmo muita beleza, dentro das suas proporções e do seu estilo e fábrica, podendo mesmo rivalizar com muitas das que continuam em funções de Igreja-mãe paroquial.

Não fica mencionada aqui a Capela da Quinta do Paço ou dos Fidalgos de Aborim, pois esta sempre esteve mais ligada a Quintiães em cuja freguesia está parte desta quinta...

Mesmo no início da freguesia a Nordeste e junto à Estrada Nacional no sítio da derivação de acesso a Aguiar e Quintiães, está a Capela da Senhora da Lapa que é de culto público e tem festa anual.

O local tomou o nome da Patrona — Senhora da Lapa.

Nesta freguesia e no sítio do Alto do Tamel, encontra-se a Quinta de Celeirô, em sítio recolhido, que tem uma belíssima casa senhorial e, na mata, imponente Capela dedicada ao Senhor dos Passos.

Não tem muitas que se lhe assemelhem, nesta Vale, no requinte de construção, em cujo interior pode ser admirado riquíssimo tecto granítico com arco de volta inteira ou semi-círculo.

É pena encontrar-se em tão recolhido sítio e ser tão pouco conhecida.

## QUINTIÃES

### ORAGO: NOSSA SENHORA DO Ó

São várias as Capelas que possui a paróquia de Quintiães e diversos os locais da sua implantação. A variedade sobretudo contrasta pela diferença desses locais, que vão desde a planura da veiga de S. Sebastião ao alto de Santa Marinha, passando pelo penhasco pedregoso e agreste de S. Frutuoso, ali no lugar de Fate.

Ora comecemos o nosso passeio por esta terra de contrastes e um tanto accidentada, mas onde não é difícil caminhar, pois arruados abertos nos últimos anos dão-nos a certeza de que alguma coisa está a impul-

sioná-la para sair do marasmo sonolento em que tem vivido no último centenar.

Foi terra com certa projecção no passado, já que aqui foi construído o Paço dos fidalgos de Aborim e em vários sítios deparamos com casas assolaradas e entradas brasonadas e encimadas de merlões que não foram ali colocados à pressa mas atestam a vetustez dos anos por que passaram, sem poiso que não seja aquele.

A Igreja paroquial é riquíssima e digna de estudo atento, quer pelo edifício em si, quer pela bela talha dos altares — alguma raríssima pela época que define o seu estilo — quer pela estatuária e mais objectos de culto.

Tem aqui o único espécime gótico de capelas de toda a Ribeira-Neiva, a qual está voltada ao interior da Igreja e é de beleza que impressiona quem pela primeira vez a visita. Verifica-se que, em arranjo que a Igreja teve ou quando da sua construção, esta Capela deve ter sido aproveitada e o arranjo foi realmente feliz; a arcaria interior, em arco redondo, sofre uma alteração naquela que insere a frontaria da Capela, em ogiva e que, sem lhe retirar o mínimo em beleza, desperta quem pela primeira vez ali entra para a preciosidade que tem, incrustada no seu conjunto <sup>(1)</sup>.

Dizem ter sido a Capela dos Barbosas — fidalgos de Aborim — e não custa a crer a sua íntima ligação a tudo quanto fosse Igreja de Quintiães, pois os leões das suas armas estão esculpidos na base do cruzeiro paroquial. E o seu poderio ia ao ponto de serem directos senhores do passal de Aguiar em cuja Igreja paroquial tiveram sepultura tumular.

O Solar, bem perto da Igreja, um dos poucos existentes neste Vale de tipo acastelado e com raízes no Portugal medievo, é dos que não foram felizes com os donos a partir da abolição dos morgadios, já que está votado ao abandono e num país em que os monumentos chegam ao desmantelamento total com impressionante inconsciência. Porque imóveis como este, deviam estar acautelados quer pelos donos, quer pelas autoridades, a quem, pelo mínimo, se deveria exigir que velassem pelo património artístico, histórico e cultural, para servirem de marcos comprovativos, nos anos vindouros, das nossas passadas históricas e a história se possa continuar a fazer, com estes testemunhos graníticos, em que estão retratados os tempos de muitos séculos.

Mas lá está, o pobre solar, abandonado, a desmoronar-se pedra a pedra, fazendo lembrar os velinhos a quem os dentes vão caindo, hoje um, outro amanhã, até ficarem com as gengivas apenas!

---

<sup>(1)</sup> Embora em gótico-manuelino, tem algo nela que nos faz recordá-la ao ver a Capela-mor do Convento de Palme.

Que tristeza!

Mas vamo-nos às Capelas!

Também aqui está uma. Mais nova que o Solar algumas centenas de anos, está abandonada e sem condições ao exercício do culto. Ninguém nos soube dizer qual terá sido o seu Patrono.

Logo acima, na Casa dos Novais Machado, outra — a mais recente de Quintiães — dedicada a Nossa Senhora de La Salette, mesmo junto ao caminho e voltada ao terreiro do solar. Na frontaria, a data de 1860. Está bem cuidada. É pertença do Embaixador Dr. António Novais Machado.

Mais adiante, e na Quinta de Faria, com entrada de beleza raramente conseguida em que sobressaem, à esquerda, um portal em pedra lavrada com arco de volta inteira e, à direita, a Capela em pedra de rica esquadria, e, em escultura perfeita, bem burilada pedra de armas, deparamos com a que presentemente é dedicada ao Coração de Jesus, embora, segundo nos diz o antigo Reitor de Quintiães, Miguel da Silva Coutinho, em Abril de 1758, essa Capela da Quinta de Faria tivesse a invocação de Santo Tomás e fosse pertença de Francisco Pereira de Abreu. Depois de ter passado por várias possuidores entre os quais o professor do Seminário de Braga Padre Cândido da Silva, actualmente pertence a Joaquim Alves Araújo, que a adquiriu por compra.

Subindo em direcção ao Monte, lá está esse templo de grandes proporções — grandes, sobretudo, em comparação com as Capelas da paróquia — que é dedicado a Santa Marinha e em que se realizam festejos — os maiores de Quintiães — todos os anos, no domingo mais próximo do dia 18 de Julho. Tem adro espaçoso e cruzeiro e dali se alberga rasgado panorama sobre grande parte desta bacia hidrográfica até ao fim do Vale formado pelo Nevoinho.

Mas desçamos.

Sigamos em direcção à Casa da Cabana.

Ali temos a Capela de Nossa Senhora da Ajuda, com a frente voltada ao acesso do caminho. É um desconsolo!

A talha desapareceu, por ter sido vendida, há poucos anos, não se celebram ali actos de culto e os habitantes da aldeia sentem-se condoídos com isso. O templo é dedicado a Nossa Senhora da Ajuda, que aqui tem muitos devotos. A Sua ajuda era implorada por tanta gente, nas horas difíceis da vida, e, agora... criou-se um vazio, uma saudade, uma certa amargura em cada pessoa que conheceu esta Capela nos tempos do Senhor Antoninho da Cabana!

Enfim, tenhamos ao menos a esperança de que, dentro em breve, possa voltar aos tempos de três décadas atrás.

Prossigamos. Ficou-nos a de S. Frutuoso.

É no lugar de Fate.

Ali se realiza festa anual, que consiste em serviço religioso e pequeno arraial, sobretudo num convívio paroquial a que se associam pessoas de Aborim e Aguiar, e costuma ter lugar no mês de Outubro.

Mais abaixo, na Agra, que tem o seu nome, lá temos a Capelinha a S. Sebastião, pública como as de Santa Marinha e S. Frutuoso; está bem estimada e em cada ano, no domingo mais próximo do dia 20 de Janeiro, ali vai um clamor, com saída da Igreja-mãe.

Foi longo este passeio. Longo, porque percorremos a freguesia de lés-a-lés. Mas foi agradável e deixou-nos a vontade de o repetir mais vezes. Agradável, também, a companhia que nos fez o Pároco da freguesia.

Do Reverendo Reis Maia registo com gosto a paixão por tudo que represente património cultural da sua paróquia; conhece perfeitamente a situação e o estado de cada Capela, assim como a invocação patronal. Vê-se que é Pároco da sua própria paróquia e vive com certa intensidade o seu officio.

Aqui não foi preciso perguntar a estranhos aquilo que do Pároco se devia ouvir.

Assim, sim!

## AGUIAR

### *ORAGO: SANTA LUCRÉCIA*

São duas as Capelas públicas desta freguesia: uma junto à Igreja paroquial e dedicada a Santo António, que deve ter começado por pequena ermida e depois ampliada, outra junto a Pousada, mesmo ao pé da via de acesso a Quintiães e Aborim, dedicada a S. Sebastião.

A primeira, que denota ser antiga, embora com acréscimos, tem parte do alicerce assente sobre granito e um belo alpendre com púlpito em pedra, arredondado, em forma de taça. À volta, uma banquetta em pedra, encostada ao parapeito de pedra lateral, apenas interrompido na frontaria e entrada.

Ali foram, em passados anos, romeiros de freguesias vizinhas, como era costume local.

Cada freguesia tinha as suas obrigações de romagens penitenciais, para implorar o sol e a chuva, nas épocas em que a sua carência mais se fazia sentir, e, ainda, para que os Santos intercedessem junto do Senhor a fim de afugentar as pragas dos campos, sobretudo a eiva, que em alguns anos comprometia as colheitas do milho, base essencial da alimentação das nossas gentes. Em 1758, dizia o Abade de Aguiar, Domingos Vaz, que «em dia de S. Braz a 3 de Fevereiro vem a este Santo de romaria



as freguesias de Santa Maria de Quintiães e a de Santiago de Cossourado com cruces e guiões e dão trez voltas em redor da Igreja se recolhe dentro cantando a ladaíña dos Santos.»

Quanto à Capela em honra de S. Sebastião, dizia o mesmo antigo Pároco que «a capela de S. Sebastião no lugar de Pousada, seu fabriquero é Caetano Rodrigues», donde se infere que a mesma era particular, tendo, com o andar dos tempos, como a muitas aconteceu, passado à paróquia, embora, com muitas outras, acontecesse precisamente o contrário, como ainda recentemente esteve prestes a acontecer à da Senhora da Cadavosa de Cossourado, por dela se querer apossar um arrebanhador dali, só disso sendo impedido pelo muito bairrismo das pessoas daquela aldeia que moveram dura barreira ao intruso aventureiro.

Há poucos anos, construiu no interior do seu quintal uma Capela em cimento e dedicada à Sagrada Família o que durante muitos anos foi Pároco de Aguiar Padre José Narciso Torres dos Reis, onde ainda nesta data, quase diariamente, celebra a Eucaristia.

A Igreja-mãe de Aguiar é de construção interessante, em pedra quadrangular e tem ao longo dos tempos sofrido incontestáveis modificações, como facilmente se nota nas paredes. Ali teve o seu túmulo, tipo carneiro, a Casa de Aborim ou dos Fidalgos do Paço.

*Nota* — Era costume, quando saía o Senhor aos Enfermos em Quintiães e Aguiar, tocarem os sinos nas duas freguesias. Ao ouvir-se o campanário de uma, logo na outra se faziam soar. Acabou com a permanência do Padre Torres dos Reis à frente da paróquia de Aguiar.

## DURRÃES

### ORAGO: S. LOURENÇO

Há, nesta freguesia, uma Capela apenas de culto público com pertença e administração da paróquia.

É a de S. Miguel-O-Anjo, sita no lugar de Castelos, da parte do Fojo de Cima.

Trata-se de uma reconstrução com aproveitamento das ruínas que existiam da antiga Capela da mesma invocação e foi abandonada há mais de cem anos, não se sabe como nem porquê.

Através das pessoas nascidas entre 1870 e 1880 ouvia-se que os seus pais contavam assim: «estando a capelinha a precisar de obras porque ameaçava ruir, um dia se trouxe a imagem do Arcanjo em procissão para a igreja paroquial e se votou a Capela ao abandono».

Talvez não fosse bem só por isso.

O abandono pode ter-se dado por alturas do decreto do matafrades, porque a maré era propícia ao abandono dos templos. As casas de religiosos foram assaltadas, os seus haveres dizimados, os imóveis arrematados em praça pública. Em Durrães estava estampado o que aconteceu em Carvoeiro com o Convento Beneditino a que a freguesia estava ligada porque fazia parte do Couto, administrado pelo Convento. Não havia segurança dos bens pertencentes à Igreja. Parte do Passal da paróquia tinha sido arrematado. Quem podia ter a segurança de que o não seriam as igrejas e capelas? Algumas, foram-no!

E uma coisa era certa: a usurpação de bens da Igreja era um precedente para os nossos avoengos dessa época.

E eu pergunto se no receio de as verem de um dia para o outro arrematar em público não levou os nossos antepassados a votarem ao abandono as depauperadas Capelas de Durrães, em vez de fazerem um esforço sobrehumano para um arranjo de conservação <sup>(1)</sup>.

Pois a capela foi-se deteriorando, de ano para ano. As paredes iam-se desfazendo, desmoronando, o adro ia sendo absorvido pela vizinhança, as pedras mais trabalhadas eram aplicadas em obras... Até a pia de água benta teve o seu ofício de aguadeiro de galináceos e não só.

Veio o ano de 1971. O jornalzinho da paróquia — «Lírio do Neiva» — trouxe uma chamada à ordem para as pessoas que iam passando, indiferentes perante as pedras que foram o modesto solar de S. Miguel-O-Anjo. E estas despertaram. Ouviu-se um grito, saído de cada habitante da aldeia, grito unânime, decisivo, de consequência irreversível: vamos reedificá-la!

E assim foi. Naquele ano, em 29 de Setembro, as ruínas foram iluminadas com velinhas que arderam quase toda a noite sobre as suas paredes em descabro. No ano seguinte, no mesmo dia, duas dúzias de foguetes disseram àquelas ruínas que acordassem porque terminou a hora do sono e era tempo de despertarem. Consultada a população sobre se deveriam ser respeitadas aquelas ruínas, com o acréscimo de um alpendre, ou fazer nova edificação para o Arcanjo, por unanimidade foi dada adopção ao primeiro projecto. Os vizinhos prontificaram-se a dar terreno para alargar o adro. As ofertas começavam a chegar ao Pároco. A obra estavam em marcha.

Foi em 30 de Setembro de 1978: no fim da Missa do dia, formou-se uma procissão com as Irmandades, Cruzada Eucarística, Acção Católica, e, num artístico andor, lá seguia a valiosa e belíssima estátua do

---

<sup>(1)</sup> Não teria sido em cumprimento duma determinação das Ordenações do Arcebispado, que o abandono se deu, já que o restauro não era de encarar, em virtude do mau cariz político da época pós-liberal?

Arcanjo que ostenta numa das mãos a balança de pesar as almas e noutra a lança espetada no anjo-mau em figura de dragão cuja cabeça pisa com um dos pés.

De tarde teve lugar a festa das colheitas, que foi instituída na freguesia, com a volta de S. Miguel-O-Anjo ao seu refeito solar, benzido durante a cerimónia de entronização.

Nesta reedificação teve papel preponderante e decisivo a orientação do incansável Pároco, Padre José Martins Mendes.

A Quinta Novais Leite ou Quinta da Igreja possui duas Capelas, uma inscrita na casa apalaçada que serve de habitação à sobrinha do falecido Conselheiro Amorim Leite, e outra no cemitério destinada a mausoléu dos familiares desta casa, em que está sepultado o antigo pároco da freguesia durante cerca de quarenta e dois anos — Padre José Esteves, falecido em 25/10/41. Ambas são dedicadas a Nossa Senhora da Conceição (1).

Houve, em tempos, no Monte de Santo António, uma Capela da sua invocação, destruída cerca da época da de S. Miguel.

Porém, o terreno em que assentava foi, mais tarde, murado e usurpado pelo pai do P.<sup>o</sup> Luís Faria, de Capareiros, de quem este foi herdeiro e deixou em testamento à Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo.

Em virtude de o terreno ficar no interior da tapada, terem usado a pedra nos muros, ter sido completa a sua destruição e passado à posse daquela Santa Casa, ninguém pensou sequer numa reedificação.

Pelas Inquirições feitas às Paróquias em 1758, se sabe que, nessa data, estavam, tanto a Capela de S. Miguel como esta de Santo António, abertas ao culto e que, no seu dia, «aqui vinham romeiros de Carvoeiro e Fragoso».

Ainda, nas paredes da bouça tapada em cujo chão a Capela assentou, se reconhecem perfeitamente muitas das suas pedras, assim como o sítio exacto dos alicerces e parte do terreno que constituía o adro, que continua aplanado, no meio do acentuado declive do terreno em volta.

---

(1) A da casa residencial é constituída por dependência transformada em Capela e não por imóvel construído para tal função.

## TREGOSA

### ORAGO: SANTA MARIA

Possui esta freguesia uma das Capelas mais originais de toda a vasta Ribeira. Está na Quinta da Torre e é dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora.

Além de original, trata-se de uma Capela com certa imponência e de ares senhoriais e instalada em poético e romântico recanto, bem arborizado e pacato.

Nota-se-lhe sem dificuldade arranjo de melhoramento e restauro, que, embora feito a gosto, só não teve a sorte de mão hábil no manuseio e recolocação das pedras, algumas das quais se podem considerar «profanadas» pelo exímio «artista» que «melhorou» a legenda do frontispício, estragando-a irremediavelmente! Apesar disso, a data não deixa dúvidas: é do século XVI.

Deve ter nascido com um estilo românico mais acentuado, que se foi aconchegando à «moda» com o andar dos tempos e é das poucas Capelas desta zona que merecem estudo mais profundo, feito por pessoa erudita.

O púlpito, trabalhado em relevo e suspenso por figura humana, é do que se pode considerar joia raríssima e única em todo o Vale, apesar de mutilações e emplastos a cimento que o desfeiam.

O pórtico é em arco, com uma ou outra aduela estalada e a parede frontal com pedra de armas é encimada de merlões com sineira ao centro, dando a este maravilhoso templo um ar de nobreza que lhe ficou dos antigos senhores da Quinta, parte da qual está na antiga e desaparecida freguesia de Cardos ou Cardoso.

De realçar um oratório junto daquele recinto, conhecido por Santo António do Penedo (ou da Peneda), sobreposto sobre a dureza de imóvel rebolo granítico, muito da devoção das freguesias vizinhas, que ali acorrem a pagar em azeite, dinheiro e cera os favores do Santo protector nas doenças dos animais domésticos.



Adiante, junto à Quinta de S. José, temos a Capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Calvário com humilde Capelinha ao cimo de monumental escadório.

A Capela em si é de simplicidade contrastante com a grandeza da obra em ascensão que até lá nos conduz.

Mas que belo panorama nos aparece dali!

Como é belo o horizonte largo sobre uma parte da Ribeira-Neiva, a partir de Barroelas, horizonte que se estende e em que se vêem como que pequenas cidadelas em aglomerados circundados por terras deser-

tas, e arvoredos verdinhos, com a via férrea e a estrada e mesmo o Neiva lá em baixo, todos eles em direcções diferentes mas deixando as marcas da passagem, ora recta ora a serpentear, todos a embelezar a paisagem mas cada um a seu modo no seguimento dos diferentes caminhos!

Inesquecível vivência, a da curta passagem pela Senhora do Calvário!

Grandes festejos costumam ter lugar no mês de Agosto.



Mais adiante, antes de atingirmos a Igreja-mãe, teremos outra Capela, em honra de S. João.

Costuma ser anualmente festejado em dia próximo do 24 de Junho.

A construção é bastante sólida e compõe-se do corpo da Capela e alpendre, com púlpito em pedra, quadrangular.

De vez em quando, insere-se no festejo a representação dum Auto — o dos Arautos do S. João de Tregosa — comédia hilariante que reúne um monumento de remanescentes da cultura medievo-renascentista aqui da Ribeira-Neiva, na sua parte central.

Os Arautos de S. João de Tregosa não são uma cópia deste ou daquele Auto, que se represente aqui ou ali: são peça teatral única, feita para representação ao ar livre e com os quadros preparados para tal. Retrata muita da realidade do meio — esse meio com problemas morais, religiosos ou sociológicos — que era apresentada ao público precisamente numa festa divertida, numa festa popular em que os problemas podiam ser postos sem o ortodoxismo obrigatório das longínquas épocas!

Há ali, toda a fenomenologia das pessoas possuídas duma vivência austera que aproveitavam os dias de liberdade consentida para vingar, em diversão, o pesadelo da austeridade a que os costumes geralmente sujeitavam.

Na contra-dança apresentada no decorrer da representação, ou melhor, que serve de fecho a esta representação, há um mundo de beleza féérica e ondulante, de imaginação e de leveza, de harmonia, de sonho, de graciosidade!

Quantas escolas de bailado teriam naquela contra-dança um tema de recolha para esmerar, cultivar e divulgar, como tesouro que ainda se não perdeu e é genuinamente nosso, sem requerer raízes subtraídas a solos que ficam fora das nossas fronteiras!

Assista, quem duvidar.

Mas assista reflectidamente, atentamente, vendo e sentindo, colocando sempre o coração perto dos olhos e chegará à conclusão de que

tesouros sem preço andam guardados pela gente das nossas aldeias, e ninguém se importa de lhes fazer recolha para divulgação e melhor conhecimento do país que somos!



Ainda na Quinta de S. José e a caminho da que é dedicada à Senhora do Calvário, há uma do patronato do pai adoptivo de Jesus e casto esposo de Nossa Senhora.

É interessante, em pedra e de boa esquadria saliente.

Da Capela, na invocação de S. José, deve ter nascido o nome por que é conhecida aquela mansão de sonho em que está inserida.

Como na maioria das casas particulares com Capela, também na na de S. José houve um Padre, em tempos não muito remotos.

## FRAGOSO

*ORAGO: S. PEDRO*

Pode considerar-se como paroquial e de administração da Fábrica da Igreja apenas a Capela de S. Vicente, sita na encosta do Monte deste nome.

Foi durante certo tempo a igreja paroquial de Fragoso, pois já em 31 de Dezembro de 1127 o Príncipe D. Afonso Henriques lhe concedeu um Couto, com os actuais limites da freguesia.

Mais tarde, em 1339, o Rei D. Dinis constituiu este Couto em Padroado de seu físico Mestre Martinho, cônego das Sés de Braga e de Lisboa e colocou este Couto sob a jurisdição da igreja de Abade do Neiva, o que, mais tarde, deu lugar a litígios, por os beneficiários de Abade do Neiva não confiarem na lisura das contas apresentadas pelos Párcos de Fragoso. Tal era o resultado de Padroados e Comendas em que se constituíam os bens da Igreja, cujos passais estavam sujeitos a nomeações de benefícios concedidos pelos Reis, em paga de serviços que lhes prestavam os vassalos e foram cancos que se mantiveram durante séculos nas nossas aldeias, pelos excessos do «zelo» com que avidamente os padroeiros e comendadores sugavam os réditos que só à igreja local deviam, por direito, pertencer. Enfim, coisas do passado!

Este Padroado data de 10/12/1339.

Diz-se que ali esteve, a caminho de S. Tiago de Compostela, a Rainha Santa Isabel, e neste local descansou. Mais se diz que a mesma Rainha Santa bebeu água da fonte que próximo dali existe, água ainda hoje considerada milagrosa e é levada para muito longe com espe-

rança da cura de vários males e, ainda em tempos recentes, as donas de casa lá iam buscar uma cantarinha dela, quando coziavam o pão, pela virtude de melhor levedar a massa. É conhecida na aldeia por Fonte de Santa Isabel (1).

Há mais duas Capelas particulares: a de N.<sup>a</sup> Senhora da Conceição, datada de 1900, pertença da casa Félix Machado, mandada edificar pelo falecido P.<sup>e</sup> Joaquim Félix e é presentemente propriedade de seus sobrinhos, onde não é usual ter lugar a celebração de Missa.

E a de Santo António, da Quinta da Espregueira, que a mandou construir António Martins dos Santos e para ela alcançou, do Papa Pio VI, a «Indulgência Plenária Perpétua quotidiana para todos os fiéis cristãos que, depois de comungar, a visitarem e Altar privilegiado perpétuo quotidiano para todas as Missas que nele se disserem por defuntos. Junho de 1781», como se lê na inscrição do lado direito, e, do esquerdo tem a seguinte: «Esta Capela de Santo António está unida e agregada à Basílica de S. João de Latrão de Roma, com participação de todas as indulgências que logram os fiéis cristãos que visitam esta Capela como se pessoalmente fossem à dita Igreja de Roma que são todos os dias 60 a 80 anos e outras tantas corentenas de indulgências e remissão da terça parte dos pecados e muitos perpetuamente que constam da Bula sendo Pontífice Pio VI em 26 de Dezembro de 1783» (2).

O mesmo fundador da Capela fez transportar das Catacumbas de Roma para ali o corpo do Mártir S. Justino, que se encontra sepultado debaixo do Altar e foi martirizado no tempo de Deocleciano.

O antigo Director Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Engenheiro Espregueira Mendes, oriundo desta casa, pediu ao Núncio Apostólico, Monsenhor Ciriaci, para que averiguasse em Roma se os privilégios desta Capela se mantinham e, passados quatro anos, recebeu a resposta daquele Núncio de que os mesmos se encontravam em vigor, e, ainda, de que houve conhecimento de só outro templo os possuir iguais em Portugal, que era a Igreja de S. Roque, em Lisboa.

No local do Calvário de Fragoso, em terreno escarpado e xistoso, no sopé do monte, está a ser construída uma pequena Capela, de traça

---

(1) A Capela passou por vários restauros e beneficiações, os últimos dos quais foram dirigidos pelos dois Párcos — P.<sup>e</sup> Joaquim Beirão e P.<sup>e</sup> Sá.

(2) Como a Capela era privilegiada, o estipêndio de cada Missa era de 240 réis, em vez dos 200 usuais.

simples e sem o mínimo de cantaria, na invocação de Nossa Senhora do Calvário. Principiou em 1977.

Existiu, ainda, no Monte de S. Gonçalo — continuação da cordilheira de Arefe em direcção ao Monte dos Feitos — a Capela de S. Gonçalo, destruída em data que se não conhece mas deve medir-se pelas centenas de anos.

Nada — nem uma cruz — assinala o sítio onde esteve implantada esta capela!

## NOTAS ACERCA DAS CAPELAS DE FRAGOSO

A Capela de S. Vicente de Fragoso, que foi o centro paroquial e matriz desta freguesia, passou por obras de ampliação no decorrer dos tempos que nada lhe deixaram do original.

Embora na porta ostente uma data do Séc. XV, vê-se que nem essa foi ali aposta nessa época. Dá mais a impressão, no seu todo, duma reconstrução do Séc. XVIII e reconhece-se na cornija o aproveitamento de uma parte com certa antiguidade. Na sua totalidade, porém, a das paredes laterais, assim como a cantaria dos cunhais não deve ser anterior à data citada; pela talha interior do altar se vê que, antes deste arranjo, outros se teriam feito, uma vez que foi adaptada a um maior pé direito do templo.

Está rodeada de frondosos arvoredos e ali passa o ribeiro de S. Vicente, nascido perto da antiga capela de S. Gonçalo e dá uma nota de musical sussurro na sua fngreme descida do monte.

Aqui se celebra anualmente a festa a S. João, pelo que passou esta Capela a denominar-se de S. João, embora inserida no local em que o nome de S. Vicente ficou indelevelmente gravado à toponímia do sítio.

No alto do Monte de S. Gonçalo existem ainda reminiscências das ruínas da Capela destruída, assim como, abaixo, o esqueleto em pedra de umas alminhas, junto à estrada do monte, construída sobre o antigo atalho de pé posto que foi a trilha centenária para a feira de Barcelos.

A Capela da Quinta da Espregueira é dos mais belos espécimes barrocos conhecidos por toda esta vasta zona.



## ALDREU

### ORAGO: S. TIAGO

Numa elevação de terreno da quase configuração dum cratera vulcânica, encontra-se a riquíssima Capela de Nossa Senhora do Pilar, que é edificação — ou melhor, reedificação — com muita majestade e asseio.

O local está dentro de paredes com adro amplo e, fora dela, coreto destinado às bandas musicais, como em várias se encontra, para maior solenidade festiva.

No adro, velhas oliveiras de centenas de anos atestam a antiguidade das antigas Ermidas que, aumentadas de tamanho, hoje e amanhã, deram na grande Capela de agora.

Se no exterior tem aspecto que nos deixa boa disposição, o interior confirma a devoção desta gente a Nossa Senhora.

O altar-mor é em talha e tem mais dois laterais abaixo do arco-cruzeiro.

Dá a impressão de o último aumento em tamanho ser a maior parte do corpo do templo, ficando em altar-mor a anterior Capela.

Sobre a sacristia da direita, tem uma sineira.

Belfíssima esquadria sobressai das paredes caídas, e na frontaria tem ainda um nicho com imagem de pedra.



Chamam Capela do Convento ao que foi a Capela-mor da Igreja dos frades Beneditinos.

Tiveram neste Vale nada menos de três conventos: S. André de Palme, S. Romão do Neiva e Santa Maria de Carvoeiro.

E tudo o vento levou!

Mas talvez nem tudo em toda a parte. Em Aldreu ou Palme é que até a Igreja se foi na enxurrada maçónica! Só escapou a Capela-mor e, mesmo essa, entregue em mãos particulares.

Diz Manuel Boaventura que «O Convento da Ordem dos Beneditinos de Palme, que Lovesendo, rico fidalgo godo fundara em 1028 e doara, com todas as suas terras e bens à Ordem de S. Bento, está situado num plano fundo a nordeste da pequena aldeia de Santo André de Palme, no termo de Barcelos.» E que «da igreja resta apenas a capela-mor». Ainda que «O corpo da igreja foi mandado derruir pelo Barão de Palme, depois da desamortização dos bens religiosos em 1834».

Há quem dê a fundação desse convento noutra data. Mas surgem sempre os problemas da discordância dos historiadores e os tempos

nebulosos entre a permanência dos vários ocupantes desta zona peninsular e as eras por vezes levemente espaçadas entre aqueles que permitiam ou destruíam os templos cristãos; como a própria mudança de ordem ou comunidades que os ocuparam, tornam mais difícil uma cronologia exacta.

A verdade é que se fica revoltado, ao entrar no que resta deste templo sem preço mas majestático, com a destruição ignóbil e sarcástica que se fez, com a vingança criminosa que se exerceu contra tudo que era Igreja e se reflectiu no nosso património artístico e cultural — verdadeiro acto diabólico!

Tenho repetidamente afirmado sem me cansar de o fazer que a liberal-maçonaria que nos governou a partir da Convenção de Évora-Monte primou pelo desmoronamento de tudo quanto constituísse bens de Igreja, sem o mínimo de preservação cultural ou artística. Interessava era destruir, amesquinhar, dar largas aos ditames da ordem dos sinédrios clubistas dimanada para impor a «ordem nova», em nome duma liberdade que só eles sabiam qual era.

Agora, vemos os conventos entregues a pessoas que os não zelam, a Arte votada às urtigas, espécimes de livros raríssimos que se foram, além de talhas, móveis e louças e mais peças de valor incalculável.

A biblioteca do Convento de Carvoeiro, que esteve durante três anos na praça pública de Viana ao vento e à chuva, valia por muitas bibliotecas públicas em livros de certa época. E destruiu-se, pelo simples prazer de destruir. Quem duvidar das obras valiosas que a compunham, procure ler o seu índice e verá o monumento literário que ela foi! E antigos escritos em pergaminhos, que serviram para embrulhar sardinhas?

Em Palme, também passou o temporal desabrido. A cerca, convento e Igreja foram parar às mãos dos Moniz de Moncorvo, se me não falha a memória.

O dono, agraciado por «sua majestade graciosa» com a graça de Barão de Palme, simplesmente mandou derrubar a Igreja, que foi truncada a seguir à valiosíssima Capela-mor, em gótico manuelino, com belo arco-cruzeiro e tecto em pedra de nervuras, o que logo resalta antes de lá entrar, pelo contraforte que se vê do exterior.

Amputada como foi, ficou num estilo sem estilo, valendo pela Capela-mor e ficou a servir de mausoléu ao tal Barão, cujos restos mortais ali estão inumados em luxuoso túmulo de mármore com a legenda: «Aqui jaz — José Maria da Fonseca Moniz — Barão de Palme — Brigadeiro do Exército — N.º a 20.12-1794 — F.º a 20-12-1862 — Em testemunho de saudade fraterna».

O lajeado, gasto pelos anos, é em pedra e ali existem sinais de sepulturas que devem guardar ossadas dos frades Beneditinos.

A belíssima porta principal, manuelina, foi colocada como moldura a um fontenário metido debaixo de luxuosa escadaria de acesso ao edifício conventual. E várias colunas e arcos em pedra por lá estão, ao tempo e sem qualquer aproveitamento.

Valiosíssima estatuária encontra-se no interior desta chamada Capela.

Mesmo assim com o pouco que ainda resta da antiga Igreja, é um tesouro sem preço!

E por este, poderemos nós ver quantos tesouros se estragaram pelo simples prazer de destruir, depois do vendaval que foi desencadeado no dia de S. Bartolomeu em que os diabos à solta transformaram este país num braseiro a arder em lutas fraticidas e a que o maior vandalismo se seguiu.

## **PALME**

### *ORAGO: SANTO ANDRÉ*

A freguesia de Palme é de nome bem conhecido ao longe, por ter dado o nome a um dos primeiros conventos beneditinos construídos no nosso Vale.

E afinal, hoje discute-se se o local da sua implantação está dentro da jurisdição administrativa de Palme ou Aldreu.

É zona bastante acidentada, com montes em forma circular que a envolvem e, em baixo, extensos terrenos de cultura, já que a maioria das casas estão em sítios mais altaneiros.

São duas as Capelas de Palme.

Duas, mas muito interessantes, ou melhor, ambas de muito interesse. De lamentar um grande «senão» que a uma atingiu ingloriamente.

Perto das Corgas, ali no lugar do Cruzeiro, há uma recentemente remodelada e com as datas frontais de 1738 e 1975, dedicada a Nossa Senhora da Boa Fortuna, com anual celebração de festa em 13 de Junho. Tem também a invocação da Senhora dos Aflitos.

O local é de acesso fácil, servido por estrada que deriva da Estrada Nacional. Tem adro muito amplo e o seu aspecto dá, a quem passa ou propositadamente lá vai, a certeza de o gosto e o zelo andarem de mãos dadas nesta gente da vizinhança encarregada de a zelar.

Lá no alto, em Beirões, sítio alcandorado a quase meia encosta do montado, espreita-nos outra Capela, esta em honra de Nossa Senhora dos Remédios, onde anualmente, entre Agosto e Setembro, se faz importante festejo em honra da sua Padroeira.

Com o concurso das melhores bandas de música do Norte, tem, de quando em vez, ou melhor, em certos anos, um número cultural que é a representação do Auto de Floripes.

Embora este Auto seja representado também por ocasião da festa em honra de Nossa Senhora das Neves, não é fácil hoje saber-se onde começou em primeiro lugar ou há mais tempo, já que este tipo de teatro está um tanto enraizado nesta parte baixa do Vale, e subsiste em pelo menos três freguesias: Mujães, Portela Suzã e Palme.

Desta localidade, verdadeiro miradoiro sobre uma zona que chega a perder-se de vista, goza-se um panorama invulgar pelo que é sítio convidativo para uma visita, que deve ser repetida por quem a primeira vez se envolve na beleza do sítio.

De não perder, também, o festejo em honra de Nossa Senhora dos Remédios que, ao longo dos séculos, tem conseguido celestial remédio para tanto e tanto mal.



Em ruínas, está, no lugar de Bustelo, a Capela de São Vicente. Porquê deixá-la cair, gente de Palme?

Não haverá dentro de vós o remorso de votar ao abandono aquilo que constitui herança dos vossos maiores, aquilo que construíram a pensar naqueles que os haviam de seguir?

Aqueles que os haviam de seguir, aqueles que procuraram eternizar através dos tempos, sois vós mesmos!

Força! Coragem! Mãos à reconstrução de S. Vicente!



Dizem que, em Corgas, existiu no passado uma Capelinha que tinha servido de Igreja-matriz local.

#### NOTA ACERCA DAS CAPELAS DE PALME

O mau gosto e a falta de respeito pela conservação do património artístico desta aldeia reflectem-se nas obras de restauro empreendidas nas Capelas.

Os responsáveis de Palme convenceram-se de que devem ter templos amplos em vez de os conservarem nas proporções e estilos que lhes são próprios.

Aquilo que fizeram em Brivães ou Beirães com a destruição da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios denota a falta de um mínimo de sentimento e respeito pelo que estas Ermidas devem representar em termos de veneração e conservação.

Que pena não disporem de uma orientação dimanada de pessoa verdadeiramente responsável, consciente e culta, que tomasse por modelo e exemplo a maneira como, ali perto, em Forjães, foi restaurada a Capela de Nossa Senhora da Graça, onde se fez trabalho meritório e, mais do que meritório, exemplar, que deverá ser seguido por quem pretender valorizar aquilo que encontra em carência.

Valorize-se, mas não se estrague!

Não teria sido melhor empreender um restauro do que construir aquele mostrengo de pedra empastada de cimento, em estilo sem estilo, que nada nos diz do passado nem nos fala da jóia imolada ao desenfreado progressismo?

É que, de Nossa Senhora dos Remédios, apenas ficaram... o nome e algumas pedras que aproveitaram para meter nos cunhais fronteiros!

E Nossa Senhora dos Remédios, que tanto mal remedcia aos outros, não conseguiu remediar o da Ermida que lhe destruíram!



A da Senhora dos Aflitos e Boa Fortuna foi construída sob a orientação do P.<sup>e</sup> João Alves Sá da Quinta em complemento de nicho com alminhas de igual intenção.



## **Viana do Castelo**

### **FREGUESIAS:**

CARVOEIRO  
BARROSELAS (CAPAREIROS)  
MUJÃES  
PORTELA SUZÃ  
VILA DE PUNHE  
VILA FRIA  
ALVARÃES  
S. ROMÃO DO NEIVA  
CASTELO DO NEIVA





## CARVOEIRO

### ORAGO: SANTA MARIA DO Ó

Na parte baixa desta freguesia e ali no sopé do alcandorado lugar dos Carvalhos, em local apropriado e com ares de centro de culto paroquial, está implantada a bellissima Capela de Santa Ana, no mesmo sítio em que existiu outra na mesma invocação.

Esta Capela que recebeu o carinho da devota população de Carvoeiro, teve na sua reconstrução a ajuda cooperante de pessoas como o Conde da Estrela, que a expensas suas pagou a torre artística que ostenta e raramente se encontra em qualquer outra, pela elegância e primores de acabamento.

É de tradição que a aquisição dos sinos desta Capela foi conseguida com a ajuda de pessoas de Durrães, pelo que, ainda há poucos anos, ali se mandavam tocar a finados pelos defuntos desta aldeia como direito secular pela ajuda prestada, cujo fim foi o da obtenção de certa independência em relação aos frades do Convento Beneditino que cobravam pesado tributo pelo uso do campanário da Igreja conventual.

Este costume terminou durante a permanência em recente Junta de Freguesia de um presidente que, zeloso dos interesses da sua terra e da preservação dos seus bens, resolveu acabar com o costume para menor desgaste dos sinos (1).

Tem esta capela o corpo principal e capela-mor, nas costas da qual se venera uma Imagem do Senhor dos Passos.

Aqui se realizam todos os anos os festejos em honra de Santa Ana, com muita concorrência, no último domingo de Julho.

Perto do antigo Mosteiro Beneditino, actualmente da paróquia, e no princípio da encosta que termina na Caramona, está a Capela de Santo Amaro onde é venerada a imagem do mesmo e ali acorrem os devotos ao longo do ano, mas principalmente no segundo domingo de Janeiro ou no primeiro após o dia 15.

Embora se não saiba a data, é de crer que se trata de um templo do Séc. XVI.

---

(1) Nos anos da década de 40 ainda este secular costume se cumpria. Uma vez interrompido, não mais foi reatado, apesar do à-vontade com que aquele campanário foi posto à disposição dos habitantes de Durrães pelo actual Pároco, Rev.º P.º Cesário Miranda.

É em pedra, tem interessante cornija, e, no interior, apesar da simplicidade, nota-se o seu arranjo; ali se guardam objectos de cera depositados pelos devotos em cumprimento de promessas.

No lugar das Fontes, a meio caminho entre o Mosteiro e a Capela de Santa Ana, há uma Capelinha particular que mandou construir a D. Joaquina Monteiro que ali entronizou uma imagem do Senhor dos Passos da Matriz de Viana do Castelo, seu padrinho de baptismo.

Como ao visitar a Matriz costumasse entre as suas devoções rezar diante dessa imagem, um dia reparou que havia sido substituída por outra e arrumada em depósito de imagens retiradas dos altares.

Adquiriu-a, então, e construiu esta capelinha, para ali a colocar, já que a tinha apadrinhado no baptismo.

Fez depois oferta da Capela à paróquia, que a não aceitou, pelo que sempre tem sido particular, embora com acesso da via pública.

Embora seja uma povoação da freguesia de Carvoeiro, o lugar da Vacaria parece local dum outro mundo!

Reúne à volta de duas dezenas e meia de fogos, forma uma comunidade isolada e ninguém sabe se os seus habitantes são descendentes dos antigos encarregados da pastorícia dos frades ou se outros motivos originaram aquele lugar que se formou lá no alto, e se reparte pela Ribeira-Neiva da mesma maneira que pela Ribeira-Lima. Para a gente daqueles sítios a deslocação para as Terras de Geraz do Lima é mesmo mais fácil do que para o centro da freguesia a que pertencem. Mas o certo é que a pouca distância dali, uma outra freguesia das terras de Geraz — Santa Leocádia — tem também um lugarejo isolado — Agros — a quinze minutos de trajecto a pé.

No centro da Vacaria há uma Capela em honra de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Lurdes, cuja construção é deste século e na qual se venera a Imagem da sua invocação. Como esta comunidade constitui uma sub-paróquia, é nela rezada Missa semanalmente aos domingos.

Em honra de Santa Justa, foi erigida no passado uma capelinha na crista do Monte da Padela, mais tarde substituída por outra maior, que lá existe.

Em tempos bem distantes existiram duas ermidas em Carvoeiro e delas fala a Carta de Couto outorgada por D. Afonso Henriques em 1129. Quando da delimitação com Balugães alude à ermida de S. Mamede e, na que segue de Ventoso pela Vacaria, a caminho de Portela alude à de S. Salvador.

Não existem, quer duma quer doutra, quaisquer reminiscências.

Quanto à de Santa Justa da Padela, passou por várias fases de reconstrução, a última das quais é mesmo dos nossos dias, com total transformação do templo.

Infelizmente, a devoção das pessoas leva-as a um aumento de capacidade da assistência, sem pensarem no que de mau pode representar a destruição dos imóveis herdados de tempos idos. Mas para isso concorre a incapacidade e a incultura de muitos Párocos que não podem sequer ser responsabilizados por um mal cujo alcance não conseguem atingir, como várias vezes tenho repetido, ao longo deste trabalho.

## **BARROSELAS (Capareiros)**

*ORAGO: S. PEDRO*

Vamos começar pelo lugar das Boticas.

Ali, junto à Estrada Velha há um pequeno largo em que se encontra a Capela dedicada ao Espírito Santo.

Embora de certa simplicidade, tem algum trabalho em pedra lavrada na frontaria e as várias obras por que passou nos últimos anos conservam-na em bom estado.

Ali celebrava quase diariamente o seu vizinho Padre Joaquim Peixoto, há poucos anos falecido, empreendedor do último restauro por que passou.

Logo a seguir encontramos uma particular.

De frente voltada ao caminho e passagem para o interior da propriedade a que pertence, encontra-se em estado de exercício de culto.

Pertence a uma família mais conhecida pelos Casados e consta terem ali vivido dois Padres.

É dedicada ao Senhor da Saúde.

No sítio do Pé do Monte ou Extremo, lá está a centenária Capelinha de Nossa Senhora da Conceição.

Simple e caiadinha de branco, só é pena que a argamassa lhe tenha tapado as suas pedras velhinhas, pois ela não se envergonhava da idade!

Os moradores do local sempre vão procurando alindar o espaçoso largo e vão custeando as obras de conservação.

Nasceu como pequena Ermida. Sem que alguém o tenha dito, nota-se perfeitamente que teve, ainda que em tempos recuados, melhoramentos de aumento.

O seu interior está bem tratado, tem tecto com painel dedicado à sua Excelsa Patrona que também ali está representada por uma lindíssima imagem.

Na frontaria tem alpendre com púlpito. Púlpito donde vários oradores enaltecera o imaculatismo de Maria e a sua ligação com a História de Portugal, além de várias facetas, em oratória empolgante. Parece retermos ainda palavras ali proferidas por Frei Leão, Passionista, em 1945.

Festeja-se anualmente em Maio com muita concorrência de devotos.

Quase no termo da freguesia e junto à Estrada Nacional, no lugar dos Reis Magos, vê-se, no alto, a Capelinha dedicada à Senhora da Guia.

É particular e está na quinta que em tempos foi do Dr. Vieira Pinto.

A sua construção é interessante pela simplicidade e harmonia das linhas, com boa esquadria saliente e aspecto de boa conservação.

A Quinta do Bravio avista-se bem da Estrada Nacional se nos voltarmos para a elevação de terreno em direcção ao montado que sobe até à Padela.

É casario antigo, embora bem conservado e sem que a conservação lhe tenha tirado o valor. Conserva-se sempre jovem, com a respeitável idade do Século XVII.

A Capela, que fica voltada ao caminho do lado do monte, é belíssima.

A sua dedicação invoca Nossa Senhora da Luz e tem a data de 1751 — mais nova do que parte do Casario.

Serve de mausoléu a antigos donos. Enternece a maneira como a actual proprietária a conserva — asseio, carinho e respeito.



Mais acima, temos a Quinta da Froca.

E lá, a abandonada relíquia do que foi a riquíssima Capela dedicada ao Arcanjo S. Miguel.

Não nos foi possível visitar o interior, que dizem ser bellissimo e ter altar em talha.

Fica-se abatido perante tão valiosa Capela e a baixeza a que se desce, quando se vota um templo destes ao abandono!

Lê-se na frontaria: «*Domus Dei Fundata Et Instituta Sumptibus Custodii Costa Barbosa. 1740*».



No largo de S. Sebastião — largo que confina com o recinto da Casa do Povo — lá está a Capela de culto público dedicada ao mesmo Santo.

Tem lindíssima e elegante frontaria, apesar de simples, com muita beleza das linhas que sobressaem da cornija saliente, com cruz e peanhas em pedra lavrada. A data é de 1927.

Realizam-se ali festejos quase sempre conjuntamente com os do Padroeiro da terra, em fins de Junho ou princípios de Julho de cada ano.



Junto à Igreja paroquial, tem ainda uma pequena capelinha que é mais um nicho de grande tamanho e dedicado ao Senhor dos Passos.

## MUJÃES

### *ORAGO: SANTA MARIA MAIOR*

Logo que se fala em Mujães, vem à mente Nossa Senhora das Neves!

E falar em Nossa Senhora das Neves será o mesmo que relembrar o local daquela Capela sita ali no grande largo das Neves, repartido com Barroelas, antigo Couto de Capareiros dado aos Arcebispos de Braga, e Vila de Punhe.

Neste largo se juntam, pela Páscoa, as cruzes de três paróquias e era costume, numa pequena mesa de pedra existente ao pé da casa dos Arrais, sentarem-se os Abades que paroquiavam estas três freguesias, cada qual no seu banco, de pedra também, mas cada qual na sua freguesia. A divisória estava no centro da mesa. E por isso se chama a mesa dos Três Abades.

Ali se realizam desde tempos imemoriais os festejos em honra da Senhora das Neves, com ponto alto em cinco de Agosto, com a inclusão da representação do «Auto de Floripes».

Nos últimos anos, estes festejos vão crescendo em tamanho e em diversidade de números, um dos quais está a ganhar vulto que é uma parada de carácter agrícola e etnográfico.

Este tipo de parada, que começou em terras do Vale na freguesia de Durrães, no final dos anos da década de trinta é, por vezes, estragado por números pouco adequados ao tema mas promete, dado o seu enraizamento ainda que recente, prolongar-se e ganhar amplitude no decorrer dos anos.

A festa é sempre levada a cabo com o concurso dos habitantes das três já mencionadas freguesias «proprietárias» do Largo, embora com ajuda oficial, já que o seu programa a transformou, desde há tempos, não só na maior de toda a Ribeira-Neiva, mas mesmo das melhores que se levam a cabo no concelho de Viana do Castelo.

É um grande cartaz turístico das terras vianesas.

Pois a Capela em honra de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> das Neves está implantada na parte do largo que fica dentro dos limites de Mujães. É belíssima, está em bom estado de conservação e reflecte o bairrismo destas gentes e dos inúmeros devotos espalhados pelas muitas terras deste Vale.

Além desta Capela de culto público, Mujães tem ainda uma particular sita na Quinta da Torre e dedicada a Nossa Senhora do Carmo.

Embora não tivesse sido possível ao autor destas linhas observar o seu interior, a verdade é que tem uma parte de fora bem cuidada e ostenta frontaria belamente ornamentada por cantaria rica e saliente. Tem cruz e peanhas tanto na frontaria como na parte do altar, cornija em pedra e interessante sineira do lado esquerdo.

Mais abaixo e junto ao caminho, foram umas alminhas ali existentes transformadas em pequena e interessante Capelinha, também na mesma invocação de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Carmo, com a inscrição «Alminhas da Torre», com o tecto em pedra arcada e painel na invocação da N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Carmo e Imagem de boa estatura.

Tem alpendre, cruz e peanhas e a data de 1750.

Interessante Igreja paroquial, em granito descoberto rectangular e a torre do mesmo estilo com goteiras.

## PORTELA SUZÃ

ORAGO: S. SALVADOR

Portela Suzã não tem Capelas.

A Igreja paroquial está rodeada de largo bem arborizado onde, em Junho, se realizam as festas em honra de Santo António de que faz parte a representação do «Auto de Santo António», muito próximo do «Auto de Floripes», que em Mujães tem lugar por ocasião de Nossa Senhora das Neves <sup>(1)</sup>.

È, nesta parte, o fecho do Vale, pois, como o seu nome de Portela indica, ali tem lugar a abertura para a bacia do Lima, com Vale de grande extensão em largura e comprimento.

## VILA DE PUNHE

ORAGO: SANTA EULÁLIA

Mesmo no Largo das Neves e junto à Casa da Família Arrais, tem, voltada ao terreiro público, uma interessante Capela, datada de 1906 e dedicada à Sagrada Família.

Em frente, no mesmo largo, um Cruzeiro com alpendre que, segundo dizem no local, é promessa por aqui não terem passado as tropas invasoras de Massena.

No lugar do Bom Fim e na Quinta do mesmo nome, à entrada, lado direito, tem uma Capela com alpendre junto ao Ribeiro do Bonfim.

È de estilo singular, esta Capela, pois só o alpendre tem acesso público, enquanto a outra parte está vedada e apenas ali se entra por porta transversal com acesso do interior da Quinta.

No alpendre está um cruzeiro com imagem do Crucificado pintada — o Senhor do Bom Fim. Venera-se ali, também, a Imagem de N. Senhora das Dores.



No lugar de Arques tem uma interessante Capela no interior de Quinta ali existente, e, na parte exterior, um Calvário quase completo. È mesmo o mais completo que encontramos em toda a região,

---

(1) Vd. «Auto de Santo António» — Maurício Guerra — Cenáculo n.º 72-2.ª Série, Janeiro-Março, 1980.

com a disposição das cruzes tal como nasceram os Calvários do Séc. XVII.

A Capela é em honra de Nossa Senhora do Carmo, tem bela frontaria em pedra lavrada e saliente e o piso em pedra lajeada, com túmulo ao centro.

Fica em ponto alto, donde facilmente se estende os olhos por vasta panorâmica.

Em Milhões, lá está a linda Quinta da Portela, em conjunto de bem enquadrado edificio com Capela de frontaria voltada ao largo exterior e em honra de S. Cristóvão.

É uma construção solarenga, bem delineada e em estado de conservação que dá gosto apreciar demoradamente.

*Nota* — Tanto na Quinta do Bom Fim, como nesta e na de Arques, as entradas estão encimadas por brazões.

## VILA FRIA

### ORAGO: S. MARTINHO

Há na recta conhecida por Alpoíns uma quinta com Capela. A Quinta é a do Paço e a Capela dedicada à invocação da Senhora da Abadia.

A frontaria é em pedra de esquadria saliente, com sineira à esquerda e está bem cuidada.

Avista-se da Estrada Nacional.

Mas Vila Fria tem uma Capela de culto público e dedicada a Santo Amaro, no Alto de Sabariz, que está no local de antiga sede paroquial, segundo nos dizem. E não custa mesmo a acreditar nisso, já que à sua volta aparecem ossadas, o que nos dá a certeza de que o antigo cemitério foi em terreno adjacente à mesma (1).

---

(1) Teve, antigamente, S. João Baptista por patrono e só mais tarde ali foi instaurada a devoção a Santo Amaro, por inspiração dos Frades do Convento de Mazarefes.



Está no alto de uma zona [castreja, cujas construções abundam e em que se tropeça a cada passo.

Esta elevação delimita este Vale com o do Lima e, do alto, ambos são avistados, estando mesmo o Lima mais próximo.

A Capela tem o seu quê de rústico, embora transformada do que foi a antiga Matriz e, na parede, pode ver-se um ossário com vários despojos mortais recolhidos da imediação.

É um local de sonho!

No domingo a seguir ao 15 de Janeiro de cada ano, ali têm lugar os festejos em honra de Santo Amaro.



Na Quinta da Malafaia, há também uma Capela há tanto tempo abandonada que nem o nome do patrono nos disseram!

Está junto à entrada principal da Quinta e à casa, em desfazamento e a pedir um reparo de acordo com a sua beleza de nascença.

Tem certa antiguidade, e, soube mais tarde, Nossa Senhora da Piedade é a Patrona.

As imagens que pertencem à Capela — embora guardadas pelos caseiros — são de S. João, Senhora da Piedade — a maior em tamanho — S. Martinho e outra que não foi identificada.

Na mata desta Quinta há um eremitério subterrâneo, há pouco descoberto e classificado, de muito interesse e cuja preservação está já assegurada. Data da Alta Idade Média<sup>(1)</sup>.

Tudo aqui cheira a velhice, e, sobretudo, a antiguidade!

Quem dera que um consciente restauro começasse a ser empreendido, como bem merecem, esta Capela, esta casa e esta Quinta!



Junto à Estrada que do centro da freguesia vai para o Monte de Ola, na Cavagem, tem uma dedicada à Senhora do Socorro.

É belíssima, em rústico e com pequeno adro a facear com a Estrada.

Foi reconstruída em 1876, embora tenha uma outra data: 1607.

Foi seu primitivo local a Ola, onde ainda se chama Senhora do Socorro, donde a transferiram para aqui, talvez na data de 1876.

---

(1) Há quem discorde desta afirmação que deve ser tomada com séria reserva, já que poderia ter sido outra a aplicação daqueles subterrâneos.

Nesta quinta e na do Paço, da mesma família, deram guarida ao Prior do Crato, que ali teve refúgio após a malograda batalha de Alcântara.

Em baixo, no Lugar de Levandeira, está a de S. João Evangelista. De salientar que as da invocação a S. João são-no ao Precursor e esta foi a única em que o Discípulo Amado se viu honrado neste Vale com uma Capela em seu louvor e veneração.

Foi-lhe colocado na frontaria azulejo não muito de acordo com a rica cantaria que a esmalta.

Serve de mausoléu à Família proprietária — Levandeira de Brito.

## ALVARÃES

### ORAGO: S. MIGUEL

São belíssimas, as Capelas desta aldeia!

No lugar do Souto do Monte, há uma dedicada ao Senhor do Monte ou Bom Jesus do Monte. Pertence à Casa das Religiosas Missionárias do Espírito Santo e tem o mais rico altar de talha de toda a Ribeira-Neiva! Isto, no que respeita a Capelas.

Pena que o mesmo precise de obras de restauro e as Religiosas as não possam fazer.

Segundo a versão da Directora, já procurou, junto ao Pelouro de Cultura da Câmara de Viana, que a encaminhassem para departamento oficial que financiasse aquelas obras, mas em vão!

Será por se tratar de Capela particular?

Diz-nos a Directora que não tem dúvidas em a colocar sob a jurisdição da Paróquia, tornando-a de culto público. Apenas interessa à Comunidade que seja restaurada e preservada de destruição lenta.

E na verdade, não é mesmo compreensível como se criam tais situações, em que se pretende evitar tal monumento de ficar estragado e não aparece uma entidade oficial que vele por ele, sem que nos possamos dar ao luxo de deixar perder uma talha de tal requinte. É de bradar aos céus!

A rica imagem de Cristo crucificado veio do Brasil e é obra de grande escultor dessa época, de terras de Santa-Cruz.

Toda a construção é primorosa e não passam despercebidos os requintes com que foi debuxada.

Como filial da Matriz paroquial e na parte baixa, dedicada a S. José, existe uma Capela de proporções grandiosas, como convém à função de culto destinado a cerca de dois milhares de pessoas.

É de construção em tijolo e cimento, de linhas simples, mas ampla. Assinala o tempo em que parou Alvarães o falecido Cónego Cepa.

Ao seguir para S. Romão do Neiva e à direita, junto à Estrada, há uma dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, onde anualmente têm lugar festejos promovidos pelas pessoas dali.

De estranhar que, pertencendo à Casa ou Solar Baía, a festa é promovida pelos paroquianos de Alvarães, devotos fervorosos da Senhora da Ajuda.

Está lindamente restaurada e dá a impressão, à primeira vista, de ter passado por obras há bastante tempo, talvez para a tornar de maior capacidade. Apesar disso, há ali harmonia e encanto e dá prazer imenso a quem a visita a maneira delicada que o arranjo interior denota.

Tem belíssima estatuária. Além da Patrona, podem ver-se, entre outras, imagens de S. Brás, Senhora da Luz, Santo António e do Arcanjo S. Miguel.

Também o aspecto exterior mostra, a quem passa, que esta Capela tem a felicidade de não ter sido votada ao Deus-dará, como a tantas acontece, em terras do nosso Vale...

Pode ler-se na frontaria a data de MDCCLXIII — 1763.

Mais abaixo, perto das últimas casas, aparece-nos à esquerda uma Capelinha rústica, de sineira ao centro e de frontaria brasonada, que pertence à Casa Pita. Também um cruzeiro ali perto tem a inscrição desta Casa na base.

Embora a não tenha visto no interior, nota-se que tem sido restaurada com obras de conservação, mas com o necessário cuidado para lhe não roubar a simplicidade, rusticidade e beleza.

## NEIVA

### *ORAGO: S. ROMÃO*

Ao chegar a S. Romão do Neiva, começamos a encontrar belíssimos templos colocados no alto de penhascos e em pontos estratégicos. Parecem mesmo ali construídos com o aproveitamento de destroços em pedra de outras construções defensivas, na época da Reconquista.

Sabe-se lá! Como em S. Cristóvão, de Freixo, podem ter nascido de antigas defesas castrenses.

Não quer isto dizer que elas conservem ainda essas pedras com que foi iniciada uma devoção. Nada disso! Infelizmente para nós, as pessoas ou as deixaram cair e votaram ao abandono ou, então, foram, com o decorrer dos anos, tornando maiores, e, quase sempre, destruíram primeiro e edificaram depois.

Rara Capela se vê que não tenha passado por aumento, em tamanho e altura, ou somente com acréscimo de um corpo maior, ficando a inicial como Capela-mor do templo.

De salientar que, a partir de Barroselas, o Vale espraia-se e torna-se mais uniforme, apesar do que aparecem, contrastando com terrenos planos, os píncaros elevados, por vezes como mamelões — verdadeiros miradoiros a dominar a extensão que chega a ultrapassar este Vale ou a servir de varanda sobre os do Lima ou do Cávado.

Em S. Romão do Neiva assim acontece com a elevação do Crasto onde está a Capela dedicada a Nossa Senhora — Nossa Senhora do Crasto — e é um alto com vista para as bandas do Neiva e do Lima e local que abastece os dois rios com águas pluviais.

Esta elevação fica sobranceira ao Convento Beneditino — confiscado pelos «democratíssimos» liberais ao serviço da franco-maçonaria, que, depois da guerra fratricida imposta pelas potências estrangeiras a Portugal para derrotar D. Miguel, puseram em praça, como vingança pela falta de apoio que o clero lhes deu<sup>(1)</sup>.

E a Capelinha é interessante, com dois planos, por onde se vê que a parte mais antiga ficou como Capela-mor e o aumento como corpo principal.

Tem adro delimitado com parede e escadório de acesso.

A primeira construção está assente sobre rochas.

Também tem a invocação de Nossa Senhora dos Milagres e a sua festa, em 15 de Agosto ou suas proximidades, é muito concorrida, pelos muitos devotos que se confessam devedores de graças recebidas por Sua intercessão.

●

Junto à Estrada Nacional e num recanto comum ao Centro Paroquial, pode ver-se, em adro amplo e arborizado, a Capela dedicada à mãe de Nossa Senhora. Dado que a Matriz da freguesia foi herdada dos frades de S. Bento e fica um tanto deslocada, ali se celebram muitos dos actos do culto, pelo que funciona como alternativa à Igreja-mãe, para muitas celebrações.

---

<sup>(1)</sup> Como o de Carvoeiro e Palme, também este foi posto em praça por ordem do Mata-frades.

Logo em seguida e a poucos metros e do mesmo lado da Estrada vê-se outra Capela, junto à casa que tem uma placa em que diz: «Casa onde nasceu em 26 de Outubro de 1787 o venerável Frei João da Ascensão Neiva que faleceu em Braga em 16 de Março de 1861».

Está praticamente abandonada, como a casa, o que é pena, pois tem bastante pedra trabalhada, que lhe dá certo valor de feitura.

A sineira está na traseira e, junto à frontaria, foi numa janela improvisada uma torre com dois sinos, na ligação entre a casa e a Capela.

Dá pena ver o estado a que votaram, tanto uma como outra!

São mais uma casa e uma Capela... marcadas pelo sinete da tristeza e do abandono! É dedicada a Nossa Senhora do Carmo.

## CASTELO DO NEIVA

*ORAGO: S. TIAGO*

Naquele cabeço esguio e atirado lá para o céu a dar a impressão de ponto inexpugnável, estive — desde sabe-se lá quando! — o Castelo de Neiva.

É ponto de alta estratégia defensiva e de observação por excelência, por ficar sobranceiro ao Rio e nenhuma incursão se poder fazer sem que possa ser notada.

E foi esse ponto aproveitado para, em 1964 e a expensas de José Torres Vieira, ser construída uma Capelinha dedicada a Nossa Senhora do Emigrante, invocação que, nos últimos anos, está a tornar-se «da moda».

Já no Pilar, em Aldreu, se tem querido tornar a invocação da Senhora do Emigrante em sobreposição ou substituição da original.

E por esse Vale abaixo os emigrantes vão-se lembrando de Nossa Senhora, que gostam seja do Emigrante, como um motivo de neles se fixarem as atenções gerais. Em Anais, há também uma em construção.

Nunca se falou tanto nos emigrantes. Talvez nunca se tenha emigrado tanto. Só que, dantes, a emigração na Europa quase se desconhecia e as pessoas tinham de rumar ao Brasil e outros países da América ou à África e a dureza era bem maior do que agora, pois não se podia vir aqui uma ou duas vezes no ano alardear progressos rapidamente conseguidos.

A emigração era então bem mais dura! Passavam-se anos que sempre eram contados pelas dezenas sem ver a família e a terra, e, ao

chegar novamente ao solo pátrio, era a Nossa Senhora de todos nós Aquela que recebia o agradecimento por auxílios prestados em horas bem amargas ao emigrante que vinha.

Agora, com tudo simplificado, o nosso emigrante escolheu também uma invocação para si...

Vem isto a propósito de estar muito em voga a invocação em que foi construída esta Capela. No fundo, o marianismo do verdadeiro português.

Entretanto, a Capela a Nossa Senhora do Emigrante, de porte pequeno, é interessante, com alpendre e púlpito quadrangular em pedra.

Pena é que uma figura esculpida simbolizando o emigrante tivesse sido danificada.

Mas àquele local não se pode ir apressado! A beleza panorâmica é de tal modo absorvente que se fica extasiado: o mar, o Rio aos ziguezagues até à foz, os montes longínquos cujos cabeços dali se podem contar!

Enfim, uma visita para ficar durante muito tempo estampada na retina dos olhos e vivida pelos recônditos do espírito!

Antes da subida e no sopé desta elevação há uma Capelinha bem bonita, de singular estilo, com alpendre e púlpito redondo em pedra. No alpendre, foi empregado cimento a mais!

É linda, mesmo assim. Tem a invocação de Nossa Senhora da Oliveira ou das Oliveiras, e, no seu amplo adro, quase se pode dizer que tem um olival plantado.

É pública e de muito agradável visita (1).

A caminho da praia, depara-se com o templo-Capela moderno mais majestoso de todo o Vale: Nossa Senhora das Neves.

Mais parece uma Igreja paroquial e poucas de construção modernas se encontram comparáveis, aqui pelas nossas bandas.

Sofreu várias reedificações. Foi «indo sempre em aumento»... de tamanho. É majestosa mesmo!

---

(1) Foi adquirida pelo antigo Pároco P.<sup>e</sup> José Maria Martins, aquando das bolandas de 1910 e, depois, oferecida à paróquia, segundo confirmação dum familiar deste Sacerdote.

Por baixo da torre pode ler-se: «Reedificada segunda vez em 1855».

Na frontaria tem nicho com imagem em pedra.

A obra actual é de 1975. Das construções anteriores... ficaram o nome de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> das Neves e o local da implantação.



Junto à Igreja paroquial está uma que prima pela beleza de construção, ao cimo de escadório em pedra lavrada, com a data de 1827.

Tem boa esquadria saliente na frontaria e todas as portadas e ainda, em pedra, doze cruzeiros exteriores, a dizer ao visitante que, além de benzida, foi também sagrada.

Numa das portas — a lateral esquerda — pode ler-se: «Esta Capela é de Joaquim da Cunha Sotto Mayor».

Mais uma localidade do alto. Para o lado do mar e findo o adro cercado de paredes, um autêntico precipício.

Em lado oposto, o picoto continua, lá para cima, a perder de vista.

Que beleza de sítio!

É que, depois de ali chegar, fica-se tentado a subir, subir, até chegar ao cimo. E então, o plano da aldeia fica-nos, abaixo, verdejante, orlado pela praia a bordejar de espuma e o oceano infinito de brincahonas ondas no seu constante bulfício.

Como isto é belo!

Só mesmo visto! Porque tentar descrevê-lo... é inútil!





## **Concelho de Esposende**

FREGUESIAS:

FORJÃES

BELINHO

S. PAIO DE ANTAS



## FORJÃES

### ORAGO: SANTA MARINHA

Ponto de passagem obrigatória da Estrada Nacional Viana-Barcelos, Forjães é terra com ares de Vila que toda a gente conhece.

Não são muitas as suas Capelas. Mas ganham no trato que lhes tem sido cuidadosamente dispensado o que lhes falta na grandeza dos números.

Quero começar pela de S. Roque, no largo da feira, conhecida de muita gente que ali ocorre, desde velhos tempos.



Forjães — Capela de S. Roque

Antigamente, fazia-se, à sua volta, uma feira semanal aos sábados de manhã onde se transaccionavam os artigos agrícolas que vinham da beira-mar e armavam tendas de socos e tecidos para vestuário. Agora, passou a quinzenal.

Pois esta Capela ou outra de igual intenção foi ali implantada cerca do ano de 1600, na altura duma peste que affligiu os habitantes de Forjães e, ao levantarem o templo a S. Roque cuja intercessão pediram junto do Senhor para que tão grande mal acabasse, fizeram-no com tais actos penitenciais que, segundo dizem, todos os materiais, incluindo a pedra, foram transportados pelos moradores da aldeia!

O templo está rodeado por adro com parede que o separa do largo arborizado, tem cornija em pedra e frontaria em esquadria saliente, cruces e peanhas e uma sineira, do lado esquerdo.

O adro da Igreja da Santa Marinha, que nos últimos anos foi dotado com obras de arranjo e embelezamento, é ímpar em toda a nossa vasta Ribeira.

Além de luxuoso piso, foi ainda dotado de monumental escadório, com esculturas em pedra de Santa Marinha e suas oito irmãs.

Junto e com a frente ao adro voltada, também, lá está a Capela do Senhor dos Passos, que é em cimento mas de portada em pedra lavrada, assim como as janelas laterais, de arco em ogiva.

Dentro, as imagens em grande tamanho do Senhor dos Passos e da Senhora das Dores.

Todas estas obras e a Capela foram construídas a expensas do grande benemérito local Padre Joaquim Campos Lima.

Este Padre foi durante a sua vida um incompreendido.

Porque se dedicava ao estudo de curas com remédios caseiros feitos de ervas medicinais e a ele recorriam pessoas de longe, o ciúme fez com que colegas seus lhe movessem perseguição sem quartel e nem a compreensão dos prelados ele teve, apesar de virtuoso, como era.

Isso levou-o a passar largos anos nas terras ultramarinas e só definitivamente cá ficou depois de certa idade.

Conseguiu grandes curas e remediou males a muita gente, praticando a Caridade — essa virtude esquecida por aqueles que, pregando-a na igreja não a aplicavam quando lhe faziam acusações e votavam ao desprezo, como se, por se interessar pelo próximo, deixasse de ser... um irmão em Cristo e verdadeira célula viva da Sua Igreja!

Forjães erigiu-lhe, em preito de homenagem, uma estátua em bronze, no adro junto à Capela do Senhor dos Passos, o que, além dum acto de justiça, é também um acto de desafronta e reparação pelo muito que sofreu.

Num largo perto da Estrada que segue para Fragoso, em que funciona um estabelecimento escolar do Ciclo Preparatório, apparece-nos a Capela de Nossa Senhora da Graça, recentemente restaurada, mas com tal requinte e sentido de preservação que poderia servir de exemplo a quantas vierem a passar por obras de conservação.

Aqui, atentou-se a uma autêntica conservação do existente, fez-se trabalho consciente, louvável, edificante.

Na frontaria tem a legenda: «Esta ermida mandaram fazer os fregueses mais devotos sendo vigário o Padre Mel. de Castro Bart.<sup>o</sup>» E de 1673.



Forjães — Capela de Nossa Senhora da Graça



Forjães — Capela do Senhor dos Passos

*Nota* — De louvar o zelo demonstrado pelo Pároco deste freguesia, Padre Dr. Justino Moreira da Silva, na preservação dos valores da sua paróquia, como a restauração da Capela de Nossa Senhora da Graça bem demonstra.

É pessoa culta e de agradável convívio.

Particular é a Capela da Senhora da Abadia, na Casa assolarada de Pregais.

Belíssima e fazendo parte do imponente casario, ela sobressai, com a frontaria voltada ao caminho, perto da Quinta de Curvos, e é datada de 1600.

Tem certa imponência, que não destoa do conjunto do Solar, conjunto bellissimo e daqueles que se podem contar pelos dedos das mãos.

## BELINHO

### *ORAGO: S. PEDRO FINS*

Quando se fala em Belinho, logo nos vem à mente o Poeta que ali perto viveu e o cheiro a maresia que se respira quando de fora se chega!

Estamos no limite do Vale, ali mesmo junto às ondas. E para lá de Belinho, por muito que gostássemos de continuar, saíramos para fora da zona que está a ser tratada como pertença do Vale.

A de S. Lourenço de Vila Chã, apesar de bela como é e bem delineada como foi e implantada em local altaneiro de varanda sobre a massa de água irrequieta da Foz do Cávado, com as praias do Ofir e da Restinga, é já de outro mundo que aqui não cabe.

Vejamos as de Belinho.

Cá em baixo, no lugar de Santo Amaro, tem a sua Capelinha onde se festeja o seu dono em meados de Janeiro de cada ano, ou no domingo mais próximo.

Simple, bem estimada — Santo Amaro é da devoção dos moradores dali — e venerado com muito carinho, como se pode ver pelo seu arranjo da Capelinha.

No alto, lá em cima, quase nas portas do Céu, está a Capela de Nossa Senhora da Guia, construída num adro com parede de suporte que mais parece alta muralha defensiva e farol de orientação aos navegantes.

A actual está no sítio de outra da mesma intenção, que era pequenina e por isso foi arrasada.

No adro, em pedestais com cerca de quatro metros cada, tem duas imagens esculpidas em pedra e representam uma Nossa Senhora da Guia e a outra S. Cristóvão.

Por cima e detrás da Capela há um artístico 'cruzeiro, e ao lado uma cruz fluorescente para ser iluminada à noite. Festeja-se no mês de Maio.

Sobre o mar, uma panorâmica que se não descreve porque as palavras faltam diante de tal grandeza do belo e do imenso!

Custa a subir até ali. Mas vale bem a pena.

O atalho é pedregoso e desgastado pela erosão dos milénios. Mas naqueles monstros graníticos, nas suas formas estranhas esculpidas pelo vento e pela chuva com a espontaneidade que muitos buriladores de arte abstracta gostariam de idealizar, há toda uma sinfonia de gestos que nos enleva e transporta a mundos imaginários e distantes.

Ao subir um escadório junto ao adro, aparece-nos uma poesia do Poeta de Belinho:

*«Nossa Senhora da Guia  
Alta Capela escolheu  
P'ra melhor guiar os homens  
Desde a terra até ao Céu».*

Descemos.

Mas por breve tempo.

É que há sítios assim: ficam para sempre gravados em nós, e, quem os deixa, traz no coração e no sangue o inseparável veneno... da vontade do regresso.

## ANTAS

ORAGO: S. PAIO

Dá gosto visitar as Capelas de S. Paio de Antas.

Deixam um certo sabor, talvez por serem as últimas deste roteiro.

Ao descer a Estrada e logo abaixo da Escola, uma pequenina Capela aparece, à esquerda, dedicada a S. João Baptista.

É pouco maior do que alguns dos nichos aumentados de tamanho que encontramos durante a nossa peregrinação, mas a verdade é que as pessoas daqui a consideram Capela.



●

Ao princípio da encosta do Monte que segue para Belinho, tem uma dedicada a S. Cristóvão, na localidade do mesmo nome.

Está cercada de casas à volta e os moradores dali costumam promover anualmente um festejo que consta apenas de Celebração Eucarística em honra do seu Patrono.

●

Perto do cruzamento da Estrada que segue para a praia da Guilheta e no ponto de derivação do acesso à Quinta dos Fidalgos de Belinho, está a Capela de Nossa Senhora dos Remédios, que é particular e pertence aos herdeiros do Padre António Dias Ferreira.

Tem acesso da estrada e está bem cuidada no seu interior, o que dá certa satisfação a quem passa.

A sua fábrica é de boa cantaria.

●

Seguindo em direcção à Quinta dos Fidalgos de Belinho, mesmo em frente da talvez mais imponente entrada de quantas casas brasonadas tem toda a Ribeira-Neiva, e em terreno arborizado que mais parece um parque citadino, uma das também mais belas Capelas visitadas, que serve de jazigo aos Fidalgos desta Casa.

É dedicada à Senhora do Rosário.

Pode considerar-se uma jóia de construção e, apesar de bem conservada, ostenta o «tic» que lhe pertence de nascença.

É singular o seu estilo.

Pena não ter sido possível visitá-la no interior.

●

Partamos a caminho da praia da Guilheta, onde o nosso Rio vai ao encontro do Mar.

Perto dali, aparece-nos um largo delimitado por marcos de pedra com uma Capela dentro. É junto ao primeiro açude

É a última do nosso Vale, ou a primeira a contar da foz.

Foi aumentada com o tempo. Aumentada de tamanho. O alpendre foi inaugurado em 1956 e custeado por Albino Alves de Azevedo, como se lê numa placa.

É dedicada a Santa Tecla.

O recinto é um local de sonho.

Soa-nos o sussurrar da água da levada e o marulhar das ondas; sente-se a frescura do Rio e a maresia da foz.

A sinfonia entra em dueto nos ouvidos; o espírito sente-se enlevado por uma paz como em nenhum outro lugar. Porque o lugar é de paz, de solidão, de encantamento!

A Peregrinação começada em S. Miguel de Prado acabou, ali mesmo, em local de flagrante contraste com o do seu início; lá, a altura, o cabeço do montado e largueza de vistas com alcance quase sem fim; aqui, a proximidade das águas, o remanso musicado pela eterna melodia da água que corre, o baixio que serve de estrada no encontro do abraço com as ondas.

Foi belo o passeio que terminou aqui.

Terminou, sim, mas só este. Este que foi o primeiro.

Que Deus me deixe repeti-lo mais vezes, agora que eu sei como vale a pena! Agora que já conheço os caminhos e quero voltar a calcá-los!

## Ponto Final

O meu pequeno trabalho de levantamento acerca das Capelas do Vale do Neiva chegou ao fim. Suponho ser o primeiro do género e, à partida, um trabalho onde as falhas se detectem facilmente, e sem auxílio de microscópio.

Nunca me arrependerei de o ter feito. Basta ser um primeiro passo dado ao encontro de pesquisa de maior vulto. Além de que, daqui em diante, ninguém mais precisará de gastar mil e tantos quilómetros de carro para localizar as Capelas do nosso Vale, até as conhecer a todas.

E a certeza das falhas deste trabalho imuniza-me contra qualquer decepção que pudesse sofrer quando o pretenciosismo me levasse a julgá-lo perfeito. Também não perfilho a opinião de que se publique apenas aquilo que se levou à última consequência de apuramento, se daí resultar uma opção de aparecer a público ou morrer no fundo duma gaveta. Afinal a perfeição não existe e ninguém faz uma pesquisa completa.

Se assim fosse, os historiadores há muito estariam arrumados. E todos os dias afinal se faz uma descoberta complementar àquilo que um erudito apurou.



Na zona da nascente do Rio e até ao Monte de S. Cristóvão de S. Julião do Freixo, tive o raro gosto de ser acompanhado pelo colaborador desta obra Armindo de Faria, nado e criado ali onde as águas descem e cantam uma melodia diferente, ali onde o Rio tem raízes e brota de várias fontes, ali onde o Rio ainda não começou a sê-lo e ali onde ele começa a definir-se. Armindo Faria nasceu lá. Começou a conhecê-lo desde criança. Sabe os nomes da toponímia, sonantes como as notas musicais das árias sinfónicas executadas pela Banda que dirige e das estrofes divinais dos versos que escreveu para matar a sede à sua alma inconformista e ao seu espírito insaciável.

Armando de Faria é poeta. É publicista de garra. Pertence-lhe a mais perfeita monografia minhota até hoje saída a público — «Minho, dossel de Portugal» — que no Brasil, como emigrante, conseguiu lançar, fazendo um esforço que só ele conhece bem. É um autêntico historiador local, pesquisador impenitente que não dá guarida às horas de descanso.

Ele historiou as Capelas da parte alta deste Vale. Nesse espaço, cada um à sua maneira, escrevemos acerca de Capelas visitadas. O seu valioso trabalho pode, assim, preencher as imensas lacunas de que o meu enferma no tocante àquela zona.



Daqui em diante, mais se vai notar a falta de um trabalho de aprofundamento da matéria que tratei.

Cada Capela pode representar um trabalho de apuramento local. Muitas representam um voto; muitas representam o agradecimento de uma graça; muitas são um testemunho de devoção que se colocou aos olhos dos crentes. Mas são, todas elas, o atestado daquela fé que se não apagou nos recônditos da alma da nossa gente minhota.

Houve, nas Capelas como em tudo, uma maré alta e uma maré baixa.

Aconteceu com as Capelas como com os Calvários e com as Alminhas ou Cruzeiros.

Acho que o momento agora é de tomada de consciência, de preservação, de incentivo ao restauro.

É na preservação há muito a fazer, muitas reacções a colmatar, muito empolgamento a refrear.

As Capelas andam ao sabor do vento em parte das nossas paróquias e há muitas sem um Pároco que tenha um mínimo de interesse por elas.

Ainda hoje se cometem barbaridades assassinas com a bênção beneplácita do Pároco ou perante a irresponsável indiferença dele. E isso tem de acabar! Nem devia ter acontecido.

Há casos relacionados com reedificação que deviam ter o seu auxílio e incitamento e acontece precisamente o contrário. Se aparecem aqueles que tudo fazem, em esforço constante, pela mentalização dos fregueses, no sentido da conservação, também não falta um ou outro possuído da fraqueza de colocar os interesses do zelo de bens da paróquia depois dos interesses que directamente lhe aumentem os réditos pessoais.

Em cada paróquia as Capelas são o reflexo do zelo do seu Pastor. E perdoem-me a insistência, sobretudo aqueles que se esqueceram de tomar por modelo os lírios dos campos e as avezinhas do Céu!

•

Tempos voaram em que cada uma das Capelas tinharomeiros penitenciais que doutras terras ali vinham.

Isso acabou.

Só que um estudo atento serviria de registo dos costumes de cada freguesia. E os costumes perdem-se, dia a dia. E as histórias das terras nunca se poderão escrever sem que esses costumes sejam estudados também.

•

Muitas desapareceram sem terem deixado notícia.

Mas o local de muitas outras ainda é conhecido.

Por que não pretender, então, assinalar cada um destes, ao menos com a erecção de uma cruz legendada, para que sempre se fique a saber que uma Capela existiu ali, que aquele chão foi benzido, que a invocação dum Santo foi ali honrada?

Quantos desses sítios assinalam templos que viram nascer Portugal e quantos foram, talvez, sítios de oração para que o cristianismo se consolidasse em nossas terras!

•

Um voto de agradecimento é devido a Tarcísio Maciel, que, ao volante do seu carro, não conheceu maus caminhos nem boas estradas, quando uma Capela tinha de ser vista e anotada. Sem a valiosa ajuda que prestou, difícil e bem mais penoso teria sido para mim levar avante o trabalho a que meti os ombros.

E, já agora que estamos a falar em «corajosos», seria pecado de bradar aos céus deixar no silêncio o editor do «Vale do Neiva», que foi acompanhante apaixonado do nosso trio ou quarteto, sempre que podia e com a paixão e amor que dedica a tudo que seja do Vale, para seu interesse ou de promoção de mais amplo conhecimento geral.

A todos, o meu reconhecimento.

O trabalho foi árduo, apesar das inesquecíveis horas que passámos. Tenha ele valido, para bem das Capelas do nosso Vale!

Vale do Neiva, Janeiro de 1982.

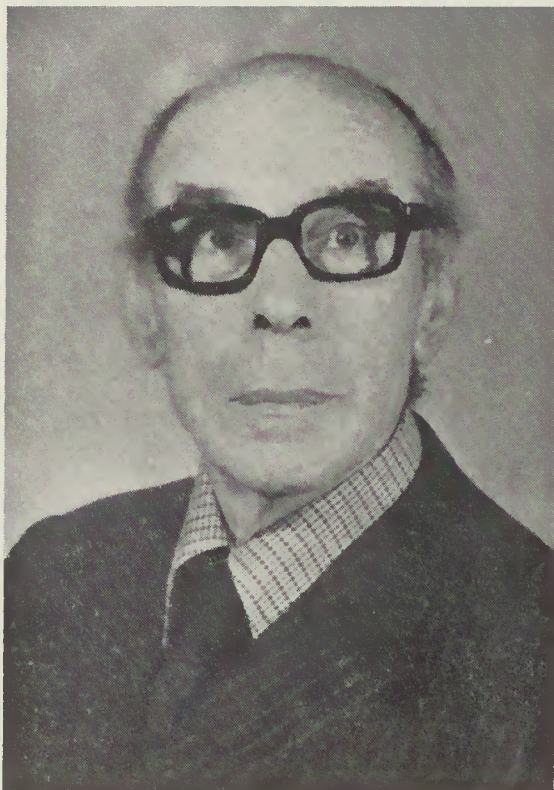


*Dr. Domingos Maria da Silva*

- *Um estudo sobre o Vale do Neiva: A Monografia de Durrães*







**DR. DOMINGOS MARIA DA SILVA**

Nasceu em terras de Entre-Homem e  
Cávado a 21 de Janeiro de 1910



# Um estudo sobre o Vale do Neiva: A Monografia de Durrães

---

pelo DR. DOMINGOS MARIA DA SILVA

O meu bom amigo e colega Dr. Manuel Justino Maciel, jovem escritor, muito promissor de êxitos literários, que à nossa terra minhota dedica uma especial atenção, investigando de seus pergaminhos para torná-la mais conhecida e amada principalmente de seus conterrâneos, ao dedicar-lhe trabalhos de história local e regional, como é a Monografia de Durrães, merece uma apreciação desta sua obra, embora haja que ter em conta os meus poucos recursos de competência crítica.

Abordarei dois temas que relevam da referida Monografia e marcam duas fases da vida provinciana em geral, a partir de meios essencialmente rurais, como é este de que se trata. Podem condensar-se no chamado «isolamento» em que viveram as populações, entregues quase exclusivamente ao amanho de suas terras, vivendo delas e para elas. Em contrapartida, o termo «mobilidade», seu correlativo, foca o segundo aspecto, o de abertura, por outra palavra mais corrente — o que resulta da *emigração*, que venceu os apertados limites de nossas aldeias e abriu de par em par as barreiras das nações a todos os homens estimulados pela ânsia de melhorar sua anterior situação e condições de vida em que viveram as gerações passadas.

A parte certos e determinados aspectos da vida religiosa, econômica e social que são comuns, com pequenas variantes, a todas as comunidades rurais do Norte do País, desde o calendário agrícola à canalização de excedentes de produção, levados às feiras e mercados de reconhecida importância e fama, sem falar do factor religioso tão vivo e saudável em nossas terras, questões que o Dr. Manuel Justino Maciel desenvolve com tanta proficiência na Monografia da sua terra natal, o primeiro caso, seja o do isolamento, não podia ter sido melhor documentado que o conseguido pela inserção na referida obra da «relação evolutiva do parentesco» que dá origem à parentela e não deixa de ser um exemplo vivo, em maior ou menor escala, do que se verificava no sistema de casamentos endogâmicos das famílias ancestrais de

saudosa memória, os quais se contraíam nos estreitos limites das aldeias, quando os respectivos mancebos se opunham a que os de fora viessem buscar suas noivas a terra que não era a deles, assim como lhes não permitiam que as trouxessem de fora. Tinha cada um que se governar com a prata da casa, que rodeavam da melhor vigilância. A quebra deste princípio provocava graves desordens em arraiais de feira e romaria, quando alguma rapariga era vista a «conversar» com rapaz de terra que não era a sua. E daqui a frequente consanguinidade de muitos casais que se constituíam. Tenho no meu arquivo familiar um breve pontifício de dispensa de parentesco no quarto grau de meus bisavós, em que o pároco da época justifica a petição por força de não haver na freguesia outra rapariga do mesmo nível social, a não ser que o nubente contraísse casamento desigual. Era este o sistema de vida das comunidades isoladas, a viverem para as terras em que se movimentavam seus passos, as quais constituíam como que uma parcela da personalidade de cada um. Largar a terra era defraudar essa mesma personalidade. As terras do Minho também, em grande parte, fracos meios de comunicação possuíam com o mundo exterior. Até há bem pouco tempo apenas caminhos de pé posto e carreteiros as ligavam, até que uma rede de vias municipais começou a lançar-se e a desaguar nas estradas nacionais que conduzem às cidades e ao caminho de ferro.

E quebrou-se o mito do isolamento; entrou-se em regime de mobilidade crescente das populações que antes até tinham medo de sair de casa e de viajar. Insisto, voltando ao primeiro e curiosíssimo caso, que o Dr. Manuel Maciel não podia encontrar melhor demonstração dum estado de coisas que se viveu quase até aos nossos dias que o quadro genealógico, pacientemente elaborado, que insere na *Monografia de Durrães*, onde se prova que uma família de tipo patriarcal deu origem a uma freguesia e, se lhe dessem tempo oportuno, seria capaz de formar uma pequena nação.

Depois, os filhos e os netos... dessa família ancestral trocaram os sentimentos de apego à terra pela sobrevivência. Entrou-se em diáspora. Emigrou-se em tão avultado número que provoca receios de irreversibilidade e de que a terra se ressinta, sem remédio, da falta de seus braços, mas parece não haver alternativa para este fenómeno, questão de que o Dr. Manuel Maciel se interroga.

Digno de muitos elogios é, pois, o trabalho de investigação a que se entregou com empenho e mais ainda, de exemplo para outros autores, de modo a mostrarem que na História das nossas terras o dia de hoje não é igual ao de ontem e muito menos o será ao de amanhã, quando tudo corre cada vez mais célere nestas despedidas do nosso século de transformações profundas.

Amadora, 30 de Outubro de 1981.

*Ilídio Eurico Gomes Ramos*

- *O Castelo de Neiva*
- *Santa Marinha de Forjães*
- *S. Miguel de Alvarães*
- *Barroselas — A enamorada do Neiva*
- *Santa Maria de Tregosa*
- *Santa Maria de Carvoeiro*
- *A Torre de Curutelo*
- *A Casa de Mereces em Calvelo*





**ILÍDIO EURICO GOMES RAMOS**

**Nasceu em 24 de Agosto de 1918**

**Barcelinhos - Barcelos**





# O Castelo de Neiva

---

Para quem circula na estrada internacional do Porto a Valença do Minho, logo após transpor a freguesia de S. Paio de Antas, no concelho de Esposende, depara à sua esquerda, vindo desta vila, com um morro alcantilado numa montanha que desce abruptamente por vários precipícios para o Rio Neiva, margem direita, em cujo cume selvático e rochoso se ergueu em recuadas eras o Castelo de Neiva, fortaleza medieval de grande importância militar, ao tempo da fundação da nacionalidade.

S. Tiago do Castelo de Neiva, freguesia onde existiu esse castelo, segundo o Dr. Damião Peres, data de longevas épocas cuja memória se perdeu na noite dos tempos. «Tivera ela como nome o do orago S. Tiago de Castelo do Neiva, cuja perífrase de feição topográfica — S. Tiago de ao pé do Castelo —, constituiu uma denominação que, no medievo latim das mais antigas «INQUIRIÇÕES», as de 1220, assim é dita — «Sancto Jacobo de juxta castellum».

Castelo de acentuada importância estratégica, dele se não conhece bem ao certo a data da sua fundação, sabendo-se no entanto que já existia em 1110, época em que era seu alcaide às ordens do reino de Leão, D. Mem Gonçalves, «*O Prudente*», casado com D. Unisea de Chavão, próximos parentes do Senhor do Castelo de Faria, D. Pedro Eanes de Faria (1).

Fortaleza inexpugnável para aqueles tempos dos primórdios da nacionalidade, cujos alicerces mergulham por debaixo de enormes rochedos assentes em lajes que mais parecem agulhas apontadas ao céu, era de aspecto dantesco, e com o decorrer da ampulheta dos tempos veio a cair em ruínas, dele restando hoje somente uns fugidios indícios dos mesmos alicerces, tendo no local sido erguido um cruzeiro a comemorar o 8.º Centenário de Portugal.

---

(1) «O Casamento de dois finados» — D. Nuno Peres de Faria. Por V. B.

Na sua importante obra intitulada — «A GLORIOSA HISTÓRIA DOS MAIS BELOS CASTELOS DE PORTUGAL» — o distinto professor universitário e historiador, Dr. Damião Peres, falecido há alguns anos, ocupa-se dele do seguinte modo:

«Desse castelo nada resta, mas é possível visioná-lo, e visioná-lo com respeito, porquanto, erguido à beira da estrada que precedeu a actual, sem dúvida constituiu, na hora da independência de Portugal, uma das sentinelas vigilantes duma das vias da invasão da terra portuguesa. Foi todavia noutra hora também de crise nacional, a do advento da dinastia de Aviz, que se escreveu a mais conhecida página da sua história, então semelhante à do Castelo de Guimarães, visto figurar entre as terras cujos defensores por motivos de um mal entendido legalismo, os mantinham por D. Beatriz e pelo seu consorte castelhano.

Ia começar a campanha do Minho, subsequente à aclamação de D. João I nas Cortes de Coimbra; e enquanto o Rei preparava a sua ida ao Porto, base das previstas operações militares, àquela se dirigiu o Condestável, que ele encarregara de organizar reforços navais à defesa de Lisboa, ameaçada por uma armada castelhana.

Dado cumprimento a essa missão, resolveu Nun'Álvares ir em romaria ao túmulo do Apóstolo Santiago, na Galiza, intuito ao qual associou, todavia, o de assenhorear-se de algumas terras onde não fosse ainda reconhecida a autoridade de D. João I. Fazendo então caminho por Leça, em direcção a Darque e Viana, foi passar pelo Castelo de Neiva, aí chegando ao pôr-do-sol dum certo dia, hora a que logo se travou rijo combate. Era o castelo «*mui forte e bem defendente...*», disse o cronista Fernão Lopes, sendo assim de prever uma longa resistência. Tal não sucedeu, porém, pois quis o acaso que a pouco tempo do começo da luta uma seta atingisse mortalmente no rosto o alcaide, entregando-se depois a guarnição do castelo. Logo a castelã viúva veio avistar-se com Nun'Álvares, lembrando-lhe o respeito da sua dignidade e fidalguia, e ele «*ao outro dia pela manhã a mandou honradamente, com certos homens de cavalo e a pé, a Ponte de Lima, a seu pai*».

Depois, deixando ali «*Pero Afonso do Casal com certos homens d'armas e de pé*», prosseguiu o Condestável viagem com o grosso da sua gente. Depois disto, o Castelo de Neiva mergulha na penumbra da História; e pelos séculos fora, pouco a pouco, mesmo a sua figura material, talvez altaneira, se esbate até desaparecer. Hoje, e já desde há muito não existe dele uma só das suas pedras no lugar próprio; o desrespeito dos homens as levou para outros lugares, destinadas porventura à construção ou restauros de edifícios religiosos, e também, decerto, empregadas em outros fins bem dignificantes. Só a marca dos alicerces, abertos na penedia, e que, lá no alto, são ainda em parte visíveis, constituiu derradeiro vestígio material da sua remota existência.»

Segundo reza a história, a conquista deste castelo por D. Nuno Álvares Pereira deu-se precisamente a 24 de Abril de 1385.

Castelo do Neiva foi vila e julgado com todas as prerrogativas inerentes à importância social que já na Idade-Média disfrutava. As suas famosas e mui temidas justiças vieram para Barcelos no século XIV, época em que esta povoação ficou integrada no seu termo de tão gloriosas tradições históricas, cujos territórios na margem direita do Rio Cávado já desde há muito faziam parte das antigas Terras do Neiva.

Nos meados do século XIX, a paróquia de Castelo do Neiva tinha já 292 fogos e 1455 almas, chegando a ser Condado instituído por El-Rei D. Fernando I<sup>(1)</sup>.

Foi seu 1.º Conde, D. Gonçalo Tello de Meneses, irmão da Rainha D. Leonor Teles, e portanto cunhado daquele monarca. Era o mesmo conde, filho de Martim Afonso Tello de Meneses e de sua esposa D. Aldonça de Vasconcelos. Veio a falecer em 28 de Junho de 1403.

D. Fernando I também lhe concedeu de mercê o Senhorio do Julgado de Faria, nas Terras de Faria ou de Ofir, na margem esquerda do Cávado, por sua carta datada de 18 de Novembro de 1371, entre os quais ficava enquadrado o Castelo de Faria. Este mesmo D. Gonçalo Tello também chegou a ser Alcaide-mor da antiga Vila de Neiva, por nomeação de 22 de Outubro de 1372.

O 2.º Conde de Neiva foi D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, e 9.º Conde de Barcelos, casado em primeiras núpcias com D. Brites Pereira, filha do Condestável; e em segundas com D. Constância de Noronha, dama espanhola. E por esta via se incorporou o título de Conde de Neiva nos descendentes da Casa de Bragança até ao nosso último Rei, D. Manuel II.

Barcelos, 18/6/1980.

---

(1) «Memória Histórica da Villa de Barcellos» — Abade do Louro — 1867.



# Santa Marinha de Forjães

---

Não ficaríamos de bem com a nossa consciência, se não recolhessemos alguns apontamentos monográficos, publicados sobre esta terra tão bela e de paisagens deslumbrantes, que o Neiva acaricia docemente por entre trigais e milheirais, amieiros e salgueiros.

Paróquia encravada do Vale do Neiva, do concelho e Arcipresbiterado de Esposende, do distrito e Arquidiocese de Braga, desde o ano de 1898, antes pertenceu à comarca de Barcelos com as suas 15 freguesias que ainda hoje possui o termo de Esposende.

A sua antiguidade parece remontar ao século X da Era de Cristo, e já no ano de 1059 nos aparece o primeiro documento que refere em parte os seus princípios.

Povoação de gentes que labutam nos mais variados sectores da vida social, nos campos, no comércio e na indústria, em 1220 já nos aparece nas — *Inquirições de D. Afonso II* — com o título «DE SANCTA MARINA DE FROGIAES DE TERRA DE NEVIA», e nas de 1258 com a designação «PAROCHIA SANTI MARINA DE FORJIANIS — 1.<sup>a</sup> alçada IN TERRIAE DE NEBIAE — ANTRE — CADABO — LIMIA — ET — NEBIAE».

## ORIGEM

Quanto à origem do seu topónimo querem alguns autores que tenha resultado da origem de várias oficinas onde em *forjas* se trabalhavam os metais, dedicando-se então uma parte dos seus habitantes a este rude e canseroso ofício desde épocas imemoriais da história portuguesa. Sobre a etimologia do nome de FORJÃES, o ilustre memorialista barcelense, Padre António Gomes Pereira, nascido na freguesia de S. Paio de Midões, Casa de Chapre, é de opinião «que tanto pode derivar de *forja*, como o sufixo *ãis*, como denotar o sítio de forjas, ou ainda poderá vir de *Villa Forjanis*, que significava Quinta do Snr. Forja ou Furja, nome próprio gótico.» — «TRADIÇÕES POPULARES E TOPONÍMIA».

O Dr. Luís de Figueiredo da Guerra, arqueólogo, historiador e memorialista da Princesa do Lima — Viana do Castelo, é de parecer «*que Forjães vem de Villa Froiani.*»

Manuel Ayres Falcão Machado, da Sociedade de Geografia, concorda com estas opiniões na sua — «ESPOSENDE — MONOGRAFIA DO CONCELHO» — ano de 1951.

Há ainda a assinalar o facto de alguns escritores dizerem «que a medieva *Vila Forjanis* devia ter sido no lugar denominado Aldeia, visto haver ali um sítio conhecido por Fim de Vila, e onde primitivamente esteve a igreja paroquial.»

O Dr. Teotónio José da Fonseca, arqueólogo e escritor barcelense, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de Lisboa, na sua obra monográfica intitulada — «ESPOSENDE E O SEU CONCELHO» —, publicada em 1936, ao tratar das «*Inquirições de D. Afonso III*», de 1258, cita em dado momento «que o rei não tem aqui reguengo algum; que ele não é padroeiro; que dantes costumava pagar renda, mas desde que foi desta Ordem não a paga; e que esta igreja tem sesmarias e quebradas.»

Esta citação é também corroborada por Dídimo Victor Hugo da Cunha Vilas-Boas Mesquita, de Balugães, apreciado contista e autor de teatro, na — «MONOGRAFIA DE FORJÃES» —, por si publicada em 1972.

Nas mesmas *Inquirições* identificam-se os direitos que nela tinham várias Ordens: Palme em 11 casais e entradas; Santa Eulália com casal e meio; Banho em 11 casais e entradas; e Várzea, com duas partes de um casal.

## SITUAÇÃO

A freguesia de Forjães situa-se numa quebrada do Monte da Figueiró, encravada entre os limites dos concelhos de Barcelos, Espo-sende e Viana do Castelo, numa espécie de entroncamento de estradas nacionais e municipais. Parte fica em planície, e outra parte em locais acidentados, espreado-se até às margens do Rio Neiva, o rio dos poetas, que atravessa a paróquia no sentido nascente-poente, principalmente pelo lugar de Neiva.

É atravessada também nas direcções sul-norte pela estrada nacional n.º 103, de Barcelos a Viana e nos quadrantes nascente-poente pelas estradas municipais de Barroscelas à Barca do Lago, por Fragoso e Balança de Palme, e pela de Forjães a S. Paio de Antas.

É terra fortemente produtiva em todos os géneros agrícolas devido ao empenho e cuidados dispensados pelos moradores aos seus terrenos de cultivo.

## CONVENTOS COM DIREITOS EM FORJÃES

O Convento de Palme, dos Monges Benedictinos, é de fundação anterior à da própria nacionalidade, pois data do ano 1029. Parece ter sido uma importante quinta de um tal Lovezendo, que nela edificou um mosteiro. Diz-se que foi um dos mais ricos conventos da província de Entre-Douro-e-Minho. O seu Couto compreendia as paróquias de S. Bartolomeu do Mar, Santa Marinha de Forjães, Santo André ou S. Salvador de Palme, S. Tiago de Aldreu e Santo André de Teivães.

A Comenda de Santa Eulália de Rio Covo pertenceu à Ordem dos Cavaleiros Templários, admitida em Portugal pela Rainha D. Teresa, esposa do Conde D. Henrique, em 1125.

Extinta por El-Rei D. Dinis, em 1312, com os seus bens, que eram anclados, criou o mesmo monarca a Ordem Militar de Cristo. Em Santa Eulália havia uma Casa da Renda onde se recebiam os foros de de vários casais existentes no Condado de Barcelos.

O Convento do Banho, em S. Salvador do Banho, junto a Vila Cova, pertenceu à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (Frades Crúzios). Parece ter sido fundado entre os anos de 1067 a 1073, durante o governo do Bispo de Braga, D. Pedro II.

No tempo do Cardeal D. Henrique, passou para Comendatários, em 1566, reduzido a Comenda da Ordem de Cristo e Reitoria secular.

O Mosteiro da Várzea, freguesia de S. Bento da Várzea, da Ordem Benedictina, foi fundado no ano 570 por S. Martinho, Bispo de Dume. Era então composto por Frades e Freiras, isto é, vivendo separadamente e rezando as horas canónicas, na mesma igreja e em coros diferentes. Com a invasão dos Árabes ficou completamente destruído no ano 716, até que em 1110, D. Soeiro Guedes da Várzea, Rico-Homem, o reedificou e povoou com Monges Benedictinos. — Dr. Teotónio José da Fonseca — «O CONCELHO DE BARCELOS — AQUÉM E ALÉM-CÁVADO».

## A IGREJA PAROQUIAL

Segundo o mesmo autor, a Igreja Paroquial de Forjães esteve num sítio conhecido pelo topónimo de Fim de Vila. Dídimo Mesquita emite a opinião de que esse lugar também poderia ser Cimo de Vila, e diz-nos que figura numa lenda como se tendo situado em tempos mais remotos no local de Cerqueiral.

A sua fachada de estilo barroco tem logo por baixo da cimalha da fachada um nicho onde se guarda a imagem da sua padroeira — Santa Marinha —, e uma janela rectangular de gradeamento de ferro forjado, por onde entra a luz para o corpo principal.

Ao lado direito da mesma fachada encosta-se a torre dos sinos construída no ano de 1848. A sua pia baptismal é de mármore. As paredes do baptistério ostentam um painel de azulejos do notável artista Jorge Colaço, representando o baptismo de Cristo por S. João Baptista.

O altar-mor possui um retábulo moderno. No corpo principal veneram-se os altares do Coração de Jesus, das Almas do Purgatório, de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora de Fátima.

Em duas lápides do arco-cruzeiro podem ver-se duas inscrições que aludem, uma à visita que D. Sebastião Nicatira, Núncio da Santa Sé, em Lisboa, fez a este templo em 5 de Agosto de 1924, e a outra à visita do Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, em 15 de Novembro de 1927. — «MONOGRAFIA DE FORJÃES».

## CEMITÉRIO PAROQUIAL

Demora-se atrás da igreja, junto ao adro dela. Edificado em 1885, tem um interessante pórtico de ferro forjado, e gradeamento a revesti-lo.

Dídimo Victor-Hugo, nosso bom amigo desde os tempos do Escutismo, diz-nos «que a palavra cemitério vem da língua grega e quer dizer — Lugar de descanso, «dormitório». Só depois de várias polémicas e Decretos-Leis — isto em síntese — o povo acatou os enterros nos cemitérios tendo havido antes a Revolução de 1846 — da Patuleia ou Maria da Fonte, movida por certos políticos daqueles tempos.»

## PASSAL

Fica um pouco ao norte da igreja e a pequena distância desta. Reformada no ano de 1952, ficou bastante funcional apesar de já ter uns anitos de existência.

Diz o mesmo escritor: — «É uma Quintinha fechada, à volta da Residência e tem água de consumo e rega. Produz óptimo vinho branco e tinto, e tem algumas árvores de fruta, cujos rendimentos pertencem ao pároco da freguesia. Este Passal foi adquirido, em hasta pública, no tempo da implantação da República, pelo capitalista de Forjães, senhor Rodrigues de Faria, que a doou mais tarde à freguesia.»



## **CRUZEIRO PAROQUIAL**

Perto da igreja, ao lado da estrada para S. Paio de Antas, de que já falamos, ergueram um monumental cruzeiro que não foi construído na freguesia, por quanto veio transferido do antiquíssimo Mosteiro Beneditino de Palme, Barcelos.

Como data nele assinalada regista-se a de 1885, que não sabemos se é a da sua mudança para esta freguesia. Uma outra data ali gravada refere-se ao Centenário da Restauração e Independência da nossa nação, ocorrido no ano de 1640.

Um outro cruzeiro moderno segundo, a mesma fonte de informação que reputamos fidedigna, foi «inaugurado por Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Braga, e que se deve a subscrição pública». Situa-se este frente à Casa do Povo.

Este local é por excelência o Centro Cívico de Forjães ou a sua sala de visitas.

## **CURSOS DE ÁGUA**

Além do Rio Neiva, cuja passagem nesta linda localidade nos referimos ao de leve, um tanto ou quanto fugidamente pela razão de já dele nos termos ocupado em outras freguesias do seu ameno e viçoso vale, passam aqui o Ribeiro de Pias, que vindo do lugar das Forçadas, da vizinha freguesia de S. Tiago dos Feitos, do concelho de Barcelos, vai desaguar no Neiva; e o Ribeiro do Chouso, que tendo a sua nascente nas montanhas da freguesia de S. João, de Vila-Chã, concelho de Esposende, também vai entrar no mesmo rio.

## **CONFRONTAÇÕES**

Esta freguesia tem as seguintes confrontações: pelo Norte confronta com a paróquia de S. Miguel de Alvarães, do concelho de Viana do Castelo; pelo quadrante Sul com Santo André de Palme, do concelho de Barcelos; pelo Nascente confronta com S. Pedro de Fragoso e S. Tiago de Aldreu, ambos de Barcelos; e pela direcção Poente com S. Paio de Antas, do concelho de Esposende, que já fica para os lados da Foz do Neiva.

## **CAPELAS E ERMIDAS**

A de S. Roque, no lugar de Cerqueiral, ao lado do muro exterior da Quinta de Curvos. É pública e dela nos diz Dídimo Mesquita: — «É a mais antiga. Está situada no lugar de Cerqueiral, no lado norte,

dum extenso souto. Foi fundada por Manuel Velho e sua mulher. Seriam estes descendentes dos Velhos de Pregais? Data a sua construção do ano de 1600, sendo reformada em 1871. Em 1877, foi construído à sua volta um paredão de segurança, para limitação do adro e protecção do mesmo, por haver ali um grande declive de terreno. No púlpito está gravada a seguinte inscrição: «ANNO DE 1760». Na sacristia há uma pia baptismal, lavrada num bloco de pedra que veio da igreja paroquial. Veneram-se no único altar existente, as imagens de S. Roque, Santo Amaro e S. Vicente. Serviu esta capela para o culto paroquial, porque há dezenas de anos a igreja da freguesia foi arrombada e profanada. Reza a lenda que, em fins do século XIV, pairou na região uma peste maligna, e que o povo devoto de S. Roque transportou à cabeça todas as pedras e o material necessário à construção da capela. Faziam isto diariamente, por penitência, e durante muito tempo. O santo milagroso foi levado ao triunfo pela multidão dos crentes e entronizado no altar da capela, entre vivas e hossanas, fazendo-lhe todos os anos grandes festejos que eram considerados os maiores do concelho. Este santo era credor de muitas medidas de cereais que foram pagas durante décadas...

A Capela de S. Roque está bem cuidada, branquinha, servindo de miradouro sobre a fértil Agra de Pias. É um dos locais mais altos e mais pitorescos da freguesia.»

A Capela de Nossa Senhora da Graça, no lugar da Santa, data do ano de 1673. — «Pequena e baixa, a sua frontaria é encimada por uma sineira, ladeada nos cunhais por pirâmides. Entre a padieira da porta e uma pequena rosácea que se abre ao centro da fachada, tem uma pedra com a seguinte inscrição: «ESTA ERMIDA MANDARÃO FAZER OS FREGUESES E MAIS DEVOTOS CENDO VIGARIO MANUEL DE CASTRO BARRETO». — Todos os anos há ali uma festa.» — MONOGRAFIA DE FORJÃES.

Tem apenas um altar em talha antiga e uma pequena sacristia.

No lugar do Monte Branco fica a pequenina ermida de Nossa Senhora da Boa Morte, cuja edificação data de 1919. Assemelha-se a um oratório e é particular.

No adro da Igreja, em 1958, o Rev.º Campos Lima, custeou integralmente a feitura desta capela. É airosa e de linhas modernas. Deve-se também ao mesmo sacerdote a construção de uma outra, mais modesta, no lugar do Matinho, e, em honra de N.ª S.ª das Curas. Este benfeitor, filho dilecto de uma boa família desta terra, está actualmente como missionário em Vila do Longongo — Diocese de Nova Lisboa, em Angola.

Foi pároco da freguesia de Remelhe (Barcelos), onde se tornou famoso pelas suas curas.

Trata-se de uma pequenina ermida de um só altar, com pórtico gótico na fachada com a invocação do Senhor dos Passos ou de Nossa Senhora das Dores.

Fica mesmo ao lado do Centro Paroquial da freguesia de Forjães. Junto ao Solar de Pregais fica a Capela de Nossa Senhora da Abadia, cabeça de vínculo da família que no mesmo edifício viveu durante longos anos à lei da nobreza. A sua fachada voltada ao nascente na simplicidade das suas linhas architectónicas, acha-se enriquecida com uma pequena rosácea que cõa a luz do dia para o seu interior, onde se venera a valiosa imagem da sua padroeira; com uma porta que lhe dá acesso pelo exterior e com duas pequenas janelas que a ladeiam. Um altar de pedra pintada do século XVIII é digno de atenta vista dos entendidos em arte religiosa.

### **PONTES SOBRE O NEIVA**

Na estrada nacional para Viana, a Junta Autónoma das Estradas mandou levantar em 1865 uma Ponte de alvenaria cuja condição de passagem, ou portagem, estava assim estabelecida: — «Cada peão teria de pagar 10 réis.» Junto à ponte ainda existe a casa dos fiscais. Será a casa onde funciona actualmente uma «boite», a que chamam o Piano?

«No lugar de Neiva, há outra, toda em ferros e sobre o mesmo rio. Foi mandada construir pelo capitalista Sr. Rodrigues de Faria.»

### **AZENHAS NO NEIVA**

Esta freguesia tem algumas azenhas no Neiva, a que chamam moinhos. Segundo nos diz Dídimo Mesquita na sua monografia: «este rio tem nesta freguesia vários moinhos sendo o mais antigo e muito típico o moinho da Ribeirinha.»

### **FONTES PÚBLICAS**

Manuel Ayres Falcão Machado indica duas fontes públicas em Forjães: «a de Forjães e a de Casainho». É claro que a freguesia não tem só estas, e assim devemos incluir mais as seguintes que vêm referidas na «MONOGRAFIA» da terra: as de S. Roque, Barreiros, Pedreira, Souto, Igreja, Pego, Velha, Morena, Titó e Outra Banda. A Fonte da Morena possui excelentes águas para beber. E a de S. Roque, sita no lugar do Cerqueiral, tem junto a ela lavadouros públicos e um

grande tanque, bem como dispõe de um bebedouro para animais, ou não ficasse ela no local onde se faz a feira.

No lugar da Igreja, também foi colocado no ano de 1967, um outro fontenário.

### **ESCOLAS PRIMÁRIAS**

As escolas existentes foram inauguradas no ano de 1934, devendo-se à benemerência de António Rodrigues Alves de Faria, generoso filho da terra que as dotou com seis grandes salas para ambos os sexos, e com um salão onde se têm feito espectáculos da arte de Talma. As suas paredes estão decoradas com azulejos de Jorge Colaço.

### **CANTINA ESCOLAR**

Por gentil oferta do Comendador Marcelino Queirós, foi erguida mais tarde uma cantina no lugar da Igreja, perto da escola, para as crianças pobres da freguesia.

### **CASA DO POVO DE FORJÃES**

O edificio foi construído em 1962 não obstante este organismo corporativo ter sido fundado em 14 de Maio de 1943. Ali se recebem os beneficiários das Caixas de Previdência diariamente, para consultas clínicas e tratamentos de saúde.

### **LAR DE SANTO ANTÓNIO**

Esta instituição benemérita, corresponde hoje a um lar da terceira idade, fundada para os velhinhos desta e de outras freguesias das vizinhanças. Deve-se ao espírito benfazejo de D. Margarida Moura de Queirós, viúva do Comendador Marcelino de Queirós, de Forjães.

### **MATERNIDADE**

Fundado nos últimos anos este estabelecimento de assistência nos partos, traduz nos nossos dias a satisfação de uma das maiores necessidades desta freguesia. É dirigido por Irmãs de uma Ordem Religiosa, com assistência clínica de bons pediatras e ginecologistas.

## COLECTIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS

Existiram nesta freguesia dois Grupos Cénicos, que se denominaram «Dramático» e «Recreativo», que tão generosamente levaram à cena no palco das Escolas Primárias espectáculos de boa craveira, nomeadamente em dramas de carácter religioso.

## IMPrensa LOCAL

Chegou a existir um jornalzinho nesta terra ribeirinha, graças à iniciativa do Rev.º Padre Justino Morcira da Silva. Dedicava-se à vida da paróquia. Ainda no campo da cultura há a destacar a publicação de uma obra em poesia pelo escritor Rodrigues Quezado, em 1965 e de um romance de formação educativa e de um livro de poesia pela escritora D. Irene de Faria. Também houve uma monografia feita por Dídimo Cunha, em 1972.

## BANDA DE MÚSICA DE FORJÃES

Extinta há bastantes anos, esta banda musical deu certo prestígio e fama à freguesia, lamentando-se com saudade o seu desaparecimento.

## EScutISMO

Pela mão de Dídimo Cunha e de um conjunto de bons colaboradores, fundou-se no ano de 1960 um Grupo de Escuteiros, nesta localidade, que somente chegou a atingir 10 anos de existência, devido a várias vicissitudes daquele tempo, e pena foi não continuar. A ele também estivemos ligados na sua fundação, visto o mesmo Grupo ter ficado agregado ao Núcleo de Barcelos do Corpo Nacional de Escutas, guardando dessa época as melhores recordações de amizade com o povo de Forjães e antigos Escutas.

## DESPORTO

Não obstante se jogar a bola no Largo do Cerqueiral há mais de 20 anos, verdadeiramente só em 15 de Abril de 1967 é que esta freguesia teve um clube legalizado — o FORJÃES SPORT CLUBE — fundado por dedicados amigos do desporto-rei na localidade, que militou nos Campeonatos Regionais de Braga, e depois com a sua passagem para a Associação de Futebol de Viana continuou a sua série de triunfos, ascendendo por mérito próprio à 3.ª Divisão Nacional, onde

soube honrar os pergaminhos da sua terra e o desporto nacional. O seu campo de jogos fica no lugar do Monte Branco, devendo-se ao benemérito Horácio de Queirós.

## COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Forjães está dotada de bons estabelecimentos comerciais nos ramos de mercearia, fazendas e miudezas, ferragens, construção civil, talhos, drogarias, padarias, garagens de bicicletas e motorizadas, cafés, restaurantes, bares, farmácia, estabelecimentos bancários, de electrodomésticos, fornecimento de gás e agências de companhias de seguros. Também tem posto de correio e telefones.

Quanto à parte industrial, assinala-se a existência de um lagar de azeite, no lugar da Enfia, uma indústria artesanal de remos e vertedouros para barcos, vários alambiques para extracção de aguardente, oficinas de serralharia e carpintaria e ateliers de alfaiates e costureiros. Perto do rio Neiva, junto à estrada nacional, também existiu uma importante serração de madeiras e uma fábrica de caixotaria.

Como trabalhos artesanais havia diversos teares de tecelagem de linho e mantas, esteiras de verga e outros trabalhos em junco, e até em tempos se fabricavam lumes de espera galego, com enxofre, que chegaram a ser proibidos.

## IRMANDADES E CONFRARIAS

Existem várias nesta paróquia, mas uma das mais importantes foi a Confraria das Almas, cuja fundação se deve, entre outros, ao Padre Francisco de Figueiredo, em 27 de Abril de 1700.

## FEIRA DE S. ROQUE

Segundo o autor da — «MONOGRAFIA DE ALVARÃES» — «realiza-se todos os sábados, na parte de tarde, a Feira de S. Roque, que remonta a sua inauguração há 4 séculos. Nesta feira, se transaccionam produtos da agricultura regional. Há dezenas de anos é frequentada por várias tendas de lanifícios, calçado, carnes verdes, tamanqueiros e ourives».

Por sua vez, a monografia de — «ESPOSENDE» —, de Manuel Ayres Falcão Machado, diz que «no lugar de S. Roque, realiza-se aos sábados uma feira muito concorrida não só pela gente do concelho como dos limítrofes. Nesta feira transaccionam-se importantes

qualidades de hortaliças e cereais, assim como galináceos, ovelhas e cabras.»

Feira, segundo o — «ELUCIDÁRIO» — de Santa Roza de Viterbo, «é a congregação do povo que, em algum lugar público, concorre a comprar, vender ou comentar o que bem lhes parece. Hoje lhe chamamos mercado, feira ou praça. Como nas grandes solenidades dos santos vacava o povo das obras servis, e concorria aos seus templos ou sepulcros, ocasionando-se daqui o nome de feira ou feria, coisas que ali se compravam e vendiam. Parece que, no princípio da nossa monarquia, não eram muito frequentes estas ferias ou feiras mas depois foram frequentíssimas. Distinguindo entre as feiras, que se derivaram de ferias ou dias feriados, as quais sempre se faziam em algum dia solene, em que o povo se não ocupava em obras servis e feiras, que assim foram chamadas de *forum*, que propriamente eram os *Nundinas* dos Romanos, que se faziam de nove em nove dias não solenes, e nas quais se achavam mercadores e compradores de fora da terra, devemos persuadir-nos que o *Cap. I de Feriis*, em que estas se proibem nos domingos e dias santos, tarde se observou em Portugal, e que o uso contrário o vai hoje prescrever. Feira é o mesmo que o campo ou praça em que se vendiam as coisas, e a feira se fazia.»

Diz o Dr. Rodrigo Fontinha, «que Feira é sítio onde se expõem mercadorias, à venda, em dias certos da semana, do mês ou do ano; mercado, designação complementar dos dias da semana, com excepção de sábado e do domingo.»

Também se chama feira a barulho, palratório ou balbúrdia.

Aqui fica registada a origem das feiras e o seu verdadeiro significado.

## MÚTUA DE GADO

Em 26 de Janeiro de 1965 fundou-se em Forjães uma Mútua de Gado, onde se faziam seguros principalmente de gado bovino, de diferentes raças. Englobava na sua esfera de acção, além desta freguesia, também a de Vila-Chã, do concelho de Esposende.

## SOLARES E FAMÍLIAS NA ANTIGUIDADE

*Casa de Pregais, dos Velhos* — Nela viveram durante séculos alguns dos mais importantes vultos da história-pátria. Tanto quanto chegou ao nosso conhecimento através da — «MONOGRAFIA DE FORJÃES» — este solar de tão nobres tradições e arquitectura vinda possivelmente do século XVI ao XVII, fica próximo da estrada principal que atravessa a freguesia de Forjães, da qual se avista em local airoso, antes

de se chegar à Quinta de Curvos. Uma inscrição existente em um muro com ameias que veda a propriedade, alude a uma torre dos tempos do feudalismo nacional mandada edificar por D. Guterre ou Guterres, Rico-Homem anterior à fundação do Condado Portucalense, que com o Conde D. Henrique veio para Portugal servir o nosso país e por aqui se quedou.

Se efectivamente esse D. Guterres ou Payo Guterres é o que fundou o Convento de Santa Maria de Carvoeiro, no termo de Barcelos, como quer dizer o Dr. Luís de Figueiredo da Guerra, então esse cavaleiro estava intensamente envolvido na lenda do *D. Sapo da Ribeira-Neiva*, que tinha o direito da Pernada ou da Marcketta nas freguesias de Durães e Carvoeiro, onde os frades daquele mosteiro tinham o seu Couto constituído por aquelas freguesias. E nesse caso tratar-se-ia de uma figura — «*non grata*» — às gentes do Vale do Neiva.

Diz mais o autor da referida monografia que tanta luz irradiou no estreito da freguesia de Santa Marinha de Forjães, «que D. Afonso Henriques para premiar valiosos serviços deu a Gomes Mendes de Neiva, que este juntou a vila sueva, alargando as isenções e privilégios desta honra a tal ponto que D. Dinis mandou devassá-la.»

Talvez que a honra de que nos fala tenha sido a tal Torre de D. Guterres que parece ter antecedido alguns séculos a existência do Solar de Pregais. Pelo menos é a conclusão que à primeira vista nos surge na análise deste apontamento histórico.

Depois, refere-se ao facto do Solar de Pregais «estar ligado à História-Pátria, conforme Documento XII do 1.º volume de Frei Gonçalo Velho, do historiador Ayres de Sá.»

Conclui-se, portanto, que entre os antigos Senhores de Pregais figurava o mesmo Frei Gonçalo Velho, nele nascido segundo noticiava o Professor Manuel de Boaventura — «o descobridor da Terra Alta na África em 1416; e em 1432 da Ilha de Santa Maria nos Açores», informando ainda que «o historiador Dr. Ayres de Sá é de opinião, que das ilhas de S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Pico, Faial e Graciosa foi ele também o descobridor. Sem dúvidas também, foi ele quem quebrou as lendas do mar tenebroso? Este navegador era filho de Fernão Velho — Alcaide-mor de Veleza — e de Maria Álvares Cabral. A avó materna era prima em 4.º grau do Infante D. Henrique e aparentado com Pedro Álvares Cabral ou de Gouveia, o Descobridor do Brasil.»

Foi, portanto, um dos vultos mais notáveis da estirpe dos Velhos, do Solar de Pregais. Ocupando-se do edificio solarengo em questão, diz: — «Tem o «Solar de Pregais», sobre o portão principal e bem destacadas, armas de famílias nobres que ali habitaram a falarem às gerações toda a grandeza de outrora que é um hino sublime que emociona a sensibilidade de portugueses.» — E prossegue a sua descrição



com o seguinte texto — «A Norte, mas um tanto virada a nascente e presa ao todo maciço do Solar, está a capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Abadia, cuja imagem, bem conservada, serve para admirar a arte sacra de antanho, em talha de madeira. Existem mais duas imagens em mãos particulares — S. João e S. José — que faziam parte do património da mesma capela. Nesta, existe, actualmente, um lindo altar, em pedra pintada, exemplar raro, feito no século XVIII. Era duma capela que estava abandonada, no lugar de Eiró, da freguesia de Linhares (Paredes de Coura) e foi mandada fazer em 1776 pelo P.<sup>e</sup> António Narciso Pereira.»

Mais adiante, depois de se referir à Comenda de Almourol que o famoso navegador Frei Gonçalo Velho teve em sua vida e de se dizer que D. Nuno Álvares Pereira também habitou este solar, quando Conde de Barcelos, refere — «que se contam entre os descendentes os Velhos de Santa Lucrecia de Aguiar, aqueles famosos trovadores da Idade-Média e João Velho de Pedregais, um dos trovadores do século XIII e XIV.»

Concluiu com a informação de que «este Solar pertenceu mais tarde à nobre família Carneiros de Vila do Conde, que o vendeu em 18 de Novembro de 1916 ao capitalista de Forjães, António Rodrigues Alves de Faria. — Assinaram, D. Maria Beatriz Carneiro Pizarro Corte-Real e marido; e D. Maria Henriqueta Pizarro Monteiro e marido. À morte deste, os herdeiros venderam-no a Manuel J. Soares Teixeira, que confiou o seu restauro ao competente técnico de arte antiga, Snr. José Vilaça, que, sem modificar as suas paredes primitivas, o integrou, tanto quanto possível, nos séculos XVII e XVIII, épocas a que a construção pertence.»

Esta família dos Velhos constitui uma das mais antigas e prestigiosas linhagens portuguesas. Procedem de D. Soeiro Guedes e de sua esposa D. Aldonça Guterres da Silva. Seu filho D. Nuno Soares foi chamado «O Velho» para deste modo se poder diferenciar de um seu neto que possuía o mesmo nome e apelido. Foi companheiro de armas de D. Gonçalo Mendes da Maia «O Lidador», e dele era filho D. Soeiro Nunes Velho.

O genealogista Manuel de Sousa e Silva dedica a esta família a seguinte quintilha:

*«Nas margens do Neiva claro  
Os Velhos certo viveram  
Os que delle descenderam  
Deixaram este preclaro nome  
E outros houveram.»*

«ARMORIAL LUSITANO» — António  
Machado de Faria

*Casa e Quinta da Calça dos Mendanhas* — Outra família de nomeada que teve os seus importantes bens de raiz entre as freguesias de S. Tiago de Aldreu e Santa Marinha de Forjães. Chamaram-lhe também da Calçada em razão de junto a ela passar antigamente uma calçada lajeada.

Estirpe cujos antepassados vieram de Espanha, estabeleceu-se em Portugal na antiga vila de Barcelos com um dos seus ramos principais por intermédio de Pedro de Abendaña ou de Mendaña, natural das Astúrias, mas vindo da vila de Paredinas no tempo em que em Castela governava El-Rei D. João II.

Pedro de Abendaña, tendo-lhe sido tomadas todas as vilas e senhórios que tinha naquele reino, por assalto e traição, passou-se a Portugal onde veio servir a El-Rei D. Afonso V, que o nomeou Alcaide-mor da vila de Barcelos, cargo que veio mais tarde a exercer seu primo Pedro Paredinas de Mendanha, em 17 de Março de 1488. Esta família ergueu o seu solar na mesma vila que chegou até aos nossos dias, ligando-se por alianças matrimoniais com os Gouveias, estabelecendo assim um ramo genealógico de Gouveias e Mendanhas; e mais tarde veio a ligar-se também com os Arriscados da cidade do Porto, daí tendo resultado o ramo colateral dos Arriscados Mendanhas da freguesia de S. Miguel de Roriz, e destes, entre outros o da Quinta da Calça, ou da Calçada, aparentados com o Morgadio do Bário.

Eram muitos os vultos importantes desta família, mas para o caso de Forjães talvez convenha melhor somente citar a personalidade do Comendador António de Mendanha Arriscado, nascido na mesma Casa da Calça. Era ele filho de António de Mendanha de Benevides Cirne e de D. Maria Rita Arriscado de Mendanha, sua prima carnal.

Foi cavaleiro da Ordem de Cristo em 1862, Moço-Fidalgo da Casa Real em 1866, Comendador de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa em 1865, Capitão do Batalhão de Voluntários de Barcelos e Major. Como Comandante de Milícias tomou parte na acção de Seixas. Quando acabou a sua carreira militar desempenhou os cargos de Administrador do concelho de Esposende, e mais tarde do de Barcelos. Como representante dos Costas Chaves foi o último Morgado de S. Francisco, em Barcelos. Do seu casamento houveram três filhos: Manuel Arriscado de Mendanha, nascido a 16 de Junho de 1813, António de Mendanha Arriscado e Benevides, nascido a 17 de Janeiro de 1816 e D. Ana da Costa de Mendanha Arriscado e Benevides, nascida a 7 de Abril de 1818.

Viveram à lei da nobreza na referida Quinta da Calça e no palacete dos Mendanhas de Barcelos, na antiga Rua dos Carvalhos e depois de Manuel Viana, onde esteve a G. N. R. e a Escola Comercial e Industrial de Barcelos, adquirido nos últimos anos pela Câmara Municipal da mesma cidade.

Esta geração perdurou nos séculos XVII e XIX e dela se ocupa o distinto linhagista barcelense Dr. Manuel José da Costa de Felgueiras Gaio, que com os Mendanhas se aparentava por parte de sua mãe D. Maria Antónia de Gouveia Mendanha de Felgueiras Gaio, filha de José Gouveia de Mendanha e de D. Francisca Felgueiras de Valadares Gaio, Senhora da Casa do Hospital em Chorente, dos Felgueiras de Vila do Conde e dos Prazos da Cal em Macieira de Rates.

Foi último representante desta família na Quinta da Calça o Sr. Mateus Augusto de Mendanha Arriscado, ausente no Brasil, que vendeu a mesma quinta a Silvestre da Costa Maciel.

*Casa e Quinta de Curvos* — «Grande propriedade com 16 hectares e toda fechada com grandes muralhas. Existiu aqui, em tempos recuados, uma capela, não havendo hoje vestígios da sua construção.

A Quinta de Curvos foi cabeça de um morgado instituído em 1709.

Sobre as ruínas do Solar foi construído um moderno palacete. Em metade desta Quinta e metade do Souto de S. Roque foi instituído um vínculo.» — «MONOGRAFIA DE FORJÃES».

Na sua importante monografia — «ESPOSENDE E O SEU CONCE-LHO» — escreveu o Dr. Teotónio José da Fonseca no ano de 1936: «Junto à Casa de Curvos, em Forjães, houve uma Capela de um Morgado, a qual desapareceu por completo, não havendo vestígios da sua construção.»

Sobre as ilustres famílias que nesta quinta viveram entre os séculos XVIII e XIX o linhagista Felgueiras Gaio no seu «NOBILIÁRIO DE FAMÍLIAS DE PORTUGAL», dá-nos conta da linhagem dos Ferros Ponces de Leão através do seguinte texto genealógico:

«D. LUIZA DE VILLAS-BOAS, filha de António Fernandes Simão, de Barcelos, e de D. Maria da Costa, de Barcelinhos, casou com Roque Ferros de Leão, que foi organista em Barcelos, como consta de uma escritura de 1664, o qual era filho de Gonçalo Ferros de Leão e de D. Inácia da Rocha de Antas, natural de Água Longa, Paredes de Coura. Teve três filhos: Francisco Ferros Ponce de Leão, Maria da Rocha Ferros e Inácio Ferros.

FRANCISCO FERROS PONCE DE LEÃO, filho dos antecedentes, sucedeu a seus pais na Casa e Quinta de Curvos, freguesia de Forjães, termo de Barcelos. Casou com D. Grácia Barbosa de Faria Jácome, como consta na escritura de dote de 27 de Fevereiro de 1709, a qual era filha de Bento Barbosa e de D. Francisca Jácome neste título. Tiveram: Roque Ferros Ponce de Leão.

ROQUE FERROS PONCE DE LEÃO, foi Senhor da Casa de Curvos, residindo em Santa Marinha de Forjães. Casou com D. Victória Maria Taveira de Lima, filha do Capitão Simão Taveira dos Reis, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Teresa Maria Teodora de Lima, natural de Viana do Minho. Tiveram: José António

Ferros Ponce de Leão, D. Teresa Ponce de Leão (solteira), D. Maria Teresa Ponce de Leão (casada), Roque Ferros Ponce de Leão, Padre João Baptista Ferros de Leão, Vigário de S. Tiago de Aldreu e António Caetano Ferros de Leão, que residiu na Baía, Brasil, com geração.

JOSÉ ANTÓNIO FERROS PONCE DE LEÃO, foi Senhor da Casa de Curvos. Casou no Couto de Capareiros, na Quinta do Bravio, com D. Teresa Maria da Costa Pereira, filha de Manuel da Costa Pereira, «Canhoto» e de D. Victória da Esperança Martins Pedra, irmã do Padre Miguel Martins Pedra, Reitor de Alvarães. Tiveram: Francisco Ferros Ponce de Leão, José Ferros de Leão, António Ferros que foi para a América, D. Apolónia Ferros e outros.

FRANCISCO FERROS PONCE DE LEÃO, foi Senhor da Casa e Quinta de Curvos e casou com D. Maria Veloso Barreto, natural de Serreleis, filha de João Veloso Barreto, no título de Velhos Barretos. Tiveram: Roque Ferros de Leão e Francisco Ferros.

FRANCISCO FERROS BARRETO PONCE DE LEÃO, filho de Francisco Ferros Ponce de Leão, sucedeu a seu pai na Quinta de Curvos e faleceu em 1878.

Dídimo Victor Hugo da Cunha Vilas-Boas Mesquita escreveu ainda a propósito dos modernos melhoramentos introduzidos nesta quinta pelo seu último proprietário, o Snr. Rodrigues de Faria:

«Foi um dos senhores desta casa vincular, Francisco Ferros Ponce de Leão, Major de Milícias de Barcelos, em 1828, esturrado miguelista; sucedendo-lhe no vínculo seu filho Francisco Ferros Barreto Ponce de Leão, poeta popular, falecido em 1878.

Os herdeiros deste venderam a Casa de Curvos em 1882 ao Comendador Domingos Gonçalves de Sá, natural de Aldreu (Barcelos), senhor de grandes haveres, que depois a vendeu ao capitalista Rodrigues de Faria, que do Brasil trouxera enorme fortuna.

Foi no tempo deste proprietário que mais se aformoseou esta Quinta. Ele era senhor de grande sensibilidade e amante do belo!

De Vila Nova de Gaia mandou vir um artista, com liberdade de imaginação, ergueu ao lado do Lago uma impressionante «Gruta». Quando esta obra ia a meio houve desinteligências entre o mestre e o patrão. Então este — senhor de seus caprichos — procurou na engenharia francesa e espanhola quem lhe completasse a obra. Em vão o fez, porque ela não obedecia a linhas arquitectónicas pré-concebidas, mas a imprevista imaginação...

E o orgulhoso senhor teve que se render ao modesto artista. Hoje, lá está com toda a imponência.

Esta Quinta é uma perfeita mansão. Além do lago, de tamanho importante, com um pontelhão sobre si para dar passagem à «Gruta», tem, no Poente, uma ilhazinha coberta de vegetação onde os namorados adoram a Deusa do Amor.

Adiante, na entrada principal da Quinta e no lado esquerdo, está a gruta de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Lourdes. Mais acima e do mesmo lado, uma estufa fria para flores. Como também existe outra junto à «Casa do Jardineiro.»

Bem destacado, ao cimo da avenida grande, o palacete com toda a majestade que o amo e senhor mandou construir. Todas estas dependências estão ligadas por bucólicos passeios floridos e com água canalizada, dando ao todo um ambiente de sonho onde o perfume de mi-lhentas flores inebria a sensibilidade do homem.

Aqui e ali há miradouros para o visitante se quedar na contemplação das belezas que o cercam.

Pela lado Sul e Poente, exótico arvoredado cobre todo o terreno em forma de bosque.

No Norte, está a parte cultivada, com extensos campos, ramadas, pomares, casas de lavoura, adegas, sequeiros, etc.» — «MONOGRAFIA DE FORJÃES».

Barcelos, 15 de Agosto de 1980.

#### BIBLIOGRAFIA

*Inquirições de D. Afonso II, de 1220 e de D. Afonso III, de 1258; Tradições Populares e Toponímia* — P.e António Gomes Pereira; *Esposende e o seu Concelho* — Dr. Teotónio da Fonseca. 1936; *Esposende — Monografia do Concelho* — Manuel Ayres Falcão Machado. 1951; *O Concelho de Barcelos* — Dr. Teotónio da Fonseca. 1948; *Monografia de Forjães* — Dídimo Mesquita. 1972; *Elucidário* — Santa Roza de Viterbo; *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* — Dr. Rodrigo Fontinha; *Armorial Lusitano* — António Machado de Faria. 1961; *Nobiliário de Famílias de Portugal* — Dr. Felgueiras Gaio.



## S. Miguel de Alvarães

---

É tão pitoresca e tem tão admiráveis paisagens esta freguesia de Alvarães, que só de per si as suas belezas naturais aliadas ao seu ameno clima seduzem logo à primeira impressão visual todo aquele que por ela tenha de passar, um só dia que seja na sua existência.

Efectivamente, a paróquia de Alvarães, orago S. Miguel Arcanjo, é uma povoação encantadora, situada em planície na bacia hidrográfica do Rio Neiva, na sua margem direita, que lhe banha uma pequena parte do seu território, principalmente nas proximidades dos lugares da Enfia e Costeira, já paredes meias com S. Pedro de Fragoso.

A única elevação mais pronunciada que lhe conhecemos é o Monte da Chasqueira, que mesmo assim não sobe mais que uns 77 metros acima do nível do mar; e uma outra cota de baixa altitude no Souto do Monte.

Espraia-se por entre agramas e veigas em terrenos de semeadura onde se desenvolvem com certa regularidade as culturas do milho, feijão, centeio, trigo, batata, aveia, etc., bem a das vinhas de ramadas e de enforcado.

Sua fisionomia geográfica apresenta-a com aspecto agradável, ares sadios, magníficas propriedades rurais e casas velhinhas onde em recuadas eras pontificavam respeitáveis famílias da nobreza.

A proximidade do Neiva, com seus viçosos salgueiros, choupos e amieiros, dá-lhe um ar bucólico e poético por entre panorâmicas de sonho e encantamento onde predominam, a riqueza do seu solo ubérrimo, a sua luxuriante vegetação, o tom verde escuro das suas matas e pinhais, em contraste com o verde salsa das suas quintas, campos e pequenas courelas, e com os barros brancos do caulino das suas barreiras naturais.

No capítulo de águas, não conta com nascentes nem caudais vindos das montanhas que por longe a rodeiam, mas, todavia, por engenhosos processos ainda os seus habitantes conseguem captar tão precioso líquido em poços, minas e em um ou outro engenho ou estanca-rios.

Fontes públicas não abundam por aí além, conhecendo-se somente as do Paço, de Burlães, da Costeira e dos Engenhos.

A sua área povoada compreende três quilómetros no sentido Leste-Oeste e três quilómetros e meio nos quadrantes Norte-Sul, até à estrada nacional, para Viana do Castelo.

Os seus lugares habitados são: Igreja, Souto do Monte, Paço, Sião, Chasqueira, Outeiro, Várzea, Mereição, Padrão, Paúzo, Costeira, Xisto, Enfia, Sardal, Calvário e Viso.

Há dez anos contava 5000 habitantes e hoje já deve rondar os 6000.

Paróquia muito antiga do termo de Barcelos, esteve muito tempo enquadrada naquele condado vitalício, que foi o primeiro que existiu em Portugal, criado por El-Rei D. Dinis por sua carta de 8 de Maio de 1298. E assim, a sua vida administrativa andou durante séculos ligada à da Princesa do Cávado, até que, como nos diz o Padre Domingos Joaquim Pereira, Abade do Louro, com a reforma administrativa de 10 de Dezembro de 1867 passou para o concelho de Viana do Castelo, época em que já possuía 299 fogos e 1230 almas.

Porém, o seu Reitor, Padre Manuel Martins Cepa, na sua — «MONOGRAFIA DE ALVARÃES» — ano de 1939, obra que nos vai servir de base neste trabalho, afirma que em 1835 «passou do termo de Barcelos para o de Viana-da-Foz do Lima», então enriquecida com mais doze freguesias, a saber: Anha, Carvoeiro, Castelo do Neiva, Darque, Deucriste, Mazarefes, S. Romão do Neiva, Portela de Susão, Sub-Portela, Vila Franca do Lima, Vila Fria e Vila de Punhe.

## SUA ORIGEM

A origem de Alvarães deve remontar aos GRÓVIOS OU CRÓVIOS tribo da árvore genealógica de um ramo do povo CELTA que nela viveu há alguns milhares de anos.

Plínio, Maciel e outros homens de letras referem que os GRÓVIOS ocupavam o território compreendido entre a linha divisória dos rios Lima e Cávado e os montes que separam o Vale do Minho da Ria de Vigo.

Borges de Figueiredo atribui a sua origem à tribo dos NÆBISOCIOS, mencionada na pedra de Chaves, que julgamos ser o Marco Miliário que se ergue sobre os guardas da Ponte do Rio Tâmega, da mesma localidade, tribo essa que habitava nas margens do Neiva. — «OPPIDA RESTITUTA FORUM NÆBISOCUM» — (Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa — 5.<sup>a</sup> Série, pág. 337, Ano de 1885).



## HISTÓRIA

Ocupando-se da sua história, escreveu o Reitor de Alvarães: «Vila Romana, nome ordinariamente que este povo attribua a lugares, povoações, quintas e casas de campo, esta localidade das proximidades do Neiva deve ter recebido a influência da romanização, depois daqueles antigos povos, e a prova disso residirá no facto de terem aqui apparecido alguns objectos pertencentes a diferentes épocas, uns do paleolítico, tipo asturiense, tais como: picos, roçadores, raspadores, machadinhas, etc., de pedra antiga ou lascada, devido aos esforços do Dr. Luciano Afonso dos Santos e Padre José Martins Mendes, que fizeram parte de comunicações apresentadas à Associação de Arqueólogos Portugueses pelos Dr. Fernando Falcão Machado e Tenente Afonso do Paço. — E bem assim, no local designado por Outeiros diz-se ter existido um castro romanizado onde appareceram entre outros achados arqueológicos alguns picos asturienses, vários restos de cerâmica, ânforas, pesos de tear, fragmentos de mós, telhas romanas (tégulas), etc.

Também existiu uma necrópole (cemitério), que na altura em que foi descoberta tinha então umas nove sepulturas cavadas no solo e cobertas com lousas; e uma outra em forma de pia (túmulo), com dois pratinhos de barro, um dos quais foi oferecido ao poeta Guerra Junqueiro», noticia fornecida ao mesmo Reitor pelo arqueólogo vianense e escritor de antiguidades, José Rosa de Araújo.

E diz mais o incansável autor da «MONOGRAFIA DE ALVARÃES»: — «Na parede sul da anterior matriz da freguesia appareceu uma ara romana que alude a um voto de Valério Rufo, indicando um templo da mitologia sagrada; e também appareceram quatro colunas de estilo manuelino que dizem terem pertencido à Capela de Santa Madalena, bem como uma sepultura com a cabeça de um carneiro e respectiva inscrição». E em outra parte do seu valioso trabalho — «uma ferradura apparecida nos Outeiros, gravada num penedo, que dizem conter um tesouro, e que naquele local os Mouros fabricavam telhas e tijolos». Também refere a tradição popular a existência «de um túnel que communicava com o Rio Lima, ao qual levavam o gado a beber e de um antigo caminho lageado a que chamavam a Calçada do Mouro».

Tudo isto nos revela indícios de terem vivido nesta localidade povos de várias raças, credos e costumes, vindos de muito recuados tempos da história da humanidade.

Uma outra allusão a Alvarães refere-se ao facto de «ter sido vila da provincia romana da Galiza, e de ter pertencido ao Convento Bracarense» (*Conventus Bracarangustanus*), tendo passado amargos dias

através de todas as vicissitudes políticas e sociais quando esteve sujeita ao período de romanização da Galiza.

Nos séculos XIII a XVII a freguesia de S. Miguel de Alvarães tinha as suas terras quase todas dentro do Couto do Convento Benedictino de S. Romão do Neiva, isentas de impostos fiscais e militares. Todavia, não se podia furtrar ao cumprimento do de ANÚDUVA, que dizia respeito à obrigação dos seus moradores irem reparar o Castelo de Neiva.

Em referência às classes sociais que existiam nesta terra em longevos tempos, o Reitor de Alvarães conta-nos «que os seus moradores estavam divididos em três classes: cavaleiros-fidalgos, povo e malados. Destes, os fidalgos ou filhos de algo constituíam uma classe privilegiada, obtendo o direito ao foro de fidalguia por se terem distinguido pelo seu valor militar nas guerras ou em outras causas da vida do reino; o povo formava a grande parte da população, e viviam em casas modestas, cultivando às vezes uns bocados de terra para seu sustento; e os malados eram indivíduos de condição inferior, que não tinham propriedades e habitavam casa alheia ou cultivavam terras de outrém como simples caseiros.»

No século XVIII contavam-se nesta paróquia 32 casais de Ordens, que com o decorrer dos tempos vieram a passar a Casais emprazados, mas os Prazos foram todos reunidos e os Casais e propriedades passaram a ficar livres de encargos.

Segundo o «ELUCIDÁRIO», de Frei Joaquim Santa Roza de Viterbo, o arrendamento colectivo dos direitos das Terras do Neiva foi feito no ano de 1288.

## AS INQUIRIÇÕES

Porque têm interesse para este trabalho, aqui vamos deixar registadas algumas notas sobre as INQUIRIÇÕES, na parte em que dizem respeito a esta freguesia.

### TERRAS DO NEIVA

«Nas Inquirições de D. Afonso II, do ano de 1220, testemunharam sobre a paróquia de S. Miguel de Alvarães, na Alçada de Entre-Cávado-Neiva-e-Lima, João Pais, seu Capelão, Martinho Paes, Socero Anes, Pedro Paes, Paio Vermuiz, Gonçalo Paes, Pedro Mendes, Domingos Domingues, João Vermuiz e Pedro de Barroselas, os quais juraram que o Rei não tem qualquer reguengo, nem foro, nem é seu padroeiro, porque vão reparar o Castelo de Neiva e é Couto de S. Romão.» Disse-

ram também que esta igreja tem terras cultivadas e é Couto ao qual pertence esta igreja e vinte e um casais».

INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO III — JULGADO DE NEIVA — 1258: «No Couto de S. Miguel de Alvarães, João Peres, juiz, Domingos Peres, Paio Monge, João Gomes, Domingos André, Estêvão Domingues, Pedro Peres, Paio Peres, Estêvão Peres e Paio Peres, disseram sob juramento que o Rei não tem ali nenhum reguengo nem lhe pagam foro algum, porque vão reparar o castelo e é Couto de S. Romão de Neiva. Os habitantes de Alvite, que já fora do Couto de Alvarães, dão ao Rei meio moravedi por ano e uma galinha cada um; pagam as quatro multas acima mencionadas e vão reparar o Castelo de Neiva.»

INQUIRIÇÕES DE D. DINIS — 1279-1325: «Está provado que a freguesia de S. Miguel de Alvarães é Couto de S. Romão de Neiva, delimitado por marcos e divisões. Há ali três casais de cavaleiros e viram-nas honradas desde que se acordam as testemunhas e de tradição de longo tempo, e vão reparar o Castelo de Neiva. E nas outras cousas nem o Rei nem o mosteiro perdem seu direito. Continue por Couto, como está; e façam o que sempre lhe fizeram (Doc. n.º 5).»

## ORIGENS DO SEU TOPÓNIMO

Correm várias versões acerca do topónimo que designa esta freguesia. O seu nome aparece em antigos doamentos com as formas Alvares, Alvaraes, Alvaraães e Alvarães. A forma Alvares encontra-se nas Inquirições de 1220, mas apenas nos Reguengos, e nalguns registos (século XV) das Matriculas de Ordens do Arquivo Distrital de Braga. Alvaraes encontra-se nas outras secções das Inquirições de 1220 e nas de D. Afonso III e de D. Dinis; Alvaraães, nalguns registos das Matriculas de Ordens (século XV); Alvaraens e Alvarães, nas Coletas do Seminário de S. Pedro (século XVII e XIX) e na maior parte dos documentos. «ANTROPONÍMIA PORTUGUESA» (Joaquim Leite de Vasconcelos), pág. 3.

Segundo o Padre Cepa, pode derivar do genitivo do nome germânico Álvaro ou Alvares. A forma Alvares parece legitimar esta hipótese. Admitindo esta origem, a actual freguesia de Alvarães corresponderia a uma primitiva povoação ou vila pertencente a um senhor chamado Álvaro.

Também a origem deste topónimo pode muito bem relacionar-se com Alvar'Eanes ou Alvar'Anes — «MONOGRAFIA DE ALVARÃES» (P.º Manuel M. Cepa).

Há quem diga que também poderia ser Alvarenga, resultante de alba ou alva + areneca, espécie de areinha branca, como quer dizer

o Padre Pedro Augusto Ferreira, na sua «TENTATIVA ETIMOLÓGICA-TOPONÍMICA», volume I, a págs. 269 a 271.

Por sua vez, existe ainda quem queira explicar este topónimo de Alvarães com a existência nesta freguesia, em recuados tempos, de uma espécie de rãs brancas, então conhecidas por alvas ranas, e que por isso se poderia ter convertido, por corruptela, em Alvarães.

Contudo, não sabemos ao certo qual destas opiniões esteja certa com a verdadeira origem deste topónimo.

## SUAS IGREJAS

Diz-se que a antiga Igreja de Alvarães, talvez a primitiva, deveria remontar aos princípios do século XIII, tão velha ela era que assistiu à fundação da paróquia e a comprovar esta afirmação estavam as primeiras casas da povoação que se construíram ao redor dela, que deviam datar dessa época; e foi nessas casas de humildes gentes, que viveram os primeiros fregueses de S. Miguel de Alvarães.

O Padre Luís Cardoso, da Ordem dos Sacerdotes Oratorianos, escreveu no seu «DICIONÁRIO» «que a igreja desta freguesia era antigamente no Mosteiro de S. Romão de Neiva, dos religiosos de S. Bento, ao qual os moradores naquele tempo, poucos em número em relação aos de hoje, que são duzentos e cinquenta, concorriam não só com as ofertas e direitos paroquiais, mas também com os dízimos de suas culturas. Porém, experimentando os fregueses grande trabalho em acudir ao mosteiro aos officios divinos, principalmente de inverno, por causa dos lodaçais e enchentes de alguns ribeiros, que lhes impediam a passagem, se comprometeram com o abade e mais monges daquele mosteiro, a que lhes pagariam meios dízimos de suas fazendas, havendo-os por aliviados não só de lhes pagarem outras quaisquer ofertas, mas também de serem compelidos a irem ouvir missa ao mosteiro, e darem cumprimento às mais obrigações de fregueses; e que lhes concedessem faculdade para erigir nova igreja, à qual competiria a outra meia parte dos dízimos, para cômgrua sustentação do seu pároco, parecendo aos moradores que eles haviam de ser os padroeiros da nova igreja erecta.

Edificou-se a nova igreja na entrada desta freguesia, sítio em que dizem, por tradição, haver uma ermida de Santa Maria Madalena, a qual ainda hoje se festeja todos os anos, cujo orago da ermida é, ao presente, S. Miguel Arcanjo.

Passados alguns anos se levantaram os moradores, não querendo pagar aos religiosos o prometido no ajuste, sobre que houve pleitos e sentença dada contra os moradores no ano de 1489. Por virtude e força desta sentença, fizeram os moradores novo ajuste com o mosteiro,

prometendo-lhe pagar em cada ano quatrocentos e cinquenta alqueires de milho e centeio das suas terras, dízimos a Deus, e cessassem os pleitos, no que convieram todos menos sete, que não quiseram o ajuste, e estes nunca mais pagaram, e ainda hoje se paga esta pensão a que chamam finto» (imposto, contribuição).

A actual Igreja Paroquial de Alvarães é um templo amplo e bem proporcionado, cuidado com especial carinho pelos párocos que por ela têm passado, e pelos paroquianos que lhe têm dispensado boa colaboração, desde há muitos anos.

De frontaria elegante, estilo barroco, com o nicho do seu padroeiro, S. Miguel, tem junto dela uma torre dos sinos a condizer com a sua traça.

Dentro, tem os seguintes altares de talha dourada, recentemente restaurados: Sagrada Família, Almas, Senhor dos Passos, Senhora da Boa Morte, Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus. Outrora tinham as invocações de Nossa Senhora do Desterro e Almas, Santíssimo Nome de Deus (Menino Deus), Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria Madalena, Senhora da Boa Morte e Santa Terezinha do Menino Jesus.

Em formato de cruz latina, tem de comprimento 42 metros, da capela-mor ao pórtico principal. O povo da freguesia contribuiu com ofertas em dinheiro, madeiras, carros para transporte dos materiais e trabalhos manuais. O Estado deu uma comparticipação de 86.650\$00, tendo-se gasto na sua construção 250.000\$00. Foi benzida em 27 de Junho de 1937 por D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz de Braga. Os sinos da torre foram nela colocados em 14 de Agosto de 1935, tendo sido comprados por subscrição feita pelos paroquianos.

A Igreja Velha foi reconstruída no século XVIII. Diz-se que a antiga matriz de Alvarães não podia ser a Capela de Santa Maria Madalena, e que deveria ter tido os seus princípios no século XIII, não se aceitando de boa mente a afirmação de que até ao século XVI a igreja da freguesia tivesse assento no Convento de S. Romão de Neiva, pois que entre os séculos XIV e XV aparecem alguns dos seus párocos nomeados em antigos documentos do tempo do Arcebispo D. Fernando da Guerra.

Segundo o Padre Manuel Martins Cepa, o aparecimento duma ara romana nas paredes da igreja demolida faz-nos supor que a primitiva igreja matriz foi construída, como tantas outras, no próprio local onde tinha existido um templo romano, e esse local era aproximadamente o da actual igreja. Na fachada da antiga igreja diz-se que existia uma inscrição a indicar o ano da sua ampliação MDCCXVI (1716). Tinha seis altares e a ela convergiam uns clamores vindos das vizinhas paróquias de Santa Eulália de Vila de Punhe, S. Martinho de Vila Fria e S. Nicolau de Mazarefes. Tinha duas sacristias,

pertencendo a do lado norte à Comenda de Alvarães, e a do sul à Confraria do Santíssimo Sacramento. A torre era baixa e sem elegância. A tribuna foi construída e dourada a expensas de D. Jorge de Meneses, Comendador da freguesia. O retábulo pertencia à Comenda e a tribuna à mesma Irmandade. O zimbório era de madeira coberta de cal. «MONOGRAFIA DE ALVARÃES».

## A COMENDA

A Ordem Militar de Cristo teve aqui uma bem rendosa Comenda que El-Rei D. Manuel I «*O Venturoso*» criou em 1521, na segunda década do século XVI. Este monarca elevou a Reitoria a paróquia de Alvarães, na Mitra de Braga, continuando anexas S. Julião de Freixo, que era do termo de Barcelos e Santa Maria de Ardegão, do mesmo termo, que mais tarde passaram para Ponte de Lima.

Era uma das 20 Comendas da Ordem dos Cavaleiros de Cristo existentes na dilatada comarca de Barcelos.

Entre os Comendadores de Alvarães contavam-se entre outros: João da Costa, Fidalgo da Casa Real, que se presume tenha sido parente próximo do Cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa; D. Álvaro Peres de Castro, Embaixador de Portugal em Roma (século XVI); Frei Rui de Sousa Larcão, Fidalgo da Casa Real, a quem em 15 de Julho de 1604 El-Rei D. Filipe II concedeu os foros, direitos, rendas e pertenças desta Comenda; e D. António de Meneses, Alcaide-mor de Sintra, de 1681 a 1724 (LIVRO DAS VISITAÇÕES — Ano de 1724).

Os frutos eram guardados no Celeiro da Casa da Renda da Comenda, que ficava no lugar do Nocinho. O Comendador tinha o encargo de pagar ao Reitor de Alvarães 40.000 réis em dinheiro, três libras de cera, dois alqueires de trigo e dois almudes de vinho para a celebração das missas, e a fornecer o azeite que era necessário para alumiar a lâmpada do Santíssimo Sacramento. Também tinha a obrigação de pagar à Fábrica da Igreja Paroquial, que tinha a seu cargo a administração dos bens da igreja, como assim o determina o — CÓDIGO DO DIREITO CANÓNICO. — Para a Capela-mor e sacristia pagava 16.000 réis e 2000 para a Fábrica e reparos a fazer, quando necessários, na residência do Reitor. Igualmente era de sua inteira obrigação pagar trinta e dois alqueires de centeio ao Seminário de Braga, conforme nos diz o TOMBO DO ANO DE 1681, a folhas 12. E ainda pagavam mais uns direitos para as obras e sustento da Fábrica do Convento da Ordem de Cristo de Tomar, sede da mesma ordem militar e religiosa.

Os documentos do Comenda de Alvarães foram todos recolhidos em 1681, por despacho do Príncipe D. Pedro.

Esta freguesia tem algumas lojas de comércio, cafés, indústria de cerâmica, Casa do Povo, Sindicato dos Operários Cerâmicos (delegação), Posto Clínico, Serviços de Correio, Grupo Cénico, Clube de Futebol, um amplo Cemitério Paroquial, várias capelas particulares, cruzeiros, calvários, nichos de alminhas, duas boas estradas, casas e quintas brasonadas, casas ameidadas, pórticos com cruces latinas, uma fábrica de lacticínios, três importantes fábricas de cerâmica nos montes da Enfia e dos Barros Brancos, etc.

O seu solo é argiloso, predominando em determinados locais o barro branco — minério caulino empregado na indústria local, que tende a desaparecer com a extinção dos fornos artesanais onde se coziavam telhas e tijolos para a construção civil.

A Capela de Nossa Senhora da Luz, mandada fazer por Gaspar Maciel e sua esposa D. Ana Luísa de Carvalho, no lugar do Padrão, por escritura de 24 de Agosto de 1593, tinha além de outros rendimentos um campo que ficava nos limites de Alvarães com S. Romão de Neiva. Tomou posse desse mesmo campo em 18 de Julho de 1595 o Padre Cristóvão Rodrigues de Andrade, na sua qualidade de Reitor de Alvarães. A partir do ano de 1917 deixou de nela se praticar quaisquer actos de culto. É cabeça do vínculo de Nossa Senhora da Luz, fundado na quinta do mesmo nome.

A Capela do Bom Jesus do Monte, situa-se no Monte do Souto, junto à Casa da Quinta, que foi dos Duartes e Mendes, de Alvarães. A ela fizeram doação por escritura pública lavrada no Couto de Capareiros, a 9 de Janeiro de 1679, Manuel de Caldas e Sousa e sua esposa D. Maria Sotto-Mayor de Barros, do seu Campo da Longueira, junto à casa onde moravam, que pagava de renda quinze alqueires de milho e quatro de centeio. Em 1730 foi esta ermida mudada do primitivo local onde os instituidores a edificaram, para junto do caminho do Souto, pelo administrador João Manuel de Sousa. Em 1716, segundo informa o Padre Cepa, o Visitador ordenou ao Reitor de Alvarães que exigisse as chaves desta Capela a D. Francisca Josefa Pitta, viúva do administrador Gaspar Caldas, capitão de cavalaria em Viana, para a capela não continuar a servir, como até ali, para recolher objectos agrícolas dos caseiros. Em 1750 já ela se encontrava asseada e perfeita. De rica arquitectura e bem proporcionada nas suas linhas elegantes, encontra-se aberta ao culto e nela pontificam actualmente as Irmãs Missionárias da Congregação do Espírito Santo. «MONOGRAFIA DE ALVARÃES».

A Capela de Nossa Senhora da Ajuda, no lugar do Padrão, um pouco ao nascente da ermida de Nossa Senhora da Luz, foi mandada

erguer no ano de 1763 pelo Padre Miguel Lourenço dos Reis, que nela adormeceu no Senhor. A sua fachada é imponente e sumptuosa, e dentro está muito bem conservada, ou não tivesse ela através dos tempos pertencido a uma importante geração de sacerdotes filhos de Alvarães.

Em 1765 o Visitador ficou muito bem impressionado com o asseio que nela notou. Ultimamente recebeu obras de beneficiação por iniciativa do Rev.º Dr. Abílio da Costa dos Reis Lima, seu actual administrador e representante da família dos Reis Limas.

E por último, a Capela de S. José, no lugar da Costeira, construída há uns 15 anos pelos moradores daquele mesmo lugar, é ampla e majestosa, mais parecendo uma igreja paroquial já de acentuada importância religiosa. Aliás, como nos informaram, a sua edificação obedeceu ao propósito de, mais tarde ou mais cedo, vir a servir de paroquial de uma nova freguesia, como são assim os desejos dos seus habitantes em se tornarem independentes num futuro próximo.

O Cemitério Paroquial, também por alguém chamado Campo Santo, foi construído em 1907, com o produto do arrendamento do Monte dos Barros Brancos durante 19 anos a uma firma da cidade do Porto. De início media 44 metros de comprimento por 36 de largura, mas como em 1932 tivesse surgido a necessidade de ser ampliado aumentaram-no com mais 36 metros por 20, medindo presentemente 4508 metros quadrados.

Até ao século XVIII não aparecem quaisquer referências a cemitérios em Alvarães, mas sabe-se que os cadáveres eram sepultados no solo da matriz da localidade. Cometeram-se alguns abusos por parte de particulares que nessa época se queriam apropriar das sepulturas, mas o Visitador declarou que elas deviam ser comuns a toda a freguesia, porque se estava a dar o caso de algumas famílias terem 4 a 5 sepulturas. Depois passaram a fazer os enterramentos no adro da igreja, em seu redor.

Entretanto, em 1846, rebentou no país a Revolução da Maria da Fonte, que começou a atacar a lei que proibia os enterramentos nas igrejas, mas por imposição do Ministro Costa Cabral acabaram por se criarem os cemitérios públicos para neles se sepultarem os habitantes das respectivas freguesias dando-lhes assim o nome de Cemitérios Paroquiais.

O Cemitério desta freguesia, suficientemente amplo, está muito asseado e tratado com esmero pelos moradores desta localidade.

Pela limpeza e importância de um cemitério se avalia o brio e gosto de uma paróquia e a sua dimensão social e religiosa na vida de uma localidade.



## FIGURAS NOTÁVEIS

No capítulo das figuras que se notabilizaram nesta freguesia, quer nela tivessem nascido, quer fossem oriundas de outras paragens, destacamos:

D. Egas Lourenço, casado na Quinta de Alvares ou Alvarães, de onde resultou este apelido próprio. Família da melhor nobreza do reino de Portugal, que parece ter vivido no tempo de El-Rei D. Sancho II, constituiu uma das mais notáveis estirpes fidalgas dos tempos medievais.

Rui Dias Barbosa Rocha, aparentado com os Rochas de Meixedo, Viana do Castelo, era casado com D. Madalena Monteiro, tendo instituído um vínculo chamado de Alvarães, do qual foi 1.º Administrador seu sobrinho Francisco da Rocha.

Rui Dias Barbosa da Rocha vinha a ser filho de Francisco da Rocha e neto de Gonçalo da Rocha, da família Rochas e Jácomes, a quem por alcunha chamavam o «maçã cheirosa», que foi Senhor da Quinta de Gil Afonso. Viveu no século XVII.

Gaspar Maciel, da inclita geração dos Macieis de Darque, que dizem ter sido os primeiros Macieis de Portugal, descendentes de uma importante família francesa, foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Fidalgo da Casa de El-Rei. Era casado com D. Ana Luísa de Carvalho, e com ela fundou o vínculo de Nossa Senhora da Luz e a respectiva capela da quinta.

Frei António de S. Boaventura, Frade Capucho Franciscano, no Convento de Viana. Não obstante ter sido carpinteiro de ofício, observava os bons costumes e perseverava na sua religião, tendo falecido com cheiro de santidade, como se costume dizer em gíria popular. Era natural de Alvarães, onde nasceu no lugar do Paúzo.

D. Antónia Xavier, Religiosa no Convento de Santa Ana de Viana, onde hoje fica o Hospício da Caridade. Também nasceu no mesmo lugar de Paúzo, e dizem que era sobrinha de Frei António de S. Boaventura. Florescida em virtude e boas obras faleceu no ano de 1741 com um cilício no corpo.

Baltazar Peixoto de Barros, Doutor formado em Cânones e aluno do Colégio Pontifício da Universidade de Coimbra, foi Opositor às Cadeiras da mesma. Foi personalidade importante no seu tempo e muito admirado pelos seus conterrâneos.

Bernardo Peixoto de Barros, Bacharel, Juiz de Fora em Chaves. Era padrinho de baptismo de Frei João de Neiva, natural de S. Romão de Neiva, Religioso na Ordem dos Carmelitas, da cidade de Braga, em cuja igreja ficou sepultado.

Dr. Luís Peixoto, que era avô do já referido Frei João de Neiva, personalidade importante no seu tempo.

João Alves do Paço, natural do lugar do Paço, nesta freguesia. Foi delegado do Santo Officio — «lavrador natural e morador na freguesia de S. Miguel de Alvaraens, termo de Barcellos, Arcebispado de Braga, casado com Bernarda Francisca. Havemos por bem criar e fazer Familiar do Santo Officio da Inquisição de Coimbra, para que d'aquí em diante, sirva o tal cargo.» — Conselho Geral do Santo Officio — 14 de Fevereiro de 1769.

António Afonso dos Reis Maia, do lugar do Padrão, em 1820 era delegado do Santo Officio. O seu diploma era concebido em termos semelhantes ao precedente.

Bento Manuel Domingues Duarte, da Casa da Quinta, lugar do Souto do Monte. Tinha carta de sangrador (cirurgião, fazer sangrias). Como descendente da nobre e ilustre família dos Mendes, obteve da Rainha D. Maria II carta de brasão de armas da dita família em 20 de Junho de 1853.

António Alves de Carvalho, do lugar do Xisto. Desempenhou papel importante na Revolução da Patuleia ou Maria da Fonte. Era sargento. Ao ter conhecimento de que o movimento iniciado na freguesia de Fonte Arcada, Póvoa de Lanhoso, se estendera a outras terras, imediatamente foi tocar a rebater os sinos da igreja de Alvarães e, juntamente com o ferreiro Manuel António da Afonseca, procurou convencer o povo da freguesia a acompanhá-lo até ao Porto, no que foi bem sucedido.

Quando atravessavam S. Julião de Freixo, um dos seus subalternos e conterrâneos, com um tiro, matou um habitante daquela freguesia que se debruçara sobre uma parede a admirar o aparato bélico.

Desgostoso com esta selvajaria, o ferreiro Manuel António da Afonseca regressou à sua terra. O Sargento Carvalho, com povo desta e doutras freguesias, seguiu até Amarante, havendo-se notabilizado em vários recontros.

Padre José Alves Passos Júnior, do lugar da Igreja, obteve em todos os anos do Curso Teológico a classificação de «Accessit».

Ordenado presbítero no mês de Dezembro de 1891, foi pároco colado na freguesia de Tregosa, concelho de Barcelos, onde faleceu em 1922.

Durante muitos anos teve com o seu vizinho Padre Manuel Lourenço de Araújo, do lugar da Igreja, desta freguesia, um externato académico em que leccionavam disciplinas dos cursos de preparatórios do Liceu e Seminário e pelo qual passaram numerosas pessoas que ocuparam lugares de relevo em vários sectores. O Padre Passos leccionava Ciências e Letras e o Padre Araújo, Ciências. Cada aluno pagava mensalmente 1.500 réis e por duas 2.500 réis.

Domingos de Oliveira Reis, do lugar do Padrão, deu todo o mobiliário para a Escola do sexo feminino e calcetou, à sua custa, a princi-

pal via de comunicação desta freguesia, que vai do Cruzeiro até à estrada n.º 4-2.ª. Este calcetamento, feito em 1916, gastou 4000 carros de pedra.

Foi louvado pela Junta de Alvarães (sessão de 23-12-1916), pela Câmara de Viana do Castelo (sessão de 8-8-1920) e pelo Governo da República (Diário do Governo de 5-2-1916), pelo notável melhoramento com que dotou a sua terra natal. Em 1935, com a comparticipação do Estado, essa calçada foi convertida em estrada, para a qual, bem como para a construção do edificio escolar, novo cruzeiro, igreja paroquial, ampliação do cemitério e construção dos fontenários da Costeira e Paço, o Sr. Oliveira Reis deu todo o apoio moral e financeiro, tornando-se benemérito da sua freguesia.

Padre Ablílio da Costa Reis Lima, do lugar do Padrão, pela sua influência pessoal junto dos poderes públicos em Lisboa, conseguiu a comparticipação do Estado para as obras da igreja paroquial e da estrada. — «MONOGRAFIA DE ALVARÃES».

## CRUZEIROS

Acerca dos cruzeiros desta freguesia escreveu o Padre Manuel Martins Cepa: «O cruzeiro paroquial existiu desde tempos antigos, mas não esteve sempre no lugar onde hoje se encontra. Primitivamente estava situado no lugar do Calvário, cujo nome indica a existência ali de uma ou mais cruces. De facto, havia o cruzeiro e três cruces. O Tombo de 1681 menciona, a sul da vinha do Nocinho — «a Casa da Renda da Comenda e a serventia que vay do cruzeiro para a Igreja, da mesma freguesia», sem indicar a situação do cruzeiro. Como no lugar do Calvário estava bastante desviado e os caminhos eram maus e, por conseguinte, impróprios para as procissões, o Visitador Dr. Pedro Ferreira Botelho, Abade de S. Gens de Salamonde, em 2 de Agosto de 1748, determinou o seguinte: «*Ocularmente vi que o Cruzeiro a que saem as procissões desta Igreja se acha em sitio incapaz e meio arruinado e pouco expedito para as procissões darem a volta. Portanto mando que os fregueses o mudem para a parte do sul com a direcção do Rev.º Pároco para que fique com mais expedição ao seu ministério.*» Devia ser por esta razão que se deu a transferência do cruzeiro do lugar do Calvário para o local onde actualmente se encontra que, por esse motivo, passou a denominar-se Lugar do Cruzeiro».

NOVO CRUZEIRO — Porque havia necessidade de se construir um Cruzeiro mais importante do que o antigo, porque a freguesia de há muito que o merecia, um punhado de bons paroquianos tomou a iniciativa de o mandar erguer, no ano de 1937, e por sinal até tiveram

muito bom gosto, contratando um mestre nesta especialidade que o lavrou com alta coluna cilíndrica, com um quarto de cancelado, capitel coríntio, encimado por cruz latina com um Cristo Crucificado, feito em fina pedraria da freguesia de Afife, assentando a sua base no topo de uma monumental escadaria de oito degraus. Demora-se ao fundo da avenida da nova igreja.

A frontear com a Capela e Quinta de Nossa Senhora da Luz, encontra-se um outro cruzeiro baixo, que revela bastante antiguidade. É de grotesco estilo românico e tem a inscrição — DA CASA PITTA.

No lugar do Viso, junto à estrada para S. Romão do Neiva há um outro cruzeiro que se encontrava junto de umas Alminhas, cuja inscrição se acha hoje embebida na frontaria de uma casa.

No caminho da igreja ao Cruzeiro novo vêem-se vários cruzeiros que fazem parte de um Calvário que se dirige para o largo onde o mesmo cruzeiro foi implantado. Este Calvário integra-se nas Festas das Cruzes que no mês de Maio, com mais ou menos pompa, se celebram em Alvarães, anualmente com o apoio dos conterrâneos.

## CASAS ANTIGAS

Quem se der ao cuidado de percorrer de lés-a-lés a paróquia de Alvarães, terra de nobres tradições, encontrará em vários locais dela algumas casas e quintas, que outrora disfrutaram de certa importância na vida económica e social da localidade, e deram guarida e agasalho a famílias de nobres apelidos e preclaras estirpes que foram alguém na defesa da sua querida Pátria; alguns desses edifícios solarengos ostentam em seus pórticos ameitados pedras de armas com os símbolos heráldicos dos seus ilustres antepassados; outros, apresentam-se com seus pórticos fronhos encimados por ameias e cruzeiros latinas; e uns tantos com suas fidalgas capelas, algumas delas onde ainda se celebram missas e outros actos do culto católico.

É sobre algumas delas que aqui vamos deixar algumas notas a recordá-las, para que de facto se não apague a memória de tão ilustres figuras que tanto amaram a sua terra e a procuraram enobrecer através dos tempos.

Começamos pela mais antiga e de mais esclarecidos pergaminhos.

*Casa e quinta de Álvares* — Dizem os etimologistas que em S. Miguel de Alvarães viveu à lei da nobreza com seus criados, cavalos, carruagens, brasões e outras prerrogativas inerentes à sua nobre condição, uma família de filhos de algo. Trata-se de uma estirpe que usou o apelido de Álvares, da qual há quem diga ter origem o topónimo de

Alvarães, que veio a designar a própria freguesia onde esta gente se demorou durante alguns séculos.

Nas «INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO III», do ano de 1258, Alvarães aparece com a designação de — ALVARANES —, topónimo que derivando desta família dos Álvares veio a dar o nome à freguesia onde se situou.

Sabemos que esta estirpe teve brasão de armas, não se conhecendo com exactidão se as armas que diziam respeito à família dos Alvarães vinham da geração que nos tempos medievais usou deste apelido. O próprio António Machado de Faria, heraldista e genealogista de reconhecidos méritos, no seu «ARMORIAL LUSITANO», levanta no ano de 1961 esta mesma dúvida.

Foi tronco desta família, indicado por vários linhagistas da antiguidade Lusitana, o Cavaleiro e Rico-Homem D. Ayres Carpinteiro, casado com D. Meana de Selhari e Toloso, que passaram grande parte da sua vida no seu solar e quintas situadas entre as paróquias de Lomar e Taboso ou Telosa, nas proximidades de Brachara Augusta.

Sucedeu-lhes na administração de um importante caso, o filho de ambos, D. Mendo Ayres. Dele foi herdeiro seu filho D. Lopo Mendes, que os transmitiu com glória a seu filho D. Gomes Lopes de Gosende, que foi Senhor de várias quintas nos arredores de Braga. De legítimo matrimónio do mesmo D. Gomes nasceu depois D. Egas Gomes de Alvarães, o primeiro que usou deste apelido, que sucedeu nos bens da família. Sabe-se que D. Egas se aparentava com sua esposa e que pela linha dela veio a lograr o senhorio da Quinta de Álvares; e que por nela ter vivido lhe chamaram — O ALVARÃES — «NOBILIÁRIO DA FAMÍLIA DE PORTUGAL» — Dr. Manuel da José Costa de Felgueiras Gaio — Barcelos. ÁLVARES é patronímico vulgar, aparecendo-nos várias famílias que o usam sem comunidade de origem. E, ALVARÃES, também ainda hoje existe como apelido.

*Casa e quinta de Nossa Senhora da Luz* — Foram propriedades outrora de elevado prestígio na freguesia de S. Miguel de Alvarães, e situam-se no lugar do Padrão.

Em 10 de Novembro de 1598, já no final do século XVI, o Cavaleiro-Fidalgo Gaspar Maciel, que pertencia aos Macieis de Darque, do termo de Barcelos, oriundos de uma muito nobre família francesa, na qual teve origem este apelido de Maciel, como já se disse, instituiu com sua esposa D. Ana Luísa de Carvalho, nos bens que possuía nesta paróquia de Alvarães, um vínculo que tinha por cabeça a Capela de Nossa Senhora da Luz que os mesmos instituidores mandaram erguer junto aos muros de vedação da quinta. Nela se vê alcandorado, logo acima da fachada principal, o seu brasão de Macieis. O pórtico desta propriedade está aberto com ameias e o solar, não obstante denunciar

sua antiguidade de quatro séculos, foi construído em arquitectura bastante rudimentar e pesada, nele se destacando somente uma galilé no alpendre ao cimo da escadaria exterior e as portas e janelas que lá existem. Tudo o mais é vulgar e sem pretensões. Quando o visitamos pela primeira vez no ano de 1970, pertenciam estes bens à ilustre família dos Pittas, Meneses de Castro, da nobre Casa da Corredoura, na vila de Caminha, em cuja linhagem ainda nos nossos dias anda a sua posse e senhorio.

Na sua — «MONOGRAFIA DE ALVARÃES» — o Reitor Padre Cepa, refere que este morgadio tinha ainda um magnífico campo de cultivo, foreiro ao Convento Beneditino de S. Romão de Neiva.

D. Cristina de Barros Bettencourt e Pitta, senhora casada com João Filipe de Meneses Pitta e Castro, Cavaleiro da Casa Real e Senhor da Quinta de Nossa Senhora da Luz, em Alvarães, e de demais vínculos na província do Minho, foi avó materna de D. Maria Teresa de Meneses Pitta e Castro Vieira Peixoto de Villas-Boas, que por sua vez era filha de José Rui Coelho Pinto de Sousa Peixoto de Carvalhais e Valle, 2.º Visconde de Guilhamil, e de sua esposa D. Maria José de Meneses Pitta e Castro, Senhora da Quinta de Nossa Senhora da Luz e dos demais bens que andavam na família. Casou na Capela dos Pittas, sita nas propriedades dos Pittas de Caminha, com Alberto Maria Ribeiro de Meirelles, filho de António Maria Ribeiro de Meirelles Teixeira Coelho, e de sua esposa D. Isabel Maria Cabral Álvares Ribeiro e tiveram 15 filhos que os representam. Por sua vez D. Maria José de Meneses Pitta e Castro, nascida na vila de Caminha, em 7 de Agosto de 1891, foi Senhora da Quinta de Vilar, em Ponte de Lima. O seu enlace matrimonial teve lugar a 10 de Outubro de 1914. — António de Sousa Brandão em «APONTAMENTOS GENEALÓGICOS DOS MORGADOS DE SANTO ANTÓNIO DO CRUZEIRO» — Oliveira de Azeméis — Ano de 1975.

*Casa da Viscondessa de Malafaia* — Esta casa, conquanto nos nossos dias esteja na posse de um agricultor, tem sabor tipicamente minhoto, e demora-se no lugar do Sião, junto à estrada nacional e a um nicho de alminhas bastante poético.

Pertencia à Senhora Viscondessa de Malafaia, que nos informaram ter ligação por consanguinidade com a família dos mesmos Pittas de Caminha.

No ano de 1970, era proprietário dela um tal José do Calvário, natural de Alvarães. Segundo o — «ARMORIAL LUSITANO» —, os Malafaias procedem de Pedro Anes de Fafião, rico homem que vivia ainda em 1274, quando em Portugal reinava D. Afonso III.

De sua esposa, D. Sancha Gil do Avelar, filha de Gil Esteves do Avelar e de sua consorte D. Dórdia Afonso, teve um filho chamado

Gonçalo Pires, que foi Senhor da Honra de Malafaia, e viveu no tempo de El-Rei D. Afonso IV. Dele dizem descender os que usam este apelido de Malafaia.

O Dr. António Machado de Faria dá aos Malafaias as seguintes armas heráldicas: — Escudo pleno, em campo de vermelho, com uma torre de prata, lavrada de negro, e rematada por um corvo da sua cor. Timbre: as peças do escudo com o corvo somente. — «ARMORIAL LUSITANO».

*Casa da Quinta — Souto do Monte* — Em uma delas, instituíram no século XVIII um vínculo que era constituído por uma extensa quinta, matas e terrenos de lavradio, que a linha do caminho de ferro cortou e separou entre si.

Regista-se o curioso facto de em terrenos da mesma quinta, hoje apenas separados por um caminho que dá saída para a via-férrea, se terem fixado dois ramos, colaterais da árvore genealógica dos Duartes e Mendes, de Alvarães, em duas casas distintas.

A Rainha e Senhora D. Maria II, a pedido de Bento Manuel Domingues Duarte, Cirurgião de Alvarães, concedeu a uso de brasão de Duartes e Mendes, em 20 de Junho de 1853.

Também em 1880 o Padre António Barbosa Duarte Mendes, querendo perpetuar os seus nobres apelidos vindos dos seus ilustres antepassados, entendeu solicitar, também, do mesmo modo que o fez o seu parente, as mesmas armas, e foi atendido na sua petição.

Trata-se portanto de duas casas senhoriais. A mais nobre é constituída por três corpos, com escadaria exterior e varanda. Tem pórtico com ameias e brasões. A mais modesta, também tem portal fronho com pedra de armas igual à outra e ameias. Junto à mais antiga fica a Capela do Bom Jesus do Monte, cabeça de morgadio.

*Casa dos Morgados de Alvarães* — Esta família já vem do século XVII, época em que o Cavaleiro-Fidalgo Ruy Dias de Barbosa instituiu o vínculo de Alvarães chamando para a sua administração seu sobrinho Francisco da Rocha, dos Rochas de Viana.

Gente importante na sua época, da qual se perdeu a sucessão da sua linhagem no século XIX. Também foram Senhores da Casa da Torre de Nossa Senhora das Neves, em Mujães. As suas gerações usaram os apelidos de Rochas, Barbosas, Farias, Barros, Regos, Lobos, Pinheiros, Sotto-Mayores, Cunhas, Alpoins, Barretos e Silvas.

*Casa de Nossa Senhora da Ajuda* — Fica junta à Capela da mesma invocação, no lugar do Padrão. Esta capela foi mandada edificar em 1763 pelo Padre Miguel Lourenço dos Reis, que nela ficou sepultado. Pertencia à família Reis Lima, que à Igreja deu padres notáveis e oradores.

*Casa dos Lourenços Araújo* — Situa-se no lugar da Igreja. É de estilo palacete. Nela nasceu e viveu uma plêiade de sacerdotes que entre os séculos XVIII e XIX tanto se distinguiram em religião. Usaram os apelidos Lourenços e Araújo. Boa gente.

*Casa dos Arrais de Castro* — Fica no lugar do Souto do Monte. Tem de especial um pórtico ameiado. Esta casa foi modernamente restaurada há pouco tempo.

*Casa Baía* — Demora-se no mesmo lugar, junto à estrada para S. Romão de Neiva. Foi de Domingos de Oliveira Reis e nela vive uma família que passou muitos anos no Brasil.

OUTRAS CASAS — No lugar do Calvário há um edifício com uma inscrição pertencente à Casa das Almas, que data de 1669. No lugar do Padrão junto à Casa de Rodrigo Mendes Peixoto há um pórtico com cruz latina e com data de 1577, bem conservado.

Barcelos, 27 de Julho de 1980.



# Barrocelas

— A enamorada do Neiva —

---

Se há paróquias rurais que mereçam muito justamente a publicação de uma monografia, S. Pedro do Couto de Capareiros, hoje S. Pedro de Barrocelas, é uma delas, tais os pergaminhos que nos traz de um passado assaz distante.

Aliás, o desenvolvimento atingido no século XX faz jus à cotação atingida a nível social e progresso entre as mais importantes do concelho em que se enquadra — VIANA DO CASTELO.

Cidade, Vila, Julgado e Couto Eclesiástico, cujas fundas raízes penetravam no solo virgiliano das Terras do Neiva, ou melhor dizendo, geograficamente — ENTRE-LIMA-E-NEIVA —, trata-se de uma importante povoação, que já há 800 anos era importante, situada na verdejante margem direita do Rio Neiva, do qual ficou ENAMORADA pelos séculos sem fim, acha-se envolvida em lendas e tradições muito anteriores à própria fundação da nacionalidade.

Mas se nos propusermos fazer uma viagem pela história dos mesmos séculos, nas pedras velhinhas, já a esboroar-se pelas matas do seu antiquíssimo Castro das Boticas, ou se nos embrenharmos com devoção nos rastos de luz que nos deixaram alguns cronistas da Lusitânia, chegaremos à conclusão infalível de que efectivamente ela é tão antiga que a sua memória há muito se esvaiu nas brumas dos tempos.

Há quem pretenda fazer crer que os CELTAS constituíram o primeiro povo que nela se fixou com armas e bagagens, há 3000 anos, baseado talvez no facto desse mesmo povo ter chegado nessa época à Península Ibérica, edificando os seus Castros nas regiões montanhosas da antiga província de ENTRE-DOURO-E-MINHO e parte da de Trás-os-Montes.

Do mesmo modo, também há quem relacione o seu Castro das Boticas com a ROMANIZAÇÃO de um povo já bastante avançado em civilização, há 2000 anos a. C. Mas pode muito bem acontecer, que

quando os ROMANOS por aqui passaram, já nele tenham encontrado alguns restos, ruínas até, daquele povo CELTA, limitando-se somente a reconstruir tudo aquilo que então já se encontrava em ruínas.

Também há quem afirme, com convicção, que o primeiro povo que habitou a TERRA DE CAPARÁRIOS desceu da montanha de CARBONE ou da Caramona, em Carvoeiro, fixando-se junto ao rio no Outeiro das Boticas.

Com tão desencontradas opiniões não é muito fácil saber-se ao certo qual desses povos, ou de outros, tenha fixado suas tendas primitivamente nesta linda terra do VALE DO NEIVA.

Uma coisa é certa. Com os achados arqueológicos ali encontrados no decorrer dos anos, parece provar-se que realmente se tenham demorado nestas paragens gentes vindas de épocas bastante recuadas.

O Professor António Branco, na sua «HISTÓRIA DE PORTUGAL», esclarece-nos assim acerca dos antigos povos que habitaram a LUSITÂNIA: «...era uma vez uma gente que vivia, há muitos, muitos anos, numa terra, que ficava, pouco mais ou menos, onde hoje é Portugal.»

Era bem diferente do que nós somos hoje!

Não tinha casas — vivia nas cavernas; não tinha caminhos nem estradas — andava pelos montes e pelas terras; não tinha roupas — cobria-se com peles de animais; não cultivava os campos — colhia os frutos que a terra dava espontaneamente; não precisava de trabalhar — contentava-se com o que ia encontrando, com a carne de alguns animais e peixes do rio ou do mar; para a caça, para a pesca e para se defender das feras (que havia muitas naquele tempo), usava lanças e machados, mas não eram como os de agora; eram feitos de pedra aguçada, de osso e só muito mais tarde de metal.

Toda a *Península Ibérica*, onde hoje estão Portugal e a Espanha, foi habitada por gente que vivia assim.

Chamaram-se *Iberos* os primeiros povos que aqui viveram. Depois, outros foram vindo, porque sabiam que a *Península Ibérica* era uma terra cheia de riquezas. Aqui havia ouro, prata e cobre que eles trocavam por tecidos e outras coisas.

O povo mais importante para nós foi o dos *Lusitanos* que habitavam uma região chamada *Lusitânia*.

Porque nós descendemos deste povo, ainda hoje se chama Lusitanos aos Portugueses.

Entre eles foram mais famosos os *Romanos*, muito instruídos, que ensinaram a construir estradas, pontes e muralhas e a bem governar os povos; os *Visigodos*, os primeiros cristãos da *Península*; os *Mouros*, vindos da África, grandes guerreiros que derrotaram os *Visigodos* e conquistaram quase toda a *Península*, com grande perigo de acabarem com a religião cristã nestas terras.

Mas alguns visigodos que se tinham refugiado nas montanhas do Norte começaram a combater os Mouros. Assim, aos poucos, foram reconquistando terras e, como cristãos que eram, começaram a formar «*novos reinos cristãos*».

Sobre a antiguidade do primitivo «MONASTERIO DE SANCTI PETRI DE CAPAREIROS», rezam velhos manuscritos que, em 1126, Payo Paes doou ao Arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas, D. Payo Mendes, «a quinta integra de illo Monasterio».

Em 1129 nova doação vamos encontrar a favor da Sé de Braga, das «*terras inter Carbonario et Capararios*».

No ano de 1138 o Abade de Requião dá «à Sé em troca de um jantar aos seus Cónegos» — «*hereditate mea propria quam habeo in Capareiros, in villa Barroselas (...) et de quinta arte illius ecclesiae de Capareiros*».

Em 1151, 1158 e 1159, encontramos mais doações ao Arcebispo D. João Peculiar — «*quidquid habeo vel de jure debeo (...) Monasterio Sancti Petri de Capareiros*».

Em 1164, D. João Peculiar cedeu a Pedro Gonçalves — «*Prestimonium quod este inter Limiam et Neviam (...) excepta ecclesia de Capareiros cum suo Couto*». — Quer isto dizer que D. João Peculiar cedeu todas as suas terras de Entre-Lima-e-Neiva, com excepção da igreja de Capareiros, com o seu Couto, e tudo nos leva a crer que o fez pela importância que para ele representava já nesse tempo esta freguesia.

No ano de 1220, já — «*De Sancto Petri de Capareiros*» — se encontrava inserida nas Terras de Neiva, e bem assim em 1258 vem referida como pertencendo à Jurisdição de Neiva como — «*Parrochia Sancti Petri de Capareiros*».

As Terras de Neiva, ou da Jurisdição de Neiva, como querem alguns escritores de velharias, tinham a sua sede no Castelo de Neiva, freguesia de S. Tiago de Castelo do Neiva, pois era dali que partia a administração do largo território de terras reguengas, ou pertencentes à coroa, isto é, ao próprio rei, entre a região de Cávado-Lima-e-Neiva, mas devemos esclarecer, quem não andar a par com estas antiguidades, que o Couto de S. Pedro de Capareiros, dado pelo príncipe D. Afonso Henriques a D. Payo Mendes, e à sua Igreja de Santa Maria de Braga, hoje Sé Catedral, era de carácter eclesiástico, e a mesma doação foi feita por sua carta de Fevereiro do ano de 1154, englobando os seguintes domínios territoriais — «*e os limites do couto são desde a casa de Vaiga pelo próprio (seu) rio até aos limites daquela aldeia, e daí àquele fogo, e daí pello cume dos montes, e daí pello couto de Carvoeiro e daí pello proprio Rio Neiva até à casa de Vaiga, onde começamos em primeiro lugar*».

Este Couto, embora se achasse dentro da mesma administração das Terras de Neiva, não era administrado pelo governador do mesmo castelo, mas sim pelo Arcebispo, que era quem superintendia nele e nomeava as suas justiças.

Outros documentos que não poderemos deixar de referir são os CENSUAIS, que os prelados mandavam elaborar para deste modo saberem quantos fregueses tinham as paróquias das suas dioceses, já que pelos seus números se poderia avaliar sem erro a importância das terras que compunham as paróquias que lhes ficavam adstrictas.

Assim, no Recenseamento de El-Rei D. João III, o Couto de Capareiros contava 61 fogos e para comparação com outros que lhe eram similares bastará dizer que S. Sebastião de Darque tinha 57 e pertencia ao termo de Barcelos, Geraz do Lima, compreendendo as freguesias de Moreira de Geraz, Santa Maria e Santa Leocádia, tinha 177; e a Correlhã, junto a Ponte de Lima, contava somente 40 fogos.

Em 12 de Agosto de 1514, no — «*Rol dos Coutos do Arcebispo de Braga desta comarca Dantre Doiro e Minho*» — diz o prelado D. Diogo de Sousa — «*Homens casados, viúvos e mulheres solteiras que mantem casa apartadamente per sy, no Couto de Capareiros LXXXIII* — (83), o que na verdade não é muito mau, atendendo a que outros Coutos eclesiásticos, como os de Apúlia, tinha já 19, Vilar de Areias, nas Terras de Prado, 35, Moure, talvez de Vila Verde, 60, Feitosa, de Ponte de Lima, 68, isto só para citar estes de entre os 16 Coutos que os Arcebispos de Braga possuíam na referida comarca.

As suas justiças eram presididas pelos Juizes Ordinários, Vereadores, Procurador, Escrivão e Meirinho. Para manter a ordem na área do couto havia uma Companhia de Ordenanças, comandada por um Capitão-mor, que nas suas tarefas era coadjuvado por um Sargento-mor.

A Casa da Câmara, Tribunal e Cadeia, funcionavam, segundo a versão de alguns anciãos de Capareiros, num velho edificio ali para os lados da Feira, com uma escadaria exterior de granito da região, na sua retaguarda, a qual dava acesso ao seu andar principal, onde se achavam os despachos da Câmara e a Sala de Audiências do Tribunal; nos baixos do mesmo prédio ficava a Cadeia para prisão temporária dos delinquentes. Mais nos informaram que a sua construção obedeceu a uma toska arquitectura antiga, apresentando no entanto certa solidez e segurança, bem como nas suas portas e janelas revestidas de fortes gradeamentos de ferro forjado.

Neste Couto também existiram uma Forca, no Outeiro do Forno, e uma Picota ou Pelourinho, com suas grossas cadeias de ferro onde os criminosos eram acorrentados em dias de feira semanal, para que o povo os fixasse e conhecesse bem; e alguns deles também eram flagelados com disciplinas constantes das leis medievais.

O último Juiz conhecido neste Couto de Capareiros pertencia à família da Casa da Torre, de Mujães, razão porque ainda há bem poucos anos os seus parentes conservavam religiosamente guardada no gavetão de um armário a vara que ele empunhava nas audiências, como símbolo da justiça daqueles recuados tempos.

O Tabelião mais notável deste Couto foi Clemente Ferreira de Faria, oriundo da Casa e Quinta de Fiopos, parente do Capitão-mor Manuel Ferreira de Faria. Também nele se notabilizou o Sargento-mor Bernardo Pinto Maciel, da mesma freguesia de Mujães, pela sua intervenção a mandado do Governador das Armas da Província do Minho, num caso relacionado no ano de 1810 com a prisão inocente do Dezembargador das Justiças de Barcelos, durante a Invasão Francesa do General Massena; o qual mais tarde veio a ascender ao posto de Capitão-mor, talvez o último oficial das Ordenanças de Capareiros a quem foi dada esta distinção».

Os Capitães-mores mais conhecidos no Couto de Capareiros foram: Manuel da Costa Pereira, «o *Canhoto*», Senhor da Casa e Quinta do Bravio; António da Costa Pereira, seu filho, também Senhor dos mesmos bens e da Quinta do Casal; Bento de Araújo Pereira, Senhor da Casa e Quinta da Furoca; e Manuel Ferreira de Faria, Senhor da Casa de Fiopos.

Couto, segundo o Professor Rodrigo Fontinha, poderá significar lugar defeso, em cujo recinto não podiam entrar os homens das justiças. Terra coutada, defesa, privilegiada; terra que não pagou impostos por pertencer a um nobre, a um eclesiástico ou a um mosteiro.

Por Couto, diz-nos Frei Joaquim Santa Rosa de Viterbo, «se entende também certa porção de terra demarcada por autoridade do príncipe, com certas isenções e privilégios.

Hoje a palavra Couto se toma pelo distrito de uma jurisdição particular de que o príncipe (no caso de Capareiros, D. Afonso Henriques) fez mercê a certo senhorio» (ainda neste caso, ao Arcebispo de Braga D. Payo Mendes). — «ELUCIDÁRIO».

Viterbo diz-nos ainda mais, «que antigamente se chamava Couto a um lugar ou herdade, ou ainda a uma porção de terreno demarcada pela autoridade do monarca, e juntamente se chamavam Coutos aos marcos e padrões que lhes serviam de balisas». E nós diremos, que se chamava Pedra do Couto a qualquer um desses marcos que assinalavam os domínios dos terrenos encoutados.

O Couto de Capareiros tinha os seus limites demarcados, já em parte paredes meias com os do Couto de Santa Maria de Carveiro, da Ordem Beneditina, e dizemos que tinha porque, não obstante existirem ainda hoje vários marcos, outros já desapareceram porque incommoavam os senhores de algumas terras.

À entrada e saída da Ponte dos Frades, no lugar das Boticas, existem dois, sendo um de Capareiros e outro de Carveiro. Também temos notícia de alguns marcos na vizinha freguesia de Mujães.

Sobre a existência destes marcos contava a Tia Rosa Gonçalves Maciel, da Casa da Estrada — «que os limites de Capareiros, por convénio (convenção, ajuste ou pacto) firmado no século XIX entre os

párcos das freguesias de Mujães e Capareiros, ficaram marcados pelas bermas da estrada nacional para Viana do Castelo, depois do lançamento da nova estrada que ocupa ainda parte da antiga ou real, devido a nela ter passado a Senhora Rainha D. Maria II».

Falando da pedra ou marco do Couto de Capareiros, dizia aquela boa velhinha e estimada memorialista desta região, «que no lugar da Mâmoa, da freguesia de Mujães, havia um marco a que chamavam a Pedra do Couto, o qual marcava os limites das duas freguesias; e que os limites de Capareiros seguiam em linha recta do alto dos marcos do Monte da Padela, perto do marco geodésico que assinala a maior altitude para orientação dos aviões».

Há ainda a assinalar a existência de um marco da Casa de Bragança, dentro de um campo que fica à margem da estrada nacional para Viana, nas proximidades da Ponte sobre o Ribeiro da Fraga, mas que esteve mesmo na berma dela.

Forno, ou Fornos, local das proximidades dos lugares da Feira e Sião, perto do sítio onde existiu antigamente a Forca, onde se vêem ainda alguns troços onde passa a estrada real, é topónimo com dois sentidos, visto que, enquanto uns dizem que se filia em uns abrigos de pastores de gado que existiram nas imediações do Rio Neiva, outros querem afirmar que significa um lugar onde existiram fornos para cozer telhas, e efectivamente consta da tradição da freguesia terem havido em recuados tempos alguns fornos para cozedura de telhas a que chamavam telheiras onde, dizem, existiram umas fornalhas do inferno, lenda de que ainda hoje se fala nesta freguesia.

## ORIGENS DOS TOPÓNIMOS DE CAPAREIROS E BARROSELAS

Nas suas — «*Notícias Históricas de Entre-Minho-e-Lima*», o Dr. Luís de Figueiredo da Guerra, insigne memorialista e arqueólogo vianense, é de parecer que a origem do topónimo Capareiros vem da tribo dos — CAPARÁRIOS — gente da raia da Galiza que habitava na florescente povoação de IRÍA FLÁVIA, entre Pontevedra e Santiago de Compostela, ao tempo da dominação *Romana*; e que dali, por não querer submeter-se ao jugo que lhe impunha o dominador, emigraram para junto da margem direita do Neiva, onde hoje fica Barroselas — «que o Arcebispo Odoário, de Lugo e Iría, mandou repovoar com gentes vindas das suas dioceses galegas».

Em relação ao topónimo de Barroselas existem várias opiniões sobre o assunto. Determinados autores, aos quais não é estranho o nome deste lugar que ficava nas proximidades do actual mercado, são de opinião que ele nasceu desse mesmo lugar onde começou a feira,

em razão de a ele convergir o gado bovino vindo da região de Barroso, da província de Trás-os-Montes.

Outros atribuem-no a natureza geológica do mesmo lugar, que é composto por uma terra de barro avermelhado que utilizavam para a fabricação manual de telhas mouriscas, nas telheiras que houve no lugar do Forno. E que por esse facto lhe ficaram a chamar Barro-selas.

Figueiredo da Guerra refere que este topónimo lhe foi dado pelo facto de a esta feira do Couto afluir gado da Serra do Barroso, a que chamam bois barroãos, e que daí proliferou essa raça por toda a província do Minho.

Há ainda uma versão que nos foi apresentada por uma figura típica da localidade, conhecida por Sargento Ribeiro, pessoa já falecida, mas que ainda chegamos a conhecer. Afirmava ele que o topónimo de Barro-selas teve origem no caso «de haver em Barro-selas umas moças bonitas e prendadas que em determinada ocasião resolveram deslocar-se a Braga para assistirem a uma função religiosa muito do seu agrado; metendo-se ao caminho na companhia dos seus namorados e passando por elas uns rapazes conhecidos, atentando na beleza escultural dos seus corpos, disseram entre si — *«Ali vão os Barros + elas»* —, do que veio a resultar o topónimo de Barro-selas pela junção das duas palavras, visto que os mancebos que as acompanhavam usavam o apelido de Barros.

Porque de qualquer uma destas versões teria resultado o topónimo, é muito possível que daí tivesse a origem do nome da povoação que hoje se chama BARROSELAS.

## NOTAS MONOGRÁFICAS

BARROSELAS está situada na bacia hidrográfica do Rio Neiva, parte em planície e outra parte debruçada pelas encostas das montanhas do Extremo, ramificações da Serra da Padela; e ainda com ondulações naturais de pequenos outeiros a espriarem-se até à margem do mesmo rio.

Para o Sul fecham-lhe o horizonte as montanhas de S. Vicente, S. Gonçalo e Arefe, que dividem as bacias dos Vales do Cávado, do Tamel e do Neiva. O monte da Enfia, entre as freguesias de Alvarães e Fragoso, na margem direita do Neiva, também lhe fecha a paisagem para o quadrante Noroeste.

É terra fértil e bastante produtiva, com desenvolvido comércio e alguma indústria, entre a qual se contam uma importante fábrica de malhas, várias serrações e alguns moinhos eléctricos para moagem de cereais, que vieram substituir as velhas azenhas do Rio Neiva.

Além do curso do Neiva banham a povoação os ribeiros da Fraga e dos Reis Magos, bem como o regato do Souto.

Confronta pelo Norte com as freguesias de Santa Eulália de Vila de Punhe e Nossa Senhora do Ó ou da Expectação de Mujães; pelo Sul com S. Lourenço de Durrães, do concelho de Barcelos; pelo Nascente com Santa Maria de Carvoeiro; e pelo Poente com Santa Maria de Tregosa e S. Pedro de Fragoso, do concelho de Barcelos, e ainda com parte de S. Miguel de Alvarães, a Noroeste.

No século XIII, ainda com pequena densidade de população, os seus moradores distribuíam-se pelos lugares de Escaris, Barge, Outeiro de Fiopos, Massinos, Fontelo, Fiopos, Souto, Vila Nova de Fiopos, Boticas, Entre-Vinhas, Neiva, Lombo, Barrocelas, Feira, Ladeiro, Foz, Neves, Furoca, Passo, Sião, Reis Magos, Extremo, Cortinheiras, Raios e Laceiras.

Durante o reinado de D. João III tinha somente 61 fogos e bastante dispersos. Mas em 1901 já contava 4390 habitantes e 750 fogos. Em 1972 possuía 5000 habitantes. Presentemente a freguesia é composta por mais de 6000 habitantes, tendo aumentado em elevada percentagem o número de fogos com a contribuição financeira dos filhos da terra que labutam nas cinco partidas do mundo.

Actualmente a toponímia local regista onomasticamente assim os seus lugares habitados: Outeiro, Reis Magos, Fiopos, Lagarteira, Estação, Rua Nova, Souto, Sião, Feimento, Feira, Neiva, Entre-Vinhas, Paço, Furoca, Lombo, Vale, Boticas, Foz, Alvas, Outeirinhos, Forno e Neves.

A sua feira semanal às quartas-feiras é de acentuada importância económica na vida da região onde se acha inserida e, segundo se diz, foi criada pela Rainha D. Teresa e seu marido, o Conde D. Henrique, governadores do Condado Portucalense, no século XII.

Sabe-se que entre os séculos XV e XVII, ou mais precisamente entre 1495-1521, El-Rei D. Manuel I concedeu-lhe várias isenções e mercês, dispensando-lhe assim a sua atenção com vistas a um maior engrandecimento. Ocupa nos nossos dias uma área de 1400 metros quadrados. A partir de 1 de Janeiro de 1966 a Câmara Municipal de Viana do Castelo deixou de receber nela o imposto de ocupação de terreno, passando esse dito imposto a ser cobrado pela Junta de Freguesia de Capareiros, que desde então nela introduziu vários melhoramentos que muito a têm beneficiado. Mas o mercado anual que nela se realiza, conhecido pelo nome de Feira das Cinzas, constitui ainda hoje uma impressionante amostra da etnografia alto-minhota, não obstante a terra ainda fique no Baixo-Minho.

Segundo afirmava o Sr. António Lolinhas, que Deus guarde em sua santa memória, esta Feira do Couto de Capareiros teria começado junto do Pontilhão do Forno, por onde passava a estrada real. E dizia



também que ela vinha dos tempos em que não existiam os arcos de ferro para segurar as aduelas das vazilhas ou pipas, e que até então estas se faziam em verga de madeira de carvalho.

Um dos acontecimentos que nesta feira mais deu que falar através dos tempos foi a morte do Pica, na Feira das Cinzas, de 8 de Fevereiro de 1922, devido à novidade de que naquele dia a Câmara de Viana iria cobrar imposto nas transacções do gado. A nova não foi bem recebida pelos lavradores que nela se encontravam, pelo que estes resolveram dali retirar todos os animais de raça bovina, o que fez com que a feira com breve rapidez ficasse deserta. Não satisfeitos com a sua reacção, os representantes da edilidade vianense chamaram uma força da Guarda Nacional Republicana e esta tentou à força obrigar os lavradores a voltarem para ela novamente com o seu gado. Como estes não aceitassem de boa catadura a intervenção da Guarda, de repente uma floresta de varapaus de lodo se ergueu ameaçadora contra os soldados, pelo que o Tenente que comandava a força resolveu mandar cercar os feirantes junto da Pontelha, mas um tal Domingos do Paço, da freguesia de Santo André de Palme, caiu de chofre com um grupo de temerários sobre os Guardas, estes acto contínuo collocaram-se de joelhos e fizeram fogo com as suas «Mausers» sobre a multidão. Como balanço final desta precipitada actuação das autoridades assinala-se que o tal Domingos do Paço ficou com uma orelha derribada devido a uma espadeirada do próprio Tenente, e um João Augusto Alves de Sá, por alcunha «o Pica», natural de S. Tiago de Aldreu, jazia no solo com o seu corpo atravessado por uma bala quando, completamente alheio à contenda, se encontrava casualmente à entrada da cancela do campo do Salgueiro, a assistir ao desenrolar dos acontecimentos. Assim partia para a eternidade um inofensivo indivíduo que nada tinha a ver com a contenda. Decorrido que foi meio século sobre esta tragédia, ela deixaria para sempre as suas indeléveis marcas na recordação desta feira anual, que nunca mais voltou a ser aquilo que era noutros tempos (1).

Em 24 de Fevereiro de 1871, foi inaugurada a Linha do Caminho de Ferro do Minho e Douro, entre as povoações de Barcelos e Darque. Porém, a Estação de Barrocelas, que esteve para ser construída no lugar da Feira, foi construída somente em 1875 no local onde hoje se encontra, o qual antigamente se chamava Vila Nova de Fiopos.

Aí há uns 30 anos instalou-se no lugar da Estação, junto à Casa do Povo de Barrocelas, uma Estação dos Correios e Telégrafos, bem como uma Sub-Estação Telefónica, no edifício mandado erguer pelo extinto Grupo dos Amigos de Barrocelas.

---

(1) Manuel Miranda da Costa Pereira — Barrocelas.

Por iniciativa do então Abade de Capareiros, Rev.<sup>o</sup> Domingos Parente da Costa Soares, com a colaboração de alguns homens bons desta paróquia, em 1951 foi instalada a luz eléctrica nesta localidade, com três postos de transformação em Neiva, Estação e São, melhoramento de grande importância no desenvolvimento e progresso desta terra.

Uma entidade que veio prestar relevantes serviços à freguesia foi a Casa do Povo de Barroelas, com edificio social implantado no lugar da Estação, cuja inauguração celebrou-se em 21 de Março de 1937. Veio resolver em parte a assistência na doença aos seus associados e permitir o desenvolvimento do desporto e da cultura na freguesia. Nos últimos anos foi acrescentada com um andar, onde instalaram um amplo salão de festas no qual se têm realizado espectáculos de teatro e sessões de cinema.

No capítulo da instrução primária temos a assinalar a existência de dois edificios escolares. O mais antigo é a Escola Primária Masculina, no lugar do Souto, que foi mandado edificar a suas expensas, no ano de 1908, pelo benemérito local Rev.<sup>o</sup> Padre Luís da Cunha Sotto-Mayor e Faria, Senhor da Quinta do Mirante.

O mais moderno é a Escola Primária Feminina, mandada fazer em 1948 pela Direcção-Geral dos Edifícios Escolares, pelo plano dos Centenários, no lugar do São.

Nas suas traseiras instalaram-se ultimamente umas casinhas pré-fabricadas onde se dão as aulas dos cursos da Tele-Escola. Mas pensa-se em dotar a freguesia num futuro breve com uma Escola do Ciclo-Preparatório, como aliás o merece.

A medicina em Capareiros parece remontar aos primórdios da nacionalidade. No século XVIII o memorialista Padre António Carvalho da Costa escreveu na sua «COROGRAFIA PORTUGUEZA» sobre a Lagoa de Medros, que existiu no lugar de Neiva, dizendo «que os sanguessugas que nela se colhiam eram os melhores da península», porque se afirma publicamente que curavam pisaduras e feridas chaquentas e rebeldes.

Mas, muito antes dele, já no ano de 1220 as INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO II se referem à existência de umas célebres Boticas em Capareiros; onde se preparavam em almofarizes os remédios que naqueles tempos estavam muito em voga.

Também aqui pontificavam os Cirurgiões das Alvas, dos Reis Magos, de Fiopos e do São, que diziam ser muito entendidos no tratamento de várias enfermidades. Um deles, o das Alvas, de apelido Rodrigues Leite, até era nosso antepassado. Fala-se também num curioso Tira-Dentes, que os tirava pelo bárbaro processo de ferros quentes.

O primeiro Médico que instalou consultório em Capareiros foi o Dr. Avelino Vieira Pinto, que dá cidade do Porto veio para Barroelas

viver na casa que mandou construir junto da Capela da Senhora da Guia, aos Reis Magos, e por aqui se demorou até falecer.

Depois dele veio o clínico Dr. José Garção Gomes, de Monção, sua terra natal, o qual nas suas horas vagas se dedicou à investigação heráldica.

Mais tarde, com a fundação da Casa do Povo, a medicina desta ridente povoação passou a exercer-se nesta instituição corporativa, sob a direcção do mesmo Médico. Também passou a exercer clínica nela o Dr. Álvaro Gaspar Lages, do lugar das Neves.

Nos limites desta freguesia com a de Mujães, no lugar das Neves, viveu, na sua Casa da Farmácia, o Sr. Leandro Quintas das Neves, estudioso investigador de antiguidades, arqueólogo e etnógrafo de muito boa opinião, que deixou muitos trabalhos da sua lavra e foi Director da revista «ARQUIVO DO ALTO-MINHO», de Viana do Castelo.

A Ponte antiga do Caminho de Ferro lançada sobre o Neiva entre Tregosa e as Boticas, pelo Engenheiro Gustavo Adolfo Eiffel, de nacionalidade franceza, nos anos de 1874 e 1875, foi substituída há alguns anos por uma outra semelhante construída nas Oficinas da Empresa Sorefame, na Amadora, arrabaldes de Lisboa.

Outras pontes ligam Barrocelas com várias estradas nacionais e caminhos públicos, nomeadamente as do Reboledo, sobre o Ribeiro da Fraga, entre Carvoeiro e Barrocelas; a dos Reis Magos, sobre o Ribeiro dos Reis Magos ou de Mujães, entre esta povoação e Barrocelas; a das Alvas, que liga a estrada nacional de Barrocelas a Fragoso e Alvarães, sobre o mesmo curso de água; a Medieval dos Frades, no Ribeiro da Fraga, nas Boticas, que ligava os antigos Coutos de Capareiros e Carvoeiro, hoje em ruínas; a do Vale, no lugar do mesmo nome, no Rio Neiva, que liga a Feira de Barrocelas com Tregosa; e a do Souto, na estrada nacional para Viana, no Regato do Souto, perto da escola masculina. À excepção da do caminho de ferro, são todas construídas em boa alvenaria da região.

Para Barrocelas converge a antiga estrada real que de Vila de Punhe vinha desde a encosta do Monte Santinho por Vila de Punhe e Neves, onde endireitava pelos Reis Magos e Lagarteira, e daqui cortava à Rua Nova, Sião, Forno, onde passava o Pontelhão em direcção ao Vale e dali às Boticas, seguindo pela Ponte dos Frades para a Quinta da Mata, já nos domínios de Carvoeiro e depois para Algaes, onde endireitava para Balugães, e daqui por S. Julião de Freixo seguia para Braga. Era a velha estrada de Viana a Braga, ponto de passagem das gentes dos Vales do Lima, do Tamel e do Neiva.

Não é pródiga esta freguesia em monumentos públicos de grande nomeada. Contudo nela se podem visitar os seguintes templos, quase todos do estilo barroco: a Igreja Paroquial, ampla e bem proporcionada, com duas capelas laterais, sacristias e torre dos sinos, no lugar do Souto,

erguida precisamente no local onde existiu uma outra mais antiga de estilo românico e altar de talha renascença de grande valor. A sua construção deve-se a Frei Custódio de Jesus Vieira Lopes, Abade da paróquia e religioso da Ordem dos Frades Carmelitas Descalços, falecido em cheiro de santidade em 2 de Março de 1880, que no solo da sua capela-mor ficou sepultado; a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar do Poço, alcandorada na vertente poente do Monte do Extremo, que nos faz lembrar aqueles lindos versos de Guerra Junqueiro:

*«Alvas capelinhas, sempre milagrosas  
Sois nas alturas para os olhos meus,  
Comoinhos virgens de orações piedosas,  
Miradouros brancos de luar e rosas  
Donde as almas simples entrevêem a Deus.»*

A Capela do Divino Espírito Santo, no lugar das Boticas, outrora cabeça de vínculo da Casa da Quinta das Boticas, dos Farias Machados; a Capela do Mártir S. Sebastião, no lugar da Estação, onde anualmente se fazem as festas da freguesia; a Capela de Nossa Senhora das Neves, no lugar do mesmo topónimo, entre os limites de Barrocelas, Mujães e Vila de Punhe, onde nos princípios de Agosto de cada ano se celebram as famosas Festas em sua honra, que também foi nos seus inícios (1554) cabeça do vínculo da Torre de Nossa Senhora das Neves, capela que fica ao lado da célebre mesa de pedra dos Três Abades, onde pela Páscoa se juntavam os párocos das mesmas freguesias; a Capela de Nossa Senhora da Luz, cabeça de vínculo da Quinta do Bravio, dos Costas Pereiras, sita no lugar do Souto; a Capela do Senhor da Saúde, ou da Cana Verde, na Quinta dos Casados ou de Vivães, nas Boticas; a Capela de S. Miguel Arcanjo, na Quinta da Furoca e lugar do mesmo nome, na encosta do Monte do Extremo, de formosa arquitectura, que pertenceu ao Capitão-mor Bento de Araújo Pereira; e a Capela de Nossa Senhora da Guia, nos Reis Magos, que pertenceu ao brasileiro João Gomes, e dele passou para a família do Dr. Avelino Vieira Pinto. Tem um altar de estilo barroco em notável talha de mestre na arte.

O Convento dos Padres Passionistas, em Entre-Vinhas, resultou do dinamismo de uns sacerdotes da Ordem de S. Paulo da Cruz, que em Janeiro de 1933 vieram de Espanha, durante o período difícil da Guerra Civil, instalar-se na Quinta do Mirante.

Em 1942 foi lançada a primeira pedra para a sua construção, pelo Rev.º Cónego Dr. António Gonçalves Pires, concorrendo as gentes das redondezas com carradas de pedra, com madeiras, materiais de construção e avultadas quantias em dinheiro, a pontos de ser possível, em 2 de Agosto de 1952, a sua bênção e sagração pelo Senhor Bispo

de Maputo. A igreja é de linhas elegantes do estilo gótico e uma rosácea existente na sua bela fachada engloba-se no estilo românico. O convento é composto por quatro pisos, ocupando uma área de 14.000 metros quadrados.

O Cemitério Paroquial, no lugar do Souto, foi erguido no ano de 1888, por iniciativa de Monsenhor Manuel Máximo da Silva Viana, Abade da freguesia. Bastante amplo e bem cuidado, possui centenas de sepulturas e bastantes jazigos-capelas e rasos. Como se estava a tornar pequeno, foi necessário aumentá-lo em 1956, por diligência da Junta de Freguesia local.

Tem esta paróquia vários Cruzeiros e Cruzes espalhadas pelos seus mais recônditos lugarejos. O Cruzeiro antigo foi mudado do lugar do Souto para as Boticas no ano de 1868, ficando no centro de um cruzamento de três caminhos a pequena distância da Ponte dos Frades.

O actual ergue-se em local elevado ao lado do Cemitério, ou mais precisamente, ao cimo da Avenida Padre Domingos Parente da Costa Soares, desde os finais do século XIX. Recorda aos vindouros a memória de um homicídio voluntário cometido por um Cirurgião dos Reis Magos, de apelido Peixoto, que alvejou a tiros de espingarda caçadeira o Brasileiro Bastardo, de seu nome próprio Manuel da Costa Pereira, por uma questão de ciúmes.

Existem ainda os Cruzeiros das Capelas de S. Sebastião, do Espírito Santo, da Senhora da Conceição e da Senhora da Guia.

Cruzes a assinalar mortes violentas conhecemos duas. Uma é a de Lacciras, dentro de uma mata do lugar das Alvas, junto à estrada para Fragoso, que recorda a morte de Joaquim de Meneses, «*O Bisalho*», espingardado por José Barreto, irmão do célebre Antoninho Enforcado. Outra chama-se Cruz dos Ramos, fica junto a um muro de quintal de propriedade de habitação, no lugar do Outeiro, e ficam a atestar a morte por asfixia do nosso tio paterno, Manuel Gonçalves Ramos Leite, soterrado num desabamento de uma barreira existente no mesmo lugar, quando picava barro com um irmão, para com ele se construir a casa da sua família no lugar de Fiopos. O irmão conseguiu escapar à morte. Chamava-se João Gonçalves Ramos Júnior, por alcunha o Tio João da Esquina.

Nas artes de pintura e decoração de santos e talhas de igrejas e capelas nas regiões de Entre-Lima-Cávado-e-Neiva, distinguiram-se os artistas Manuel António Alves, natural de Cossourado, Barcelos, e Armindo Gonçalves Pires, de Fiopos, Capareiros. Nas imediações desta freguesia vivia um artista de rara intuição para a pintura. Trata-se de Franklin da Rocha Nunes, também conhecido pelo nome de Adão Franklim, que deixou importantes trabalhos, na douração de altares, pinturas de painéis, tectos de igrejas, nichos de alminhas, etc. Dos pintores já desaparecidos deste mundo, entre outros contavam-se

António José da Cunha Peixoto, Boticário dos Reis Magos, e seu filho António da Cunha Peixoto, o Peixotinho das Alvas, pintores-douradores naturais de Capareiros. Principalmente, o filho salientou-se numa especialidade bem difícil de imitar, a pintura das lágrimas nos santos e virgens dos altares, para a qual possuía notável propensão artística, segredo que morreu com ele, já que nunca foi revelado a quem quer que fosse.

As fontes de abastecimento público nesta localidade mais conhecidas são: a da Fontainha, que quer significar pequena fonte, no lugar da Estação; a do Paço, no lugar do mesmo topónimo, cuja nascente brota do Monte do Extremo; a do Rio, junto à Azenha e Açude das Boticas, no lugar do mesmo nome; a do Amaro, que fica no mesmo lugar, encostada ao muro da Casa do Padre Maciel; a do Extremo, em um dos contrafortes da Serra da Padela, no caminho para a zona florestal; a do Vale, dentro de uns campos que marginam o Neiva, entre o mesmo lugar e o da Feira; a das Alvas, junto às azenhas do Rio Neiva; a de Fontelo, para os lados do lugar da Foz; e a do Paulo, na Agra da Várzea.

Segundo o artigo — PRESENÇA DE BARROSELAS —, publicado no jornal «Notícias de Viana», de 5 de Março de 1970, uma versão digna de melhor crédito, com fundamento em estudos de reputados geólogos da antiguidade Lusitana, «alude ao facto do Oceano Atlântico, por volta do último glaciário, na sua praia-mar transbordar alagando o Vale do Neiva, até às faldas da Serra da Padela, que até então teria servido de costa marítima.»

Dispersos por vários recantos da freguesia, aqui e acolá, encontram-se vários Nichos de Alminhas, monumentos de fé e devoção do povo que nos recordam as arreigadas convicções religiosas dos nossos antepassados, os quais se acham colocados em ombreiras de portais, em fachadas de casas de habitação, em muros de vedação de propriedades e em encruzilhadas de velhos caminhos, podendo mesmo admirar-se aí uns bons 21 exemplares destes saudosos Padrões de Fé, repositórios fiéis de pintores populares, onde se vêem as Almas a penar no fogo do Purgatório, protegidas pelo crucifixo, símbolo da Redenção da Humanidade, pela Virgem, pelo Arcanjo S. Miguel, pelos Anjos da corte celestial, por Santo António, S. Pedro, Senhora do Carmo, e por outros santos, em que se pedem orações aos viandantes que passam, pela libertação das almas.

Há ainda três Oratórios ou pequenas Capelinhas, de Santo António, no lugar das Alvas, perto da ponte, junto à Casa de Augusto Fernandes de Miranda e de Josefina Rodrigues Leite (Ramos), meus tios paternos; do Senhor dos Passos, no adro da Igreja Paroquial, lugar do Souto e de S. José, junto ao palacete de estilo holandês da família do Dr. João Viana Teixeira, em Rua Nova.

A Sociedade Columbófila de Barrocelas e a Junta de Freguesia têm os seus edifícios próprios situados nas traseiras do prédio da Casa do Povo; e as Bandas de Música Velha e dos Escuteiros de Barrocelas fazem os seus ensaios no prédio contíguo ao Correio.

Entre outras colectividades, Capareiros já teve uma Orquestra da Casa do Povo, fundada pelo maestro Manuel dos Santos, falecido em 1955; uma Associação Mútua de Gado, extinta há 22 anos; um Grupo Cénico, sob a orientação de Germano Pais de Faria, farmacêutico, natural de Barcelos; um Orfeão de Barrocelas, regido pelo Padre Manuel Carlos de Araújo e continuado mais tarde pelo Padre José da Costa Freitas (1930-1933); um jornal com o nome de «ALMA NOVA», que saiu pela última vez em 1927, um outro Orfeão fundado em 1967 por Avelino Vicente da Cruz e pelo Pároco de Mujães, Padre Manuel Vilaverde, seguindo-se-lhes na regência os Padres Branco de Matos, de Vila Cova, Barcelos, e Albino Portela; o Grupo Amigos de Barrocelas, que chegou a edificar um prédio no lugar da Estação; uma colectividade desportiva — Sporting Club de Barrocelas —, com parque de jogos no lugar do Sião, que teve vários anos de existência com bom palmarés na prática do Futebol, parque esse cedido por Manuel Alves da Silva (Pato), tendo nele pontificado, além de outros, Lorival Ramos, meu primo, Claudino da Cunha Santos (Branquinho), os Irmãos Amaral Arantes, do lugar da Feira, Salvador Ballester Ramos, de Barcelos e os Irmãos Portelas; uma Secção de Bombeiros Voluntários, criada a partir de 1947, ano em que perderam a vida num incêndio dois filhinhos e duas serviçais do Dr. Álvaro Gaspar Lajes; e a Sopa dos Pobres, fundada pelo Padre Luís da Cunha Sotto-Mayor e Faria, durante a Grande-Guerra de 1914-1918, que prestava assistência e alimentação a crianças em idade escolar, pertencentes a famílias de min-guados recursos, tendo sido dirigida por D. Alexandrina Manso da Cunha, do lugar da Estação.

Presentemente existem as seguintes colectividades nesta freguesia: — A Banda Velha Centenária, fundada em 1864 pelo seu regente Manuel José Meira de Oliveira, tendo os seus instrumentos sido ben-zidos por Frei Custódio de Jesus Vieira Lopes, apresentando-se em público pela primeira vez na Bênção da Capela de Santa Ana, em Carvoeiro, sendo seu actual mestre, Manuel Portela da Silva; a Banda dos Escuteiros de Barrocelas, fundada em 1936 por Armindo dos Santos Barbosa, que então era Escuteiro do Clan 13; o Grupo Cénico de Barrocelas, fundado por Manuel Miranda da Costa Pereira, com a colaboração de vários filhos da terra entre os quais se conta Manuel Martins (Pedreiro), que tem já uma brilhante folha de serviços presta-dos à arte de Talma, com deslocações a várias localidades do distrito de Viana do Castelo; Grupo Cénico de S. Paulo, fundado em 1965 pelo Padre João Maria Bezerra, da Ordem Passionista, com a ajuda de

um escol de admiradores do teatro; o Centro de Recreio da Casa do Povo, em tempos agregado à FNAT e agora ao INATEL, que conquistou honrosas classificações em Futebol, Hóquei em Patins, Andebol, Damas, Gamão, Xadrez, e na antiga modalidade do Jogo de Pau; o Grupo de Escuteiros N.º 101 «S. Pedro», do Corpo Nacional de Escutas, fundado pelo Padre Domingos Parente da Costa Soares, Sargento Ribeiro e Professor António Augusto dos Santos, com a colaboração prestimosa de dedicados filhos da terra como Salvador Puig Marti, João da Rocha Maciel e tantos outros; um pouco mais tarde também foi criada a Alcateia N.º 57 «Santa Terezinha» e o Clan N.º 13, o qual teve poucos anos de existência, que se conservaram fiéis à doutrina de Baden-Powell; a Sociedade Columbófila de Barroselas, fundada em 1933, que nos dizem ser a mais velha agremiação de columbofilia do concelho de Viana do Castelo, com um brilhante palmarés em concursos nacionais e internacionais, onde alcançou classificações altamente honrosas que muito elevaram o prestígio da sua terra.

A paróquia conta com as seguintes Confrarias ou Irmandades: do Santíssimo Sacramento, muito antiga e da qual já nos aparecem referências em 1627, no seu — LIVRO DE PENSÕES E PROPRIEDADES FOREIRAS —; a de Nossa Senhora do Rosário, fundada no ano de 1747 pelo Abade Gaspar de Sousa e Meneses, Cavaleiro-Fidalgo, oriundo da nobre família dos Bessas, Sousas e Meneses, Senhores da Quinta do Couto, em S. Tiago do Couto, Barcelos, nas Terras do Neiva, e a das Almas, que foi instituída em época muito posterior às duas atrás mencionadas.

A Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens) foi erigida na freguesia de Capareiros em 1912, pelo Abade António Lourenço de Araújo, natural de Alvarães, com o fim de proteger e amparar evangelicamente as famílias mais necessitadas da paróquia.

No Rio Neiva havia em tempos umas dez azenhas de moer cereais, indústria típica que em tempos de antanho apresentava certo cunho de carácter económico. Completamente abandonadas à sua triste odisseia, já não servem nos nossos dias o fim para que foram criadas pelos nossos avós. A sua decadência atribui-se ao aparecimento de moagens accionadas por motores eléctricos, muito mais rápidas e eficientes. Causa dó ver o seu desmantelado aspecto de ruína e abandono, agravado com a destruição das cheias do rio durante as épocas invernosas.

Quantos dos nossos venerandos antepassados não teriam nessas azenhas ribeirinhas uma recordação poética ligada aos tempos da sua meninice e adolescência?

A quantos lares essas decrépitas azenhas do Neiva não teriam no decorrer dos séculos dado pão, abrigo, conforto, alegria e felicidade?



Nos dias que decorrem, de dúvidas, angústias e incertezas, vem-nos ao pensamento uma fugaz recordação dos seus moleiros de roupas enfarinhadas, mas brancas como a neve dos seus cabelos da velhice.

Assim vão desaparecendo na voragem dos tempos, que não perdoam a insensatez dos homens, as últimas reminiscências de uma indústria que tão querida foi no Vale do Neiva e que tão popular se tornou na vida local das suas terras marginais.

## CASAS SOLARENGAS

Disseminadas pelos mais recônditos lugarejos da povoação, nas nossas andanças pelos seus velhos caminhos fomos encontrar, à sombra acolhedora e amiga de frondosas árvores de porte secular, alguns dos últimos rebentos de ilustradas famílias, olhando tristemente para as pedras velhinhas, tisanadas pelos sóis de vários séculos, dos solares que foram dos seus nobres avoengos.

Porque este trabalho já vai longo e não queremos maçar mais a paciência dos que nos lêem, vamos concluir com umas breves referências sobre as casas antigas da terra.

*A Casa da Estrada*, no lugar da Estrada ou da Lagarteira, pertenceu a uma família de ilustrados sacerdotes dos apelidos Alves e Pinheiros, passando mais tarde para os seus parentes Regos e Macieis. Tem pórtico nobre encimado por uma cruz latina, ameias e pedra de armas clericais com os símbolos heráldicos dos Farias, do Alcaide do Castelo de Faria.

Corre na tradição oral que nela descansou D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga e fundador do Convento de S. Domingos de Monserrate, em Viana do Castelo. É seu último proprietário José da Cunha Rego Maciel, mais conhecido por José da Estrada.

*A Casa e Quinta do Bravio*, no lugar do Souto, foi berço de dois vultos das Ordenanças do Couto de Capareiros, Manuel da Costa Pereira, «O Canhoto», casado com D. Vitória da Esperança Martins Pedra, irmã do Reitor de Alvarães, Padre Miguel Martins Pedra; e seu filho António da Costa Pereira, casado com D. Maria da Cruz Araújo, da Casa da Agrela, em Ponte da Barca. Nesta quinta instituíram os ditos Manuel da Costa Pereira e esposa um vínculo, por testamento de 15 de Junho de 1748, tendo por cabeça a Capela de Nossa Senhora da Luz.

O solar é importante e a quinta vem quase até à estrada nacional. No terreiro interior da quinta encontrava-se a pedra de armas dos Ferros Ponces de Leão, Senhores da Quinta de Curvos, em Forjães,

que veio para o Bravio pelo casamento de D. Teresa Maria da Costa Pereira, filha dos instituidores, com José António Ferros Ponce de Leão.

Esta família ainda hoje tem descendência na freguesia. A quinta e casa pertence nos nossos dias à família de D. Emília de Miranda e Sousa, casada com Carlos Augusto Lopes Ribeiro, de Viana do Castelo.

*O solar da Quinta da Furoca*, no lugar do mesmo nome no Monte do Extremo, é precedido de um largo terreiro, no interior da quinta, por um pórtico com cruz latina. Casa velhinha, coberta de musgo e pedras desconjuntadas, causa dó ver o aspecto de ruína a que por desleixo a deixaram chegar. A passagem do terreiro para a quinta fazia-se por um arco em forma de túnel por baixo da casa. Bem perto desta, em um socalco, à esquerda de quem entra pelo portão da quinta, fica a graciosa Capela de S. Miguel Arcanjo, onde se guardam os restos mortais do Capitão das Ordenanças de Capareiros, Bento de Araújo Pereira, seu antigo senhor. Nestas propriedades pontificaram as famílias dos Azevedos Amigos, Sousas Amarais, Arriscados Mendanhas e Silvas Amarais, estes últimos nos nossos dias.

São seus actuais proprietários António Alberto Pereira da Silva e Emília Gonçalves Ramos Leite, sua esposa e minha prima carnal.

*Mirante* é o topónimo porque são conhecidas a Casa e Quinta que foi do Padre Luís da Cunha Sotto-Mayor e Faria, entre os lugares de Entre-Vinhas e Boticas.

Este bondoso sacerdote barroselense e generoso benemérito da freguesia, e do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, aparentava-se com as linhagens da Casa dos Cunhas Sotto-Mayores, de Viana, hoje Governo Civil, com a Casa e Quinta de Belinho, Esposende, onde viveu o poeta Correia de Oliveira, e com os Barões da Retorta, em Barcelos. A quinta passou mais tarde para a Congregação dos Padres Passionistas, e as propriedades junto ao Rio Neiva são administradas pela Santa Casa da Misericórdia de Viana.

*A Quinta das Boticas*, cujo vínculo tinha por cabeça a Capela do Divino Espírito Santo, andou na família dos Farias Machados, Senhores da Quinta da Bagoeira, em Barcelos, e da Casa das Hortas em Braga. O antigo solar compunha-se de uma torre quadrangular de estilo medieval, com um andar principal e rés-do-chão, para o qual se subia por uma escadaria exterior de granito, ao cimo da qual se encontrava uma porta ogival que lhe dava acesso. As paredes da fachada eram coroadas de ameias, algumas das quais foram parar à Casa dos Pintos Correlhãs, no lugar de Neiva.

O último administrador desta quinta foi um tal José da Quinta, que nos descreveu algumas antiguidades dela. Há uma lenda relacionada com um Juiz desta família dos Farias Machados que seduziu uma donzela e a prendeu ao seu cavalo, levando-a de rastos até Carvoeiro, onde ela chegou já sem vida.

Pertencia, no ano de 1972, a Alberto Martins Rigor.

*Quinta do Casal* — Casal, conjunto constituído por marido e esposa; pequeno povoado ou lugarejo da freguesia; pequena propriedade rústica; conjunto de propriedades aforadas e descritas numa escritura de empraçamento. Fica no lugar de Massinos. Nela viveu um dos ramos genealógicos da árvore da Quinta do Bravio, dos Costas Pereiras.

A casa de pedras denegridas, musgosas e queimadas pela patine dos tempos, atesta a sua ancestralidade que parece remontar ao século XVIII. Com escadaria exterior abrigada por alpendre ou galilé tem uma curiosa janela nas suas traseiras, umas portas e janelas antigas e pouco mais.

Foi seu Senhor António da Costa Pereira, Capitão das Ordenanças do Couto de Capareiros, filho de Manuel da Costa Pereira «Canhoto» e de sua esposa D. Vitória da Esperança Martins Pedra. Isto no ano de 1824.

Dizem-nos que nela existiu uma Capela da invocação de Nossa Senhora da Luz, que veio a cair em ruínas.

Eram filhos deste casal António do Espírito Santo, José, Alexandre, João, Josefa, Rosa, D. Agostinho, Frade na Ordem dos Crúzios e António da Costa Pereira.

Quando a visitámos, pertencia ela a António Alberto Fernandes Maciel e família.

*A Casa e Quinta da Foz* — Demoram-se no lugar da Foz, junto às curvas apertadas da estrada nacional de Barroelas a Fragoso e Barca do Lago.

O lugar chama-se da Foz, em razão de ficar perto de uma antiga garganta, ou passagem estreita, entre dois montes, onde o Ribeiro das Alvas desagua no Rio Neiva.

Constituíam também um ramo da família dos Costas Pereiras, do Bravio, por parte de D. Maria da Costa Pereira, que veio a casar com o brasileiro Manuel Gomes, do lugar da Foz, família bastante considerada no seu tempo.

A casa constitui um palacete baixo, de estilo sul-americano, com varanda ampla voltada ao nascente e a quinta é importante e bastante extensa.

A esta família pertenciam o Padre António Gomes da Costa Pereira, vulgo Padre António Castelhana, que viveu entre os séculos XIX e XX,

e faleceu na Quinta do Bravio, de que era capelão privativo; e Mário Gomes da Costa Pereira, falecido em 1971, seu último proprietário.

FARIAS — Família, das mais antigas e prestigiosas de Portugal. *A Casa e Quinta dos Farias*, a que nos estamos a reportar, ergue-se no lugar de Fiopos e, não obstante vir do século XVIII, é de uma simplicidade de arquitectura a toda a prova.

Tornou-se notável por nela terem vivido um dos Capitães-mores do Couto de Capareiros, Manuel Ferreira de Faria, um Tabelião de nomeada — Clemente Ferreira de Faria — e alguns sacerdotes de destaque no seu tempo — os Padres João Ferreira de Faria e Caetano Ferreira de Faria.

Por morte do Capitão-mor, estas propriedades passaram para a posse de seu filho José Isidoro Ferreira de Faria, casado com D. Quitéria da Costa Maciel, da Quinta da Torre, na freguesia de Mujães.

NEIVA — Rio que deu o nome às Terras de Neiva, a quem os Romanos chamaram o NÉBIS e as «INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO II», de 1220, NEVIA.

De um lugar com este topónimo tomou o nome a *Casa de Neiva*, nele existente desde os séculos XVIII e XIX, onde viveu uma outra vergõntea do ramo genealógico dos Costas Pereiras, da Quinta do Bravio, pelo casamento de D. Josefa do Espírito Santo da Costa Pereira com Manuel da Costa Neiva, progenitores dos Neivas de Barrocelas.

A Casa de Neiva é hoje uma modesta habitação de agricultores com representação de um ramo colateral na Casa da Rocha, que lhe fica próxima. Um pórtico velhinho, cujas ameias já nele se não vislumbram, por dali terem sido arrancados, dá-nos uma pálida ideia do seu passado esplendor. Tem uma curiosa varanda de galilé voltada para o quadrante sul e uma escadaria baixa que lhe dá comunicação pelo exterior. Na época em que por lá passamos, pertencia à família de Carlos da Costa Pereira da Silva, casado com Maria da Conceição Miranda Maciel, bisneto de D. Josefa do Espírito Santo, que é actualmente o representante da família nela.

*A Casa e Quinta dos Casados* ou de *Vivães*, no lugar das Boticas — Foi solar de uma família de origem castelhana que usava o apelido de Quezada, originário da vila e Castelo da Quezada, o qual por corrupção na pronúncia acabou por se transformar em Casado.

Com o topónimo de Vivães a foi encontrar o nosso amigo e companheiro na elaboração dos elementos para a «MONOGRAFIA DE BARROCELAS», Manuel Miranda da Costa Pereira, em um registo dela existente na Repartição da Fazenda Pública de Viana do Castelo. A casa, sendo de traça rústica, tem alguns pormenores de certa impor-

tância arquitectural no seu apoio sobre um arco românico e porta de ogiva, que lhe fica por baixo daquele, e em uma varanda apoiada em colunas de origem jónica. Um poço de água potável existente na quinta, segundo se diz, vem do tempo dos Mouros. O pórtico da quinta é encimado por uma cruz latina e por seis pirâmides que substituem antigas ameias. Encostada ao muro de vedação da quinta fica a Capela do Senhor da Saúde, de que já falámos.

Barcelos, 14 de Julho de 1980.



## Santa Maria de Tregosa

---

Tregosa, terra de lavradores honrados, honrados e laboriosos, pode muito bem dizer-se, sem receio de desmentido, que desde os seus princípios foi sempre a agricultura a principal ocupação dos seus habitantes. E depois dela, em tempos remotos, também se dedicaram nos seus momentos livres à pastorícia nos montados que a cercam em parte.

Paróquia do concelho de Barcelos, enquadrada nas antigas Terras de Neiva de que era cabeça o julgado do mesmo nome, dela se diz que a raiz do seu topónimo parece advir de uma planta, ou arbusto rasteiro, popularmente chamado TORGA, espécie de urze que abunda ali para os lados da Serra de Arefe; e escrevemos serra, porque é assim que vem designada na carta topográfica militar.

Outrora chamada Trebousa, por corruptela passa a ler-se Torgoosa ou Tragosa, e assim vem designada nas «INQUIRIÇÕES» de 1220 e 1258 — «De Sancta Maria de Torgoosa, de Terra de Neiva». — «In Judicatio de Nevia-Item-in parrochia Sancte Maria de Torguosa».

A sua fundação deve recuar a povos primitivos, havendo quem afirme (afirmação arrojada, aliás) que por lá se tenham demorado os CELTAS (3000 anos a. C.), talvez por se dizer que no Crasto dos Mouros a freguesia conservava ainda alguns vestígios de um desmantelado Castro, nomeadamente em alicerces de casinhas e em pedras soltas nele dispersas, que nos informam nunca terem sido estudadas pelos arqueólogos e antropólogos.

Quem tiver pernas para subir ao alto de Arefe, até os seus máximos 406 metros de altitude acima do nível do mar, poderá muito bem apreciar com um binóculo de grande alcance a silhueta da linha do horizonte que cerca o virgiliano Vale do Neiva, rodeado com os seus sobreiros, oliveiras, pinheiros, castanheiros e austrálias, distribuídos por terrenos em planície e parte em socalcos a descer em montanhas, com o remansoso Rio Neiva a correr preguiçosamente no sopé desta e de outras freguesias circunvizinhas por entre amieiros, salgueiros e freixos, em meandros de incomparáveis panoramas a caminho do Oceano Atlântico, onde vai

lançar suas águas junto da Praia da Guilheta, entre as freguesias de S. Paio de Antas e Castelo do Neiva.

Lá ao longe avistam-se, um tanto esbatidamente, por entre ténues rastros de nuvens, as paisagens das montanhas da Caramona, onde também existem uns restos da velhinha Citânia de Carbona, de Santa Justa da Padela, do Extremo, do Santinho, com fragmentos e habitações de um castro estudado pelo Padre Ernesto de Amorim Magalhães, onde têm sido encontrados diversos objectos de character arqueológico, de Portela Susã, de Vila de Punhe, de Mujães, de Alvarães, de Fragoso, e S. Romão do Neiva.

Águas cristalinas correm em cascatas, desde as suas nascentes na mesma serra até se encontrarem com o rio que o poeta Sá de Miranda tão bem soube cantar em suas melodiosas trovas. E vinhedos frondosos, campos de cultivo e quintas ubérrimas que podem falar da pátria, mesmo antes dela ter nascido.

No Rio Neiva verá ainda alguns restos de azenhas velhinhas, cujas pedras musguentas e batidas pelos sóis de muitos séculos ali ficaram a atestar pelos tempos fora a existência de uma das mais antigas indústrias do vale.

Pela excelente posição geográfica de que muito mercidamente disfruta, Tregosa acha-se abrigada e protegida dos ventos violentos do quadrante sul, e é sem dúvida uma povoação privilegiada pelos naturais com que o Criador a dotou, qual frondoso recanto e preciosa jóia incustrada na montanha, que mais nos parece, ao primeiro relance de olhos, um presépio de Natal, tal e qual como a vizinha freguesia de Durrães a quem cognominaram, e muito bem, de Lírrio do Neiva.

Trata-se, pois, de uma paróquia com o seu casario disseminado pela montanha no sistema de socalcos que descem até ao rio, de aspecto saudável e de ares lavados, onde a poluição felizmente ainda não chegou, para contentamento dos seus naturais, os quais devido ao seu ameno clima por vezes atingem avançadas idades.



Compõem-na os lugares habitados de Além do Rio, Ponte, Calçada, Campos, Devesa, Casais, Torre, Balsa, Freixieiro, Montizelo e Arroiteia.

No século XIII tinha os topónimos de Ribeiro, Moleda, Lagoa da Madeira, Prado, Agro-Maior, Barrosa, Lames, Veleiro, Agrelo, Portegada, Mandelo, Gandixa, Perdozes e Vilaes, provenientes de lugares vindos de raízes medievais.

Quando se procedia ao alargamento da estrada municipal que atravessa a localidade, apareceram no lugar de Casais, durante as escava-



ções nela feitas, três sepulturas cobertas com tijolos e rodeadas por lousas, que nos dizem provirem de pessoas que por aqui viveram em tempos remotos.

Sabe-se pela leitura das «INQUIRIÇÕES» de D. Afonso II, de 1220, que Santa Maria de Tregosa pagava tributo ao rei em razão de possuir nela algumas casas, herdades e quintas no século XIII; e também se sabe que os seus moradores tinham o encargo de levarem madeiras em seus carros para o Castelo de Neiva, arrancadas da Lagoa da Madeira. Por sua vez as «INQUIRIÇÕES» de D. Afonso III, de 1258, comprovam a existência de Honras por Amadigo, logradas pelo facto de se terem criado em determinados casais, ao peito de mulheres casadas desta freguesia, os filhos legítimos dos Ricos-Homens ou dos Fidalgos-Honrados, ficando deste modo honradas com a referida criação.

Nesta freguesia existe uma propriedade senhorial chamada Quinta da Torre de Cardozo, ou simplesmente Quinta da Torre, onde Diogo Barbosa Peixoto e sua esposa D. Catarina Fernandes Florim, por escritura de 19 de Janeiro de 1577, instituíram o vínculo do mesmo nome que entre outras cláusulas estipulava — «que nele sucedesse, por não terem filhos, seu sobrinho Bento do Rego Barbosa, e na falta deste passaria para os seus parentes do Paço e Torre de Aborim, freguesia de S. Martinho de Aborim, no Vale do Tamel, termo de Barcelos».

Esta quinta achava-se englobada nos domínios territoriais da antiga freguesia de Cardozo, que tendo sido extinta no século XVII foram os seus lugares distribuídos por S. Pedro de Fragoso e Santa Maria de Tregosa.

Possui solar e Capela da invocação de Nossa Senhora da Anunciação, de aspecto medieval, com sineira, pedra de armas de Barbosas e ameias. No seu interior tem um rico altar de talha renascença e a sepultura dos instituidores deste morgadio. Exteriormente pode ver-se um púlpito de granito, trabalhado, com figuras de anjos e motivos eucarísticos nele cinzelados por mãos de mestre. Junto ao muro de vedação fica o Oratório de Santo António do Penedo. Há ainda um portão de entrada para a quinta com o braço do apelido Frias, feito modernamente.

No século XVII andava na posse de D. Maria do Rego Fagundes (1), casada com Belchior Pimenta da Silva, Juiz da Alfândega de Viana, filho de João Jácome do Lago e de D. Catarina Pimenta da Silva, Senhores da Casa de Curutel, em S. Julião de Freixo.

---

(1) Esta D. Maria do Rego Fagundes era descendente do célebre navegador e colonizador vianense João Álvares Fagundes, a quem ergueram uma estátua no jardim marginal da sua terra.

No século XIX era seu donatário Adriano Perestrelo Marinho Pereira de Araújo, da família dos Perestrelas de Ponte de Lima, que a vendeu ao Dr. Roberto Frias, pai da sua actual possuidora, D. Beatriz da Costa Frias.

A Quinta de S. José, na encosta do Monte do Calvário, que pertenceu a Fernando Gomes de Amorim, está hoje no senhorio de seus filhos, os Monizes Arriscados, ou de Amorim. A Capela de S. José, que fica dentro dela, é de boa traça architectónica e moderna.

À saída da Ponte Velha de Tregosa existe um curioso Nicho de Alminhas, com sua galilé, gradeamento de ferro forjado e painel com as almas do purgatório.

No Rio Neiva existem ainda algumas azenhas de moer cereais e um engenho de serrar madeira, industrias populares que contam já alguns séculos de vida.

Quando em 1969 passámos por esta freguesia haviam ainda artesãos que se dedicavam ao fabrico manual de pás, alviões, enxadas e machadas, indústria caseira já então em franco declínio.

Segundo o Dr. Teotónio da Fonseca, no seu livro «O Concelho de Barcelos — Aquém e Além-Cávado», 1.º volume, — «a sua população no século XVII era de 80 vizinhos; no século XVIII era de 60 fogos; no século XIX era de 312 habitantes e em 1948 era de 445 habitantes». Em 1970 já contava 150 fogos.

A Igreja Paroquial fica em local pouco escondido. De fachada baixa com sua torre dos sinos, tem um altar renascença e um túmulo do seu Abade, Rev.º Miguel Carlos de Abreu e Souza, falecido em 30 de Dezembro de 1864, o qual deixou a sua importante livraria ao seu segundo sobrinho José Caldas, autor da «HISTÓRIA DE UM FOGO MORTO», escritor vianense muito falado.

O Santuário de Nossa Senhora do Calvário é local de penitência e oração para as gentes do Vale do Neiva. Para ele converge um Calvário desde o adro da igreja até à monumental escadaria de pedra que sobe até à capela.

A Capela de S. João ergue-se nas proximidades da igreja. No seu exterior encontra-se um púlpito de granito, junto à fachada, onde se pregam os sermões da sua festa.

Há anos, junto dela foi montado um estrado onde os jovens amadores de teatro da terra levaram à cena o Auto de S. João, reposição do antigo teatro popular português em Terras do Neiva.

Como principais obras de utilidade pública, contam-se nesta freguesia três pontes lançadas sobre o Neiva em diferentes épocas. A mais antiga, como o seu topónimo o indica, é a Ponte Velha, que já existia no século XVIII e foi reconstruída em 1905 devido a uma cheia que a havia destruído. Comunica entre os lugares da Calçada e de Além do Rio, ligando com a estrada de Barrocelas.

Segue-se a do Caminho de Ferro que dá serventia à Linha do Minho e Douro. Construída sob a direcção do Engenheiro Gustavo Adolfo Eiffel, de Paris, no século XIX, com o comprimento de 30 metros de vão e 14 de altura, foi substituída há poucos anos por uma nova montada pela empresa portuguesa SOREFAME, da Amadora.

A terceira chama-se Ponte do Vale, por ligar o lugar de Casais ao do Vale, este já em Barrocelas, onde dá comunicação para a feira da mesma terra vianense.

A Igreja de Tregosa tinha direitos de Sesmarias consagrados nas «INQUIRIÇÕES» do ano de 1220.

As escrituras e testamentos desta freguesia eram lavradas antigamente nos cartórios dos tabeliães de S. Pedro do Couto de Capareiros.

Em conclusão destes breves apontamentos, saídos ao correr da pena, como soe dizer-se, diremos que os Conventos Beneditinos de S. Martinho de Tibães, Braga, de Santa Maria de Carvoeiro, Viana do Castelo, e de S. Salvador de Palme, Barcelos, também cobravam foros em Tregosa, concluindo-se que esta paróquia foi bastante sacrificada com os tributos medievais, apesar de contar um reduzido número de fogos, casais e herdades, no seu passado.

Barcelos, 27 de Junho de 1980

#### BIBLIOGRAFIA

*Nobiliário de Famílias de Portugal*, Dr. Manoel José da Costa de Felgueiras Gayo; *O Concelho de Barcelos — Aquém e Além-Cávado* — I volume, Dr. Teotónio José da Fonseca. Ano de 1948; *Elucidário*, Frei Joaquim de Santa Roza Viterbo. (Séc. XVIII); *Inquirições de D. Afonso II*. Anno de 1220; *Inquirições de D. Afonso III*. Anno de 1258; *Barcelos — Resenha Histórica — Pitoresca e Artística*, Mancellos Sampaio. 1927.



# Santa Maria de Carvoeiro

---

Povoação antiquíssima cuja origem se envolve nas brumas de um passado distante, tão distante ele é que a memória da sua fundação há muito se esvaiu da lembrança dos nossos queridos antepassados.

## OS SEUS PRIMEIROS POVOS

SANTA MARIA DE CARVOEIRO, outrora da velha Comarca e termo de Barcelos (hoje do concelho de Viana do Castelo) vem sem dúvida alguma de épocas tão remotas que os seus velhos pergaminhos ascendem a épocas muito anteriores à fundação do próprio Condado Portucalense, e da Lusitânia. Diz-se até que os primeiros povos que habitaram o Castro ou Citânia cujas ruínas afloram ainda hoje no MONTE DE CARAMONA teriam sido os CELTAS que por tão altaneiras, como feracíssimas paragens, parece terem edificado uma povoação castreja, a que deram o nome de CARBONNE ou CARBONNA, muito próximo da vizinha paróquia de S. Martinho de Balugães, onde também existiu um Castro ou Crasto que deu o topónimo à montanha «onde numa cálida tarde de Agosto do ano de 1702 apareceu a Virgem Mãe do Céu, quando um pequeno pastor, de nome João, mudo de nascença, andava a guardar, como de costume, o seu rebanho, no monte de Castro de Balugães, a três léguas ao norte de Barcelos», cuja tradição nos diz ter-se-lhe desprendido a fala, por milagre de Nossa Senhora Aparecida, assim chamada desde aquela primeira aparição em Portugal.» — (CÓNEGO AGUIAR BARREIROS).

Nesta citânia, ou antes, nos restos que dela ficaram, e que presentemente, segundo nos informam, se encontram em muito mau estado de conservação, fizemos um encontro montanhista com aparatosa escalada, há cerca de 3 anos, na companhia dos estimados amigos Senhores António Afonso do Paço, jornalista e escritor de Viana do Castelo, Manuel Miranda da Costa Pereira e Manuel Martins Pedreiro, de Barroelas, bem como do nosso conterrâneo de Barcelinhos, Fernando António Pereira d'Antas, professor primário nesta última localidade da margem esquerda do Cávado.

Ali encontramos alguns alicerces de casas circulares, em três ordens de muralha, que a envolviam e fechavam no cume da montanha, ocupando uma considerável área de terrenos onde apareceram, segundo nos revelaram, ossadas animais e humanas, vários objectos em granito e cerâmica castreja, machados, vasos e até algumas peças de metais.

Segundo o comum dos escritores que se têm ocupado desta freguesia, Carvoeiro teria começado precisamente nesta Citânia da Caramona, em época que ao certo se não sabe determinar. Presume-se, que tenha vindo dos tempos da cultura megalítica dos Dólmenes, das Antas ou das Mamoas, monumentos funerários que bem perto dela, e em seu redor, foram desaparecendo com o decorrer dos tempos e com a maldade dos homens, tendo assim desaparecido esses milenários vestígios, que poderiam muito bem, se efectivamente ainda hoje existissem, provar a sua muito antiguidade de vários séculos.

Dizem alguns que os CELTAS teriam vulgarizado o uso do ferro, fundindo-se mais tarde este povo com os ÍBEROS, de cuja junção teriam resultado os CELTIBEROS, que povoaram a nossa península. E só decorridos alguns séculos é que os MOUROS e os ROMANOS teriam nela passado, deixando marcadas as suas pegadas em calcetas ladeadas onde os sulcos das rodas de carros de bois atestam a sua passagem contínua através dos tempos, que a cada passo topamos nas subidas das montanhas deste Vale do Neiva; e bem assim nas tradições que de avós a netos se transmitiram a propósito das várias lendas que por aí correm, envolvendo mouras encantadas e tesouros escondidos durante o seu constante peregrinar por terras da antiga LUSITÂNIA.

## O MONTE DA CARAMONA

Vejamos agora o que sobre este Monte da Caramona escreveu o Dr. Teotónio José da Fonseca, de Barcelos: — «No alto do monte da Caramona, limites desta freguesia de Balugães e da de Carvoeiro, vêem-se os vestígios de uma grande povoação, cercada de uma linha de defesa dupla que precisamente se pode determinar pelos restos das muralhas que ainda existem. Cercavam estas uma grande área de terreno, aparecendo neste, na encosta e no alto do monte, restos bem visíveis de paredes de casas, algumas circulares, a maior parte cobertas de terra e pedra solta. Na encosta nascente, conserva-se uma lage, cavada largamente, vendo-se nela uma pequena cavidade mais funda quase ao centro e em volta daquela concavidade vários regos e sulcos na pedra, convergindo todos a uma espécie de bica; era esta pedra, segundo dizem, uma ara de sacrificios de antigas religiões.

No pendor sudoeste da montanha, já na freguesia de Carvoeiro, existe um outro penedo com uma pequena cavidade, a que o povo chama a *Pêgada da Moira*, e mais ao poente vê-se uma lage com duas cavidades a par, em forma de assentos ou cadeira.

A sua parte inferior, destinada talvez a apoiar os pés quando assentados, acha-se marretada e em parte destruída.

O povo atribui todos os monumentos de épocas afastadas aos mouros e julga na sua eterna ingenuidade que foi debaixo deles que estes esconderam os seus tesouros, quando da sua expulsão pelos cristãos. Daí os ambiciosos de riquezas, que sempre os houve, revolverem o solo e destruírem as obras legadas pelos povos primitivos nossos antepassados. Foi com certeza o que se deu com os tais assentos a que acabamos de nos referir.

E eis o que resta daquela antiga povoação que, segundo dizem, se chamou *cidade de Carbona*, do muito carvão que neste monte se fazia, a qual legou o seu nome a Carvoeiro, havendo também quem lhe chame *Caramona*, que em espanhol quer dizer *Cara linda*.

Quanto ao seu verdadeiro nome nada sabemos; quanto à sua existência e à sua importância ninguém pode duvidar, vendo os vestígios que dela ainda existem, a grande área circulada pelas suas muralhas e a grande quantidade de pedra solta que ali existe envolta com terra.

Cá em baixo, já na planície, nas Giestas, apareceram há poucos anos vestígios de uma povoação *romana*: mós, tijolos, pesos e outros objectos de olaria, que o nosso prezado amigo Afonso Novais conserva cuidadosamente. Nas Torrelhas, em uma escavação que ali se fez, appareceu um esqueleto humano que, dizem, era de um soldado francês, morto pelo povo quando as tropas de Lorges por aqui passaram no regresso de Ponte de Lima.

Retomando o fio à meada do assunto que estávamos a tratar, após a explicação que o Dr. Teotónio da Fonseca, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nos deu acerca desta importante montanha e dos vestígios que nela encontrou quando a visitou, muitos anos antes de nós, diremos que o topónimo por que durante muitos séculos esta citânia foi mais conhecida — CARBONNE — parece efectivamente ter dado o nome à paróquia de CARVOEIRO, ou mais precisamente, quando um dos povos que mais tempo a habitou — os NEBISÓCIOS — por ali se demoraram com as suas tribos, oriundas, como se sabe, de dois ramos da árvore dos CELTAS, de quem afirmam os escritores Borges de Figueiredo, Plínio e Maciel terem vivido nas montanhas que cercam o Vale do Neiva. Seria assim?...

*Caramona* é montanha com 303 metros de altitude, constituída em parte por densa vegetação de pinheiros e plantas rasteiras, e em outra parte escavada e rochosa.

As Citânias e Castros são povoações que podem muito bem recuar a 3000 anos a. C., quando os CELTAS entrando pela LUSITÂNIA chegaram à Península Ibérica, bem como outros povos de características semelhantes a este.

Depois destes, outros povos por aqui passaram, e em 2000 anos a. C. deu-se a *Romanização* com a vinda de um outro povo mais civilizado vindo de ROMA, do império dos Césares, conquistar a nossa península.

OS CELTAS, apesar de rudes nos seus princípios, aperfeiçoaram-se bastante nos seus usos e costumes e escolhiam de preferência os pontos mais altos das montanhas escavadas, construindo, em pleno contacto com a natureza, cercaduras de muralhas fortificadas para melhor poderem resistir aos ataques de outros povos inimigos. Ergueram como habitação umas casinhotas do mesmo género dos antigos moinhos de vento, pequenas e baixas, em adobes com um andar e rés-do-chão, cobrindo-as com tectos de colmo ou madeira, visto que só verdadeiramente no tempo dos ROMANOS é que se começou a usar a telha de cerâmica para cobertura das casas, indústria que este povo ensinou aos nossos antepassados LUSITANOS, povo que dizem descender de uma raça CALAICA oriunda dos CELTAS.

Segundo uma explicação de competentes arqueólogos durante uma Visita de Estudo à Citânia de Santa Luzia, em Viana do Castelo, o gado dos CELTAS recolhia-se dentro de paliçadas ou abarracamentos que serviam de currais aos animais que este povo domesticou, paliçadas essas que eram do género de choças ou cabanas. As terras de pastagens para esse gado ordinariamente ficavam nas proximidades das montanhas onde esses antiquíssimos povos viviam, ao lado da modesta cultura dos cereais, do pomar e da vinha, quando os havia.

«Estes povos viviam em regimes comunitários, com abolição do direito de propriedade individual, isto é, o que pertencia ou tocava a cada um logo tocava a todos ou a muitos, regendo-se por vezes muito bem.

Além dos cereais viviam muito principalmente da caça e da pesca, que eram os seus passatempos favoritos, procurando de preferência os cursos de águas que lhes ficavam mais próximos.

Servindo-se de picões de pedra, e talvez de alguns dos primitivos instrumentos de madeira, lavravam, mais tarde semeavam e colhiam o trigo, a cevada, a aveia, o centeio e o milho miúdo nas terras baixas das planícies. Plantavam também sebes e levantavam paliçadas a rodear o redil dos seus animais. Repararam e construíram amiúde novas casinhas para os seus familiares.

Organizavam-se em tribos ou clans de conjuntos familiares, agrupando-se em aldeias, por vezes bem distantes umas das outras.



Percorriam os rios e as costas marítimas numa espécie de canoas bastante compridas, estreitas e ligeiras, por vezes até cavadas num só pau de madeira mole.

Naqueles tempos os rios eram as principais vias de comunicação. Estabeleceram contactos com outras gentes, trocando mercâncias com outros povos, desenvolvendo o comércio.

Acreditaram numa vida futura e criaram deuses próprios. Tomaram certas preocupações em relação aos seus corpos, antes de os sepultarem nos seus monumentos, tendo o cuidado de colocar neles colares e braceletes com que os enfeitavam para a última viagem, colocando-lhes oferendas que destinavam aos deuses da mitologia sagrada, que adoravam.

E com este género de vida sentiam-se felizes, vivendo longos anos em contacto com o ar livre.

Eram rudes e vigorosos, francos e dotados de grande força muscular, energia e perseverança, não desanimando com os contratempos que lhes pudessem surgir nas suas existências». (ANTÓNIO G. MATTOSO, ANTÓNIO HENRIQUES, T. G. E. POWELL e JOEL SERRÃO).

«Os Celtas causaram impressão aos olhos mediterrâneos pela altura, brancura da pele, desenvolvimento muscular, olhos azuis e pelo cabelo loiro. Usavam cabelos soltos, puxados para trás e bigodes caídos. Tinham cabeças redondas ou medianas e o cabelo ondulado ou encaracolado. Os guerreiros usavam como adornos torques no pescoço e pulseiras de ouro nos pulsos. Tinham a cara rapada. Os nobres usavam bigodes compridos, cobrindo a própria boca. Alguns homens usavam barbichas. As mulheres eram valentes e possuíam as demais características dos olhos e cabelos dos homens».

O Dr. Manuel Justino Pinheiro Maciel, de Durrães, ao descrever a cultura castreja no Vale do Neiva, na Monografia — «O RIO NEIVA» — ocupa-se assim do Castro da Caramona:

«É uma povoação pré-romana, que, todavia, a meu ver, se manteve mais algum tempo sob o domínio romano. Este castro é bastante citado pelos historiadores e corógrafos dos últimos séculos. Todavia, muitos deles falam dessas ruínas como pertencentes a uma cidade destruída pelos árabes em 716, época esta em que, sem dúvida, o castro já não era mais que um amontoado de pedras, certamente.»

Por sua vez, Pinho Leal, discutido escritor de velharias, diz no seu — «PORTUGAL ANTIGO E MODERNO» —: «Dizem que se chamava Carbona pelo muito carvão que ali se fazia. Agora chama-se Caramona ao sítio. Foi destruída pelos árabes em 716.»

O ilustre arqueólogo vimaranense, Francisco Martins Sarmiento, classificou este castro como os de uma antiga citânia pura. E mais adiante, refere: «Era uma famosa ruína do tipo da Citânia e de largas proporções.»

Corre em Carvoeiro uma lenda, que nos diz — «que nas noites de verão os mouros descem do alto da Caramona e vêm dar de beber aos cavalos junto à Ponte de Real, no rio Neiva».

## APONTAMENTOS MONOGRÁFICOS

Sabe-se por antigos cartapácios que a freguesia de Santa Maria de Carvoeiro, na comarca de Barcelos, nas TERRAS DO NEIVA, foi Couto do Convento da Ordem Beneditina desde épocas imemoriais.

Dizem que foi pertença do Rico-Homen dos tempos do feudalismo nacional, D. Payo Guterres, que mais tarde, por lhe pesar a consciência dos «muitos pecados que em vida cometeu», o doou em testamento aos frades do mesmo mosteiro. Mas também há quem afirme que foi precisamente o contrário, isto é, os frades é que o deixaram ao cavaleiro D. Payo Guterres — «o D. Sapo da Ribeira-Neiva.»

O Mosteiro de Santa Maria de Carvoeiro — «*in Terra de Nevia*» — foi fundado, segundo se diz, no ano 885 da Era de Cristo. Em recuados tempos disfrutava de umas doações régias e foros que lhe pagavam as paróquias de Durrães e Carvoeiro, cujos termos se achavam incluídos na área territorial do referido Couto.

Em época que desconhecemos, foi destruído por um grande incêndio, restando dele durante muitos anos a igreja e as paredes do cenóbio. No século XX, salvou-o da sua completa destruição o D. Prior da freguesia, Rev.<sup>o</sup> Sr. Padre Cesário Fernandes de Miranda, que por sua iniciativa conseguiu com que a Sr.<sup>a</sup> D. Luísa Rodrigues Monteiro, benemérita da localidade e descendente do nobre Conde da Estrela, o doasse à freguesia de Carvoeiro, para com a ajuda monetária dos paroquianos o puder restaurar a fim de servir de residência paroquial, posto de Telecola e salão de festas e reuniões das colectividades e irmandades desta terra.

A igreja conventual, hoje servindo de matriz da paróquia, é imponente e grandiosa, sendo considerada um dos mais importantes templos do Alto-Minho. Para essa imponência concorre bastante a sua maravilhosa fachada na qual se alcandoram em nichos apropriados as esculturas de Santa Maria, sua padroeira, S. Bento e sua irmã Santa Escolástica, religiosos beneditinos; e a sua monumental torre dos sinos.

No seu interior ostenta riquíssima talha barroca na capela-mor e em altares do seu corpo principal. Na capela-mor veneram-se os mesmos santos que se encontram na frontaria. Nela se destacam a Capela de Santo Amaro, o altar de Nossa Senhora do Desterro, um lavabo de granito, um valioso e muito antigo cadeirão, uma arca,

vários armários onde se guardam riquíssimos paramentos e alfaias do culto, um valioso retábulo e os altares de Nossa Senhora das Dores e de Santo António. Tem também um amplo coro e órgão velhinhos, bem como uma valiosa pia baptismal. Na fachada vêem-se ainda as armas heráldicas da Ordem Beneditina, por debaixo da cruz latina e as datas — 1704 e 1707 — gravadas em ombreiras das janelas, que parecem aludir a umas obras de restauro nela empreendidas no século XVIII.

No terreiro da cerca deste Convento pode admirar-se o túmulo jacente do eclesiástico D. Pedro Afonso, primo, segundo se diz, do grande Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, no qual se pode ler a seguinte inscrição: — «OS OSSOS DE D. P.<sup>DO</sup> AFF.<sup>SO</sup> AB.<sup>E</sup> D. CONV.<sup>O</sup> F. C. BOA OPEN.» — Diz-se que este D. Abade do Mosteiro de Carvoeiro morreu com fama de santidade. Também há quem afirme que o mesmo D. Pedro Afonso era irmão bastardo do primeiro monarca português.

Dispersas pela mesma cerca, e não longe das paredes exteriores da igreja fomos encontrar algumas sepulturas de religiosos desta ordem monástica, com as seguintes inscrições: — «S. P. DO P.<sup>E</sup> PERF. MIGVEL DO ESP.<sup>O</sup> S.<sup>TO</sup>; FR. LOVRENÇO - O. S. B. - F.<sup>DO</sup> A 20 DE M.<sup>IO</sup> 1723; S.<sup>A</sup> DO P.<sup>E</sup> BENTO DO SANTO A. - F. A 14 DE 8BRO 1724; S.<sup>A</sup> DO ICER LOVRENÇO - S. L.»

Na parte do Passal também se podem ver umas grossas colunas de granito, que revelam bastante antiguidade; em uma delas assenta um relógio de sol com alguns séculos de existência.

## TRIBUTO DA MARCKETTA

Ao tratar da freguesia de Durrães na sua obra monográfica sobre o concelho de Barcelos, escreveu o Dr. Teotónio da Fonseca: — «Esta freguesia com a de Carvoeiro, a ela contígua, mas já no concelho de Viana do Castelo, formava o Couto dos monges beneditinos de Carvoeiro. Esta povoação antiquíssima foi destruída na invasão árabe e o Convento de Carvoeiro foi fundado ou reedificado no ano 885 da era cristã por D. Paio Guterres.

Tinha este mosteiro umas doações régias que lhe davam Carvoeiro e Durrães por Couto. D. Paio Guterres foi senhor absoluto deste Couto com característicos direitos feudais. Entre estas apparecem-nos vestígios do tributo de OSAS e de PERNADA ou de MARCKETTA, muito usado em algumas nações da Europa na Idade Média. Se alguma mulher casasse sem sua licença e sem lhe pagar certo tributo perdia as suas casas e terras.»

Consistia este tributo da **MARCHETA** ou **MARCKETTA** citado nas «INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO II», do ano de 1220, no facto de toda a mulher serva que estivesse para casar ser obrigada a passar a primeira noite, antes das núpcias, com o Senhor do Couto, a quem o povo chamava — D. SAPO. — Este bárbaro e humilhante costume proliferou em vários Coutos da nossa nacionalidade, e na província de Entre-Douro-e-Minho, que saibamos, existira nesta freguesia de Carvoeiro, em Cardielos (D. Florentino Barreto, o D. Sapo da Ribeira-Lima), e em Palmeira de Faro, Esposende (Pedro Carneiro Gaio, o D. Sapo da margem do Cávado). Houve ainda um D. Sapo de S. Julião de Freixo, chamado D. Gonçalo Paes, que segundo outros também foi D. Sapo de Cardielos.

### AS JUSTIÇAS DO COUTO DE CARVOEIRO

Tudo quanto os habitantes das freguesias de Carvoeiro e Durrães possuíam em bens de raiz constituía uma espécie de colónia da qual não poderiam dispor livremente; nem tão-pouco eram senhores de qualquer tomada ou porção de terrenos no monte; e mesmo quando era de suas livres vontades dar ou trespassar aos seus mais próximos parentes algumas das propriedades que possuíam, teriam de em primeiro lugar consultar o D. Abade do Mosteiro para que lhes concedesse autorização para dispor do que por direito e natural razão lhe deveria pertencer, sem o que não poderiam dar os seus bens em caso algum.

As funções de Juiz e Ouvidor competiam ao D. Abade. Não havia Escrivão publicamente nomeado. Os pleitos eram por o mesmo clérigo decididos, sem apelo nem agravo.

Tinha também o direito de nomear os seus Porteiro e Advogado, que penhoravam os ditos moradores pelas suas dívidas ao Convento, e ordenavam que esses bens fossem expostos em leilão público, sempre que lhes eram confiscados.

Havia também um Capitão-mor e Sargento-mor nomeados pelo D. Abade, que em alguns Conventos que tinham direitos de Couto, como em Vilar de Frades, poderiam recair no mesmo D. Abade e em um dos seus religiosos.

Na parte que dizia respeito ao crime, se os queixosos quisessem fazer querela teriam de se deslocar ao tribunal de Barcelos, após o D. Abade os autorizar para esse fim.

## CEMITÉRIO PAROQUIAL

O Cemitério desta localidade ribeirinha fica encostado à parede do lado nascente do Mosteiro. Para o visitarmos tivemos de subir uma escadaria de pedra desde o terreiro da igreja. Modesto e acanhado, como é, encontrava-se no entanto venerado com certo carinho pelos seus paroquianos.

Além das sepulturas térreas e de mármore nela contidas vimos também um jazigo raso onde se recolhem os despojos mortais depois de se encontrarem uns tantos anos sepultados. Tinha o seguinte epitáfio que não nos furtamos à curiosidade de transcrever:

*«Ó Caminhante que passas,  
Suspende os passos e medita;  
Que das ilusões da vida  
Tudo morre e aqui fica.»*

## CAPELAS E ERMIDAS

No cume da Serra da Padela ergue-se a ermidinha de Santa Justa, cuja fundação se perdeu nas noites dos séculos. É caminho escabroso e difícil de lá chegar, mas informaram-me há dias que estão a fazer uma estrada em volta da montanha para permitir um melhor acesso aos seus devotos, que principalmente no primeiro domingo de Setembro de cada ano ali costumam afluír para cumprirem suas promessas.

Quando lá fomos há 20 anos, a escalada tornou-se-nos bastante penosa.

Na sua parte mais elevada, a 462 metros de altitude, podem admirar-se excelentes panorâmicas para as margens dos rios Neiva e Lima, dividindo-se também magníficas paisagens através dos contornos geográficos dos Vales do Tamel e do Neiva, entre os concelhos de Barcelos, Ponte de Lima e Viana do Castelo.

Nessa romaria os devotos oferecem a Santa Justa frangos, de preferência de penas brancas. Outras capelas de maior ou menor projecção religiosa se estendem por diferentes lugarejos da terra.

*A Capela de Santa Ana ou Santana*, como o povo pronuncia, assemelha-se a uma igreja de avantajadas proporções graníticas, a pedir meças a algumas matrizes de paróquias dos concelhos do Alto-Minho.

Benzida por D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz de Braga, em 25 de Julho de 1864, deve-se a sua construção ao Rev.º Padre Francisco Maciel da Costa. Com uma elegante torre, apresenta ainda uma vistosa fachada voltada ao sul.

Informam-nos que foi mandada reedificar por um fervoroso conterrâneo que labutou nas longínquas paragens das Terras de Santa Cruz, no Brasil.

Dela nos diz o estimado jornalista e escritor vianense, Sr. António Afonso do Paço: — «ao atingir o 1.º centenário foi assinalado com o restauro onde se gastaram mais de cem contos. Santa Ana é padroeira do parto feliz. Quando uma parturiente está em dificuldades, a família acciona o sino da capela, fazendo-se ouvir nove badaladas (por tal motivo a chave da capela está sempre em poder de uma vizinha); ao ouvir o toque, todos se descobrem e rezam uma Ave-Maria a cada badalada».

*A Capela do Senhor dos Passos* fica junto à estrada municipal que vem de Santa Ana ou do terreiro da igreja. Pequena e baixa, na sua frontaria pode ler-se, com certa dificuldade, uma inscrição que nos parece aludir à época da sua construção, ou à data da sua mudança de um outro local da freguesia.

*A Capela de Santo Amaro* é uma pequena ermida onde nos meses de Janeiro tem lugar uma romaria popular. Como curiosidade vinda de longevas tradições, registamos o facto de nela termos observado os romeiros a cumprirem suas promessas em volta dela sobraçando alguns membros (pernas e braços) de madeira, em lugar dos conhecidos ex-votos de cera, como é vulgar verem-se nas romarias do Minho.

## CRUZEIROS DA FREGUESIA

Vem de séculos a tradição dos Cruzeiros de Igrejas e Capelas, que se tornaram vulgares na Idade-Média. Segundo refere o Rev.º Padre Manuel Martins Cepa — «o Cruzeiro é companheiro e sentinela a cuja sombra piedosa se refugiam os vivos e os mortos. Aponta-nos o caminho da Verdade, da imolação redentora e da glória imortal, que se conquista sofrendo e amando.»

É de pedra e parece que reza, porque está nele a lembrança de Jesus.

Quando um povo quer fazer penitência, vai fazê-la em derredor do Cruzeiro da sua terra. E quando uma aldeia entra em festa, vai ao Cruzeiro e cobre-o de flores:

*Quem os veja não se esqueça  
De lhes tirar o chapéu!  
Lembram Cristo à nossa espera...  
Cruzeiros da nossa terra  
Marcos militários do céu.*

(P.º Moreira das Neves)

Os portugueses, piedosos como são, tiveram sempre grande veneração e amor pelos cruzeiros e espalharam-nos profusamente de norte a sul do país. Não contentes com isso, nos tempos áureos da dilatação da Fé e do Império levaram-nos consigo.

O Cruzeiro é a nossa assinatura na África, na Índia e no Brasil, como símbolo da *nossa Fé e do nosso herotismo*.

Carvoeiro tem o seu Cruzeiro Paroquial implantado junto ao caminho público do lugar de Algares e a uma mata rodeada de densa vegetação, um pouco distanciado do terreiro onde se erguem a sua Igreja Conventual e o Cemitério. De coluna cilíndrica, capitel simples e cruz latina, ostenta um escudo com as armas da Ordem de S. Bento, assentando a sua base sobre uma escadaria de quatro degraus de bom granito da região.

O arqueólogo Sr. José Rosa de Araújo, referindo-se na sua obra — «CAMINHOS VELHOS E PONTES» — à antiga estrada real que de Barroelas se dirigia a Carvoeiro, diz na parte em que se ocupa da Ponte dos Frades: — «Dali, por um caminho ainda calçado à velha e tradicional maneira portuguesa, ia passar à Ponte dos Frades.»

Esta ponte, que uma cheia danificou, derrubando parte da sua estrutura superior, é um belo exemplar romântico, lembrando gravura inglesa antiga.

Passa por ela o regato da Fraga, que poucos metros depois desagua no Neiva. É de um só arco, de 13 aduelas, de abertura 3,50 metros e de altura 2 metros.

O perímetro em albardão, tem na margem direita, encravado junto ao muro e quase a sumir-se na vegetação, um marco onde se lê, não sem dificuldade, a indicação: DE BRA/GA AN/NO D/1702. Na outra margem, ao lume da água, outro marco com o letreiro: COUTO / DE / / CARV.º / 1666.

Dividia o regato o antiquíssimo Couto de Carvoeiro e lá estão ainda os marcos indicativos.

A estrada subia, empedrada, passando por um casarão ainda chamado Lagar dos Frades, destinado, desde tempos imemoriais, à produção de azeite. Há muito, porém, que está abandonado, e servindo, cremos, de arrecadação e moradia de família humilde.

Dali até encontrar a estrada actual, precisamente onde nasce a estrada que leva a Durrães, a «*estrada velha*» atravessa pinheirais desertos, caminho bem lóbrego ainda hoje, apenas animado pelo marulhar das águas da ribeira do Neiva, que, aqui e ali, se vê lucilar por entre a ramaria.

Novamente a estrada actual corre paralela ao leito da antiga quase até ao Cruzeiro de Algares, muito célebre noutros tempos, pois que era ali um dos pontos onde os ladrões assaltavam os viandantes.

No Cruzeiro de Algares havia bifurcação: o caminho que cortava à direita levava à ponte das Tábuas, já assim chamada no século XVI segundo se vê no Tombo da freguesia de Balugães: *e era a estrada de Barcelos.*

Voltando ao Cruzeiro, diremos que antigamente, nos tempos do Couto de Carvoeiro, havia uma certa rivalidade entre os habitantes das duas margens do Neiva — Carvoeiro e Durrães —, em consequência da qual, e para fugirem ao pagamento dos direitos que aquele Couto cobrava, os moradores de Carvoeiro foram ao Cruzeiro de Algares e viraram as armas nele existentes em direcção aos seus vizinhos do outro lado do rio; tanto bastou para que numa noite as gentes de Durrães tivessem colocado as mesmas armas na sua posição inicial, livrando-se assim do tributo que os Frades lhe exigiam em razão de pertencerem ao Couto de Carvoeiro.

É tradição que chegou através dos séculos até aos nossos dias. Contou-no-la um velhinho de Durrães, de cujo nome já nos não recordamos, mas sabemos que se aparentava com os Macieis.

Há também a registar a existência do Cruzeiro da Capela de Santa Ana, também artístico e até talvez mais monumental que o de Algares, que deve datar da época da fundação da Capela da mesma invocação. Demora-se junto à estrada que atravessa parte desta freguesia, a pequena distância da Capela.

Cruzes de um antigo Calvário é coisa que se pode ver por vários recantos desta paróquia, ao subir para a zona elevada que conduz ao monte da Padela, algumas delas com inscrições já bastante irreconhecíveis devido à acção dos tempos.

Em Carvoeiro há ainda uma outra romaria que já nos esqueçamos de mencionar: a de S. Brás, que tem lugar anualmente em 3 de Fevereiro, no Mosteiro do Convento, onde se guarda a respectiva imagem, também muito venerada pelos carvoeirenses e seus vizinhos.

No capítulo de Escolas Primárias, onde se ministra o ensino das primeiras letras até ao 2.º grau, há a registar a existência de dois edifícios próprios para esse fim — um nas proximidades da Capela de Santa Ana, e outro no lugar da Vacaria, no alto da Padela, bastante isolado e distanciado da igreja paroquial.

O nosso amigo e Sr. António do Paço, de Viana, diz que em tempos «nos funerais era necessário ir um batedor à frente a quebrar os ramos dos pinheiros e fazer um sulco no mato», mas cremos que hoje já não é necessário proceder assim, visto que as gentes da Vacaria já podem utilizar um caminho aberto na floresta que lhes permite sepultar os seus mortos no cemitério da freguesia sem necessitarem de irem à frente a abrir passagem nos montes.

Além da já citada Ponte dos Frades, na área do distrito do Couto de Carvoeiro há uma outra mais moderna, por onde passa a estrada



nacional, de Braga a Viana do Castelo a que chamam Ponte do Rebledo, lançada sobre o Ribeiro da Fraga, ou da Vacaria, assim chamado por nascer ali para os lados daquele lugar, no Monte da Padela.

A Confraria de Nossa Senhora do Desterro é a mais antiga desta freguesia, havendo documentos que comprovam a sua existência já no século XVI. No ano de 1970 contava 5000 confrades dispersos pelo Vale do Neiva.

Aqui há 10 anos os jornais diários do Porto contavam as façanhas de um caçador destas paragens chamado Tomás de Aquino que, sem espingarda e pelos antigos processos de ratoeira e do laço, caçou inúmeras raposas da Serra da Padela.

Dizem que nos princípios do mês de Setembro se concentravam no alto da Padela os caçadores desta região para celebrarem essa efeméride anual e que às vezes tal reunião acontecia no dia da festa a Santa Justa.

A freguesia de Santa Maria de Carvoeiro tem pouco comércio e indústria, talvez pelo facto de ficar um pouco retirada da estrada nacional, já em zona montanhosa.

Há poucos anos, havia nesta terra alguns artistas rurais que nas suas horas livres se dedicavam, com carinho e entusiasmo, ao fabrico artesanal de gamelas, trabalho executado em paus de pinheiro, principalmente. Também existiram fabricantes manuais de tamancos e chancas com paus de amieiro das margens do Rio Neiva.

E por falar neste rio, diremos, que é bastante concorrido por pescadores desportivos e particulares que nele pescam na roda do ano, com abundância, barbos, trutas, escalos, bogas, enguias e outras espécies do ramo piscícola. As suas margens são agradáveis e repletas de abundante vegetação prestando-se também para a prática do Campismo. A este propósito escreveu o Dr. Manuel Justino Pinheiro Maciel na monografia — «O RIO NEIVA» — publicada em 1978: «o rio Neiva é dos poucos que não sofre, ainda, de poluição de águas. O seu peixe é óptimo. Bom seria que se intensificasse mais o repovoamento piscícola. Nas azenhas por aí abandonadas, depois de algumas reparações, se poderiam montar estações de apoio a clubes de pesca desportiva, natação, campismo, etc. Vale bem aproveitar nas horas vagas as possibilidades de recreio que nos dá este rio esquecido.»

Na parte da habitação temos a assinalar a constante construção de novos edifícios na freguesia graças à iniciativa dos seus filhos que labutam no estrangeiro. Também foram algumas casas restauradas com dinheiros vindos de França e de outros países da Europa e das Américas.

Uma das economias desta paróquia é constituída pelo rendimento da arborização das matas e florestas da localidade. Essas matas com-

preendem um perímetro enquadrado entre três freguesias do concelho de Viana — Carvoeiro, Barroselas e Geraz do Lima —, uma de Barcelos (Balugães) e outra de Ponte do Lima, na encosta de Vitorino dos Piães.

## FIGURAS ILUSTRES

É naturalíssimo que através dos séculos Carvoeiro tenha possuído vultos notáveis que se tenham evidenciado na vida social e administrativa, nas armas, nas letras, em religião, nas ciências, no foro judicial, etc.

Como de momento não temos à mão elementos que nos permitam aqui focar a acção desses filhos ilustres, e devido à necessidade da conclusão deste trabalho para entrar na tipografia, vamo-nos referir a um deles — o 1.º Conde da Estrela.

«JOAQUIM MANUEL MONTEIRO, único Barão, Visconde e 1.º Conde da Estrela, nasceu em Carvoeiro a 13 de Fevereiro de 1800 e morreu no Rio de Janeiro a 21 de Maio de 1875.

Era filho de José Bento Rodrigues Granja, proprietário e lavrador em Carvoeiro, e de sua mulher D. Rosa Maria Lourenço.

Foi grande capitalista, proprietário e negociante de grosso trato no Rio de Janeiro, onde viveu durante muitos anos.

Era guarda-roupa honorário de D. Pedro V e D. Luís, fidalgo-cavaleiro da Casa Real (alvará de 27 de Setembro de 1842), Comendador das Ordens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e da Torre-e-Espada; e da Ordem de Cristo do Brasil.

Casou duas vezes: a primeira com D. Eugénia Martins Basto, que nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de Abril de 1825 e morreu em 1852; teve geração, um filho sucessor do título; a segunda, a 30 de Junho de 1853, com D. Luísa Amália da Silva Maia, que nasceu no Rio de Janeiro a 31 de Outubro de 1832; com geração de dois filhos, sendo o mais velho José Joaquim Maia Monteiro, Barão da Estrela, no Brasil, e o segundo António Joaquim Maia Monteiro, Barão de Maia Monteiro, no Brasil.

A Condessa da Estrela passou a 2.ªs núpcias com Miguel de Novais, negociante. O título de Barão foi-lhe concedido por Decreto de 12 de Setembro de 1851 (D. Maria II).

Foi elevado a Visconde, em duas vidas, por Decreto de 17 de Janeiro de 1855 (D. Fernando II), Regente na menoridade de D. Pedro V, e à Grandeza, como Conde, por Decreto de 17 de Janeiro de 1873 (D. Luís), com mais uma vida no título.

Foi 2.º Conde da Estrela Joaquim Manuel Monteiro, filho do 1.º casamento do anterior, que nasceu no Rio de Janeiro a 9 de Janeiro de 1844. Casou com D. Cecília Pereira Pinto; com geração, pelo menos

um filho, Joaquim de Oliveira Pinto Monteiro, que nasceu a 14 de Maio de 1874.

Teve a verificação da 2.<sup>a</sup> vida concedida no título por Decreto de 17 de Janeiro de 1873. — «NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL», II Vol. — Dr. Afonso Eduardo Martins Zuquete.

Na Galeria dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos existe um retrato a óleo contendo as seguintes dizeres: JOAQUIM MANUEL MONTEIRO — Conde da Estrela, natural de Santa Maria de Carvoeiro, residente na cidade do Rio de Janeiro, benfeitor desta Santa Casa em 1869.

Deste ilustre carvoeirense era descendente a Sr.<sup>a</sup> D. Luísa Rodrigues Monteiro, benemérita de Carvoeiro, que legou o antigo edifício do Mosteiro à mesma freguesia.

## FAMÍLIAS ANTIGAS

De António Félix Machado, oriundo de uma ilustre família aparentada com a Casa da Cabana, em Quintiães, filho de Joaquim Félix Machado e de D. Maria Carolina das Dores, nascido em 31 de Dezembro de 1843, houve os seguintes filhos: Manuel Falcão Félix Machado, que nasceu em Carvoeiro, a 9 de Janeiro de 1868; estudou no Seminário de Braga, mas não se ordenou, e exerceu a sua actividade, longos anos, comerciando na África Portuguesa e no Congo Belga, tendo sido condecorado pelo Governo Belga com o grau de Cavaleiro da Real Ordem do Leão, da Bélgica, por serviços prestados à colonização e civilização da colónia; morreu em Alvarães em 22 de Junho de 1936.

Do seu casamento com D. Virgínia Adélia Pereira Sartóris, filha de D. Maria dos Prazeres Pereira e de João Sartóris, italiano de Nação, em 20 de Maio de 1903, teve dois filhos: Fernando e Manuel Aires.

Fernando Falcão Machado, licenciado em Letras e professor liceal, oficial da Ordem de Instrução Pública, que casou com D. Maria Ana de Cabedo Garcia, filha do Dr. Fernando Garcia, inspector de saúde em Setúbal e publicista notável, e de D. Maria Francisca de Cabedo Garcia, neta dos Viscondes do Zambujal e 6.<sup>a</sup> neta do Marquês de Pombal; deste casamento houve os seguintes filhos: D. Maria Francisca Garcia Falcão Machado; Fernando Gustavo de Cabedo Garcia Machado; D. Maria Rafaela de Cabedo Garcia Machado, nascida em 2 de Agosto de 1937, falecida em 22 de Julho de 1938; e Maria Ana Garcia de Falcão Machado.

Manuel Aires Falcão Félix Machado, antigo funcionário público, casou com D. Maria Beatriz Ernestina da Costa Barros, de Darque, filha de Ernesto da Costa Barros e de sua mulher D. Maria Beatriz,

teve dois filhos: Ernesto e Fernando Carlos. — «O VÍNCULO DA CASA DA CABANA DE QUINTIÃES — Dr. Fernando Falcão Machado — 1939.

NOTA — O Sr. Dr. Fernando Falcão Machado foi professor no Liceu Camões, em Lisboa, e tendo ficado viúvo do primeiro matrimónio contraiu segundas núpcias com uma senhora, filha do Dr. Avelino Augusto Vieira Pinto, do Porto, que veio exercer clínica para Barrocelas, e viveu na Casa da Senhora da Guia, no lugar do Outeiro. Deste casamento teve geração.

Escritor de grandes merecimentos, além de escrever várias obras e de colaborar em vários jornais e revistas portuguesas, é também colaborador do semanário «A VOZ DO MINHO», de Barcelos, desde a fundação deste jornal. Anteriormente havia colaborado em «O BARCELENSE».

A Sua Excelência agradeço as amáveis referências feitas a uns modestos trabalhos que escrevi há anos sobre as freguesias de Durrães, Tregosa, Alvarães e Carvoeiro, referências essas que inseriu em um artigo sobre o título — BARROSELAS — publicado por «CADERNOS VIANENSES», de Outubro do ano de 1978, edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

O Sr. Manuel Aires Falcão Félix Machado, jornalista residente em Coimbra, foi autor da — «MONOGRAFIA DO CONCELHO DE ESPOSENDE» —, publicada em 1951, tendo sido composta e impressa nas oficinas gráficas da Companhia Editora do Minho, em Barcelos.

Os elementos aqui inseridos sobre a família de António Félix Machado foram trasladados da colecção do jornal «O BARCELENSE», em vida do director do mesmo jornal, Sr. Rogério Calás de Carvalho, devendo-se esse valioso trabalho ao Sr. Dr. Fernando Falcão Machado.



Pelas belezas panorâmicas que se enxergam dos altos da Serra da Padela e da Montanha, pela amenidade do Vale onde esta terra se enquadra, pela fertilidade dos seus campos cultivados com tanto carinho e devoção, pelos seus naturais, e por muitas outras características que tanto a enobrecem, colocando-a a par de outras prestigiadas freguesias do concelho a que pertence, a freguesia de Santa Maria de Carvoeiro, outrora Couto da Ordem Beneditina, ostentando e fazendo gala das suas antigas tradições religiosas, bem merece que as autarquias do seu distrito olhem para ela com olhos de ver, dispensando-lhe todo o apoio e solicitude de que é merecedora, ajudando-a no caminho do progresso.

Barcelos, 8 de Agosto de 1980.

## BIBLIOGRAFIA

*O Concelho de Barcelos — Aquém e Além-Cávado* — Dr. Teotónio José da Fonseca, I volume, 1948. Barcelos; *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga* — Cónego Aguiar Barreiros. Braga; *Monografia de Alvarães* — Padre Manuel Martins Cepa, 1939. Braga; *História Geral e Pátria* — António Mattoso e Antonino Henriques, 1957. Porto; *Os Celtas — História Mundi* — T. G. E. Powel, 1974. Lisboa. *Dicionário da História de Portugal* — Joel Serrão, II volume; *O Rio Neiva — Monografia* — Dr. Paulo Passos Figueiras e outros, 1978. Porto; *Portugal Antigo e Moderno* — Pinho Leal. Lisboa; *Chorographia Portugueza* — Padre António Carvalho da Costa. Lisboa; *Maravilhas de Viana* — António Afonso do Paço, 1971. Viana do Castelo; *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte do Lima* — José Rosa de Araújo, 1962. Viana do Castelo; *Nobreza de Portugal e do Brasil* — Dr. Afonso Eduardo Martins Zuquete, II vol., 1960. Lisboa. *O Vínculo da Casa da Cabana de Quintiães* — Dr. Fernando Falcão Machado, 1939.



# A Torre de Curutelo

---

S. Julião de Freixo, geograficamente pode-se considerar dentro da antiga área medieval de Riba de Neiva, no Vale do Neiva, cujo rio do mesmo topónimo lhe passa a escassos quilómetros por Vilar das Almas e Ponte de Anhel.

Foi nesta linda região que no século XII se ergueu a Torre de Curutelo, ou Paço de Curutelo, com sua torre feudal e circuito murado, hoje vivenda particular, «curiosíssimo exemplar da vida senhorial dos primórdios ou primeiros tempos da nação portuguesa», como nos diz o — «PORTUGAL-ECONÓMICO — MONUMENTAL E ARTÍSTICO» — volume 1.º, a págs. 143.

«Casa de Curutelo, em Freixo—Ponte de Lima. Típica moradia medieva, que alguém afirma ser coetânea da Nacionalidade, se não anterior, e que se caracteriza pela sua torre quadrangular, ameada; as suas paredes espessas, e os compartimentos de tectos apainelados, além da linha de ameias e merlões chanfrados que circundam a casa em toda a volta, imprimem-lhe um ar afortunado.» Assim se pronuncia no II volume — «PORTUGAL MONUMENTAL» — págs. 234, edição de 1977 o escritor José Correia do Souto.

«Torre de menagem, mole quadrangular de grossíssimas paredes, rasgadas de onde a onde por estreitas frestas, pelas quais recebia uma escassa luz os seus dois pisos, e na qual se entrava por uma porta chapeada e com grandes ferrolhos e trancas para sua melhor segurança. Um terraço cimeiro, dotado de parapeito ameiado», assim se lhe refere um outro conceituado historiador, há poucos anos falecido.

Na sua importante obra de carácter arquitectónico intitulada — «SOLARES PORTUGUESES» —, ao estudar minuciosamente a época medieval e a casa fortificada, entre outras extensas considerações escreveu Carlos de Azevedo, no ano de 1969: — «Em Portugal, tal como noutros países europeus, escasseiam as casas de épocas mais remotas. Destes aglomerados urbanos, os que subsistem no País — em conjuntos de maior interesse — datam já do final da Idade Média. A casa

nobre, porém, foi objecto de maior esforço artístico, e, embora em Portugal não estejamos convenientemente informados a respeito da sua história, pelo exame atento dos edifícios chegamos a conclusões do maior interesse para o estudo da sua evolução.

Entre nós, a história da casa senhorial começa com a torre, e é no Norte, na região de Entre-Douro-e-Minho — berço da nacionalidade —, onde vamos encontrar os primeiros exemplos deste tipo de construção, que tanta influência havia de exercer no ulterior desenvolvimento da casa portuguesa. São muitas as torres que aí se encontram, embora seja difícil afirmar que as mais antigas datam ainda dos primeiros anos da nacionalidade. É certo que, em alguns casos, possuímos documentos ou referências a torres desde o século XII.

É frequente confundir-se estas torres com castelos. Trata-se de arquitectura militar, sem dúvida, mas a casa-torre nada tem a ver com o castelo, embora reproduza fielmente a torre de menagem. Na época medieval, a organização política do tempo exigia um núcleo forte onde o rei e os senhores se pudessem reunir e abrigar.

Entre todas essas construções surgiu durante o século XI a torre de menagem, de planta quadrada ou rectangular, que desempenhava papel especialmente importante; era a parte mais permanente e segura, e que rapidamente se generalizou na Europa, particularmente na primeira metade do século XII.

Destinada também a habitação, a torre de menagem, que geralmente se distingue das outras pelas suas maiores dimensões, aparece, de início, isolada e no centro dum recinto murado, fórmula simples e muito usada em toda a Europa Ocidental.

A torre era então lugar de assembleia, último refúgio em caso de assalto, habitação do senhor se as suas dimensões o permitiam. Não era natural que as mais pequenas servissem como residência, mas nessas invariavelmente se encontram vestígios de outras construções que desapareceram mas que lhe ficavam contíguas e com as quais comunicavam.

Não há dúvida, porém, que em muitos casos era a torre a habitação do senhor e de sua família.

Autênticas casas fortificadas, as torres solarengas não são, pois, torres de menagem de desaparecidos castelos, mas simples torres senhoriais que, se de princípio tiveram utilidade militar nas campanhas da reconquista, logo foram aproveitadas pela nobreza para sustentar rivalidades.»

Em um pouco mais adiante, este dedicado escritor, ao ocupar-se dos três tipos de torres-solares deste género, conclui: — «o mais raro de todos, este tipo tradicional de residência senhorial encontra-se já claramente troncado no Paço de Curutelo que parece datar seguramente



de 1532 (1). Aí, a casa, de planta regular e bastante baixa, com paredes rematadas, por parapeitos ameados, é já dominada pela massa da torre que irrompe do centro do edifício.»



Castelo do Curutelo

O mais perfeito espécime de construção medieval acastelada do Vale do Neiva que chegou aos nossos dias

E, em dado passo do seu trabalho, conclui este estudo sobre as torres fortalezas, com o seguinte texto: — «Em Portugal, porém, embora tenham subsistido numerosas torres solarengas de épocas relativamente recuadas — pelo menos desde os princípios do século XIV — só nos restam exemplos de casas completas, isto é, casa e torre, dos séculos XV e XVI.»

---

(1) O autor deve querer referir-se ao solar que lhe foi acrescentado, e não à torre a que chamam castelo.

## O SOLAR DE CURUTELO

Numa tarde de Julho de 1965, na companhia do amigo João Figueiredo da Silva Ramos, que nos acompanhou nestas andanças das coisas do passado, dirigimo-nos para Curutelo pela região do Vale do Tamel, e depois de transpormos o Rio Neiva pela Ponte de Sabariz, entre S. Tiago de Cossourado e S. Martinho de Balugães, cortamos no cruzamento da estrada nacional para Ponte de Lima, no lugar de S. Bento, desta última freguesia, para a estrada que ia dar a S. Julião de Freixo, transpondo as pontes do Neiva e do Nevoinho, entre Cossourado e S. Tiago de Poiares, e trepando cinco quilómetros de estrada em ziguezague, chegamos já um pouco cansados junto do pórtico que dá entrada para a Quinta de Curutelo, onde em um pequeno outeiro que se espraia para os lados da freguesia de Poiares, já do concelho de Ponte de Lima, se levantam a Torre e Solar de Curutelo.

Após um pequeno descanso, e depois de mitigarmos a sede com uns tantos copos de água que uma mulherzinha transportava num cortiço para a romaria de S. Cristóvão, que lhe fica no monte ao lado, entramos em contacto com o feitor da quinta para lhe solicitarmos a devida autorização para visitar a torre e o solar; obtida esta e tomados que foram alguns apontamentos no nosso caderno de velharias, dirigimo-nos na companhia daquele amável senhor, cujo nome decorridos que já foram 15 anos não nos ocorre à memória, mas que sabemos residir em Cossourado (Barcelos), começamos por passar pela Capela de Santo Amaro, cabeça do Vínculo das Quintas de Coucieiro e Curutelo, onde reparamos na arquitectura de um altar do século XVII, na inscrição existente na verga da sua porta principal — 1668 —, na imagem do seu padroeiro e em uma outra de um Cristo Crucificado; no seu solo lajeado, no tecto coberto a madeira e no seu interior bastante mal conservado naquela época, reparamos também em uma sineira na fachada da capela, e no facto de entre a capela e o solar existir uma porta a comunicar com o coro.

Depois subimos uma escadaria exterior que dá acesso ao edificio solarengo e à torre, e dentro daquele vimos vário mobiliário antigo e de diferentes estilos, em uma sala, em outras dependências e na sala de armas, onde pelas paredes se achavam dependuradas algumas espingardas de carregar pela boca, mosquetes, pistolões, punhais, machados de guerra, achas de armas, sabres, catanas, etc.; e uma tábua com as armas heráldicas dos seus últimos senhores, que pelos apelidos heráldicos nela representados se sabe dizerem respeito aos Gaios, Abreus, Carneiros e Felgueiras, e com o timbre de Gaios sobre o elmo aberto de lado.

Além dos aposentos já citados e da torre medieval, constituída por dois andares, a casa tinha alguns quartos, cozinha e sala de estar, bem

como um eirado ao nível do telhado de onde se abarcam excelentes paisagens para o Vale do Neiva.

Nos baixos, disse-nos o nosso guia que era a prisão dos Mouros, onde eram encerrados os inimigos da nossa religião, e a adega privativa dos donos da quinta — família dos Senhores Valentim Ribeiro da Fonseca, e de seus filhos D. Maria de Cerquim Ribeiro da Fonseca, Engenheiro António de Cerquim Ribeiro da Fonseca e Manuel de Cerquim Ribeiro da Fonseca.

No arco do pátio existia uma pedra com a data do ano — 1000 — da era de Cristo.

Em 1908, o escritor Joaquim Leitão refere-se a este edifício solarengo no seu livro monográfico — «BARCELOS — GUIA-ILUSTRADO» — do seguinte modo: «A Casa de Curutelo, dos Felgueiras Gaios (Século XII), por compra acha-se em poder de pessoa alheia à família; apesar de desfigurada por casotas que lhe pousaram em cima e por janelas de grades que lhe falsificaram as paredes e portinholas de vidro de agência de criadas de servir, ainda vale um passeio de carro por uma manhã.»

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Segundo o «Suplemento à MEMÓRIA HISTÓRICA DA VILLA DE BARCELLOS», do Padre Domingos Joaquim Pereira, Abade do Louro, ano de 1867 — «a Casa e antigo Castello de Curutello, sitos na freguesia de S. Julião de Freixo, outrora do concelho de Barcellos, e hoje do de Ponte de Lima, ou fôsse de Nuno Nudiz, casado em Riba de Neiva, onde chamaram Curutello em tempo de El-Rei D. Fernando «O Magno», que ganhou Coimbra aos Mouros e teve alli a sua côrte; ou fôsse fundado pelo fidalgo asturiano, Alarico, grande e poderoso Senhor descendente dos godos, pouco mais ou menos depois da entrada dos mouros na Espanha, aos quais ganharam o território de Riba de Neiva, do qual se fizera Senhor, e alli se fortificara, fundando o castello, o qual se conservara em seus descendentes até ao pai de D. Urraca Landufes, que se diz chamara-se Landufo Ordonhes, e que casara a dita sua filha com o sobrinho Nuno Nudiz, e que em seus filhos, netos e descendentes se conservara a sucessão dela até à mulher de Nuno Viegas, que se diz se chamara Inêz Annes de Curutello, e que do dito marido tivera o filho Nuno Viegas «O Moço», Meirinho-mor de Traz-os-Montes, o qual casara com Inêz do Rêgo, filha herdadeira de Rui Dias do Rêgo, Senhor de S. Martinho de Mouros e do Pico de Regalados, de quem nasceu filha unica Leonor Viegas, em quem seus pais instituíram o Morgado das Quintas de Coucieiro e Curutello, a qual casou com Diogo Gomes de Abreu, Senhor de Abreu e Merufe

(Monção), que depois possuíram seus descendentes; ou fôsse como nos quer persuadir primeiro o Marquez de Montebello, ou como nos diz o Dr. João Salgado de Araújo, Abade de Pêra, é certo que o Duque de Barcellos e de Bragança, D. Jaime, em 1532 estava Senhor e possuidor da dita Casa, Quinta e Castello de Curutello, e que tudo isto emprazou ao fidalgo João Rodrigues do Lago, filho de Rui Gomes, pello bem que o tinha servido, principalmente na jornada e Conquista de Azamor, e por sêr descendente dos primeiros Senhores daquelle Castello, Casa e Quinta.»

Esta casa e castelo, porém, com os bens pertencentes ao dito Prazo, pertenciam em 1867 ao Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Velozo, Advogado em Barcelos e natural de Ponte da Barca, por ter sido casado com D. Maria de Felgueiras Gaio, filha legítima do Comendador João Jácome do Lago Felgueiras Gaio, solteiro, a qual deste casamento não deixou filhos e faleceu na Casa da Fervença, nomeando o dito Prazo em seu marido, por lhe ter sido doado por seu pai, o dito Comendador. Foi, pois, D. Maria de Felgueiras Gaio a última possuidora e Senhora do Prazo, Casa e Castelo de Curutelo, como descendente dos seus nobres avoengos, e por seu falecimento passou a outra família, como fica dito.

## GENEALOGIA

NUNO NUDIZ, casou em Riba de Neiva, onde chamaram CURUTELLO, na freguesia de S. Julião de Freixo, termo de Barcelos, onde se conserva uma Torre ou Castelo que possuiu em 1800 António Joaquim da Silva Gaio, por Prazo que fez a Casa de Bragança, aos seus antepassados. Este Nuno Nudiz foi progenitor de Simão Nunes de Curutello.

SIMÃO NUNES DE CURUTELLO, filho de Nuno Nudiz, é o tal que teve o desafio que nos conta o Conde D. Pedro no seu NOBILIÁRIO, com Pedro Velho, diante do Rei D. Afonso VI (1).

MARTIM SIMÕES DE CURUTELLO,, filho de Simões Nunes de Curutello, pelo seu casamento foi pai de Vasco ou Vicente de Curutello, Lourenço Martins de Curutello, Fernão Martins de Curutello e D. Aldonça Martins.

FERNANDO MARTINS DE CURUTELLO, filho de Martim Simões de Curutello, morou em Talaveira; entendeu-se bem com El-Rei D. San-

---

(1) Nuno Soares, «O VELHO», instou com Simão Nunes de Curutello, tio de D. Sapó, para que assassinasse D. Florentino Barreto, o D. Sapó da Ribeira-Lima, ou de Cardielos, de Viana do Castelo, o que efectivamente parece que se veio a verificar, como nos conta a PORTUGALIAE-MONUMENTA-HISTORICA-SCRIPTORES, a páginas 168. «Aquelle D. Sapó teve o direito de marketta ou pernada.»

cho de Castela, e depois morreu sendo Freire da Ordem de Santiago. Casou com D. Urraca Domingues, filha de Domingos Joane Fura Sova e de D. Urraca Fernandes, sua mulher, que tiveram: Gomes Fernandes de Curutello, Rui Fernandes, D. Marinha Fernandes e D. Mor Fernandes de Curutello.

VASCO ou VICENTE DE CURUTELLO, filho de Martim Simões de Curutello, casou com D. Mayor Viegas, filha de D. Egas Fafes, Bispo de Coimbra e neta de D. Fafes Godins — «NOBILIÁRIO DO CONDE D. PEDRO» —. Casou por três vezes. Do primeiro com D. Mayor Viegas houveram: Egas Martins de Curutello, D. Alda Martins e D. Ouruana Martins; do segundo com D. Estevainha de Novaes teve dois filhos: Martim de Novaes, chantre da Guarda, e D. Fernão Martins de Curutello; do terceiro com D. Tareja Martins, teve filha única — D. Estevainha Martins, que veio a casar com Diogo Álvares da Ribeira.

D. OURUANA MARTINS DE CURUTELLO, filha de Vasco ou Vicente de Curutello, teve de seu marido: D. Maria Rodrigues de Curutello, que casou com Martim Annes Redondo.

FERNÃO MARTINS DE CURUTELLO, filho do segundo casamento do mesmo Vasco, foi pai de: D. Mor Fernandes de Curutello, de Gomes Fernandes, de Rui Fernandes e de D. Marinha Fernandes.

D. MOR FERNANDES DE CURUTELLO, filha de Fernão Martins de Curutello, casou com Rodrigo Annes Redondo.

D. ALDA MARTINS DE CURUTELLO, filha do primeiro casamento de Vasco ou Vicente de Curutello, casou com Pedro Afonso Ribeiro.

EGAS MARTINS DE CURUTELLO, filho de Vasco Martins, casou com D. Inês Pires, filho de Pedro Pires Velho e de sua mulher D. Tareja Pires Pereira. Tiveram: Martim Viegas de Curutello e D. Mayor Viegas de Curutello.

MARTIM VIEGAS DE CURUTELLO, filho de Egas Martins de Curutello, teve de sua mulher uma filha: D. Leonor Martins de Curutello.

D. LEONOR MARTINS DE CURUTELLO, filha de Martim Viegas de Curutello, herdou a Torre de Curutello e teve: D. Inês de Curutello.

D. INÊS DE CURUTELLO, filha de D. Leonor Martins de Curutello, herdou a Casa e Quinta da Torre de Curutello, em S. Julião de Freixo. Casou com Nuno Viegas, «O Velho», filho de Egas Paes de Torozellos e de D. Urraca Ramires. Teve: Nuno Viegas, «O Moço», e uma filha que foi casada com João Mouro, que teve geração.

Do segundo casamento com Rui Dias do Rego, teve D. Inês geração no título de Curutello.

NUNO VIEGAS, «O Moço», filho de primeiro matrimónio de sua mãe D. Inês de Curutello, foi Meirinho-mor de Trás-os-Montes e Senhor de Calvos Dura, Aldeia Nova, Cabeceiras de Basto, Pico de Regalados, Arco de Baúlhe, Aguiar de Neiva (Santa Lucrécia), Roças e de Vila Nova da Roda. Do seu casamento com Inês Dias do Rego



houve geração no título de Regos. — «NOBILIÁRIO DE FAMÍLIAS DE PORTUGAL» — Título de Curutellos — Dr. Manuel José da Costa de Felgueiras Gaio.

## VÍNCULO DA QUINTA DE CURUTELLO

Felgueiras Gaio não nos informa da data da instituição deste vínculo, nem do seu instituidor. Contudo, trata assim deste senhorio no seu «NOBILIÁRIO», conforme a linha genealógica que passamos a inserir:

D. ANTÓNIO GAIO DE VASCONCELOS, filha de António Martins Gaio, da Casa da Fervença, Gilmonde, Barcelos, casou com Gaspar Rodrigues do Lago, Senhor da Casa e Quinta de Curutello, a qual fica junto à Torre do mesmo nome, na freguesia de S. Julião de Freixo, termo de Barcelos. Recebeu-se em Vila do Conde a 25 de Novembro de 1576. Seu marido era filho de João Rodrigues do Lago, Senhor de Beiral do Lima e do Prazo dos Álamos, em Braga, e da Casa de Curutello que tinha sido comprado aos Senhores de Regalados; e de sua mulher D. Isabel Jácome. Teve: João Jácome do Lago, António Gaio do Lago, D. Maria Jácome e Baltazar Jácome do Lago.

JOÃO JÁCOME DO LAGO, filho de D. Antónia Gaio de Vasconcelos, foi Senhor da Casa de Curutello e do Morgado de Barrazes que instituiu seu tio Marcos Jácome do Lago, na freguesia de Beiral do Lima, e Juiz da Alfândega de Viana do Minho. Casou com D. Catarina Pimenta da Silva, Senhora do Morgadio de Ponte de Salinas, no Alentejo, instituído pelo Bispo de Angra do Heroísmo, D. João Pimenta de Abreu, seu primo carnal. Foi seu filho António da Silva Gaio.

ANTÓNIO DA SILVA GAIO, filho de João Jácome do Lago, foi Senhor da Casa de Curutello e demais morgados de seus pais, Ouvidor em Braga e Procurador às cortes pela mesma cidade, nos anos de 1653 e 1654. Casou com D. Isabel de Castro de Amorim, que não teve descendência; casou depois em segundas núpcias com D. Margarida de Magalhães Abreu, filha de Diogo Magalhães de Barros, Escrivão da Câmara de Braga, e de sua mulher Catarina André de Abreu. Tiveram deste matrimónio: Gregório José da Silva Gaio do Lago e D. Ana Maria da Silva Gaio.

GREGÓRIO JOSÉ DA SILVA GAIO DO LAGO, filho de António da Silva Gaio, foi Senhor da Casa de Curutello e dos demais vínculos de seus pais. Casou com D. Francisca Xavier Carneiro, filha do Dr. Francisco Álvares Tinoco e de D. Assunção Carneiro de Abreu e Lima. Tiveram: João Jácome do Lago da Silva Gaio, Francisco Xavier da Silva Gaio, Diogo Manuel do Lago, António da Silva Gaio, Frei Manuel da Silva Gaio, Religioso Dominicano, Padre Jerónimo de S. José Lago, Frade da Ordem dos Loios, Padre António José Gaio

do Lago, da Ordem dos Jesuítas, D. Margarida Gaio do Lago, D. Filipa Joana da Silva Gaio, solteira, D. Maria da Silva Gaio, Freira no Convento dos Remédios, D. Umbelina da Silva Gaio, Freira no mesmo convento, e D. Antónia Flávia da Silva Lago, sem mais notícia.

JOÃO JÁCOME DO LAGO DA SILVA GAIO, filho de Gregório José da Silva Gaio do Lago, foi Senhor da Casa da Torre de Curutello e do Vínculo de Barrazes. Casou com D. Antónia Quitéria de Moscoso Sotto-Mayor, filha de Francisco Soares Pereira, de Araújo e Moscoso, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Senhor da Casa dos Moscosos, em Monção, e de D. Antónia Susana Pitta, sua mulher. Tiveram: António Joaquim do Lago e Gregório José Gaio do Lago.

ANTÓNIO JOAQUIM DO LAGO, filho de João Jácome do Lago da Silva Gaio, foi Senhor da Casa de Curutello e dos demais morgadios de seus pais. Casou na Galiza, na Casa de Truiledo, com D. Clara Ponce de Leão e Avalles, filha de José Ponce de Leão e de sua mulher D. Maria Jacinta de Avalles, natural do reino da Galiza, S. Paio de Phioledo, Bispado de Tuy. Tiveram filho único: João Manuel do Lago Gaio, nascido a 21 de Dezembro de 1788, sem mais notícia.

Há quem diga que a Casa de Phioledo ou Fiolhedo, na Galiza, era mais conhecida pelo nome de Casa de Lyra.

Barcelos, 21 de Agosto de 1980.

## BIBLIOGRAFIA

*Portugal-Económico — Monumental e Artístico*. Volume 1.º; *Portugal Monumental*, II volume — José Correia do Souto. Ano de 1977; *Solares Portugueses* — Carlos de Azevedo, Ano de 1969. Lisboa; *Barcellos — Guia-Illustrado* — Joaquim Leitão, Anno de 1908. Porto; *Suplemento à «Memória Histórica da Villa de Barcellos* — Abade do Louro. 1867; *Portugaliae - Monumenta - Historica - Scriptores* — Alexandre Herculano; *Livro Velho das Linhagens* — Lisboa; *Nobiliário de Famílias de Portugal* — Dr. Felgueiras Gayo. Barcelos.





# A Casa de Mereces em Calvelo

---

Julga-se que a Casa ou Paço de Mereces, na freguesia de S. Pedro de Calvelo, do termo de Ponte de Lima, já vem do século XVI, não obstante o «ALMANAQUE DE PONTE DE LIMA», do ano de 1910, dar o actual edifício como oriundo do século XVII, pois, ao que parece, quando o fidalgo António do Rego Barreto administrou o seu morgadio, já então existiria um velho solar com o nome de Paço de Mereces, topónimo que deve vir do verbo merecer.

Não vamos falar de apontamentos monográficos que se prendam com a história e antiguidade da paróquia de S. Pedro de Calvelo, que inteiramente desconhecemos, mas sim recordar uma importante família que no mesmo paço viveu à lei da nobreza durante alguns séculos, bem como uma importante personagem que não obstante nela não ter nascido, a ela se ligava por laços de sangue e de natureza vincular.

E se dissermos que nessa família um dos seus principais membros se notabilizou nas armas em pleno século XVI, cremos estarmos a corresponder à verdade dos factos.

Senão vejamos o que dele nos diz o escritor barcelense, por adopção, José de Mancelllos Sampayo, na sua obra — «BARCELOS — RESENHA HISTÓRICA», no ano de 1927:

«Chamava-se Gaspar Goes do Rego, marcando-se abertamente a sua prosápia.

Entré tanta nobreza e gente famosa que servia na hoste brigantina, destacava-se pelo seu brio aquele Alferes Barcelense.

Seu pai, António do Rego Barreto, Almoxarife e Juiz dos Direitos Reais em Barcelos, administrava os morgadios cujos títulos caberiam ao filho: os de Mereces, em S. Pedro de Calvelo, e o de Goes, em Santa Eugénia de Rio Covo, próximo de Barcelos.

Era muito considerado, como Cavaleiro da Casa de Bragança; possuía a Comenda de Santa Olaia, na Ordem de Cristo, e ostentava por brasão o escudo verde, de banda ornada de prata, aguada de azul, carregada de três vieiras de ouro.

Sua mãe D. Ana Mécia Ferraz pertencia aos verdadeiros Ferrazes de Ponte de Lima, dos quais descendiam algumas notáveis famílias bar-

celenses de um distante passado, e entre elas destacaremos os Ferrazes de Gouvêa, Senhores da Quinta do Covelo ou do Espírito Santo, em S. João de Vila-Boa, os Almeidas Ferrazes e Belezas Ferrazes da Quinta de Levandeiras, em Barcelinhos, os Belezas Ferrazes da Quinta do Areal, os Gouvêas Ferrazes e Lobos do Morgado de Mereces, e os Almeidas Ferrazes de Mereces, e da Casa do Montelhão, todos de Santo André de Barcelinhos.

Gaspar de Goes do Rego, a quem vulgarmente chamamos «O Alferes Barcelense» por ter nascido numa pequenina casa do Largo do Apoio, em Barcelos, onde passaram a viver os seus progenitores, quando da Quinta de Mereces, em Calvelo, e do seu solar torreado e ameiado vieram para a nossa antiga vila viver, quando o referido Juiz dos Direitos Reais, como nos diz Rocha Martins, «habitava na magnífica Vila de Barcelos, feudo dos seus amos e parentes, porque Gaspar de Goes tornara-se o esposo duma senhora em cujas veias corria sangue igual ao dos amos (os Duques de Bragança), cujo pendão arvorava como seu Alferes.»

Segundo «O DRAMA DE VILA VIÇOSA», da Colecção *História*, «D. Fulgêncio de Bragança, filho do segundo consórcio do Duque, D. Jaime, que assassinara a primeira esposa, escolhera a carreira religiosa, embora nem sempre se prendesse em exemplares virtudes. Tivera amores profanos aquele filho do ciumento algoz da buliçosa criança que se prendera nos amores dum págem grácil» — alusão ao Antoninho Alcoforado de quem a história nos diz ter sido amante da duquesa de Bragança, quando servia sua ama nos Paços de Vila Viçosa, no Alentejo.

Casou pela segunda vez com D. Joana de Mendonça, e fora feliz no fim da vida. Da união inicial nasceram dois rebentos: chamavam-se D. Teodósio e D. Isabel, junto de cujos leitos procurava refúgio a mãe perseguida pelo punhal do vingador (alusão ao Duque, D. Jaime). Do segundo matrimónio houveram nada menos de nove filhos, dos quais se distinguiram: D. Constantino, Vice-Rei da Índia, D. Teotónio, Arcebispo de Évora e D. Fulgêncio, Abade e Comendatário em Guimarães, mas que vivia nos amores condenados. De um dos seus affectos viera ao mundo uma filha de D. Fulgêncio, que recebera o nome de D. Maria Tavares, e tendo sido educada em Vila Viçosa, possivelmente no âmbito do tio, ou no Convento, amara Gaspar Goes do Rego, Alferes de Bandeira do Duque de Barcelos, tornando-se sua esposa. Era, por consequência, muito nobre e de herarquia o sangue do soldado que acompanhava o pequenino Duque, D. Teodósio, na infeliz jornada de África.

Gaspar Goes do Rego, o nobre Alferes Barcelense, consorciou-se pois com D. Maria Tavares, dama vinda da prole do Abade D. Fulgêncio de Bragança, tio-avô do Duque de Barcelos.

Acompanhou o duque, D. Teodósio e o tio D. Jaime de Bragança a Alcácer-Kibir, arvorando o pendão da Casa de Bragança. Um pouco à retaguarda de D. Sebastião aparecia o estandarte dos Braganças, transportado pelo brioso Alferes Barcelense, Gaspar Goes do Rego, marcando a presença do amo o gentil e infantil Duque.

Rocha Martins descreve depois a forma como decorreu a batalha, em princípio favorável aos portugueses, até que os nossos se viram cercados pelo inimigo na altura em que o rei viu tombar o seu cavalo coberto de feridas e o Prior do Crato também perdia o seu cavalo, juntamente com D. Luiz de Meneses. Entretanto, Luís de Brito, que tinha retomado a bandeira da sua Pátria, caiu em poder dos Mouros juntamente com o estandarte real. Alguém fez ver ao soberano o perigo que corria naquele instante, ao que este lhe teria retorquido: — *A Liberdade de um rei só se perde com a vida!* — «*LEGENDAS DE PORTUGAL*» — O ALFERES BARCELENSE (1573-1578) — II Volume.

Joaquim Leitão descreve-nos assim o acto heróico do Alferes Barcelense: — «Gaspar de Goes do Rego era alferes de D. Sebastião e porta bandeira; já ferido, acutilado, semi-morto, não largava a bandeira. Deceparam-no, e o Alferes Barcelense, vendo-se sem mãos, nem assim deixou o inimigo tomar o pendão glorioso que ele defendia: cravou-lhe os dentes e assim continuou arvorada e em poder dum português uma das bandeiras portuguesas que viram o trágico anoitecer de Alcácer-Kibir. E só a morte o despejou do seu honroso posto de porta-bandeira, arrancando-lhe o amado e venerado símbolo do grande Portugal.

O Alferes Barcelense, irmão do 10.º avô do Snr. Dr. António Ferraz (ou talvez o filho do Alferes), casou com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgêncio de Bragança, a qual depois de viúva, pela tragédia de Alcácer, casou com Gil Vicente de Almeida, neto do poeta Gil Vicente, cuja mãe — Filipa Borges — era barcelense.» — «*BARCELLOS — GUIA-ILLUSTRADO*» — 1908.

A dúvida levantada por Joaquim Leitão acerca do parentesco do Alferes com o Dr. António Ferraz, que saibamos, nunca chegou a ser esclarecida pelos autores das monografias que se ocupam de Barcelos. Daí o manter-se até aos nossos dias.

## OS SENHORES DO MORGADIO DA CASA E QUINTA DE MERECES

António do Rego Barreto é um dos primeiros senhores destas propriedades fidalgas sitas na freguesia de S. Pedro de Calvelo, de que nos chegou notícia. Casou, como já se disse, com D. Ana Mécia Ferraz, filha de D. Isabel Ferraz de Goes. Viveram na Quinta de

Mereces, em Calvelo, Ponte de Lima, e em Barcelos, no Largo do Apoio, propriedades que ainda existem.

António do Rego Barreto era filho de António do Rego Velho e de sua esposa D. Leonor Gomes Barreto. Tiveram os seguintes descendentes: Gaspar de Goes do Rego, Inácio de Goes do Rego, D. Isabel Ferraz do Rego, D. Grácia Velho Barreto, D. Estácia do Rego, D. Mécia Ferraz e D. Maria do Rego Barreto.

Gaspar de Goes do Rego, seu filho primogénito, sucedeu a seus pais nos vínculos de Goes, em Rio Covo Santa Eugénia, Barcelos, e em Mereces, Calvelo, bem como na Casa do Alferes Barcelense, onde nasceu na vila de Barcelos. Casou, também, como já atrás noticiámos, com D. Maria Tavares, filha de D. Fulgêncio de Bragança e neta paterna do Duque D. Jaime. Deste matrimónio houve a seguinte geração: Belchior de Goes do Rego, Francisco de Goes do Rego, António do Rego Ferraz e D. Grácia Velho Barreto.

Belchior de Goes do Rego, seu primeiro filho varão, sucedeu a seu pai nos morgadios de Goes e Mereces. Desempenhou os cargos de Vereador em Barcelos e de criado do Duque de Bragança, D. João II, que mais tarde foi aclamado Rei de Portugal pela Revolução de 1640 com o título de D. João IV, «O Restaurador». Teve ainda a Comenda da Ordem de Cristo.

Casou em primeiras núpcias com D. Brites de Casuro, tendo deste enlace nascido os filhos: Pedro Goes do Rego e Castro, Gaspar Goes de Castro, Gonçalo de Goes do Rego e D. Isabel de Goes Silva e Castro, que foi freira num convento da cidade de Braga.

Do segundo matrimónio com D. Grácia Velho da Gama, celebrado no ano de 1617, não temos notícia de descendência. Casou ainda pela terceira vez com D. Cristina da Cunha, de quem existiu geração que seguiu no título de Antas.

Pedro de Goes do Rego e Castro, seu filho, foi Senhor dos morgadios de Goes e de Mereces, este último em Calvelo. Veio a contrair aliança com D. Filipa Carneiro de Barros, de quem nasceram: Duarte de Goes de Castro, Gaspar Carneiro do Rego e Castro, Belchior Barreto Goes de Castro e D. Brites de Goes Carneiro de Barros. Foi ainda pai do bastardo Belchior de Goes.

Duarte de Goes de Castro, filho de Pedro de Goes do Rego e Castro, fez um vínculo em 1673. Casou com D. Isabel de Mendanha, da árvore genealógica dos Mendanhas de Barcelos; sem geração.

Belchior Barreto de Goes de Castro, seu irmão, e portanto filho de Pedro de Goes do Rego e Castro, teve os morgadios de Santa Eugénia e Calvelo, dos seus antepassados, e foi Capitão-mor de Albergaria da Correição de Viana. Contraiu enlace matrimonial com a sua parente D. Maria do Rego Gandavo, na freguesia de S. Vicente de

Fornelos, em 31 de Julho de 1679. Tiveram os seguintes descendentes: Pedro do Rego e Castro, D. Caetana, D. Brites e D. Isabel de Goes de Castro, freiras no Convento de S. Bento de Viana, junto ao Rio Lima; D. Mariana de Goes de Castro e D. Antónia Luísa do Rego e Castro.

Pedro do Rego e Castro, filho de Belchior Barreto Goes de Castro, baptizado em Calvelo a 4 de Novembro de 1685, teve os vínculos dos seus antepassados, de que foi administrador. Foi Capitão-mor de Albergaria de Penela (talvez em Portela de Penela), e casou com sua prima D. Ventura de Castro. Deste matrimónio houve D. Maria Caetana do Rego e Castro.

D. Maria Caetana do Rego e Castro, sua filha, e quarta neta do Alferes Barcelense, foi baptizada em S. Pedro de Calvelo aos 14 dias de Setembro de 1711. Veio a celebrar seus esponsais com Bernardo Alpoim da Silva, Fidalgo da Casa Real aparentado com os Alpoims do Paço de Vila Fria, termo de Barcelos, de quem teve a seguinte geração:

João de Alpoim de Castro, sem geração, D. Caetana Josefa de Castro e Alpoim, D. Josefa de Alpoim de Castro, D. Isabel de Alpoim do Rego e Castro e Francisco Xavier do Rego Alpoim. — «NOBILIÁRIO DE FAMÍLIAS DE PORTUGAL» — Dr. Manuel José da Costa de Felgueiras Gaio, e «APONTAMENTOS HISTÓRICOS E GENEALÓGICOS» — Dr. Teotónio José da Fonseca — Barcelos.

Foi última representante desta distinta família D. Jerónima do Rego Alpoim, que por seu testamento legou os bens da Casa e Quinta de Mereces ao Snr. Manuel Figueira. — «ALMANAQUE DE PONTE DE LIMA» — Ano de 1910.

Segundo nos informam, as propriedades desta família em Calvelo foram vendidas ao industrial de Balugães, concelho de Barcelos, Sr. António da Silva Rosa, por 27.000 contos, pelo que estão hoje na sua posse.

Barcelos, 27 de Outubro de 1980.



*P.<sup>e</sup> Dr. João Alírio Xavier Bezerra*

- *Os passionistas em Barrocelas*







**P.º DR. JOÃO ALÍRIO XAVIER BEZERRA**  
(PASSIONISTA)

Nasceu em 6 de Dezembro de 1941

Gaifar — Ponte de Lima

### Implantação da Congregação Passionista no Vale do Neiva

Foi em 1931 que chegaram a Portugal os primeiros Religiosos Passionistas. Implantaram-se no VALE DO NEIVA dois anos depois.

Comemorando o CINQUENTENÁRIO da sua chegada ao nosso país e recordando a sua vinda para Barrocelas, aqui queremos manifestar-lhes, num simples esboço memorial dos tempos passados, o nosso preito de gratidão.

Aos Religiosos Passionistas, a todos os Benfeitores que os ajudaram, nesses tempos difíceis do após-guerra, na implantação no Vale do Neiva, uma homenagem sentida do nosso povo pelo muito que contribuíram para o desenvolvimento espiritual e cultural da gente lusa.

BEM HAJAM!

# Os Passionistas em Barrocelas

---

## A VINDA DOS RELIGIOSOS PASSIONISTAS (1)

No «*Historial de la fundación de Nuestra Señora de Lourdes*» do P.<sup>e</sup> Faustino de S. Domingos, podemos encontrar o material necessário sobre o assunto em questão: a vinda e implantação dos Passionistas no Vale do Neiva.

A progressiva freguesia de Barrocelas foi a escolhida.

— Porquê?... — Quando?...

O P.<sup>e</sup> Faustino refere-nos a propósito:

«*Devido à perseguição que a república espanhola movia contra as Ordens Religiosas e aos impedimentos e dificuldades que se temiam para a realização dos seus fins benéficos, dispôs o Senhor que a Congregação Passionista se propa-*

---

(1) «PASSIONISTAS» é o nome popular por que são conhecidos os Religiosos pertencentes à Congregação da Paixão de Jesus Cristo. Sigla C. P. A Congregação foi fundada na Itália por S. Paulo da Cruz (n. 3-1-1694; m. 18-10-1775) em 1720. O seu fim específico é anunciar o Evangelho da Paixão e Morte de Jesus Cristo mediante a vida e o apostolado. É uma Congregação de direito pontifício, encontrando-se espalhada por todo o mundo.

Nações onde se encontra radicada:

*Na Europa:* Áustria (1 Casa e 7 Religiosos); Bélgica (8 Casas e 125 Rel.); Bulgária (6 Casas e 6 Rel.); Alemanha (6 Casas e 59 Rel.); Espanha (28 Casas e 304 Rel.); França (8 Casas e 25 Rel.); Holanda (4 Casas e 49 Rel.); Inglaterra (13 Casas e 92 Rel.); Irlanda (6 Casas e 109 Rel.); Itália (76 Casas e 774 Rel.); Polónia (6 Casas e 61 Rel.); Portugal (3 Casas e 30 Rel.); Suécia (5 Casas e 10 Rel.); Suíça (3 Casas e 6 Rel.).

*Na África:* África do Sul (3 Casas e 4 Rel.); Botswana (16 Casas e 19 Rel.); Kenya (6 Casas e 14 Rel.); Tanzânia (10 Casas e 32 Rel.); Zaire (9 Casas e 19 Rel.).

*Na Ásia:* Coreia do Sul (2 Casas e 8 Rel.); Filipinas (19 Casas e 38 Rel.); Indonésia (14 Casas e 42 Rel.); Japão (4 Casas e 16 Rel.); Israel (1 Casa e 4 Rel.).

*Na América:* Argentina (6 Casas e 51 Rel.); Bolívia (5 Casas e 16 Rel.); Brasil (32 Casas e 154 Rel.); Canadá (4 Casas e 14 Rel.); Chile (4 Casas e 25 Rel.); Colômbia (7 Casas e 43 Rel.); Cuba (2 Casas e 3 Rel.); Rep. Dominicana (1 Casa

gasse na nobre Nação Portuguesa.» (1) Assim «o Padre Provincial (2) Eme-  
tério do Nome de Maria e seus conselheiros, P. Bento de S. José e P. Isaías de  
Nossa Senhora das Dores, com louvável precisão, determinaram procurar um  
refúgio para os Religiosos. Fixaram então os seus olhos na França e, com mais  
feliz êxito, em Portugal, onde, não obstante as muitas revoluções e leis vexatórias  
contra a Igreja..., se caminhava visivelmente para a verdadeira liberdade de  
consciência» (3).

Em 25 de Julho de 1931 o P.<sup>e</sup> Provincial e o seu 2.<sup>o</sup> Conselheiro  
visitaram Portugal pela primeira vez e «foram amavelmente recebidos  
pelo então Arcebispo Primaz de Braga, D. Manuel Vieira de Matos,  
o qual lhes ofereceu, como campo de trabalho, o Santuário de N.<sup>a</sup> Se-  
nhora do Sameiro e a Igreja do Seminário de Santiago, na mesma  
cidade de Braga» (4).

Os Passionistas estiveram no Sameiro desde Outubro de 1931  
até fins de Abril de 1933. No Sameiro, «estávamos inicialmente muito  
contentes. Gozávamos de paz e alegria, livres das ameaças de Espanha...  
A gente gostava de nós e estimáva-nos muito, pois via como nos sacri-  
ficávamos pelas suas almas, especialmente no confessionário» (5).

E seguidamente o P.<sup>e</sup> Faustino aponta-nos as primeiras causas do  
porquê pensar na fundação doutra residência em Portugal: «...era-nos  
muito penoso termos de vestir a batina própria dos sacerdotes dioce-  
sanos (6) sempre que saíamos de casa; assim como sentíamos também  
a falta de liberdade por não termos quintal, e por causa da muita gente  
que subia ao Santuário (de N.<sup>a</sup> Senhora do Sameiro), especialmente  
nos dias festivos. Todas estas queixas e descontentamentos manifestados

---

e 6 Rel.); Equador (1 Casa e 4 Rel.); El Salvador (2 Casas e 10 Rel.); Estados  
Unidos (32 Casas e 527 Rel.); Honduras (11 Casas e 17 Rel.); Jamaica (7 Casas  
e 14 Rel.); México (10 Casas e 71 Rel.); Panamá (1 Casa e 3 Rel.); Paraguai  
(1 Casa e 2 Rel.); Peru (13 Casas e 48 Rel.); Porto Rico (7 Casas e 22 Rel.); Úru-  
guay (1 Casa e 1 Rel.); Venezuela (7 Casas e 31 Rel.);

Na Oceânia: Austrália (7 Casas e 90 Rel.); Nova Guiné (8 Casas e 14 Rel.);  
Nova Zelândia (1 Casa e 5 Rel.);

A Congregação está constituída por 20 Províncias e 2 Vice-Províncias. Tem  
12 Bispos, 2372 Sacerdotes, 468 Irmãos Auxiliares, 214 Clérigos Professos, 62 Noviços,  
427 Casas. Total: 3024 Religiosos Professos.

(Estes dados foram extraídos da última estatística da Congregação publicada em «Bole-  
tim Internacional Passionista», 8/80, n.º 23, referente ao estado geral da Congregação no fim  
do ano de 1979).

(1) P.<sup>e</sup> Faustino — *Historial de la fundación...*, 2.<sup>a</sup> ed., I vol., pág. 2.

(2) Os Passionistas que vieram para Portugal pertenciam à Província espa-  
nhola do Preciosíssimo Sangue.

(3) *Ob. cit.*, p. 2.

(4) e (5) *Ob. cit.*, I, p. 4.

(6) Devido à expulsão das Ordens Religiosas pela República Portuguesa,  
não podiam os Religiosos usar o hábito talar. Tinham de vestir como o clero dio-  
cesano.

aos Superiores, sobretudo durante a primeira visita canónica do novo Provincial, P.<sup>e</sup> Bento de S. José (Novembro de 1932), deram-lhes motivo para decidirem procurar uma casa que estivesse em conformidade com as Santas Regras (1), embora nunca tivesse sido intenção dos Superiores fixar a nossa residência definitivamente no Sameiro (2).

«O P.<sup>e</sup> Provincial fez algumas digressões, só e acompanhado, pelo norte de Portugal e, depois de várias viagens e tentativas, encontrou uma casa em Barroselas que satisfazia suficientemente as suas aspirações» (3).

Esta casa e a respectiva quinta «tinham sido propriedade e residência dum sacerdote muito abastado, P.<sup>e</sup> Luís da Cunha Sottomaior de Faria, mas, na altura, estava em poder de uma sobrinha, D. Judite de Faria, casada com o Sr. Sebastião Areias, factor da estação de Campanhã, no Porto. Era esta uma quinta apetrechada com todas as dependências necessárias e úteis para um rico proprietário. No tempo do P.<sup>e</sup> Luís estava em grande parte convertida em parque de recreio. A casa principal, ainda que de pouca aparência exterior, era bastante espaçosa, estando bem conservada por dentro. Tinha dois andares e cinco amplos salões de menor importância e um grande miradouro virado ao norte com sete rasgadas janelas. Na parte baixa da casa, ou seja, na cave, havia uma adega bem recheada de pipas. Junto da casa principal, outras dependências para o pessoal de serviço e para comodidade dos senhores; um lagar com duas prensas para espremer as uvas; dois cilindros para as triturar; uma eira toda soalheira com dois espigueiros e coberto para o tempo de chuva, currais, garagem, forno, etc. Possuía ainda um extenso quintal murado e coberto de árvores até 15 espécies diferentes, particularmente oliveiras, macieiras, pereiras, todas de boa qualidade e variedade. Havia muitas laranjeiras e tangerineiras, abundando sobretudo as ramadas de vinho tinto e branco, uva de mesa, chegando a colher-se, noutros tempos, de 18 a 20 pipas de vinho, ou seja, de 9 a 10 mil litros.

Tudo isto era embelezado por um jardim, sombreado por árvores exóticas e folha perene, de distintas espécies, tudo refrescado por alguns artísticos fontanários. Dava atractivo à quinta, e contribuía a torná-la mais produtiva a abundância de água, quer expontânea, quer conduzida por tubos subterrâneos desde a montanha mais próxima do norte e que, recolhida num grande tanque, podia ser conduzida a toda a terra de cultivo.

---

(1) Segundo o «espírito» da Regra dos Passionistas, os seus conventos deveriam ser levantados em zonas retiradas que favorecessem um ambiente de profunda solidão, propícia ao recolhimento e oração.

(2) *Ob. cit.*, I, p. 4.

(3) *Id.*, *ibid.*, I, p. 4.

Completava, finalmente, todas estas belezas naturais a luz eléctrica que, produzida num moinho próximo, no Rio Neiva, era propriedade exclusiva dos donos da quinta. Embora estivesse um tanto descurada já há 12 anos, desde a morte do P.<sup>e</sup> Luís em 1918 e que lhe fez perder muitos dos seus encantos, como, por outra parte, possuía ainda muitas outras comodidades (duas estações próximas <sup>(1)</sup>, relativa solidão, paisagem agradável, bom clima e boa gente), o lugar agradou a todos. Os Superiores resolveram então adquirir a quinta, escolhendo-a para a fundação da primeira casa canónica em Portugal <sup>(2)</sup>.

Atavés do exposto julgo terem ficado bem expressos os motivos que levaram os Passionistas para a escolha de Barroselas como local de implantação da sua primeira casa em Portugal. Resta-nos saber o quando se processou a sua vinda.

Lemos no «*Historial*», I Vol., pág. 7, ss.:

*«Cumpridos os trâmites legais, alugou-se a casa e a quinta que acabamos de resenhar por um tempo de 5 anos, a 6.000\$00 anuais, pagos por adiantado. Pudemos, porém, fazer alguma adaptação, mas com licença do senhorio e com a obrigação de a restituir no seu primitivo estado, se ele o quisesse...» «No dia 13 de Janeiro de 1933, após o pequeno almoço, o P.<sup>e</sup> Provincial destinou para Barroselas o P.<sup>e</sup> Teófilo, como Superior, e o P.<sup>e</sup> Faustino, como ecónomo «ad tempus». juntamente com os Irmãos Manuel (excelente marceneiro) <sup>(3)</sup> e Domingos». Assim, «no dia 16 de Janeiro de 1933 chegaram a Barroselas o P.<sup>e</sup> Emetério <sup>(4)</sup>, 2.<sup>o</sup> Conselheiro, e o P.<sup>e</sup> Teófilo. Os Irmãos Manuel e Domingos vieram no camião que trazia grande parte da mobília do Sameiro. Desde os primeiros dias começaram os trabalhos para a construção de uma capela pública. Para tal fim derrubaram-se alguns tabiques, serrou-se o soalho do miradouro e, por inteiro, levou-se a fim de servir de pavimento no local, tendo sido vedada com tijolos a parte lateral esquerda, ficando uma capela verdadeiramente desproporcionada: 3 metros de largura por 18 de comprimento. Mas não foi possível,*

---

(1) Refere-se às estações de caminho de ferro de Barroselas e Durrães que se encontram a 2 km aproximadamente do local indicado.

(2) *Ob cit.*, I, p. 4 e ss.

(3) O Ir. Manuel, que presentemente reside no convento Passionista de Santander, foi o principal artista que orientou os trabalhos de carpintaria do novo convento. Digno de nota o coro artístico por ele realizado.

(4) O P.<sup>e</sup> Emetério morreu em Santander, Espanha, a 8 de Outubro de 1933. Poderá ter o seu interesse o referir que na viagem que este Religioso realizou de Barroselas a Santander foi acompanhado pelo P.<sup>e</sup> Estanislau e pelo Ir. Manuel, seguindo com eles o primeiro aluno passionista português, de 13 anos, Fernando da Silva (cfr. «*Historial*», I, págs. 17 e ss.). Homem de virtude, o P.<sup>e</sup> Emetério mereceu vários elogios do P.<sup>e</sup> Faustino (*Id.*, p. 18-19), o qual conclui assim a referência ao P.<sup>e</sup> Emetério: «a todos estes títulos de elogio temos de acrescentar o de ter estendido a nossa Congregação à nobre Nação Portuguesa».

naquela altura, arranjar-se de outro modo...» No dia 31 de Janeiro de 1933 chegou a Barrocelas o P.<sup>e</sup> Faustino, ecónomo interino, e pouco depois, os P.<sup>es</sup> Pedro do SS. Redentor (1) e Xisto da Paixão. A 27 de Abril do mesmo ano abandonou-se definitivamente o Sameiro, deslocando-se os poucos Religiosos que havia no Sameiro (2) para Barrocelas, erigida em casa canónica (3) pelo decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos, como se pode ver na «Acta Congregationis» de 1 de Julho de 1933.

A partir deste momento teremos toda uma Comunidade (4) Passionista, implantada no VALE DO NEIVA, servindo espiritualmente as populações «sem prejuízo dos direitos paroquiais (5) irradiando a sua mensagem específica de promover a devoção à Paixão de Cristo. Dedicados os seus membros às mais diversas actividades apostólicas (6) eram estes primeiros Religiosos bem acolhidos por todos. De aí que compreendamos perfeitamente as expressões de entusiasmo que perpassavam pelo interior de cada um. Tudo isto era para louvar a Deus nosso Senhor, que nestes tempos tão calamitosos nos abriu um campo tão bem preparado para dar a conhecer a nossa Congregação, que é o mesmo que recordar aos homens as ignomínias e as Glórias de Jesus Crucificado. Deus abençoe a nobre Nação Portuguesa, que nos reservou tão benévolo

---

(1) O P.<sup>e</sup> Pedro que presentemente reside em Santander, é um dos sobreviventes da guerra civil de Espanha. Chegou a estar na linha de fuzilamento junto do actual farol de Santander, devendo-se a sua salvação à acção dum soldado amigo.

(2) P.<sup>e</sup> Ângelo, P.<sup>e</sup> Pedro, P.<sup>e</sup> Fidel, C. Lourenço e Ir. José.

(3) Os Religiosos passaram a viver na casa existente na quinta a que já se fez referência. Depois de adaptada interiormente, dava para uns 20 Religiosos, com capela anexa. Esta foi inaugurada no dia 30 de Abril de 1933, tendo sido o sermão de circunstância proferido pelo inesquecível e extraordinário orador P.<sup>e</sup> Leão do SS.<sup>mo</sup> Sacramento. Era titular desta capela, N.<sup>a</sup> Senhora de Lurdes, cuja imagem foi trazida de Penafiel (Espanha). Esta belíssima imagem conserva-se ainda hoje no Coro da actual Igreja do Convento, dedicada a N.<sup>a</sup> Senhora de Fátima. À imagem de N.<sup>a</sup> Senhora de Lurdes está ligada toda uma interessante história que os leitores poderão consultar na pág. 21 e ss. do «Historial», I vol.

(4) Esta primeira comunidade ficou assim constituída: P.<sup>e</sup> Teófilo, Superior; P.<sup>e</sup> Ângelo das Cinco Chagas, Ecónomo; P.<sup>e</sup> Secundino, P.<sup>e</sup> Faustino, P.<sup>e</sup> Feliciano, P.<sup>e</sup> Gabriel, C.<sup>o</sup> Lourenço; Irm. Domingos e Irm. José.

(5) *Ob. cit.*, I vol.

(6) Os Religiosos Passionistas tiveram uma actividade apostólica muito intensa. Dedicando-se às missões populares, novenários, tríduos, retiros, conferências e sermões, eram poucos operários para a vinha que se lhes oferecia como campo de trabalho. Em 1934, o ano jubilar da Redenção fora preparado pelos inesquecíveis missionários passionistas, na cidade de Braga: P.<sup>e</sup> Leão (Sé); P.<sup>e</sup> Ângelo (Maximinos); P.<sup>e</sup> Feliciano (S. I.ázaro); P.<sup>e</sup> Manuel (Sé). E a propósito, diz-nos o cronista: «É de agradecer a Deus a intervenção tão marcada dos nossos Religiosos nas festas jubilares da Redenção celebradas na cidade de Braga, capital e centro do catolicismo português. É de notar que o primeiro hábito religioso a aparecer sobre os púlpitos de Portugal, desde o ano de 1910, em que se proclamou a República sectária dos Bernardinos Machados e Afonso Costa, foi o austero hábito dos Passionistas. Deus queira que a Paixão de Jesus Cristo, cujo XIX centenário foi celebrado com tanto fervor pelos bracarenses, permaneça sempre gravada nos seus corações» (cfr. «Historial», I, p. 53).

*e carinhoso acolhimento. E oxalá que a nossa Congregação se estenda a todo o Portugal e conserve e aumente em nós o entusiasmo com que começamos» (1).*

Esta é a história simples da implantação dos primeiros Religiosos Passionistas em Portugal, e o VALE DO NEIVA o privilegiado. Sim, porque a presença duma Comunidade Religiosa deve considerar-se um privilégio. Elas são centros dinamizadores de espiritualidade. E não só. Queira-se ou não admitir o facto, as provas são convincentes. Os fiéis, conhecidos e anónimos, que procuram a paz de consciência na tranquilidade dos seus templos, seriam os mais autorizados para falar. Aqui fica o nosso preito de gratidão para quem lutou pela implantação da Congregação Passionista no VALE DO NEIVA, onde as vicissitudes históricas «sacudiram» a presença de uma outra benemérita e grandiosa Ordem Religiosa: a Beneditina.

Mais tarde surgirão determinados problemas relacionados com a aquisição da quinta. Na pág. 95 do «*Historial*», o P.<sup>e</sup> Faustino faz uma referência ao que chama «*Incidente sobre a fundação em Barroselas, em 1937*». Tendo sido a casa e quintal arrendados por cinco anos, terminado o prazo, o dono, Sr. Sebastião Areias, manifestou vontade de vendê-la por 120.000\$00. Não podendo a Comunidade suportar esse preço, tratou de adquirir a casa e quinta do Sr. António da Cunha Barbosa. «*O contrato estava quase assinado por 90.000\$00*», refere o P.<sup>e</sup> Faustino. Só faltava a aprovação de Roma. E esta foi negativa. E em toda esta contingência foi o povo do VALE DO NEIVA que teve uma parte importantíssima na continuidade dos Passionistas em Barroselas. Este facto foi salientado pelo P.<sup>e</sup> Feliciano no Sermão de circunstância aquando da bênção da primeira pedra (cfr. II Vol. do *Historial*, pág. 12). Ao saberem da ordem que os «*fradinhos*» tinham de se retirar para Espanha, surgiram imediatamente cartas de «*protesto*» defendendo a sua permanência. À cabeça deste movimento estava o Pároco, P.<sup>e</sup> Domingos Soares Parente. Colaboraram os Escuteiros de Barroselas e a JOC com os seus respectivos presidentes, Srs. Adão Fernandes Rego e António Alberto Vicente da Cruz; 30 homens foram ao Sr. Arcebispo, D. António Bento Martins Júnior, pedindo-lhe que interferisse pela continuação dos Passionistas em Barroselas. Dirigiu-se uma carta ao P.<sup>e</sup> Provincial, Bento de S. José, onde se lia: «*Em nome dos 4000 habitantes de Barroselas, das populações circunvizinhas, das 27.240 pessoas que em 1936 se abeiraram da Sagrada Mesa, na capela; pelas Chagas de Cristo e pelas Dores de Sua SS.<sup>ma</sup> Mãe, lhe pediam não lhes fosse retirada esta graça, pois são os seus filhos em Cristo Crucificado; que eles tinham encontrado em Barroselas tal afecto, reverência e carinho que maior não podiam encontrar em*

---

(1) *Ob. cit.*, I, p. 47.



*parte alguma de Portugal*» (Historial, I, 95 e ss.). Consideravam este um «*pedido justo que traduzia a vontade do povo*». Assinaram a carta: João Gonçalves da Silva Ramos, Joaquim Rodrigues Maciel Barbosa, António de Miranda da Costa Freitas, Joaquim Gonçalves da Rocha; José Lourenço Maciel Barbosa, José da Costa Neiva. Associaram-se a este movimento o Pároco de Carvoeiro, P.<sup>e</sup> José Fontelo; o pároco de Durrães, P.<sup>e</sup> José Esteves; as senhoras Leite Novais; o Sr. Arcipreste de Vila Cova, P.<sup>e</sup> José Francisco Rios Novais.

Perante tal determinação e vontade popular, o P.<sup>e</sup> Geral dos Passionistas, Tito de Jesus, suspendeu a ordem de que se abandonasse a fundação de Barroselas, em carta enviada ao P.<sup>e</sup> Provincial, Bento de S. José, com data de 29/IV/1937.

A crise da fundação acentua-se em 1940. Foi a altura de «*ou se compra ou se deixa tudo definitivamente*». Dependia do Sr. Areias descer ou não dos 120 mil escudos. Ajudaram a resolver o problema a Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Sílvia Cardoso (Lisboa), Joaquim Barbosa e Manuel Gaspar Pinto. De salientar a acção e dinamismo da Sr.<sup>a</sup> Emília Dias (Barroselas) na resolução do assunto. Depois de se ter conseguido que o Sr. Areias decidisse vender a casa e quinta por 92.000\$00, a mencionada senhora procurou angariar fundos para que se pudesse concretizar a compra. Assim, em 8 de Maio de 1940, o P.<sup>e</sup> Ângelo das Cinco Chagas e o P.<sup>e</sup> Manuel de S. José, na presença do Notário, Sr. Francisco Fernandes, firmaram o contrato de compra, dando-se por encerrado o assunto da «*aquisição da casa, quinta, turbina e todo o recheio*». Desta forma, pôde-se iniciar, em breve, as obras da construção do novo convento.

## A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO

Assinada a escritura da compra da antiga casa e do terreno, e aproveitando o entusiasmo popular — «em ferro quente bate-lhe de repente» —, os Passionistas pensaram imediatamente na construção do Convento. Em 1940 chegaram os primeiros carros de pedra (1),

---

(1) O transporte da pedra foi feito em carros de bois. Amigos e benfeitores colaboraram, gratuitamente uns, outros a 3\$00 cada frete, no transporte da pedra. Até 3 de Maio de 1945 tinham sido transportados 4123 carros de pedra, sendo 473 transportados pelas «*vaquinhas do convento*» e 3.650 pelos benfeitores. Colaboraram nos carretos 130 famílias de Capareiros, Carvoeiro, Durrães, Tregosa, fazendo-se referência especial aos lugares do «*Pé do Monte*», Feira, Extremo (cfr. «*Historial*», II, p. 69 e ss). Para a posteridade aqui registamos os nomes de quem, gratuitamente, transportou mais de 100 carros de pedra: Maria Fernandes e irmão (Vitorinhas), do lugar da Feira (Capareiros), 336; António Rodrigues da Costa (Ventura), Feira, 230; Francisco Fernandes Cruz, Extremo (Carvoeiro), 183; António da Silva Fer-

vindos da pedreira do «Pé do Monte», propriedade do Sr. Manuel Ferreira (Carreiras) (1).

No 15 e 16 de Fevereiro de 1941 um forte ciclone causou grandes prejuízos não só em Portugal mas «em toda a Península» (2); como «não há mal que não traga um bem», este ciclone, tendo derrubado «centenas e centenas de pinheiros», proporcionou aos Passionistas fundadores a ocasião de pedirem madeira para o futuro Convento «correspondendo o povo com a generosidade de sempre» (3).

O Sr. Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior, em 27 de Janeiro de 1942 autorizou a erecção da Igreja do Convento dos Padres Passionistas, de Barroselas. Na pág. 210, I vol. do «Historial», lemos: «...*Atendendo ao exposto pelo M. R. Suplicante e ao parecer do Rev. Pároco de S. Pedro de Capareiros que mandamos ouvir, e aos benefícios espirituais que certamente advirão para a populosa região de Barroselas da projectada fundação, Havemos por bem dar o Nosso Consentimento, nos termos do Cn. 497 §§ 1 e 2, para erecção canónica no local da «Quinta do Padre Luís Faria», freguesia de S. Pedro de Capareiros, duma casa religiosa passionista, que seja como que a Casa Mãe em Portugal dos Passionistas da Província do Preciosíssimo Sangue...*»

Foi, assim, possível iniciar-se definitivamente as obras. Superiores e súbditos, arregaçadas as mangas, começaram os trabalhos da construção do Convento e Igreja em 19 de Abril de 1942. Derrubaram-se velhas dependências e o lagar. Cortaram-se vinhas. Aplanou-se o

---

reira, Extremo (Carvociro), 154; António Joaquim de Sá Ferreira, Extremo, 132; António José de Sousa, Bravio (Capareiros), 130; Joaquim Gonçalves da Rocha Santos, Extremo (Capareiros), 128; Custódio Rodrigues Queirós Lobo, Extremo (Capareiros), 111; Manuel Alves da Silva (Pato), Capareiros, 105; Francisco da Costa Pereira, 103; Manuel da Costa Marques (Matias), 100. Nas Crónicas faz-se uma especial referência ao povo da Vacaria, e mais concretamente ao Sr. António Pereira da Rocha, pela dedicação prestada às obras. Da pedreira de Roques (Vila de Punhe), até 1945 vieram 518 carros, que deram 215, 01 m<sup>3</sup>. Custaram 19.282\$50. Como já referimos, o transporte era a 3\$00. A pedra do Bravio era de alvenaria. A do «Pé do Monte», de esquadria. Cada metro cúbico custava 30\$00. Até Maio de 1945 vieram 1800 carros de pedra de alvenaria (3.883\$00) e 1805 carros de esquadria (11.449\$60) (cfr. «Historial», II, p. 73).

Até à data referida utilizaram-se 110 pinheiros, 24 eucaliptos, 1 oliveira, 5 carvalhos e 1 sobreiro.

De 1942 a 1945 houve 30 acidentes, todos sem gravidade (Id., p. 75).

Em Julho de 1948 tinham sido trazidos para a obra (incluindo os de 1940 a 1945), 8315 carros de pedra, das pedreiras do «Pé do Monte» e Bravio; 938 carros, de Roques; 494 carros de madeira e 506 carros de materiais vários. A pedra do bravio era da quinta da D. Emília Araújo Botelho; a do Extremo era do Sr. Carriço. A pedra dos arcos da igreja veio de Roques (Vila de Punhe); cada pedra custava 100\$00 (Id., II, p. 18).

(1) «Historial», I, p. 157.

(2) *Id.*, p. 164.

(3) *Id.*, *ibid.*, p. 165.

terreno. Na cave ficaria a cozinha, refeitórios e outras dependências. Chegou-se, finalmente, ao dia 3 de Maio de 1942. Pelo regozijo da vizinhança, ribombar dos foguetes, arcos de triunfo e o caminho almodafado, indicavam que algo de extraordinário estava para acontecer. *Era a festa da bênção e colocação da 1.ª pedra* (1). Benzeu-a o sacerdote que, anos atrás, indicara ao P. Provincial, P.º Bento, a quinta de Barrosetas como local para a implantação dos Padres Passionistas. Tratava-se do Sr. P.º Domingos, Cónego de Monserrate (Viana do Castelo).

O arranque estava dado. Impunha-se, seguidamente, executar o projecto. Foi autor dos planos da construção do Convento e Igreja (2) o arquitecto espanhol Luis Feduchi (3). Assumiram a responsabili-

---

(1) A primeira pedra veio da pedreira de Roques, Vila de Punhe. Foi trabalhada pelos irmãos José e Domingos Martins, de Capareiros, conhecidos pelos (*Formigas*). Pelo trabalho de dois dias levou, cada um, 20\$00. A 1.ª pedra é um quadrado de 50 cm<sup>3</sup>, contendo uma cruz grega nas quatro faces. É de granito puro, tal como as pedras das colunas da Igreja. Nela se encontra encerrado um tubo de vidro contendo a acta da bênção, assinada pelos presentes: Cónego Pires, Cónego Domingos e pelos párcos de Tregosa (P.º Manuel Martins Marques), de Durrães (P.º José Esteves), de Vila de Punhe (P.º Júlio Cândido da Costa), de Carvoeiro (P.º José Gonçalves Fontelo) e P.º Joaquim Alves Castro (Espiritalano); ausente o párco de Barrosetas (P.º Domingos Parente); Governador Civil de Viana do Castelo (Capitão Rogério Ferreira), Presidente da Câmara (Dr. João Rocha Paris), Tesoureiro da Fazenda de Viana (João Teixeira), Dr. José Gomes Garção, Profs. Santos Gonçalves e Anselmo Araújo, Provincial Passionista (P.º Jacinto de S. Paulo), 1.º Consultor (P.º Ângelo das Cinco Chagas. Era Superior de Barrosetas o Rev.º P.º Manuel de S. José, ainda hoje aqui residente. Foi orador sacro o Rev.º P.º Feliciano da Imaculada, frisando brilhantemente a importância do acto por se tratar da 1.ª casa e Igreja dos Passionistas em Portugal. («Historial», II vol., págs. 1 e ss.).

(2) O estilo do Convento e da Igreja é de «inspiração gótica», obedecendo a um projecto vindo de Espanha. A Igreja tem 36 metros de comprimento por 10 de largura, medindo no cruzeiro 16 m. O telhado da Igreja está sustido por 7 arcos de 17 m. A altura máxima da Igreja é de 19 m. e 80 cm. A rosácea tem 3,50 m de diâmetro. A torre, 40 m. A cruz, 2 m. A esfera armilar 1 m. A torre foi inspirada na catedral de Toledo e, em motivos locais, muito simplificada («Historial», II, p. 20 e IV, p. 206).

O convento consta de rés do chão e 3 andares. Tem capacidade para 30 Religiosos e 50 alunos (Id., IV, p. 206). «O Convento responde ao mesmo estilo da Igreja, levado à máxima simplicidade, e consoante a austeridade e humildade da Regra Passionista» (Id., II, p. 22). A planta obedece à forma de U. Tem um subterrâneo, uma parte baixa (claustro, etc.) e a parte superior com dois andares, onde se encontram os quartos dos Religiosos «com dimensões especiais a que obriga a Regra» («Historial», II, p. 23).

(3) Este Sr. Arquitecto visitou as obras por três vezes. A 1.ª foi no dia 18 de Janeiro de 1944. De notar que era sua vontade «que não se branqueassem as paredes do edificio e de que as pedras ficassem a descoberto, unindo-se as juntas com cimento, em forma concertada» («Historial», II, p. 40). A 2.ª visita foi em 16 de Setembro de 1946, tendo verificado o Sr. Arquitecto que as janelas do 2.º andar estavam muito altas, tornando-se muito difícil remediar esse defeito. A 3 de Abril de 1947 realizou-se a 3.ª visita do Sr. Feduchi, acompanhado de sua esposa, a qual se manifestou desgostosa pela obra ser muito dispendiosa, pela Igreja ser muito alta, e pela existência dos «baixos» que, em zonas húmidas como esta, seriam de eliminar (Id., II, p. 192).

dade da obra o Major Francisco Santos Caravana, «engenheiro civil e militar, professor da Escola de Engenheiro do Porto» e o arquitecto português Alcindo dos Santos.

Como encarregado das obras de construção do Convento e Igreja, foi escolhido o Sr. Emídio Pereira Lima, de Vila de Punhe, o mesmo que dirigiu as obras do monumental Santuário do Coração de Jesus, em S. Luzia (Viana do Castelo). Este senhor firmou o contrato no dia 15 de Julho de 1942 (1).

Ajudados pela população, 20 a 25 operários começam as obras no dia 4 de Maio de 1942. Foi possível, desta forma, colocar-se a primeira pedra do Seminário em 1 de Julho e a do Cruzeiro da Igreja em 17 de Agosto seguinte.

Rezam as crónicas que quando se iniciaram as obras havia em caixa 12.195\$00. E o custo orçava pelos mil contos (2).

Uma grande fé e confiança na Divina Providência animava estes primeiros Religiosos (3). Só assim se pode explicar a ousadia com que empreenderam obras de tamanha envergadura, e compreender a extraordinária colaboração prestada pelos benfeitores e pelo povo de Capareiros e das freguesias próximas e remotas (4). Graças a ofertas várias e a empréstimos sem juros foi possível a continuação das obras (5).

---

(1) A título de curiosidade registamos que este senhor ganhava 350\$00 por mês.

(2) Em 1946 o custo da obra completa, apresentado como provável, sofrera, como é evidente, uma grande alteração: obras completas: 2.250.000\$00. E em 4 anos (de 1942 a 1946) já tinham sido gastos 600.000\$00 («Historial», II, p. 123).

(3) Em 1942 a Comunidade Passionista era formada pelos seguintes Religiosos: P.<sup>e</sup> Manuel de S. José, Superior; P.<sup>e</sup> Faustino de S. Domingos, Vigário; P.<sup>e</sup> Germano de N.<sup>a</sup> Senhora das Dores; P.<sup>e</sup> Leão do SS.<sup>mo</sup> Sacramento; P.<sup>e</sup> Lourenço de Nossa Senhora das Dores; P.<sup>e</sup> Feliciano da Imaculada; P.<sup>e</sup> Isidoro de S. Pedro; P.<sup>e</sup> Felicíssimo de Jesus; P.<sup>e</sup> Secundido de Nossa Senhora das Dores; os Irmãos Lourenço, Domingos, José António e Manuel. Ao Irm. Manuel, [excelente marceneiro, se deve a talha do altar, da sacristia e do coro, verdadeira obra de arte. Foi ele quem dirigiu também a arte de carpintaria da construção.

(4) Já se fez referência especial a algumas famílias (cfr. nota 22). Além dessas, encontramos nas Crónicas referências a outros benfeitores: família das Castras, das Valérias, Joaquim Barbosa, José Bastardo, família Monteiro (Carvoeiro). É evidente que não podemos citar o nome de tantos outros que prestaram a sua colaboração aos Passionistas, por falta de espaço. Que a não menção nestas páginas lhes aumente a glória no Reino dos Céus.

Os Religiosos recolhiam ofertas, as mais variadas, em muitas freguesias. Principalmente madeira e ofertas monetárias chegavam-lhes de S. Paio d'Antas, S. Romão, Castelo do Neiva, Fragoso, Vila de Punhe, Ardegão, Alvarães, Vitorino, Vila Chã, Chafé, Vila Fria, Tangil (Monção). Desta freguesia vieram 100 pinheiros, transportados em 4 vagões.

(5) Dignos de menção os nomes de António Ventura, Manuel da Rocha Neiva, família Valéria, Custódio Martins, Joaquim Cano, Senhoras Novais, Sr.<sup>a</sup> Gracinda e Luísa Monteiro («Historial», II, pp. 25 e 56).



Ao Rev.<sup>mo</sup> Padre Dr. TEÓFILO DA CRUZ,  
principal dinamizador da construção do Con-  
vento dos Passionistas no Vale do Neiva, a  
Homenagem dos autores deste livro

Apesar de tudo, a conclusão seria muito difícil se se não contasse com mais alguma ajuda. De aí, o se terem iniciado em 29 de Junho de 1943 as negociações em Lisboa, junto do Ministério das Obras Públicas, tendentes à aquisição duma participação do Estado.

O processo foi, porém, moroso. Havia condicionalismos de vária ordem. Tudo levava a crer que, se algum dinheiro viesse do Estado, chegaria muito tarde... E no entanto, a obra continuava. E o dinheiro faltava cada vez mais. Em 1945 as obras tiveram de sofrer um atraso. E teriam mesmo de parar se, na hora da aflicção, não surgisse um benfeitor: o Sr. Manuel Miranda e sua cunhada de Alvelos, que entregaram 9.000\$00 para a obra. Esta «foi a maior esmola recebida desde que estamos em Portugal»<sup>(1)</sup> que, com as remunerações dos trabalhos apostólicos<sup>(2)</sup> realizados pelos Religiosos, proporcionaram a possibilidade de prossecução do empreendimento.

Se todos os Religiosos de então merecem a nossa justa homenagem por todo o trabalho realizado, seríamos ingratos se não recordássemos especialmente o Rev.º P.º Dr. Teófilo da Cruz, novamente Superior de Barrocelas a partir de 3 de Dezembro de 1945<sup>(3)</sup>. Foi incansável na angariação de tudo o que era necessário para a realização do projecto. «Com a sua simplicidade de pomba, o P.º Teófilo ganhava as simpatias das pessoas influentes, e com a sua fortaleza de leão vencía todas as dificuldades sem desanimar até conseguir o que todos desejávamos: a participação do Estado»<sup>(4)</sup>. Se ao Sr. P.º Manuel de S. José se deve o ter lançado

(1) «Historial», II, p. 87.

(2) Por esta altura o Sr. P.º Leão, entre pregações e ofertas recebidas, trouxe 12.450\$00.

(3) Eis a lista dos Superiores dos PP. Passionistas de Barrocelas, desde a sua chegada em 1933:

P.º Teófilo da Cruz, 1.º Superior (1933-34); P.º Ângelo das Cinco Chagas (23/II/1934-41). A fins de Setembro de 1938 a Residência de Barrocelas foi elevada à categoria de «Casa Reitoral» sendo eleito como 1.º Reitor o P.º Ângelo das Cinco Chagas (cfr. *Historia de la Pasionista de la Preciosísima Sangre*, pág. 564); P.º Manuel de S. José (1941-45); P.º Aurélio da Imaculada (de 15/IV/1945 a 12/X/45, dia em que faleceu, sendo o primeiro Passionista a morrer em Portugal); P.º Teófilo da Cruz (1945-51); reeleito (3/XII/1945-54); P.º Sebastião da Imaculada (17/V/1954-57). Durante o seu superiorado acabar-se-á de pagar o déficit das obras (200.000\$00) e levar-se a efeito a construção do adro da Igreja, a cargo do empreiteiro Sr. Aurélio Sobreiro, de Durrães. P.º Bernardo Maria de Jesus (22/XII/1957 a 29/IX/1958); P.º Miguel da Imaculada Conceição (29/IX/1958-61); P.º Bento dos SS. Corações (28/IX/1964 a 1/VII/1967); P.º Manuel Alves Pereira (3/VIII/1967 a 1/IV/1970); P.º João Alirio X. Bezerra (1/IV/1970 a 14/IX/1972); P.º Tomás Caridade Vieira (27/X/1972 a 19/X/1974); P.º Luís Caridade Pires (18/XI/1974 a 19/IX/1975); P.º David Vicente Fernandes (19/IX/75 a Julho de 1977); a partir desta data até Agosto de 1978 não houve Superior oficialmente nomeado, desempenhando as suas funções o P.º Armindo Carlos Ferreira, na qualidade de interino); P.º Benigno Villa Lores (desde 21/IX/1978 a Agosto de 1981); P.º Sebastião Terradillos, desde Agosto de 1981...

(4) «Historial», IX, p. 69.

as bases enviando ao Governo três exemplares do projecto do edificio com o requerimento do subsídio, vai caber ao P.<sup>e</sup> Teófilo o trabalho de insistir perante as entidades oficiais para que o assunto não fique pelo caminho. «*E não descansará até que não alcance os seus desejos*». Com o seu dinamismo, as obras não poderiam parar. Mobilizou os seus



Fachada da Igreja e Convento dos padres Passionistas de Barroelas

inúmeros amigos. De todos era bem recebido e de todos alcançava uma oferta para a construção da 1.<sup>a</sup> casa passionista portuguesa. Amigos seus e dos Passionistas, residentes no Brasil, sabendo das grandes dificuldades económicas que preocupavam os Religiosos, resolveram abrir uma subscrição encabeçada por Jorge Faria (Quinta da Torre) e António de Carvalho. Rendeu em 1946, 57.228\$00. Dos Açores chegaram 1.250\$00.

Com estas achegas foi possível concluir-se uma parte do edificio, sendo a sua inauguração a 7 de Julho de 1946. O Superior de então,

P.<sup>e</sup> Teófilo, foi quem a benzeu, passando a residir nela os Religiosos que se encontravam na casa antiga (1).

A esperança de verem surgir uma «Igreja e um Colégio cujo recinto sagrado possa encher de buliçosos e candorosos meninos e de santos Religiosos», e a visão de que «desde aqui se estenderá a Congregação por Portugal e pelo



Vista da parte sul do Convento dos Passionistas de Barroselas

*seu Ultramar*» (2), não podia deixar de ser o motor impulsor das vontades destes primeiros Religiosos dispostos a enfrentar todas as dificuldades. Ao iniciarem a segunda fase das obras redobram os esforços. Sobretudo no sentido de conseguirem do Estado a participação tão desejada. A hora, porém, ainda não chegara. E por isso...

---

(1) A instalação da luz eléctrica do novo edifício esteve a cargo da Electro Instaladora de A. Barbosa, Braga. Começaram a 30 de Julho e acabaram a 9 de Agosto. Custou 11.230\$00.

(2) «Historial», II, p. 78.



as dores aumentam. No dia 29 de Junho de 1947, depois de se pagar aos operários, só ficaram em caixa 20\$00. Perante um cofre vazio e uma monumental obra por concluir, que fazer?... A Providência de Deus não falta a quem n'ela confia. E chovem 21.000\$00 de ofertas que o Sr. António de Carvalho volta a recolher no Brasil. E o Sr. João Teixeira, tesoureiro da Fazenda de Viana envia 1.500\$00. O Sr. Cândido Maciel, de Durrães, dá as voltas necessárias para se conseguir empréstimos no Banco Nacional Ultramarino. E, finalmente, a 4 de Agosto de 1947, o Ministério das Obras Públicas confirmou a participação de 450.000\$00, desde que a obra se concluísse no espaço de 30 meses <sup>(1-2)</sup>.

Esta cláusula terá obrigado a uma aceleração das obras. Mas não foi possível cumpri-la na íntegra, porque a 2.<sup>a</sup> fase só acabou no dia 25 de Abril de 1955 <sup>(3)</sup>, ano em que faleceu o P.<sup>e</sup> Secundino de N.<sup>a</sup> Senhora das Dores, o perito encarregado de levar a administração directa da construção da Igreja e do Colégio <sup>(4)</sup>. Entretanto, neste espaço de tempo, deram-se acontecimentos dignos de nota:

- 1.<sup>o</sup> — Inauguração da Igreja (1.<sup>a</sup> parte) em 18/1/1948 <sup>(5)</sup>;
- 2.<sup>o</sup> — No dia 1 de Abril de 1948, a *Congregação dos Missionários Passionistas* foi reconhecida como pessoa moral, canonicamente erecta, com sede em Barrocelas;
- 3.<sup>o</sup> — Colocação da Cruz da fachada da igreja, em 18 de Julho de 1951 <sup>(6)</sup>;

---

<sup>(1)</sup> *Id., ibid.*, p. 218.

<sup>(2)</sup> A contribuição do Estado Português efectuou-se em 19 prestações. A primeira foi no dia 29/11/1949 (IV vol., p. 19) e a última em 15 de Setembro de 1952 (IV vol., p. 213).

<sup>(3)</sup> *Ob. cit.*, IV vol., p. 358.

<sup>(4)</sup> Apresentamos, a propósito, a lista dos Religiosos Passionistas falecidos em Barrocelas e cujos restos mortais repousam no cemitério de Barrocelas, no jazigo privativo da Congregação: P.<sup>e</sup> Aurélio da Imaculada (12-10-1945); Irm. Lourenço (14-4-1947); P.<sup>e</sup> Isidoro (27-1-48); P.<sup>e</sup> Secundino (10-1-55); P.<sup>e</sup> Felicíssimo (19-11-69); P.<sup>e</sup> Teófilo (20-2-70); P.<sup>e</sup> Faustino (9-8-73). Repousam também no mesmo jazigo os corpos do P.<sup>e</sup> Germano (falecido em Braga a 28-6-51) e do Irm. João (falecido em Vila da Feira a 10-8-74). O P.<sup>e</sup> Ângelo faleceu em Santander, Espanha, em 29-10-69, e o P.<sup>e</sup> Leão em Peñaranda (Espanha), no dia 8-4-62 (Vol. IX, p. 143 do «Historial») P.<sup>e</sup> Marcos, Barrocelas, 14-9-81.

<sup>(5)</sup> No dia 18/1/48 foi a inauguração da Igreja do Convento. Refere, a propósito, o Cronista: «*Não tenho palavras nem encontro expressões para manifestar os sentimentos experimentados neste dia, ao ecoar pela primeira vez os acordos harmoniosos do órgão e os cânticos litúrgicos, ao ouvir pela primeira vez a voz dos ministros sagrados e principalmente ao elevar-se a Santa Hóstia nos nossos altares*» (II Vol., p. 231). Foi orador o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Jeremias da Esperança, Passionista.

<sup>(6)</sup> A cruz de pedra da fachada do Convento foi lavrada por António da Cruz Fernandes Garrido e António da Costa Maciel. A cruz mede 1 m e 60 cm. Eleva-se à altura de 24 m.

- 4.º — Abertura do Colégio, com a admissão dos primeiros 20 alunos, em 15 de Outubro de 1951 (1), precisamente 20 anos após a chegada dos Passionistas a Portugal;
- 5.º — No dia 27 de Abril de 1952 abriu-se toda a Igreja, pela primeira vez;
- 6.º — Aos 10 anos e três meses do lançamento da primeira pedra, inaugurou-se solenemente toda a parte do edificio existente, com excepção da parte superior da torre. Assim, no dia 1 de Agosto de 1952 veio de Braga o Ex.<sup>mo</sup> e Rv.<sup>mo</sup> Sr. D. Teófilo José Pereira de Andrade, O. F. M., ex-Bispo de Nam-pula (Moçambique), titular de Urusi, que consagrou a igreja no dia 2 de Agosto de 1952 (2);
- 7.º — Colocação da última pedra (24/10/1952);
- 8.º — Colocação da Cruz na torre (30/10/1952);
- 9.º — Colocação da platibanda (13/12/1952);
- 10.º — Sagração dos sinos, no dia 14 de Maio de 1953 (3).

Neste dia foi benzida a imagem de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Fátima, que se encontra na fachada. Esta imagem, de pedra mármore branca de Estremoz, foi trabalhada pelo Sr. Emídio Lima, mestre de obras do Convento. Como ele próprio refere, trabalhou-a com capricho, no monte de

---

(1) Destes primeiros 20 alunos chegaram ao sacerdócio 3, a saber: António Alves Coelho, Tomás e Anselmo Caridade Vieira.

(2) «Historial», IV vol., p. 201.

(3) Os sinos foram sagrados pelo Sr. Bispo Coadjutor de Angra do Heroísmo, D. Manuel Afonso de Carvalho (natural de Subportela). Benzeu também a imagem de N.<sup>a</sup> Senhora de Fátima (IV vol, p. 228), que se encontra na fachada da Igreja. O 1.º sino, dedicado a S. José, foi oferta de José Miranda Pereira da Cunha e esposa. Custou 5.000\$00. Pesa 47 quilogramas. Nota musical: Lá.

O 2.º sino, dedicado a N.<sup>a</sup> Senhora de Fátima, foi oferecido por Mário Pereira da Cunha. Custou 8.000\$00. Pesa 106,5 k. Nota musical: Mi.

O 3.º sino foi oferta da família Valério. Custou 13.000\$00. Pesa 185 k. Nota musical: Dó.

O 4.º sino, dedicado, a S. Paulo, foi oferecido pelos benfeitores de Barroselas. Custou 26.000\$00. Pesa 348,5 k. Nota musical: Lá.

Foram fabricados pela fundição bracarense do Sr. Serafim da Silva Jerónimo, de Braga.

A imagem de N.<sup>a</sup> Senhora de Fátima, colocada no altar-mor, custou 11.240\$00. Na aquisição da verba necessária trabalhou incansavelmente a Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Emilia Dias («Historial», II Vol., p. 237). Foi coroada no dia 13 de Junho de 1948 pelo P.<sup>o</sup> Provincial, Ângelo das Cinco Chagas, tendo sido orador sagrado o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Leão. A coroa foi levada pela menina Lucinda Freitas, filha de Aníbal Freitas.

A imagem de N.<sup>a</sup> Senhora de Fátima tem 3 metros e 50 centímetros de altura. A madeira é de cedro. Foi executada na Casa Fânzeres, Braga. A coroa é de prata dourada, e custou 4.500\$00. Foi seu artífice Manuel Lamego, de Braga. O Rosário é de prata, tendo sido oferta da Sr.<sup>a</sup> D. Laura de Araújo Ribeiro, Braga. Custou 80\$00 (*Ob. cit.*, II vol., p. 261).

St.<sup>a</sup> Luzia, por saber que vinha para a obra que tanto acarinhara. Desde St.<sup>a</sup> Luzia a Barrocelas foi transportada em carrinho de mão, por três homens. Mede 1,50 m.

- 11.º — Ereecção do Seminário Passionista de Barrocelas em pessoa moral, pelo Sr. Arcebispo Primaz (2 de Fevereiro de 1954) (1);
- 12.º — No dia 9 de Abril de 1954 a casa e a quinta passaram para o nome do Seminário Passionista, sendo vendedores os P.<sup>es</sup> Feliciano da Imaculada e Manuel de S. José, comprador, em nome do Seminário, o Rev.º P.<sup>e</sup> Teófilo da Cruz, Superior na altura (2).

Ao dar por terminadas estas notas sobre «a construção do Convento» volto a repetir o anteriormente referenciado: seja a recordação dos factos históricos uma homenagem sentida e reconhecida para todos quantos, directa ou indirectamente, na sombra ou em plena luz do dia, trabalharam para que fossem realidade os anseios dos primeiros Religiosos Passionistas em Portugal: a construção da Casa Mãe a partir da qual se irradiariam os seus filhos pela Terra de Santa Maria.

## A ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Afirmou-se na nota 1 que o fim específico da Congregação Passionista é anunciar o Evangelho da Paixão mediante a vida e o apostolado.

Não podia deixar de ser outra a sua espiritualidade, uma vez que «Paulo da Cruz não se cansa de repetir que na Paixão de Cristo está tudo; que esse é o caminho mais breve para chegar à perfeição; que no mar da Paixão de Cristo se recolham as pérolas das virtudes; que não há outra porta para passar das actividades ascéticas à passividade mística».

«A vida de S. Paulo da Cruz, as suas pregações, os seus escritos, aparecem saturados do amor a Cristo Crucificado e de ânsias por atrair as almas aos pés do Crucifixo. Aproximar-se-á dos pecadores empedernidos para lhes mostrar o seu crucifixo de missionário. E, com Ele pela frente, lhes fará conceber o horror ao pecado, desejos de conversão tendentes a compensar com uma vida santa erros passados» (3).

---

(1) «Historial», IV vol., p. 261.

(2) *Id.*, *ibid.*, p. 262.

(3) «La espiritualidad de la Pasión», Basilio de S. Pablo, Bidasoa, 11, Madrid, 1961, p. 21.

«Regenerada a alma com a vida da graça, persuadi-la-á de que a meditação da Paixão de Cristo constitui o verdadeiro tesouro de que nos fala o Evangelho (Mat. 13-14); na meditação da Paixão de Cristo está a escola das virtudes, o alento nos trabalhos, a consolação nas aflições, o incentivo para todo o heroísmo, o bálsamo para todas as feridas, o alimento da sólida devoção, o forno do divino amor». S. Paulo da Cruz «mostrará na Paixão a morte mística que desemboca no divino nascimento, a vida de identificação com Cristo, a configuração mais bem passiva que activa com o divino esposo crucificado e a associação amorosa e dolorosa à sua obra redentora (1).

Toda esta doutrina está na linha do Apóstolo Paulo: «Ignorais, porventura, que todos nós que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na sua morte?... Pelo baptismo sepultámo-nos com Ele para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminemos, nós também, numa vida nova. Uma vez que nos tornámos com Ele num mesmo ser, por uma morte semelhante à Sua, também seremos por uma ressurreição semelhante. Sabemos todos que o homem velho foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado fosse destruído a fim de já não sermos escravos do pecado» (Rom. 6, 4-6).

A espiritualidade da Paixão foi definida pela «especial eficácia da meditação da Paixão de Cristo para alcançar a perfeição cristã» (2).

Esta a essência do 4.º voto professado pelos membros da Congregação Passionista.

#### BIBLIOGRAFIA

*Historial de la fundación de Nuestra Señora de Lourdes*, 2.ª edición, pelo P.º Faustino de S. Domingos, Passionista.

Tradução portuguesa de alguns números do *Historial* citado, pelo P.º Porfírio Sá, em *Boletim da Vice-Provincia Passionista de N.ª Senhora de Fátima*.

*Conferência sobre a «Fundación de la Congregación Pasionista en Portugal»*, pelo P.º Jeremías Rodríguez Pastrana, C. P., em «Conferencia Interprovincial Ibérica» — Congreso de las Presas — Santander, 19-21 — Octubre — 1978 — Primeira Parte, pág. 120 ss.

*Historia de la Provincia Pasionista de la Preciosísima Sangre*, por el P.º Benito de San José, C. P., Madrid, 1952.

*Os Passionistas*, pelo P.º Tomás C. Vieira, Vila da Feira, 1979.

NOTA: Neste trabalho tivemos ainda presente o testemunho oral de elementos que tomaram parte nos acontecimentos que nos propomos relatar.

(1) *Id.*, *ibid.*, p. 22.

(2) *Id.*, *ibid.*, p. 21.

— Aconselhamos a leitura de «*La Mística de la Pasión*», de Stanislas Bretón, Passionista, Ed. Herder, Barcelona.

*Dr. João Gonçalves Gomes Beirão*

- *Levadas do Rio Neiva em Fragoso*



# Levadas do Rio Neiva em Fragoso

---

(Algumas achegas descritivas sobre o seu curso ou troço dentro dos seus limites extremos que o abarcam nesta freguesia de Fragoso)

## I

Essas levadas ou açudes que se encontram entre os limites de Fragoso são em número de seis e vão ser muito superficialmente descritas, devido à falta de tempo para conhecer os pormenores e tradições ligados a cada uma, pois que os deve ter, e que constituiriam a sua história, por vezes difícil ou impossível de reconstituir.

Essa enumeração far-se-á de montante para jusante, como parece mais natural, desde que o Rio atravessa a linha divisória ao entrar em terras de Fragoso, vindo de Barroselas, até as deixar, para entrar nas de Forjães.

A 1.<sup>a</sup> que encontramos situa-se no lugar das Alvas, lugar este que algo tem de comum às duas freguesias. No extremo Norte encontra-se, em estado de ruínas, uma azenha conhecida pelo nome de Azenhas dos Três, ficando-se por saber se essa designação vem do tempo da sua fundação e da respectiva levada ou se mais tarde passaram a ser três os seus respectivos donos, mas isso é assunto que mais interessa às gentes da região de que ao nosso caso.

Um pouco mais abaixo encontramos a 2.<sup>a</sup> levada, em cujas cabeceiras se encontram duas fábricas: a Norte um engenho de serração e a Sul uma azenha, ambas em ruínas, actualmente, embora funcionassem as duas durante a 1.<sup>a</sup> metade deste século, conforme as informações que colhemos.

Não muitos metros mais a poente surge a chamada Ponte do Félix e muito pouco acima surge outra levada, em cujas testeiras funcionavam ainda há poucos anos uma azenha de um lado e uma serração do outro.

Essa ponte era toda em pedra, sem guardas, que servia peões e carros de bois. Por ela transitavam as madeiras das bouças da margem Sul e que se destinavam às fábricas de serração de Barroselas e

ao cais de Viana do Castelo, para embarque. Aí pela 2.<sup>a</sup> década deste século foi demolida pelos proprietários, ao que consta, da margem esquerda, em virtude da grande roubalheira que as gentes da margem direita faziam de lenhas e outra vegetação.

Essa ponte veio a fazer muita falta, o que levou os madeireiros a construir pontes de madeira, improvisadas para darem escoamento às que vendiam para as balanças, pois sem isso tinham de as transportar pelas pontes de Fragoso ou de Tregosa, o que os obrigava a fazer um percurso muito mais longo. É preciso notar que nesses tempos não existiam os tractores e camionetas que hoje fácil e comodamente fazem esses serviços.

Segue-se depois a Levada de Lacciras, também conhecida por Lão Branca, onde hoje apenas existem ruínas ou vestígios de antigas fábricas.

Mais abaixo temos a 4.<sup>a</sup> levada, propriedade da Família Ferreiras, de Fragoso, também conhecida por Engenho do Linho, que se destinava à desfibra desta planta herbácea, e ainda também uma azenha a que, nos tempos de maior estiagem, recorriam os moleiros doutros sítios para darem vazão às fornadas dos seus fregueses a que as suas moagens não davam través. Há umas décadas que uma e outra coisa deixaram de funcionar.

A 5.<sup>a</sup> levada, que vem a seguir, toma o nome da Azenha das Poldras que fica instalada na cabeceira Sul, e assim chamada por junto dela existir uma série de pequenos peões ou passadeiras que as pessoas aproveitam para o trânsito entre as duas margens, sobretudo quando o caudal do rio não lhes metia grande medo.

Pode-se acrescentar que é esta a única azenha que ainda hoje funciona em todo o percurso ou trecho do Rio que estamos a abordar. De resto esse funcionamento passou a ser intermitente, quanto a energia hidráulica, pois, quando esta não é possível, lá tem à ilharga um motor eléctrico para as falhas daquela ou quando as cheias impedem o seu funcionamento.

De passagem descreve-se aqui um trágico acontecimento ocorrido nos fins do século passado em que pereceram afogados, na pequena albufeira, dois indivíduos desta freguesia, ambos casados, aonde foram tomar banho. Trata-se de Sebastião Ribeiro da Cruz e Bernardino Queirós de Sá, que foram encontrados abraçados um ao outro no fundo do leito do rio. Quem sai das poldras para o lado Norte lá vê uma lápide implantada na margem do caminho com que conterrâneos seus tiveram a boa lembrança de transmitir às futuras gerações a triste tragédia ali muito perto ocorrida. Na mesma lápide lá figura uma inscrição com pedido de um Pai Nosso e de uma Ave-Maria pelo eterno descanso das almas dos dois afogados. Só é pena que essa inscrição se encontre encoberta pelas silvas e demais arbustos que a não deixam ver pelo viandante desprevenido que por ali passe.



A albufeira para onde corre a água que tange a roda da Azenha das Poldras é a mais comprida do troço a tratar, pois deve ter dois ou mais quilómetros, pois vai dessa azenha até à Azenha do Trigo, de que falaremos a seguir.

Foi também nesta mesma albufeira que, no meu tempo de estudante, com outro colega, Dr. Manuel Martins de Queirós, médico e ainda aparentado, a percorremos muitas vezes de barco a remos, nos meses de férias, de uma ponta até à outra. Esse barquito encontrava-se ancorado, ou mesmo no quintal do P.<sup>e</sup> Joaquim Félix, cujo belo prédio fica situado junto à ponte de Fragoso. Por empréstimo, pois ele era tio do meu colega, trouxemo-lo para o Rio, não sem pequeno esforço e depois para junto da Azenha das Poldras, para lhe fazer uma boa reparação devido ao estado em que se encontrava. Aí montamos um pequeno estalciro para durante alguns dias lhe fazermos as reparações necessárias. Lá nos munimos do material preciso para isso, como ferramentas e tábuas que trazíamos das casas dos nossos pais. O que é certo é que ficou em boas condições para nele bordejarmos durante as tardes quentes de verão. Foram uns belos tempos que jamais podemos esquecer.

Lembro-me ainda que foi nessa represa que pesquei a maior truta da minha vida, servindo-me de uma nassa de rede de arame ou de vime com frente afunilada por onde entrava o peixe e onde ficava retido até ao levantar da armadilha, que era colocada à tardinha em sítios apropriados, e que no dia seguinte ia ver se tinha ou não alguma presa. Se tinha era retirada e colocado de novo o aparelho piscatório. Era esse trabalho leve, divertido e algo lucrativo.

Mas voltemos ao assunto das levadas, a 6.<sup>a</sup>, e que também é a última.

Trata-se da Azenha do Trigo, assim denominada por ser este o cereal que lá era moído e a que os padeiros das redondezas acorriam, o que vinham fazendo já de há bastantes anos por ser a única no género que por ali havia. Embora não se encontre em estado de funcionamento ainda é habitado pelos seus donos e a roda em bom estado de conservação.

É assim se põe termo a esta pequena odisseia, que embora percorrida e observada muito à ligeira, sempre servirá de um documento, quando já num futuro mais ou menos longínquo nada do que se falou existir, nem as próprias ruínas, talvez, pois que a marcha do tempo tudo leva. É o «e tudo o vento levou». Por isso bom seria que este trabalho, feito mal e à pressa, viesse a ter uma nova edição mas mais completa e melhorada que viesse transmitir às gerações futuras, pelo menos à esta região, o que foi o Rio Neiva e já não é. Seria uma memória para a velhice da gente nova que o é agora, e poder dizer com os seus botões: ainda tenho uma ideia disso...

## II

Algumas considerações a fazer, e merecem-nas. Merecem-nas aqueles cabouqueiros que construíram essas levadas ou açudes que hoje vemos ao longo de todo o Rio Neiva, desde a nascente até à foz. Foram pedreiros desprovidos das armas, ou ferramentas que vemos hoje, como o tractor, o catarpillar, o potente guindaste e outras coisas do género. Eram homens pé descalço, calças arregaçadas e camisa de estamemha grosseira. A comida devia ser a tijela de caldo com um pouco de toucinho, a posta de bacalhau frita ou assada e alguma truta que as suas habilidades permitiam pescar nos locais onde trabalhavam.

As ferramentas, conforme nos é permitido imaginá-lo a esta distância, seriam o alvião ou picareta, a pá, a enchada e pouco mais. E este pouco mais, que era muito, era a força braçal, a carrela ou padiola, o sarilho e pouco mais. Como os carros de bois dificilmente poderiam ser utilizados no piso arenoso, a pedra necessária seria aproveitada, uma do próprio leito do rio, outra das pedreiras mais próximas, arrancada a guilho ou pólvora, e depois transportada até às margens por carros de tracção animal, e daí até ao local preciso em simples carretas ou à força de braços.

Num olhar retrospectivo é assim que nos permitimos ver as coisas tal como elas se passariam naqueles tempos que há muito deixaram de ser os nossos, procurando vê-las e analisá-las, recorrendo à luz do que a nossa infância nos permitiu ainda observar, senão em trabalhos iguais, pelo menos semelhantes.

Pois foram esses homens os valorosos architectos desses tempos que no Rio Neiva, à custa de tantos sacrificios ergueram esses açudes criando assim outras tantas fontes de energia de que resultaram os moinhos, as azenhas e os engenhos de serra de que uma grande parte das gerações actuais ainda se lembra de ver em seu pleno funcionamento. Além disso conseguiram elevar o nível das águas nas albufeiras formadas dos seus níveis de então de modo a facilitar, em muitos pontos, a irrigação das terras marginais, a instalação de noras e estanca-rios e outras coisas mais.

É-nos difícil compreender hoje, nestes tempos de técnica avançada, a situação económica e social em que viríamos a regressar se nos tirassem os combustíveis, como os petróleos, o carvão e ainda a electricidade. Se não fossem esses empreendimentos ficaríamos reduzidos aos pequenos moinhos, azenhas e serrações instalados nas margens dos pequenos ribeiros, e só quase nos meses de inverno, e de voltar a recorrer aos velhos moinhos de vento, à tracção animal e até à simples atafona manual. Seria então um regresso ao período da pedra lascada.

Esses antigos pioneiros das levadas que se encontram ao longo do Rio Neiva bem mereciam que lhes fosse erigido um monumento

representativo de significado adequado executado por um escultor que o soubesse assimilar de harmonia como tais trabalhos decorriam naqueles tempos.

A localização dessa escultura deveria situar-se numa freguesia ribeirinha que para isso se entendesse ser a mais indicada. Talvez para isso não ficasse mal a freguesia de Barroelas num local mais apropriado por ser uma das aldeias mais populosas que o Rio atravessa.

Aqui fica esta sugestão à falta de outra que possa parecer melhor. No entanto seria uma memória bem merecida a recordar os trabalhos esforçados daqueles homens que as gentes de hoje lhes dedicavam. E não faziam nada de mais.

### III

O Rio Neiva poderia comportar novas barragens e respectivas albufeiras ao longo do seu percurso para produzir novas fontes de energia, de que estamos tão carecidos, recorrendo aos locais mais indicados para isso, que seriam os de margens mais altas, aproveitando os desfiladeiros para armazenamento das águas em maior volume, mas recordo-me de em Angola, numa travessia do Rio Cunene, ter visto uma Barragem de margens muito baixas e por isso de altura muito baixa de modo que as suas águas armazenadas tinham possibilidade de se alastrarem por uma grande superfície, cobrindo uma grande área de terrenos marginais sem prejudicarem as culturas vizinhas porque estas não existiam. Como a barragem era muito baixa, a central eléctrica situava-se a uma profundidade no subsolo.

Entre nós não será fácil ou possível ir para esse sistema para não prejudicar a agricultura, que também muito nos é precisa, mas no entanto outros tipos de barragens, diferentes dos existentes, se assim o entendessem os técnicos, talvez fossem possíveis. Além disso poder-se-iam cultivar nelas, ou nas respectivas albufeiras novas espécies de peixes, não digo de trutas, que preferem e gostam das águas correntes, desde que se fizesse a devida inseminação.

É um facto corrente e bem conhecido de todos que nos nossos rios mais pequenos e nos simples ribeiros, embora com água permanente, quase com um fio dela durante todo o ano, várias espécies piscícolas estão em vias de extinção, e que outras já desapareceram mesmo. É atribuído esse facto à escorrência para essas águas de produtos químicos de confecção recente ou originários de fábricas que os produzem e de que são derivados e que poluem as águas correntes com que se misturam. Os mais simples destes, mas talvez os mais frequentes, devem ser as lixívias provenientes dos lavadouros de roupas existentes

ao longo desses ribeiros, que pela sua pouca água são os mais rapidamente afectados.

Os peixes mais pequenos alimentam-se do plancton, constituído este por seres vivos, animais e plantas, de muito reduzidas dimensões que circulam nas águas à mercê das correntes, à maneira de cardumes. Ora são estes os primeiros a ser atingidos pela poluição das águas, e a seguir a estes são os maiores que deles se alimentam. E assim vai desaparecendo a fauna dos nossos rios e ribeiros, como se está a verificar. Ainda há pouco tempo no Rio Neiva desta região foi pescada uma grande truta que trazia no seu estômago outra mais pequena do tamanho de uma pequena sardinha.

#### IV

Até há umas boas décadas atrás as levadas do Rio Neiva representavam uma grande força de energia hidráulica a que os lavradores da região recorriam para a execução de trabalhos mais violentos que excediam a simples esforço humano. Foi ao longo dele que se instalaram as primeiras oficinas artesanais, pois que sociedades não existiam, e assim foram surgindo as moagens de cereais, como as de milho, centeio e poucas de trigo, visto que estas últimas apenas eram procuradas pelos padeiros, de clientela muito reduzida, cujos familiares iam distribuindo o pão pelas portas dos fregueses em cestos de verga, e pelas vendas. De resto, a primeira refeição da manhã era constituída pelo caldo de legumes, uma sardinha ou uma pequena posta de bacalhau e um naco de boroa, tudo regado com um bom copo de vinho, que não podia faltar. O pão de trigo destinava-se mais a pessoas doentes e às crianças, e quando o era. Havia também os engenhos da serração de madeiras, muito procurados.

Mas tudo o vento levou. Actualmente pode dizer-se que toda essa indústria, de carácter mais ou menos caseiro desapareceu, dando lugar ao aparecimento de fábricas mais potentes e de execução mais rápida, cuja força motriz passou a ser o combustível resultante da lenha de pinho, o carvão mineral, e mais recentemente a energia eléctrica à medida que esta foi irradiando das grandes centrais, ora hidroeléctricas ora térmicas.

E assim vejamos a evolução por que a vida passou nestes últimos séculos, quanto à natureza das formas da energia utilizada: a força humana, seguida e acompanhada das dos animais domésticos, a energia hidráulica, depois a eléctrica, e talvez não demore muito que apareça a atómica, que parece estar a abrir as sua portas, que muito virá revolucionar todas as que as precederam. Mas entre as mais antigas esque-

ceu falar da energia eólica, ou dos ventos, gerada pelos moinhos de velas instalados nos cumos dos montes ou no litoral onde os mesmos ventos são mais impetuosos e sopram com mais constância.

Mas quanto às centrais atómicas gera-se actualmente uma grande controvérsia, mesmo de carácter internacional, sobre os malefícios por elas gerados, e também contra o combustível nafta, cujos resíduos gasosos, sobressaturados de anidrido carbónico e expelidos pelas chaminés desta região, como as provenientes das cerâmicas e outras estão a poluir fortemente os nossos pinhais e olivais. Nesta altura já não faltam dores de cabeça aos proprietários dessa vegetação arbórea pelo triste e próximo destino a que dentro de breve prazo virão a ficar sujeitas. Talvez a simples extinção.

## V

Tudo isto vem a propósito da conveniência, necessidade e urgência de repensarmos o regresso às formas tradicionais de energia não poluentes e que possam ser reactivadas por todo o nosso país fora.

O nosso país está a importar anualmente de países estrangeiros várias dezenas de milhões de contos, quer em carvão, petróleos e de energia eléctrica, o que é confirmado pelas notícias oficiais que constantemente vêm a lume, e embora desde há anos para cá tenham andado missões especializadas americanas a fazer sondagens em vários pontos do nosso país, em busca de bacias ou depósitos petrolíferos, incluídas as costas algarvias, mas até agora esse ouro preto ainda não apareceu, pelo menos com garantias economicamente compensadoras. Todavia essas pesquisas parecem continuar.

Se no entanto se chegar a uma conclusão definitiva de que nem no subsolo continental português nem na sua plataforma marítima esse precioso combustível aparecerá por mais que se procure, é natural, à falta também de novas estações hulhíferas, que tenhamos de nos virar para um melhor aproveitamento das nossas vias fluviais, que são os rios, desde os maiores até aos mais pequenos, conforme as suas capacidades ou potencialidades. E então ainda o nosso Rio Neiva virá a ser aproveitado na medida do possível.

Num grosso volume de Geografia de Portugal, de 500 páginas, da autoria do Dr. Amorim Girão, catedrático da Universidade de Coimbra, onde trata sobretudo dos nossos maiores rios, diz ele, referindo-se aos cursos de menor extensão, e de que cita alguns destes, entre os quais o Rio Neiva: «esses pequenos rios independentes, de bacia costeira, não deixam de exercer a sua função regional, apertando mais os laços e estabelecendo mais íntimo contacto entre a terra

e o mar.» São eles que em grande parte tornam flagrante de verdade aquela palavra de Raúl Brandão in *Os Pescadores*: «esta nossa terra portuguesa vai pela costa fora sempre de braços abertos para o mar, estreitando-o amorosamente contra si.» E continuando: «E pelos estabelecimentos de pesca ou de navegação a que geralmente dão origem na sua foz contribufram também, de certa maneira, para a vocação marítima de Portugal, que tão profunda impressão havia de deixar na história do Mundo.»

Regista-se assim aqui este pequeno articulado como forma de um pequeno hino em louvor dos pequenos rios, entre os quais se inclui o nosso Rio Neiva.

Mas, voltando um pouco acima, e à falta de novas fontes de energia que procuramos e não encontramos no nosso meio geográfico, à poluência que outras existentes nos estão a causar, à resistência que se está a verificar contra a instalação de centrais atômicas e que se vai alargando por toda a parte, parece que terá de se recorrer até à última instância às fontes primitivas como são as correntes hidráulicas como geradoras da energia eléctrica, ao menos como subsidiária do nosso consumo interno e de menor exportação de divisas. De resto também está prevista, a maior ou menor longo prazo, a extinção das bacias petrolíferas onde elas existem. Tudo tem um fim e ao que parece elas não são inesgotáveis. Será ao génio humano que caberá descobrir meios que lhe dêem um sucedâneo, que não sejam contra-humanos e que permitam à humanidade sobreviver sem sobressaltos e sem pôr em risco o grau de civilização que adquirimos e em que nos encontramos, tanto técnica como moral e social. Mas *Deus super Omnia*, como se costuma dizer.

## VI

Não será nada para estranhar, e só o futuro o dirá, que o nosso Rio Neiva venha ainda a passar por uma autêntica revolução de modo a tirar dele aquilo que ele possa dar. Como é natural, ele nasceu sem levadas e foi evoluindo por si mesmo à mercê da Natureza, formando o seu leito pela reunião das águas bravas ou selvagens como todos os outros mas em que interveio depois a mão e esforço do homem para o domesticar e disciplinar, deixando-lhe apenas o espaço indispensável para que as suas águas seguissem o seu curso normal, prejudicando o menos possível as terras marginais, que deviam ser as mais aptas a serem aproveitadas para a agricultura por serem as mais férteis para esse efeito e as mais fáceis de trabalhar por serem também as mais planas em virtude das correntes impetuosas primitivas ou cheias terem transportado com elas materiais minerais e orgânicos de toda a ordem que

fora assoreando os terrenos que iam invadindo, tornando-os mais ricos para fins agrícolas, depositando-os assim nas depressões, alisando-as de modo a facilitar os trabalhos da lavoura.

E é por isso que as melhores e maiores áreas desta se encontram ao longo dos cursos de água, tanto dos maiores como dos de menores extensão.

## VII

Pois, dadas as carências que o nosso país no domínio de energias atravessa e que possivelmente tendam a aumentar dado o constante aumento do seu consumo e consequente importação, não admira nada que tenhamos de nos continuar a voltar para os nossos cursos de água de maior ou menor volume ou caudal até esgotarmos todas as suas possibilidades no género.

O Rio Neiva, nos últimos séculos (é pena não se encontrarem datas, mas valia a pena investigar isso melhor), mercê das levadas que ao longo do seu curso o homem ribeirinho, mediante esforços inauditos, construiu e levantou, limitou-se a fornecer a energia destinada à laboração, quase exclusiva de azenhas e de engenhos de serra, facilitando



Açudes do Neiva

também a irrigação dos campos marginais para fins agrícolas, pela elevação do nível das suas águas o que lhe facilitava os fins que tinha em vista: maior e melhor riqueza agrícola, sobretudo dos seus cereais e hortas, que deveriam ser as principais preocupações daqueles tempos. Além disso esse empresamento das águas punha-lhe mais à mão a possibilidade do emprego das noras e estanca-rios a que recorriam sempre que fosse preciso.

Mas com o tempo tudo muda e na 2.<sup>a</sup> metade deste século muitas coisas evoluíram e as antigas levadas deixaram de satisfazer as actuais exigências passando a ser substituídas por novas técnicas e novas formas de energia que tudo avassalou e trouxe muitas outras comodidades às gentes de agora.

Em face disso, as águas do Rio Neiva, se por um lado perderam as suas potencialidades de outrora, conforme eram utilizadas, estas continuam a subsistir desde que seja encarado o seu aproveitamento sob novas técnicas, não no escalão dos grandes cursos de água mas noutra mais pequeno e adequado ao seu potencial.

Para isso haveria que construir ao longo do seu curso e nos locais para isso mais indicados pelos técnicos algumas pequenas barragens que viessem assumir as funções das antigas levadas mas muito para além daquelas que então exerceram. Já não se fala de azenhas e enghos de serração mas da produção de energia eléctrica cujo consumo está em constante aumento e que temos de importar cada vez mais na medida em que dela precisamos e a não produzimos, e que constitui uma sangria dos nossos dinheiros.

O nosso Rio Neiva passa ainda por alguns desfiladeiros ou gargantas de margens relativamente elevadas onde essas pequenas barragens poderiam ser construídas, pois fora desses sítios cairíamos no alagamento dos campos vizinhos com prejuízos da produção agrícola e iríamos enfrentar os protestos, que não seriam pequenos, dos respectivos donos, a que os Governos não deixariam de dar razão.

Mas além disso os benefícios da irrigação podiam também ser muito mais beneficiados pela abertura de canais que as respectivas albufeiras viriam a facilitar, conduzindo a água a muitos locais onde ela não chega, e de que resultaria uma melhor produção cerealífera, de que tanto também estamos a importar.

Mas tudo isto mereceria um estudo mais atento a ser feito pelos nossos técnicos da especialidade, nos vários domínios que ela comporta.

Há uns anos atrás, antes da cobertura desta região pela rede eléctrica actual, o dono de uma casa desta freguesia de Fragoso lembrou-se de iluminar a sua casa a luz eléctrica, servindo-se da cuba de um velho moinho, praticamente em ruínas e que lhe ficava muito próximo, e se bem o pensou, melhor o fez. Aproveitou a cuba, pôs-lhe um rodízio



novo, colocou-lhe um dínamo e assim conseguiu iluminar toda a casa com varias lâmpadas. E tratava-se apenas de um muito pequeno curso de água, que é ribeiro afluente do Rio Neiva. Evidentemente que só podia aproveitar essas águas nos meses de inverno, que era também nessas longas noites que ele mais precisava da luz eléctrica.

A contradizer o que acima fica dito, uma vez que esta zona toda ela se encontra coberta pela energia da Companhia, há a contrapor o desenvolvimento local das indústrias que vão surgindo, aqui e ali, ao longo do Rio Neiva, pois em muitas freguesias elas são por enquanto quase nulas, como acontece nesta freguesia, mas é de contar que, mais ano menos ano, elas aparecerão, e pelo menos durante o inverno em que o caudal deste rio é bastante volumoso, ele bastaria para ocorrer às necessidades energéticas decorrentes.

## VIII

As espécies piscícolas que mais se encontram neste troço do Rio Neiva que estou a tratar: Actualmente parecem ser muito poucas, pois, como já se disse acima, o plâncton, de que se alimentam, vai-se dizimando cada vez mais por causa dos produtos químicos que cada vez mais vêm sendo lançados nas suas águas, e que nos meses de verão são de caudal tão baixo que em vários sítios ou de calças simplesmente arregaçadas até ao joelho se podem facilmente atravessar a vau. Essas espécies, actualmente, quase se limitam à truta, à enguia, ao escalo e pouco mais.

Em consequência disso os sistemas de pesca e a sua utilização, que há uma década atrás eram bastante empregados, também passaram de moda. Esses sistemas eram o anzol, com a respectiva isca, a nassa, a marjoada e a rede de arremeço. A marjoada, empregando a linguagem destes sítios, consistia numa série de anzóis que se prendiam nas extremidades de varas mais ou menos compridas e delgadas, estas por sua vez presas aos ramos da vegetação marginal, que as seguravam. Eram postas à noitinha e levantadas no dia seguinte de manhã. A rede de arremeço ou lanço era formada de malha miúda, com pequenas bolas de chumbo presas num dos lados da mesma que o pescador levava consigo, como que ao colo e que um pouco já dentro da água a lançava com certo jeito de modo a abarcar o maior espaço possível. Após isso, arrastava-a para fora da água trazendo consigo o peixe por ela aprisionado. Mas tudo isso passou há muito de moda.

## IX

O povoamento desta freguesia começou a fazer-se dos pontos mais altos para os mais baixos, isto é, do lugar de S. Vicente em direcção ao Rio Neiva, em cuja veiga decorre o seu curso, mas quanto a isto poderá dizer-se ser uma lei geral de todos os povos, pois estes a que podemos chamar residuais ou mais primitivos por aí se acantonaram como em lugares de refúgio contra invasores vindos de leste.

Mas como esses perigos fossem passando e outros costumes e aspirações fossem surgindo, foram descendo as encostas das montanhas e aproximando-se mais da planície, e assim assumindo novos hábitos de vida, entre eles o da agricultura incipiente, ainda para eles desconhecida. Contudo, com a domesticação do boi de trabalho, o cavalo e a rudimentar charrua ou arado de pau, com as sementes de cereais e de novas frutas que foram encontradas, com a transformação dos minérios em metais que passaram a forjar e com que construíam novas ferramentas de trabalho, com os contactos que passaram a ter com outros povos vindos de fora e mais civilizados e com que passaram a mercadejar por sistema de trocas, pois que ainda não existia a moeda, ou porque para eles não tinham significado, tudo isso concorreu para o seu avanço na civilização a que se foram adaptando com novos costumes sociais e um modo de vida mais suave e amena.

Era assim ou foi o que aconteceu com os indígenas de África, quando em contacto com o comerciante branco em que o sistema de trocas era a maneira corrente de fazer negócio. O branco levava-lhes panos e outras mercadorias de que eles precisavam e gostavam, e em troca traziam milho, feijão e outros produtos que eles cultivavam. O dinheiro para esses indígenas mais primitivos não tinha interesse, pois que este consistia apenas na permuta, que era a sua conta corrente.

É essa a ideia que devemos fazer, com muita aproximação, do que acontecia com os nossos antepassados mais longínquos de que descendemos. Só há que atender a esta circunstância: nesses tempos o indígena eram os povos de cá, e o branco mais civilizado eram os povos mais civilizados, como o fenício, o grego, o cartaginês e outros povos orientais, que através do Mediterrâneo, do Atlântico e dos nossos rios vinham como comerciantes contactar e comerciar connosco (com os nossos antepassados).

O que é certo é que esses antepassados foram descendo lá dos seus píncaros onde viviam e foram-se aproximando cada vez mais das margens do Rio Neiva, dedicando-se sobretudo e quase exclusivamente à vida agrícola e à pecuária a ponto de a pôr na situação em que hoje a vemos.

E foi assim que se vieram a formar ao longo desse rio, aproveitando o seu vale e bacia, as melhores e maiores casas de lavoura que

ainda há pouco tempo existiam nesta freguesia, embora algumas delas já bastante degradadas em relação ao que então eram ou foram. Das existentes na bacia e vale do Neiva citam-se ainda algumas mais marcantes e ainda bem vivas na memória dos vivos: a Casa dos Terezas, dos Gomes, dos Carvalhos de Neiva, dos Sá Neivas, dos Vilachãs, dos Félix, dos Ferreiras da Ponte e de poucos mais. Isto para só falar das mais próximas do vale do Neiva ou nele situadas, que outras também importantes existem ainda noutros lugares mais afastados.

## X

Afluentes do Rio Neiva que fazem parte da bacia hidrográfica do mesmo rio e cujas águas vão desaguar no mesmo, bacia essa toda ela dentro dos limites da freguesia de Fragoso.

Faz-se apenas referência ao principal, Ribeiro de S. Vicente ou também Ribeiro do Prado, conforme é citado pelas gentes dos lugares por onde passa.

É por ele que se escoam para o Rio Neiva a maior parte das águas da sua bacia que a ele acorrem, ou directamente das encostas que dela fazem parte ou indirectamente por meio de ribeiros mais pequenos seus afluentes. São eles, todos juntos, que formam a rede hidrográfica da área geográfica desta freguesia cujas águas desembocam todas na margem esquerda daquele rio, um pouco abaixo da Ponte de Fragoso.

## XI

Há uma referência curiosa a fazer sobre o Ribeiro do S. Vicente, cuja nascente fica situada muito junto do Monte de S. Gonçalo, o ponto mais elevado da freguesia e até do concelho de Barcelos, cuja altitude mede 492 metros.

Trata-se do tradicionalmente chamado OLHO MARINHO, que de geração em geração foi transmitido com esse nome até aos tempos actuais, acompanhado de lendas que a incompreensão natural dos factos costuma gerar nas mentes imaginosas e ignaras das gentes mais ou menos rudes. Sempre os procuram interpretar à sua maneira para darem uma saída à sua aceitação mais ou menos airosa para o seu tempo, à falta de melhor.

O fenómeno, se assim se pode chamar, põe-se assim: muito perto ou junto do Monte de S. Gonçalo, e a muito poucos metros deste, que como fica dito marca a altitude já referida de 492 metros, existe uma depressão do terreno lacustre onde se acumulam águas e se forma um

juncal que com outras plantas herbáceas deram lugar à formação de uma espécie de pântano de consistência um tanto fofa e lodosa, cujo escoamento veio a dar origem inicial ao Ribeiro de S. Vicente, já falado acima.

Ainda há poucos anos, mas já bem dentro deste século, o seu aspecto, visto um pouco mais de longe, era o de uma lagoa. Ainda existem pessoas, com pouco mais de média idade, que quando lá pelas redondezas andavam na pastorícia dos seus gados ou no roço dos matos, por brincadeira ou curiosidade pretendiam conhecer a profundidade desse lago se metiam a pé descalço e de calças arregaçadas por ele dentro, chegando a penetrar até que a água lhes desse por cima da cintura, tendo então de recuar para não ficarem imobilizados e assim impedidos de voltar ao ponto de partida antes que os lodos os impedissem disso.

Mas hoje já não acontece isso. As águas mais superficiais desaparecem, embora se não considere ainda um terreno de consistência sólida para ser atravessado a pé enxuto, pelo menos nos meses de verão em que já não existe perigo algum nessa travessia.

Quem desse local olhar em direcção ao poente lá vê perfeitamente à distância de alguns quilómetros as águas do Oceano Atlântico, numa panorâmica de grande extensão. Ao que parece, os antigos povos, ignorantes das leis da Física, e portanto da teoria dos vasos comunicantes e das do sifão, não podiam compreender como num ponto tão alto se pudesse formar um lago, sem que para isso encontrassem outra solução que não fosse o recurso às águas do mar e dele provenientes. Como poderia acontecer que muito perto do Monte de S. Gonçalo, mesmo junto dele, houvesse lugar para acumulação de águas sem lobrigarem outra origem que não o mar donde elas viriam?

E daí começou a imaginação a trabalhar. Essas águas só podiam ter origem no mar, e por isso passaram a admitir que entre o oceano e S. Gonçalo devia existir um braço de mar por onde se faria essa comunicação, e tanto que constava ou chegou a constar, na gíria popular, que nesse lugar chegaram a aparecer materiais de madeiras arrasados por essas águas subterrâneas, restos de barcos que em qualquer sítio se teriam afundado e desfeito. Esta lenda ainda hoje corre na imaginação e tradição do nosso povo.

É claro que essa tradição não tem hoje qualquer valor ou aceitação científica mas mostra o esforço dos antigos, para, à sua maneira, interpretar este fenómeno, que, aliás, não deixa de ser um tanto curioso. Mas há ainda quem acredite, ignorante do princípio dos vasos comunicantes que uma grande massa de água, devido ao seu peso, pode fazer subir nos outros vasos a que está ligada a um nível superior ao seu. Assim o entenderiam os antigos, que também imaginavam que o nível das águas dos mares era mais elevado que o da terra. Ainda se encontra quem acredite nisso nos tempos de agora.

O facto de o Olho Marinho se apresentar actualmente com um aspecto muito diferente do que mostrava há umas décadas atrás pode-se explicar pela bela vasta vegetação arbórea que tem crescido em sua volta sobretudo de pinheiros e eucaliptos que têm captação das águas subterrâneas, que depois, pela evaporação, devolvem, na sua maior parte, à atmosfera, e também pela abertura de poços que se têm feito ultimamente nas vertentes que dele divergem para as freguesias mais vizinhas, como a de Fragoso e a dos Feitos. Parece ser esta a única explicação admissível.

No entanto, este caso do Olho Marinho, bem precisava de um estudo feito por uma missão hidro-geológica para verificar a constituição do subsolo e a sua natureza e daí colher uma explicação mais acertada da fenomenologia que o tem acompanhado, talvez desde há séculos a esta parte. Não se perderia nada com isso e seria uma maneira mais segura de acabar de vez com as fantasias que a imaginação popular ao longo dos tempos criou.

P. S. — No fim deste modesto trabalho sobre o Rio Neiva, não posso deixar de mencionar aqui um simpático agradecimento ao bom amigo Snr. José Alves da Cruz Ferreira que me acompanhou ao longo do percurso do Rio Neiva e com os seus conhecimentos sobre as levadas do mesmo muito me ajudou sobre o que acerca delas fica dito, e sem os quais pouco ou nada poderia dizer. Muito grato, pois, pelo auxílio valioso e gracioso que me prestou.



*Padre Joaquim Gonçalves Gomes Beirão*

- *Rio Neiva e Fragoso*







**P.º JOAQUIM GONÇALVES GOMES BEIRÃO**

Nasceu em 14 de Abril de 1892

Lugar do Beirão — Fragoso-Barcelos

Faleceu em 7 de Março de 1981

Padre Joaquim Gonçalves Gomes Beirão, filho de Domingos José Gonçalves e de Rosa Dias Gomes, nasceu em Fragoso — Barcelos em 14-4-1892.

Fez os seus estudos preparatórios no Seminário de Santo António e São Luiz Gonzaga — Braga, os quais terminou em Julho de 1911.

Esbulhada nessa altura a diocese dos seus seminários, cursou 1.º e 2.º ano de Teologia em regime de externato (as aulas de Filosofia, Teologia Fundamental e Dogmática, etc., na casa n.º 53 a 67 da Rua 5 de Outubro, agora Afonso Henriques) e o 3.º ano como interno na Casa da rua do Raio, onde hoje funciona o Colégio Teresiano.

Por ter falecido o Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, foi ordenado presbítero na Sé do Porto por D. António Barroso em 18-10-1914.

Foi auxiliar de Monsenhor Joaquim Fernandes Lopes e do Cónego Damião Martins no seminário de preparatórios posto a funcionar precariamente em casas alugadas desde 1914 a 1918.

Neste ano foi nomeado pároco de São Bartolomeu do Mar — Esposende e, desde 4-8-1924 a 29-9-1963, pároco colado de Fragoso e desde então capelão de Nossa Senhora da Agonia — Viana do Castelo, até 31-12-1976.

Bom e leal, corajoso e activo, cresceu entre cruzeiros e flores, igrejas, árvores e águas cristalinas nascidas no monte de S. Gonçalo, as quais vão finalmente beijar o Rio Neiva. Constantemente o seu povo lhe batia à porta pedindo conselhos e protecção, resolvendo as suas questões.

## Rio Neiva e Fragoso

---

O Rio Neiva, cantado por Sá de Miranda, segundo dizem, continua a ser contemplado com enternecido carinho por homens do nosso tempo, seus vizinhos, enfeitados com a verdura dos seus salgueiros, curvas e contra-curvas, que o emolduram.

Tenho presente o livro «*Rio Neiva*», que nos fala da sua origem, das terras que banha e da legislação sobre águas — tratado que muito o enriquece e comprova a competência jurídica de um dos seus autores.

O meu amigo e parente Cândido Maciel é mais um plumitivo que se vai debruçar sobre o Rio Neiva, que lhe corre aos pés, e pede um artiguito a este decrépito octogenário para nele o encaixar.

Vou tentar tirar algo das minhas reminiscências no tocante ao Rio Neiva, que atravessa a parte baixa de Fragoso, minha terra natal, na extensão de cerca de dois quilómetros, que fica quase toda na sua margem esquerda.

Fragoso tem largos pergaminhos e contou entre os seus habitantes homens influentes e de categoria social, no início da nossa nacionalidade, em vista da Carta de Doação de D. Afonso Henriques, sendo ainda Infante, à Ermida de S. Vicente, que posteriormente mudou de titular, sendo agora dedicada a S. João, mas continuando o lugar a chamar-se «de S. Vicente».

Foi o Infante D. Afonso Henriques que instituiu o COUTO DE FRAGOSO com os limites que ainda são os da freguesia. Há que fazer excepção quanto aos limites com a freguesia de Alvarães.

Segundo a referida Carta de Doação, a Cerâmica Pereira Campos estaria situada em Fragoso. Foi em 1915 que Fragoso ficou sem aquela parcela de terreno e algum mais adjacente à dita fábrica, por culpa da Junta de Fragoso, ou, melhor, dos antagonistas da partilha dos baldios. Foi para pagar as despesas desse litígio que a Junta de Fragoso cedeu à de Alvarães esse tracto de terreno.

Está situada nesta freguesia a ilustre Casa e Quinta da Espregueira, Casa Mãe dos Páris e Espregueira, e Espregueira Mendes, que todo o Portugal conhece, e sua capela de Santo António da Espregueira, agregada e unida à Basílica de S. João de Latrão, de Roma — Mãe

de todas as igrejas católicas do Mundo, lucrando, quem a visitar, as graças e indulgências que lucraria visitando a referida Basílica, como consta da Bula do Papa Pio VI, de 23/2/1783.

Parece que só a Igreja de S. Roque de Lisboa goza, em Portugal, de idênticos privilégios. Sob o seu altar encontra-se o corpo de S. Justino, mártir, vindo das catacumbas de Roma, com as respectivas relíquias Autênticas.

Mas vamos às minhas reminiscências do Rio Neiva. A primeira delas é do barquito a remos que o Snr. P.<sup>e</sup> Manuel Martins, falecido em 1916, tinha atracado ao quintal da sua bela Vivenda, na margem esquerda do rio, e no qual tanta vez bordejei com o meu saudoso colega, P.<sup>e</sup> Joaquim Félix Machado, sobrinho do referido P.<sup>e</sup> Martins e seu principal herdeiro, nas férias grandes, nos últimos anos do seminário.

Outra lembrança, esta bem triste, foi o afogamento, no sítio das Poldras, de Sebastião Vieira dos Reis Ribeiro, de 19 anos, casado com Maria de Sá Neiva, e de Manuel Dias de Carvalho, solteiro, dois moços cheios de vida e simpatia, que no dia 27/7/1899, se afogaram, no dito local, no banho fatal que foram tomar, e cujas urnas me recordo de ver pousadas, no adro, onde então se faziam os enterros.

Outra lembrança, triste também, ainda recente, a morte de Saul Martins Neiva, de 19 anos, que se aventurou a atravessar a ponte do Rio Neiva, coberta, em parte, pela cheia no mês de Fevereiro de 1979, porque tinha à sua espera, em Alvarães, a rapariga que namorava — aventura que lhe custou a vida.

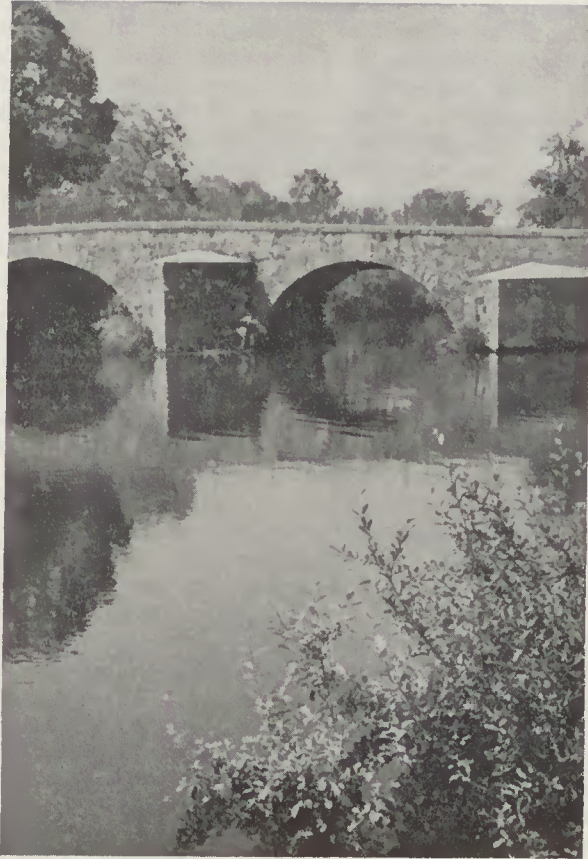
Outros afogamentos de adultos e crianças recordo, mas passemos adiante.

É talvez o maior afluente do Rio Neiva o Ribeiro de S. Vicente, que me passava ao pé da porta. Recordo algumas cheias do mesmo que cobriam alguns hectares das suas margens. E também os banhos que, em dias de sorte, nele pescava, por vezes acompanhado por Evaristo Martins Neiva — o Evaristo Brasileira — meio ano mais velho que eu, e que ainda vive, apesar das muitas borracheiras que tem apanhado. Quantas vezes, alta noite, sendo já pároco de Fragoso, o ouvi cantar, cambaleando, subindo os caminhos do Ruão, em direcção à sua casa.

Umaz vezes ficava neles deitado, a curar as carraspanas, e outras ia deitar-se no caixão destinado a cadáveres de indigentes — que, no meu tempo, nunca serviu para isso — caixão existente nos baixos do pardieiro, chamado Casa do Senhor, ou da Fábrica.

Como as ideias são como as cerejas deixemos, até logo, o Evaristo, que me lembrou um acontecimento em que ele foi protagonista.

Talvez algum dos leitores, se algum viver, se lembre que em Janeiro de 1942, apareceu, em Fragoso, volfrâmio, o precioso minério. Nesse tempo — tempo da 2.<sup>a</sup> Grande Guerra — era avidamente procurado,



**Ponte de Fragoso sobre o Rio Neiva**

para fabrico de munições bélicas. Avidez justificada pois não faltava quem o pagasse a cerca de 500 escudos o quilo, sendo pesado como ferro.

Fragoso estremeceu de alegria com tal aparecimento, e quase todos os que tinham braços e pernas válidos subiam ao local da encosta, onde ele apareceu, armados de picaretas, alviões, enxadas a fossar nesses sítios, onde o minério era encontrado em forma de aluvião, em pequenos blocos ou fragmentos por vezes distanciados.

O acontecimento deu lugar a uma pilhagem selvática, e começaram a acudir ao local estranhos à freguesia, alegando que o sol quando nasce é para todos. Resultou disso tocarem o sino a rebate, sem o meu conhecimento, para correrem, como correram, os entrusos, havendo escaramuças e queixas no tribunal, sem consequências de maior.

Sendo eu, ao tempo, Pároco e Presidente da Junta de Freguesia, e vendo, por um lado, a ganância de tantos e, por outro, a marginalização de tantos outros que não podiam, por invalidez ou velhice, empunhar a picareta, e pensando ao mesmo tempo que a exploração seria prolongada ou sem fim, e na possibilidade de encontrar algum filão de minério, num domingo, chamei à sacristia os chefes de família aos quais propus uma exploração ordenada do minério com uma única pessoa de cada casa e todos a deitarem o minério encontrado nos sacos entregues a homens de confiança, sendo o minério depois vendido e o seu produto repartido, 50 % aos chefes de família, 40 % aos filhos e demais familiares, e 10 % para melhoramentos da freguesia. Os chefes de família que não tivessem pessoa válida que pudesse trabalhar mandariam outrem por si.

Esta ordenação teria também a vantagem de dar tempo e pessoal para a apanha da azeitona, que se estava a perder, e tratar dos gados, que estava a mirrar de fome nas cortes.

A proposta foi aprovada e a exploração, que tinha sido interrompida pelas autoridades da freguesia, recomeçou, enchendo-se alguns sacos de volfrâmio. Algum talvez fosse ferro que também aparecia.

Não faltou quem me felicitasse pela ordenação dada à exploração e pelo ideal que a ditou.

Ainda conservo um cartão do então médico do Partido Camarário, que ninguém conhecia como tal, perguntando-me se na «cristianíssima lista dos contemplados não haveria lugar para ele»...

Aconteceu, porém, que um conhecido advogado, de Barcelos, vindo a casa do Evaristo Brasileira, seu encarregado de olhar pelas muitas glebas da partilha dos baldios, que tinha comprado, teve o palpite de haver minério numa gleba vizinha da casa do dito Evaristo, na encosta do monte e, no dia 8 de Novembro de 1941, fez, na Câmara de Barcelos, o registo de outro minério, visto que, de volfrâmio o não podia fazer. O sítio onde, pouco depois, apareceu, era próximo e não sei se o registo feito o abrangia.

O que é certo é que o dito advogado, informado da exploração, que pouco depois teve início, arrogando-se o exclusivo direito à exploração que Fragozo estava fazendo, quis opor-se a ela. Para isso pediu ao administrador do concelho — Monteiro Torres — que me chamasse a Barcelos para uma reunião, em que me deu conhecimento dos seus pretensos direitos, que eu não lhe reconheci, resultando uma corte de relações.

Alguns dias após, apresentou-se no sítio da exploração que se estava fazendo, em conformidade com a minha proposta, acompanhado de um piquete da G. N. R., chefiada pelo sargento Encarnação. Ao ver a actividade de tanta gente, e tanta outra assistindo como mirones (eu entre esta), o sargento houve por bem dizer-lhe: — Senhor Doutor, vamos embora. Seria uma imprudência proceder contra tanta gente, e para mais de ferramenta na mão. Poderia ser uma tragédia, lhe diz, como seria, com certeza. E foram-se embora, sem dizerem ao que tinham vindo. Não houve troca de uma única palavra.

Mas o advogado não desarmou. Teve quem o informasse do dia, hora e local, da venda do minério, em hasta pública. E, precisamente a essa hora, apareceu no adro uma charrete com uma dúzia de guardas-fiscais, de Viana do Castelo, os quais, vendo alguém a fugir, com um saquito de meia arroba, o intimaram a parar e entregar o saco, que efectivamente levava minério.

Em seguida dirigiram-se a mim, dizendo que traziam ordens para me revistarem a casa que eu habitava — residência paroquial — que eu franqueei. Fizeram a revista a pente fino, da casa e do Passal, e passaram perto do minério, mas como este não cheirava deram a revista por terminada e sentaram-se a escrever o auto do encontro.

O povo começou a juntar-se, apesar de eu evitar o toque do sino a rebate (para o que meti a chave da torre no bolso), e preparavam-se para ir embora com o saquito encontrado.

O povo, cada vez em maior número, gritava cada vez mais alto: «o minério é nosso, não o levam». O chefe da Corporação dirige-se a mim e diz-me: — fica V. fiel depositário desse volfrâmio. Eu recusei-me, dizendo que o minério era do povo e eu não podia responsabilizar-me por ele. Cresce a multidão, cercam a charrete e os polícias encostam-se a ela de arma em sentido, na iminência de alguma violência por parte do povo, ao qual eu disse: «antes quero que me desconsiderem a mim do que à Guarda-Fiscal». Mas a gritaria continuava, destacando-se, entre os que mais gritavam, o Evaristo Neiva, com a costumada borra-cheira, à porta de uma taberna, pelo que a Guarda Fiscal tomou o nome dele e o Evaristo teve de ir ao mocho do Tribunal, indo eu como testemunha de defesa.

Custou isso meia dúzia de contos, que o minério houve por bem pagar.

Soube-se depois que foi o dito Evaristo quem informou o referido advogado do dia e hora do leilão.

Hoje reconheço que, embora a minha intenção fosse boa, e muito cristão o desejo de fazer participar do esperado bodo todas as famílias de Fragoso, devia prever que o meu sonho era irrealizável, devido à deslealdade de muitos e à versatilidade dos homens, e ainda à falta de cobertura da Lei Civil.

Contudo, fez-se na Casa do Povo uma distribuição de algumas dezenas de contos por todos os fogos da freguesia, não chegando a trezentos escudos aqueles que mais receberam.

O minério fez-me viver as horas mais amargas da minha parquialidade, de quase 40 anos, em Fragoso, mas podiam ter acontecido coisas piores, tendo na origem o Evaristo das trutas, que foi a Barcelos para me meter na cadeia e eu ao Tribunal para o livrar dela, mais o Dr. Lima Torres, como advogado, a quem paguei com o dinheiro do minério.

Com isso só pratiquei o Mandamento de Cristo «Amai os vossos inimigos. Fazei bem aos que vos fazem mal». E não foi só esta vez. Contudo ainda gostaria de oferecer ao Evaristo mais um quartilhito do meu verde. Mas, decerto, dada a nossa avançada idade, não teria mais oportunidade de o fazer. E por aqui me fico.



*Justino Oliveira da Costa Maciel*  
(NOTÍJUS)

- *Prudência, infidelidade, pureza...*





**JUSTINO OLIVEIRA DA COSTA MACIEL**

Nasceu em 16 de Maio de 1915

Lugar do Apeadeiro — Durrães-Barcelos



**PRUDÊNCIA!... / INFIDELIDADE!... / PUREZA!...**

A virtude venceu o pecado!  
Aconteceu? Acontece? Acontecerá?

Só Deus o sabe!... A voz da consciência o dirá!...  
PAI!... MÃE!... FILHA!...

O pai era crente, muito sereno e calmo,  
Era muito prudente e tinha muita esperança.

A mãe era ingrata, jamais o compreendera,  
Nunca soube ser uma boa esposa e mãe.

Sua filha era muito pequenina ainda,  
mas sentindo pelo pai um amor infindo.

— Mamã, porque será que o meu papá não vem,  
como tantas vezes sempre ao anoitecer?  
P'ra cear, falar, sorrir e rezar connosco  
e depois dormir até ao amanhecer?

Nada responde aquela mãe desnaturada  
e para não a ouvir, quantas vezes se esconde!...

— Tenho saudades, Mamã, do Papá querido,  
dos beijos que ele me dava antes de partir,  
jamais temendo a chuva, o frio, a neve e o vento,  
enquanto que nós ficávamos a dormir.

— Tantas vezes fui esperá-lo à ribeira,  
pelos atalhos marginados de papoilas.  
Os passarinhos misturavam seus trinados  
ao cantarolar variado das moçoilas.

— Ao som das Trindades, lá vinha o meu Papá  
muito cansado por entre os pinhais rezando;  
Pedindo a Deus muita paz para nossa casa,  
tão fugitiva e ausente de vez em quando.

— Nas tardes amenas de Outono e Primavera  
Geladas pelo Inverno e quentes pelo Verão,  
eu esperava o meu Papá junto ao moinho  
para o abraçar muito junto ao coração.

— Depois de uma troca demorada de beijos,  
vínhamos pelos atalhos contando histórias  
de princesas, reis e de moiras encantadas,  
que ainda hoje se mantêm na memória.

— Lembro aquelas noites quando chegava a casa,  
sem haver brasas e a ceia por fazer,  
Em que o Papá rezava enquanto eu chorava,  
sem saber da Mamã para me adormecer.

— Mamã, porque será que o meu Papá não vem  
como tantas vezes, sempre ao anoitecer?  
P'ra cear, falar, sorrir e rezar connosco  
e depois dormir até ao amanhecer?

Já não tem calma essa mãe tão extraviada,  
Porque o remorso já vive na sua alma!...

— Mas eis que chegou um dia em que o Papá não veio  
ter, como tantas vezes, junto ao moinho.  
Eu rezei, chorei, adormeci e acordei  
no colo do moleiro que era meu padrinho.

— Trouxe-me de volta pelos mesmos atalhos  
e veio colocar-me no nosso jardim,  
dizendo: Vai em paz e dorme sossegada  
que sejas feliz, por muitos anos sem fim.

— Chamei por ti, Mamã, mas não me respondeste.  
O próprio Sol se escondeu, para além do mar,  
Pois só muito tarde é que tu apareceste  
E me deste ordens para eu ir-me deitar.

— Eu tenho medo, Mamã, de dormir sozinha,  
Troveja muito ao longe sendo a noite enorme,  
Passam os fantasmas nos corredores escuros,  
Vela a tua filha, que assim ela não dorme.

— O remorso será o teu carrasco, mãe.  
De noite e de dia, sim, pela vida inteira!...

— Eu tenho tanta fome, tanta sede e frio  
e nesta casa não há nada que comer.  
O cantarinho da fonte já não tem água,  
o lume já sem brasas para me aquecer.

— Mamã, porque será que o meu Papá não vem,  
como tantas vezes, sempre ao anoitecer?  
P'ra ceiar, falar, sorrir e rezar connosco  
e depois dormir até ao amanhecer?

Aquela ingrata mãe, outrora tão ditosa,  
Não se compadece da filha tão chorosa.

A filha adormeceu de tanto ter chorado,  
Velada pelo seu anjo da guarda, amigo!...  
— Dorme, criança, o teu sono bem sossegada,  
Porque doravante estarei sempre contigo!...

A tempestade passou, o Sol já nascera  
E a pobre criança dorme o seu justo sono,  
Sonhando sempre com o seu paizinho amigo,  
que não a deixará ficar no abandono.

O pai adoecera, nunca mais soubera  
da sua amada filha, tão estremecida!...  
Espera ter saúde, p'ra voltar a vê-la  
e tê-la consigo até ao final da vida!...

Naquela manhã de Inverno a mamã saíra  
e desde até à noite, não viera ainda.  
O Sol se escondera, o luar também nascera  
Para todos os que vão pela estrada infinda.

Alguém caminha pelas margens da ribeira,  
procurando alguém que o proteja e que o alente.  
O fragor dos açudes abafa os seus passos  
e na solidão, assim, ninguém o pressente.

O moleiro velhinho que está no moinho,  
Está moendo a rezar, dormindo a sonhar,  
Ele não tem esposa, os filhos já morreram  
Espera sempre que a morte o venha buscar.

O sino da aldeia já bateu meia-noite  
E sussurram as águas, canções cristalinas.  
As estrelas e a Lua, esperam o Sol  
para todos, em coro, cantarem matinas.

O caminheiro aproxima-se do moinho,  
onde labuta seu amigo desde a infância,  
Quer abraçá-lo, quer ouvi-lo, quer pedir-lhe  
um conselho que o ajude nessa distância.

Bate então à porta, mas tão suavemente,  
o moleiro julga ser o maldoso vento.  
Mas como é tão seguido esse bater suave,  
Então viu que errado fora o seu pensamento.

Vai abrir a porta mas com tanto receio.  
— Deus me valha nesta hora, quem me procura?  
— É um amigo que lhe quer muito desde a infância.  
Valha-me, Ti Francisco, na minha amargura!...

— Esta voz?... Mem?... Não!... Todos dizem que morreu!...  
Será ele? E se fosse? Meu bom Deus que sorte!...  
Quantas vezes, rezando confiadamente,  
Se vence, assim, tantas vezes a triste morte!...

Abre então a porta, tão demoradamente,  
receando não ser Mem, que está ali presente.  
Mas eis que este o cinge num apertado abraço,  
lembrando todo o tempo que ele esteve ausente.

— Louvado seja Deus, Mem, jamais pensei ver-te!  
Agora sim, já tenho quem vele por mim.  
Os meus todos morreram na cheia do rio,  
ao quererem salvar o menino Delfim.



— Não chore, Ti Francisco, pelo seu Menino,  
é noite de Natal, em todo o mundo há luz!  
O seu menino canta com todos os Anjos  
À Virgem Maria e ao Menino Jesus!...

— Fechemos a porta porque faz tanto frio,  
Acendamos o lume p'ra fazer a ceia,  
Ainda não é tarde para consoarmos,  
Pouco mais será que duas horas e meia.

Ao murmúrio das águas no pequeno açude  
Se acrescenta o ruído da neve que cai.  
O canhoto já arde na boa fogueira,  
Renasce a esperança, quando o frio se esvai.

Os potes já fervem na velhinha lareira,  
cozendo os tronchos, o bacalhau e batatas,  
Já cheira às rabanadas, já cheira a mexidos,  
o moinho moendo, já faz serenatas.

Truz, Truz, Truz, suavemente batem à porta.  
— Meu padrinho, meu Padrinho, eu estou aqui.  
A mãe ainda não chegou à nossa casa,  
eu tinha medo e vim para junto de si.

Pai e Padrinho correm juntos para a porta,  
ao ouvirem a voz da filha e afilhada.  
Bendito seja Deus, nos seus mais altos Céus,  
a Virgem Maria para sempre louvada.

Lacrimenam os olhos com tanta alegria,  
as bocas estão mudas, não podem falar,  
Os três se contemplam e lembram o passado,  
nesta noite de Natal à luz do luar.

Então este silêncio místico e profundo  
foi suspenso pela voz da filha Maria:

— Paizinho, meu Padrinho, eu tenho tanta fome,  
já há muito tempo que eu não tenho comido,  
fico sozinha no quarto escuro da casa  
e cheinha de medo não tenho dormido.

— Ó Papá, porque será que a Mamã não vem,  
como tantas vezes sempre ao anoitecer?  
p'ra cear, falar, sorrir e rezar connosco  
e depois dormir até ao amanhecer?

— Papá, perdoe à Mamã tudo o que nos fez,  
Deus nos manda perdoar para nosso bem.  
O meu Padrinho também vai viver connosco,  
só tenho pena nós não termos mais ninguém.

— Mem emudece pelo pedido da filha,  
O moleiro chora tão cheio de emoção.  
É noite santa tão cheia de maravilhas,  
que bem merece ser concedido perdão.

Aquela esposa e mãe, estando arrependida,  
naquela branca noite não achou a filha!...

Segue então para o moinho mui apressada  
a pedir perdão para a sua triste sina.  
Entrando, chorando, ela ajoelhou-se logo,  
dizendo — perdoai-me porque eu não sou digna.

Todos três lhe perdoaram,  
todos três tiveram pena,  
Como Jesus procedeu  
Com a pobre Madalena.

As gerações já passaram  
Uns moinhos ainda moem  
Outros são abandonados  
cheios de silvas e de heras  
com seus rodízios quebrados.

Hoje, quando passo junto à ribeira e contemplo esses moinhos abandonados cheios de silvas e de heras com os rodízios quebrados, quantas vezes penso nisto: — Algum deles teria sido o moinho do Ti Francisco?

Durrães, Setembro de 1980

*Notijus*



O Rio Neiva e na sua margem um moinho de Panque



Aspecto dos moinhos de Panque

*Dr. Manuel Justino Pinheiro Maciel*

- *O Prof. Daniel Maciel ou a Arte no Vale do Neiva*
- *Um Museu Etnográfico no Vale do Neiva?*
- *Catálogo de Manuscritos pertencentes aos antigos Conventos Beneditinos do Vale do Neiva*
- *Pontes Medievais no Vale do Neiva*





*(Desenho a lápis de Carlos Mota Leite  
e Manuel de Castro Gonçalves)*

**DR. MANUEL JUSTINO PINHEIRO MACIEL**

Nasceu em 25 de Dezembro de 1948

Lugar da Laje — Durrães-Barcelos





## O prof. Daniel Maciel ou a arte no Vale do Neiva

---

O Prof. Daniel Maciel é hoje uma figura veneranda no Vale do Neiva. Não só porque foi educador de muitos dos melhores filhos desta Terra, como também porque é o Mestre dos Poetas do Neiva contemporâncos.

Há, porém, uma faceta na vida deste Homem que não tem sido divulgada como merece: a sua Arte. A quando de algumas Exposições suas, nomeadamente em Braga, Jornais houve que o entrevistaram e sobre ele escreveram diversos artigos de fundo. Mas pouco mais escrito há sobre o génio criador deste verdadeiro artista que percorreu quase todas formas de expressão estética.

Aproveito esta publicação sobre a nossa região para me referir às obras que produziu no Vale do Neiva, as únicas de que possuo elementos concretos, pois com elas contactei de perto durante alguns anos, nas férias de Verão. O Prof. Maciel percorria as margens do Neiva à procura de raízes cujas formas motivassem determinadas expressões passíveis de expressão artística. Muitas vezes o acompanhei com meus irmãos e meus primos, aproveitando para tomar banho no Rio, nas cálidas tardes de Agosto. Uma vez dentro de água, seguíamos margem acima ou margem abaixo e, nos abrigos dos remansos ou nos córregos dos açudes, procurávamos raízes de salgueiro ou amieiro. Elas lá se encontravam, muitas vezes no meio da areia, carcomidas pelas águas e limitadas ao cernc. Muitas delas teriam dezenas ou até centenas de anos, a julgar pelas formas bizarras que a água comera e conservara na sua máxima dureza. Içadas estas raízes para fora do rio, o Prof. Daniel Maciel observava-as, voltava-as, contemplava-as, e a arte nascia, num lampejo, numa descoberta, numa criação. Muitas vezes as raízes tinham de ser cortadas na própria margem, onde secavam, sendo depois transportadas para a residência de férias do Prof. Daniel, onde sofriam a primeira limpeza de areias, cascas e madeira menos sã. Daqui seguiam

para Braga, onde o artista lhes dedicava os serões de inverno. A obra de arte nascia nas margens do Neiva. Sempre. Tudo o resto era acabamento, até atingir o equivalente ao sentido na alma do escultor.

Que Arte era esta? Ficou consagrada com o nome de *Arte do Alburno*, porque concretizada sobre o cerne das árvores. Todavia, ela consiste sobretudo, a meu ver, num diálogo do Homem com a Natureza. Aquele cria efectivamente a partir da sugestão que esta última lhe dá. Daniel



Maciel sempre imprimiu às suas obras de raízes um acentuado cunho pessoal centrado entre a Arte Abstracta e a Arte Figurativa, embora sem se limitar a estas correntes artísticas. Artista do seu tempo e sempre actualizado, todas as suas obras têm a indelével marca da sua personalidade. Os seus trabalhos estão sempre a meio caminho entre a abstracção difusa e o visual localizado. O espectador, por vezes, demora a encontrar-se quando contempla uma obra deste artista. Mas descobre-se sempre nessa contemplação e, então, não tem pejo em afirmar-se como capaz de dialogar com o significante. Porque Daniel Maciel não confina a sua arte aos moldes de uma superfície ou de um volume. Deixa o espaço aberto, suficiente para a comunicação, mas permitindo a afirmação da vivência de cada um. Eis a «*Arte do Alburno*»

do Prof. Daniel Maciel, nascida no Vale do Neiva e desenvolvida posteriormente nos Vales dos rios Âncora, Cávado e Homem.

Um rosto entre o estertor de um tronco, um torso adejando uma raiz de salgueiro, uma silhueta contornada por um manto de escalavrado cerne de amieiro, uma ave esvoaçando ou um quadrúpede cujas patas são delineadas pelos filamentos das raízes de uma cepa, tudo fala a Daniel Maciel da experiência sentida, posta *in actu* pela sua goiva ou bisturi de artista. E assim surgem os temas da Mitologia e da História, da Etnografia e da Religião, da Coreografia e da Vida.

Quem não estremeceu ao contemplar o trágico significado de uma *Taça do Rei de Thule* ou a autêntica visão humana de uma *Goa Adormecida*? O sortilégio ressalta de tantas outras obras, hoje dispersas por coleccionadores, familiares e particulares, como esta que aqui se reproduz de *Os Três Reis Magos*, obras de que não existe, infelizmente, um catálogo, mas que marcam para sempre, junto de quem as contempla, a personalidade do Prof. Daniel Maciel: profundo Amor à Terra, optimismo e confiança, suavidade e religiosidade. E em tudo isto uma abertura à Verdade, que começa por se revelar nas coisas simples, mesmo quando escondidas sob a limpidez das águas. Eis Daniel Maciel, um Artista, um Homem.



## Um museu etnográfico no Vale do Neiva?

---

A progressiva tecnicização do mundo rural aliada à emigração para as zonas industriais e citadinas fez com que processos tradicionais de indústria com base na força motriz das águas do Rio Neiva e ribeiros adjacentes fossem sendo abandonados. Este abandono acentuou-se nos anos sessenta, com a dupla saída das novas gerações para a Guerra no Ultramar e para França, de tal modo que em poucos anos a ruína sobreveio à maior parte das azenhas, lagares e engenhos de serra do nosso Rio, já sem falar dos engenhos de linho, destruídos há muito mais tempo. Debruçados sobre as águas, estes edifícios, encerrados, em breve ficaram reduzidos a paredes, porque a humidade corroe os soalhos, as portas e as vigas que suportavam os tectos, encarregando-se as cheias de destruir o resto.

No início da década de setenta, esta situação transformou-se em espectáculo quase apocalíptico, a ponto de algumas pessoas sentirem a necessidade de preservar tudo o que fosse possível das técnicas hidráulicas do Rio Neiva. Cândido Maciel esteve à frente de todo este movimento. Percorreu então todo o Vale registando imagens e recolhendo objectos de azenhas, moinhos e lagares. De alguns destes edifícios abandonados adquire mós de granito, rodas de azenha e respectivos eixos e entrosas, adelas, adelhões, tremonhas, pás de tirar farinha, tambores de engenhos de linho e respectivos cilindros de engrenagem, além de todos os objectos intervenientes na indústria do linho: maceradores manuais, ripos, pentes, espadeladoiros, sedeiros, rocas e fusos, doadoiras, enchedores de canelas, novelos e um tear. Mas não fica por aqui: recolhe galgas de lagares de azeite, pesos e ceiras; engrenagens, em ferro, de estanca-rios e engenhos de serra; rodízios e *penas* de moinhos; mós manuais, etc., etc.

Torna-se evidente o mérito de Cândido Maciel na salvaguarda de todo este património, tanto mais que pagou do seu bolso tudo o que

adquiriu aos proprietários dos engenhos do Rio Neiva e seus afluentes, prestando assim um grande contributo à Cultura do nosso Vale e preservando para o futuro riquezas que se perderiam com o rodar dos anos. Por outro lado, mantendo as portas abertas a todos os investigadores de Etnologia e Etnografia, Cândido Maciel está a prestar um serviço à Cultura deste País, pelo que não será de modo nenhum descabido que as autoridades competentes lhe dêem todo o apoio na consolidação do seu Museu Etnográfico.

Bem perto do Rio Neiva, na freguesia de Durrães, Concelho de Barcelos, Cândido Maciel está criando um autêntico Ecomuseu, integrado no dia-a-dia da população ribeirinha. Pode, por isso, a sua iniciativa dar origem a muitas outras subsequentes. Cândido Maciel deu o primeiro passo na defesa do nosso Rio e do nosso Vale. Sigamos-lhe na peugada. Pensemos já na criação de uma Associação de Amigos do Rio Neiva, que já existe na prática, como o prova este livro. Esta Associação continuará o esforço iniciado na década de setenta e velará para que a nossa Terra, o nosso Vale, continue a ser o Paraíso em que nascemos. Ao mesmo tempo, um Museu Etnográfico no Vale do Neiva ajudar-nos-á a não esquecer o passado, a compreender o presente e a preparar o futuro.



Trecho do Rio Neiva em Durrães, vendo-se a azenha  
de António de Castro





# Catálogo de manuscritos pertencentes aos antigos conventos beneditinos do Vale do Neiva

---

Para quem se interessa pela história social e económica do nosso Vale, tem imensa importância o conhecimento de documentos que permitem uma melhor percepção do que foi a sociedade neivense no passado. Entre estes documentos, sobressaem pelo valor do seu testemunho os manuscritos dos conventos beneditinos extintos no século passado.

Aqui se transcrevem aqueles que pude localizar no Arquivo Nacional de Braga e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Para os primeiros, servi-me do trabalho publicado pelo Doutor José Mattoso, *Inventário dos Fundos dos Antigos Mosteiros Beneditinos existentes no Arquivo Distrital de Braga*, in *Bracara Augusta*, XX (1966), 45-46, pp. 358-412. Para os segundos, o catálogo apresentado provém da minha pesquisa pessoal nos Índices da Torre do Tombo.

Destes documentos, já tive oportunidade de consultar bastantes, tanto em Braga como em Lisboa. Eles aguardam a atenção dos investigadores, permitindo nomeadamente interessantes estudos histórico-económicos sobre a nossa região a partir do século XV. Pena que alguns se encontrem em péssimo estado de conservação.

Possa a publicação deste catálogo contribuir para que todos tenham acesso a informações de ordem cultural que dificilmente estariam ao alcance daqueles que se encontram longe das fontes de documentação.

Vale do Neiva, Verão de 1980.

## A — DO CONVENTO DE SANTA MARIA DE CARVOEIRO

### I — NO ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

#### *Livros de Recibo:*

1. 1583	21. 1645	41. 1686	61. 1732
2. 1589	22. 1646	42. 1687	62. 1737
3. 1590	23. 1648	43. 1689	63. 1746
4. 1604	24. 1649	44. 1691	64. 1748-49
5. 1611	25. 1652	45. 1695	65. 1752
6. 1614	26. 1654	46. 1696	66. 1754
7. 1617	27. 1657	47. 1698	67. 1755-56
8. 1619	28. 1658	48. 1699	68. 1757-60
9. 1621	29. 1659	49. 1700	69. 1762
10. 1622	30. 1660	50. 1701	70. 1765-69
11. 1624	31. 1664	51. 1703	71. 1776
12. 1626	32. 1665	52. 1704	72. 1780
13. 1628	33. 1666	53. 1709-10	73. 1781
14. 1630	34. 1672	54. 1712	74. 1787-97
15. 1632	35. 1674	55. 1713-14	75. 1798-02
16. 1633	36. 1676	56. 1715	76. 1803-08
17. 1634	37. 1678	57. 1720	77. 1808-15
18. 1636	38. 1679	58. 1722	78. 1816-21
19. 1637	39. 1683	59. 1726	79. 1828
20. 1639	40. 1684	60. 1727-28	80. 1832-33

*N. B.* — O número à esquerda é a cota do manuscrito. O da direita diz respeito ao ano a que o documento diz respeito.

#### *Tombos:*

81. 1. Sem data, vol. II.

#### *Livros de Depósito:*

82. 1632  
 83. 1641  
 84. 1683  
 85. 1731  
 86. 1740  
 87. 1752  
 88. 1758, 1767 e 1780  
 89. 1789, 1795, 1799, 1801, 1807, 1813 e 1816.

*Livros vários:*

90. Livro das Visitas, 1731-1733
91. Livro das Audiências, 1756, 1777
92. Livro do Descargo do Recibo, 1786-1788
93. Livro do Descargo do Recibo, 1795-1797
94. Livro do Descargo do Recibo, sem data
95. Maço de papéis vários (14 documentos)
96. Maço de Sentenças
97. Maço de 13 documentos com: — Índice dos prazos (Séc. XIX).  
— Fragmento do Índice do Cartório.  
— Fragmentos do Índice dos livros de prazos.
98. Maço de prazos (15 documentos dos séculos XVII-XVIII).

## II — NO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

*N. B.* — O último número a ser citado corresponde à cota do documento.

*Prazos:*

- Livro 1.º — 1503-1632, 166 — Respeitante a Carvoeiro, Capareiros, Mujães, Durrães, Quintiães, Aborim, Portela, Campo, Carapeços e Abade do Neiva.
- Livro 2.º — 1567-1640, 167 — Respeitante a Quintiães, Aborim, Cossourado, Balugães e Poiares.
- Livro 3.º — 1535-1639, 168 — Navió, Vitorino de Piães, Aborim e Capareiros.
- Livro 4.º — 1544-1648, 169 — Mujães, Portela, Vila de Punhe, Geraz (St.<sup>a</sup> Leocádia e St.<sup>a</sup> Maria), Moreira, Baião, Vila Franca, Serreleis, St.<sup>a</sup> Marta e S. Julião do Calendário.
- Livro 5.º — 1647-1679, 170 — Poiares, Capareiros, Mujães, Balugães, Aborim, Quintiães, Abade do Neiva, Aguiar, Navió, Portela, Cossourado, St.<sup>a</sup> Maria de Geraz e Carvoeiro.
- Livro 6.º — 1650-1683, 171 — Vila de Punhe, Capareiros, Campo, Vitorino, Navió, Poiares, Aborim, Quintiães, Carvoeiro, Vilar de Figos,

- Ribeira de Âncora, Lanhezcs, Garfe, St.<sup>a</sup> Leocádia de Geraz e Serreleis.
- Livro 7.º — 1684-1701, 172 — Durrães, S. Julião, Balugães, Calvelo, Vitorino, Navió, Mujães, Capareiros, Vilar de Figos, Aborim, Garfe, Quintiães e Deocriste.
- Livro 8.º — 1686-1716, 173 — Aborim, Balugães, Vitorino, S. Julião, Carvoeiro, Portela, Vila Franca, Mujães, Capareiros, Quintiães.
- Livro 9.º — 1613-1724, 174 — Cossourado, Poiares, St.<sup>a</sup> Marta, Capareiros, Quintiães, Vitorino, Navió, Durrães, Carapeços, Balugães e Mesquitela.
- Livro 10.º — 1723-1725, 175 — Capareiros, Carvoeiro, Poiares, Vila de Punhe, Quintiães, Durrães e Aguiar.
- Livro 11.º — 1725-1728, 176 — Carvoeiro, Durrães, Poiares, Mujães, Vitorino, Navió, St.<sup>a</sup> Lucrecia de Guimarães e Vila de Punhe.
- Livro 12.º — 1724-1731, 177 — Cossourado, Durrães, Caminha, Carvoeiro, Serreleis, Poiares, Capareiros, Balugães, Guimarães, Marinhas, Quintiães, Vitorino e Vilar de Figos.
- Livro 13.º — 1689-1746, 178 — Subportela, Aborim, Riba d'Âncora, Carvoeiro, Baião, Portela, Balugães, St.<sup>a</sup> Leocádia de Geraz, Vitorino, Garfe, Quintiães, Aguiar e Poiares.
- Livro 14.º — 1753-1761, 179 — Vitorino, Poiares, Balugães, Quintiães, Capareiros, St.<sup>a</sup> Marta, Mujães, Carvoeiro, Poiares, Durrães e Vila Franca.
- Livro 15.º — 1763-1764, 180 — Mujães, Capareiros, Vila de Punhe, Durrães, Aguiar, Quintiães, Carvoeiro, Balugães e Portela.
- Livro 16.º — 1632-1774, 181 — Capareiros, Vitorino, Carvoeiro, Vila de Punhe, Balugães, Aborim, Quintiães, Lanheses, Poiares e Durrães.
- Livro 17.º — 1775-1782, 182 — Durrães, Couto, Quintiães, Vitorino, Carvoeiro, Poiares, Cossourado.
- Livro 18.º — 1782-1785, 183 — Carvoeiro, Durrães, Vila de Punhe, Vilar de Figos, Viana, Mujães e Couto.

- Livro 19.º — 1785-1786, 184 — Vila de Punhe, Carvoeiro, Couto, Aborim, Serreleis, Quintiães, Durrães, Geraz do Lima (St.ª Leocádia), Mujães, Portela, Viana, Poiares.
- Livro 20.º — 1786-1791, 185 — Carvoeiro, Durrães, Quintiães, Marinhas, Poiares, Mujães, Couto, Cossourado e Aguiar.
- Livro 21.º — 1789-1792, 186 — Carvoeiro, Poiares, Couto, Vitorino da Granja, Aguiar, Navió, St.ª Leocádia de Geraz e Durrães.
- Livro 22.º — 1795-1798, 187.
- Livro 23.º — 1785-1798, 188.
- Livro 24.º — 1795-1799, 189 — Carvoeiro, Durrães, Aldreu, Vitorino.
- Livro 25.º — 1799-1800, 190.
- Livro 26.º — 1799-1801, 191 — Carvoeiro, Aborim, Balugães, Couto.
- Livro 27.º — 1800-1801, 192 — Couto e Carvoeiro.
- Livro 28.º — 1802-1803, 193 — Couto, Durrães, Carvoeiro.
- Livro 29.º — 1802, 194 — Carvoeiro, Couto, Durrães.
- Livro 30.º — 1802-1804, 195 — Durrães, Carvoeiro, Couto, Aborim, Quintiães.
- Livro 31.º — 1700-1807, 196 — Poiares, Vitorino (St.º André), S. Paio de Antas, Belinho.
- Livro 32.º — 1696-1810, 197 — Couto, Capareiros, Carvoeiro, Mujães, Quintiães, Balugães, Cossourado.
- Livro 33.º — 1715-1810, 198 — Carvoeiro, Durrães, Carapeços, Balugães.
- Livro 34.º — 1812-1822, 199 — Portela, Antas, Belinho, Vila de Punhe, Mujães, Deocriste.
- Livro 35.º — 1816-1820, 200 — Carvoeiro, Couto de Capareiros, Durrães.
- Livro 36.º — 1811-1822, 201 — Carvoeiro e Aborim.
- Livro 37.º — 1692-1827, 202 — Carvoeiro, Vitorino, Aborim, Quintiães, Couto de Capareiros.
- Livro 38.º — Vários, 203 — Carvoeiro, Balugães, Vitorino, Serreleis, Capareiros.

- Foraes e Tombos — 1528, 204 — Campo, Aborim, Vitorino de Piães, Balugães, Poiares, Durrães, Capareiros, Carvoeiro.
- Tombo Ecclesiástico — 1543, 205 — Carvoeiro, Capareiros, Vitorino, Aborim.
- Tombo de Casaes e Herdades — 1543, 206 — Carvoeiro, Aborim, Poiares, Quintiães, Balugães, Durrães, Cossourado, Belinho, Mujães, Mosteirão.
- 2.<sup>a</sup> Parte do 1.<sup>o</sup> Tombo de Casaes e Herdades, — 1554, 207 — Carvoeiro.
- 1.<sup>a</sup> Parte do 1.<sup>o</sup> Tombo de Casaes do Couto — 1624, 208 — Couto de Carvoeiro.
- 3.<sup>a</sup> Parte do 1.<sup>o</sup> Tombo — 1561-1623, 209 — Padela, Bouça, Tomadías, Mujães, Capareiros.
- Tombo 4.<sup>o</sup>, Casaes — 1589-1626, 210 — Durrães, Aborim, Mujães e Vila de Punhe.
- Tombo 1.<sup>o</sup>, Demarcações do Couto — 1667, 211 — Carvoeiro.
- Livro 1.<sup>o</sup>, Arrendamentos — 1555-1561, 212 — Carvoeiro.
- Livro 2.<sup>o</sup>, Acrescentamentos do Mosteiro — 1561-1586, 213 — Vitorino, Portela, Geraz, Marinhas, Poiares, Balugães, Cossourado, Quintiães, S. Bartolomeu das Marinhas, Belinho, Durrães, Vila Franca, Padela, Vila de Punhe, Tomadías, Vacaria, Capareiros, Aborim.
- Livro 3.<sup>o</sup>, Arrendamentos — 1586, 214 — Durrães, Mujães, Capareiros, Quintiães, Prado, Padela, Portela, Vitorino, Geraz, Belinho, Tomadia.

*Arrendamentos:*

- |  |  |
|--|--|
| Livro 4. <sup>o</sup> — 1602-1609, 215.  | Livro 12. <sup>o</sup> — 1649-1668, 223. |
| Livro 5. <sup>o</sup> — 1546-1618, 216.  | Livro 13. <sup>o</sup> — 1650-1660, 224. |
| Livro 6. <sup>o</sup> — 1608-1624, 217.  | Livro 14. <sup>o</sup> — 1668-1673, 225. |
| Livro 7. <sup>o</sup> — 1618-1630, 218.  | Livro 15. <sup>o</sup> — 1673-1678, 226. |
| Livro 8. <sup>o</sup> — 1605-1632, 219.  | Livro 16. <sup>o</sup> — 1678-1685, 227. |
| Livro 9. <sup>o</sup> — 1633-1636, 220.  | Livro 17. <sup>o</sup> — 1685-1694, 228. |
| Livro 10. <sup>o</sup> — 1636-1645, 221. | Livro 18. <sup>o</sup> — 1694-1706, 229. |
| Livro 11. <sup>o</sup> — 1645-1650, 222. | Livro 19. <sup>o</sup> — 1631-1777, 230. |

*Sentenças:*

Livro A — 1548-1638, 231 — Couto, Carvoeiro, Portela.

Livro B ou 2.º — 1584-1611, 232 — Vitorino, Várzea, Poiares, Balugães, Carvoeiro.

Livro C — 1585-1646, 233 — Vila Franca, Geraz, Capareiros, Marinhas, Belinho, Campo, Marta, Paço Velho, S. Julião.

Livro D — 1603-1637, 234 — Vila de Punhe, Durrães, Aborim, Mujães, Deocriste, Quintiães, Portela, Geraz.

Livro E — 1733-1742, 235 — Carvoeiro.

Livro F — 1713-1732, 236.

Livro G — 1612-1632, 237 — Carvoeiro.

*Vedorias:*

Livro 1.º — 1506-1612, 238 — Garfe, Mujães, Capareiros, Durrães, Aborim, Balugães, Cossourado, Carvoeiro, Poiares, Vitorino, Campo, Quintiães, Vila de Punhe, Portela, Carapeços.

Livro B ou 2.º — 1506-1618, 239 — Carvoeiro, Deocriste, Marinhas, Belinho, Geraz, Durrães, Vitorino, Capareiros, Lanheses, Portela, Caminha.

Livro 4.º — 1725-1729, 240 — Carvoeiro.

Livro D ou 4.º — 1593-1610, 241 — Poiares, Aborim, Fragoso, Cossourado, Mujães, Vila de Punhe, Portela, Capareiros.

Livro 5.º — 1650-1661, 242.

Livro 6.º — 1693-1735, 243.

Livro A — 1748-1763, 244.

Livro B — 1763-1711, 245.

Livro — 1767-1782, 246.

Livro — 1801-1806, 247.

Livro 2.º — 1610-1640, 248 — Vila de Punhe, Quintiães, Poiares, Marufe, Geraz, Portela, Serreleis, Vitorino, Mujães, Cossourado, Balugães.

## B — DO CONVENTO DE PALME

### NO ARQUIVO DE BRAGA

(Não há manuscritos deste Convento na Torre do Tombo)

#### *Prazos Antigos:*

1. 1560-1656
2. 1653-1670
3. 1659-1667
4. 1674-1683

#### *Livros de Prazos:*

5.º Volume — 1.	1648-1703	30.º Volume — 26.	1760-1761
6.º » — 2.	1703-1705	31.º » — 27.	1754-1767
7.º » — 3.	1705-	32.º » — 28.	1779-1783
8.º » — 4.	1705-1706	33.º » — 29.	1706-1783
9.º » — 5.	1706-1708	34.º » — 30.	1769-1783
10.º » — 6.	1706-	35.º » — 31.	1769-1784
11.º » — 7.	1706-1707	36.º » — 32.	1781-1790
12.º » — 8.	1711-1712	37.º » — 33.	1784-1791
13.º » — 9.	1711-1713	38.º » — 34.	1785-1789
14.º » — 10.	1708-1717	39.º » — 35.	1781-1794
15.º » — 11.	1708-1716	40.º » — 36.	1766-1797
16.º » — 12.	1708-1716	41.º » — 37.	1771-1799
17.º » — 13.	1683-1619	42.º » — 38.	1791-1819
18.º » — 14.	1705-1717	43.º » — 39.	1791-1808
19.º » — 15.	1708-1709	44.º » — 40.	1786-1810
20.º » — 16.	1705-1718	45.º » — 41.	1809-1813
21.º » — 17.	1708-1715	46.º » — 42.	1795-1817
22.º » — 18.	1693-1717	47.º » — 43.	1816-1819
23.º » — 19.	1709-1720	48.º » — 44.	1825-1826
24.º » — 20.	1704-1719	49.º » — 45.	1826
25.º » — 21.	1708-1727	50.º » —	1827-1828
26.º » — 22.	1730-1745	51.º » —	1827-1828
27.º » — 23.	1745-1751		(16-docs.)
28.º » — 24.	1752-1758	52.º » —	1828-1831
29.º » — 25.	1756-1758		



*Livros das Vedorias:*

53.º	Volume — 1624-1656 (4 docs.)	67.º	Volume — 1716
54.º	» — 1677	68.º	» — 1727
55.º	» — 1674	69.º	» — 1742
56.º	» — 1701	70.º	» — 1744
57.º	» — 1704	71.º	» — 1751
58.º	» — 1705	72.º	» — 1756
59.º	» — 1705	73.º	» — 1760
60.º	» — 1706	74.º	» — 1789
61.º	» — 1706	75.º	» — 1792
62.º	» — 1706	76.º	» — 1810
63.º	» — 1709	77.º	» — 1811
64.º	» — 1710	78.º	» — 1813
65.º	» — 1711	79.º	» — 1814-1826
66.º	» — 1713	80.º	» — 1551-1716

*Livros Vários e Tombo:*

81. Sentenças — 1724-1753 (17 docs.).
82. Sentenças — 1755-1830 (6 docs.).
83. Documentos vários — 1589-1807.
84. Mostrador em borrão (séc. XVIII) e fragmentos dos livros de recibo (34).
85. Mostrador — 1765 (?).
86. Compêndio do tombo — sem data.
87. Mostrador — 1810-1812 (intitulado «recibo»).
88. Livro dos gastos do Tombo — 1780.
89. Livro do recibo — 1810-1812.
90. Livro do recibo — 1813-1815.
91. Livro do recibo — 1819-1824.
92. Livro do recibo — 1825-1833.
93. Tombo — 1551.
94. Autos (?) do Tombo — 1551.
95. Tombo de 1590, Vol. I (em péssimo estado de conservação).
- 96 e 97. Idem, vols. II e III.

C — DO CONVENTO DE S. ROMÃO DO NEIVA

I — NO ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

*Livros do Recibo:*

- 1 a 12 — 1679-1782.
- 13 a 15 — Sem data.
- 16 a 72 — 1601 a 1798.
- 73. Sem data.

*Livros do Descargo do Recibo (Trienais):*

- 74 a 90. 1662-1825.

*Livros do Depósito (Trienais):*

- 91 a 105. 1696-1822.

*Rol das Dívidas dos Caseiros:*

- 106 a 115. 1623-1819.

*Livros do Gasto:*

- 116 a 130. 1695-1828.

*Livro das Fornadas:*

- 131. 1725.
- 132. 1773, 1786, 1792, 1813, 1819, 1822 e 1825.

*Livros Vários:*

- 133. Maço de Prazos (28 docs.).
- 134. Idem (29 docs.).
- 135. Idem (26 docs.).
- 136. Idem (7 docs.).
- 137. Idem (34 docs.).

138. Maço de Prazos (46 docs.).
139. Prazos (I).
140. Idem (II).
141. Idem (III).
142. Livro das Ratas das Terras.
143. Idem (Vila Chã) — 1753.
144. Idem — 1803.
145. Mostrador — sem data.
146. Idem.
147. Livro da Rouparia — 1713.
148. Idem — 1783, 1781-1818.
149. Livro dos Extraordinários — 1798.
150. Idem — 1804.
151. Idem — 1810.
152. Livro da Sacristia — 1707.
153. Idem — 1719.
154. Idem — 1767.
155. Idem — 1807.
156. Livro das Obras — 1710.
157. Idem — 1719.
158. Idem — 1749-1761.
- 159-160. Livro dos Domínios e Luctuosas, — 1651 e 1752, respectivamente.
161. Borrão para a repartição do finto.
162. Livro da Razão — 1782.
163. Rol da Cobrança de Vila Fria — 1816.
164. Livro das Capelas — 1623-1625.
165. Foros a dinheiro — 1828.
166. Apontamentos de Teologia (séc. XVIII).
167. Livro dos Monges que se mudam e vêm conventuais para este mosteiro de S. Romão — 1761-1833.
168. Dietário.
- 169-170. Livros das Autoridades — 1718 e 1752, respectivamente.
- 171-175. Livros das Visitas — 1683-1810.
- 176-177. Livros dos Conselhos — 1752 e 1804, respectivamente.
178. Rol das dívidas do mosteiro — 1635.
179. Sentenças (20 docs.).
180. Idem (13 docs.).
181. Idem (8 docs.).
182. Apelações do Juiz do Tombo.
- 183-189. Papéis diversos.
190. Recibos vários.

*Gavetas:*

191. Gaveta I (falta).
192. Gaveta II (8 docs.).
- 193-203. Gavetas III a X (vários docs. em cada).
- 204-206. Gavetas da Gândara.
207. Gaveta de Alvarães (33 docs.).
208. Maço sem indicações do n.º da gaveta.

II — NO ARQUIVO DA TORRE DO TOMBO

*Livros de Prazos:*

540. 1831.
541. Livro n.º 8 — 1684-1685.
554. 1323-1450 — Lanheses, Alvarães, Cortinhal da Vela, S. Paio d'Antas e Casal d'Eiras.
555. 1515-1834 — Santa Leocádia, Santa Maria de Geraz, Belinho, Rebordões, Carreço, Afife, Anhão, Mujães, Macedo, Carvoeiro e Ganfei.
556. 1621-1773 — Belinho, S. Paio, Gândara, Vila Fria.

*Livros das Meditações das Terras:*

538. 1768 — S. Martinho de Fria.

*Vedorias:*

539. 1599.
543. 1669.
542. 1761.
544. 1701-1726.
546. 1783.
547. 1752-1755.
548. 1755-1760.
549. 1533-1654.
550. Livro 3.º — 1650-1716 — Chafé, Vila Fria, Alvarães, Vila Franca, Subportela, Cossourado, Vila de Punhe, Gândara, Rebordões, S. Fins, Santa Marta, S. Miguel, Deão e S. Romão.

- 551. 1689-1692 — Gândara, Vila de Punhe, Anha, S. Romão, Santa Cristina, Forjães, Rebordões, S. Salvador do Souto, Fornelos.
- 552. 1681-1704 — Cossourado, Alvarães, Gândara, Anhão, Afife, Santa Cristina, Vila de Punhe, Vila Fria, Geraz e Viana.
- 553. 1779-1783.
- 545. 1729 (Index).
- 554. Cópia do Inventário dos Objectos e Papéis relativos a este Mosteiro — 1834.

*N. B.* — No maço 747 relativo aos conventos dos distritos de Braga e Viana do Castelo há um pergaminho que se julga pertencer ao Convento de S. Romão com data de 1240.



# Pontes medievais no Vale do Neiva

Um escritor dos nossos dias disse algures que o mundo de hoje seria melhor se as pessoas em vez de muros construísssem pontes. Estas pressupõem comunicação, ultrapassagem de obstáculos, esforço, espírito de aventura, cooperação, enfim, tudo aquilo que é positivo no trabalho humano. Um tema sugestivo que poderia ser desenvolvido com interesse...

Por agora, todavia, ficamo-nos pelo tema mais prosaico das pontes medievais que no Vale do Neiva têm interesse histórico, técnico e artístico.

A nossa abordagem passará pelas seguintes etapas:

A — *PEQUENO GLOSSÁRIO DE TERMOS APLICÁVEIS ÀS PONTES*

B — *PROBLEMÁTICA GERAL DAS PONTES MEDIEVAIS*

C — *PROBLEMÁTICA REGIONAL DAS PONTES MEDIEVAIS DE ENTRE-NEIVA-E-MINHO*

D — *PONTES MEDIEVAIS DO VALE DO NEIVA:*

I — PONTE PEDRINHA DE GOÃES

II — PONTE DE ANHEL

III — PONTE DA CARIDADE

IV — PONTE DAS TÁBUAS

V — PONTE DA QUINTA DA MATA

A — *PEQUENO GLOSSÁRIO DE TERMOS APLICÁVEIS ÀS PONTES*

*Abóbada* — Cobertura composta por pedras aparelhadas, as aduelas, rematadas por uma chave ou fecho e apoiadas em duas paredes ou pilares paralelos.

*Aduela* — Diz-se da pedra aparelhada que faz parte integrante de um arco ou abóbada. É talhada em forma de cunha para se adaptar à estrutura curva de que faz parte.

*Alhetas* — Pedras talhadas com igual dimensão mas dispostas alternadamente ao comprido e de topo, garantindo assim mais segurança a um cunhal ou a uma parede.

*Almofadado* — Paramento exterior das pedras aparelhadas que lhes dá uma saliência no centro com contorno a cinzel nas extremidades.

*Alvenaria* — Diz-se da construção de alicerces, muros e paredes em que não é dado qualquer aparelho à superfície exterior das pedras utilizadas, que não obedecem a um princípio de tamanho ou uniformidade.

*Aparelho* — Tratamento aplicado às pedras de uma construção de modo que apresentem uma linha uniforme e se adaptem rigorosamente entre si.

*Arco* — Diz-se da linha curva composta por aduelas que une duas paredes ou dois pilares paralelamente. Nas pontes há vários tipos de arcos: de volta redonda, quebrados, abatidos e um ou dois casos em que são de volta ultrapassada.

*Arco Cego* — Arco delineado numa parede, com aduelas, mas sem vão.

*Asnas* — Suportes de uma cobertura dispostas em triângulo. Em Castro Laboreiro existe uma ponte em asnas, de remotíssima origem.

*Avançamento* — Elemento arquitectónico que sobressai na frontaria de uma construção, podendo servir de suporte a outros elementos.

*Cadeia* — Conjunto de pedras dispostas verticalmente para reforçar uma parede ou aguentar as extremidades das vigas de cantaria. Servem de travamento e podem ser constituídas por alhetas. São aparelhadas.

*Cantaria* — Pedra aparelhada com dimensões regulares para uma perfeita adaptação a outras idênticas.

*Chave* — Pedra angular que fecha uma abóbada ou arco. É a última aduela a ser colocada.

*Cimbre* — Armação de madeira que suporta uma abóbada ou arco em construção, podendo servir-lhe de molde. Também se chama cambota.

*Contrafecho* — Diz-se da aduela que ladeia a chave ou fecho.

*Contraforte* — Saliência numa construção que tem por finalidade fortalecer uma parede ou aguentar o empuxo de um arco ou abóbada.

*Cornija* — Linha saliente e contínua que corre na parte superior de uma construção indicando o arranque das abóbadas, dos arcos ou servindo de base ao frechal do telhado. Também pode ter apenas fins decorativos.

*Cortina* — Pano de uma muralha ou ponte fortificada na distância entre duas torres.



*Cunhal* — Encontro de duas paredes em ângulo recto que serve de reforço às mesmas.

*Dentes* — Pedras salientes deixadas numa parede com a finalidade de mais tarde servirem para apoio de restauro ou ligação a outras construções.

*Dintel* — Padieira de uma porta ou janela, monolítica, limitando superiormente o respectivo vão. Também lintel ou verga.

*Empena* — Qualquer lado exterior de um edificio.

*Esbarro* — Superfície inclinada numa saliência de cornija ou contraforte com o fim de permitir o escoamento das águas pluviais. Também se lhe dá o nome de declive.

*Extradorso* — Superfície ou parte superior de uma aduela ou de um arco ou abóbada em geral.

*Fecho* — Aduela que remata qualquer arco ou abóbada. Chave.

*Fórfex* — Instrumento em forma de tenaz com as pontas viradas para dentro que servia para elevar as pedras de uma construção, no período romano, as quais já levavam os respectivos vincos ou fossettes.

*Gárgula* — Goteira saliente de uma construção que tem por finalidade escoar as águas da chuva evitando que escurram ao longo das paredes e se infiltrem no seu interior.

*Imposta* — Pedra ou superfície do pé direito ou ombreira em que assenta a primeira pedra de um arco.

*Intradorso* — Superfície ou parte inferior de uma aduela, ou de um arco ou abóbada em geral.

*Merlões* — Pedras de base quadrangular, podendo rematar em pirâmides ou em chanfro, que eram colocadas nos parapeitos dos castelos e mesmo em algumas pontes fortificadas, com a finalidade de proteger os frecheiros. Os espaços intermédios eram as ameias.

*Miliário* — Cilindro de pedra que marcava a distância em milhares de passos nas estradas e pontes romanas e que continham, em regra, dedicatórias aos imperadores.

*Olhal* — Vão aberto nos pilares das pontes, logo acima dos talha-mares, com a finalidade de dar maior vasão às águas das cheias.

*Padieira* — Pedra monolítica que vai de pegão a pegão servindo de pavimento a uma ponte. Superfície superior de um vão paralela à base. Também lintel, dintel ou verga.

*Paramento* — Aspecto exterior de uma construção independentemente da sua estrutura interna. Superfície de uma parede.

*Pano* — Parte de uma parede, muro ou outra construção vertical considerada isoladamente.

*Parapeito* — Muro que protege o piso de qualquer construção em altura. Resguardo em fortificações ou pontes. Nestas têm o nome de *guardas*.



*Pé-Direito* — Apoio em que assenta o arranque de um arco. Pegão (quando serve de base a dois arcos, nas pontes) ou encontro (quando, junto das margens, serve de base a um arco).

*Pegão* — Pilar de uma ponte. Pode ser protegido, a montante, por um quebra-mar e, a jusante, por um talhante, que funcionam também como contrafortes.

*Pilar* — Sustentáculo de um ou dois arcos. Pé-direito. Pegão. Distingue-se da coluna porque nunca é de secção circular.

*Saimel* — A aduela de um arco que assenta imediatamente na imposta.

*Samblagem* — Ligação de duas pedras aparelhadas através de entalhes ou juntas. Processo utilizado no encaixe das guardas das pontes entre si.

*Seguintes* — Panos de muro entre os arcos, ou melhor, entre os extradorsos dos arcos.

*Silhar* — Pedra mais ou menos regular mas com aparelho pouco cuidado. Tanto pode ser utilizada nas paredes como nas aduelas dos arcos e abóbadas.

*Talhamar* — Espigão triangular ou arredondado que reforça os pegões das pontes e afasta a corrente para os vãos dos arcos. Situado a montante.

*Talhante* — Contraforte que reforça os pegões, correspondendo, do lado de jusante, ao talhamar.

*Tímpano* — Pano de parede existente entre os vãos de uma ponte e que, por sua vez, pode ser perfurado por outros vãos: os olhais.

*Vão* — Espaço deixado aberto por um arco, janela ou porta.

## B — PROBLEMÁTICA GERAL DAS PONTES MEDIEVAIS

Como noutros campos da arquitectura medieval, há uma tendência para menosprezar o esforço do Homem da Meia Idade relacionando-o com as obras da antiguidade greco-romana. A arte medieval é considerada bárbara no pior sentido do termo, expressão própria de um povo que não atingiu ainda determinados ideais da cultura e da civilização. Sabemos que não é assim. O homem medieval conseguiu soluções diferentes, expressões diferentes, embora tenha reutilizado técnicas e imitado estruturas anteriores.

No que respeita às pontes, há quem diga que faltavam disponibilidades económicas, para obras novas, limitando-se os homens do período pós-romano a restaurarem as antigas. Isto não é verdade. Roma deixou-nos pontes mais harmoniosas, mais estruturadas e com mais unidade do que a Idade Média. Mas esta aproveitou as técnicas e a

experiência fê-la construir melhor os alicerces e os pilares, a fim de tentar evitar que as cheias as destruíssem, como acontecera a muitas pontes que do período romano chegaram ao seu tempo. Outras soluções foram acrescentadas, como a subida de altura dos arcos, a fim de se evitarem derrocadas com as cheias.

Roma preocupou-se fundamentalmente com pontes que permitissem a ligação mais rápida dos principais centros do Império, através de grandes eixos viários. A Idade Média, com a divisão e retorno à terra que lhe são peculiares, vai construir pontes que permitam a ligação entre a cidade e o campo, entre o interior e a orla marítima, entre os grandes centros de peregrinação e até entre as aldeias mais afastadas. Por isso são mais numerosas que as romanas.

Como distingui-las?

O autor mais autorizado neste campo continua a ser, ainda hoje, o arqueólogo Dr. Félix Alves Pereira, cujos estudos sobre as pontes romanas de Vila Formosa (Alter do Chão) (1) e de Ponte de Lima (2) e das pontes medievais do Concelho dos Arcos de Valdevez (3) são ainda hoje seguro padrão de referência. Ultimamente, o Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, nas suas *Vias Medievais* (4), sistematizou também as características que poderão distinguir com um certo rigor as pontes romanas das medievais. A eles, pois, recorreremos para uma introdução desta problemática.

#### a) *Características das pontes romanas*

1. São, em regra, de arco de volta inteira.
2. Fazem parte integrante das vias militares imperiais.
3. Revelam uma cuidadosa construção, sendo evidente a preocupação da máxima solidez.
4. Os blocos são meticulosamente preparados em grande aparelho (5). Não há, em geral, falhas na construção. As pedras têm marcas de fórfex.

---

(1) Félix Alves Pereira — *A ponte romana de Vila Formosa (Alter do Chão)*, in *O Arqueólogo Português*, XVII (1912), 209-222.

(2) Félix Alves Pereira — *Os arcos romanos em Ponte de Lima*, in *Revista Limiana*, 2, Agosto (1912), 30 ss.

(3) Félix Alves Pereira — *Pontes Medievais nos Arcos de Valdevez*, in *Portucale*, I (1928), 148-156, 178-185 e 249-256.

(4) Carlos Alberto Ferreira de Almeida — *Vias Medievais. I — Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para Licenciatura em História. Faculdade de Letras do Porto, 1968. (Policopiada).

(5) Besnier, M. — *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Daremberg-Saglio, IV, Paris, 1905, *Pons*, p. 566.

5. O almofadado é muitas vezes utilizado, em geral nas zonas graníticas. É sinal de construção romana.

6. As pedras são dispostas em fiadas alternadas de testa e de peito, ou seja, alhetas dispostas em *opus quadratum* (6).

7. Por vezes as aduelas dos arcos encaixavam em dente no próprio paramento da ponte, contribuindo assim para um profícuo travamento.

8. Os pegões são defendidos por talhamares, a montante. E reforçados por talhantes, a jusante. Esta técnica foi depois continuada.

9. A introdução de olhais nos tímpanos é outra característica romana que depois foi imitada na Idade Média.

10. Deixavam pedras salientes no intradorso das bases e arranques dos arcos para assentar os andaimes, para a colocação dos cimbres ou posterior reparação.

11. Também já utilizaram os agulheiros ou poisos cavados nos pilares ou nos arranques dos arcos para assentar a cambota ou cimbre, solução que continuou na Idade Média e mesmo nos nossos dias.

12. Tinham passeios e parapeitos, uma largura dependente da altura e do comprimento e, por vezes, assentavam em estacas de carvalho. Eram, em suma, obras que manifestavam a magnificência e o poder de Roma.

#### b) *Características das pontes medievais*

1. A par do arco de volta inteira utilizam também o arco quebrado.

2. Não estão integradas em esquemas viários de longo alcance.

3. Não há grande cuidado com o aspecto exterior da construção. Em contrapartida, há uma maior preocupação com a solidez dos alicerces e dos pegões.

4. As aduelas dos arcos são mais compridas e estreitas, por um lado, e mais irregulares no tamanho, por outro.

5. Não existe aparelho almofadado, nem marcas de fórfex.

6. Como novidade, aparecem as siglas a autenticar as pedras e as aduelas com o sinal do pedreiro que as preparou.

7. Em lugar de construir arcos iguais, preferem elevar demasiado um e construir outro ou outros muito mais pequenos, que funcionam como descarga nas grandes cheias. Daí serem comuns as pontes em cavalete. No entanto, na romanidade também temos pontes em cavalete.

---

(6) Piero Gazzola — *Ponti Romani*. Firenze, 1963, p. 58.

8. São em geral mais estreitas que as romanas. Por vezes aproveitam arcos de pontes romanas e não ocupam toda a sua largura, como sucedeu em Ponte de Lima antes do restauro.

9. Nunca têm passeios.

10. Por vezes não têm guardas, para que resistam melhor à corrente, em tempo de cheias.

11. Por vezes são fortificadas, principalmente quando sobre rios navegáveis. Outras vezes têm uma torre para pagamento de portagem.

12. Também há muitas pontes de simples padieiras.

Em Portugal, a primeira notícia de construção de pontes é-nos veiculada por um documento do século X, do Cartório de Lorvão, intitulado *Annuntione de molinos de Forma* (7), que nos dá conta de que Mestre Zacarias de Córdova, mestre de pontes e calçadas, foi contratado para construir pontes em Coselhas, Lagares e Botão, na zona de Coimbra (8).

Na Galiza, bem perto da zona que estudamos, há notícias de pontes edificadas nos sécs. IX, X e XI (9).

No Entre-Douro-e-Minho não se conhece nenhum documento referente à construção de pontes nesta época, mas há imensos testamentos, cartas de foral e de couto que delimitam terras em que se refere este tipo de construções, ainda hoje existentes. Reis e Senhores locais deixam legados para a sua construção ou reparação, como é o caso de D. Afonso Henriques e D. Fernando. A própria Igreja considera estas obras como de carácter religioso, pelos serviços que prestam às comunidades. Em França, atribui-se odor de santidade a um homem que construiu a ponte de Avinhão, S. Bénézet (10). Em Espanha temos os casos de S. Domingo da Calçada e S. João de Ortega (11). Em Portugal é conhecido o caso de S. Gonçalo, que construiu a ponte de Amarante. Diz a lenda popular que o diabo teve inveja e foi construir a da Aliviada...

A construção de uma ponte chegou a ser mesmo considerada acto religioso, pelas indulgências concedidas, pelas dispensas dadas

---

(7) A. Nogueira Gonçalves — *As pontes do mestre Zacarias de Córdova*, Sep. de *Ocidente*, Vol. LXXII, Lisboa, p. 6.

(8) Rui de Azevedo — *O Mosteiro de Lorvão na reconquista cristã*. Lisboa, 1933, p. 28 e 43.

(9) F. Bouza-Brey — *Restos epigráficos de una puente medieval desaparecida*, in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XX (1965), 379-380.

(10) J. Berthomier — *Les routes*, Paris, PUF, 1959, p. 10.

(11) José Maria Lacarra — *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, II, Madrid, 1949, p. 162-163.

em relação a certas obrigações canónicas, etc. Em França chegou até a existir mais de uma associação religiosa com a finalidade de construir pontes, como os *Fratres pontis* de Avinhão, Lion, etc. (12).

Entre nós, um documento da chancelaria de D. João II conta-nos a História de uma mulher que vendeu tudo o que tinha para construir uma ponte e, por fim, lá pedia esmola aos viandantes para a concluir (13).

Isto permite-nos integrar as pontes nos ideais religiosos da Idade Média, embora a nível inferior das Igrejas e Catedrais, porque o esforço comunitário da construção de uma ponte se ligava ao espírito de cooperação e entre-ajuda, de hospitalidade e se integra perfeitamente também no espírito de peregrinação.

### C—PROBLEMÁTICA REGIONAL DAS PONTES MEDIEVAIS DE ENTRE-NEIVA-E-MINHO

O Dr. João de Barros diz que no Entre-douro-e-Minho são cerca de 200 as pontes de estrutura medieval (14). Pelo que me foi dado verificar, talvez tenha razão. Estamos numa zona de intenso e antiquíssimo povoamento, de muitas nascentes de água e muitos vales, propensa ao minifúndio, onde impera a civilização do granito.

A organização social a norte do rio Neiva, face à geografia, é predominantemente dispersa, o que origina a multiplicação dos caminhos e a necessidade de ultrapassar imensos cursos de água com segurança. Daí as inúmeras pontes. Mas também nas zonas mais montanhosas, em que a economia de tipo agro-pastoril manteve até aos nossos dias o comunitarismo de povoamento aglomerado, surgem pontes, proporcionalmente mais numerosas do que noutras zonas. São ligações necessárias à antiga transumância entre o interior e a orla marítima, às deslocações de pessoas, gados e haveres duas vezes por ano na zona das Brandas e das Inverneiras e nas idas e vindas dos trabalhos dos campos. Isso constatei há pouco em Castro Laboreiro, em que num restrito espaço geográfico existem oito pontes que remontam, pelo menos, à Idade Média.

Zonas como Castro Laboreiro, Vilarinho das Furnas — hoje óptimo campo para uma arqueologia do nosso tempo — e Rio de

---

(12) Marjorie Nice Boyer — *The Bridgebuilding Brothers*, in *Speculum, A Journal of mediaeval studies*, XXXIX, 4 (1974), Cambridge (Mass.), p. 650.

(13) Sousa Viterbo — *Dicionário Histórico Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Lisboa, 1899-1904, p. 487-488.

(14) João de Barros — *Geographia de Entre-Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto, 1919, p. 125.

Onor, para citar apenas das mais conhecidas aldeias comunitárias portuguesas, são autênticos livros abertos que nos permitem uma leitura mais profunda nas origens do que é hoje o Norte de Portugal.

Os concelhos rurais nasceram em grande parte deste comunitarismo que, se por um lado uniu os povos contra o regime senhorial, por outro afirmou-se na colaboração mútua, em que se destaca o arranjo de caminhos e pontes. Era assim na Idade Média. Era assim ainda há doze anos em Vilarinho das Furnas — lá assisti a uma das últimas Juntas comunitárias — e assim foi também ainda não há muito tempo em Rio de Onor, onde o povo se juntou e construiu uma ponte de pedra, de três arcos, que um observador não entendido poderia muito bem considerar uma ponte medieval<sup>(15)</sup>.

A norte do Neiva temos quatro tipos fundamentais de pontes:

1. *As do Vale do Neiva*. A elas nos referiremos em pormenor.
2. *As do Vale do Lima*. Têm por protótipo a ponte medieval de Ponte de Lima, com olhais e arcos quebrados, com siglas e óptimo paramento.
3. *As dos Vales do Coura e Gadanha*. Com excepção da ponte de Vilar de Mouros, que é do tipo do Vale do Lima. São em geral pontes de um só arco e de grande altura, com o arco bem tratado e o paramento restante muito rústico, sem aparelho.
4. *As de Castro Laboreiro*. Obedecem a um tipo de construção particular, dificilmente localizável no tempo, mas em que são evidentes tradições de tratamento lítico antiquíssimo e influência romana.

A acrescentar que há um número mais ou menos variado de pontes e pontões que recebem influências destes quatro tipos principais, sendo muitas delas, senão todas, reconstruções mais ou menos recentes de outras mais antigas.

Onde estão localizadas estas pontes?

Obedecem a duas formas de distribuição geográfica. Temos primeiro aquelas que foram lançadas no eixo Prado-Valença, sob a estrada romana de Braga a Tui, a mais antiga estrada romana do Conventus Bracaraugustanus, conforme o atestam dois marcos miliários de Augusto<sup>(16)</sup>. E em segundo lugar, as que se distribuem ao longo das estradas secundárias que se foram formando desde os finais do Império até aos fins da Idade Média, a partir de Braga, Barcelos, Ponte de

---

<sup>(15)</sup> Jorge Dias — *Rio de Onor*, Porto, 1953, p. 149.

<sup>(16)</sup> César Dubler — *Los caminos a Compostela en la obra de Edrisi*, in *Al Andaluz*, XIV, 1949, 111-113.

Lima, Ponte da Barca e Viana do Castelo em direcção à fronteira Norte.

Na Meia-Idade temos um objectivo fundamental na manutenção da Estrada Romana Braga-Valença: a ligação mais rápida a Tui, a fim de atingir Santiago de Compostela. As demais estradas romanas foram substituídas por caminhos regionais, em várias direcções. A estrada imperial da Geira, pelo Gerês, a mais directa a Astorga e a Roma, deixou de ser utilizada. A de Braga-Ponte de Lima-Tui foi a nossa Estrada de Santiago. De Braga seguia a Prado, Portela das Cabras, Goães (Ponte Velha), onde cruzava o Rio Neiva e depois Ponte de Lima, Arcozelo (Ponte do Arco da Geia), Cepões, Labruja (Ponte do Arco), Portela de Câmboa, Romarigães, Carreira, Água Longa (Ponte), Rubiães (Ponte Velha), Cossourado, Fontoura, Cerdal, S. Pedro da Torre (Ponte) e Valença.

A esta estrada se refere El Edrisi, geógrafo árabe do séc. X, dizendo que este caminho se fazia em duas jornadas, de Braga a Tui (17). Foi por ela que D. Diogo Gelmirez, Arcebispo de Compostela, levou fraudulentamente as relíquias de S. Frutuoso. Por ela passaram quase todos os peregrinos que do centro e sul de Portugal se dirigiam a Compostela. Santa Isabel, que a tradição diz ter ido pelo litoral, teria passado em Cerdal, seguindo daí para Valença. O Barão Leão de Rosmithal, da Boémia, vai e regressa de Santiago por esta estrada e pontes no verão de 1466 (18). O mesmo caminho é percorrido por Nicolau de Polievolo (Silésia), em 1484 (19), por Jerónimo Münzer, que em 10 de Dezembro de 1495 passa em Ponte de Lima, contando 18 *olhos* na respectiva ponte (20), por Dom Eudme de Saulieu, visitador dos mosteiros cistercienses do Norte de Portugal, em 1532-33 (21), por Clenardo, em 1537 (22), por Confalonieri, que em 3 de Maio de 1594 vai comer e pernoitar à Ponte das Tábuas, Balugães, seguindo no dia seguinte para Ponte de Lima onde conta quarenta arcos, incluindo os olhais, na Ponte local (23), entroncando aqui na estrada Braga-Tui. Muitos outros viajantes utilizaram esta estrada, deixando-nos também outros itinerários que não citamos por serem mais recentes.

---

(17) P.e Martins Capella — *Milliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto, 1895, p. 83.

(18) J. Garcia Marcadal — *Viajes de Extranjeros por España e Portugal*, I, Madrid, 1952, p. 272.

(19) Idem, p. 240.

(20) Idem, p. 327 e ss.

(21) Maure Cocheril — *Le Portugal et la 'Peregrinatio Hispanica' de Frère Claude de Bronseval*, in *Revista Portuguesa de História*, VI, Coimbra, 1955, 169 ss.

(22) Cardeal Gonçalves Cerejeira — *Clenardo — O Humanismo em Portugal*, Coimbra, 1926, p. 411.

(23) D. José Guerra Campos — *Viaje de Lisboa a Santiago em 1594 por Juan Bautista Confalonieri*, in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XIX (1964), 185-250.



Com referências ao Vale do Neiva, o Itinerário de Confalonieri é o mais importante. Este secretário do Nuncio Apostólico em Lisboa, na peregrinação que nos finais do séc. XVI fez a Santiago de Compostela, além da descrição que faz do Vale do Neiva visto num mês de Maio, há quatrocentos anos, na Ponte das Tábuas, diz-nos que dali seguia outra estrada para Viana, via Carvociro, Venda do Paraíso e Senhora das Neves. Esta variante não é mais do que o cruzamento da estrada Barcelos-Ponte de Lima, a seguir à Ponte das Tábuas, com a Estrada Velha de Braga-Viana. Confalonieri, tendo cruzado o Ave na Ponte do mesmo nome, em Bagunte, seguiu para S. Pedro de Rates, para venerar na Igreja românica local as relíquias do primeiro Bispo de Braga. Daí seguiu para Barcelos, Ponte das Tábuas, Correlhã e Ponte de Lima.

Mas outros caminhos medievais cruzavam o Neiva. De montante para jusante do rio, temos primeiro a estrada Braga-Ponte de Lima que, como já referimos, cruzava o Neiva na Ponte Velha de Goães, também conhecida por Ponte Pedrinha. Sabemos que é a única estrada romana que cruzava o Neiva e que continuou como caminho medieval principal entre Braga e a Galiza.

Em segundo lugar, na Ponte de Anhel, confluíam as estradas medievais de Braga-Viana e Barcelos-Ponte de Lima via S. Julião de Freixo. A primeira, ao cruzar a Ponte de Anhel, acompanhava a margem direita do Neiva até Capareiros (Barrosclas), por Panque, Ardegão, Cossourado, Balugães, Carvociro, Venda do Paraíso, Capareiros e daí para Viana, cruzando dois afluentes do Neiva em duas pontes: a de Caridade (Cossourado) e a da Quinta da Mata (Carvociro). É esta estrada que, a partir de Balugães, Confalonieri diz ser um ramal da estrada Barcelos-Ponte de Lima via Ponte das Tábuas.

A outra estrada confluyente na Ponte de Anhel, de Barcelos-Ponte de Lima via Freixo, vinha por Quiraz, Alvito, Alheira, Sandiães, Freixo e daí seguia por Rebordões para Ponte de Lima.

Em terceiro lugar, o Neiva era cruzado pela já citada estrada Barcelos-Ponte de Lima via Ponte das Tábuas, com passagem pela Silva, Carapeços, S. Fins de Tamel, Cossourado, Balugães, Facha, onde existiu uma Albergaria, Correlhã e Ponte de Lima. Era o caminho mais importante que de Barcelos seguia para o Norte.

Em quarto lugar, as estradas de Barcelos-Viana e Barca do Lago-Alvarães, onde se bifurcava em caminhos para Viana e Ponte de Lima.

Por fim, a estrada Barca do Lago-Viana, que cruzava o rio em Castelo do Neiva.

Em todos estes itinerários apenas há pontes medievais nos de Braga-Ponte de Lima, Braga-Viana e Barcelos-Ponte de Lima via Ponte das Tábuas, todos eles hoje abandonados. Os restantes têm pontes que as modernas reformas das estradas transformaram totalmente ou reconstruíram, nomeadamente na época do Fontismo.

As pontes mais antigas do Vale do Neiva são todas medievais. Caracterizam-se fundamentalmente por serem pontes em cavalete e estarem lançadas sob os principais eixos viários que cruzavam o Neiva e afluentes na Idade Média. Não são pontes que sirvam aldeias ou lugares. Integram-se num esquema de comunicação viárias Braga-Viana e Barcelos-Ponte de Lima e daí uma certa robustez que lhes permitiu chegar da Idade Média aos nossos dias.

Perguntar-se-á: mas então não há nenhuma ponte romana no Vale do Neiva? A resposta, infelizmente, é não. Os estudos que temos feito nada nos tem revelado sobre a romanidade das nossas pontes. Talvez estudos arqueológicos nos possam dizer algo. Mas só quando forem feitas obras, que não parecem necessárias actualmente, poderemos ter a certeza quanto a materiais reutilizados, os únicos que nos poderão dizer qualquer coisa. E mesmo assim, só a Ponte Pedrinha de Goães terá alguma hipótese de ser considerada romana, por se encontrar no traçado da mais antiga estrada romana do Noroeste. Infelizmente, ela chegou aos nossos dias carregada de siglas, o que testemunha uma total reconstrução na Idade Média.

## D — PONTES MEDIEVAIS DO VALE DO NEIVA

### I — PONTE PEDRINHA DE GOÃES

Situa-se na freguesia de Goães, Vila Verde, sobre o Neiva, num sentido Norte-Sul. Tem quatro arcos, sendo o primeiro mais um olhal do que propriamente um arco, hoje totalmente ou quase enterrado na margem direita. É em cavalete e tem guardas, em duas fiadas, encaixadas em sistema de macho-fêmea. Constatamos com satisfação que esta ponte foi limpa das heras e outros arbustos há pouco tempo e uma grua irá ou já foi ao local para colocar de novo no parapeito as guardas lançadas abaixo por pessoas inconscientes.

A ponte encontra-se numa curva bastante acentuada do leito do rio e, por isso, os dois talhamares que possui fazem um ângulo recto com o pano da construção, do lado direito, ou seja, do lado da curva. Estes dois talhamares, situados entre o segundo e o terceiro e o terceiro e quarto arcos, contados a partir da margem direita, são reforçados a jusante, por dois talhantes.

O interesse desta ponte reside no grande número de siglas que possui, definindo-a como uma construção ou reconstrução medieval



Ponte Pedrinha de Goães



Ponte Pedrinha de Goães

de uma ponte mais antiga. Apontaremos as siglas que conseguimos desenhar:

1.º arco — Não parece ter.

2.º arco —  $\vee$  1 +  $\wedge$   $\lrcorner$

3.º arco —  $\sim$   $\triangleright$   $\int$   $\perp$   $\circ$   $8$   $\equiv$   $<$   $\equiv$   $\equiv$   $\cap$

4.º arco —  $\sim$   $\odot$   $R$  +  $A$   $\dagger$   $\circ$   $M$

O comprimento total do tabuleiro é de 46 metros e a largura do piso, tomada entre as guardas, é de 2,60 metros. As guardas têm 27 cm de espessura e a altura de 1 metro. A altura máxima da ponte é de 5,70 m. Os arcos têm as seguintes dimensões:

#### 1.º ARCO

Altura até ao nível actual do solo: 95 cm.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,15 m.

Largura ou diâmetro do arco: 2 m.

#### 2.º ARCO

Altura do arco: 2,80 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,80 m.

Largura ou diâmetro do arco: 6,50 m.

#### 3.º ARCO (arco maior)

Altura do arco: 3,90 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,80 m.

Largura ou diâmetro: 9,70 m.

#### 4.º ARCO

Altura do arco: 2 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,80 m.

Largura ou diâmetro: 5,60 m. <sup>(24)</sup>

<sup>(24)</sup> Todas estas medidas, embora tomadas no local com o máximo de exactidão, devem ser consideradas como aproximadas, porque não dispusemos de instrumentos adequados, mas tão simplesmente de fita métrica. Também muitas vezes a

A ponte tem um aparelho regular e encontra-se em bom estado de conservação. Embora de construção medieva, o seu traçado, solidez de alicerces e harmonia de linhas <sup>(25)</sup> fazem-nos pensar num protótipo romano anterior.

## II — PONTE DE ANHEL

Liga as freguesias de Alheira, Sandiães e Panque. Está lançada sobre o Neiva, no sentido Norte-Sul. Trata-se de uma ponte com várias reconstruções, a última das quais elevou o tabuleiro, primitivamente em cavalete, para a posição horizontal, adaptando assim a ponte a todo o trânsito rodoviário, embora com passagem de um veículo de cada vez, dada a sua estreiteza. No pano da ponte ainda se vê, porém, o traçado antigo, em cavalete. O 3.º arco mostra também algumas aduelas saídas para fora, sinal de que o arco cedeu, tendo sido mantido na actual posição com a ajuda de cargas de cimento. Mantém uma ou outra sigla.

Sobre as guardas conserva algumas letras, a saber:

- a) Sobre uma guarda da margem direita, lado montante:  
ALBERG.<sup>a</sup>.
- b) Sobre outra, no centro da ponte, lado montante: PORTELA.
- c) Sobre outra, no centro, mas no lado jusante: BARC.<sup>os</sup> e um nome ilegível que começa por FRANCISCO...

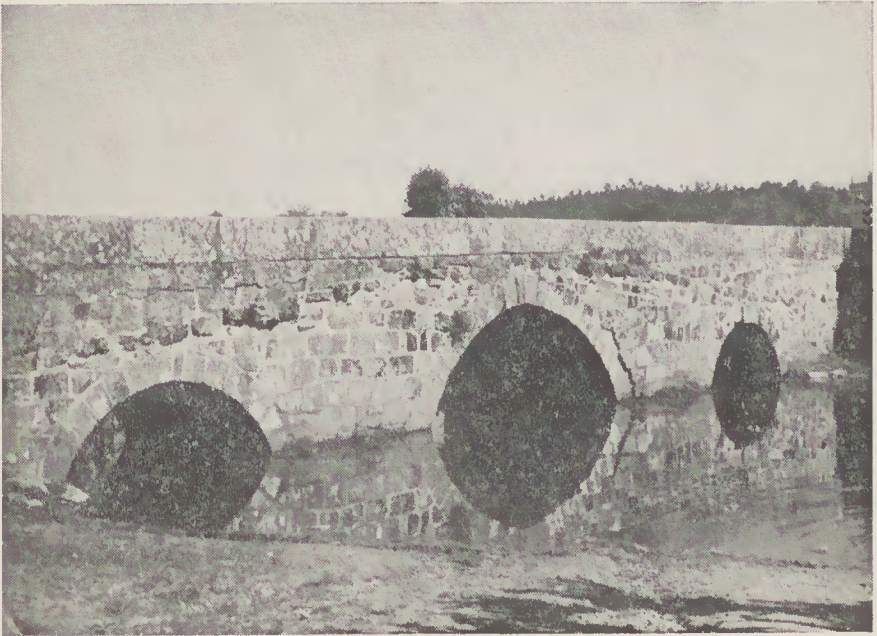
Possivelmente, estas inscrições indicam a confluência de três concelhos medievais: Albergaria de Penela, Portela das Cabras e Barcelos. Destes concelhos rurais, só o último subsiste hoje.

Como dissemos, a ponte sofreu já bastante transformações, que nos impedem de falar com segurança sobre ela. A disposição em cavalete,

---

vegetação, o nível da água e outros factores nos impediram de obter medidas rigorosamente exactas. Esta observação serve para as medidas que apontamos de todas as pontes aqui referidas.

<sup>(25)</sup> Esta harmonia vê-se no facto de a distância entre a linha dos 3 arcos principais e a das guardas ser sempre igual, ou seja, 1,80 m, o que revela uma preocupação de proporção estética por parte dos construtores. No meu trabalho *Para uma visão histórica do Vale do Neiva*, publicado em *O Rio Neiva — Monografia*, Porto, 1978, embora escrito oito anos antes, a págs. 123, este aspecto geral da construção influenciou demasiado o meu juízo sobre a ponte. Aí transcrevi o pensamento geral das pessoas que se interessam por ela, ao dizer: «não se duvida que seja romana». Hoje, porém, com outros elementos que tenho «in praesentia», só me resta dar a mão à palmatória e reconhecer que, afinal, o que chegou aos nossos dias é apenas uma reconstrução medieval.



Ponte de Anhel





a existência de algumas siglas e sendo o arco do meio ligeiramente quebrado levam-nos a pensar numa ponte medieval. Também aqui, só a arqueologia nos poderá dizer algo sobre a sua maior antiguidade, um dia que se façam obras na ponte <sup>(26)</sup>.

O tabuleiro tem de comprimento 33 metros e de largura, tomada entre as guardas, 3,20 m. As guardas têm de espessura 32 cm e a altura actual de 55 cm. A altura máxima da ponte é de 5,10 m, tomada sobre o arco do meio, o maior. Esta altura corresponde à antiga, dado que a elevação do piso apenas foi processada sobre os arcos laterais. São as seguintes as dimensões destes:

### 1.º ARCO

Altura do arco: 1,50 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior actual das guardas: 2,40 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha do pavimento primitivo: 90 cm.

Largura ou diâmetro: 4,20 m.

### 2.º ARCO OU ARCO CENTRAL

Altura: 3,40 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,70 m.

Largura: 7 m.

### 3.º ARCO

Altura: 2 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior actual das guardas: 2,50 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha do pavimento primitivo: 85 cm.

Largura: 4,20 m.

---

<sup>(26)</sup> No meu citado trabalho em *O Rio Neiva — Monografia*, pág. 123, dizia: «Todavia, nota-se ainda perfeitamente o plano antigo, de arquitectura romana». Entenda-se isso como conclusão de uma primeira abordagem, sem os elementos de que disponho hoje, em que é fundamental o contributo do estudo comparativo que tenho vindo a fazer das pontes romanas e medievais em Portugal.

### III — PONTE DA CARIDADE

No lugar de Navió, freguesia de Cossourado, sobre o Nevoinho, próximo da confluência deste com o Neiva. Orientação Este-Oeste. Tem dois arcos, em cavalete. Tem um talhamar e respectivo talhante. O paramento é rústico e primitivo. As próprias aduelas são bastante irregulares e bastante compridas, que nos põem perante uma vetusta ponte medieval, opinião confirmada pelas siglas que marcam o intradorso de uma ou outra aduela.

Do lado de jusante, acompanhando a ponte e apoiando-se no contraforte-talhante, há vestígios de uma grande caleira de pedra que conduzia água para rega dos campos vizinhos. É, pois, uma ponte-aqueduto, como a que já pude estudar em Sobrado, Valongo, conhecida por Ponte do Açude. Nesta, porém, a conduta de água, a céu aberto também, passa a um nível superior ao pavimento da ponte. Na da Caridade, passa a um nível inferior.

A ponte está em mau estado de conservação, embora mantendo ainda uma certa robustez. A antiga Estrada Velha ou Estrada Real de Braga a Viana, que lhe passava por cima, está ali reduzida a um mero caminho de vizinhos para, um pouco mais adiante, em direcção a Viana, se transformar em terreno de mato ou mesmo dar lugar a campos de cultivo, como acontece em Carvoeiro, frente a Durrães.

Dos dois arcos da ponte, o mais pequeno tem algumas aduelas a quererem cair. O arco maior encontra-se bastante assoreado. Árvores nascem e querem rebentar com o talhamar e seu contraforte.

Tem siglas com os seguintes formatos:



A ponte tem 24,50 m de comprimento e o piso tem de largura, tomada entre as guardas, 2,64 m. Estas têm, de espessura, 17 cm no cimo e 35 cm na base. A altura máxima da ponte é de 4,75 m. Os arcos têm as seguintes medidas:

#### 1.º ARCO OU ARCO MAIOR

Altura: 2,95 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 1,80 m.

Largura: 5,56 m.



Ponte da Caridade em Cossourado

## 2.º ARCO OU ARCO MENOR

Altura: 1,65 m.

Altura entre o intradorso da chave e a linha superior das guardas: 2,15 m.

Largura: 3,72 m.

## IV — PONTE DAS TÁBUAS

Na freguesia de Balugães, ligando esta às freguesias de Quintiães e St.<sup>a</sup> Lucrécia de Aguiar. Está lançada sobre o Neiva, no sentido NW-SE. Tem dois arcos, com um talhamar e respectivo talhante. A disposição é em cavalete. O nome indica que, primitivamente, a ponte era de madeira. Documentos medievais referem-se a ela (27). Quando passou a ser de pedra não sabemos ao certo. Todavia, em 1594, já o era, pois Confalonieri, ao regressar de Santiago de Compostela, volta a passar sobre ela e, ao referir o seu nome, anota: «Porém, agora é de pedra» (28). Já referimos também que existiu aqui uma estalagem.

Nesta ponte há amieiros, salgueiros e silvas por todos os lados, impossibilitando inclusive qualquer fotografia representativa da construção. A vegetação destruiu já, até, o talhamar. Não nos pareceu ter siglas, mas é necessário ainda um estudo do intradorso dos arcos. O arco da margem esquerda tem agulheiros ou cavidades para apoio dos cimbres. Possivelmente, o da direita também os terá, mas foi-me impossível verificá-lo, dado o nível da água e o assoreamento.

Os arcos são ligeiramente quebrados, o que denota origem nos fins da Idade Média ou começos da Moderna. A ponte não tem guardas, pelo menos actualmente. Algumas pedras hoje no leito do rio poderiam ter tido essa função.

Há duas cruzes gravadas sobre uma pedra do pavimento, na margem direita, lado jusante.

O tabuleiro tem de comprimento 38 metros e de largura 3,50 m. altura máx. da ponte: 2,90 m., tirada até ao nível da água.

### 1.º ARCO

Altura: 2,10 m (ao nível da água).

Altura do intradorso da chave ao piso: 80 cm.

Largura ou diâmetro: 5,40 m.

---

(27) Arquivo Distrital de Braga, *Liber Fidei*, fl. 184, n.º 687, datado do ano de 1162, referindo «ad portum de Thabulis». Mas já a carta de couto de Cossourado, em 1135 a designa como «pontem de Thabulis».

(28) Referência obtida in Carlos Alberto Ferreira de Almeida, na sua obra citada na nota n.º 4, pag. 154.



Ponte das Tábuas em Balugães



Ponte das Tábuas

## 2.º ARCO

Altura: 1,55 m.

Altura do intradorso da chave ao piso: 1 metro.

Largura: 5 metros.

## V — PONTE DA QUINTA DA MATA

Sobre o ribeiro de Fraga, muito perto da confluência deste com o Neiva, separando as freguesias de Carvoeiro e Barroselas. É um pequeno arco em ruínas que hoje só dá passagem a peões. Tem orientação de NE-SW e dava passagem à Estrada Velha Braga-Viana.

Junto da ponte existem três marcos. Na margem esquerda do ribeiro, um da Casa de Bragança, encravado sob o piso da Ponte e outro do Couto de Carvoeiro, de 1666. Na margem direita, sobre o piso da ponte, outro pequeno marco, que diz: DÊ BRAGA 1702<sup>(29)</sup>.

A construção parece moderna, pela própria técnica utilizada. Todavia, em duas aduelas, logo acima da linha das impostas, há duas siglas em forma de L deitado, o que mostra ser esta ponte, originariamente, medieval.

Constou-me que o Grupo de História e Arqueologia do Vale do Neiva, com sede em Durrães, quer reconstruir esta ponte. Oxalá consigam levar a bom termo o seu projecto.

Esta ponte não tem guardas. Tem de comprimento cerca de 24 metros. A largura do pavimento, que é em cavalete, é de 3,10 metros. O arco tem 1,70 metros de altura e o comprimento da aduela-chave é de 40 cm., assentando actualmente o piso no extradorso das aduelas que ainda resistem. A largura do arco é de 3,45 metros.

## CONCLUSÃO

Creio que estas linhas poderão ter algum interesse para o Homem do Vale do Neiva que se preocupa com as coisas da sua Terra. É uma introdução a estudos que poderão dar-nos ainda muitos elementos, estudos que poderão ser feitos por todos aqueles que não passam distraídos pelos monumentos que os nossos antepassados nos deixaram.

O que escrevi é apenas uma tentativa de desbravar o passado. O estudo monográfico de cada uma destas pontes é que permitirá ir

---

<sup>(29)</sup> Já me referi também a esta ponte no meu trabalho em *O Rio Neiva — Monografia*, a págs. 124-125.



Ponte da Quinta da Mata



mais além no seu conhecimento. Tanto mais que a investigação nos arquivos está longe de ser completada em relação a cada uma delas. Ao mesmo tempo, torna-se urgente que as autarquias e os grupos culturais locais sigam o exemplo de Goães: limpem as pontes, reconstruam-nas com respeito pelas linhas originais e conservem-nas como documento dos tempos passados para os tempos futuros.

Vale do Neiva, Verão de 1980.





**APELO**



*Tu, que leste este livro, certamente te sentiste satisfeito porque o Rio Neiva não foi esquecido por parte daqueles que nasceram nas suas margens. Tu, que também viste pela primeira vez o Sol neste Vale ameno e regorgitante de vida, como que te vês a um espelho, quando verificas que o rio é tratado com respeito e com amor.*

*Porquê? Porque o Rio simboliza para ti a própria vida. Enquanto ele correr, haverá vida na tua Terra. Porque, enquanto nele puderes encontrar a truta, o barbo e o escalo, é sinal de que também tu podes viver, porque eles vivem. Porque, sempre que nas suas margens puderes ouvir cantar a rola e puderes assistir à maravilhosa nidificação das aves, é sinal de que também tu podes viver em paz na tua Terra, na paz e sossego que desejas.*

*De facto, o Rio dá vida aos campos, harmonia à natureza, alegria ao Homem. Só poderás continuar a alegrar-te se o que semeias nas suas margens der fruto como até hoje, para uma sã alimentação dos teus gados e de ti próprio. Só poderás continuar a alegrar-te se puderes pescar, como até ao presente, o peixe saboroso das suas águas e puderes descortinar os ninhos dos gaios nos salgueirais.*

*Não deixes que a tristeza desça um dia ao teu coração porque o Rio morreu, como tem acontecido em tantas terras portuguesas. Não permitas que amanhã os teus filhos te acusem, porque o não defendeste. O Rio é para a tua Terra como o sangue para o teu corpo. Envenená-lo, é como te envenenares a ti próprio.*

*Não deites lixo ao Rio! Nem latas de conserva! Nem embalagens de produtos químicos! Nem animais mortos! Não laves nele directamente os cântaros do sulfato, nem de outros produtos, quando tratas as culturas! Não laves directamente a roupa com lexívia na corrente! Nem no Rio nem nos Ribeiros afluentes.*

*Nós sabemos que tu não farás nada disto, nem deixarás fazer. Porque amas a vida e queres vivê-la o melhor possível. Temos a certeza de que serás mais um a lutar por uma consciencialização geral deste problema. Lembra-te: vida na Terra, há só uma! Se não houver lugar para os peixes, para as aves e para os outros animais, também não há para o Homem. Defende o Rio e hás-de viver tu e os teus filhos, como viveram os teus avós. Se o não fizeres, tu próprio te destruirás!*

*Luta por uma verdadeira qualidade de vida na tua Terra. Protege o Rio Neiva e todo o seu Vale. Educa os teus filhos nesta perspectiva, para que amanhã a nossa Terra possa continuar a dar flor, a dar fruto, a dar Vida, ao serviço do Homem.*

OS AUTORES



## ÍNDICE DOS COLABORADORES

	PÁGS.
PREFÁCIO . . . . .	7
Cândido Neiva de Oliveira Maciel . . . . .	11
Padre António Francisco Ribeiro . . . . .	93
António da Silva Cunha Mesquita . . . . .	103
Armindo de Faria . . . . .	127
Prof. Custódio Baptista Bandeira . . . . .	187
Prof. Daniel Neiva de Oliveira Maciel . . . . .	199
Dídimo Victor Hugo da Cunha Vilas Boas Mesquita . . . . .	211
Domingos de Castro Barbosa Maciel . . . . .	263
Dr. Domingos Maria da Silva . . . . .	405
Ilídio Eurico Gomes Ramos . . . . .	411
Padre Dr. João Alírio Xavier Bezerra . . . . .	517
Dr. João Gonçalves Gomes Beirão . . . . .	539
Padre Joaquim Gonçalves Gomes Beirão . . . . .	557
Justino Oliveira Maciel . . . . .	567
Dr. Manuel Justino Pinheiro Maciel . . . . .	579

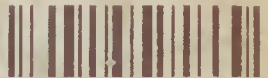




ESTE LIVRO ACABOU DE SE  
IMPRIMIR AOS 24 DE AGOSTO  
DE 1982. FOI COMPOSTO NAS OFI-  
CINAS GRÁFICAS DA COMPANHIA  
EDITORA DO MINHO, BARCELOS

Biblioteca Municipal  
Professor Machado Vilela

VILA VERDE



630